A black and white photograph of Michelangelo's David statue in a gallery. The statue is on a pedestal, and the floor is covered in rubble. Two people are standing in the background, looking at the statue. The walls are also damaged.

A CORRIDA PARA RESGATAR
DAS MÃOS DOS NAZISTAS
OS TESOUREOS DE UMA NAÇÃO

SALVANDO A ITÁLIA

ROBERT M. EDSSEL

Autor de Caçadores de obras-primas

ROCCOINTRA

Robert M. Edsel

SALVANDO A
ITÁLIA

A CORRIDA PARA RESGATAR DAS MÃOS DOS
NAZISTAS OS TESOUREOS DE UMA NAÇÃO

TRADUÇÃO

Ana Deiró e

Talita M. Rodrigues

ROCCO ITALIA

A todos que ousaram sonhar com uma grande ideia e em seguida dedicaram-se a vê-la realizada, a qualquer custo.



Não é a crítica que conta; não é aquele que aponta como o forte tropeça ou onde o autor de façanhas poderia tê-las feito melhor. O crédito é do homem que está realmente na arena, cujo rosto está desfigurado pelo pó, suor e sangue; que luta corajosamente; que erra, que falha repetidas vezes, porque não existe esforço sem erro e imperfeições; mas que realmente luta para realizar façanhas; que conhece os grandes entusiasmos, as grandes devoções; que se consome numa causa digna; que, na melhor das hipóteses, conhece no final o triunfo de grandes conquistas; que, na pior, se falha, pelo menos falha ousando imensamente, de modo que o seu lugar jamais será junto daquelas almas frias e tímidas que não conhecem vitória nem derrota.

– PRESIDENTE THEODORE ROOSEVELT

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Nota do autor

Uma nota sobre o texto

Principais personagens

Prelúdio

I - COMEÇO

1. Mudança de guarda
2. Um novo tipo de soldado
3. “Bombas e palavras”
4. A experiência começa
5. Dificuldades iniciais
6. Uma nova ordem
7. Uma turma em dificuldades
8. Presentes

II - ESFORÇO

9. O primeiro teste
10. Por um triz
11. Refúgio
12. A vida na estrada
13. Caça ao tesouro
14. Surpresas
15. Anjos da guarda
16. “Santinhos, ajudem-nos”
17. “O mais belo cemitério do mundo”
18. Paradeiro desconhecido
19. Ressurreição
20. Feliz Natal

III - VITÓRIA

21. Problemas nas tropas
22. Trocando de lado

- 23. Operação Amanhecer
- 24. Complicações
- 25. Rendição
- 26. A corrida
- 27. O grande passo

IV - RESULTADO

- 28. Perspectiva
- 29. Os heróis e seu legado

Agradecimentos

Você viu estas obras de arte?

Caçadores e Caçadoras de Obras-Primas servindo no Teatro Mediterrâneo

Notas

Bibliografia

Créditos

O Autor

NOTA DO AUTOR

Mudei-me para Florença, na Itália, em 1996, e vivi lá por quase cinco anos. Na época, eu não sabia quase nada de arte ou de história da arte. Meu conhecimento sobre a Segunda Guerra Mundial vinha principalmente de filmes, alguns livros e histórias que meu pai – veterano da Marinha dos Estados Unidos na guerra no Pacífico – começou a dividir com nossa família lá pelo final da vida. Mas minha paixão por aprender e o interesse por esses assuntos compensaram o tempo perdido. Florença logo se tornou minha sala de aula; a Europa era a minha escola. Em anos recentes, depois de retornar aos Estados Unidos, dediquei minha vida a compartilhar com os outros as histórias dos Caçadores de Obras-Primas, os Monuments Men, os responsáveis pelo salvamento de tantas heranças artísticas do mundo durante uma guerra que custou 65 milhões de vidas. Os Estados Unidos representaram um papel de destaque, que deve ser fonte de orgulho para todos os americanos.

Somente no decorrer da minha pesquisa para este livro, quase dez anos depois de deixar a cidade, foi que descobri como estive perto da história dos Caçadores de Obras-Primas. Nossa casa em Bellosguardo, uma das colinas com vista para Florença, tinha sido uma parte da Villa dell’Ombrellino adjacente, danificada por bombardeiros durante a batalha pela cidade. Cecil Pinsent, um famoso arquiteto paisagista que serviu como oficial dos Caçadores de Obras-Primas britânico, projetou seu jardim no estilo italiano.

Torre de Bellosguardo, um hotel localizado bem atrás da nossa casa, havia sido requisitado compulsoriamente pelas forças alemãs responsáveis pela destruição das magníficas pontes de Florença. Os aliados ocuparam o hotel depois da liberação. De fato, muitos dos lugares mencionados neste livro são locais que frequentei enquanto morava em Florença, sem saber do papel que mais tarde representariam na redação deste livro. Na minha pesquisa, descobri que, num determinado momento, os tesouros toscanos tinham sido destinados a St. Moritz, na Suíça – um lugar especial na minha vida e onde escrevi boa parte deste manuscrito. Isso me fez lembrar o que disse um grande amigo dos Caçadores de Obras-Primas, o oficial Deanne Keller: “A vida é cheia de mistérios, nos quais forças inimagináveis produzem resultados místicos.”

Minha jornada levou-me da Ponte Vecchio, em Florença – onde pela primeira vez fiquei imaginando como tantas obras de arte europeias importantes sobreviveram à Segunda Guerra Mundial e quem as salvou –, a Washington, D.C., onde, no dia 6 de junho de 2007, membros do Congresso aprovaram uma resolução conjunta que pela primeira vez honrava o serviço dos Caçadores e Caçadoras de Obras-Primas. Cinco meses depois, fiquei ao lado de quatro desses heróis na Sala Leste da Casa Branca para aceitar, em nome da Monuments Men Foundation, a National Humanities Medal das mãos do presidente dos Estados Unidos.

Ao todo 48 homens e mulheres serviram com a Seção Monuments, Fine Arts, and

Archives (MFAA) no teatro mediterrâneo (incluindo a Grécia e o Norte da África). (Uma lista completa de seus nomes aparece no final deste livro.) Lamentavelmente, apenas um dos Caçadores de Obras-Primas que ser viu na Itália, o artista Salvatore Scarpitta, ainda estava vivo na época do meu envolvimento. Minha inabilidade em incluir mais histórias desses homens, inclusive a dele, de modo algum é uma reflexão sobre o mérito de suas contribuições ou experiências durante a guerra.

Conheci e entrevistei Scarpitta no dia 31 de outubro de 2006. Embora bastante doente, Salvatore ainda vivia em casa, cercado por algumas das obras de arte que criara. Recordamos a Itália, depois falamos sobre seu trabalho como um dos últimos estreates no serviço dos caçadores. Como muitos outros que entrevistei, ele foi logo se desculpendo por sua memória fraca, dizendo-me: “Só lamento não termos nos conhecido antes.” Alguns minutos gastos examinando fotografias no meu primeiro livro, *Resgatando Leonardo da Vinci*, inspiraram importantes observações:

Fui um rapaz muito crítico, mas a atitude que demonstramos foi de uma incrível ligação com esta história dos artistas e das pessoas que respeitaram seu trabalho... Eu tinha uma forma de afeto que se chama amor por estes monumentos. Sentia que eles representavam verdadeiros monumentos da humanidade e passaram por terríveis atribulações... Portanto você encontrará em nossos estudos e na nossa obra a atitude de pessoas que querem preservar esta pulsação. E, em minha opinião, fizemos isso muito bem.

Nosso encontro fortemente emotivo cobrou um tributo de sua energia. Ao partir, falei: “Voltarei para vê-lo, portanto é melhor se cuidar.” Ele sorriu. “Estou esperando por você... obrigado, irmão.” Infelizmente, nosso encontro subsequente jamais aconteceu. Salvatore Scarpitta morreu quase seis meses depois, no dia 10 de abril de 2007. Mas sua memória permanece viva através de sua filha, Lola Scarpitta Knapple, e da família dela, que, como os outros filhos desses grandes homens e mulheres, querem celebrar o rico legado de seus entes queridos.

Salvando a Itália é parte de um projeto muito maior. Em junho de 2007, fundei a Monuments Men Foundation, dedicada a preservar o legado desses heróis e restabelecer a liderança de nossa nação na proteção de tesouros culturais durante o conflito armado. O conhecimento por parte do público dos Monuments Men, os Caçadores de Obras-Primas, e suas conquistas é essencial para realizar essa missão. Acredito que este livro – mais a mostra permanente dos Monuments Men, desenvolvida para o Liberation Pavilion em The National World War II Museum, em Nova Orleans, e o filme baseado em meu último livro, *Caçadores de Obras-Primas*, produzido pelo ganhador do Oscar, George Clooney, e Grant Heslov – apresentará esse trabalho a uma plateia global ainda maior. Espero também que a crescente visibilidade envolverá o público em nossa busca por centenas de milhares de objetos ainda perdidos, subtraídos durante a guerra e assim levar a mais descobertas. Os leitores são incentivados a entrar em contato com a fundação se tiverem informações ou perguntas sobre a proveniência de um determinado objeto –

quadro, documento ou outro item cultural ou histórico – removido da Europa durante ou logo após a guerra. Para mais informações, favor visitar www.monumentsmenfoundation.org.

UMA NOTA SOBRE O TEXTO

Ao escrever este livro, dependi de uma equipe de pesquisadoras, cada uma trabalhando em sua língua nativa – Dorothee Scheider em alemão, Anna Bottinelli em italiano – para traduzir milhares de páginas para o inglês. Quando surgia um conflito linguístico, elas traduziam a intenção de quem falava, não o texto literal, o que poderia ter arriscado a perda do significado essencial. Na urgência do trabalho e no caos da guerra, os Caçadores de Obras-Primas nem sempre tinham tempo de conferir a ortografia das frases e dos nomes italianos e alemães. Nos pontos onde as fontes originais erravam palavras em línguas estrangeiras tomei a liberdade de silenciosamente corrigir a ortografia, sem usar *sic*. Nos casos em que tal correção arriscava mudar o significado da frase usei [*sic*].

Alguns documentos que revimos são de propriedade privada e foram tornados disponíveis exclusivamente para mim pelos proprietários. Esses casos foram incluídos nas notas. O uso da palavra *aliados* na maioria dos casos quer dizer “aliados ocidentais”, isto é, não inclui a antiga União Soviética. Isso deve ficar evidente no contexto. Nas ocasiões em que me vi diante de informações conflitantes dei prioridade aos documentos mais contemporâneos ou relatos de testemunhas oculares, em vez de um relatório ou lembrança escritos muito depois do ocorrido. Em alguns casos, detalhes adicionais ou fatos conflitantes foram incluídos nas Notas para dar ao leitor o quadro mais completo.

A responsabilidade por erros é só minha.

PRINCIPAIS PERSONAGENS

Nota: Idades relacionadas são de 1943.

PERSONAGENS PRINCIPAIS



CAPITÃO DEANE KELLER, CAÇADOR DE OBRAS-PRIMAS PARA O V EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS.

Idade: 42. Natural de: New Haven, Connecticut. Pintor de retratos e professor de Arte em Yale. Keller apresentou-se como voluntário para poder servir ao seu país e colocar em prática seu conhecimento sobre a Itália. Deixou para trás sua amada esposa Kathy e o filho pequeno, Dino. Introverso, sensível e extremamente trabalhador, Keller com frequência sentia-se sozinho e isolado no exército. [*Deane Keller Papers, Manuscripts & Archives, Yale University*]

TENENTE FRED HARTT, CAÇADOR



DE OBRAS-PRIMAS NA TOSCANA.

Idade: 29. Natural de: Boston, Massachusetts. Historiador de Arte. Um astro em ascensão em sua área. Trabalhou como assistente e catalogador na Galeria de Arte da Universidade de Yale antes de ingressar no serviço militar em 1942. Hartt era dinâmico, às vezes impulsivo e ingênuo, mas apaixonado pela Itália e por seu trabalho. [*Walter Gleason Collection*]



GENERAL KARL FRIEDRICH OTTO WOLFF, LÍDER SUPREMO DE TODAS AS TROPAS E DA POLÍCIA DA SS NA ITÁLIA.

Idade: 43. Natural de: Darmstadt, Alemanha. Durante seis anos, trabalhou nos quartéis-generais de Hitler como chefe de gabinete pessoal do Reichsführer-SS Heinrich Himmler. Após a capitulação da Itália, em setembro de 1943, Wolff tornou-se o líder de fato da República Social de Mussolini. Com frequência, tirava vantagem de sua personalidade persuasiva e de contar com a simpatia de Hitler. [*ullstein bild – Walter Frenz*]



GIOVANNI POGGI, SUPERINTENDENTE DAS GALERIAS DE FLORENÇA, AREZZO E PISTOIA.

Idade: 63. Natural de: Florença, Itália. Organizou a evacuação de tesouros artísticos de museus da cidade para repositórios na área rural da Toscana. Poggi foi um dos superintendentes mais estimados da Itália, tendo servido numa posição similar durante a Primeira Guerra Mundial. [*Arianna e Alisa Magrini, e Edizione Polistampa, Florença*]



ALLEN DULLES, CHEFE DE MISSÃO DA AGÊNCIA DE SERVIÇOS ESTRATÉGICOS (OSS) NA SUÍÇA.

Idade: 50. Natural de: Watertown, Nova York. Em 1942, assumiu um posto em Berna,

Suíça, com o título de assistente especial do ministro. Esse posto era de fato um disfarce para suas atividades como chefe da espionagem para a OSS. [*Central Intelligence Agency*]



DON GUIDO ANELLO, PADRE CATÓLICO E LÍDER DA RESISTÊNCIA.

Idade: 31. Natural de: Vigalone, Itália. Anelli foi um dos primeiros organizadores da resistência armada contra os alemães e fascistas na província de Parma. [*Sergio Gigliotti Collection*]



CORONEL DA SS ALEXANDER LANGSDORFF, CHEFE DA KUNSTSCHUTZ NA ITÁLIA.

Idade: 45. Natural de: Alsfeld, Alemanha. Exímio arqueólogo que também trabalhou no Museu Estadual de História de Berlim, Langsdorff ingressou na equipe pessoal de Himmler em 1935. Seu trabalho de proteção a objetos de arte e monumentos italianos muitas vezes entrava em conflito com sua dedicação à SS. [*Mareile Langsdorff Claus*]



CAPITÃO ALESSANDRO CAGIATI, OFICIAL DA INTELIGÊNCIA AMERICANA DA OSS NA ITÁLIA.

Idade: 34. Natural de: Roma, Itália. Emigrou para os Estados Unidos em 1934. Durante a guerra, Cagiati chegou à Sicília junto com os primeiros soldados aliados. Ser viu como agente de ligação entre a OSS e a Resistência italiana. [*Anthony Cagiati e Alessandro Cagiati*]

CAÇADORES DE OBRAS-PRIMAS

TENENTE-COMANDANTE PERRY B. COTT, USNR.

Idade: 34. Natural de: Columbus, Ohio. Diretor assistente e curador de artes europeias e asiáticas no Worcester Art Museum, Massachusetts. Cott trabalhou primeiro na Inteligência naval e foi um dos primeiros oficiais Caçadores de Obras-Primas designado para a Sicília, em 1944. [*Pennoyer Papers, Department of Art and Archeology, Princeton*]



CAPITÃO EDWARD “TEDDY” CROFT- MURRAY.

Idade: 36. Natural de: Chichester, Inglaterra. Encarregado de gravuras e desenhos do Museu Britânico, Croft-Murray serviu primeiro no Almirantado e no Ministério da Guerra. Chegou ao teatro do Mediterrâneo via Tizi Ouzou, Argélia. [*Walter Gleason Collection*]



TENENTE-CORONEL ERNEST THEODORE DEWALD, DIRETOR DA SUBCOMISSÃO DE MONUMENTOS, OBRAS-PRIMAS E ARQUIVOS.

Idade: 52. Natural de: New Brunswick, Nova Jersey. Professor de Arte na Universidade de Princeton. Veterano da Primeira Guerra Mundial, DeWald serviu primeiro no Norte

da África treinando soldados sobre os tesouros culturais da Itália. [*Walter Gleason Collection*]



MAJOR PAUL GARDNER.

Idade: 40. Natural de: Somerville, Massachusetts. Diretor de museu, Gardner havia servido no exército americano durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1933, tornou-se o primeiro diretor da recém-inaugurada Galeria William Rockhill Nelson e do Museu de Belas-Artes Mar y Atkins, na cidade do Kansas, Missouri. Gardner foi o primeiro Caçador de Obras-Primas a chegar na Itália continental. [*Walter Gleason Collection*]



TENENTE-CORONEL MASON HAMMOND.

Idade: 40. Natural de: Boston, Massachusetts. Professor de Clássicos em Harvard. Indicado pelo presidente Roosevelt, Hammond serviu como primeiro conselheiro sobre obras-primas e monumentos. Desembarcou na Sicília três semanas depois da invasão pelos aliados, o primeiro oficial dos caçadores na área. [*Elizabeth Hammond Llewellyn Collection*]

TENENTE-CORONEL



NORMAN T. NEWTON, MONUMENTS MAN PARA O VIII EXÉRCITO BRITÂNICO.

Idade: 45. Natural de: Corry, Pensilvânia. Arquiteto paisagista. Newton foi cadete da aeronáutica no Corpo de Reservas dos Fuzileiros Navais durante a Primeira Guerra Mundial. Como vários outros Caçadores de Obras-Primas, Newton também passou três anos como membro na Academia Americana, em Roma. [*Walter Gleason Collection*]



MAJOR THEODORE “TUBBY” SIZER.

Idade: 51. Natural de: Cidade de Nova York. Diretor da Galeria de Arte da Universidade de Yale. Comissionado em 1942 como major da Inteligência da Força Aérea do exército, Sizer serviu na Sicília. Recomendou vários indivíduos para trabalharem na MFAA, inclusive seu grande amigo Deane Keller. [*Imagens de Yale Individuals, Manuscripts & Archives, Yale University*]



TENENTE-CORONEL JOHN BRYAN WARD- PERKINS, DIRETOR ADJUNTO DA SUBCOMISSÃO DA MFAA.

Idade: 31. Natural de: Bromley, Inglaterra. Arqueólogo britânico. Ward-Perkins trabalhou no Museu de Londres e na Universidade de Malta antes da guerra. Como integrante da Artilharia Real Britânica, em 1943 foi designado para o Norte da África onde protegeu os antigos sítios romanos de Leptis Magna e Sabratha, na Líbia. [*Walter Gleason Collection*]

Em tempos de guerra quando os pensamentos dos homens das nações em combate estão voltados principalmente para vencer batalhas e para o conseqüente medo, animosidade, ódio, sangue e morte, parece incoerente e contraditório que comandantes de exércitos adversários devam dar atenção à cultura e às belas-arts. Mas, tanto nos exércitos fascistas como nos aliados, talvez pela primeira vez na história, houve homens cuja única função era a de preservar a herança e a cultura de nações dilaceradas pelos danos da guerra. A Itália foi a primeira a conhecer esses homens, com a tarefa de cuidar de sua herança cultural e artística durante o conflito.

– OFICIAL DA MONUMENTS, CAPITÃO DEANNE KELLER

PRELÚDIO

16 DE AGOSTO DE 1943

Veterano da Grande Guerra, o padre Acerbi passou mais uma noite úmida num abrigo antiaéreo em Milão com seus irmãos dominicanos. Esperava que os aterrorizantes acontecimentos das noites anteriores não se repetissem. Era domingo, 15 de agosto de 1943. Naquele dia, ele e seus concidadãos haviam comemorado a festa da Assunção da Virgem Maria, *Ferragosto*, um dos feriados nacionais mais importantes da Itália. Mas as festividades haviam sido em surdina. Acerbi rezava por uma suspensão dos ataques, mesmo que por apenas poucas horas. Os cidadãos exaustos de Milão precisavam dormir; seus companheiros monges também.

À meia-noite e meia, quando a lua cheia começava a emergir de um eclipse parcial, o temido, mas familiar, gemido alto das sirenes antiaéreas começou novamente. Ataques anteriores já haviam causado a evacuação de centenas de milhares de milaneses. Vinte minutos depois do soar das sirenes, eles escutaram os aeroplanos nos céus e em seguida o trovão surdo das primeiras bombas. O chão trepidava debaixo deles, mais alto e mais violento à medida que a onda inicial dos Lancasters da Real Força Aérea se aproximava do centro da cidade. Lampejos ao longe deixavam o céu luminescente ainda mais claro. Incêndios carregavam o ar de um odor acre. Uma única bomba de dois mil quilos detonou perto do abrigo de Acerbi com uma explosão ensurdecadora.

Várias noites antes, bombas haviam atingido a Igreja de Santa Maria delle Grazie e o seu refeitório.^[1] Surpreendentemente, nenhuma delas danificara a joia de Milão, companheira de refeição dos frades dominicanos: a *Santa Ceia*, de Leonardo da Vinci. Era uma tradição centenária que os frades compartilhassem suas refeições diante da parede norte, na qual Leonardo da Vinci havia pintado os 12 apóstolos se preparando para a ceia. O padre Acerbi sabia que a explosão havia suspenso essa tradição, talvez para sempre.

Leonardo escolhera uma abordagem contemplativa e deliberada para a pintura da *Santa Ceia*. Matteo Bandello, um jovem monge que mais tarde tornou-se um famoso escritor de novelas, observou Leonardo “sair cedo de manhã para trabalhar na plataforma diante da *Santa Ceia*; e ali ele ficaria do raiar do sol até a noite escura, jamais descansando o pincel, mas continuando a pintar sem comer ou beber. Depois se passavam três ou quatro dias sem que ele tocasse em sua obra, embora passasse diariamente horas examinando-a e criticando para si mesmo a representação dos personagens”.

Quando ficou pronta, em 1498, os observadores ficaram atônitos. Desde as pinturas nas catacumbas no quinto e sexto séculos passando por obras mais recentes de Taddeo Gaddi (c. 1350), Andrea del Castagno (c. 1447), Domenico Ghirlandaio (c. 1480) e

Pietro Perugino (c. 1493) , a representação padrão do tema havia enfatizado a história da Eucaristia. Estes e outros artistas tipicamente colocavam os 12 apóstolos à mesa de jantar enquanto Cristo preparava a oferta do pão e do vinho consagrados. O cenário de cada obra retratava personagens estáticos, sem emoção. Judas muitas vezes era colocado sozinho, do outro lado da mesa, longe de Jesus e de seus seguidores.

Mas Leonardo, um arguto observador da natureza, com uma compreensão do corpo humano típica de um médico, quebrou a tradição fundindo a cerimônia da Eucaristia com o momento dramático quando Cristo anunciou aos que estavam ali reunidos: “Na verdade, vos digo que um de vós me trairá.” Tendo uma vez notado que “o movimento dos homens é tão variado quanto as emoções que passam por suas mentes”, Leonardo consequentemente retratou a reação de cada apóstolo a essa chocante notícia. Desolado, Felipe coloca as mãos no peito, alegando inocência. Tiago Maior gesticula violentamente com indignação. Com os olhos fixos em Cristo, Bartolomeu inclina-se para a frente, com o peso do corpo sobre a ponta da mesa, enquanto a figura sombria de Judas, tendo derrubado o sal, recua defensivamente, segurando uma bolsinha, talvez com prata. A utilização da cor pelo mestre e a representação mais realista dos apóstolos envolviam o observador como um participante da narrativa dramática de Leonardo. Agora parecia que a pintura jamais seria vista de novo.

A bomba havia caído no centro do Claustro dos Mortos, um pequeno pátio gramado a leste do refeitório e ao norte da igreja. A explosão havia destruído um corredor coberto, por onde os frades, de hábitos brancos e sandálias, passavam todos os dias. Não tivesse o padre Acerbi transferido seus companheiros dominicanos de seu refúgio no porão do convento para um abrigo fora das paredes da igreja dias antes, eles também teriam perecido.^[2] As únicas pistas de que as longas galerias haviam existido um dia eram os tocos de madeira que outrora sustentavam os graciosos arcos e o reboco de gesso coberto de afrescos que levavam até os principais prédios da igreja.

A explosão reduziu a parede leste do refeitório a escombros, derrubando o teto com ela. As vigas em “A” de madeira esmagaram a abóbada de gesso fino do teto do refeitório, como um martelo acertando um ovo. Em 1940, preocupados com esta real possibilidade, funcionários encarregados do patrimônio artístico haviam instalado sacos de areia, andaimes de pinho e escoras de metal de ambos os lados da parede norte. Foi esta precaução que impediu que a obra-prima de Leonardo viesse abaixo. Embora ninguém pudesse confirmar imediatamente em que condição estava a *Santa Ceia*, o padre Acerbi considerava um milagre que a pintura pudesse ter sobrevivido a uma bomba que explodira a cerca de 24 metros de distância.

Leonardo pintou a *Santa Ceia* usando uma técnica experimental. Em vez de aplicar o pigmento ao gesso úmido, do modo tradicional do afresco, o mestre pintou sobre uma parede seca, esperando obter uma paleta mais complexa. Esta técnica também complementou o estilo de trabalho lento, meditativo, de Leonardo. Ele levou três anos para terminar a pintura. Quando acabou, ela media cerca de 4,5 metros de altura por 9 metros de lado a lado, quase toda a largura do refeitório. Mas a experiência de Leonardo

fracassou; em menos de duas décadas, a superfície pintada mostrava deterioração. Em 1726, restauradores bem-intencionados começaram a primeira de uma série contínua de intervenções documentadas e não documentadas. Com muita frequência, esses esforços tinham menos a ver com fixar novamente a obra de Leonardo à parede norte, perpetuamente úmida, do que com o desejo do restaurador de anexar seu trabalho – e seu nome – à imagem histórica. Segundo observou um perito em arte de Milão, “não existe obra no mundo inteiro que tenha sido mais venerada pelo público e [no entanto] ofendida por estudiosos”. A explosão da bomba, no dia 16 de agosto de 1943, foi apenas a mais recente e certamente a mais drástica ofensa.

A umidade da parede norte sempre fora motivo de preocupação para seus guardiões. Agora, a súbita exposição aos elementos criava novos riscos. A perda da parede leste e do teto dissipava o delicado microclima no interior do refectório, enquanto o calor do verão de Milão aumentava a umidade na parede, fazendo com que partes da superfície pintada inchassem e depois se erguessem. A explosão da bomba também desalojou sacos de areia, lançando alguns deles contra a superfície pintada. Uma tempestade de verão poderia facilmente lavar partes inteiras da obra. Um prédio de poucos andares gravemente danificado, anexo aos fundos do refectório, ameaçava ruir. Apenas a vibração, bem menos do que o impacto direto de outra bomba em mais uma missão de bombardeio aliado, poderia ser o suficiente para fazer a parede norte vir abaixo. E mesmo que a parede norte sobrevivesse a novos danos ou impactos, a famosa obra de Leonardo enfrentava grandes perigos.

A Itália há muito tem sido identificada por seus tesouros culturais; *A Santa Ceia*, de Leonardo da Vinci, é apenas um deles. Suas cidades antigas – Roma, Siracusa e Pompeia; suas verdadeiras caixinhas de joias, como Veneza, San Gimignano e Urbino; seus locais de adoração, como a Basílica de São Pedro, o Duomo de Florença (Santa Maria del Fiore) e a Capela Arena (Scrovegni) em Pádua; e monumentos icônicos, como o Coliseu, a Torre Inclinada e a Ponte Vecchio – têm sido tão estudadas e admiradas através da literatura, poesia e imagem, que se tornaram a herança compartilhada de toda a humanidade.

Como demonstraram os eventos em Milão, a Segunda Guerra Mundial e a nova tecnologia de bombardeios aéreos – em particular, as armas incendiárias – foram a ameaça mais letal da história a essa herança. Quando os Aliados desembarcaram na Sicília na noite de 9-10 de julho de 1943, outra ameaça surgiu: a guerra por terra. Os alemães estavam determinados a não ceder nenhum centímetro de solo italiano. Quantos monumentos, igrejas, bibliotecas e obras imóveis de arte estavam no caminho da guerra? Mesmo então, como o bombardeio à *Santa Ceia* ilustrou, os aliados ocidentais não estiveram imunes a erros de julgamento e de execução.

A guerra é muitas coisas, mas acima de tudo é uma confusão. Raramente ela se

desenrola conforme o planejado. O primeiro-ministro Winston Churchill certa vez observou: “Jamais, jamais, jamais acredite que uma guerra será tranquila e fácil ou que alguém que embarque nessa estranha viagem possa medir as marés e furacões que encontrará.” Dilemas éticos surgem. Fidelidades são testadas, mas fidelidades a quem? Ao país, à causa ou a si mesmo? O esforço para proteger os tesouros culturais da Itália durante a guerra cumpria a advertência de Churchill. Poucas viagens em tempos de guerra proporcionam uma história tão estranha e fascinante.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a tarefa de salvar os tesouros artísticos e culturais da Itália coube a um elenco diverso e muitas vezes surpreendente de personagens, inclusive comandantes do exército, funcionários encarregados do patrimônio cultural italiano, líderes da Igreja Católica, diplomatas alemães e historiadores de arte, oficiais da SS nazista, agentes da OSS e membros da Resistência italiana. Os motivos eram variados. Nem todos se comportavam como esperado – longe disso.

Mas havia também um grupo pouco conhecido de homens americanos e britânicos – diretores de museus, curadores, artistas, arquivistas, educadores, bibliotecários e arquitetos – que se apresentaram como voluntários para salvar o rico patrimônio da Europa. Eles ficaram conhecidos como “Monuments Men” (Os Caçadores de Obras-Primas). Esse grupo de eruditos soldados de meia-idade enfrentou uma tarefa aparentemente impossível: minimizar os danos à maior concentração de artes, arquitetura e história da Europa da devastação provocada por uma guerra mundial; realizar reparos quando possível; e localizar e devolver obras de arte roubadas a seus proprietários por direito. Sua missão constituía uma experiência nem sequer sonhada por homens que na época ocupavam cargos muito distantes da guerra. Nada assim jamais fora tentado em tão grande escala.

No centro do grupo, estavam dois homens cujos destinos tornaram-se interligados não só com o destino de uma nação, mas também com a sobrevivência da herança cultural da civilização. Deane Keller, patriótico artista e professor, com esposa e um filho de 3 anos, parecia estar em toda parte e em parte alguma, constantemente avançando de cidade em cidade. Fred Hartt, um impetuoso, mas brilhantemente talentoso historiador de arte de 29 anos de idade, tornou-se tão profundamente arraigado na pulsação cultural de Florença que salvar a arte da cidade passou a ser sua busca pessoal, a missão de sua vida. Forçados a se unirem pela democracia do serviço militar, eles lutaram para sobreviver à guerra, à sua capacidade de destruição e, às vezes, um ao outro.

1. Um ataque aéreo no dia 14 de fevereiro de 1943 causou danos insignificantes à Igreja de Santa Maria delle Grazie e à abóbada do refatório. Outro ataque durante a noite de 13-14 de agosto de 1943 resultou em danos à igreja, mas não ao refatório.

2. O abrigo antiaéreo usado pelos dominicanos pode ser encontrado ainda hoje na Via Caradosso, do outro lado da rua em frente a Santa Maria delle Grazie, identificado por duas setas pintadas de cada lado de “U.S.,” significando “*Uscita di Sicurezza*” ou “Saída de Emergência”.

SEÇÃO I

COMEÇO

Obras de arte não são como diamantes. Por mais valioso que seja um diamante, você sempre pode conseguir outro igual. Mas a Mona Lisa ou a Capela Sistina no Vaticano são únicas. Seus criadores estão mortos e nenhum dinheiro poderia jamais substituí-las.

– GENERAL SIR H. MAITLAND WILSON,
Supremo comandante das Forças Aliadas no Teatro Mediterrâneo



CAPÍTULO 1

Mudança de guarda

MEADOS DE JULHO-INÍCIO DE AGOSTO DE 1943

Reuniões de chefes de Estado, mesmo numa emergência, em geral exigem dias, senão semanas, para ser organizadas. Programar o encontro do dia 19 de julho de 1943 entre o líder da Alemanha nazista, Adolf Hitler, e o ditador fascista italiano Benito Mussolini demorou menos de 24 horas.

Notícias alarmantes sobre a situação na Itália haviam chegado a Hitler dois dias antes. Haviam se passado apenas sete dias desde que as forças americanas e britânicas haviam lutado para abrir caminho até as praias da Sicília. Entretanto, os comandantes da brigada alemã já tinham começado a receber relatórios de tropas italianas abandonando as linhas de frente – rendendo-se em números tão significativos que embarçavam o avanço aliado. O Generalfeldmarschall Albert Kesselring, comandante em chefe sul, queixou-se de que “soldados italianos seminus circulavam a esmo pelos campos em caminhos roubados”. O parceiro fascista da Alemanha parecia incapaz ou, pior, sem disposição para defender sua própria terra natal dos invasores aliados. Hitler e seu estado-maior sabiam que, mesmo no melhor dos cenários, as fanfarronadas públicas de Mussolini não estavam à altura da verdadeira capacidade militar do país e que seriam necessárias mais forças alemãs para defender aquela segunda frente recém-aberta. Devido à atordoante perda de um milhão de soldados alemães no último inverno – muitos mortos em Stalingrado, “a derrota mais catastrófica até então experimentada na história alemã” – era preciso fazer alguma coisa e rápido.

O encontro se deu em Villa Gaggia, perto da cidade de Feltre, cerca de 80 quilômetros ao norte de Veneza. Depois de passar a noite na sua casa alpina, em Berchtesgaden, Alemanha, Hitler chegou de avião à cidade italiana de Treviso, onde Mussolini o recebeu. Juntos, embarcaram num trem para cobrir a curta distância até Feltre. Seria a última viagem de Hitler à Itália.

Em 1926, Hitler escreveu sobre Mussolini em *Mein Kampf*, expressando sua “profunda admiração pelo grande homem ao sul dos Alpes que, cheio de amor ardente por seu povo, não fazia pactos com os inimigos da Itália, mas esforçava-se para aniquilá-los por todos os modos e meios”. De fato, a admiração de Hitler estendia-se ao autoproclamado título de Mussolini, *Il Duce* (O Líder) – tanto que escolheu para si próprio o mesmo título, *Führer*. Durante a última metade da década de 1920, Hitler considerou a bem-sucedida liderança da Itália fascista de Mussolini um modelo para o nacional-socialismo na Alemanha. Editores da revista *Time* colocaram a imagem de Mussolini em capas de 1923 e 1926, chamando atenção para o seu “extraordinário

autocontrole, raro discernimento e sua eficiente aplicação de ideias à solução dos problemas existentes. O papa Pio XI referiu-se a Mussolini como o homem, “aquele que a Divina Providência nos proporcionou”.

De início, Mussolini não estava interessado em formar aliança com a Alemanha, uma nação enfraquecida por sanções depois da Primeira Guerra Mundial. Ele considerava ridículas as teorias raciais sobre a supremacia ariana de Hitler. Mas, em 1936, os dois líderes desenvolveram um relacionamento mais íntimo em sequência às intervenções da Itália e da Alemanha na Guerra Civil Espanhola (1936-39) em apoio ao general Francisco Franco e seus nacionalistas. No dia 1º de novembro daquele ano, impressionado pela consolidação de poder de Hitler e pela extraordinária reviravolta da indústria alemã, Mussolini fez um discurso diante da imponente catedral de Milão, o Duomo, atrelando o futuro da Itália às ambições do líder alemão. Com ousadia, ele previu que o restante da Europa em breve giraria em torno do “eixo” dos dois países mais poderosos da Europa.

Nos primeiros dias de aliança, Mussolini acreditava que poderia controlar Hitler, mas em 1943 qualquer dúvida sobre quem controlava quem havia sido posta de lado. Hitler havia militarizado a Alemanha, transformando-a numa máquina de guerra com tecnologias de ponta. A nação e seu povo existiam para servir ao Führer do modo que ele determinasse; nenhum sacrifício seria grande demais.

Apreciador de fazer discursos grandiosos, mas com menos habilidade para logística de longo prazo, Mussolini não tomou providências para preparar o povo italiano e sua indústria para as futuras dificuldades. Motins devidos à escassez de alimentos começaram no sul da Itália já em janeiro de 1941; o racionamento de gêneros alimentícios teve início nove meses depois. A desorganização do governo resultou na má distribuição de recursos. Escassez de mão de obra coexistia com o desemprego. Conforme a guerra “arrancava seus filhos do arado”, a pobreza aumentava nas áreas rurais. Repetidas vezes a liderança de Mussolini se mostrou inadequada. Mas como um aprendiz cuja dedicação a seu mentor perdura mesmo ao reconhecer suas falhas, Hitler mantinha seu afeto e admiração por Mussolini.

O Alto-Comando alemão havia insistido que Hitler exigisse o controle de todas as forças aéreas e terrestres italianas. Qualquer esperança de impedir o avanço aliado na Sicília dependia disso. O Alto-Comando italiano, Comando Supremo, esperava que Mussolini explicasse a difícil situação da Itália ao Führer usando as palavras de um telegrama que haviam esboçado para ele no dia anterior: “O sacrifício de meu país não pode ter como seu principal propósito o retardamento de um ataque direto à Alemanha... Meu país, que entrou na guerra três anos antes do que era previsto e depois disso já se envolveu em duas guerras, tem gradativamente se esgotado, queimando seus recursos.” Dos dois, Mussolini teve a pior atribuição.

Às 11 horas da manhã, acompanhado pelo general Vittorio Ambrosio, chefe do Estado-Maior do exército italiano, e por dois representantes do governo, Mussolini entrou pelo saguão principal da *villa* com Hitler e sua comitiva de quatro homens. A

reunião começou com um longo monólogo de Hitler, sem tradução, sobre o progresso da guerra, cujo resultado “determinaria o destino da Europa”. Em algum momento depois das 11:30 da manhã, o secretário pessoal de Mussolini entrou na sala trazendo uma mensagem urgente que o Duce então leu em voz alta em alemão: “Neste momento, o inimigo está empenhado num violento bombardeio a Roma.” Hitler retomou sua narrativa unilateral, sem nem mesmo fazer uma pausa.

Depois que Mussolini falhou em transmitir a mensagem que seus generais haviam esboçado, o general Ambrosio aproveitou uma breve interrupção antes do almoço privado entre os dois líderes. Ele insistiu com Mussolini que a Itália saísse da guerra em 15 dias. Mussolini respondeu: “Parece tão simples: um dia, numa determinada hora, envia-se uma mensagem de rádio ao inimigo... mas com que consequências?... Que atitude Hitler irá tomar? Talvez você pense que ele nos dará liberdade de ação?”

Embora Mussolini mais tarde pleiteasse maior apoio militar alemão, a vergonha de admitir que os recursos da Itália haviam se exaurido era simplesmente grande demais. Sob sua liderança, a Itália havia entrado na guerra alinhada com Hitler e os nazistas. Não seria fácil sair, especialmente agora, depois que os aliados haviam atacado Roma. Naquele momento, o líder italiano só podia pensar em como sua ausência durante os ataques seria vista pelos romanos.

Os primeiros aviões da formação apareceram sobre Roma às 11:03 de uma límpida manhã de verão. As aeronaves logo encheram o céu sobre a Cidade Eterna. Uma enorme formação de mais de 500 Fortalezas Voadoras B-17 e Libertadores B-24 – virtualmente toda a Força Aérea Estratégica do Noroeste da África (NASAF) do exército dos Estados Unidos – contornou o Vaticano para iniciar o bombardeio. De uma altitude de mais de 20 mil pés (20 “anjos” – os pilotos americanos referiam-se a cada mil pés de altitude como um “anjo”), os bombardeiros soltaram sua carga: cerca de nove toneladas de explosivos que tinham como alvo os aeródromos de Littorio e Ciampino e os pátios de manobras das estradas de ferro em Littorio e San Lorenzo. Cada bomba levava 70 segundos para cair na terra.

A arriscada missão refletia a importância que os líderes aliados davam a interromper as comunicações do inimigo e impedir o suprimento de forças alemãs e italianas de Florença e Gênova para Roma. Eles também queriam evitar o reenvio de suprimentos de Roma para a Sicília via Nápoles, mais ao sul. Littorio e Ciampino representavam problemas menores; ambas estavam localizadas a mais de 8 quilômetros do centro da cidade. Mas os pátios da estrada de ferro de San Lorenzo ficavam a menos de 2 quilômetros do monumento mais famoso de Roma, o Coliseu, imediatamente adjacente a uma das Sete Igrejas de Peregrinação de Roma, a Basílica de San Lorenzo fuori le Mura (Basílica de São Lourenço Fora dos Muros).

Penachos de fumaça subindo do sudeste perturbavam a vista normalmente esplêndida

da cidade observar da galeria ao ar livre da Loggia de Raffaello, do Vaticano. Mesmo com o som dos disparos de aeronaves próximas e explosões distantes ecoando pelas colinas, monsignor Giovanni Battista Montini, subsecretário de Estado para Assuntos Ordinários do Vaticano, não acreditava que os aliados bombardeassem Roma.^[3]

A fumaça vista por Montini vinha dos pátios da estrada de ferro San Lorenzo e das vizinhanças densamente povoadas ao redor. Embora o ataque devastasse os pátios, algumas bombas erraram o alvo e atingiram a universidade e o hospital adjacente, o vizinho Cemitério Verano e a Basílica de San Lorenzo, onde o corpo do papa Pio IX, o papa de reinado mais longo da história, havia sido reenterrado em 1881. Mais de duas mil pessoas estavam mortas – a maioria civis dos bairros vizinhos de classe operária. Um grande número de vítimas tinha sido amontoado em bondes na *piazza* em frente à igreja. Uma mulher anotou em seu diário: “A morte... vem de onde olhamos quando rezamos para Deus.”

Os aliados haviam agido apesar dos inúmeros apelos de Eugenio Pacelli – Patriarca do Ocidente, sucessor do Chefe dos Apóstolos, primaz da Itália, vigário de Jesus Cristo, porém mais conhecido como Sua Santidade, papa Pio XII – para que Roma fosse poupada. Consciente de suas preocupações, o presidente Franklin Roosevelt escreveu ao papa no dia 10 de julho de 1943. Mesmo enquanto as forças aliadas desembarcavam na Sicília, ele reafirmava suas garantias anteriores: “Sua Santidade... Igrejas e instituições religiosas, até onde formos capazes, serão poupadas da devastação da guerra durante as lutas que teremos pela frente.”

A recusa do Santo Padre em criticar publicamente o devastador bombardeio de Londres, Coventry e outras cidades culturalmente ricas da Europa pela Alemanha nazista fazia sua preocupação de proteger Roma e o Vaticano parecer hipócrita para algumas pessoas. O ministro britânico da Santa Sé, Sir Francis D’Arcy Osborne, comentou:

“Quanto mais penso nisso, mais fico revoltado com o massacre por Hitler da raça judaica por um lado e... a aparentemente exclusiva preocupação do Vaticano com... a possibilidade dos bombardeios a Roma.” Informado a respeito do ataque aéreo logo depois de iniciado, Churchill replicou: “Bom! Agora também o nosso velho Mussolini compreenderá o que significa ter o teto prestes a ruir sobre a cabeça a qualquer momento.”

LA TRIBUNA ILLUSTRATA

ANNO LVII - N. 33

Supplemento illustrato de "La Tribuna".
Pubblicato venerdì 13 agosto 1943

Per abbonamenti e vendite: Direzione, Via delle Condottarie, 10 - Roma
Per pubblicità: Direzione, Via delle Condottarie, 10 - Roma

ANNO LVII - N. 33

29 Agosto 1943

Centesimo 80



Il Pontefice nei luoghi dell'ultimo bombardamento di Roma. — Pio XII si avvicina ai feriti, che vengono trasportati al punto di evacuazione, e li benedice profusamente. Nell'ultima parte, lo sceicco egiziano visita un ferito. (G. Severini)

Esta aquarela, impressa no jornal semanal italiano La Tribuna Illustrata, mostra o papa Pio XII abençoando as vítimas do segundo ataque aliado a Roma, em 13 de agosto de 1943. Observem as manchas de sangue em sua batina. [Biblioteca Comunale Centrale "Palazzo Sormani, Milão]

Durante as duas horas e meia de ataque aéreo, o papa ficou numa janela de seu

escritório particular e observou o bombardeio de binóculos. Ao saber da extensão dos danos, ele decidiu “executar seus deveres pastorais como bispo de Roma” e confortar os sobreviventes. Ignorando cuidados com sua segurança, o papa partiu da Cidade do Vaticano para a área de San Lorenzo no veículo papal, uma Mercedes preta, acompanhado apenas por Monsenhor Montini e o motorista.

Chegaram para encontrar uma cena sangrenta e caótica. Muitos dos corpos, arrastados dos escombros, haviam sido alinhados, lado a lado, e cobertos com jornais. Gritos desesperados de “*Santità*” e “*Pace*” (“Santidade” e “Paz”) enchem o ar. Vendo os galhardetes papais amarelos e brancos presos nos para-lamas na frente do veículo, multidões começaram a se reunir ao redor do carro. O papa surgiu. “Com o rosto pálido de tristeza, ele ficou de pé no carro para contemplar a basílica danificada, e em seguida caminhou pela rua, misturando-se a seu rebanho. O papa se ajoelhou nos escombros e rezou pelas vítimas daquele e de outros ataques aéreos.” Mais do que palavras foram concedidas: o papa e Montini distribuíram cerca de dois milhões^[4] de liras aos sobreviventes do ataque.

A viagem do papa a San Lorenzo marcou a primeira vez em três anos que Pio XII deixou a segurança e o isolamento da Cidade do Vaticano. Ele retornou tarde naquela noite, com a batina manchada de poeira e sangue. A guerra havia tragado Roma. Como a pessoa investida com a responsabilidade de proteger a Cidade do Vaticano, ele agora precisava cuidar da segurança de seus milhares de habitantes, assim como de uma imensa coleção de documentos da Igreja, obras de arte e relíquias de valor inestimável.

Os esforços para tirar Mussolini do cargo começaram imediatamente após seu retorno a Roma, tarde da noite do dia 19 de julho. Na quinta-feira, 22 de julho, o Duce encontrou-se com o rei da Itália, Vitório Emanuel III, para uma de suas audiências de rotina, duas vezes por semana. Aos 73 anos de idade, o monarca que governava a Itália por quase 43 anos já tinha sido informado sobre a conferência de Feltre. Ele sabia que Mussolini não conseguira o que seu país precisava (tropas alemãs, aviões e equipamentos) nem o que queria (uma saída da aliança outrora proclamada como o “Pacto de Aço”). Vinte anos depois de indicar Mussolini, o rei percebia que seu primeiro-ministro tinha que sair.

Às cinco horas da tarde do sábado, 24 de julho, depois de mais de três anos sem uma reunião do Grande Conselho, o grupo que governava o Partido Fascista se reuniu. A tensão aumentou depois que alguns líderes perceberam que havia pessoas escondendo pistolas e granadas. A longa declaração de abertura de Mussolini pouco fez para amenizar as preocupações ou o humor discordante. Por quase dez horas, os homens ouviram discursos arrebatados, apresentações racionais e até soluções conforme a caótica reunião se estendia até a madrugada de domingo. Às 2:40 da madrugada, por uma margem de 19 a 7, o Grande Conselho devolveu o pleno poder executivo, inclusive o

comando das forças armadas da Itália, ao rei.

Ao final daquela tarde, Mussolini chegou a Villa Savoia, a residência real, para uma audiência especialmente marcada com Vitório Emanuel. Depois de escutar o breve relatório do Duce sobre a situação militar da Itália e sua reunião com o Grande Conselho, o rei pediu a demissão de Mussolini. Ele o informou de que as providências já haviam sido tomadas para que o marechal Pietro Badoglio, de 72 anos de idade, fosse o próximo primeiro-ministro. “Fez-se silêncio na sala, quebrado apenas por uma frase que o rei repetira diversas vezes no decorrer da conversa: ‘Sinto muito, sinto muito, mas a solução não poderia ter sido outra.’” A reunião durou menos de 30 minutos.

O líder que havia entrado na residência real partiu em silêncio chocado, consciente de que havia falhado com a nação. Sem querer se arriscar, o rei havia ordenado que 50 carabinieri (polícia militar) se escondessem nas moitas caso irrompesse um tiroteio com os guardas particulares de Mussolini. Quando Mussolini deixou a *villa*, não foi conduzido a seu carro, que havia sido retirado, mas a uma ambulância, onde um oficial dos carabinieri disse: “Sua Majestade ordenou-me que o protegesse.” Em um instante, o governante da Itália havia desaparecido.

Naquela noite, um discurso transmitido em rede nacional pelo rádio anunciou a aceitação pelo rei do pedido de demissão de Mussolini e a nomeação de Badoglio como o novo líder italiano. Em poucas horas, dezenas de milhares de pessoas eufóricas reuniam-se na Praça de São Pedro. Conforme as comemorações irrompiam por toda a Itália, um observador em Roma comentou ironicamente: “O estoque de vinho esgotou.”

Mas a retirada do Duce do cargo não alterou a realidade de que a Itália continuava sendo a principal aliada da Alemanha nazista. Os Estados Unidos e o Reino Unido tinham intenção de conquistar a ilha da Sicília e depois atacar a Itália continental. Mesmo sem Mussolini, a guerra na Itália estava apenas começando.

A notícia da demissão de Mussolini chegou a Hitler em Wolfsschanze, seu quartel-general na frente oriental, em Rastenburg, Alemanha, depois das nove e meia da noite, domingo, 25 de julho. Hitler comunicou ao seu pessoal reunido: “O Duce pediu demissão. Ainda não está confirmado. Badoglio assumiu o governo.” Devido à ordem de Hitler, proibindo espionagem no solo de sua fiel aliada, os serviços de segurança alemães não tinham ideia da localização do Duce ou das circunstâncias de seu desaparecimento. Certo de que a retirada do Duce era um prelúdio da troca de lado da Itália, que passaria a apoiar os aliados, Hitler acrescentou: “Sem dúvida, nossa traição, eles proclamarão que continuarão fiéis a nós, mas isso é traição. É claro que eles não permanecerão fiéis.”

O fracasso da ofensiva alemã na batalha de Kursk, na União Soviética, no início de julho, colocou na defensiva as forças de Hitler na frente oriental; elas permaneciam assim pelo restante da guerra. As notícias pioraram com o início dos bombardeios Aliados em

Hamburgo, Alemanha, de madrugada. Durante os oito dias seguintes, esses ataques aéreos resultaram na morte de mais de 40 mil cidadãos e na destruição da cidade. Perder o mais importante aliado da Alemanha nazista naquele momento melancólico seria um golpe significativo no moral do povo alemão e em suas forças de combate, especialmente os 60 mil homens das tropas da Wehrmacht (forças armadas da Alemanha) já combatendo ao lado das forças italianas na Sicília.

Moral apenas não explicaria a seriedade do problema. Hitler precisava dos 2,1 milhões de soldados da Itália fascista. Com a exceção de duas divisões armadas, estacionadas na Calábria (no “dedão” da “bota” da Itália), não havia nenhuma outra grande concentração de forças alemãs na Itália para bloquear uma invasão aliada em território italiano. Até chegarem reforços significativos, a zona tampão na fronteira sul da Alemanha estaria exposta. Uma invasão bem-sucedida permitiria que os aliados usassem os campos de aviação italianos para lançar missões de bombardeio que atingiriam os importantes suprimentos de petróleo da Alemanha nazista – força vital de qualquer exército – nos Balcãs.

O Führer reagiu às notícias da demissão de Mussolini dizendo ao Generalfeldmarschall Wilhelm Keitel, chefe do Alto-Comando das Forças Armadas (OKW – Oberkommando der Wehrmacht), e ao general Alfred Jodl, chefe da Equipe de Operações OKW que desejava “dar ao comandante da 3ª Divisão Panzergrenadier a ordem de entrar em Roma com um grupo especial e prender imediatamente todo o governo, o rei e seu séquito, prendendo especialmente o príncipe herdeiro e se apoderando daquela gentinha, em particular Badoglio e toda a sua ralé. Então, você verá que eles desistem e em um ou dois dias haverá outra revolução”. Entretanto, o Generalfeldmarschall Kesselring acreditava que a Itália continuaria lutando ao lado de seu aliado alemão, exatamente como Badoglio havia prometido. Por que perturbar ainda mais as coisas enviando às pressas tropas para Roma? Esperar daria tempo para determinar a verdadeira intenção do rei. Muitos líderes do Partido Nazista compartilhavam o ódio de Hitler pelo Vaticano e seu líder. Durante muito tempo, Hitler atacou a Igreja Católica por sua influência na política interna da Alemanha. Embora não tivessem se encontrado, Hitler conhecia Eugenio Pacelli de seu serviço como núncio papal na Alemanha, entre 1917 e 1929. Negociações subsequentes com Pacelli conduziram à assinatura do Reichskonkordat (tratado) entre a Alemanha nazista e o Vaticano, em 1933.

Convencido de que o papa havia de algum modo tido um papel na remoção de Mussolini, o Führer explodiu com raiva e impaciência: “Vou entrar no Vaticano agora mesmo. Acha que me importo com o Vaticano? Eles serão rapidamente despedidos, especialmente todo o corpo diplomático... Pouco me importa... Vamos remover cada um desse bando de porcos... Depois pediremos desculpas... Encontraremos evidências suficientes lá dentro (do Vaticano) para documentar sua traição!”

O dr. Joseph Goebbels, Reichsminister de Propaganda, que costumava se referir aos italianos como “comedores de macarrão”, pediu calma. Goebbels sabia que até a

campanha mais esperta da mídia não poderia silenciar os protestos que certamente se seguiriam a qualquer ação contra o papa. A maioria dos conselheiros de Hitler concordou.

No final, Hitler decidiu não enviar nenhum destacamento especial de tropas para Roma, mas emitiu uma ordem para que paraquedistas experientes resgatassem Mussolini. Com o Duce a seu lado, ele calculou, seria anunciado um Estado fascista recentemente formado, que poderia administrar e monitorar de perto. Restabelecer a aparência de uma forte parceria do Eixo tornava-se agora uma preocupação urgente. Mas quem vigiaria o enfraquecido Duce depois que os paraquedistas o resgatassem? O Reishsführer Heinrich Himmler, temido líder da Schutzstaffel (SS) nazista e “senhor de todos os campos de concentração”, tinha um homem em mente.

“Os *signores* [sic] conseguem uma suspensão temporária”, disse Himmler ao general da SS Karl Wolff durante um telefonema no dia 27 de julho, “mas adiado não é abandonado.” Wolff era um membro da SS de alto nível, um Obergruppenführer e general da Waffen-SS, a divisão de combate armado da SS. Ele havia ingressado no Exército Imperial alemão aos 16 anos, ser vindo da frente ocidental durante a Primeira Guerra Mundial e recebendo duas Cruzes de Ferro por bravura. Depois da guerra, Wolff teve treinamento para trabalhar como banqueiro em Frankfurt durante dois anos e ao final encontrou emprego no Deutsche Bank, em Munique, onde trabalhou de julho de 1923 até junho de 1924. Após uma breve passagem pela publicidade, ele abriu sua própria empresa. Esses empregos lhe foram bastante úteis: um aprimorou suas habilidades políticas, outro, a de se vender e a vender suas ideias. Wolff era oportunista, mas também pragmático, um sobrevivente.

Embora Wolff não viesse de família aristocrática, sua educação humanista, que incluía literatura, música e artes, o colocou entre a juventude da alta sociedade de sua cidade natal. Mais tarde, durante a Primeira Guerra Mundial, sua escolha em servir no destacamento de proteção ao grão-duque de Hesse, junto com oficiais de famílias aristocráticas, contribuiu para sua autoimagem de nobreza. Alguns de seus pares da SS franziram o nariz para o novo, mais charmoso e culto, Wolff. Eles o consideravam um “setembrista”, termo pejorativo usado para se referir àqueles que só entraram para o Partido Nazista depois do sucesso das eleições de setembro de 1930. De fato, Wolff esperara mais de um ano após a mudança de poder para se tornar membro do partido, mas ingressara na SS no dia seguinte. Seus traços “arianos” – 1,83 metro de altura, olhos azuis e cabelos loiros – lhe foram convenientes para a SS. Motivado por sua ambição em ser um membro da elite, ele abraçou o nazismo como uma escolha calculada, ao contrário da paixão de muitos de seus novos colegas pelos ideais extremistas do partido.

A partir de novembro de 1936, Wolff tornou-se chefe de gabinete pessoal de Himmler, responsável por vários departamentos da SS, inclusive a Ahnenerbe, Unidade de Pesquisa do Patrimônio Ancestral, fundada por Himmler para tentar provar “a conexão entre o moderno povo alemão e as antigas tribos germânicas”.^[5] Wolff ser via

como “olhos e ouvidos de Himmler” nos quartéis-generais de Hitler. Numa carta de 1939, a extensão de sua devoção à SS e a Himmler veio à tona: “A fê colocou-me perto de um homem extraordinário, o Reichsführer-SS, como seu assistente mais próximo... Nosso trabalho conjunto, que me satisfaz profundamente... tem raízes na crença na raça. Todo o meu ser e objetivo está com a SS e suas futuras metas.” Em julho de 1941, Wolff acompanhou Himmler em uma visita a um posto de comando da SS perto da cidade soviética de Minsk, onde testemunhou uma centena de judeus inocentes sendo assassinados, de oito a dez de cada vez. No verão seguinte, Wolff interveio para solucionar os engarrafamentos na estrada de ferro resultantes do transporte de judeus para os campos de concentração. “Noto com particular prazer seu relatório de que durante 14 dias um trem tem ido diariamente com membros do povo escolhido para Treblinka... Fiz contato com as agências participantes, de modo que uma implementação uniforme de toda a ação seja garantida.”

Durante seu encontro no final de julho, Wolff ouviu enquanto Himmler lhe ordenava ir à Itália para ser vir como elo diplomático entre as forças de Kesselring no sul do país e outros grupos do exército alemão no norte. Wolff tinha 14 dias para preparar um plano para “apreender o poder do setor civil” na Itália e apresentá-lo ao Führer. Manter as instalações de infraestrutura e produção na Itália seria essencial para uma ocupação bem-sucedida.

Wolff era escolha óbvia para essa atribuição. Hitler e Himmler confiavam nele, um homem a quem consideravam um verdadeiro “espécime de alemão nobre, cavaleiro em cintilante armadura”. Wolff também havia conquistado as graças de Mussolini ao atuar como escolta honorária durante sua visita de Estado a Munique, em 1937, e em inúmeras viagens subsequentes à Itália. Em sua nova posição, Wolff “devia se considerar o governador do Führer” numa área que se estendia da fronteira norte da Itália até a retaguarda das tropas alemãs no front.

Nem todos desprezaram a ameaça de Hitler de entrar no Vaticano e sequestrar o papa. O almirante Wilhelm Canaris, chefe da Abwehr (inteligência militar alemã); o general Erwin von Lahousen, chefe da Seção 2 da Abwehr (seção de sabotagem alemã); e outros em seu círculo imediato compartilhavam fortes sentimentos antinazistas e haviam estado intimamente envolvidos em vários planos para retirar Hitler do poder. Quando o suplente de Canaris informou-os de que acabara de receber um relatório de “que aqueles sujeitos pretendem soltar Mussolini e liquidar o papa e o rei”, eles ficaram atordoados. Um de seus ajudantes de ordens ficou furioso: “Que truque sujo. Devíamos informar os italianos sobre isso.” Canaris concordou e instruiu Lahousen para organizar uma reunião de emergência com seu colega italiano, general Cesare Amè.

No dia 29 de julho, Canaris e Lahousen voaram a Veneza para se encontrarem com o general Amè no famoso Hotel Danieli. Para Amè, a troca de informações sobre a guerra,

inclusive sobre as recentes e rápidas mudanças na liderança da Itália – e a reação da Alemanha a elas –, era coisa normal; mas fazer isso junto a três dos mais graduados oficiais do serviço secreto não era. A presença da equipe de Amè inicialmente limitou o que Canaris podia dizer, mas, sentado ao lado de Amè, Lahousen ouviu claramente seu chefe declarar: “Cuidado, porque algo pode acontecer.” Depois do almoço, Canaris e Amè fizeram uma excursão até o Lido, onde caminharam – sozinhos – e continuaram a conversa.

No dia 4 de agosto, seis dias depois desse encontro de oficiais da Inteligência em Veneza, o secretário de Estado do Vaticano, cardeal Luigi Maglione, convocou os cardeais residentes em Roma “para rever a situação política no país e discutir a ameaça ao Vaticano”. Durante a reunião, Maglione “alertou sua plateia de que círculos oficiais italianos temiam que tropas alemãs estivessem se movimentando para capturar Roma, invadir o Vaticano e levar o papa para Munique”. Nos dias tensos que se seguiram, membros-chaves do corpo de funcionários do Vaticano foram instruídos a fazer as malas, preparando-se para viajar a qualquer momento. Documentos altamente secretos foram escondidos, inclusive os do Santo Papa, colocados sob os pisos de mármore do palácio papal.

Dezenove dias depois, Harold Tittmann, assistente especial de Myron Taylor, representante pessoal do presidente Roosevelt junto ao papa, conversou com seu colega, o ministro britânico Francis Osborne. Após a declaração de guerra da Itália aos Estados Unidos, Tittmann havia evacuado a embaixada americana e, como outros membros de corpos diplomáticos, mudou para o Vaticano. Osborne informou Tittmann que, “segundo fontes confiáveis, com toda a probabilidade, dentro dos próximos dias, os alemães tomariam Roma e possivelmente o Vaticano. A pedido de Osborne, meus filhos usaram a lareira de nossa sala de estar, o único lugar disponível a diplomatas no Vaticano para queimar documentos secretos da legação britânica”.

Como Lahousen mais tarde explicou, Hitler não pretendia apenas raptar o papa. Ele “queria matá-lo”.

3. Assuntos Ordinários em geral se referiam a questões internas. Monsenhor Domenico Tardini, subsecretário de Estado para Assuntos Extraordinários, tratava de Relações Exteriores. Ambos os homens eram suplentes do secretário de Estado do Vaticano, Luigi Maglione. Como Owen Chadwick observou (p. 54) em *Britain and the Vatican during the Second World War*, “a distinção nunca foi clara. Muitas vezes, o papa simplesmente decidia se preferia Tardini ou Montini para lidar com a questão”. Montini se tornaria o papa Paulo VI, em 1963.

4. Cerca de US\$ 267.400 em 2012.

5. A Ahnenerbe (Unidade de Pesquisa de Patrimônio Ancestral) foi fundada por

Himmler, em 1935, “como um ramo cultural da SS dedicado a investigações raciais, históricas e arqueológicas que ‘provavam’ a conexão entre o moderno povo alemão e as antigas tribos germânicas”.

CAPÍTULO 2

Um novo tipo de soldado

FINAL DE JULHO-AGOSTO DE 1943

Numa sala de aula da Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut, a cerca de 6.700 quilômetros de Roma, o professor Deane Keller iniciava mais uma de suas séries de palestras a soldados prontos para partirem para o teatro do Mediterrâneo, como parte do programa de Educação para a Guerra e Reconstrução, da universidade. As observações sobre o tema – “Impressões Americanas sobre os Italianos e seus Costumes” – derivavam de sua experiência como estudante e artista vivendo em Roma de 1926 a 1929. Ali ele aprendeu, em primeira mão, como lidar com os italianos, algo que compartilhava com seus alunos. “A *via del cuore* (caminho para o coração) e o sucesso serão encontrados pela tolerância e por uma compreensão generosa. E, eu acrescentaria, com infinita paciência de sua parte.”

Perto de fazer 42 anos, Keller já era um homem realizado. Uma publicação escolar o descrevia como “um sujeito baixo, atarracado, louro, de ombros largos desenvolvidos pelo constante oscilar de seu pincel... leciona na Escola de Arte de Yale e tem um ateliê na torre da universidade. Dedicava longas horas às suas composições, faz muitos esboços e estudos do modelo antes que o pincel toque a tela. Uma vez pronto para marchar, o trabalho prossegue como qualquer projeto bem planejado”. Dificilmente uma figura imponente, com 1,73 metro e 77 quilos, os óculos redondos de aro de metal e os cabelos claros, escovados, lhe conferiam certa semelhança com Woodrow Wilson, 28º presidente dos Estados Unidos, que liderou o país durante a Primeira Guerra Mundial. Mas Wilson tinha sido um homem de Princeton; Keller era totalmente Yale.

Enquanto se preparavam para a guerra, em 1943, os alunos de Keller sentiam um certo conforto em saber que o pêndulo finalmente oscilava a favor dos aliados. Embora o inclemente cerco alemão a Leningrado (agora São Petersburgo) continuasse, o Exército Vermelho soviético havia forçado a rendição do VI Exército alemão em Stalingrado, em janeiro, uma batalha que custou 1,1 milhão de vidas só em baixas soviéticas. Em maio, os aliados ocidentais tiveram sua primeira grande vitória com a rendição das forças alemãs e italianas no norte da África. O planejamento de uma invasão da Europa pelos aliados estava a caminho.

O esforço de guerra dominava a vida nos Estados Unidos. O racionamento de todos os produtos de borracha, gasolina e outros derivados do petróleo começou em 1942. Açúcar e café foram os próximos. Em 1943, a lista se ampliou, incluindo sopas e sucos enlatados, assim como carne, peixe e laticínios. Querendo contribuir para o esforço de guerra, os americanos plantaram mais de 20 milhões de “Jardins da Vitória”, que, em

1943, respondiam por um terço de todas as hortaliças consumidas no país. A mobilização militar de tantos homens criou um enorme número de vagas de trabalho e virtualmente eliminou o desemprego. Três milhões de garotos de 12 a 17 anos de idade esqueceram a preguiça e foram trabalhar. No dia 29 de maio, a capa do *Saturday Evening Post* mostrava “Rosie, a Rebitadora”, ilustrada por Norman Rockwell, em reconhecimento aos milhões de mulheres que compreendiam quase um terço da força de trabalho da nação.

Keller era o filho do meio – único menino – dos três nascidos da união do professor Albert Galloway Keller e sua esposa, Caroline. Durante a Primeira Guerra Mundial, Albert havia estado baseado com o exército em Washington, D.C. Ele e a esposa infundiram nos filhos a importância de ser vir ao país. Depois do curso secundário na Taft School, uma escola de elite, Keller seguiu os passos do pai e ingressou na faculdade cujo campus tinha sido seu pátio de recreio na infância, a Universidade de Yale. Durante seu último ano em Yale, começou a estudar na célebre Art Students League, de Nova York, uma escola tipo ateliê, fundada em 1875, por artistas e para artistas, sem programas de graduação ou notas, mas que proporcionava um ambiente bastante criativo e cursos autodirecionados.

Em 1926, Keller recebeu uma bolsa de estudos Rome Prize, da Academia Americana em Roma, honra concedida anualmente a menos de uma dúzia dos artistas mais talentosos e estudiosos emergentes da América. Esse reconhecimento colocou seu nome entre os grandes do passado – o arquiteto John Russel Pope e o historiador de arte Charles Rufus Morey – e outros que se seguiram, incluindo o compositor Aaron Copland; os escritores William Styron, Archibald MacLeish e Robert Penn Warren; os arquitetos Louis Kahn e Richard Meier e os artistas George Biddle e Chuck Close.

Nos três anos seguintes, Keller viveu e estudou na academia, onde o ambiente de aprendizado era inebriante. Tornou-se fluente em italiano e viajou por todo o país. Alguns de seus conhecidos na Academia Americana mais tarde se tornaram grandes amigos, inclusive dois homens que representariam papéis importantíssimos em sua vida: Norman Newton, um arquiteto paisagista de mão-cheia, e Walker Hancock, um talentoso escultor.^[6] No final de seu período letivo, Keller havia evoluído muito em seu conhecimento e habilidade como artista e se apaixonado pelo país e por seu povo.

Ao voltar para casa em 1929, Keller aceitou a posição de professor assistente de Desenho e Pintura na Yale School of the Fine Arts. Em 1936, ascendeu a professor associado. Enquanto continuava aprimorando suas habilidades como pintor, foi o desenho – disciplina que ele um dia dissera que “conduz um artista a todas as possibilidades” – que o sustentou durante toda a sua carreira.

Das muitas alegrias que o desenho proporcionava, nenhuma superou a oportunidade de encontrar e conhecer Katherine Parkhurst Hall, estudante na turma de desenho de modelo vivo em Yale. Aos 35 anos, ele era um renomado professor e artista; ela era dez anos mais nova, dedicada a seu interesse pela restauração de artes decorativas. O namoro durou dois anos; eles se casaram em 1938. Dois anos depois, tiveram o primeiro filho,

Deane Galloway Keller, que recebeu o nome do avô e foi afetuosamente chamado “Dino”. Talvez por Keller ter se tornado pai relativamente tarde, pai e filho, os dois com penetrantes olhos azuis, estabeleceram vínculo instantaneamente.

No verão de 1943, Keller já havia definido sua carreira, estava casado com a mulher que amava e tivera um filho que se tornaria orgulho e alegria de sua existência. Mas o mundo havia mudado. Apenas um ano depois do nascimento do pequeno Deane, os japoneses atacaram Pearl Harbour. Com a nação em guerra, Keller quis juntar-se aos mais de 200 membros do corpo docente de Yale no serviço militar. Como todas as universidades, Yale passara por sérias mudanças não apenas para redefinir sua relevância durante a guerra, mas também para sobreviver. Noventa e nove por cento de seus alunos continuaram os estudos durante todo o verão, reduzindo o curso normal de quatro anos para dois anos e sete meses. O treinamento físico e militar tornou-se parte do currículo. Os funcionários até transformaram partes do campus – sacos de areia cobriam as janelas de Wright Hall para proteger a mesa telefônica central da universidade.

Keller sabia que suas aulas para soldados de partida, agora reduzidas a apenas duas por semana por causa do número cada vez menor de voluntários dos Estados Unidos, estava bem longe do que ele podia e devia estar fazendo. Keller queria entrar na luta. Primeiro, tentou o Corpo de Fuzileiros, mas foi recusado sob a alegação de que não enxergava direito. Com as notícias de que os aliados haviam bombardeado Roma uma segunda vez, no dia 13 de agosto, e de que a batalha pela Sicília estava chegando ao fim, Keller previu que a invasão do território italiano se seguiria em breve. As riquezas de milhares de anos de civilização – alguns dos maiores triunfos criativos da humanidade – estavam bem no caminho da guerra. A Itália em breve se tornaria uma zona de combate. E ali estava ele, um especialista em Itália e em seus tesouros culturais, preso numa sala de aula, fazendo palestras.

Três meses antes, o amigo e mentor de Keller, Theodore Sizer, diretor da Galeria de Arte da Universidade de Yale, escrevera sugerindo que ele seguisse um caminho diferente para ser vir ao país, um caminho que combinasse sua experiência às necessidades militares. Aparentemente, uma nova unidade estava sendo formada para proteger as artes. “Tubby”, como era conhecido pelos amigos, não estava apenas sugerindo que Keller se inscrevesse, estava exigindo:

Caro Deane:

... Basta dizer que após uma semana aqui [US Army School of Military Government, em Charlottesville, Virgínia]...este, acima de qualquer outro, é o lugar para você. Você tem mais de 35 anos (requisito nº 1), conhece várias línguas estrangeiras – o italiano é muito necessário (requisito nº 2)... Ao receber esta mensagem, sente-se e rascunhe uma carta para o Departamento de Guerra... e candidate-se. Ressalte seu conhecimento sobre a Itália, o país, o povo, seus hábitos etc. Pessoas que dominam idiomas são fáceis de conseguir, porém eles querem aquelas que compreendem a psicologia de nossos inimigos... Mais importante – não seja tão MODESTO –, exagere. Depois de rascunhar, reescreva

duas vezes e reduza um pouco – ponha no correio – e esqueça. Você não tem nada a perder e muito a ganhar. Não deixe que decepções anteriores tirem o brilho dessa iniciativa necessária. Faça isso AGORA.

Sinceramente, T. S.

Keller escreveu a carta, mas suas aulas contínuas tornavam difícil seguir o conselho de Tubby e simplesmente “esquecer”. A espera o deixava ansioso. Afinal de contas, sua visão deficiente não havia melhorado e a idade avançava. Em agosto, entretanto, Keller se tornara cautelosamente otimista, informando aos pais que, se passasse no exame físico, esperaria ser embarcado para a Itália para servir como oficial da Monuments. “Isso é tudo muito incerto, pois ainda não recebi resposta.”

Conforme as informações sobre a nova unidade de proteção às artes se espalharam, outro homem de Yale ansiava por se alistar. Deane Keller o conhecia vagamente, mas ele era considerado uma estrela em ascensão na comunidade de historiadores de arte. No dia 24 de julho, esse jovem estudioso e desengonçado recebeu sua patente de tenente do exército dos Estados Unidos. Seu nome era Frederick Hartt.

Enquanto Keller havia sido criado numa família estável e carinhosa, Fred Hartt suportara uma infância miserável. Seu pai, Rollin, era ministro congregacional e jornalista em Boston. O primeiro filho de seu casamento com Jessie Clark Knight nasceu morto. Em 1914, com quase 40 anos de idade, Jessie deu à luz Fred. Em 1917, pouco depois que a família se mudou para Staten Island, Nova York, Jessie morreu. Sua morte foi uma perda esmagadora e formativa para Fred, que “sentiu sua falta pelo resto da vida”.

Dois anos depois, Rollin voltou a se casar com a srta. Helen Harrington, cujos modos gentis compensaram a rigidez e o comportamento abusivo de Rollin. A ligação emocional de Fred com a madrasta melhorou consideravelmente sua adolescência, porém, então ela também morreu, de câncer. Isso detonou uma depressão, agravada pela adoção, por Rollin e Helen, de um menino francês, Jack, que fez Fred entrar num vaivém de terapias por muitos anos.

Todos os dias, Fred pegava condução para frequentar a Birch Wathen, uma escola particular no Upper East Side, na cidade de Nova York. Já com 1,80 metro de altura, sua aparência desajeitada, acentuada por óculos de armação escura e pesada, o diferenciava dos outros meninos de sua idade. Enquanto a maioria dos colegas ambicionava estar nos campos atléticos, imitando a mais nova sensação dos Yankees de Nova York, o ex-lançador-rebatedor do Boston Red Sox, Babe Ruth, Fred Hartt perdia-se num mundo de catedrais góticas francesas, esculturas italianas renascentistas e serigrafias orientais. Seu talento para as artes evidenciou-se praticamente desde o dia em que chegou a Birch Wathen – quando ainda estudante, ele desenhou o logotipo da escola. Em breve, seu

talento como desenhista levou a um interesse pela escultura.

Mas a carreira de Fred como artista terminou abruptamente. Apesar de sua óbvia habilidade e entusiasmo, seu terapeuta expressou preocupação de que “trabalhar com as mãos em materiais como argila provocaria uma resposta muito negativa do [seu] subconsciente. Essas respostas negativas despertariam ideias, senão a [própria] autodestruição”. A morte desse sonho foi um golpe esmagador. Mais tarde, os esforços de Fred para voltar a desenhar produziram mais frustrações do que resultados. Com frequência, ele começava um desenho só para parar em meio ao processo e rasgar tudo. Qualquer ideia de se tornar artista foi abandonada.

Além de aluno excepcionalmente talentoso e leitor voraz, Fred impressionava professores e colegas de turma com sua memória fotográfica. Ele decidiu aplicar essas habilidades ao estudo da história da arte, especificamente da arte asiática. Com apenas 17 anos, ingressou na Universidade de Colúmbia, onde recebeu seu diploma de bacharel em Artes. Logo se seguiram estudos de pós-graduação em Princeton. Ele então conquistou um grau de mestre em Artes no Instituto de Belas-Artes da Universidade de Nova York. A esta altura, seus interesses haviam mudado para a arte renascentista italiana. Não foi nenhuma surpresa sua tese estar focada no mestre escultor Michelangelo, seu artista favorito. Apesar do brilhantismo do trabalho acadêmico de Fred e de sua crescente reputação na área, Rollin continuava criticando os sucessos do filho.

Em 1942, enquanto trabalhava como assistente e catalogador na Galeria de Arte da Universidade de Yale e estudava para obter seu diploma de doutor, Fred conheceu Margaret DeWitt Veeder, conhecida como “Peggy”. Como bolsista de história da arte, ela e Fred compartilhavam um amor por educação, arte e viagens. O relacionamento deles proporcionou a Fred a coragem e o apoio que lhe faltaram na juventude, e logo eles se casaram. De muitos modos, ela era a parceira perfeita para Fred, mas ele sentia uma necessidade que estava além da habilidade de Peggy satisfazer – ele se interessava por homens.

A América da década de 1940 estava estruturada sobre a norma da heterossexualidade. Um homossexual procurando emprego, especialmente em importantes museus ou universidades americanos, tinha que manter oculta sua preferência sexual. Como milhões de americanos que viveram durante a Depressão, Fred Hartt sabia muito bem como era difícil conseguir um emprego. Então, casar-se com a mulher que ele realmente amava, que era sua amiga e companheira, foi a solução ideal para a época.

Como Keller, Hartt tinha um conhecimento bem abrangente sobre a Itália. O tempo vivido na Itália que lhe faltava era compensado por suas pesquisas sobre a arte e os monumentos do país. Ele passara mais da metade de sua juventude estudando a Itália – seus artistas, sua cultura, sua história. Hartt viajou para lá pela primeira vez em 1936, chegando em Milão no dia 15 de agosto, *Ferragosto*, a festa da Ascensão da Abençoada Virgem Maria: “Apaixonei-me pela Itália quando da minha primeira visita àquele belo país.” Sete anos depois, Milão estava em chamas e a sobrevivência de *A Santa Ceia*, de

Leonardo da Vinci, estava em questão. Grande parte do que havia trazido sentido para a vida de Hartt na adolescência e lhe proporcionara uma carreira na idade adulta corria o risco de ser destruída. A chance de criar arte lhe fora negada, mas nada o impediria de salvá-la.

6. Tanto Newton quanto Hancock também se tornariam oficiais da Monuments. Newton serviria com Keller na Itália; Hancock, a quem Keller apelidou de “Camminatore” (seu primeiro nome, Walker, em italiano), serviu no norte da Europa.

CAPÍTULO 3

“Bombas e palavras”

FINAL DE JULHO-21 DE AGOSTO DE 1943

O primeiro-ministro Winston Churchill, havia muito defensor de uma invasão à Itália, iniciou uma estratégia para a nova fase da campanha antes mesmo de vencida a batalha na Sicília. Ele escreveu ao general Dwight D. Eisenhower, comandante em chefe das Forças Aliadas no norte da África, expressando sua determinação em virar a população italiana contra “os intrusos alemães”, que tanto sofrimento haviam causado àquele país:

“Devemos estimular esse processo a fim de que a nova Itália antifascista e recém-libertada nos proporcione o mais cedo possível uma área segura e amigável na qual possamos basear todo o ataque aéreo avançado ao sul e à região central da Alemanha... a rendição do, citando o presidente, ‘demônio chefe [Mussolini] junto com seus parceiros de crime’ deve ser considerada um objetivo eminente.”

“Estimular o processo” tornou-se responsabilidade do Psychological Warfare Branch (PWB), que desenvolveu uma campanha informalmente identificada como “bombas e palavras”, baseada na premissa de que o moral dos cidadãos italianos podia ser abatido por uma combinação de intensa propaganda e bombardeios punitivos. O plano exigia ter como alvo as cidades com populações mais bem-educadas e maior número de operários de indústria. O sofrimento e o medo resultantes desses ataques acabariam por levar a uma série de demonstrações e greves, destinadas a atrapalhar o marechal Pietro Badoglio e seu novo governo, forçando-os a capitular e se unir aos aliados.

No dia 29 de julho, o general Eisenhower proferiu suas “palavras” à população italiana em um discurso traduzido pelo rádio. “Estamos vindo até vocês como libertadores. A parte de vocês é cessar imediatamente qualquer assistência às forças armadas alemãs em seu país. Se fizerem isso, nós os livraremos dos alemães e os libertaremos dos horrores da guerra.”

Muitos italianos acreditavam que a derrubada de Mussolini do poder havia sinalizado que a guerra na Itália em breve terminaria. A suspensão temporária dos bombardeios nas cidades do norte da Itália pelos aliados só fez crescer esta equivocada confiança. Sem novos bombardeios, o governo de Badoglio sentiu diminuir a sensação de urgência em finalizar um acordo de rendição. Essa confusão frustrou os líderes aliados. Três dias mais tarde, outra radiotransmissão aliada criticou o governo de Badoglio, observando que ele tinha “ganhado tempo e assim ajudado os alemães”. Seguiu-se um alerta rude: “A suspensão temporária acabou. O bombardeio de objetivos militares prosseguirá.”

A PWB compilou uma lista de alvos para bombardeio – incluindo Roma, Milão, Turim, Gênova, Bolonha, Nápoles e Florença. As palavras de alerta observavam que “...

[o comando aliado] deveria atacar centros culturais, tendo sempre em mente que a destruição acidental de monumentos culturais pode ter um efeito adverso sobre a nossa campanha”. A PWB também recomendava noticiar com antecedência os bombardeios por meio de folhetos lançados de avião e avisos pelo rádio. Mas esta era uma nota de pé de página em uma diretriz mais ampla. Os aliados queriam que a Itália se rendesse. Qualquer alvo que pudesse ajudar a alcançar este objetivo seria considerado.

Vários dias antes, Churchill havia escrito a Eisenhower: “Não bombardeamos o norte da Itália nos últimos dois dias porque queríamos lhes dar uma sensação de alívio, mas a não ser que peçam formalmente um armistício no futuro imediato pretendemos fazer com que sofram o diabo.” No dia 1º de agosto, Churchill foi ainda mais específico. Em memorando ao seu secretário das Relações Exteriores, respondendo a mais um apelo da Santa Sé para que Roma não fosse sujeita a mais bombardeios, Churchill escreveu: “Se Milão, Turim e Gênova serão bombardeadas, não vejo por que Roma deva ser especialmente isentada.”

Embora britânicos e americanos operassem sob uma estrutura de comando unificada, existia uma significativa diferença de opiniões sobre o papel dos bombardeios de precisão versus bombardeios de área. O chefe do Comando de Bombardeiros, comandante da Força Aérea, marechal Sir Arthur Harris, e o comandante da Oitava Força Aérea dos Estados Unidos, tenente-general Ira Eaker, tinham opiniões distintas. O general Eaker acreditava no bombardeio de precisão, normalmente limitado a operações à luz do dia para maior visibilidade. Pilotos de bombardeiros recebiam ordens para mirar alvos militares, inclusive instalações industriais, pátios de manobras de estações de estradas de ferro e campos de aviação. Isso em geral incluía o uso de bombas incendiárias. Vítimas civis deviam ser evitadas.

Os ataques diurnos em 19 de julho aos aeródromos de Littorio e San Lorenzo, e pátios de manobra das estações de trem em Roma pelas Forças Aéreas americanas, proporcionaram uma ilustração perfeita da abordagem americana. Líderes aliados sabiam que a decisão de bombardear Roma era um risco enorme. Danificar ou destruir os grandes tesouros da cidade – Basílica de São Pedro, o Panteon, o Coliseu – não seria apenas explorado pela máquina de propaganda nazista e fascista. Os destruidores enfrentariam também o julgamento da história. As repetidas garantias de Roosevelt ao papa eram, em parte, um reconhecimento tácito desse fato.

Medidas extraordinárias foram tomadas para não danificar os monumentos romanos mais famosos. A orientação aos pilotos pré-missão era extensa. “Nunca instruí tripulações [aéreas] com tanto cuidado e atravessei tão meticulosamente um ataque antiaéreo como neste ataque de surpresa”, escreveu mais tarde um comandante. Na noite anterior ao bombardeio, Wellingtons da RAF lançaram 864 mil folhetos alertando os romanos sobre o ataque iminente, insistindo para que procurassem abrigo ou evacuassem a cidade. A PWB também transmitiu mensagens pelo rádio antes do ataque para intensificar o medo e o caos entre os cidadãos. Embora a Basílica de San Lorenzo tenha sofrido danos, a missão de bombardeio destruiu com sucesso os alvos pretendidos

e evitou as áreas restritas.

Ao contrário do general Eaker, o marechal chefe da Força Aérea britânica, Harris, acreditava no uso de bombardeio de área, não no bombardeio de precisão. Bombardeando à noite, tripulações de aviões britânicos corriam menos risco de ataques da defesa antiaérea e de aviões de caça inimigos. Harris e seus comandantes sabiam que maior segurança para seus pilotos e preservação de suas preciosas aeronaves por definição significava um grau bem mais alto de imprecisão nos resultados. A fim de garantir que os alvos fossem atingidos, vastas áreas, muitas vezes cidades inteiras, eram bombardeadas em ataques maciços. “É preciso enfatizar que a destruição de casas, instalações públicas, transportes e vidas, a criação de um problema com refugiados numa escala sem precedentes e o desânimo para combater tanto em casa quanto nas frentes de batalha por temor de bombardeios mais amplos e intensificados são objetivos aceitos e pretendidos por nossa política. Não são subprodutos de tentativas de atingir fábricas.” Segundo o embaixador americano na Grã-Bretanha, John Winant, Churchill disse: “Bombardeios noturnos não se prestam a precisão... Não seria honesto afirmar que os bombardeios deveriam se limitar apenas a objetivos militares.”

A base para essas perspectivas divergentes estava enraizada nos modos como a Inglaterra e os Estados Unidos haviam entrado na Segunda Guerra Mundial. O incansável bombardeio de Hitler à Inglaterra durante a blitz, de setembro de 1940 a maio de 1941, cobrou a vida de 30 mil londrinos. O marechal Harris, comumente identificado como “Bomber Harris”, havia testemunhado as devastadoras consequências. Do telhado do prédio do Ministério da Aeronáutica britânico, durante uma das piores noites da blitz, ele olhava para Londres: “A velha cidade [estava] em chamas... [a catedral de] St. Paul destacando-se em meio a um oceano de fogo – uma visão incrível. Podiam ser ouvidos os bombardeiros alemães chegando sucessivamente e o silvo das bombas incendiárias caindo no fogaréu lá embaixo.”

A Inglaterra combatia por sua sobrevivência numa guerra que ela não havia iniciado. Na visão de Harris, “os nazistas entraram nessa guerra com a infantil ilusão de que bombardeariam todo mundo e que ninguém os bombardearia. Em Roterdã, Londres, Varsóvia e meia centena de outras cidades, eles colocaram sua teoria bastante ingênua em operação. Semearam o vento e agora vão colher a tempestade”. Os bombardeios a Hamburgo, no final de julho de 1943, deliberadamente criaram uma tempestade de fogo com a combinação de bombas incendiárias e altamente explosivas. Auxiliados por condições climáticas ideais, eles cumpriram a promessa de Harris: 46 mil pessoas morreram e a cidade ficou destruída.

As centenas de toneladas de fortes explosivos, transportadas por uma frota de bombardeiros, podiam causar sérios danos a uma cidade e tudo que houvesse nela, mas nada na escala do que ocorreu quando tamanha artilharia foi lançada em conjunto com bombas incendiárias. Esses cilindros continham material altamente explosivo, que atuava como gravetos numa fogueira, proporcionando uma ampla fonte de combustível. “A bomba arrasa-quarteirão [4 mil libras] podia cair, atravessando três ou quatro andares, e

incendiar pisos de madeira. Só faltava uma corrente de ar. Depois que [a bomba] levava pelos ares todos os telhados e janelas por quilômetros ao redor, os prédios viravam chaminés e as bombas incendiárias caíam.”

O resultado era aterrador. “Pequenos incêndios uniam-se rapidamente em conflagrações que por sua vez se transformavam em tempestades de fogo... O ar superaquecido tomava de assalto a rua com imensa força, levando junto não só centelhas, mas tábuas e vigas de telhados em brasa, espalhando o fogo cada vez para mais longe, fazendo tomar forma, em curto espaço de tempo, num tufão de fogo como nunca se vira antes, contra o qual toda a resistência humana se tornava inútil.”

Garantir a destruição de um alvo tinha maior prioridade do que limitar danos colaterais. Nas palavras de Harris, “a ideia era persistir nos pequenos alvos por sua importância estratégica, mas grosseiramente não dar importância quando errávamos, ou de qualquer maneira considerar o erro como útil, desde que perturbasse o moral”. Líderes militares britânicos aceitavam as graves consequências que se seguiram – mortes de civis, destruição de monumentos culturais e cidades inteiras engolidas por “furacões de fogo” –, embora não sem críticas.

As primeiras bombas lançadas sobre a Itália haviam caído em Turim, em 11 de junho de 1940, um dia depois que a Itália declarou guerra à Grã-Bretanha e à França. Desde o início, os britânicos acreditavam que “a psicologia italiana não era considerada ‘adequada à guerra’”. Ao aplicar “o máximo de pressão política e militar” às populações locais, líderes aliados esperavam que o povo se revoltasse contra seu governo.

No outono de 1942, os britânicos aumentaram a frequência e a intensidade dos bombardeios sobre os centros industriais do norte da Itália. As bombas caíram sobre Gênova seis vezes; sobre Turim, sete. Um ataque diurno no dia 24 de outubro sobre Milão provocou 30 grandes incêndios e matou 171 cidadãos. A ordem de Mussolini para a evacuação noturna de civis só aumentou a ansiedade daqueles que viviam no norte da Itália. Depois que ele deixou o cargo, no final de julho de 1943, “os milaneses ignoraram a lei marcial, postaram cartazes antiguerra e libertaram prisioneiros políticos, enquanto milhares de operários da indústria de armamentos entraram em greve. Os bondes ficavam tão cheios de gente que não podiam circular e as pessoas gritavam: ‘Paz, paz, Badoglio nos dará a paz!’ Ironicamente, uma multidão enraivecida de milaneses até atacou artilheiros alemães da defesa antiaérea”.

Os líderes aliados acreditavam que intensificar os bombardeios a Milão e a outras cidades do norte seria fundamental para forçar uma rendição italiana. Em agosto, a campanha “bombas e palavras” culminou em bombardeios massacrantes pela RAF – incluindo o uso de bombas incendiárias – no norte da Itália. Harris certa vez disse que “o objetivo da Ofensiva de Bombardeios Combinados... deveria ser inequivocamente declarado [como] a destruição de cidades alemãs, a morte de operários alemães e a dilaceração da vida civilizada por toda a Alemanha”. Mas será que esta política havia atravessado uma linha divisória moral ao desencadear a fúria antinazista dos aliados contra a Itália fascista, especialmente depois que Mussolini já havia sido demitido? Neste

caso, justificava-se alvejar o centro de cidades ricas em arte como Milão?

No dia 8 de agosto, às 13:10 da tarde, teve início a primeira de quatro noites de ataques quase bem-sucedidos, sem dar tempo para cidadãos e instalações militares se recuperarem. Os alvos incluíam instalações de armamentos Breda e várias estações de trem, mas o objetivo principal era o centro da cidade de Milão.

Como Churchill havia prometido, Milão “sofreu o diabo”. Em meados de agosto, havia se tornado um inferno. Danos causados aos encanamentos de água deixaram a cidade ardendo por uma semana. Cidadãos da cidade suíça de Lugano podiam ver o brilho dos incêndios e escutar as explosões a cerca de 56 quilômetros de distância. Enquanto a parede que sustentava a *Santa Ceia* permanecia de pé, muitos outros prédios famosos foram danificados, alguns mais célebres do que o da ópera de Milão, La Scala. Brasas de uma bomba incendiária nas proximidades queimaram seu telhado; logo, o “prédio foi destruído pelo fogo”.

Os dois principais museus de arte de Milão – que antes da evacuação continham centenas de obras-primas de Leonardo, Rafael, Mantegna e muitos antigos mestres reverenciados – foram atingidos. A Galeria de Quadros Brera, sete minutos a pé do La Scala, ardeu em chamas, restando apenas suas paredes de tijolos e colunas de pedra. A Galeria de Quadros Ambrosiana – lar da surpreendente natureza-morta de Caravaggio, *Cesto de Frutas*, e do desenho de Rafael para o épico afresco de *Escola de Atenas* (que ele mais tarde pintou numa parede da Stanza della Segnatura, no Vaticano) – ficou gravemente danificada pelo fogo.

A estratégia britânica não havia mirado os monumentos e museus da cidade, mas ninguém do Comando de Bombardeios podia, com credibilidade, manifestar surpresa por esses pontos de referências centrais – prédios históricos, entre eles Duomo, Palazzo Reale e Castello Sforzesco – terem sido avariados. Em resumo, o ataque matou mais de 700 milaneses; 40 igrejas, 99 escolas e 3.200 residências foram “totalmente arrasadas [ou] seriamente danificadas”.

No início de 1941, Mussolini havia dito a seus concidadãos que “as dificuldades, o sofrimento e os sacrifícios enfrentados com exemplar coragem e dignidade pelo povo italiano terão seu dia de compensação quando todas as forças inimigas forem esmagadas nos campos de batalha pelo heroísmo de nossos soldados”. Em agosto de 1943, o rápido sucesso da invasão aliada na Sicília e a devastação de Milão e de outras cidades do norte confirmaram exatamente o oposto. A Regia Aeronáutica, a força aérea do reino da Itália, provou ser ineficaz.^[7] Bombardeios aliados expuseram as brechas na defesa italiana. Os preparativos civis eram ridículos. Pouquíssimas baterias de defesa antiaérea, uma quase ausência de alertas de radar e sirenes de alarme antiaéreo que soavam *depois* que os feridos começavam a chegar aos hospitais expunham as deficiências da organização fascista. O grande industrial e herdeiro da Fiat, Gianni Agnelli, observou mais tarde que havia testemunhado “ser viços públicos em confusão e os membros responsáveis do partido [Fascista] incapazes de estabelecer a ordem entre os soldados”.

Em alguns casos, o estilo de vida italiano minava sua própria defesa. A tendência em

ignorar regras demonstrava ser autodestrutiva quando os blecautes para ataques aéreos não eram observados. “Atravessando os Alpes, os aviões da RAF eram recebidos pela visão de Milão e Gênova totalmente iluminadas... As luzes das casas em Bolonha mantinham-se todas acesas, carros e bicicletas rodavam com os faróis altos.” A inabilidade – e, às vezes, a má vontade – de alguns italianos em se defender era evidente até para um navegador da RAF olhando para baixo, para a própria cidade que sua tripulação estava bombardeando. Don Charlwood, um australiano com a tripulação mista do 103º Esquadrão, baseado nos arredores de Elsham Wolds, Inglaterra, descreveu a cena macabra:

Sob a luz da lua a cidade [Turim] estava impiedosamente exposta – casas, igrejas, jardins e até as esculturas ao longo das ruas. As tripulações giravam e mergulhavam, exultantes como os alemães exultaram sobre a Grã-Bretanha levemente defendida em 1940. No entanto, talvez os atacantes se sentissem mais tranquilos se os italianos tivessem tentado defender sua cidade. Naquelas circunstâncias, mandamos para os ares mulheres e crianças, sem oposição de seus homens.

Mas a medonha visão que Charlwood descreveu oferecia apenas uma perspectiva. Muitas tripulações dessas missões de bombardeio haviam sofrido seu próprio inferno:

Forças menores [RAF britânica] atacaram Turim e Gênova. Durante o segundo destes ataques, o sargento da aeronáutica Aaron, do Esquadrão nº 218, voando num Stirling, foi gravemente ferido num encontro com um caça noturno, cuja artilharia atingiu três de seus quatro motores, estilhaçou seu para-brisa, colocou fora de ação ambas as torres de tiro e danificou seus cabos de elevador. Com o queixo despedaçado, parte do rosto arrancada, um pulmão perfurado e o braço direito quebrado, o sargento sentou-se ao lado do bombardeiro que havia assumido os controles e lhe mostrou com orientações escritas com a mão esquerda como manter o avião avariado no ar. Com isso, ele guiou o voo em segurança até Bone, no norte da África, onde, falecendo devido aos ferimentos, foi condecorado com a Cruz da Vitória pelo “exemplo de dedicação ao dever raramente igualado e jamais superado”.

O jornal *Corriere della Sera* criticou estes ataques: “O frequente e intenso bombardeio pela aviação anglo-americana ao território italiano, com a subsequente destruição de cidades e o massacre de populações impotentes, extrapola a prática normal de guerra. Para nossos inimigos, não se trata mais de perseguir alvos e atingir objetos militares. O que querem então?... Seu propósito é obviamente terrorista.” Fica a esse respeito a pergunta para uma outra ocasião, a pergunta que envolve a eficácia – e a moralidade – de “bombardeios morais” e a natureza desordenada da guerra. Por enquanto, o único modo de a Itália escapar do horror de novos bombardeios, morais ou não, era negociar a paz.

No dia 21 de agosto de 1943, o jornal *The New York Times* colocou em letras garrafais os principais artigos sobre a guerra: da frente oriental: O EXÉRCITO VERMELHO CORTA MAIS FUNDO NA UCRÂNIA; do Pacífico: JAPONESSES ABANDONAM AS CRISTAS EM SALAMAUA; do Mediterrâneo: FROTA AMERICANA TOMA ILHAS DA SICÍLIA; da Itália: FOGGIA DESTRUÍDA NO ATAQUE DE SURPRESA MAIS PESADO NA ITÁLIA. A primeira página trazia um artigo sobre uma nova “escassez de gasolina” na cidade de Nova York; outra noticiava o fim do blecaute no Cairo, onde, pela primeira vez desde o início da guerra, a cidade estava “de novo fortemente iluminada”. Havia também um presciente relatório do vice-presidente da Western Union Telegraph Company afirmando que, “depois da guerra, um método de transmitir telegramas por ondas de luz poderá tornar a atual transmissão por fio parecer tão obsoleta quanto o cavalo e a charrete”.

Enterrado na página 9 havia um pequeno item sobre um comunicado de imprensa publicado pelo Departamento de Estado americano: GRUPO DOS ESTADOS UNIDOS DESIGNADO PARA SALVAR OBRAS DE ARTE NA EUROPA. O título oficial da comissão compreendia quase 15% do número de palavras do artigo: Comissão Americana para Proteção e Salvamento de Monumentos Artísticos e Históricos na Europa.^[8] Com o nome de seu presidente, o juiz do Supremo Tribunal, Owen J. Roberts, a Comissão Roberts incluía alguns dos líderes culturais e políticos mais importantes da nação: Francis Henry Taylor, diretor do Metropolitan Museum of Art; Paul Sachs, diretor associado do Fogg Museum, de Harvard; Archibald MacLeish, bibliotecário do Congresso; secretário de Estado Cordell Hull; e o presidente do Supremo Tribunal, Harlan F. Stone. O próprio comunicado de imprensa – State Department Release nº 348 – proclamava: “A comissão pode ser convocada para fornecer funcionários de museus e historiadores de arte ao Estado-Maior do Exército, de modo que, desde que coerente com as necessidades militares, obras de valor cultural possam ser protegidas em países ocupados pelos exércitos dos Estados Unidos.

Quando o artigo foi publicado, as forças aliadas já tinham bombardeado Roma duas vezes e Milão, seis. Embora os bombardeiros tivessem demonstrado habilidade, evitando atingir propriedades do Vaticano e monumentos mais reconhecíveis durante os dois ataques a Roma, eles haviam danificado acidentalmente uma igreja importante e matado milhares de civis inocentes. Correspondente veterano do *The New York Times* e conhecedor da destruição da guerra, Herbert Matthews assistiu às ordens antes da missão de 19 de julho. “Ninguém ali podia chamar a atenção de ninguém para nada”, comentou ele mais tarde. “Não houve nenhuma menção a San Lorenzo.” Matthews acreditava que “San Lorenzo poderia ter sido salvo, junto com os outros prédios indicados, se alguém na equipe tivesse conhecimento da sua importância.” Sua observação se provaria profética.

Os aliados estavam a apenas semanas de desembarcar uma força de invasão com 189

mil tropas na península italiana. Mesmo com procedimentos de proteção formal, os danos seriam inevitáveis. Quando as tropas chegassem, quem seria responsável pela proteção à mais rica concentração de tesouros culturais do mundo? A Comissão Roberts parecia um salvador improvável. Naquele momento, ela ainda não havia conseguido colocar sequer um único “especialista no planejamento para [a] proteção de monumentos históricos” entre as tropas de invasão.

7. Mussolini era piloto; seus dois filhos, também pilotos, ser viram na Regia Aeronautica.

8. A palavra *Europa* no nome da comissão mais tarde foi modificada para *Áreas em Guerra*.

CAPÍTULO 4

A experiência começa

JULHO-SETEMBRO DE 1943

Embora o anúncio da Comissão Roberts ocorresse apenas dias depois da quase destruição da *Santa Ceia*, dois meses antes, em junho de 1943, o presidente Roosevelt já havia, na verdade, assinado a ordem que criava o grupo. Consciente de que a comissão não estaria operacional antes da invasão da Sicília, Roosevelt sugeriu que o exército designasse um “consultor sobre obras-primas e monumentos”, como medida quebra-galho. O primeiro candidato, o diretor do Metropolitan Museum of Art, Francis Henry Taylor, não passou no exame físico por ser gordo demais. John Walker, curador chefe da National Gallery of Art e ex-professor de Belas-Artes da Academia Americana em Roma, sugeriu um amigo e colega já nas forças armadas: capitão Mason Hammond.

Nascido em Boston, Mason Hammond tinha aparência jovial e um rosto bonito que desmentia seus 40 anos. Construíra uma carreira acadêmica brilhante, estudando em Oxford como um Rhodes Scholar, antes de ingressar no corpo docente de sua *alma mater*, Harvard, em 1928. Ensinou Estudos Clássicos na Academia Americana em Roma de 1937 a 1939, durante o auge da ditadura de Mussolini. Depois da temporada em Roma, voltou para Harvard e retomou sua posição como professor de Clássicos. Em 1942, Hammond ingressou na Força Aérea do exército, trabalhando no Departamento de Inteligência do Pentágono, antes de se tornar conselheiro sobre Belas-Artes e Monumentos. “Minhas qualificações não eram em arte ou em história da arte, mas pelo menos eu sabia um pouco de italiano e estava um tanto familiarizado com arte e arquitetura antigas.” Mas sua nomeação exigia um considerável sacrifício: ele teve que deixar para trás mulher e três filhas para servir no exterior.

Hammond conhecia alguns dos homens que haviam desenvolvido a ideia de criar oficiais para preservar a cultura durante a guerra, entre eles George Stout, colega em Harvard que havia se tornado pioneiro na conservação de obras de arte. Stout passara a Primeira Guerra Mundial como soldado raso do exército, estacionado numa unidade hospitalar na Europa, para em seguida voltar para casa e frequentar a Universidade de Iowa, onde estudou desenho. Depois de economizar o ordenado durante cinco anos, Stout retornou à Europa e excursionou pelos grandes centros culturais da civilização. Àquela altura, estava viciado. Sua personalidade calma, metódica e estudiosa o equipava perfeitamente para o serviço de conservação das artes.

Stout possuía uma rara combinação de pensamento visionário e paciente, fundido com o *know-how* e a disciplina para fazer as coisas funcionarem. Durante a Guerra Civil Espanhola, ele estudou e registrou o impacto das recentes inovações nos bombardeios

sobre a preservação da arte – nenhuma com implicações mais amplas do que a criação das bombas incendiárias e seus consequentes incêndios. Ele também mantinha contato com amigos na comunidade de museus alemães, que lhe escreviam sobre a remoção pelos nazistas de alguns diretores e curadores de museus – e obras de arte que julgavam “degeneradas” – e durante o fim da década de 1930.

Depois do ataque de surpresa do Japão a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, Stout tomou a iniciativa de escrever um manual de campo sobre a proteção de obras de arte durante um conflito armado. Este manual incorporava seus muitos achados em anos de análises. Stout acreditava ser apenas uma questão de tempo antes que o curso da guerra virasse e os rapazes americanos estivessem de novo na Europa, lutando para chegar até Berlim. Desta vez, entretanto, os riscos seriam muito maiores do que na Primeira Guerra Mundial; evoluções na tecnologia de guerra ameaçavam destruir boa parte da herança da civilização ocidental. Para preparar os soldados americanos, Stout trabalhou em íntima colaboração com Paul Sachs, fundador do curso Museum Studies, de Harvard, para vender sua ideia para o que se tornaria conhecido como “oficiais de Monuments” ao Departamento de Guerra. No verão de 1943, os esforços de Stout haviam levado à criação da Comissão Roberts – e, indiretamente, à transferência de Mason Hammond, professor de Literatura Clássica, para a zona de guerra.^[9] Depois que a convocação saiu, mais de 200 homens se apresentaram como voluntários, a maioria exatamente com a especialização necessária, esperando ser transferidos para o novo “programa” que estava sendo endossado pelo Departamento de Guerra.

A urgência de colocar Hammond no teatro de guerra exigia que o exército o levasse de avião a seu primeiro destino, os quartéis-generais da força aliada em Argel, em vez de enviá-lo de navio. Embora inicialmente chamado de “conselheiro”, Mason Hammond foi, de fato, o primeiro Monuments Man. Ele se apresentou no dia 7 de junho, só para descobrir que “a tarefa para a qual estava destinado não se referia aos monumentos no norte da África. Comprovava-se impossível fazer qualquer inspeção deles, principalmente por causa da dificuldade em garantir transporte”. Esse único problema – transporte, como em “ausência de” – provou ser o desafio mais consistentemente exasperante que os Monuments Men enfrentariam.

Em uma de suas primeiras cartas do norte da África para Samuel Reber, um amigo que trabalhava na seção de Civil Affairs, em Washington, D.C., Hammond chegou até onde jamais chegaria ao expressar sua frustração: “É lamentável que eles não me dessem informações mais explícitas quanto ao trabalho [enquanto eu estava] em Washington, visto terem me expedido com tanta pressa... Duvido que haja necessidade de uma grande equipe de especialistas para este trabalho, já que na melhor das hipóteses é um luxo e o exército não verá com bons olhos uma porção de especialistas em arte correndo de um lado para o outro para lhes dizer o que não atingir.”

A carta de Hammond não mencionava como era frustrante trabalhar numa organização tão lenta, e às vezes inflexível, como o exército dos Estados Unidos. Embora soubesse muito sobre arte italiana, Hammond não era um especialista em monumentos

da Sicília. Sabendo que o exército esperava que ele estivesse totalmente preparado, poucas semanas antes, tentou aprender o que pudesse. Mas o exército havia interditado a biblioteca pública de Argel, temendo que sua presença ali revelasse de algum modo os planos de invasão da Sicília. Mesmo depois de a Sicília estar em mãos aliadas, Hammond só conseguiu encontrar um volume do conjunto de três, de *Italian Touring Club Guide for Italy*, que havia sido capturado na Líbia.

As listas de monumentos e igrejas importantes na Sicília e dos mapas mostrando sua localização não estavam disponíveis porque Paul Sachs e a equipe que trabalhava na Frick Art Reference Library, na cidade de Nova York, ainda não as haviam concluído. Hammond partiu com a esperança de que o material de referência necessário seria providenciado depois que ele chegasse à Sicília. Só então o verdadeiro quadro começou a emergir: esperavam que ele cumprisse sua tarefa, ainda em grande parte indefinida, sem transporte e sem equipe de apoio. Para o futuro previsível, o capitão Mason Hammond, primeiro oficial da Monuments no exército dos Estados Unidos, estava por sua própria conta.

Talvez a única experiência mais frustrante do que não estar *preparado* para suas atribuições na Sicília fosse não *estar* na Sicília. Só em 28 de julho, quase três semanas depois de iniciada a invasão aliada, Hammond finalmente chegou à maior região e ilha da Itália. Ao desembarcar na antiga cidade de Siracusa, o professor de literatura clássica e estudante de ciências humanas sentiu que, de certa forma, estava em casa novamente. Passou os primeiros meses trabalhando com funcionários municipais em cada cidade a que conseguia chegar. Em alguns vilarejos, descobriu que os funcionários dos museus locais haviam abandonado o emprego por falta de salário. Hammond tentou resolver o problema com a Civil Affairs Finance Section, do Governo Militar Aliado, para conseguir fundos para pagar funcionários municipais. Somente então os funcionários instruídos seriam capazes de alimentar suas famílias e retornar ao trabalho para ajudar em reparos temporários e esforços de proteção.

Pateticamente, Hammond tinha poucas ferramentas para a tarefa: uma mesa, uma cadeira e a utilização – como ele mesmo expressou – da “antiga” máquina de escrever portátil que trouxera consigo dos Estados Unidos. Sua tarefa – avaliar danos às igrejas e outros monumentos nas cidades menores da ilha – dependia de transporte, que não tinha esperanças de conseguir com o exército. Assim, Hammond iniciou uma série de esforços independentes para conseguir um veículo, padrão que se repetiria com virtualmente todos os oficiais da Monuments que chegaram depois dele. Seu colega britânico, também oficial da Monuments, capitão Frederick H. J. Maxse, que chegou no início de setembro, quase seis semanas atrasado, descreveu uma das primeiras demonstrações de Hammond sobre a arte da improvisação. Usando “métodos tortuosos demais para suportar a fria luz da imprensa”, Hammond encontrou um carro que assumiria status legendário em

seus relatórios, um Balilla “pequeno e decrépito”. Não sem algum senso de humor, eles o apelidaram de “Perigo de Hammond”.

Uma história divertida acompanhava cada adição subsequente aos seus recursos motorizados em expansão. Um Lancia, “modelo de cerca de 1927, de elegância senhoria e espaço abundante, foi requisitado para os conselheiros. Entretanto, o proprietário demonstrou tamanho apego a esse “antigo monumento”, e sua manutenção era tão problemática, que os conselheiros decidiram que sua posição oficial exigia a devolução do veículo para conservação, antes que sofresse “danos de guerra”. Como Hammond e Maxse observaram ironicamente sobre sua frota de veículos, “nenhum deles resistiu e os conselheiros terminaram a carreira como começaram, a pé”.

Apesar dessas e de outras experiências frustrantes – Hammond só soubera da criação da Comissão Roberts ao ler o recorte do *The New York Times* –, sua odisseia na Sicília como o primeiro oficial-conselheiro sobre Belas-Artes e Monumentos confirmava o conceito imaginado por George Stout, adotado por Paul Sachs e endossado pelo presidente Roosevelt. Hammond avaliava os danos a monumentos, realizava reparos temporários onde fosse possível, trazia de volta ao trabalho superintendentes e outros funcionários de museus e igrejas, e reduzia problemas de alojamento criados por tropas bem-intencionadas procurando abrigo. Seu trabalho em campo provava que a tarefa podia ser cumprida.

Ser vir de cobaia para os oficiais da Monuments tornou-se o eterno legado de Hammond. Cada falha fornecia informações inestimáveis sobre o que fazer diferente quando as forças aliadas chegassem ao continente italiano e comesçassem a avançar. As acentuadas habilidades de Hammond como observador não apenas do processo, mas também de pessoas – a população local e os funcionários italianos, seus colegas oficiais e o pracinha comum –, e sua habilidade em articular as melhorias necessárias nos próximos meses aliviariam o peso de cada oficial da Monuments que viesse em seguida.

Os monumentos mais importantes da Sicília sobreviveram em grande parte à invasão aliada e às batalhas subsequentes. Consideráveis bombardeios e danos relacionados à ocupação ocorreram em Palermo, onde os ataques de surpresa cobraram um tributo bem maior das igrejas barrocas (e, por consequência, mais delicadas) do que daquelas construídas centenas de anos antes. A Catedral de Messina perdeu o telhado, mas pelo menos não se tratava do original, que já tinha sido reconstruído em 1908, depois de um devastador terremoto. Os sicilianos naturalmente lamentaram danos até de uma única igreja, mas Hammond e os outros oficiais da Monuments sabiam que poderia ter sido muito pior.

A batalha pela Sicília empalidecia em comparação à potencial carnificina que acompanharia uma invasão aliada à Europa ocidental, conforme explicou Hammond numa carta de setembro a sua mulher:

Tomamos o sempre presente espetáculo de uma cidade arruinada e o multiplicamos por tantas outras cidades na Europa, e é como se a tarefa de reconstrução jamais fosse ser feita.

E a perda de obras de arte é insubstituível – belas igrejas destruídas, arquivos enterrados sob o entulho, bibliotecas expostas ao tempo e ao roubo... este trabalho parece tão mais importante e tão irremediavelmente imenso. E, sozinho, sinto-me como sete criadas com sete vassouras no meu cantinho... certamente ajudaria se o resto do país se rendesse sem combate.

Em 17 de agosto, depois de 38 dias de contínuos combates, os aliados declararam vitória na Sicília, levando a guerra para as portas dos fundos do Reich. Àquela altura, a maior parte das forças alemãs havia fugido da captura, cruzando o estreito de Messina em direção ao território italiano. Embora o marechal Badoglio reiterasse o ininterrupto compromisso com a Alemanha nazista, seus emissários secretamente envolviam os aliados nas discussões sobre rendição que estavam sendo realizadas em Portugal. Mas seguindo seus primeiros instintos de que era apenas uma questão de tempo para que a Itália traísse sua aliança, Hitler ignorou as garantias de Badoglio e começou a aumentar a presença militar alemã no país.

As forças aliadas iniciaram a Operação Baytown no dia 3 de setembro e começaram a desembarcar tropas na Calábria, sua primeira cabeça de ponte no continente europeu. Naquele mesmo dia, enquanto os representantes de Badoglio assinavam um acordo de armistício com os comandantes do general Eisenhower na Sicília, o enviado de Hitler, Rudolf Rahn, encontrava-se com Badoglio em Roma, ouvindo as garantias do líder italiano. Os aliados embargaram as notícias da rendição por cinco dias para coincidir com a Operação Avalanche – o desembarque da principal força de invasão em Salerno.

No dia 8 de setembro, Rahn, ainda em Roma, participou, no final da manhã, de uma breve audiência com o rei, que prometeu que a Itália “continuará a luta, até o final, ao lado da Alemanha, com quem está ligada na vida e na morte”. A farsa terminou abruptamente às seis e meia da tarde. Atento à presença dos 55 mil homens das tropas Aliadas a apenas algumas horas do desembarque nas praias de Salerno, e ainda furioso com a mensagem que havia recebido de Badoglio naquele dia, tentando “renunciar” ao acordo de rendição, o general Eisenhower fez um pronunciamento pela Rádio Argel: “O governo italiano aceitou a rendição incondicional de suas forças armadas.” Sem alternativa, Badoglio confirmou a notícia, fazendo seu próprio pronunciamento pelo rádio logo depois. Muitos soldados italianos “jogaram fora as armas”, escreveu um oficial alemão em seu diário, “demonstrando sua felicidade porque agora para eles a guerra tinha acabado”. Nas escuras horas da madrugada, temendo por suas vidas, o rei, Badoglio e outros fugiram de Roma para a remota cidade de Brindisi, no Adriático, deixando as tropas italianas sem comando e, pior, sem ordens.

Forças alemãs assumiram o controle de Roma no dia 10 de setembro, encontrando apenas uma simbólica resistência italiana. Em 24 horas, o Generalfeldmarschall Kesselring colocou todo o território italiano sob controle militar alemão. O papa havia

instruído o comandante de sua Guarda Suíça para que sob nenhuma circunstância resistissem, caso as tropas alemãs violassem a neutralidade da Cidade do Vaticano. Mas será que as forças alemãs realmente usurpariam a autoridade do papa na capital do mundo católico?

O temido momento em breve chegou – primeiro, o som, cada vez mais alto, de botas marchando em uníssono pelas ruas de pedra, seguido pelo aparecimento das tropas da Wehrmacht fortemente armadas. Ao se aproximarem da Praça de São Pedro e das imponentes colunatas de Bernini, entretanto, a marcha foi interrompida. Os alemães postaram guardas, mas não foram adiante.^[10]

No dia 12 de setembro, Hitler recebeu notícias dramáticas. Paraquedistas da SS haviam executado um ousado ataque de surpresa a uma estação de esqui na montanha do Gran Sasso, na Itália central, para libertar Mussolini dos guardas que o mantinham preso sob ordens de Badoglio. “Duce, o Führer enviou-me para libertá-lo”, exclamou o líder da missão, o capitão da SS Otto Skorzeny. Aliviado, Mussolini respondeu: “Eu sabia que meu amigo Adolf Hitler não me abandonaria.” Quarenta e oito horas mais tarde, pálido e abatido, Mussolini chegava ao campo de aviação Rastenburg. A postos para saudá-lo, estavam seu salvador, Adolf Hitler, e seu “protetor”, o general da SS Karl Wolff, recém-nomeado “Líder Supremo de Todas as Tropas e Polícia da SS na Itália”. Hitler informou ao Duce que ele formaria um novo Estado fascista, apoiado pelos nazistas – a República Social Italiana –, mais tarde referida como a República Salò, assim chamada em homenagem à sua capital *de facto*, no lago Garda, perto da cidade de Salò, no norte da Itália.^[11] Mussolini seria o chefe titular, mas, na verdade, Hitler e seus designados – o general da SS Wolff e Rudolf Rahn – dirigiriam o novo governo.

Wolff havia retornado aos quartéis-generais de Hitler no dia 14 de setembro para receber novas ordens do Führer. Hitler queria que, além de suas responsabilidades previamente atribuídas, Wolff providenciasse proteção 24 horas para Mussolini. “Você responde pelo Duce”, ordenou-lhe Hitler. Nunca mais ele devia ser posto em situação de tamanho risco. “Um comando de oficiais da SS não deve jamais perdê-lo de vista.” Isso parecia fácil de compreender – a segunda parte da atribuição não era.

– Agora tenho uma ordem especial para você, Wolff, que preciso apresentar-lhe pessoalmente, por causa de sua importância internacional. Digo-lhe que é sua obrigação não falar com ninguém sobre isso, exceto com o Reichsführer SS [Himmler], a quem já informei, até que eu lhe permita especificamente. Está compreendendo?

– Sim, meu Führer! – respondeu Wolff.

– Assim que seja possível, quero que você e suas tropas ocupem o Vaticano e a Cidade do Vaticano, como parte das medidas defensivas alemãs contra a execrável “traição de Badoglio”. Assumam o controle dos arquivos do Vaticano e de seus tesouros artísticos, de valor incomparável, e escoltem o papa (Pio XII), junto com a Cúria, até o norte “para a sua proteção”, para que não caiam nas mãos dos Aliados e permaneçam sob sua influência política. Dependendo dos desdobramentos políticos e militares decidirei se vou acomodá-los na Alemanha ou no neutro Liechtenstein.

“Haverá muita gritaria e comoção no mundo inteiro”, admitiu o Führer, “mas isso se acalmará. Será uma bela conquista... Quanto tempo você vai levar para executar a missão?”, perguntou o Führer.

Himmler havia instruído Wolff sobre essa missão antes da reunião, mas ouvir Hitler descrever suas intenções chocou o general da SS. Ele lutou para pensar numa resposta, que parecesse verossímil enquanto ganhava tempo.

– Francamente, não tenho certeza, meu Führer. A maior parte das minhas tropas da SS e da polícia ainda não chegou. No momento, estou tentando recrutar voluntários entre a população do sul do Tirol e os fascistas italianos que restaram para reforçar nossas tropas. Porém, mesmo com a maior atenção, isso toma todo o meu tempo.

Em seguida, Wolff explicou que tal operação exigiria localizar especialistas fluentes em latim e grego para ajudar na análise dos imensos arquivos do Vaticano. Ele estimou que precisaria de umas seis semanas.

– Isso me parece muito tempo! – exclamou o Führer. – Eu preferiria lidar com o Vaticano imediatamente e resolver isso logo. – Mas depois de alguns tensos segundos, Hitler pareceu resignado a esperar e acrescentou: – Quando se quer um resultado de primeira classe, não se pode esperar que ocorra da noite para o dia.

Em 1º de outubro de 1943, a rádio alemã anunciou: “O presidente dos Estados Unidos e a Comissão Europeia para Monumentos e Tesouros de Arte, uma organização formada por ladrões e judeus, declarou à imprensa que um grande número de mapas está sendo distribuído aos soldados americanos para que possam localizar tesouros artísticos facilmente. Um famoso gângster foi indicado como diretor da comissão.”

Especialistas em propaganda nazista caracterizaram a intenção da Comissão Roberts e o trabalho dos oficiais da Monuments como uma operação de saque premeditado. Quatorze dias mais tarde, a Rádio Roma atualizou a notícia: “Hoje, os primeiros navios deixaram a Sicília rumo a Londres, com preciosas obras de arte, algumas das quais irão para o Museu Britânico e outras para coleções particulares.” Estes dois pronunciamentos pelo rádio marcaram o começo da batalha pela opinião pública italiana. Os americanos não deram uma resposta imediata. Durante meses, os europeus escutariam apenas as versões alemã e italiana da história, gerando medo e suspeita sobre os anglo-americanos que se diziam interessados em proteger obras de arte.

9. Stout também estaria correndo risco, como o líder de fato dos Monuments Men vinculados às forças aliadas ocidentais no norte da Europa.

10. Mais tarde, em 1943, sob insistência do chefe da SS Gestapo, tenente-coronel

Herbert Kappler, uma linha branca foi pintada de um lado a outro da Praça de São Pedro, indicando às tropas alemãs os limites da neutra Cidade do Vaticano. Entretanto, alguns acreditavam que ela servia para lembrar aos ocupantes do Vaticano que eram prisioneiros.

11. Esta é uma referência imprecisa. Salò era uma das muitas cidades do norte da Itália que serviam como quartel-general para várias agências do governo. Salò, entretanto, abrigava o Ministério do Exterior.

CAPÍTULO 5

Dificuldades iniciais

SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1943

Em 25 de setembro, Deane Keller recebeu ordens para se apresentar ao serviço ativo em Fort Myer, Virgínia. Dali, ele esperava se apresentar na Escola de Governo Militar do Exército, no norte da África, como parte da unidade que estava sendo formada para proteger monumentos e obras de arte. Embora ir para a Itália ainda lhe parecesse um sonho exagerado, pelo menos sua jornada havia começado.

Estar no exército excitava Keller. Entre recrutamento e alistamentos, a guerra havia requisitado a maioria dos alunos de sua sala de aula, tirando-lhe boa parte da alegria de lecionar. Haveria contratempos, é claro. Ele disse a si mesmo que não sentiria falta de ter um carro e se tranquilizou por ficar sem seu ateliê de desenho; eram ajustes que ele poderia fazer. Além disso, com lápis e papel, poderia desenhar em qualquer lugar. Mas tomar providências para que seu salário no exército fosse enviado a sua mulher, Kathy, tornava a situação por demais real. Ele combateu a ansiedade escrevendo cartas – muitas cartas – para as irmãs, para seus pais, mas principalmente para Kathy e o filho de 3 anos. A troca de cartas tornou-se seu salva-vidas, como aconteceu com muitos novos soldados.

O pai de Deane lhe enviava cartas intelectuais, discutindo as suas opiniões políticas sobre a guerra. Mas eram aquelas que traziam o toque suave e carinhoso de compreensão de sua mãe que ajudavam a sustentá-lo. Ela lhe escreveu no dia 7 de outubro, reconhecendo que o serviço militar “é um grande sacrifício para você, mas lhe sou grata por ser capaz de ver além e compreender a grande necessidade de que haja homens para ajudar. Acredito que, para o seu próprio bem e para o bem de Dino, você jamais se arrependará. Ele agora diz orgulhosamente: ‘Meu papai é um soldado’. Não sei quem lhe falou isso; suponho que o tenha visto nesse primeiro uniforme”.



If Past Performance Is Any Criterion



A propaganda nazista alemã voltada para os italianos retratava os soldados americanos como bárbaros determinados a dar sumiço nas obras de arte do país. Neste exemplo, um soldado americano, retratado como um gorila negro, está roubando a Vênus de Milo. Os aliados também empregaram propaganda, neste caso sugerindo que os alemães infligiriam a Roma a destruição que já haviam causado a outras cidades europeias. [Esquerda: Massimo & Sonia Cirulli Archive, Nova York; Abaixo: The Ohio State University Billy Ireland Cartoon Library & Museum]

Keller ficou desanimado porque Kathy e Dino agora estavam morando em Hartford com a família dela, tendo decidido alugar a casa deles na rua Armor y, 133, em New Haven, enquanto durasse a guerra. Foi uma atitude prática movida pela escassez de habitações por todo o país, mas sublinhava quantas mudanças a vida dos Kellers, tal como de milhões de outras famílias de militares, estava passando por causa da guerra.

Depois de um mês de espera, as ordens finalmente chegaram. No dia 2 de novembro, Keller embarcou num navio *Liberty* em direção ao norte da África. Como seus

camaradas de bordo, muitos dos quais jovens pracinhas indo para o combate, Keller sentia-se orgulhoso, excitado e com medo. Vinte e dois dias a bordo do navio, com “rações de prisioneiro e alojamentos apertados”, inspiraram a camaradagem entre os homens, diante do perigo pela frente. “O comboio chegou [em Oran, Argélia] com apenas um incidente – um submarino perseguiu um dos navios durante duas horas.” Deixar o navio foi como um prêmio. No Dia de Ação de Graças, Keller juntou seu kit de ração num acampamento a céu aberto, com chão de terra, e informou à sua mulher: “Estamos no norte da África... estou vivendo como um soldado (imagine) numa tenda, barbeando-me a céu aberto... e me lavando em meu capacete de aço.”

Keller passou sua primeira semana num depósito de reposição perto de Oran; em seguida pegou um trem até Argel para a estada de uma noite no hotel da capital – também sede do Quartel-General da Força Aliada. Ali, ele apresentou o cartão marcado SECRETO a um tenente que lhe deu ordem de se encaminhar à Escola de Governo Militar, situada em local remoto, numa encosta da desolada cidade de Tizi Ouzou. No dia 2 de dezembro, depois de finalmente chegar a seu destino, a cerca de 96 quilômetros de Argel, Keller iniciou um curso de dois meses, com foco na história cultural da Itália e sua moderna estrutura governamental.

Em Tizi Ouzou, Keller juntou-se a uma concentração de especialistas em arte. Desde maio de 1943, pequenos grupos de oficiais estavam chegando para a Escola de Treinamento de Civil Affairs. “Desde o início da conquista da Sicília, estivemos envolvidos num novo tipo de tarefa, a de proporcionar um governo para a população conquistada”, explicou o general Eisenhower mais tarde. “Oficiais da Civil Affairs especialmente treinados, alguns americanos, outros britânicos, acompanharam as tropas de assalto e continuamente avançavam para substituir as tropas de combate na tarefa essencial de controlar a população civil.” Esses oficiais eram especializados em áreas de saúde pública, transporte, agricultura, finanças, direito, relações públicas e, no caso dos Monuments Men, em artes.

Mesmo antes de trocar sua gravata-borboleta e a graciosa pelerine pelo uniforme militar, era fácil distinguir Tubby Sizer numa multidão por seu bigode de pontas caídas. Antes de ser incorporado ao exército, Tubby dera palestras em Yale como professor de História da Arte. Famoso por suas entusiásticas apresentações e pela tendência a vagar pelo palco perdido em seu discurso, Sizer havia sobrevivido a pelo menos uma queda do pódio enquanto se dirigia a seus alunos. Mais recentemente, havia servido como diretor da Galeria de Arte da Universidade de Yale. Seus antecedentes eram repletos de incongruências, nenhuma maior do que um homem de 1,80 metro, pesando 68 quilos, ser chamado de “Tubby” (Rechonchudo). Apelidos de infância ficam para sempre. Embora fosse professor em Yale, ele havia se formado *cum laude* em Harvard, na turma de 1915. Tubby finalmente escolheu a vida acadêmica e o serviço público, mas não antes

de passar vários anos tentando fazer um pé-de-meia no negócio de importação e exportação.

A Comissão Roberts cada vez mais pressionava Paul Sachs para apresentar nomes de candidatos para o ser viço na Monuments. Sizer tivera experiência militar como primeiro-tenente no exército durante a Primeira Guerra Mundial e, desde 1942, mantivera o posto como major na Inteligência da Força Aérea do exército – apesar, como ele mesmo disse, “dos equívocos quanto a minha bravura militar e sem lembrar minha idade”. Um novo tipo de guerra havia começado, uma guerra que exigia destruição precisa e não por atacado. Era tarefa de Sachs identificar os soldados para esse combate. Tubby Sizer havia sido uma escolha óbvia.

Sachs tinha outra grande esperança em Norman Newton, um dos arquitetos paisagistas mais competentes da nação. A carreira acadêmica de Newton na Graduate School of Design, em Harvard, que tivera início em 1939, o colocara em contato com Sachs. Newton fora cadete da aviação na U.S. Marine Corps Reserve, em 1918. Embora essa experiência parecesse muito distante do combate, sua familiaridade com o estilo militar fazia dele um candidato mais valioso do que muitos outros que estavam sendo considerados. Sachs sabia que Newton passara três anos na Academia Americana em Roma (de 1923 a 1926), como beneficiário de um Rome Prize. Além de possuir uma empresa de paisagismo particular, Newton também fora arquiteto paisagista residente para a região nordeste do National Park Service durante a década de 1930, trabalhando em vários projetos que incluíam um novo design para o terreno ao redor da Estátua da Liberdade.

No início de setembro de 1943, Sizer e Newton iniciaram oito semanas de treinamento de Civil Affairs na Escola de Governo Militar, em Tizi Ouzou, uma experiência que Sizer caracterizou como “extremamente rebelde”. Aos 51 anos, Sizer curtia o humor da situação. Numa carta a Emerson Tuttle, colega na Galeria de Arte da Universidade de Yale, ele escreveu: “Você acharia graça se visse um bando de homens idosos colocados à prova por jovens segundos tenentes de extração estrangeira.”

O oficial britânico da Monuments, Edward “Teddy” Croft-Murray, curador assistente de Gravuras e Desenhos no Museu Britânico, em Londres, e seu grande amigo Lionel Fielden, pai da radiodifusão na Índia e executivo da BBC, chegaram a Alger no início de novembro. Ao receber ordem de se apresentar em Tizi Ouzou, Fielden perguntou ao amigo: “Céus, o que é Tizi-Ouzou?” Teddy respondeu: “Horrrível, eu acho. Uma espécie de escola. Ninguém sabe quanto tempo vamos ficar lá. Vou escapar disso se puder.”

Nenhum dos homens tinha, na verdade, meios de chegar ao destino indicado. Depois de passarem no Quartel-General da Força Aliada para implorar a intervenção de um oficial de ser viço e amigo, os dois homens tropeçaram no tenente-coronel, Sir Leonard Woolley, também desesperado para chegar à recém-libertada Nápoles para um giro de inspeção. Apesar do posto e do título, “conselheiro arqueológico para o gabinete de guerra”, Woolley não conseguia chegar à Itália.

– Deplorável falta de organização! Aqui estou eu com todos os documentos necessários, e as autoridades internas me querendo de volta, mas dia após dia venho a este gabinete e não há transporte!

Quando a realidade da situação calou os argumentos – não havia como “escapar” de Tizi Ouzou –, alguns minutos de conversa com o oficial de ser viço revelaram um novo problema: o sistema de “Prioridade” do exército. Fielden explicou:

Prioridade I era reservada para os VIPs – pessoas muito importantes – e levava você a qualquer parte. Prioridade II era para generais e semelhantes, e lhes garantia uma passagem moderadamente rápida, desde que houvesse transporte disponível. Prioridade III era para peixinhos menores, mas ainda assim necessários. Poderíamos ter conseguido se alguém precisasse urgentemente de nós, mas eles raramente precisavam. Todas as outras Prioridades não valiam a pena.

Depois de explicar que Woolley era um arqueólogo de fama mundial e chefe dos esforços da Grã-Bretanha para proteger tesouros culturais, o oficial de ser viço respondeu:

– Bem, bem, não sabemos nada a respeito dele aqui. Talvez ele devesse ter Prioridade II... Eu só lhe dei [Prioridade] III, o que significa que ele jamais chegará lá.

Dias depois, Fielden e Croft-Murray chegaram a Tizi Ouzou, sentados no assoalho de um caminhão de transporte de tropas durante toda a longa, fria e esburacada viagem. A escola, tal como era, consistia de aglomerados de prédios semiacabados, sem portas ou janelas, cada um com o nome de uma cidade aliada, entre elas “Londres”, “Manchester” e “Washington”. Segundo Fielden, os prédios “transbordavam com 400 oficiais idosos, dos quais 350, por ocasião da nossa chegada, eram americanos... Dificilmente já se viu um grupo com aparência menos militar”.

Quando Keller afinal chegou a Tizi Ouzou, Fielden e Croft-Murray haviam completado seu treinamento e partido. Sizer e Newton também. No dia 12 de dezembro, ele escreveu aos pais para relatar que estava bem de saúde, proferindo o mesmo tipo de palestra que havia feito em Yale tanto para oficiais britânicos quanto para americanos. Ele também continuava com seus desenhos, enviando esboços da população local para os amigos. “Disparei uma carabina, um revólver .45 e um fuzil metralhadora Thompson, tendo mais êxito com a última. Acertei 9 de 10 tiros em rajadas e todos os três tiros isolados dentro do anel interno. Foi uma nova experiência.” Ele lhes contou que a presença de um pequeno grupo de homens de quem havia sido professor em Yale o fizera “sentir-se menos como uma ovelha desgarrada” naquele novo ambiente.

O primeiro Natal sem a família foi um golpe para Keller. “Querida Kathy... Enquanto escrevo, vocês terão terminado o café da manhã e aberto as meias. Posso imaginar Deane atrapalhado com as fitas e papéis dos seus embrulhos e a expressão de curiosidade em seu rosto. O que comprou para ele?” Por mais que tentasse criar uma

sensação de normalidade, Keller não podia ignorar a realidade. “Falei esta manhã com um pracinha britânico que passava seu quinto Natal longe de casa. E quando se pensa nos rapazes lá na frente de combate, você retira todas as queixas e sentimentos pessoais... O Natal deles não pode ser feliz.”

Como no caso de Croft-Murray, Woolley e muitos outros em Tizi Ouzou, a desilusão baixou em Keller depois de apenas cinco semanas. Ele queria colocar em prática seu conhecimento e experiência, e não ficar sentado num lugar que gostava de chamar “Toozy Woozy”. “Ouço falar que tem muito o que fazer na Itália e espero que chegue logo o dia para isso”, escreveu a Kathy “Ao contrário de outros, tenho muita fé neste trabalho e quero a minha chance.”

CAPÍTULO 6

Uma nova ordem

DEZEMBRO DE 1943

O processo do exército aliado de transferir os oficiais da Monuments para a zona de guerra *depois* de começadas as operações de combate tornava o trabalho de “proteção” impossível. Mason Hammond e um punhado de oficiais que finalmente desembarcaram na Sicília semanas depois da invasão passaram grande parte do tempo em operações de salvamento. A Sicília tinha centenas de prédios precisando de atenção. Havia monumentos demais e muito poucos Monuments Men. Os acontecimentos em campo os impediam de solucionar problemas de transporte, auxiliares e suprimentos. Eles escreviam relatórios – muitos relatórios – explicando a situação e suas necessidades, mas inicialmente ninguém com autoridade em Washington prestava atenção. Conforme Hammond observou com humor: “Canais militares são como um túnel (não dirigi esgoto), onde você coloca coisas numa extremidade, e, na maioria das vezes, jamais saberá onde ou quando elas saem.”

No final de novembro, apenas semanas depois de sua designação em Palermo, Tubby Sizer vislumbrou uma amostra de com o que Mason Hammond vinha lidando há meses:

É uma curiosa cidade de pobreza & abundância, fila de mendigos & tortas maravilhosas, fios telefônicos esticados pelo Corpo de Sinais sobre as cabeças & braços esticados de santos de mármore, montes de entulho abandonado em vielas, igrejas barrocas bombardeadas, castanheiros, nogueiras, amendoeiras & laranjeiras torradas, depósitos de salvos de incêndios & hospitais, blecautes & abrigos antiaéreos. As coisas que repercutem [sic] mais no cotidiano são a falta de vidro – a maior parte das janelas está despedaçada, falta de água (tenho de encher meu capacete & me lavar nele de manhã e de noite), constante comida de pracinhas (todos os restaurantes estão em zonas interditas) & o frio (nunca se está bastante aquecido).

Experimentar a situação pessoalmente deixou Sizer admirado com as realizações de Hammond na Sicília. Poucos dias depois do desembarque, ele observou: “Tudo que valia a pena já havia sido magnificamente realizado por Mason Hammond.” (Ainda esperando cruzar caminho com Deane Keller, ele acrescentou: “Nada de Keller ainda.”) No início de dezembro, entretanto, a provação de Hammond havia cobrado seu tributo. Depois de ignorar a saúde durante todo o verão, Hammond ficou tão doente que acabou tendo que se internar num hospital em Palermo. Sizer escreveu a um amigo em comum, Paul Sachs, para dar a triste notícia: “M. H. [Hammond] literalmente se matou de

trabalhar & há dez dias está no hospital – sai em breve.” Além de exaustão, Hammond também sofria de grave disenteria.

Hammond atribuiu seu problema de saúde ao “rancho em Siracusa, onde as moscas, tal como os humanos, haviam se banquetado igualmente com a comida ser vida.” Duas semanas de muito sofrimento depois, o hospital lhe deu alta. Não obstante, Hammond permanecia animado. “Ele encontrou por acaso com uma oficial da WAC (Women’s Army Corps) que estudava arqueologia”, escreveu Sizer a Sachs, “descobriu que ela era do rancho, levou-a a todos os cozinheiros para passeios turísticos & como resultado conseguiu um prato fundo de torta de maçã dia sim, dia não.” Sizer acrescentou em outro comentário: “Mason Hammond realizou o mais longo & melhor trabalho.”

Para surpresa dos primeiros Monuments Men a chegar, mudanças no final do outono de 1943 favoreceram sua autoridade e melhoraram sua eficácia. Uma nova organização, conhecida como a Comissão de Controle Aliado (ACC), dividiu a Itália em regiões (Região I, Sicília; Região II, sul da Itália; Região III, Nápoles, e assim por diante), e em seguida enviou equipes do Civil Affairs, inclusive oficiais da Monuments Men, para cada região. Enquanto alguns Monuments Men estariam trabalhando fora dos quartéis-generais da MFAA, outros estariam diretamente vinculados aos governos militares do V Exército dos Estados Unidos e do VIII Exército Britânico no campo. Esta mudança na estrutura rompeu o bloqueio em Tizi Ouzou e resultou num súbito afluxo de Monuments Men às áreas de combate.

No início de dezembro, o número de oficiais da Monuments Men na Sicília aumentou do inicial exército de um homem só – Mason Hammond – passando a incluir Fred Maxse, Tubby Sizer, Norman Newton, tenente Perry e Cott, major Bancel LaFarge, assim como oficiais britânicos, major Paul Baillie Reynolds e capitão Teddy Croft-Murray. Sua solicitação de uma equipe de apoio também tinha sido ouvida. Três homens alistados receberam ordens para se apresentar para trabalhar no escritório: sargento Nicholas Defino, cabo D. Pascale e sargento Bernard Peebles. Mais oficiais, que completavam seu treinamento em Tizi Ouzou, chegariam em breve.

Durante essas mudanças estruturais, a operação Monuments recebeu um novo nome, que surpreendeu Mason Hammond mais do que qualquer outro. “Disseram-me na Sicília que meu sotaque de Boston fazia Fine Arts and Monuments [Belas-Artes e Monumentos] soar para nossos colegas britânicos como ‘Finance and Monuments’ (Finanças e Monumentos), então mudaram o nome para Monuments, Fine Arts and Archives (Monumentos, Belas-Artes e Arquivos)” ou MFAA.

Outras mudanças estavam em marcha. Sob as ordens do comandante em chefe na Força Aérea norte-africana, o marechal-chefe-do-ar britânico, Sir Arthur Tedder, o professor britânico Solomon “Solly” Zuckerman, chefe da Missão Aérea Especial da RAF, requisitou listas preliminares de cidades cuja excepcional importância cultural

deveria ser contrabalançada a objetivos militares em futuros planejamentos operacionais. Isso sinalizava um mar de mudanças no procedimento existente. Agora os Monuments Men usufruíam de comunicação direta com o Comando Aéreo do Exército. Ninguém queria outro incidente constrangedor, como os do recente bombardeio de Pompeia. Os aliados haviam voado em pelo menos 11 missões, lançando 156 bombas sobre postos de comando alemães suspeitos ao redor do antigo sítio arqueológico, e conseguindo pouca coisa além de matar, repetidas vezes, os mortos de Pompeia. A porção sul do sítio jazia em escombros; o Antiquário de Pompeia estava “parcialmente demolido” com “graves perdas para a coleção”. Ironicamente, a data do primeiro ataque aéreo de surpresa aliado – 24 de agosto – marcava o 1.864º aniversário da devastadora erupção do monte Vesúvio.

O oficial da Monuments Fred Maxse soube que Zuckerman requisitara listas revistas porque a submissão original não indicava claramente qual a prioridade de importância de cada sítio. Esse era exatamente o tipo de envolvimento e retorno que os Monuments Men vinham buscando. Foi a primeira vez que alguém dentro do comando do exército expressou interesse por sua expertise. Zuckerman foi tudo menos sutil em sua análise de alvos: “Se a Itália inteira tivesse que ser destruída exceto uma cidade, que cidade você escolheria? Se duas cidades tivessem permissão para permanecer, quais seriam elas?”

No dia 8 de dezembro, Maxse, Sizer e Baillie Reynolds apresentaram a Zuckerman a lista revisada, contendo os nomes de 46 cidades italianas, mais três na costa da Dalmácia. Mais do que satisfeito, Zuckerman expressou sua esperança de que futuras operações fossem coordenadas por intermédio dos oficiais da Monuments. A esta altura, os Monuments Men haviam apresentado a Washington mais de cinco meses de relatórios e enviado inúmeras cartas a associados nos Estados Unidos, pleiteando que alguém com autoridade considerasse as mudanças que eles propunham. Seus esforços haviam finalmente sido compensados – e não foi sem tempo diante dos relatórios que chegavam de Nápoles.

O major Paul Gardner foi o primeiro oficial da Monuments a chegar a Nápoles, Gardner deixou o Instituto de Tecnologia de Massachusetts para servir no exército americano durante a Primeira Guerra Mundial. Ao retornar, passou nove anos como dançarino de balé e coproprietário de uma escola de dança. Só então retomou seus estudos. Homem de interesses variados, Gardner mais tarde ingressou na Harvard Graduate School, onde participou do programa de Estudos de Museus, de Paul Sachs. Em 1932, enquanto ainda aluno de pós-graduação, ele aceitou um posto de assistente na nova Galeria William Rockhill Nelson e Museu Mar y Atkins de Belas-Artes, na cidade do Kansas, Missouri, para ajudar a supervisionar a entrada de carregamentos para a coleção. Seu *pedigree* de Harvard fazia dele uma excelente aquisição; no ano seguinte, ele se tornou o primeiro diretor do museu.

Para sua surpresa, Gardner recebeu ordens para se apresentar em Ischia, uma ilha vulcânica montanhosa no golfo de Nápoles com população relativamente pequena e monumentos ainda menos numerosos. Enquanto as forças aliadas batalhavam para

liberar Nápoles, a terceira cidade mais populosa da Itália, Gardner tinha pouco mais a fazer além de contar as estâncias termas da ilha. De seu ponto de vista, a operação Monuments, Fine Art, and Archives parecia estar ficando pior, e não melhor.

Gardner só chegou a Nápoles, uma das cidades mais bombardeadas da Itália durante a guerra, no dia 19 de outubro. A cidade estava em ruínas, parte do custo de conquistar uma cabeça de ponte no continente e ganhar acesso às suas excelentes facilidades portuárias. Num esforço para impedir o uso do porto pelos aliados, as forças alemãs afundaram todos os navios no ancoradouro. O que o inimigo obstinadamente não havia destruído, os bombardeios aliados despedaçaram. Todos os serviços essenciais haviam sido danificados ou destruídos, inclusive refinarias de petróleo, usinas siderúrgicas, tubulações de esgoto, estação telefônica, geradores de energia elétrica e, a preocupação mais imediata, o principal aqueduto. A ausência de água corrente e escassez de comida adicionavam um peso sobre as tropas aliadas, agora responsáveis por alimentar as centenas de milhares de cidadãos da cidade.

A mudança de fidelidade da Itália fora um duro golpe para os soldados alemães, especialmente aqueles que mais tarde lutaram e sobreviveram à batalha por Nápoles. Eles haviam perdido camaradas durante a luta. Contundentes observações que chegavam de Berlim sobre a “traição de Badoglio” alimentavam a sensação de terem sido traídos. A raiva resultante reclamava uma vítima proeminente e inocente: a Universidade de Nápoles. Fundada no ano de 1224, a instituição se vangloriava de ter tido em seu corpo docente Tomás de Aquino e muitos outros eruditos legendários. O reitor da escola, dr. Adolfo Omodeo, descreveu os eventos de 12 de setembro.

Alguns patrulheiros alemães atacaram de surpresa dois pobres marinheiros italianos bem do lado de fora do nosso portão; eles os despiram de seus uniformes e os espancaram. Um deles demonstrou medo; e ficou decidido lhe dar um tiro na hora de modo a terem um pretexto para extravasar a fúria contra os prédios da universidade. Os alemães vasculharam as casas vizinhas, caçaram seus moradores e os forçaram a observar, ajoelhados, enquanto a cruel execução era realizada. Com tiros de seus carros blindados, eles arrombaram nossos portões, e ao entrar já começaram a destruir as inscrições nas quais a universidade havia registrado os nomes de seus mortos na Primeira Guerra Mundial; em seguida, derramaram torrentes de gasolina por toda parte... e, enquanto as salas de aula queimavam como piras, eles arrastaram os infelizes reféns até um município vizinho, onde, no dia seguinte, 14 carabinieri, cujo único crime tinha sido resistir à destruição da estação telefônica central, foram fuzilados... Não foi um incidente fortuito; nem uma explosão irresistível de fúria provocada pela guerra, mas um plano, cuidadoso, traçado com gélida perversidade, mal camuflada por um crime envolvendo a morte a tiros de um marinheiro inocente.

Gardner pôde fazer muito pouco para ajudar a universidade, mas a experiência serviu como mais um incentivo para os Monuments Men protegerem os prédios remanescentes

– não só dos alemães, mas também de bem-intencionadas tropas aliadas. A maioria daqueles rapazes, especialmente os americanos, jamais haviam viajado para fora de seus países; muitos não tinham se aventurado para longe de suas casas ou fazendas. Conquistar a “imortalidade pessoal”, gravando seus nomes num prédio antigo ou recolhendo artefatos como souvenir, era uma tentação constante. Como Tubby Sizer obser vou: “Uma porta trancada é um irresistível desafio para um pracinha americano.”

Ao saber que o Museu Nazionale havia sido requisitado como depósito médico, Gardner escreveu um sensato relatório. Depois de explicar a importância da coleção do museu, ele obser vou: “A contínua requisição e pilhagem de monumentos históricos em Nápoles está fornecendo exatamente o tipo de propaganda que os alemães e os fascistas usam com notável resultado.”

Apesar do bem-sucedido lançamento do trabalho da seção de Monuments na Sicília e em Nápoles, seus oficiais ainda não tinham autoridade de comando além de obser var e relatar. Nem tinham um retalho para identificá-los ou a sua atribuição. Eles podiam colocar cartazes de ENTRADA PROIBIDA em estruturas históricas e culturais, mas como ninguém, além de uns poucos oficiais de Civil Affairs que sabiam quem ou o que era um oficial da Monuments, a maioria das tropas os ignorava. Afinal de contas, é muito difícil ordenar a um comandante de campo empoeirado, morto de cansaço e frustrado, muito menos a um pracinha, com sorte de encontrar um prédio com telhado intacto e alguma forma de água corrente, que desocupe o local e se acomode em outro lugar só porque aquela velha estrutura poderia ser importante para um historiador da arte. Cerca de 960 quilômetros e numerosas cidades e vilarejos separavam Nápoles da fronteira norte da Itália; este foi apenas o início da luta.

Os problemas de alojamento em Nápoles ressaltavam outra questão recorrente. Sem oficiais superiores ou endosso de sua missão por líderes militares aliados, os oficiais da Monuments não tinham autoridade para dar ordens. Membros da Comissão Roberts emitiram apelos ao *staff* do general Eisenhower. O chefe do Estado-Maior do Exército, general George C. Marshall, já havia passado um cabograma para Ike, no dia 14 de outubro, dizendo: “Proteção a monumentos artísticos e históricos na Itália é tema de grandes preocupações para muitas instituições e sociedades.” Relatos de soldados aliados vivendo em alguns dos mais famosos monumentos culturais de Nápoles, tratando-os como botequins, não era o que o chefe do Estado-Maior tinha em mente. O fato de o general Marshall fazer questão de dizer algo tão óbvio ressaltava sua importância e ser via como advertência para que Ike procedesse com muito cuidado. Muita gente, de todos os lados, estava de olho; erros saíam muito caro.

No final de novembro, o conselheiro britânico da Monuments, tenente-coronel Sir Leonard Wooley, que finalmente conseguiu prioridade de transporte de Tizi Ouzou para a Itália, inspecionou Palermo e Nápoles em meio a horríveis relatórios de danos e, de

interesse mais imediato, de pilhagens e destruição inadvertida por soldados aliados. Aos 63 anos, Woolley já estava havia muito estabelecido como um dos importantes arqueólogos do mundo, mas desde 1941 também havia se tornado um respeitável membro do *staff* do Ministério da Guerra britânico. Em três ocasiões diferentes em 1943, Woolley encontrou-se com o primeiro-ministro Churchill para tratar de seu trabalho sobre propriedade cultural. Ele retornou ao Quartel-General da Força Aliada, em Alger, no princípio de dezembro para informar ao general Eisenhower sobre os danos causados pelas tropas aliadas em Nápoles. “Sugiro... uma ordem geral no sentido de que nenhum prédio registrado como monumento histórico nas listas impressas no Manual das Zonas possa ser usado com objetivos militares sem a permissão especial de um comandante em chefe.”

Uma semana mais tarde, o secretário assistente de Guerra, John McCloy, apresentou a Eisenhower um memorando resumindo observações de uma recente visita de inspeção que havia feito à Sicília e a Nápoles. Seu memorando tratava das questões levantadas por Woolley, registrando o “uso desnecessário” de monumentos históricos por soldados.

Crimes estão sendo cometidos em nome de necessidades militares que penso poderiam ser evitados por algum pronunciamento da sua parte... Estamos publicando muitos artigos nos Estados Unidos quanto ao bom trabalho dos exércitos na Itália, respeitando os grandes monumentos nacionais, mas fiquei um pouco chocado com o modo como a coisa estava funcionando em Nápoles... Não poderia ser montado algum método eficiente por meio do qual gente do governo militar [oficiais da Monuments] pudesse ter autoridade para vetar o uso dos grandes monumentos para alojamento, salvo se indeferido pelo comandante geral? Agora eles têm que ceder em praticamente todos os casos.

O peso e a força cumulativos da advertência, feitos em meados de outubro pelo general Marshall sobre a importância de proteger os tesouros culturais da Itália, seguidos pelos sucessivos avisos de McCloy e Woolley, além dos relatórios dos próprios oficiais da Monuments, finalmente produziram uma mudança. Em 29 de dezembro, o general Eisenhower emitiu uma diretiva que colocava a responsabilidade de proteger propriedades culturais diretamente sobre os ombros de *cada* comandante e, por sua vez, de *cada* oficial e de *cada* soldado. E também, pela primeira vez, apresentavam-se os oficiais da Monuments (referidos como “oficiais A.M.G.” – Governo Militar Aliado) a todos de uniforme.

A: Todos os Comandantes

Hoje estamos combatendo num país que tem contribuído muito para nossa herança cultural, um país rico em monumentos que, por sua criação, ajudaram e agora em sua antiguidade ilustram o crescimento da civilização que é nossa. Temos a obrigação de respeitar esses monumentos na medida em que a guerra permitir.

Se tivermos de escolher entre destruir um prédio famoso e sacrificar nossos próprios

homens, então as vidas de nossos homens contam infinitamente mais e o prédio deve ser destruído. Mas a escolha nem sempre é tão distinta assim. Em muitos casos, os monumentos podem ser poupados sem qualquer detrimento de necessidades operacionais. Nada pode ir contra o argumento de necessidade militar. Esse é um princípio aceito. Mas a expressão “necessidade militar” às vezes é usada onde seria mais fiel à realidade falar de conveniência militar ou mesmo de conveniência pessoal. Não desejo que isso encubra negligência ou indiferença.

É responsabilidade dos comandantes superiores determinar, através dos oficiais da A.M.G., as localizações de monumentos históricos, estejam eles imediatamente diante de nossas linhas de frente ou em áreas ocupadas por nós. Esta informação, passada a escalões inferiores pelos canais normais, cria a responsabilidade dos comandantes de agirem de acordo com o espírito desta carta,

DWIGHT D. EISENHOWER

A diretriz de Ike era ousada; era concisa; e agora era a política oficial. Seu chefe de Estado-Maior, general de divisão Walter Bedell Smith, emitiu uma ordem para acompanhá-la, fornecendo detalhes mais específicos sobre como esta nova política devia ser implementada. Woolley observou que as palavras de Ike “deixavam claro que a responsabilidade pela proteção de monumentos estava com o exército como um todo e não com o especialista [oficial da Monuments]”. Até Churchill avaliou a questão: “A fraqueza da organização Monuments and Fine Arts no passado... se deveu ao fato de que... dependia de um corpo externo de civis sem contato com o exército... As novas disposições que têm sido elaboradas à luz da experiência são bem calculadas para promover, até onde as exigências militares permitirem, um esforço mais eficaz para proteger monumentos históricos de primeira importância no futuro.”

Havia muitos problemas pela frente para implementar a nova ordem. Erros continuariam a acontecer. E ela seria colocada à prova em grande estilo dentro de apenas seis semanas. Mas marcou um momento decisivo para os oficiais da Monuments e seu trabalho. Pela primeira vez desde que Mason Hammond havia desembarcado na Sicília, os Monuments Men tinham o apoio do comandante em chefe. O trabalho deles contribuiu em muito para a experiência que Eisenhower levaria consigo para a Inglaterra a fim de planejar a invasão da Europa ocidental, como o recém-nomeado comandante supremo da Força Expedicionária Aliada.

CAPÍTULO 7

Uma turma em dificuldades

SETEMBRO-NOVEMBRO 1943

A despeito da ordem histórica do general Eisenhower, os aliados ocidentais não foram o único exército a conceber a ideia de proteger tesouros culturais durante a guerra. Ironicamente, a Alemanha também o fez, a mesma nação que desde 1939 saqueava os países que havia conquistado e ocupado.

Em 25 de agosto de 1914, menos de um mês depois da invasão da Bélgica pela Alemanha e do início da Primeira Guerra Mundial, soldados alemães que patrulhavam a cidade “aberta” e sem defesas da universidade de Louvain, perto de Bruxelas, foram baleados e mortos. Acreditando que a morte dos soldados tivesse sido obra de franco-atiradores da Resistência, as autoridades militares alemãs primeiro arrebanharam e executaram 248 cidadãos e depois ordenaram que os residentes ficassem postados nas ruas enquanto as tropas alemãs incendiavam suas casas, uma a uma. Os soldados então atearam fogo à biblioteca da Universidade de Louvain, uma das mais antigas e dona de uma das coleções mais excepcionais da Europa. O incêndio destruiu 250 mil livros – cerca de 800 dos quais haviam sido impressos antes de 1500 – e 500 manuscritos com iluminuras. A destruição da biblioteca da Universidade de Louvain se tornou um exemplo notório de destruição arbitrária em tempos de guerra.

O mundo reagiu com indignação rápida e coletiva. Do mesmo modo também as alarmadas autoridades culturais alemãs. Três semanas depois, Wilhelm von Bode, superintendente chefe dos museus da Prússia, propôs que Otto von Falke coordenasse esforços com as autoridades belgas para proteger as obras de arte móveis daquele país. No mês seguinte, o dr. Paul Clemen, um respeitado professor de História da Arte na Universidade Friederich Wilhelm, em Bonn, foi nomeado para formalmente criar e desenvolver um sistema para proteger os monumentos da Bélgica e da França.^[12]

O papel de Clemen como conservador provincial da região do Reno e seu trabalho pioneiro de conservação artística o qualificavam singularmente para se tornar o primeiro líder da *Kunstschutz*, a unidade de “proteção à arte” da Alemanha. Em 1º de janeiro de 1915, ele recebeu um posto das autoridades militares que coordenavam suas responsabilidades de proteção junto aos comandantes na linha de frente de combate. Embora não se possa dizer que seja muito conhecido, o nome de Paul Clemen se tornou favoravelmente associado à proteção de bens culturais durante a Primeira Guerra Mundial. Do mesmo modo, foi o nome de Bode, mais conhecido por sua liderança no Museu Kaiser-Friedrich, em Berlim. “Bens culturais e arte têm que ser salvos para todos os países cultos”, declarou Bode certa ocasião “e... a proteção a obras de arte e

monumentos tem que ser executada em território inimigo da mesma maneira que o é em nosso próprio país.” Mas essa visão teria vida curta.

Em 10 de maio de 1940, a Alemanha nazista invadiu a Europa ocidental e pela segunda vez ocupou a Bélgica. Inacreditavelmente, sete dias depois, a biblioteca da Universidade de Louvain – reinaugurada em 1928, depois de dez anos de reconstrução – foi de novo reduzida a cinzas. Dos 900 mil livros destruídos naquele dia, cerca de 200 mil haviam sido doados por alemães, de acordo com os termos do Tratado de Versalhes. A ironia mais dolorosa era que muitos daqueles livros continham vinhetas *ex libris* com um lema em latim, *Sedes Sapientiae non Evertetur* (A cadeira do saber jamais será derrubada). As forças alemãs afirmaram que tropas inglesas fugindo da cidade de Louvain haviam iniciado o incêndio; uma investigação subsequente atribuiu a responsabilidade à artilharia alemã. A nomeação, menos de uma semana antes, do professor e doutor Franz Graf von Wolff-Metternich como líder da Kunstschutz, com mandato para aconselhar o Alto-Comando alemão sobre a preservação e proteção de obras de arte e monumentos em territórios ocupados, havia começado mal.

As dificuldades que Clemen encontrou para criar e tornar efetiva a Kunstschutz, em 1914, pareciam poucas se comparadas às que confrontavam Wolff-Metternich em 1940. Por ocasião de seu envolvimento, Hitler e o Reichsmarschall Hermann Göring haviam posto em movimento a maior operação de saque do século XX. Grande parte da riqueza cultural do leste da Europa já havia sido roubada ou destruída. Logo, as tropas da Wehrmacht marchariam para as cidades artisticamente ricas de Bruxelas, Amsterdã e Paris, onde a ERR (Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg – Força Tática Especial Rosenberg, assim chamada em homenagem a seu líder, Alfred Rosenberg) iniciaria operações, todas fora do escopo da autoridade de Wolff Metternich.

Como aspirante a estudante de pintura e arquitetura, Hitler havia sido rejeitado pela Academia de Belas-Artes de Viena, mas seu interesse pela arte perdurou. Se serviu para alguma coisa, a rejeição o motivou a provar seus “dons subestimados” ao mundo. Trabalhando com arquitetos jovens, mas já reconhecidos, inclusive Albert Speer e Herman Giesler, Hitler desenvolveu planos para reconstruir cidades inteiras, inclusive sua cidade natal, Linz, na Áustria. Desde o início de maio de 1938, inspirado por uma visita à Galeria Uffizi, em Florença, durante uma viagem à Itália, Hitler aprovou planos que resultaram em um museu extraordinário – o Gemäldegalerie Linz, mais habitualmente chamado de Führermuseum –, que conteria o que ele considerava como os objetos mais importantes do mundo.

Sob a liderança de Hitler, a arte se tornou arma de propaganda. Era usada para promover as políticas raciais nazistas. Durante uma visita em 1937 à “Primeira Grande Exibição de Arte Alemã”, Hitler enfureceu-se com obras que considerava “degeneradas” e as removeu pessoalmente das paredes. Ele aproveitou a ocasião para explicar:

Os olhos de certas pessoas mostram as coisas de maneira diferente do que elas são... homens que veem, ou como eles podem afirmar, "vivenciam", as formas do corpo do povo de nossa nação apenas como as de degenerados retardados, que geralmente visualizam pradarias como sendo azuis, céus verdes, nuvens amarelo sulfurosas e assim por diante... Apenas quero proibir, em nome do povo alemão, que esses pobres indivíduos desafortunados que claramente sofrem de má visão imponham pela força os resultados de concepções equivocadas a seus contemporâneos, ou mesmo que as declarem como sendo "arte".

Pinturas de artistas expressionistas alemães e austríacos, como Ernst Ludwig Kirchner, August Macke e Oskar Kokoschka, foram postas porta a fora dos museus alemães. Logo se seguiram obras de Van Gogh, Picasso, Monet e Renoir, entre muitos outros, como parte de 16 mil objetos declarados "degenerados" e mais tarde vendidos, trocados ou queimados.

O gosto de Hitler pendia para os pintores de língua alemã do século XIX, inclusive Makart, Spitzweg, Böcklin e Grützner, que em sua opinião haviam sido equivocadamente avaliados por aqueles sem talento artístico. Ele também admirava e buscava obras de velhos mestres, tais como Leonardo da Vinci, Jan Vermeer, e dos grandes pintores renascentistas alemães Albrecht Dürer e Lucas Cranach. Hitler pretendia que algumas daquelas obras-primas residissem no Führermuseum; outras seriam distribuídas a uma rede de museus regionais por todo o Reich.

A cada ano, Hitler aumentava sua coleção. Agentes adquiriam para ele obras através de compras legítimas, vendas forçadas e confiscos. Os nazistas emitiram decretos para manter uma cobertura legal, em particular para itens saqueados de judeus. Mas a empreitada se tornou maior; esconder a natureza do crime se tornou mais um exercício de papelada burocrática. Ao estabelecer operações em Paris, a ERR e outras agências nazistas começaram a ter como alvo obras de arte de propriedade de marchands e colecionadores proeminentes na França, inclusive David Weil, Rothschild, Bernheim-Jeune, Seligmann e Kann. Com frequência, caracterizava-se o confisco como "salvaguarda". O pessoal da ERR, então, criava álbuns requintados, encadernados em couro marrom com fotografias das obras, cada título identificando a família de quem o objeto havia sido tomado e incluindo o número de inventário atribuído àquela peça em particular. Para pinturas, o número seria carimbado na parte de trás da armação da tela. (Por exemplo, "R-4888" se referia ao 4.888 item roubado do ramo francês da família Rothschild.)

A apresentação desses álbuns, que incluíam esculturas, peças de mobiliário, joias, pinturas e outros objetos de arte, permitia a Hitler selecionar os itens que ele queria para o Führermuseum ou outro museu que designasse. Esses álbuns o acompanhavam regularmente – da chancelaria do Reich, em Berlim, à Wolfsschanze, no front oriental, e à sua casa na Berchtesgaden.

Com o passar do tempo, as agências de saque nazista ampliaram sua operação à escala industrial. Como Napoleão e outros conquistadores antes dele, o Führer

acreditava que a propriedade de obras de arte projetava poder e um senso de conhecimento superior, colocando-o, assim, entre os grandes homens da história. Mas apenas o poder não explicava a motivação de Hermann Göring; ele também era impelido a possuir beleza. “Talvez uma de minhas fraquezas tenha sido amar estar cercado pelo luxo e sou tão artístico em meu temperamento que as obras-primas fazem com que eu me sinta vivo e iluminado interiormente”, declarou ele certa ocasião.

Raramente a cobiça encontrou um hospedeiro mais compatível que Göring, cuja própria existência passou a ser definida pela abundância. A expansão de sua residência não conseguiu acompanhar o ritmo de sua coleção. Como Hitler, Göring também ambicionava possuir obras de velhos mestres, mas seu gosto era muito mais variado do que o de Fühler. Sua coleção incluía 58 obras atribuídas aos pintores flamengos Peter Paul Rubens e Jan Brueghel, o Velho (32 e 26, respectivamente), 30 pinturas do mestre rococó francês François Boucher; e 16 obras dos coloristas venezianos Ticiano e Tintoretto. Göring pressionou o mercado em busca de obras do pintor alemão Lucas Cranach, o Velho, cerca de 60 pinturas no total.^[13] Mas seu ímpeto de colecionador se tornou indiscriminado, com muita frequência mais centrado na quantidade do que na qualidade.

Em contraste com Hitler, que se apoiava em conselheiros e agentes de compra, Göring assumia um papel ativo e pessoal em suas aquisições. A emoção da caçada se tornou inseparável do prazer de cada aquisição. De novembro de 1940 a 1942, Göring havia feito 20 visitas separadas ao depósito principal da ERR de obras roubadas em Paris, o Museu Jeu de Paume, para fazer seleções para sua própria coleção. Então, ele as mandava embarcar em seu trem particular e despachá-las para a Alemanha. Em agosto de 1942, Göring declarou claramente suas intenções: “Isso costumava ser chamado de saque. (...) Mas hoje em dia as coisas se tornaram mais humanas. A despeito disso, pretendo saquear e fazê-lo de maneira total e completa.” O diretor do Metropolitan Museum, Francis Henry Taylor, caracterizou aquilo de maneira diferente, observando que “nunca, desde os tempos de Napoleão Bonaparte, houve saques por atacado e destruição de obras de arte como os que estão acontecendo hoje nos países ocupados da Europa”.

O saque dos nazistas na Itália se desenrolou de maneira muito diferente do que nos países ocupados do norte da Europa. Hitler fez sua primeira visita de Estado à Itália em maio de 1938. Os moradores de Nápoles receberam Hitler com bandeiras de três metros ostentando suásticas nazistas, penduradas de varandas dos prédios que davam para as ruas onde passou a comitiva de carros. Em Roma, ele e vários líderes nazistas mais graduados passearam pelo antiquíssimo Coliseu, retrazando os passos dos gladiadores. Hitler se deslumbrou com o esplendor da Villa Borghese e sua importante coleção de pinturas e esculturas. Mas foi Florença, uma cidade à qual o general alemão

Alfred Jodl se referiu como “a joia da Europa”, que conquistou o fascínio de Hitler.

Depois de chegar à estação de trens Santa Maria Novella numa tarde esplendorosa de final de primavera, Hitler foi se juntar a Mussolini no banco de trás de uma limusine Lancia Astura Cabriolet conversível para um tour pela cidade. A comitiva desfilou com os dois líderes diante de dezenas de milhares de toscanos, que se enfileiravam pelas ruas do percurso, gritando o nome de Hitler. Nunca a cidade parecera mais imponente. Gigantescas bandeiras vermelhas com a suástica negra se alternavam com aquelas que ostentavam o emblema da cidade – uma flor-de-lis vermelha sobre fundo branco – de todos os prédios e janelas, em torno de 4.340 no total. Nenhum detalhe da visita tinha sido desprezado.

O percurso do cortejo fora planejado para condensar o que seria normalmente uma visita turística de um dia inteiro em 30 minutos – passando pelo Duomo, seguindo para o sul pela lendária avenida comercial da cidade, Via Tornabuoni, então atravessando o rio Arno sobre a Ponte Santa Trinita, uma das principais da cidade. Depois de um breve descanso no Palácio Pitti, os dois líderes seguiram para o norte, mais uma vez pela Piazza della Signoria, passando pela igreja de Santa Croce a caminho da Piazzalle Michelangelo para uma rápida visão panorâmica da cidade.

Em grande contraste com o ritmo acelerado do tour pela cidade, quase duas horas haviam sido destinadas para a atração principal, a visita de Hitler às extraordinárias coleções – que incluíam joias da pintura do renascimento – do Palácio Pitti e da Galeria Uffizi. O professor Friederich Kriegbaum, diretor do Kunsthistorisches Institut de Florença (Instituto de História da Arte) e autoridade mundial sobre a Ponte Santa Trinita, acompanhou o dr. Marino Lazzari, diretor-geral de Belas-Artes e guia oficial

Depois de uma breve caminhada pela coleção Pitti, passando por obras-primas, como a *Madonna da Cadeira* e a *Dama Velada*, de Rafael, o *Cupido Adormecido*, de Caravaggio, e a *Sagrada Família*, de Andrea del Sarto, o grupo entrou no Corredor Vasari, uma galeria construída acima da Ponte Vecchio e assim chamada em homenagem a seu arquiteto, o notável biógrafo e artista do século XVI Giorgio Vasari. Kriegbaum fez uma pausa em uma das janelas voltadas para oeste para apontar ao Führer a beleza e a importância da Ponte Santa Trinita, de quase 400 anos, com o peso de seus três arcos de curvas catenárias – a forma de uma corrente pendente, invertida – graciosamente repousando sobre um par de pilares de pedra em forma de proas. Aquela maravilha de elegância funcional sempre tinha sido atribuída unicamente a Bartolomeo Ammanninatti, um arquiteto e escultor florentino do século XVI. Contudo, Kriegbaum recentemente havia concluído que Michelangelo contribuía para o desenho final, talvez como um “derradeiro presente para sua... cidade natal”. A Ponte Vecchio adjacente, embora substancialmente mais velha, havia sido reconstruída em duas ocasiões anteriores depois de ter sido destruída por enchentes; só podia ficar à sombra de tamanha grandeza. Mas o Führer não queria uma aula de história; sua ponte favorita era a Ponte Vecchio. Ele também admirava o Corredor Vasari, com suas galerias cobertas de autorretratos e grandes artistas, cujas obras enchem os museus florentinos.

O grupo numeroso finalmente chegou ao Uffizi para um tour por sua coleção, na ordem inversa à que faria um turista. Depois de passarem pela *Vênus de Urbino*, de Ticiano, e pela *Doni Madonna*, de Michelangelo, se detiveram numa seção da galeria com vista para o Arno, desta vez para ter uma melhor visão da Ponte Vecchio e admirar os montes de San Miniato e Belosguardo. Então, vieram as salas com pinturas de *Adão e Eva* de um dos mais talentosos pintores alemães – e o favorito de Göring – Lucas Cranach, o Velho; a *Adoração dos Magos*, de Leonardo da Vinci; e *Nascimento de Vênus*, de Botticelli.

Cada pintura tinha sua própria história e lenda; o Führer queria ouvi-las, uma por uma, mas Mussolini, que certa ocasião havia proclamado que “a Itália tem arte demais e bebês de menos”, considerou o tour excessivamente cansativo. O historiador de arte Ranuccio Bianchi Bandinelli mais tarde comentaria que “Mussolini estava entediado porque o tour... estava se prolongando demais. Ele passou por mim e, com um gesto como um convite para andar mais depressa, sussurrou: ‘Aqui precisaríamos de uma semana.’”

Mussolini nunca fora um protetor do patrimônio da nação. Durante os primeiros anos de seu relacionamento, o Führer e seus conselheiros de arte haviam feito pedidos especiais para comprar obras famosas de colecionadores italianos. Tais peças, designadas como *notificati* por causa de sua importância histórica, haviam sido proibidas de jamais deixar o país.^[14] As autoridades italianas objetaram vigorosamente essas vendas, invocando as leis do patrimônio da nação, que protegiam tais obras. Mas Mussolini considerava as leis uma formalidade burocrática. Como Duce, ele as desconsiderou e as vendas foram feitas.

A primeira peça a ir foi *Lancellotti Discobolus*, escultura romana de um lançador de disco, datando de 140 d.C., uma cópia da original que o ateniense Miron havia esculpido no século V a.C. As autoridades culturais italianas a descreveram como “um monumento insubstituível para o nosso conhecimento do *Discobolus de Miron* e da arte deste grande mestre e, em todo caso, dentre as obras mais notáveis de arte antiga”. Naturalmente, a solicitação inicial de exportação foi rejeitada. Mas o conde Galeazzo Ciano, ministro do Exterior – e genro de Mussolini –, descartou as objeções. Logo a escultura partiu para a Alemanha. Outras obras rapidamente a seguiram, inclusive pinturas de Hans Memling e Peter Paul Rubens.

O Reichmarschall Göring então entrou na dança, despachando 34 caixotes de obras de arte para a Alemanha em 1941 e mais 67 no ano seguinte. Independentemente da legalidade de suas aquisições, o governo italiano deveria ter cobrado taxas de exportação, baseadas no valor de mercado das obras, mas em ambos os casos as taxas foram baseadas em avaliações ridiculamente baixas. Os caixotes chegaram lacrados; os funcionários da alfândega não os abriram para verificar o valor do conteúdo. Não tinha importância – o Ministério das Relações Exteriores pagou a taxa por Göring.

Com a queda do governo fascista de Mussolini em Roma e a subsequente mudança de aliados, o conteúdo das bibliotecas alemãs na Itália voltou para sua pátria por ordens

explícitas de Hitler, a despeito de um acordo internacional estipulando que nunca seria removido. O carregamento incluiu a Biblioteca Hertziana e seu rico material sobre Michelangelo e Bernini, e as peças do Instituto Arqueológico Alemão, o mais antigo instituto arqueológico de pesquisa da Europa. Os alemães também evacuaram o Kunsthistorisches Institut, de Florença, fundado por pesquisadores alemães dedicados ao estudo da arte e da arquitetura italianas.

Wolff-Metternich e outros oficiais da Kunstschutz consultaram seus homólogos italianos para debater medidas gerais de proteção, mas uma vez que Mussolini e seu governo reconstituído eram considerados aliados da Alemanha nazista, não um país ocupado *per se*, os italianos eram responsáveis pela proteção de obras de arte localizadas dentro de suas fronteiras. A brutal e gratuita destruição da Universidade de Nápoles por tropas alemãs foi uma indicação precoce – mas não a única – das dificuldades que eles enfrentariam.

No dia 30 de setembro, um bando de soldados alemães nas proximidades da cidade de Nola, agindo por ordens de seu comandante, ateou fogo à *villa* que servia como depósito temporário do conteúdo do Museu Filangieri e dos Arquivos do Estado de Nápoles. O fogo consumiu a coleção de valor inestimável de cerâmicas, objetos de vidro e esmalte do museu, bem como 44 pinturas de artistas, tais como Van Eyck, Botticelli, del Sarto, Pontormo e Chardin. A destruição dos Arquivos do Estado – talvez a mais rica coleção italiana excetuando-se o acervo do Vaticano – resultou na eliminação de 85 mil documentos, alguns datando do ano 1239, incluindo manuscritos, códigos e tratados do Reino de Nápoles; boa parte dos arquivos das famílias reinantes Bourbon e Farnese, e os arquivos da Ordem de Malta. Esses atos criminosos resultaram em perda não só para a Itália, mas para toda a civilização ocidental.

À medida que os aliados impeliavam as forças alemãs para o norte, subindo pela península italiana, o Generalfeldmarschall Kesselring ordenou a seu Serviço de Inteligência que implementasse procedimentos para proteger prédios históricos e obras de arte móveis. Destacou pessoal da embaixada alemã em Roma e historiadores afiliados ao Instituto Histórico Alemão para ajudarem nesse esforço. Sem uma formal operação Kunstschutz, contudo, a segurança dos tesouros culturais da Itália dependia do julgamento discricionário e da benevolência de cada comandante alemão. O incêndio odioso do acervo do Museu Filangieri e dos Arquivos do Estado, em Nola, e o da Universidade de Nápoles demonstraram os riscos desta abordagem.

A destruição em Nola e Nápoles gerou considerável alarme. No final de outubro de 1943, o dr. Bernard von Tieschowitz, chefe da Kunstschutz baseado em Paris, recebeu ordens para se apresentar na Itália para estabelecer uma operação lá. Proteger prédios e obras de arte se tornou sua primeira preocupação. Em um esforço para começar as operações rapidamente, Tieschowitz convocou para o serviço respeitados estudiosos de arte alemães em Roma e em Florença. Graças a seu conhecimento da Itália, um bom trabalho foi feito.

Mas a estrutura operacional da Kunstschutz herdara um defeito inerente. Como os

acontecimentos em Paris e em outras cidades europeias haviam demonstrado, os melhores esforços de seus mais dedicados funcionários para proteger obras de arte móveis podiam ser subvertidos por líderes nazistas alemães a qualquer momento, pondo em risco, senão destruindo, sua credibilidade. O mandato dos oficiais da Monuments, no entanto, havia sido aprovado pelo presidente Roosevelt e endossado pelo general Eisenhower. Ao contrário das intenções dos líderes da Alemanha nazista, seus esforços eram devotados unicamente a vencer a guerra, não a roubar arte.

12. Clemen tinha sido professor de um programa de intercâmbio na Universidade de Harvard, em 1908.

13. Algumas mais tarde foram identificadas como sendo da “Escola de Cranach”.

14. A *notifica* é um procedimento da Superintendência de Herança Cultural que proíbe a exportação da Itália de bens culturais de qualquer tipo, reconhecidos como de significativo valor histórico e artístico.

CAPÍTULO 8

Presentes

OUTUBRO 1943–JANEIRO 1944

Com a liberação e a consolidação de Nápoles completa, as forças aliadas voltaram os olhos para Roma. A distância – apenas 225 quilômetros por estrada – parecia sedutoramente curta, mas a topografia e o tempo chuvoso favoreciam os defensores, lutando sob o comando do Generalfeldmarschall Kesselring.^[15] O comandante alemão usou o terreno a seu favor, estabelecendo uma série de linhas defensivas pesadamente fortificadas, estendendo-se na perpendicular, como costelas ao longo da “espinha” montanhosa em todo o comprimento da Itália. Isso tornou o progresso dos aliados muito lento quase um arrastar, criando impasses que lhes custaram muito caro. As tropas alemãs lutavam uma batalha feroz e então recuavam para a linha seguinte.

Três linhas defensivas haviam sido construídas entre Nápoles e Roma, a última delas, a Linha Gustav passando perto de uma cidade chamada Cassino, ainda a 130 quilômetros a sudeste de Roma. Dos caminhos levando à Cidade Santa, a Rota 7, a antiga Via Ápia, abraçava a costa e passava pela região de alagados, infestada de malária dos pântanos Pontine. A outra – a Rota 6 – oferecia aos aliados um caminho direto de Nápoles a Roma, pelo vale Liri. Mas exigia a passagem por uma sucessão de colinas, cristas de montanhas e posições defensivas de alemães entrincheirados. Como observou o general britânico Sir Harold Alexander: “Todos os caminhos levam a Roma, mas todas as estradas estão minadas.” Uma batalha memorável se aproximava.

O capitão alemão dr. Maximilian Becker compreendia bem que, não importava quem fosse vitorioso, muitos homens morreriam. Como médico destacado para atender ao corpo de elite, da Divisão Herman Göring, uma divisão de paraquedistas panzer ligada à Luftwaffe, independente e experiente em campo de batalha, ele tinha visto o suficiente para imaginar o que estava por vir. Mas aquele confronto seria diferente, porque também ameaçava a Abadia Beneditina de Monte Cassino.

O entusiasmo de Becker pela medicina coexistia com sua paixão por arte e arqueologia. Com um bloco de desenho constantemente a seu lado, ele se maravilhava ao ver a abadia colossal, regiamente empoleirada no afloramento de rocha a cerca de 1.370 metros acima do vale Liri. A construção retangular de pedras brancas do século XIV, se erguendo das pedras acima do cume, era admirada mais por seu tamanho imenso que por sua beleza. Mas a localização e a história da abadia haviam desempenhado um papel notável no desenvolvimento da civilização ocidental. São Benedito, que havia fundado a abadia em 529 d.C., declarou o local sagrado, um centro intelectual, que ele esperava por sua localização, ficasse protegido do mundo profano abaixo. Isolamento tão esplêndido

havia sido muito útil à abadia, mas também oferecia uma posição estratégica irresistível. Seus muros permitiam uma vista panorâmica de todos os movimentos de tropas nos vales adjacentes. O local – e sua singular coleção de livros antigos, manuscritos com iluminuras, documentos papais e obras de arte – havia atraído conquistadores no passado, inclusive as tropas de Napoleão, em 1799.

Sem fortificarem a sucessão de montanhas que cercavam a abadia, as forças alemãs teriam poucas chances de deter o avanço dos aliados rumo ao norte. Era simplesmente a posição defensiva preeminente ao sul de Roma. As tropas alemãs tinham ordens específicas proibindo o uso da abadia em si, mas muitas estavam posicionadas tão perto de seus muros fortificados que, para as forças aliadas abaixo, parecia que estavam no interior do prédio. Becker acreditava que a abadia estava condenada.

Em meados de outubro, agindo sem autorização, Becker desenvolveu um plano para realocar os tesouros da abadia. O plano dependia de ajuda logística do oficial de intendência da Divisão Hermann Göring, tenente-coronel Siegfried Jacobi. Sem caminhões, o plano não poderia ter sucesso. Jacobi, um policial em Berlim antes da guerra, se ofereceu para cooperar, mas comentou com Becker: “Se devemos fazer tudo isso, terá que haver alguma coisa para nós também... ficar com um par de pinturas... Apenas cortá-las fora das molduras e enrolá-las.”

No dia seguinte, ponderando sobre o comentário perturbador de Jacobi, Becker dirigiu pela estrada íngreme e tortuosa até a abadia para seu primeiro encontro com o líder do monastério, o abade Gregorio Diamare, de 78 anos. Entrou pelas portas de madeira maciça do prédio, abaixo de uma única palavra em latim, PAX (Paz), e foi escoltado por um longo corredor abobadado, passando por fileiras de prateleiras de livros, vitrines de vidro e globos enormes, antes de entrar no gabinete de trabalho do abade. Lá, para sua grande surpresa, ele descobriu outro oficial da Divisão Hermann Göring, chamado Julius Schlegel. O tenente-coronel explicou-lhe asperamente que não havia necessidade de Becker se reunir com o abade sobre planos de evacuação porque, por ordens de Jacobi, ele já havia cuidado de todas as providências.

Sem se deixar intimidar, Becker cumprimentou Diamare e seus companheiros monges, e resolveu apresentar seu plano em vez de confiar no que Schlegel pudesse ter dito ao abade. Falando através de um intérprete, Becker explicou exatamente como e por que queria realocar em segurança tantos dos tesouros da abadia e fazê-lo o mais rápido possível. A aparência simples e tranquila de Diamare, com seus ombros curvados e óculos de armação preta e pesada, escondia a esperteza e a experiência de alguém que havia sobrevivido a 34 anos na liderança da abadia, incluindo uma guerra mundial e a política instável entre a Itália e a Santa Sé. Embora o encontro terminasse sem nenhuma conclusão, Becker se manteve esperançoso. No entanto, seria necessária outra reunião.

Naquela noite, a suspeita de Becker com relação a Schlegel diminuiu quando ele soube que o outro havia sido dono de uma firma de transporte em sua cidade natal, Viena, antes da guerra. Isso parecia explicar por que Jacobi havia enviado Schlegel para a reunião com o abade. No dia seguinte, Becker e Schlegel tornaram a subir a montanha

de carro para uma segunda reunião. Quando entraram na abadia, um homem vestido com uniforme de guarda de museu italiano gritou: “Dottore, dottore!” Foram precisos alguns momentos, mas Becker lembrou-se vagamente de ter feito um curativo num leve ferimento em um dos guardas de Pompeia durante uma visita várias semanas antes. Inacreditavelmente, aquele homem havia sido seu paciente.

Falando em voz baixa, o guarda revelou uma verdadeira bomba: ele e outro empregado do museu estavam guardando secretamente os 187 caixotes de obras de arte que as autoridades de Nápoles tinham mandado entregar, em 9 de setembro, em Monte Cassino para ficarem em segurança um dia depois do anúncio da rendição italiana. O carregamento incluía pinturas e bronzes do Museo Nazionale, algumas de sítios antigos, como Pompeia e Herculano, e outras obras de arte do Museo San Martino, da Reggia di Capodimonte, e da Mostra Oltremare.

Muitas das mais inestimáveis obras de arte de Nápoles agora residiam na abadia, inclusive *Danaë*, do prolífico colorista Ticiano; *Cegos Guiando Cegos*, do mestre flamengo Pieter Bruegel, o Velho; e *Flagelação de Cristo*, do pioneiro italiano Caravaggio, uma das telas criadas pelo mestre entre sua fuga de Roma, em 1606, e sua morte dramática, em 1610. Elas estavam em boa companhia, ao lado de pinturas de Masaccio, Botticelli, Bellini, El Greco, Correggio e Caraccis. A Abadia de Monte Cassino sempre tinha sido um repositório de conhecimento, mas, com as notícias espantosas sobre as coleções de Nápoles, Becker se dava conta de que ela também havia se tornado uma fortaleza para a arte.

Enquanto esperava que a segunda reunião com o abade Diamare começasse, Schlegel casualmente apontou para uma escultura medieval próxima e mencionou a Becker que exemplar perfeito ela seria para a coleção do patrono da divisão deles, o Reichmarschall Herman Göring. O comentário despreocupado de Schlegel marcou o tom dos dias que se seguiriam.

O abade tinha muitas perguntas sobre o plano de Becker. Quem poderia culpá-lo? Tudo havia sido arquitetado tão rapidamente que nem mesmo Becker sabia para onde os tesouros da abadia seriam levados. Ele só podia garantir a Diamare que seriam levados rumo ao norte.

– Quer dizer para a Alemanha? – perguntou o abade – uma pergunta razoável, dados os relatos de pilhagens alemãs. Mas depois de ouvir as juras de boa vontade e garantias pessoais de Becker e Schlegel, e com certeza se dando conta de que brevemente uma importante batalha seria travada fora dos muros da abadia, Diamare relutantemente concordou.

Com a permissão do abade, o plano da Divisão Hermann Göring para a transferência dos muitos bens da abadia podia prosseguir. Monges acompanhariam os caminhões com os bens da abadia até dois mosteiros beneditinos em Roma, São Paulo Fora dos Muros e Sant’Anselmo. Os tesouros de Nápoles e outros bens pertencentes ao Estado italiano seriam guardados em confiança em um local a ser determinado, esperando as providências de transferência a serem tomadas com as autoridades do novo

governo italiano. Sob nenhuma circunstância, contudo, Diamare e seu círculo mais próximo deixariam a abadia.

Só a operação de encaixotamento foi uma tarefa hercúlea. Dentre os bens sob a guarda da abadia incluíam-se a Biblioteca de Monumentos e o Arquivo da Abadia, de propriedade do Estado, bem como a Biblioteca Paulina, a Biblioteca Privada dos Monges e a Biblioteca Diocesana, de propriedade da igreja – incluindo cerca de 40 mil pergaminhos datando do século IX em diante; milhares de documentos em papel; 1.200 manuscritos com iluminuras dos séculos IX, X e XI; e 100 mil obras impressas. A abadia também guardava tapeçarias, pinturas e objetos religiosos incrustados de joias. Embalar esses tesouros teria sido uma tarefa assustadora em tempos de paz. Dada a escassez de materiais da guerra, parecia impossível.

Becker e Schlegel começaram por se apropriar da madeira, pregos e ferramentas de uma fábrica de engarramento próxima. Carpinteiros alemães trabalharam lado a lado com refugiados, vivendo dentro dos muros da abadia, para construir os caixotes e depois carregá-los para os caminhões. A cada noite carregamentos partiam para Roma ou para uma instalação de armazenamento não revelada. Em 3 de novembro, passadas apenas três semanas, Becker e Schlegel tinham super visionado o transporte de 100 caminhões inteiramente lotados. Foi um feito notável.

Enquanto Schlegel completava os últimos carregamentos, Becker tornou-se cada vez mais temeroso quanto à disposição dos tesouros de propriedade do estado de Nápoles e decidiu confrontar Jacobi. Sem qualquer explicação, Jacobi entregou-lhe a cópia de arquivo de uma carta que havia enviado ao tenente-coronel Bernd von Brauchitsch, principal assistente de ordens – e conselheiro – do Reichsmarschall Göring.

Becker leu a carta em estado de choque. A divisão pretendia presentear seu patrono com as obras de arte dos museus de Nápoles. Eles queriam que Brauchitsch enviasse um especialista em arte à Itália para fazer a seleção. O aniversário do Reichsmarschall era em janeiro; com a entrega desses presentes grandiosos, aquelas obras singulares e de valor inestimável seriam maravilhosos acréscimos às festividades. Os piores temores de Becker haviam se confirmado.

No dia 10 de dezembro, o *New York Times* noticiou: “Coleção Excepcional de Tesouros de Arte Levada por Alemães da Itália.” O curador do Museo Nazionale em Nápoles, professor Amedeo Maiuro, que tinha sido ferido em um dos ataques dos aliados em Pompeia, declarava: “A responsabilidade dos alemães diante do mundo civilizado será multiplicada, além de toda sua responsabilidade anterior por devastação, saques e pilhagens.” Enquanto falava, Maiuri chorara, “não por si mesmo, nem pela Itália, mas pelas coisas que são a herança do mundo da cultura”. Depois da deliberada destruição por tropas alemãs dos Arquivos de Estado e das pinturas do Museu Filangieri, Maiuri temia que os tesouros de Nápoles pudessem ser os seguintes.

No final de novembro, Becker recebeu o aviso de que um especialista em arte de Berlim havia de fato finalmente chegado à instalação secreta de armazenamento, uma *villa* próxima a Spoleto, cerca de 110 quilômetros ao norte de Roma, que a divisão havia

requisitado como seu depósito de materiais. Becker dirigiu por mais de dez horas por estradas repetidamente submetidas a ataques aliados para chegar à *villa*. Estacionou diante da porta, exausto pela viagem difícil e temeroso com o que encontraria lá dentro. Seu suspense durou pouco. Os caixotes originais de Nápoles haviam sido empilhados no centro da área de recepção. Muitos tinham sido abertos à força, os lacres, violados. Material de embalagem cobria o assoalho. A cena parecia uma galeria de arte, com pinturas encostadas contra a parede, como se o curador tivesse acabado de desempacotar suas últimas aquisições. Becker havia flagrado uma operação de saque, iniciada pela Divisão Hermann Göring.

Fer vendo de raiva, Becker não se conteve:

– Há alguns negócios incrivelmente escusos ocorrendo aqui! – Isso atraiu a atenção dos soldados no aposento, bem como do especialista de arte. Becker informou-lhe que membros da recém-formada *Kunstschutz*, na Itália, haviam recentemente visitado o depósito de materiais, inspecionado as pinturas e partido, satisfeitos de que todo o conteúdo estava intacto. Ele, então, ameaçou denunciar as atividades do especialista em arte a seus superiores se qualquer pintura ou objeto deixasse o depósito de Spoleto sem a autorização do *Generalfeldmarschall Kesselring*.

Ao retornar de Spoleto, Becker encontrou Jacobi e explicou o que havia presenciado. Longe de se colocar na defensiva, Jacobi justificou o direito de Hermann Göring de cobrar uma recompensa legítima – uma comissão pela boa ação – por ter transportado e salvo tesouros de arte de uma zona de guerra em benefício da Itália.

Autoridades italianas do mundo da arte cercaram Tieschowitz, o representante da *Kunstschutz*, pouco depois de sua chegada à Itália, desesperadas em saber qual era o estado das coleções retiradas de Monte Cassino. Tieschowitz subsequentemente interrogou tanto Schlegel quanto outro oficial, provavelmente Jacobi. As respostas que recebeu resumiam a arrogância da Divisão Hermann Göring.

– Não retiramos [a coleção] das mãos dos padres só para entregá-la de volta à Igreja. Este material pertence à Alemanha! – Depois que Tieschowitz informou a ambos os oficiais que suas ordens determinavam que a Divisão Hermann Göring entregasse ao Vaticano os tesouros anteriormente abrigados na abadia, eles exclamaram:

– O senhor está estragando tudo!

Tieschowitz então acertou uma reunião com Kesselring para conseguir sua ajuda de modo a obrigar a Divisão Hermann Göring a devolver as obras de arte desaparecidas, mas sem sucesso. Já tendo lidado antes com a divisão, dotada de opinião e iniciativa independentes, que “não cumpriu absolutamente as ordens que emiti”, Kesselring sabia que gastar valiosa moeda política lutando contra o *Reichsmarschall* seria inútil.

Durante o outono de 1943, o general da SS Karl Wolff conseguiu retardar seu relatório a Hitler sobre a tomada de controle do Vaticano. Ele usou esse tempo para se informar

sobre a estrutura de poder medieval na Itália. As cidades-estado e os reinos só haviam se unido como nação em 1871, apenas 72 anos antes. A maioria dos partidos políticos do país eram ainda mais recentes. Mas a autoridade da Igreja Católica datava de séculos. Da perspectiva de Wolff, fazia sentido desenvolver um bom relacionamento com os dignitários de alto escalão da Igreja, não encarcerá-los, e depois usar seu poder como chefe da SS para conceder favores a autoridades eclesásticas e outras à medida que os inevitáveis pedidos especiais surgissem. Mais tarde, Wolff se referiu a isso como sua “política de mão branda”.

No princípio de dezembro, Wolff retornou aos quartéis-generais de Hitler para submeter sua recomendação ao Führer. Durante seu tempo como oficial de ligação da SS, Wolff havia estudado as muitas abordagens tomadas por outros em reuniões com Hitler. Por experiência, ele sabia que uma reunião bem-sucedida com o Führer dependia de vê-lo privadamente, e que qualquer coisa dita tinha que ser sustentada por fatos apresentados de maneira fria e resignada. Empurrar a culpa para outros só faria enfurecê-lo. “O Führer e eu falávamos a mesma língua”, comentou Wolff em certa ocasião. “Ambos fomos soldados na frente [de combate] da Primeira Guerra Mundial.”

Wolff começou a reunião explicando a exaustão do povo italiano com a guerra. “O humor da população com relação aos alemães ainda não é diretamente hostil, mas, devido às destruições contínuas em solo italiano e às baixas entre a população civil, eles nos consideram como sendo prolongadores impopulares da guerra.” Ele então debateu a “autoridade indisputável” da Igreja Católica, sublinhando sua influência bastante superior sobre os italianos do que a República Social reconstituída de Mussolini:

Depois que reconheci esse fato, imediatamente e em qualquer oportunidade – principalmente para petições por misericórdia vindas do alto clero para italianos presos e condenados – tentei restabelecer um bom contato com dignitários da alta hierarquia da Igreja e do Vaticano, o que finalmente conduziu à minha proposta [às autoridades da Igreja: “Eu protejo suas instituições eclesásticas e sua autoridade entre os italianos enquanto as forças de ocupação alemãs protegerão suas propriedades, seus bens e sua vida; e os senhores, em suas áreas, manterão a população sossegada e a desencorajarão de ações contra a autoridade alemã.”

Com as forças da SS de Wolff já no limite ao oferecer tropas para a linha de frente a Kesselring e Himmler incapaz de enviar reforços à Itália, Wolff instou o Führer a “desistir de seu plano contra o Vaticano e me permitir agir com a determinação necessária, seguindo minha política de ‘mão branda’ com a Itália... Da maneira como vejo a situação, a ocupação do Vaticano e o sequestro do papa teriam enorme repercussão negativa para nós, tanto entre os católicos alemães na pátria quanto no front”.

Hitler pareceu resignado a aceitar a recomendação de Wolff, agradecendo-lhe por sua apresentação e pelos detalhes de sua pesquisa, mas sem antes adverti-lo de se lembrar de que: “Terei de considerá-lo responsável, caso não consiga cumprir sua ‘garantia’

otimista.”

No princípio de dezembro, uma combinação de esforços por parte de Becker, Tieschowitz, autoridades italianas do mundo da arte, apelos ao Vaticano pela congregação de Monte Cassino e um fluxo constante de matérias de jornais no exterior, compeliu a Divisão Hermann Göring a entregar as obras de arte e objetos sob seu controle. Com o pleno apoio das autoridades italianas, havia-se chegado a um acordo de que o Vaticano receberia os itens e os arquivos de propriedade do Estado em duas partes. No dia 8 de dezembro, com as câmeras rodando, 14 grandes caminhões ostentando a insígnia da divisão chegaram a Roma, cruzando lentamente o rio Tibre e estacionando na entrada do Castel Sant’Angelo, anteriormente o mausoléu do imperador romano Adriano. Esta primeira entrega foi uma produção cuidadosamente planejada, destinada a mostrar a divisão e o exército alemão como defensores – não destruidores – da herança da Europa.

Autoridades e altos funcionários observaram enquanto cada caminhão entrava de marcha a ré pelas portas e descia pela rampa de desembarque, onde trabalhadores locais e soldados uniformizados esperavam para descarregar o conteúdo, 367 caixotes no total. Dos caminhões saíram gavetas (retiradas de suas cómodas) cheias de pergaminhos e documentos de arquivo amarrados com fitas de seda, o antiquíssimo globo da abadia e caixotes contendo obras de arte que outrora haviam adornado as paredes do monastério. Schlegel e outros discursaram na breve cerimônia, embora Kesselring tivesse ordenado que o representante da Kunstschutz “não dissesse mais do que três frases... quanto menos fosse dito sobre aquele assunto, melhor”. Seguiram-se apertos de mãos. A Divisão Hermann Göring, o exército alemão e os representantes da Kunstschutz tiveram seu golpe de propaganda.

Várias semanas se passaram antes que a Divisão Hermann Göring devolvesse os objetos restantes – e mais magníficos – de Monte Cassino aos altos funcionários italianos. No dia 4 de janeiro, a máquina de propaganda alemã se preparou para a segunda e última entrega, desta vez a altos funcionários no Palazzo Venezia, em Roma. As câmeras começaram a gravar a chegada de 31 caminhões, contendo 600 caixotes de livros da Biblioteca Nacional, evacuados de outro depósito por Becker, e, finalmente, as coleções de Nápoles. Com a chegada em segurança dos tesouros restantes de Monte Cassino, o complexo e prolongado episódio parecia ter chegado ao fim.

Depois da cerimônia, altos funcionários italianos, inclusive Emilio Lavagnino, inspetor central da Direção Geral de Artes e ex-superintendente das Galerias em Roma e em Nápoles, supervisionou o desembarque. Dos 772 caixotes entregues naquele dia, 172 continham tesouros de Nápoles. Tudo prosseguia sem percalços até que o oficial alemão encarregado do transporte mencionou que fogo de metralhadora inimiga no caminho havia retardado a chegada de dois caminhões.

Os dois caminhões com os caixotes adicionais de fato chegaram a seu destino, para grande alívio dos líderes da Divisão Hermann Göring e do conselheiro de Göring, Brauchitsch. Mas esse destino fora Berlim, não Roma. O *timing* da chegada foi perfeito. As festividades pelo aniversário de Göring seriam em poucos dias. Havia muitos novos presentes para embrulhar.

15. Em novembro de 1943, supostamente por exortação do general da SS Karl Wolff, Hitler removeu o Generalfeldmarschall Erwin Rommel do posto de comandante das forças no norte de Itália e nomeou Kesselring comandante em chefe OB sudoeste e comandante em chefe do exército Grupo C. “Da noite para o dia [Kesselring] havia se tornado o homem mais poderoso da região do Mediterrâneo.”

SEÇÃO
II

ESFORÇO

O que acontece quando este denso tecido de realizações humanas, tão infinitamente precioso, tão incalculavelmente antigo, tão cuidadosamente guardado, é atingido pela força plena da guerra moderna?

– OFICIAL DA MONUMENTS FRED HARTT



CAPÍTULO 9

O primeiro teste

FEVEREIRO 1944

O major Ernest DeWald considerou a diretriz do general Eisenhower, de 29 de dezembro de 1943, “o primeiro terreno oficial sob nossos pés sobre o qual podemos construir”. Mas ainda havia muito a fazer. Os aliados ocidentais não tinham nenhuma tradição de trabalhar com um grupo formalizado de oficiais da seção Monuments. Mesmo com a nova diretriz de Ike, eles somavam apenas 15 homens, em um exército de centenas de milhares.

A transferência dos quartéis-generais da MFAA da Sicília para Nápoles, em fevereiro de 1944, criou uma necessidade imediata de novos oficiais adicionais. Deane Keller, ainda estacionado no norte da África, finalmente recebeu ordens para se apresentar em seu novo posto. Ninguém se deu ao trabalho de dizer a ele o que seria aquela nova missão, mas seu status de Prioridade lhe permitiu escapar da calmaria de Tizi Ouzou e embarcar em um navio para o continente. Ele chegou na noite de 6 de fevereiro na manhã seguinte e se apresentou para o serviço ao Monuments Man original, Mason Hammond. Keller “não trouxe consigo nenhuma cópia de suas ordens de embarque ou de quaisquer ordens destacando-o para a subcomissão [como], seu posto e missão... isso foi feito verbalmente”. Depois de oito meses em seu novo cargo, muito pouco sobre os costumes do exército dos Estados Unidos surpreendia Hammond.

Na mesma noite de sua chegada, Keller escreveu uma carta a Kathy para avisá-la de que havia chegado à Itália: “Eu poderia lhe escrever 50 páginas sobre o que aconteceu comigo... Esta noite, estou alojado em um hotel, esperando cobertores; meu saco de dormir e cobertores caíram do barco durante o desembarque... Carreguei um saco de 40 quilos com tenda e cobertores durante sete voos até o meu alojamento e então o saco com minha tenda e cobertores se encharcou e ficou muito pesado.” A despeito das dificuldades iniciais, Keller permaneceu impávido em sua determinação e propósito, dizendo a Kathy: “Sinto que estou numa cruzada pessoal, e se puder salvar alguma coisa, não importa o quanto seja pequena, para a América e para a Itália, ficarei satisfeito.”

Como precaução de segurança, as regras de censura proibiam os soldados de revelar informações importantes em suas cartas, especialmente referências à sua unidade e localização. Dar conhecimento a Kathy de que havia chegado à Itália era o limite do que ele podia dizer. “Já estive aqui antes e estou no sétimo céu no que diz respeito a isso.” Ela teria que adivinhar onde ficava o “aqui”. Essas regras criavam consideráveis frustrações aos familiares e com frequência exigiam manobras escritas de contorcionismo. Uma das cartas de Keller, enviada um dia depois, incluía a frase

absurda: “Fizemos uma viagem sem incidentes até aqui onde já estive antes.”

“Aqui” se revelou ser a antiga colônia grega de Nápoles, um dos povoaamentos mais antigos da Europa, datando de cerca de 3 mil anos. Mas a Nápoles que recebeu Keller em fevereiro de 1944 pareceu desconhecida. Os napolitanos “alegres” que Keller havia descrito a suas turmas de alunos em Yale, sete meses antes, agora estavam famintos, desabrigados e desempregados. Em setembro de 1943, 20 mil civis já tinham sido mortos durante os 105 raids de bombardeios Aliados à cidade. Muitos sobreviventes estiveram vivendo em abrigos antiaéreos subterrâneos (*ricoveri*),^[16] “grandes escavações cavernosas, com câmeras semelhantes a catedrais, acomodando milhares de pessoas” – lugares dominados pelo terror, sujeira [e uma] sensação de impotência. O Monument Man e colega artista, Salvatore Scarpitta, observou que “as igrejas da cidade são as vítimas inocentes, cujo preço é amargamente pago por todos nesta conflagração sem precedentes”. Do lado positivo, uma epidemia de tifo parecia finalmente estar sob controle depois que esquadrões de “fumegadores” começaram a desinfetar mais de 80 *ricoveri* por semana, no final de dezembro.

As primeiras semanas de Keller o encontraram trabalhando a partir do danificado mas funcional prédio dos Correios, onde uma sala grande o suficiente para um executivo graduado tinha sido atravancada com mesas e máquinas de escrever. Sirenes constantes de aviso de ataque aéreo interrompiam o tédio de preparar relatórios e faziam Keller e os demais correrem para o abrigo antiaéreo mais próximo, com frequência para passar a noite. Seu exercício diário vinha de subir e descer os sete andares para chegar a seu quarto no Hotel Volturno, na Via Roma.

Ele encontrava satisfação em estar fora do escritório em viagens de inspeção. Keller e seus colegas viajaram por todo o sul da Itália, se reunindo com autoridades e inspecionando monumentos, mas estas viagens também os levavam para perto da agonia e das privações sofridas pelo povo italiano. Cada criança ferida, casa destruída e cidade danificada fazia Keller se dar conta de quanto sua vida havia sido protegida e privilegiada. Uma carta para Kathy relatava cenas que ele veria inúmeras vezes durante os meses que se seguiriam.

No hospital, hoje, um homem alto, com uma perna aleijada, um homem sem nariz, dois buracos no rosto e grandes feridas nas faces, me pediu um cigarro e pão... Outro homem, um guarda de museu, perdeu a casa e todos os seus pertences no bombardeio americano... Então, veio a enchente e arruinou o pouco que lhe restava... Ele diz: “Graças a Deus que os americanos vieram, mataram e destruíram, pois então os fascistas e os alemães foram embora de verdade, e posso me levantar e [respirar] e falar de novo.”

Keller mal podia conter sua fúria quando os soldados se mostravam indiferentes ao sofrimento do povo local. “Faço o que posso e tento mostrar a alguns deles que nós não os consideramos a escória da terra”, escreveu a Kathy. “De vez em quando, fico me perguntando quanto coração existe no mundo.” Ele compreendia por que alguns

pensavam que as aflições dos italianos eram um castigo merecido por sua aliança com a Alemanha nazista. Mas durante seus três anos como estudante em Roma, Keller havia criado afeto e admiração pelo povo. Aquela se tornara uma de suas motivações para entrar no serviço militar. “Você precisa compreender que os italianos em sua maioria são um povo bom... Como eles mesmos dizem: *‘Buona gente, buonissima gente, ma bisogna saperla prendere.’* Gente boa, gente muito boa, mas é preciso saber entendê-la.”

Os sentimentos paternos de Keller também se estendiam “aos rapazes”, os jovens soldados americanos, muitos da idade dos estudantes que ele outrora havia instruído. Aos 42 anos, Keller era velho o suficiente para ser pai deles. Ele os admirava imensamente, sempre dedicando algum tempo a estudá-los quando passava. “Há uma seriedade silenciosa no soldado de infantaria. Ele é orgulhoso, sabe o que já fez & o que isso significa para o indivíduo. Ele não reclama. (...) e é quase o auge de minha experiência conhecer alguns de nossos homens que estão arriscando tudo.”

Kathy respondia a estas cartas com cartas e pacotes. Ela e outros familiares enviavam caixas cheias de chocolates, blocos de notas, sabonete, papel higiênico, sabão de barba e papel de cartas – coisas básicas que seu marido havia pedido, mas que mesmo assim eram motivo de celebração sempre que chegavam. Ela também incluía fotos dela com o pequeno Dino no colo oferecendo vislumbres da vida em casa, que significavam tudo para ele.

Fazer amizade com os outros oficiais da Monuments foi um processo lento para Keller. Seu comportamento taciturno escondia uma timidez conhecida apenas por seus amigos mais íntimos. Poucos de seus colegas eram casados ou tinham filhos; vários eram homossexuais. Ele evitava as reuniões e a socialização depois do trabalho, preferindo, em vez disso, visitar uma igreja, dar uma passada na Cruz Vermelha ou voltar para seu quarto e escrever cartas. Tubby Sizer, o homem responsável por encorajar Keller a se tornar oficial da Monuments, havia deixado a Itália quando Keller afinal chegara. Tinha sido transferido para a Escola de Treinamento da Civil Affairs, em Shrivenham, na Inglaterra, para começar a trabalhar com os oficiais da Monuments que estavam chegando. Mason Hammond logo o seguiria. O supremo comandante aliado, general Eisenhower, pretendia capitalizar e usar a experiência deles adquirida na Sicília e no sul da Itália enquanto reunia suas forças de invasão para a Europa ocidental. Muitas igrejas, museus e outros monumentos ficavam no caminho para Berlim. O conhecimento deles demonstraria ser de valor inestimável para estudiosos de arte e homens de museu que estivessem chegando.

O sucessor de Hammond, major Ernest DeWald, anteriormente um professor no Departamento de Arte e Arqueologia em Princeton, tinha sido designado diretor da Subcomissão de Monumentos, Belas-Artes e Arquivos (MAAF), na Itália. A mudança de diretores trouxe nova liderança e ideias, um desenvolvimento que Keller esperava que o libertasse e aos outros de seu escritório travancado em Nápoles. Mas sem um grande avanço em Cassino haveria poucas novas cidades ou vilarejos para inspecionar. Por enquanto, eles estavam paralisados. Keller escreveu: “O grande trabalho está mais adiante

e eu preparando minha disposição e estado de espírito... Estamos realmente nas mãos do destino, e eu não gostaria que fosse diferente.”

A batalha por Monte Cassino começou em 17 de janeiro de 1944. Demonstraria ser uma das mais sangüinárias campanhas da guerra. O V Exército dos Estados Unidos passou seis semanas – e sofreu 16 mil baixas – avançando os últimos 12 quilômetros até Monte Trocchio. A cidade de Cassino, na beira da Linha Gustav dos alemães, ainda se encontrava a cerca de 4 quilômetros de distância. Os comandantes de Kesselring aproveitaram o que o general aliado Harold Alexander chamou de “uma das mais fortes posições defensivas naturais de toda a Europa” para entrincheirar suas tropas. Em 11 de fevereiro, depois de três semanas de luta desmoralizante – contra alemães, terreno alto, condições de tempo ruins –, as forças aliadas haviam sofrido mais 10 mil baixas. Lembranças de situações de impasse na Primeira Guerra Mundial, tais como Verdun, começaram a surgir na mente de alguns comandantes com idade suficiente para ter visto os vastos e lamacentos campos de trincheiras do leste da França e da Bélgica.

O número de baixas por si só não transmite a brutalidade da luta. O coronel Young Oak Kim, coreano-americano de segunda geração, no 100º Batalhão de Infantaria dos Estados Unidos – mais tarde conhecido como o “Batalhão Coração Púrpura” por causa da condecoração com este nome –, condensou o sofrimento e a galhardia da batalha de Monte Cassino em uma única história sobre um jovem soldado de infantaria:

Durante todo o caminho de subida daquela cadeia de montanhas tivemos os alemães entrincheirados em diferentes níveis disparando em nós. Eles podiam colocar metralhadoras lá em cima e abrir fogo, ficando imunes a qualquer coisa que disparássemos contra eles... Tive uma pessoa a meu lado durante apenas dois dias antes de recuarmos. Ele era do Mississippi e tinha se juntado a nós poucos meses antes. Estava sentado a meu lado e nos vimos ambos imobilizados naquele platô de rocha por um franco-atirador alemão. Toda vez que tentávamos erguer a cabeça, mesmo uns poucos centímetros, ele disparava. De modo que ficamos presos ali por algo em torno de três horas e meia... Chovia terrivelmente e estávamos empacados ali, colados contra aquela pedra. Alguns dos nossos tentavam acertar aquele franco-atirador... tentando nos tirar daquela dificuldade. Subitamente, ele parou de disparar por quase 20 minutos... Antes, rajadas de tiros de rifle vinham a cada dois ou três minutos, de modo que pensamos que estávamos relativamente seguros. Imaginamos: “Bem, talvez um dos nossos rapazes o tenha acertado.” De modo que ambos nos sentamos e, assim que o fizemos, Claudy – este era o apelido dele – estava pegando um cigarro e indagando: “Você tem fogo?” Respondi: “Tenho.” E me reclinei para trás para alcançar o bolso da calça e tirar o isqueiro. No momento em que minha cabeça saiu do caminho, o atirador disparou e acertou um tiro na cabeça de Claudy. Se ele não tivesse me pedido fogo, eu também estaria morto. Fiquei

preso ali por mais duas horas com Claudy agonizante a meu lado.

Dia após dia, em meio aos ferimentos e morte dos companheiros, os soldados fixaram a atenção na imponente estrutura de cinco andares da abadia no alto do morro. Sem controlar o cume da montanha, não haveria como romper e avançar além da Linha Gustav. Relatórios que chegavam repetiam o refrão “O centro da resistência é Monte Cassino”. A certo ponto, a distinção desapareceu. “A montanha fortificada e a construção no cume eram, em termos militares, um único terreno.” Os generais aliados agora se debatiam com a questão de como abordar aquele “único terreno” quando o edifício era uma construção de considerável importância histórica e religiosa.

De acordo com a diretriz de Eisenhower, de “respeitar os monumentos na medida em que a guerra permitisse”, o comandante do V Exército, tenente-general Mark Clark, havia recebido uma solicitação de seu superior, o general Alexander, comandante do Grupo do XV Exército, de que a Abadia de Monte Cassino fosse poupada. Contudo, o tenente-general Bernard Freyberg, comandante do Corpo Neozelandês, cujos homens estavam fixados na abadia enquanto lutavam para romper a Linha Gustav, convencera-se de que a abadia tinha que ser destruída. Em um memorando para Clark e Alexander, Freyberg insistia que “não existem meios práticos disponíveis, ao alcance da capacidade dos engenheiros de campo, que possam lidar com este lugar. Isso pode ser resolvido pelo emprego de bombas de alta destruição, disparadas do ar.”

Mas a ordem de Eisenhower também dizia que, “se tivermos que escolher entre destruir um prédio famoso e sacrificar nossos próprios homens, então a vida de nossos soldados conta infinitamente mais e o prédio deve ser sacrificado”. Que parte da ordem se aplicava à abadia? Com Ike agora na Inglaterra se preparando para a invasão da Europa ocidental, Clark e Alexander buscaram a resposta correta. Seria o primeiro teste significativo da diretrix de Eisenhower.

Em um esforço para avaliar o pedido de Freyberg, muitos acabaram por se convencer – e alguns convenceram a si mesmos – de que os atiradores de elite da artilharia alemã estavam na verdade dentro da abadia. O general de divisão Ira Eaker, que havia sido transferido da 8ª Divisão da Aeronáutica, no norte da Europa, para comandar as Forças Aéreas Aliadas do Mediterrâneo, o que incluía a Itália, sobrevoou a abadia no dia 14 de fevereiro e relatou ter visto “alemães no pátio e também suas antenas”. Naquele mesmo dia, o major-general Geoffrey Keyes fez uma missão de sobrevoos semelhante e relatou “não ter visto quaisquer sinais de atividade”. Ele afirmava que aqueles que acreditavam que os alemães estavam no interior da abadia estiveram “olhando por tanto tempo que estavam vendo coisas”. Mas para soldados exaustos pela batalha, como o coronel Kim, entrincheirados na colina e alvo de fogo inimigo, a abadia havia se tornado um símbolo zombeteiro de invencibilidade.

A interpretação da ordem de Eisenhower, bem como a decisão de bombardear ou não a abadia, envolveu toda a cadeia de comando. No final, a ordem foi dada: desalojem os alemães bombardeando a abadia. Na manhã de 15 de fevereiro, ondas de

bombardeiros aliados – 229 no total – despejaram 493,5 toneladas de explosivos e bombas incendiárias. Partes das paredes do monastério desmoronaram em escombros enquanto ainda mais bombas caíam. Centenas de desabrigados haviam se refugiado na abadia; 230 estavam mortos, inclusive alguns que haviam ajudado o dr. Becker, da Divisão Hermann Göring, com o encaixotamento e a remoção dos tesouros culturais da abadia apenas quatro meses antes. Nenhum alemão morreu porque não havia nenhum alemão no interior da abadia. O abade Diamare e seis companheiros monges que buscaram abrigo nos porões mais profundos da abadia sobreviveram. Eles e cerca de 30 refugiados – muitos gravemente feridos – emergiram para descobrir uma pilha de entulho onde outrora se erguera o prédio medieval.

Os líderes aliados foram criticados pela decisão de bombardear Monte Cassino. O presidente Roosevelt defendeu a ação em uma coletiva de imprensa, ao tornar pública pela primeira vez a ordem do general Eisenhower, de 29 de dezembro, enfatizando a preocupação do comandante supremo com a vida de cada soldado aliado. O ex-arcebispo de Canterbury, Lorde Lang de Lambeth, tomou posição oposta, declarando: “A perda de uma vantagem militar temporária... não poderia ser comparada com a perda para a civilização e para a religião que seriam para sempre e irreparáveis.” Outros, como o reverendo L. F. Harvey, rebateram: “O arcebispo por acaso quer dizer que ele considera a vida humana como de menor valor do que um monumento?” Um leitor enviou uma carta ao editor da revista *Time*, abordando a questão de maneira diferente: “Permitam-me perguntar se qualquer dos cavalheiros tão profundamente preocupados com os monumentos antigos de Roma tem um filho único a quem estejam dispostos a sacrificar no altar de São Pedro? Se não têm, será que eu poderia pedir a eles para moderarem o entusiasmo com que pretendem usar o meu como substituto?”

O debate sobre “vidas aliadas ou um monumento” passava ao largo do foco da ordem de Eisenhower, que se baseava em se “a destruição ou não da abadia de fato conquistaria um objetivo militar útil”. O general Alexander ofereceu sua perspectiva:

Era necessário mais pelo efeito que teria sobre o moral dos atacantes do que puramente por razões materiais... Quando soldados estão lutando por uma causa justa, preparados para se submeter à morte e à mutilação no processo, não se pode permitir que tijolos e argamassa, por mais que sejam veneráveis, sejam pesados contra vidas humanas. Todo bom comandante tem de considerar o moral e os sentimentos dos homens combatentes; e, o que é igualmente importante, os homens combatentes precisam saber que toda a sua existência está nas mãos de um homem em quem eles tenham completa confiança.

O moral dos homens em combate, momentaneamente elevado pelos ataques aéreos ferozes, não se manteve elevado por muito tempo. As forças alemãs se aproveitaram da destruição do monastério, usando as ruínas restantes como fortificações ampliadas, exatamente como alguns comandantes aliados haviam argumentado que fariam. A chuva e o frio continuaram. E, do mesmo modo, também as mortes.

16. *Ricoveri* e *rifugi* são sinônimos. Visitantes à Itália ainda hoje podem de vez em quando encontrar um R ou a palavra *Rifugi* pintados com uma seta em prédios de antes da guerra. Estes sinais identificavam para os civis o abrigo antiaéreo mais próximo. Os *Monuments Men* e outros soldados aliados com frequência se referiam a eles como *ricoveros*.

CAPÍTULO 10

Por um triz

MARÇO DE 1944

No dia 22 de janeiro de 1944, os aliados desencadearam a Operação Shingle, um desembarque anfíbio de tropas britânicas e americanas do 6º Corpo do V Exército dos Estados Unidos nas praias de Anzio e Nettuno, a cerca de 96 quilômetros a oeste do impasse em Cassino e a apenas 56 quilômetros ao sul de Roma. Os planejadores militares aliados esperavam flanquear as forças alemãs no vale Liri e, ao ameaçar Roma e a retaguarda alemã, retirar tropas suficientes do front de Cassino para permitir um avanço aliado importante. Nenhum desses objetivos teve sucesso. Kesselring tinha um plano de emergência exatamente para aquela situação e respondeu de imediato ao manter o terreno em Cassino enquanto, ao mesmo tempo, também mandava uma força de reação rápida para Anzio.

No princípio de fevereiro, os alemães haviam concentrado um exército de mais de 95 mil homens, preparando-se para lançar um contra-ataque que chegaria perto de lançar a força aliada muito menor de volta para o mar. Somente a magnífica resistência das tropas britânicas e americanas salvou a cabeça de praia de Anzio. Os soldados aliados se agacharam em suas trincheiras, tentando sobreviver ao intenso bombardeio de artilharia. Um soldado americano escreveu: “Anzio era um aquário. Nós éramos os peixes.” Naquele mês, um número recorde de 1.900 soldados americanos morreu no Mediterrâneo; março prometia baixas ainda piores.

Em um esforço para mudar a dinâmica no terreno, o general Eaker e seu diretor de Operações, general de brigada Lauris Norstad, expandiram o uso do poder de fogo aéreo dos aliados, escolhendo como alvos os meios de aprovisionamento e transporte alemães, no centro da Itália. O nome da operação – Strangle – definia seu objetivo. Em seguida, a uma reorganização das Forças Aéreas do Exército dos Estados Unidos no teatro do Mediterrâneo, os pesados bombardeiros da 15ª Força Aérea super visionaram “Operações Estratégicas” – missões de longo alcance que tenham como alvo principal centros industriais na Alemanha e no norte da Itália. A 12ª Força Aérea e a British Desert Air Force tinham a responsabilidade pelas “Operações Táticas”, que davam suporte aos avanços aliados em terra, destruindo pátios de manobra e embarque de material em ferrovias, instalações de reparos, linhas de fornecimento e comunicações.

As listas designando as cidades de importância cultural e os mapas relacionados, que os oficiais da Monuments Sizer, Maxse e Baillie Reynolds haviam submetido ao professor Zuckerman no princípio de dezembro, foram afinal fornecidas às tripulações dos bombardeiros. Mas os mapas não tinham nenhuma semelhança com o terreno

observado por pilotos e bombardeiros que voavam acima. Para retificar, a Força Aérea fez uma série de missões aéreas de reconhecimento fotográfico sobre 79 cidades e vilarejos na Itália. Depois trabalhou com os oficiais da Monuments para sobrepor as informações colhidas sobre os mapas de alvos protegidos. Esses “mapas Shinnies” (que têm o nome de seu criador, o arqueólogo Peter Shinnie) foram publicados em fevereiro de 1944. Mais tarde naquele mês, Norstad também emitiu uma diretriz de duas páginas, atualizando a lista de cidades italianas e classificando cada uma delas em uma de três categorias.

O Grupo A incluía apenas quatro cidades: Roma, Veneza, Florença e Torcello (uma ilha próxima a Veneza, provavelmente escolhida por sua importância arqueológica). Estas cidades estavam proibidas de sofrer quaisquer bombardeios sem autorização especial de Norstad. O Grupo B incluía cidades como Ravenna, Assisi, Como e San Gimignano; o Grupo C incluía Pisa, Siena, Verona, Bolonha, Lucca e Pádua. Os pilotos tinham autorização de realizar bombardeios de dia e de noite sobre as cidades dos grupos B e C. As regras que acompanhavam a diretriz tinham por objetivo minimizar os danos a monumentos próximos, com a ressalva de que “deve ser perfeitamente esclarecido para as tripulações aéreas que a responsabilidade por tais danos é aceita por este quartel-general”.

Enquanto as batalhas em Cassino e Anzio entravam em seu terceiro mês, no dia 2 de março Norstad aprovou um ataque a um alvo anteriormente protegido: os pátios de manobras ferroviárias de Florença, uma das cidades do Grupo A.^[17] As instruções de Norstad autorizavam seus pilotos a prosseguir, se achassem que tal missão fosse “necessária para cumprir exigências militares críticas. Todas as precauções possíveis serão tomadas para evitar danificar a cidade, particularmente dentro de um raio de 900 metros da Ponte Vecchio.” Consciente de que qualquer missão deste tipo seria difícil e ansioso para minimizar o fardo de seus pilotos, Norstad acrescentava: “Compreende-se que o pátio principal de manobras da ferrovia de Florença não pode ser atacado sem resultar em algum dano à cidade.”

Nove dias mais tarde,^[18] no Aeródromo de Decimomannu, na Sardenha, os motoristas fizeram seus habituais trajetos rápidos da manhã para buscar as tripulações dos 319º e 320º Grupos de Bombardeio – rapazes de 18 ou 19 anos ou no início da casa dos 20 – e levá-los ao prédio principal. Pilotos, navegadores e bombardeiros entraram em suas respectivas salas de instruções, vestindo as pesadas jaquetas para altas altitudes. Os capacetes de voo que usavam de vez em quando, arnês de paraquedas e “Mae Wests” (aparatos de flutuação que, quando inflados, se projetavam para fora como os seios fartos da atriz de vaudeville). A presença de uma equipe de filmagem do Corpo de Sinais do Exército dos Estados Unidos, com suas câmeras rodando, interrompeu a rotina de outro modo conhecida. Quando o comandante instrutor entrou na sala, com um mapa da Itália do tamanho de uma parede, o bate-papo das tripulações foi cessando até silenciar.

– Cavalheiros... O alvo de hoje é o pátio de manobras ferroviárias de Florença. –

Enquanto uma série de assovios baixos enchia a sala, ele prosseguiu:

Estivemos acertando alvos ao redor de Florença por muito tempo, mas na verdade não acertamos a cidade em si porque aproximadamente 10% dos tesouros de arte do mundo estão localizados bem ali. Assim, teremos que ser muito cuidadosos... Na realidade, o pátio de manobras é o núcleo de todos os suprimentos ferroviários que descem até o front de Cassino e à cabeça de praia de Anzio. De modo que teremos que ir até lá hoje e destruir a ferrovia de modo a aliviar a pressão para os rapazes nas trincheiras em Anzio.

Depois de distribuir fotografias aéreas a cada bombardeiro, o comandante lhes dirigiu a atenção para as fotografias do alvo – fotos dos pátios de manobras ferroviárias no noroeste da cidade, com marcas brancas ao redor das igrejas e sítios culturais que deviam ser evitados. Um artilheiro de bombardeiro se manifestou:

– Puxa, tem um bocadinho de coisas que não podemos acertar. – O comentário em tom de galhofa explicava a presença da equipe de filmagem; os caciques queriam provas de que as precauções haviam sido tomadas para a precária missão de bombardeio a Florença.

O “pátio de manobras no noroeste”, ou “principal pátio de manobras”, se referia à estação ferroviária da cidade, Santa Maria Novella, assim chamada em homenagem à igreja histórica situada a apenas 130 metros de distância. Com a construção iniciada em 1246, Santa Maria Novella era a primeira grande basílica da cidade. Sua fachada ostenta volutas singulares em forma de S e um largo e triangular frontão engastado com padrões geométricos de mármore verde e branco. A porção superior é uma das poucas fachadas renascentistas em igrejas de Florença. O interior, com um crucifixo de madeira esculpido por Brunelleschi e afrescos pintados por Domenico Ghirlandaio e Filippino Lippi, continua até hoje como um exemplo criticamente importante do final do período gótico na Europa.

Em 1427, Santa Maria Novella recebeu uma das dádivas divinas da história da arte – e seu tesouro mais precioso –, o afresco *Trindade*, de Masaccio. Nesta peça seminal, que representou um ponto de inflexão no desenvolvimento da arte ocidental, Masaccio introduzira o conceito de linha de perspectiva linear de um ponto, técnica pioneira que criava a ilusão de profundidade tridimensional numa parede plana. Desde 1550, Giorgio Vasari contemplava a obra estonteante de Masaccio e explicava como o artista “havia iniciado belas atitudes, movimentos, vividez e vivacidade, traduzindo o relevo de uma maneira característica e natural que nenhum pintor jamais havia tentado antes”. Ao longo dos séculos, artistas e arquitetos estudaram e admiraram a criação do jovem mestre, que acabou por ser uma de suas últimas obras. Masaccio morreu apenas um ano depois de completar o afresco da Trindade, aos 26 anos de idade.



Bombardeiros aliados usaram este mapa "Shinnie" de Florença para sua missão de bombardeio da estação de trens de Santa Maria Novella (dentro da área marcada no centro inferior). O rio Arno corre verticalmente pelo centro da fotografia. Cada monumento recebeu um número identificando-o pelo nome. A Ponte Vecchio está no centro (número 46); a Ponte Santa Trinita está abaixo dela (número 45). [National Archives and Records Administration, College Park, MD]

Os homens do 17º, 319º e 320º Grupos de Bombardeio fizeram seu trabalho espantosamente bem. O primeiro-tenente Roy Seymour, piloto de 24 anos do 319º, filho de um madeireiro do estado de Washington, guardou um pino de bomba removido antes de deixá-la cair e anotou na etiqueta presa nele: “Primeira vez que Florença foi bombardeada – fiz um bom trabalho.”^[18] O ataque à estação de Santa Maria Novella pode ter sido a missão de bombardeio mais precisa da guerra. Setenta e oito B-26 Marauders despejaram 145 toneladas de altos explosivos. Todas as bombas caíram dentro da área-alvo. Os trilhos ferroviários rumo ao norte e ao sul da cidade que passavam pela estação foram destruídos, e os armazéns e oficinas de reparos danificados ou arrasados. Houve pelo menos 20 impactos diretos na ponta norte e 12 em direção à ponta sul, mais próxima da igreja. “Não houve deslizes nem [aviões inimigos]. 1 B-26 caiu ao decolar, tripulação incólume e 1 está desaparecido.” A Força Aérea havia provado que era possível atingir objetivos militares necessários sem destruir monumentos.

Naquele mesmo dia, 11 de março, mais de 100 Fortalezas Voadoras B-17, pesados bombardeiros da 15ª Força Aérea acertaram o pátio de manobras da cidade de Pádua, do Grupo C, cerca de 40 quilômetros a oeste de Veneza. Foi uma missão estratégica, não tática. Numa abordagem oposta à da missão na estação de Santa Maria Novella, as tripulações se concentraram no que atingir em vez de no que não atingir. De acordo com o relatório após a missão, “as principais concentrações de bombas caíram na estação ferroviária e ao redor dela”. Do ponto de vista dos planejadores, esta missão também foi um sucesso, mas pelos olhos do tenente Fred Hartt havia sido um desastre.

Hartt havia chegado à Itália no dia 14 de janeiro de 1944. Passou seus primeiros três meses como intérprete fotográfico da 90ª Divisão de Fotografia de Reconhecimento Aéreo, analisando fotos para a avaliação de bombardeios. O exército lhe fornecia imagens das cidades depois que a fumaça havia se dissipado após os bombardeios. Hartt então usava as fotos para avaliar danos colaterais a monumentos próximos.

No período que se seguiu ao bombardeio de Monte Cassino a rádio alemã pôs no ar propaganda, acusando os aliados de danificarem patrimônio italiano. Isso tornou a missão de Hartt ainda mais vital. Mesmo assim, ele a achava angustiante. Hartt havia se alistado para salvar as grandes obras-primas da Itália, mas não podia salvar o que já havia sido destruído. Ele queria ser um cirurgião, não um patologista. Inquieto e impaciente, Hartt buscou maneiras de conseguir uma transferência para a seção da Monuments.

As fotografias de avaliação do ataque de surpresa a Pádua mostravam que as bombas caindo “ao redor” da estação haviam destruído um número considerável de edifícios-chave. E, ainda pior, dois projéteis perdidos haviam acertado a Igreja dos Eremitani e a sua Capela Ovetari. O relatório desapaxionado de Hartt escondia o sofrimento que sentia: “Capela de Mantegna danificada por uma bomba que a acertou em cheio, junto com a abside e o transepto direito inteiros. Fachada semidestruída por explosão direta. Lado leste de prédios monásticos demolidos.” Momentos depois, o pleno impacto do que acabara de ver foi demais para ele. “Simplesmente não consegui continuar a trabalhar. Saí para andar a esmo pelas ruas de San Severi e me dei conta de que os

afrescos de Mantegna deixaram de existir, se foram, e que sou o único aqui deste lado que sabe.”

Como muitos artistas de seu período, Andrea Mantegna se mudara para aquela cidade florescente em busca do apoio de um patrono rico ou de um ateliê. Desde o início dos anos 1300, a próspera cidade universitária de Pádua havia atraído talentos daquele quilate. Depois de ser adotado por seu professor, Francesco Squarcione, um pintor paduano mais velho, Mantegna ingressou para a guilda local de pintores com apenas 10 anos de idade. Oito anos mais tarde, ele começou a pintar as paredes da capela da família Ovetari, na Igreja dos Eremitani. Os afrescos retratavam a vida de São Tiago e São Cristóvão. O uso por Mantegna da perspectiva – avançando com as inovações do jovem Masaccio – e sua atenção meticulosa ao detalhe resultaram em cenas quase vivas e tão lindas que seu nome seria mencionado pelo poeta italiano do século XV Ludovico Ariosto, ao lado de apenas dois outros artistas: Giovanni Bellini e Leonardo da Vinci.

Quatro semanas mais tarde, ainda cheio de raiva, Hartt escreveu uma carta ao novo diretor da MFAA, major Ernest DeWald, pedindo transferência. Ele informava a DeWald que “a Eremitani fora seriamente danificada e a Capela Ovetari, com todos os Mantegnas, totalmente destruída. Na verdade, mal se pode dizer que ali existiu uma construção. As últimas cargas de bombas deixaram de acertar a Capela Arena por apenas 90 metros.” Embora não tão conhecida quanto a Capela Sistina, sua destruição teria sido uma perda igualmente grande.

Rico banqueiro paduano, Enrico Scrovegni construiu a Capela Arena no ano de 1303 sobre uma antiga arena romana. Dante havia imortalizado o pai de Scrovegni como o per verso usurário em seu *Inferno*. Buscando expiar os pecados da família enquanto ao mesmo tempo demonstrava seu próprio senso de bom gosto e piedade, Scrovegni contratou Giotto, que quase sozinho ressuscitou a pintura das trevas da Idade Média, para decorar a pequena e estreita capela devocional. Sua criação foi de tirar o fôlego: uma série de histórias ou cenas individuais, cada uma parte de uma narrativa, com temas comuns do drama dos relacionamentos humanos. Em uma cena, Giotto retratou a afeição do beijo de Joaquim e Ana no Portão Dourado de Jerusalém, cena como contraste para a traição do beijo de Judas em outra. Esses afrescos se mesclavam com perfeição das paredes ao teto abobadado, que Giotto havia pintado de azul lápis-lazúli, com estrelas simbolizando o céu.

O fato de a Capela Arena não ter sofrido danos era, na opinião de Hartt, pura sorte. Ele encerrou sua carta a DeWald com um comentário de advertência: “Com Florença, Roma e Veneza está sendo tomado grande cuidado, mas não com os outros centros. Se não quiser ver as grandes obras de arquitetos e afrescos destruídas uma a uma, será necessária ação imediata. (...) No presente momento eu devia caracterizar a situação como desesperadora.” Duas semanas depois suas ordens chegaram.

No dia 15 de abril, Hartt enviou um sumário relatório dos danos causados por bombas em 16 cidades italianas. Era um trabalho extraordinário. Uma carreira acadêmica dedicada a examinar imagens de obras de arte, buscando pistas para identificar um artista

ou compreender seus métodos, o havia preparado muito bem para analisar fotos de depois de ocorrido o dano. Uma entrada sobre Milão se sobressaía entre todas as outras. Trabalhando com uma fotografia aérea datada de 5 de setembro de 1943, Hartt avaliou o dano a Santa Maria delle Grazie e a seu refeitório adjacente, comentando: “Convento dominicano adjacente [o refeitório] quase demolido por AE [alto explosivo], exceto por uma pequena seção no canto NO, com a *A Última Ceia*, de Leonardo da Vinci.”

17. Florença havia sido bombardeada como “alvo de oportunidade” secundário, selecionada pouco depois que a missão original de Bolonha foi abandonada devido à cobertura de nuvens. Onze das Fortalezas Voadoras B-17 mudaram de rumo e seguiram para bombardear os pátios de manobras do Campo di Marte, em Florença. Em grande medida, as bombas erraram o alvo, mas mataram 218 pessoas, inclusive Friederich Kriegbaum. Mais tarde, em 18 de janeiro e 8 de fevereiro de 1944, os aliados bombardearam os arredores de Florença.

† Muitas fontes citam o dia 23 de março de 1944 como o do primeiro bombardeio a Florença. Este é um equívoco comum, provavelmente devido a um artigo publicado pela National Geographic, em março de 1945. O autor, primeiro-tenente Benjamin C. MacCartney, participou do ataque de 23 de março e afirmou sua crença, embora equivocada, de que aquele tinha sido o primeiro bombardeio a Florença.

18. Tinham-se passado apenas 23 dias desde a primeira missão de bombardeio do tenente Seymour. O alvo naquele dia fora a Abadia de Monte Cassino. Na etiqueta daquela missão, ele escreveu: “Excelente trabalho. Demos.”

CAPÍTULO 11

Refúgio

MAIO DE 1944

Em maio de 1944, os últimos embarques de obras de arte de museus e igrejas de toda a Itália chegaram ao Vaticano para armazenamento. Isso marcou o fim de um esforço que havia começado quase quatro anos antes, principalmente sob a direção do professor Pasquale Rotondi, superintendente de Belas-Artes para a região de Marche, e Emilio Lavagnino, inspetor central da Direção Geral de Artes.

O começo dos bombardeios aliados à Itália resultou em ordens emitidas pelo diretor geral de Belas-Artes a todos os funcionários culturais italianos: “As medidas previstas e acertadas para a proteção da herança cultural serão implementadas imediatamente.” Museus em toda a Itália seguiram a iniciativa de todas as outras grandes instituições na Europa, inclusive o Museu do Louvre, em Paris, a National Gallery, em Londres, e o Rijksmuseum, em Amsterdã, que transportaram seus acervos para instalações de armazenamento remotas. Os funcionários começaram a remover obras de cidades italianas, transferindo-as para várias *villas* e castelos no campo. Abrigos feitos sob medida protegeram os objetos que não podiam ser removidos.

Um lugar oferecia proteção sem paralelos: a Fortaleza de Sassocorvaro, de 468 anos, a cerca de 26 quilômetros a noroeste de Urbino, mais de 300 quilômetros a sudeste de Milão, perto do mar Adriático. No interior de suas grossas paredes, salões maciços ofereciam espaço seguro para armazenar obras de arte. As primeiras a chegar foram as coleções da região de Marche – o retábulo de Bellini do Museu Pesaro; pinturas de Ticiano, Rubens e Signorelli; cerâmicas e tapeçarias, quase 350 peças no total. Em outubro de 1940, se seguiram 70 caixotes de Veneza, incluindo *A Tempestade*, de Giorgione. Ao longo dos dois anos seguintes, continuariam a chegar novas remessas.

No princípio de 1943, Sassocorvaro havia atingido o limite de sua capacidade, obrigando Rotondi a identificar um segundo depósito que acomodasse o enorme volume de pinturas que continuavam a ser enviadas de museus e igrejas de toda a Itália. Em abril, obras da região da Lombardia chegaram ao novo repositório da região de Marche, o Palazzo Carpegna. Entre elas, incluíam-se itens arqueológicos do Castello Sforzesco, em Milão. Uma segunda remessa trouxe o suntuoso altar-mor e retábulo – *Pala d’Oro* (Manto de Ouro) – da Basílica de São Marcos, em Veneza. Mesmo objetos preciosos em Roma, a cerca de 300 quilômetros ao sul, não eram mais considerados seguros em face da guerra. Obras-primas da Galleria Borghese, assim como pinturas de Caravaggio da Capela Contarelli, na Igreja de San Luigi dei Francesi, logo deixaram a Cidade Eterna para se juntar a milhares de outras sob os olhos atentos de Rotondi. Telas pertencentes às

galerias Brera e Poldi Pezzoli, em Milão, seguiram o mesmo caminho. No final do verão, Rotondi se viu responsável pela salvaguarda de cerca de 3.800 obras de arte e arquivos com 4 mil documentos de valor inestimável. Objetos das ricas cidades em arte da Toscana, conspicuamente ausentes.

O súbito afluxo de tropas alemãs na Itália, que se seguiu ao armistício de setembro de 1943, incentivou Rotondi a tomar medidas de precaução adicionais. Ele escondeu as pinturas mais importantes por trás de paredes falsas e removeu etiquetas de caixotes para dissuadir tropas alemãs curiosas em inspecionar seu conteúdo. A lista desse inventário permanecia com ele em todos os momentos. A certo ponto, a presença crescente de tropas alemãs em Sassocorvaro compeliu Rotondi a esconder pinturas de Mantegna e Bellini em seu quarto na Vila Tortorina, na região rural de Urbino. Ele colocou *A Tempestade*, de Gorgione, debaixo de sua cama.

– Aquele foi um momento em que eu estava realmente apavorado – diria ele mais tarde. – Têmia que aquelas obras fossem roubadas de mim ou, ainda pior, destruídas.

Apesar de todas as precauções de Rotondi e de outros altos funcionários da área de arte italiana, pouco se havia levado em conta a possibilidade de guerra por terra. A invasão dos aliados da Sicília, seguida pelos desembarques em Salerno, mudou esse quadro. Centenas de milhares de tropas logo estariam lutando por cada centímetro de solo italiano. Nenhum repositório existente parecia seguro.

Estabelecidas as cabeças de praia aliadas, muitos desses mesmos altos funcionários quiseram transferir as grandes coleções. Mas para onde? No final de 1943, o papa Pio XII havia oferecido um santuário ao permitir que as obras refugiadas se juntassem temporariamente à maciça coleção do Vaticano. Com as tropas alemãs no controle de Cassino, Roma e áreas ao norte, e os contínuos ataques aéreos aliados, a Cidade do Vaticano, neutra, emergia como o único lugar no país a oferecer uma esperança duradoura de segurança.

Em dezembro de 1943, Rotondi e Lavagnino puseram em andamento seu plano. Depois de vasculharem céus e terras para encontrar caminhões, pneus e mercadoria cada vez mais rara, gasolina, Lavagnino e um punhado de homens dedicados, geralmente na calada da noite, fizeram uma série de viagens angustiantes por estradas danificadas por crateras de bombas, açotadas por chuva e neve, transportando tesouros para o Vaticano. Funcionários da Kunstschutz, inclusive seu diretor em Roma, forneceram importante assistência. A certo ponto, a esposa de Rotondi tentou distrair um oficial da SS local embebedando-o, enquanto seu marido e os outros embarcavam pinturas nos caminhões que chegavam. No dia seguinte, o oficial da SS chamou-os a um canto e disse:

– Pelo que vocês fizeram comigo ontem, eu poderia mandar fuzilá-los imediatamente, mas não vou fazer isso. Vou fingir que nada aconteceu.

Lavagnino e outros altos funcionários de instituições de arte e cultura foram obrigados a se aposentar em 1º de janeiro de 1944, por se recusarem a integrar o governo títere de Mussolini apoiado pelos nazistas. Mesmo assim, eles continuaram seu trabalho sem receber salário. Já em 17 de janeiro de 1944, as obras de Sassocorvaro

tinham encontrado segurança no Vaticano. O esforço em transferir itens de museus e igrejas ao redor de Roma prosseguiu. Em 18 ocasiões, entre janeiro e maio de 1944, Lavagnino viajou saindo e voltando para Roma, “de carro, caminhão e picape, transportando esculturas, pinturas e vestimentas sagradas. (...) É claro que tive momentos de enorme terror e por vezes tive até que correr por campos quando víamos aeronaves aliadas. Mas, tudo levado em conta, nada de sério jamais aconteceu”.

Os funcionários de arte e de cultura italianos não eram os únicos preocupados em proteger as suas coleções. A 900 quilômetros de distância, uma caravana de caminhões continuava chegando às minas de sal ativas de Altaussee, na Áustria, a cerca de 80 quilômetros a sudeste de Salzburgo – e a menos de 320 quilômetros de carro a noroeste do passo de Brennero na fronteira italiana. Os caminhões faziam seu caminho tortuoso por uma estrada estreita nas montanhas. Grandes acúmulos de neve, em alguns locais medindo quatro metros, exigiram o uso de tratores para completar a jornada. Trabalhadores haviam convertido as minas para um novo uso desde agosto de 1943. Complexas estruturas de prateleiras, em alguns lugares com mais de dois andares de altura, haviam sido construídas em áreas tornadas côncavas por anos de escavação. Trabalhadores de minas das vizinhanças haviam sido encarregados da tarefa de manusear a delicada carga que agora chegava – milhares de obras de arte, inclusive obras-primas de Rembrandt, Vermeer e Rubens, muitas selecionadas por Adolf Hitler para o Führermuseum, em Linz.

A preocupação de Hitler com a segurança de sua própria coleção de arte beirava a paranoia. Algumas dessas peças tinham sido inicialmente armazenadas na superfície, em mosteiros na Áustria; outros haviam sido escondidos em abrigos antiaéreos subterrâneos. Em dezembro de 1942, o líder alemão ordenara a seu secretário particular, Martin Bormann, que escrevesse a um assistente, perguntando “se tudo humanamente possível havia sido feito para proteger nossa arte contra incêndios”. Bormann então havia acrescentado que o Führer, preocupado, “havia perguntado de novo se os mosteiros eram realmente seguros em caso de raide aéreo e se camuflarem os edifícios também não seria uma boa ideia”.

No outono de 1943, os bombardeios aliados contra cidades alemãs haviam se tornado cada vez mais frequentes e punitivos. A violência que Hitler havia despejado sobre a Europa produziu a maior convulsão da arte já registrada na história. Agora, ela ameaçava vitimar sua própria coleção. No dia de Natal de 1943, Hitler autorizou a consolidação e transferência de sua coleção para as inexpugnáveis minas de sal em Altaussee.

Essas minas, bem como a cidade de Linz, ficavam no território do Alto Danúbio, governado pelo *gauleiter* (líder de distrito) August Eigruber, membro fundador da Juventude Hitlerista da Alta Áustria. Anos antes, Eigruber havia declarado sua crença no

conterrâneo austríaco Adolf Hitler. Durante o início da ascensão do Partido Nazista na Alemanha, que ainda era ilegal na Áustria, Eigruber passara 18 meses na cadeia por fazer propaganda nazista. Conhecido por seu temperamento inflamado e por sua crueldade, Eigruber rapidamente se tornou “um dos mais poderosos *gauleiters* do Reich”. Em sua opinião, tudo era sacrificável em benefício do Führer.

O coronel da SS dr. Alexander Langsdorff, recentemente nomeado chefe da operação do Kunstschutz na Itália, chegou a Florença por volta de 9 de maio de 1944, com ordens para supervisionar uma operação muito importante. Langsdorff havia servido como tenente no Exército Imperial Alemão durante a Primeira Guerra Mundial. Ele havia passado seu 18º aniversário, e os dois que se seguiram, na França, como prisioneiro de guerra. Depois de sua libertação, havia estudado a pré-história alemã, história antiga e arqueologia em Berlim e nas universidades de Marburg e Munique. Um interesse crescente por arqueologia o levou ao Egito, Irã e Iraque, entre 1929 e 1933, onde travou conhecimento com Sir Leonard Woolley – agora o conselheiro sênior da Monuments britânica – durante suas escavações em Ur (o Iraque dos dias de hoje).

Partidário de Hitler desde 1923, Langsdorff estava presente no Putsch da Cervejaria naquele mês de novembro, a primeira tentativa de Hitler de tomar o poder. Ele se filiou ao Partido Nazista e à SS em 1933, um “setembrista” como o general Wolff. No ano seguinte, tornou-se “consultor pessoal, artístico e cultural” do líder da SS, Heinrich Himmler, servindo como membro de seu *staff* até 1944. Durante esse período, trabalhou extensamente com o projeto de herança cultural de Himmler, a Ahnenerbe, enquanto dava continuidade a sua atividade como curador do Museu de História do Estado de Berlim. Em fevereiro de 1944, por instigação de Himmler e sem consultar o OKW o Alto-Comando das Forças Armadas, Langsdorff se tornou responsável pelo Kunstschutz na Itália.

Langsdorff havia se apaixonado pela Itália durante suas viagens ao país, quando estudante. Agora, com tantas cidades alemãs em ruínas, ele se sentiu afortunado por voltar a seu apartamento em Florença, não longe da Piazzale Michelangelo, com sua vista encantadora de San Miniato. “Vivenciei a Itália como nunca antes, inalei o que ainda existe, embora por toda parte haja tanta beleza ameaçada, e por isso sinto-me grato e devotado”, ele anotou em seu diário.

O quartel-general de Kesselring havia ordenado a Langsdorff que prestasse assistência a Giovanni Poggi, o superintendente de galerias para Florença, Arezzo e Pistoia, na remoção de três conjuntos de portas de bronze e cerca de 50 esculturas de um velho túnel ferroviário próximo à cidade de Incisa. Tropas alemãs já tinham auxiliado a equipe de Poggi a colocar as portas no túnel, como medida de proteção. Agora, Kesselring precisava dos trilhos para seus trens de abastecimento. As obras de arte teriam que sair.

Andrea Pisano e mais tarde Lorenzo Ghiberti haviam criado aquelas notáveis portas para o Batistério de San Giovanni, em Florença, com suas esculturas em relevo retratando cenas da Bíblia, no princípio dos séculos XIV e XV, respectivamente. O último conjunto de portas criado por Ghiberti consumiu 27 anos de trabalho. Vasari as descreveu como “inegavelmente perfeitas em todos os sentidos”, acrescentando que elas “deveriam ser consideradas como as maiores obras-primas jamais criadas”. Michelangelo homenageou a obra de Ghiberti com tão grandes elogios que inspirou o nome pelo qual essas portas passaram a ser conhecidas: *Porta del Paradiso* (Os Portões do Paraíso).

Como chefe do Kunstschutz, as responsabilidades de Langsdorff incluíam trabalhar com funcionários florentinos para transferir as obras de arte. Fazer a remoção de peças históricas tão lindas e daquele quilate conferia honra não apenas à operação Kunstschutz, mas também ao exército alemão. Langsdorff considerou a missão um privilégio. Transportar as portas de volta à cidade, contudo, demonstrou ser uma tarefa angustiante. A mudança, que exigiu o uso de guindastes, 15 vagões de trem e vários caminhões, ocorreu da noite para o dia, “em condições muito assustadoras devido a bombardeios constantes”. Depois de entregar a última delas no Palácio Pitti, ele comemorou em uma cervejaria no jardim de Fiesole com os outros que o haviam assistido.

Depois de oito meses de ocupação, Kesselring e suas tropas se prepararam para evacuar Roma, e bem na hora. Nos meses anteriores, os combatentes da Resistência conduziram ataques ainda mais ousados contra os ocupantes alemães. Por toda a Itália ocupada, comunistas, monarquistas, socialistas, católicos, liberais e anarquistas haviam unido forças no outono de 1943 para criar o Comitê de Liberação Nacional. Esse grupo de “origem clandestina” assumiu a luta contra o nazifascismo sob a forma de combatentes armados. Um ataque no final de março resultou na morte de 33 policiais alemães comissionados em Roma, na região de Alto Ádige. As forças alemãs retaliaram com presteza e brutalidade. Ao agirem por ordens de Hitler, tropas das SS implementaram uma execução, na proporção de dez para cada um, a título de desencorajar futuros ataques semelhantes. Foram arrebanhados e assassinados 335 cidadãos italianos, 75 dos quais eram judeus.^[19] As vítimas foram conduzidas às cavernas Ardeatine, a cerca de quase 5 quilômetros fora de Roma, e executadas em grupos de cinco, com um tiro na nuca. Os corpos, empilhados uns sobre os outros, encheram a caverna, que as tropas da SS tentaram vedar usando explosivos.

O ousado ataque ao coração de Roma indicava que a Alemanha estava perdendo o controle do sul da Itália. Sicília e Nápoles tinham caído nas mãos dos aliados. O controle da Wehrmacht sobre Monte Cassino e Anzio era, na melhor das hipóteses, tênue. Logo os aliados estariam avançando sobre Roma. Embora a abordagem da “mão branda” do general Wolff tivesse falhado como política para reprimir sublevações, manter boas relações com a Igreja Católica tinha-lhe valido favores com vários membros influentes do

clero. Agora estava na hora de usá-los.

Ao retornar a Roma, em 9 de maio, Wölf soube por seu assistente, o coronel da SS Eugen Dollmann, que lhe havia sido concedida uma audiência especial com o papa. Seria o único encontro entre o Santo Padre e um alto oficial da SS durante a guerra, e a única chance de Wölf em conquistar as boas graças do líder ainda influente para os dias incertos por vir. O encontro também forneceria a Wölf uma oportunidade de confirmar suas garantias ao Santo Padre, feitas no mês de dezembro anterior, de que, enquanto estivesse em seu posto na Itália, o Vaticano e seus ocupantes estariam seguros de sequestros. O planejamento, contudo, apresentava um problema para o general, que chegou carregando uma mala apenas com uniformes. A imagem de Wölf, o segundo líder mais graduado da SS no Partido Nazista, vestindo uniforme de gala preto com a insígnia da SS, o quepe com a caveira, e sendo cumprimentado pelo papa Pio XII, em sua batina branca, com a cruz de prata incrustada de joias, e o anel *Pescatore* – o anel do Pescador – atrairia atenção para o encontro que nenhum dos dois tinha qualquer interesse em alardear. Wölf se apressou em encontrar um traje mais apropriado.

Na manhã seguinte, com terno e gravata que pertenciam a seu assistente bem mais baixo, Wölf chegou para a audiência com o papa. Dollmann o acompanhava. O interlocutor, padre Pankratius Pfeiffer, explicou que, embora o Santo Padre não fosse ele próprio fazer o pedido, de fato esperava a libertação do jovem líder esquerdista, filho de um conhecido advogado e seu amigo pessoal, que tinha sido preso e condenado à morte. Como chefe da polícia alemã na Itália, Wölf com certeza estaria preparado para demonstrar sua boa-fé ao interceder. (De fato, Wölf tomou as providências necessárias; quase quatro semanas mais tarde, o homem foi libertado e entregue à custódia do padre Pfeiffer.)

Quando Wölf entrou na antecâmara papal, o padre Pfeiffer fez a apresentação formal e então se retirou; a audiência começou. Durante o curso da conversa, Wölf e o papa debateram a ideia de uma paz negociada entre a Alemanha e os aliados. Wölf “expressou sua crença firme de ver nele – o papa – a pessoa indicada para iniciar um relacionamento com as potências ocidentais, visando pôr fim àquela guerra, que agora havia se tornado sem sentido”. Wölf sabia que aquilo era perigoso. Ele observou que, “para o objetivo que acabara de manifestar... eu estaria pronto a pôr em risco a minha vida e a de meus parentes”.

Por muito tempo, havia sido ambição do Santo Padre atuar como um negociador de paz magnânimo entre as partes em guerra. Durante a conferência de janeiro de 1942 em Casablanca, contudo, o presidente Roosevelt e o primeiro-ministro Churchill haviam anunciado que a única base para acabar com a guerra seria a “rendição incondicional”. Essa postura não deixava espaço para potenciais intermediários, Roosevelt mais tarde explicou a importância dessa posição durante um pronunciamento pelo rádio, “atraindo atenção para os propagandista[s] do Eixo [que] estão lançando mão de seus velhos truques para dividir as Nações Unidas... Em nossa determinação irredutível, não queremos causar mal às pessoas comuns das nações do Eixo. Mas temos a intenção e a

determinação de impor punições e retaliações a seus líderes bárbaros e culpados”.

Tanto Wolff quanto o Santo Padre concordavam que a “rendição incondicional” era um erro, embora por motivos diferentes. O papa Pio XII classificava a postura como “um obstáculo no caminho para a paz”. Da perspectiva de Wolff, a noção de “punição e retaliação” não oferecia nada, exceto uma prolongada sentença de prisão – ou o nó da forca de um carrasco – para altos oficiais da SS, como ele.

Este encontro extraordinário durou cerca de uma hora. Em sua conclusão, Wolff encarou o papa e, como mais tarde recordaria, “instintivamente levantei o braço” na saudação nazista. “Por anos, eu havia perdido o hábito de usar trajes civis, e aquilo aconteceu espontaneamente como um gesto de respeito. Naquele momento, o padre Pfeiffer segurou o meu braço e disse que o papa teria compreendido da maneira correta.”

19. A lista original tinha 330 nomes. Contudo os alemães erraram na conta e cinco homens a mais foram executados.

CAPÍTULO 12

A vida na estrada

FIM DE MAIO–JUNHO DE 1944

O conflito aprofundado em Monte Cassino e Anzio prendeu os Monuments Men a suas escrivatinhas em Nápoles. A despeito de Nápoles haver se transformado em um centro de repouso e recreação, o grupo – incluindo Deane Keller, Fred Hartt, Ernest DeWald e Perry Cott – tornou-se cada vez mais ansioso. Para o soldado de licença e aqueles lá baseados, Nápoles havia se tornado “um reino encantado de prata e ouro e grande felicidade... Podia-se comprar coisas nas lojas; podia-se ficar bêbedo; podia-se ter uma mulher; podia-se ouvir música”. Numa cidade onde aqueles com sorte suficiente para encontrar trabalho com frequência ganhavam apenas 60 liras por dia (cerca de 60 cêntimos de dólar), muitas mulheres passaram a se vender, cobrando até 2 mil liras por noite (US\$ 20). E elas foram muito bem-sucedidas: a certo ponto, mais de 10% dos soldados aliados na Itália sofriam de alguma doença venérea, que alguns trataram com penicilina comprada no mercado negro.

Keller passava a maior parte de suas noites em Nápoles sozinho. Embora soubesse muito sobre história da arte, preferia o processo de criar arte às intermináveis discussões e análises. Mas muitos de seus companheiros oficiais da Monuments apreciavam essas conversas. “Minha paciência hoje foi dolorosamente posta à prova”, escreveu a seus pais. “Com frequência, tenho que pensar em Michelangelo e em como ele teve que se esforçar para se manter no bom caminho. Por que Deus fez de mim um pintor, eu não sei.” Sua carta a Kathy acrescentava o detalhe que faltava: “Hoje, no escritório, dois de meus companheiros capitães britânicos debateram umas porcarias de cortinas como um par de efeminados.” “Se tiver que passar os dias com um par de frescos, ficarei feliz em ir para qualquer lugar – só para me afastar deles.”

No dia 18 de maio, as forças aliadas capturaram a Abadia de Monte Cassino e seus defensores remanescentes, 16 integrantes das tropas alemãs, gravemente feridos, e dois enfermeiros deixados para trás por seus companheiros soldados. Quando o custo da “vitória” foi calculado, os números de fato pareciam os das medonhas batalhas da Primeira Guerra Mundial: 55 mil baixas aliadas e cerca de 20 mil mortos e feridos alemães.

O oficial da Monuments Norman Newton chegou à abadia fortemente minada e cheia de armadilhas, ainda sob o fogo dos morteiros, apenas horas depois de os alemães restantes terem sido obrigados a se retirar. Enquanto o lado oeste da abadia havia sofrido algum dano, os lados voltados para a cidade de Cassino tinham sido “praticamente reduzidos ao andar térreo... A estátua de São Benedito está sem cabeça, mas, exceto por

isso, intacta”. A basílica estava quase destruída, mas ele observou: “A reconstrução da abadia inteira é possível, embora grande parte dela agora se reduza a apenas escombros pulverizados e poeira.”

Embora os oficiais da *Monuments* lessem o relatório de Newton com desalento, a maioria havia concordado com a decisão de bombardear a abadia. O diretor adjunto John Bryan Ward-Perkins, que originalmente lutara para salvar o edifício, se sentiu de modo diferente ao chegar ao campo de batalha, observando que “a situação das tropas aliadas nas ruínas de Cassino era brutal... Apenas pelo moral, creio que a abadia tinha que ser destruída.”^[20] Se as batalhas por Roma, Siena, Florença e Pisa demonstrassem ser em parte tão destrutivas quanto a luta por Monte Cassino, os oficiais da *Monuments* teriam pela frente uma missão trágica e angustiante.

Os sucessos em Monte Cassino e Anzio permitiram às forças aliadas começar o avanço em direção a Roma. Os planos exigiam que a maioria dos oficiais da *Monuments* fossem transferidos para as regiões recém-liberadas da Itália à medida que cada uma passava para o controle aliado. Vários receberam novas missões. A de Keller excedeu todas as expectativas: ele seria o solitário oficial da *Monuments* ligado ao Governo Militar Aliado do V Exército.

O V Exército incluía soldados de mais de uma dúzia de nações, inclusive Brasil, França, Índia, Nova Zelândia, norte da África e Polônia. Só um terço era de soldados americanos. As tropas britânicas eram responsáveis por outro terço. Depois que as tropas das linhas de frente conquistavam um território, oficiais de *Civil Affairs* do V Exército estabeleciam as operações do governo militar nas áreas recém-ocupadas para estabilizar a vida do dia a dia e assistir a população local na reconstrução de suas cidades. Keller seria o primeiro socorrista do V Exército, avaliando e relatando as condições dos monumentos das cidades conquistadas no caminho para Roma e além. Norman Newton recebeu a mesma missão, representando o VIII Exército Britânico.

No dia 19 de maio, na noite anterior à partida de Nápoles para se juntar ao V Exército, Keller aproximava a manga de seu uniforme da pequena lâmpada perto de seu catre. Em uma de suas cartas de março ele havia escrito: “Ainda não usei a barreta de minha condecoração nem a insígnia da ombreira. Não sei quando o farei. Acho que são os rapazes no front que devem usar essas coisas. Talvez algum dia eu venha a sentir que mereço usá-las.” Agora, dois meses depois, na véspera de sua marcha para Roma, ele achava que tinha chegado a hora.

Enquanto enfiava a agulha, Keller não pôde deixar de se impressionar com sua habilidade para costura. A insígnia tinha um grande “A” branco se elevando sobre tiras acima de um “5” branco em um fundo azul, sobreposto a uma pala vermelha. O campo azul era na realidade a silhueta de uma mesquita – um lembrete de que o V Exército havia sido ativado na cidade franco-marroquina de Oujda. A insígnia não era padrão do exército – ele a havia comprado nas ruas de Nápoles –, mas ser viria.

Depois de nove dias em sua nova missão, Keller desenhou um jipe do exército numa folha de papel V-Mail, ao lado de uma mensagem ao filho de 3 anos.^[21] “Dê um beijo em mamãe por mim. Você é um bom menino e papai ama você – agora até a vista – amor, Papai.”

Desde sua partida para a Europa, ele vinha continuamente tentando desempenhar de longe o papel de pai para Dino. Em abril, começou a enviar-lhe *cartoons* personalizados. O menino ainda não sabia escrever, mas desenhar se tornou o meio de comunicação entre eles, uma linguagem que compreendiam juntos. Este amor compartilhado pelo desenho viria a definir seu relacionamento.

Print the complete address in plain letters in the space below, and your return address in the space provided on the right. Use typewriter, dark ink, or dark pencil. Hand or small writing is not suitable for photographing.

Deane Keller

SENDER'S STAMP

TO DEANE KELLER
28 NAWKEY RD.
W. HARTFORD
CONN.

SEE INSTRUCTION NO. 3

FROM

Capt Deane Keller
Co. G. 2075 REG'T. X. CC
A.P.O. 394 4th F. AL. NEW YORK
1 Feb. 1945

(Sender's complete address above)

Dear Deane, my boy / Morning, how do
you like the snow? Well fun with you
and? Daddy is in the
snow too -
Give M -
a hug!



Daddy has to sew too
Almost every thing Daddy has to do
to keep neat + clean - Love you
your Daddy

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE
ADDRESS AT TOP?

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE
ADDRESS AT TOP?

O desenho de Deane Keller o mostra costurando a insígnia do V Exército em seu uniforme. Este desenho e dúzias de outros que ele fez para o filho, Dino, criaram um laço duradouro entre pai e filho. [Deane Keller Papers, Manuscripts & Archives, Yale University]

Keller dormia em um lugar diferente quase a cada noite. As coisas eram assim no V Exército, e, como explicou a Kathy, para ele estava muito bem. “Tenho sido tão feliz em meu trabalho aqui no exército quanto é possível ser por estas bandas... Considero meu

trabalho uma grande honra.” Keller raramente usava a palavra feliz em suas cartas. O simples sentido de propósito parecia elevar seu ânimo. Nas longas viagens, ele se preparava para cada nova missão: inspecionar todos os monumentos de uma dada região, fazer uma avaliação inicial dos danos, tomar as medidas necessárias para proteger os monumentos e tesouros culturais de novos danos e, então, prosseguir para a cidade seguinte. Geralmente Keller chegava horas depois da liberação.

Embora a maioria dos ser viços do exército demonstrasse ser prestativa, alguns oficiais e soldados por vezes se referiam aos Monuments Men como “tímidos reparadores de Vênus”. Até mesmo o general John Hildring, que como chefe de Civil Affairs mais tarde se tornaria um grande partidário da missão dos Monument Men, certa vez se referiu a eles como os “tipos com ‘cara de ratinho estudioso’... perambulando silenciosamente pelo teatro do Mediterrâneo... Eles não fizeram nada que valesse a pena, porque não chegou às tropas a informação do que o general Eisenhower queria”. Keller sabia que somente trabalho duro e consistente acabaria com a noção de que os oficiais da Monuments estavam na Itália para algo mais do que um tour surrealista de arte.

Keller partira de Nápoles para seu novo posto em 20 de maio, levado de carro por um percurso de cerca de 60 quilômetros rumo ao norte até o quartel-general do V Exército AMG, em Sparanise, “uma cidade de tendas em um campo de oliveiras”. Quando chegou, o exército lhe entregou a parte mais crítica de seu equipamento: um veículo de “utilidade geral”, cujas duas primeiras iniciais – GP – haviam evoluído para o apelido “jipe”, ou pelo menos era o que algumas pessoas diziam. Alguém havia comentado que a palavra jipe “mais parecia um ruído do que um nome” de um veículo. “Santo Deus, não creio que pudéssemos continuar a guerra sem o jipe”, escreveu Ernie Pyle, o mais popular correspondente de guerra da América. “Ele faz tudo. Vai a todos os lugares. É fiel como um cachorro, forte como uma mula e ágil como um cabrito. Constantemente, carrega o dobro da carga que foi projetado para transportar e segue sempre em frente.”

Keller recebeu em um dia o que Mason Hammond havia tentado conseguir por sete meses: um meio de transporte confiável. Não haveria veículos civis improvisados – nenhum “Perigo de Hammond”. Com 4 metros de comprimento, 1,50 metro de largura e 1 metro de altura, o jipe, com sua transmissão manual com potência de 60 cavalos, era tudo menos um veículo de luxo. Mas para Deane Keller foi uma atribuição de poder.

A tomada de Cassino pelo VIII Exército havia liberado a maior parte do V Exército a avançar para noroeste para as terras altas. A região montanhosa, com suas estradas de curvas tortuosas e vales profundos, encorajava a mesma estratégia de emboscada e retirada que havia sido empregada com tanta eficácia pelas forças alemãs ao sul de Cassino. Como estudante da Academia Americana em Roma, há cerca de 18 anos, Keller já havia viajado por aquelas estradas. Ele sabia que o percurso de cerca de 210 quilômetros até Roma interligava dúzias de cidadezinhas, cada uma com sua própria história, monumentos e ricos tesouros culturais. Se as ruínas destroçadas pelas quais já havia passado eram alguma indicação, seu caminho para Roma, a primeira cidade italiana

que o havia conquistado, seria uma mistura dissonante de “beleza e desolação”.

A primeira missão oficial de Keller com o V Exército começou no dia seguinte, na cidade de Gaeta, a 56 quilômetros do acampamento, à beira-mar.

A estrada estava esburacada e poeirenta... Os escombros eram retirados mal e porcamente das estradas, apenas o suficiente para deixar passar um veículo 6 x 6. Todos os outros, exceto os reboques de 10 toneladas com tanques conseguiram passar. As cercas tinham sido arrancadas; esquadrões de varredores de minas trabalhando nas valas de ambos os lados do acostamento da estrada. Placas dizendo “Limpo de Minas + 1,50 metro”, em letras pretas sobre fundo amarelo, eram colocadas a intervalos. PMs e veículos militares dos mais diversos tipos estavam parados na estrada. O jipe era aberto e o para-brisas light line teve que ser abaixado, pois seu reflexo o tornaria um alvo fácil.

Depois de passar por uma curva na estrada do litoral, Keller observou uma cena aflitiva. Muitos dos prédios em Gaeta haviam sido danificados por morteiros e bombas, tornando várias ruas intransitáveis. As praias pareciam um labirinto de arame farpado. A principal fonte de fornecimento de água da cidade havia sido destruída. Tropas aliadas tinham se voltado para o interior, e, em sua esteira, várias centenas de civis italianos, trôpegos, haviam saído para as ruas, imundos e mortos de fome. Deane Keller, pintor de retratos, era treinado na arte da expressão, mas nunca havia visto nada como Gaeta. Aquelas pessoas estavam perdidas.

No acostamento da estrada principal, um oficial da Civil Affairs esperava pelo padeiro local com suprimentos, mas não havia veículo para entregar o pão. Keller e seu motorista, um oficial dos carabinieri, Giuseppe de Gregorio, chegaram ao local. Keller sabia que o pão na Itália não era apenas um alimento camponês: era um símbolo, um sacramento. “Um italiano de classe média me disse que não podia ver uma criança deixar cair um pedaço de pão no chão e desperdiçá-lo. Jogar pão fora era pior do que dizer palavrões.” Keller não hesitou; carregou o jipe com os suprimentos para o padeiro e foi para a cidade.

Ele arrastou uma tubulação de modo que os engenheiros da cidade pudessem consertar a canalização de água e, então, levou o pão recém-assado até um ponto de distribuição na praça da cidade. Keller observou os italianos comerem. Eram pessoas derrotadas, atordoadas e temerosas. Muitas eram refugiadas do sul, separadas há semanas de suas famílias e amigos. Algumas eram crianças. Algumas estavam gravemente feridas. “Quando vejo um garotinho da idade de Deane com uma perna só, a outra arrancada por uma bomba... Aquilo faz com que me sinta horrível. Fiquei com o estômago revirado e de coração apertado.” Um bom número daquelas pessoas, ele descobriria, havia estado vivendo em cavernas, catando insetos e bagas nas encostas para comer. As fazendas tinham sido tão tremendamente minadas pelos alemães que os campos não podiam ser trabalhados. Não havia mais nada para comer.

As instruções do general de brigada Edgar Hume, comandante do Governo Militar

Aliado na Itália, haviam sido claras: forneça instruções, mas deixe que a população local faça o trabalho. Em Gaeta, Keller se deu conta da sabedoria daquele conselho. Os italianos precisavam de alguma coisa para fazer, algum modo de participar não só na reconstrução de suas vidas, mas também na reconstrução de seu orgulho. Observar, em meio à multidão, os rostos abatidos, comendo seu pão em silêncio, reafirmou a sabedoria do conselho de Hume.

Encontrar alguém que soubesse o que tinha acontecido com a cidade era essencial. Enquanto Keller ouvia o padre local, Giuseppe cuidadosamente manobrava através das ruas sulcadas e minadas da cidade. O conhecimento local não apenas demonstrou ser essencial para a missão de preservação, mas também para manter Keller vivo.

Ele ouviu uma história que se tornaria muito familiar em suas inspeções de outras cidadezinhas. Começava em setembro de 1943 com a ocupação alemã. No princípio de maio de 1944, pouco antes de as forças aliadas capturarem Cassino, as tropas alemãs começaram a cavar trincheiras. Depois de derrubarem árvores para criar barreiras nas estradas, eles posicionaram artilharia e armas pesadas. Com frequência se seguiu a pilhagem de lojas, igrejas, museus e casas. Os civis fugiram para as montanhas ou se esconderam em porões apertados, sabendo que a batalha se aproximava. Permaneceu um silêncio tenso até que as primeiras bombas aliadas, e depois a artilharia, chegassem e finalmente houvesse a retirada dos alemães, lutando e recuando prédio a prédio, cortando fios elétricos e explodindo pontes ao fugirem.

O bombardeio das armas pesadas dos aliados derrubava os prédios. A luta se intensificava, com corpos de ambos os lados caídos de cara no chão pelas ruas ou pendendo sem vida de janelas. Fogo de armas mais leves e metralhadoras irrompia pelas ruas estreitas. E então acabava. Podia levar dois dias ou apenas duas horas, mas a batalha surgia do nada, crescia e desaparecia com a mesma intensidade, deixando para trás soldados feridos e mortos, prédios arruinados e civis aterrorizados. As pessoas saíam se arrastando das igrejas ou das cavernas, de onde quer que houvessem se escondido, e circulavam a esmo em meio às ruínas, atordoadas e silenciosas.

De início, os oficiais companheiros de Keller e alguns dos soldados se perguntavam por que, com homens feridos precisando de cuidados e mortos a serem enterrados, ele demonstrava tanta preocupação com prédios e obras de arte. Contudo, os italianos nunca questionavam sua presença nem sua missão. Eles se alegravam quando Keller pescava em meio a uma aglomeração de gente um superintendente ou buscava a ajuda de um cidadão proeminente se o superintendente tivesse sido um fascista. Sempre havia alguém com conhecimentos, apaixonado pela história e pela herança artística da cidade. Enquanto examinava o que restava de cada prédio em sua lista, Keller ouvia o relato local da familiar sequência de destruição. Quando estendia a mão para a traseira de seu jipe e pegava uma placa de ENTRADA PROIBIDA, um grupo de moradores da cidade sempre se reunia em volta, balançando a cabeça e sorrindo enquanto ele a pegava na parede do prédio.

Os cidadãos das cidades e vilarejos liberados apreciavam seus esforços. O governo italiano havia bombardeado seus cidadãos com informações falsas que afirmavam que os

aliados “têm apenas um objetivo, destruir tudo, sem discriminação... O inimigo – provando tudo isso pela milésima vez – quer golpear nosso povo, quer humilhar e destruir nossa história e nossa civilização”. A presença de Keller e seu interesse por suas cidadezinhas minavam violentamente esse tipo de propaganda.

A maioria dos moradores eram prestativos. Alguns, remanescentes da era Mussolini, os *impiegatucci* (pequenos burocratas), se concentravam mais em causar boa impressão – *fare una bella figura* – e em exercer sua autoridade do que em fazer qualquer trabalho significativo. Como Keller explicou a Kathy: “Talvez eu esteja ficando um pouco estragaprazeres, pois os italianos me irritam muito. Há conversa demais e se faz muito pouco... pelo menos com os pequenos burocratas. Conheço seus sofrimentos, mas é exasperante.”

Gaeta foi apenas a primeira cidade da lista de Keller, não a mais atingida. A cada dia, ele visitava outras. Itri, joia antiga aninhada numa encosta a 11 quilômetros ao norte de Gaeta, havia despencado do penhasco e se despedaçado em uma pilha de entulho. Ele não conseguiu identificar nem seu monumento mais famoso, o Monastério de San Martino. Simplesmente havia desaparecido.

Na antiga cidade de Terracina, Keller descobriu a mensagem deixada por tropas alemãs num quadro-negro em frente ao Museu Cívico. “*Chi entra dopo di noi non troverà nulla.*” (“Quem vier depois de nós não encontrará nada.”) As esculturas romanas, orgulho do museu, haviam sido deixadas no prédio destrancado para qualquer um roubar. Mas algo bastante diferente tinha sido deixado para trás, perto do templo de Júpiter Uxor: telefones, armas, comida e 200 cadáveres estendidos em fileiras. Keller se lembrava do cheiro forte e adocicado da morte. O fato de os mortos serem soldados alemães na verdade não importava; todo homem tinha um rosto.

Depois de vários dias na estrada, vivendo em seu jipe, Keller voltava a seu novo “lar”, o acampamento avançado do Governo Militar Aliado (AMG), em Formia, uma cidade costeira a meio caminho entre Nápoles e Roma, para repor os estoques de suprimentos e ter acesso a uma máquina de escrever para preparar seus relatórios oficiais. Nessas noites, as cartas para Kathy e os desenhos para Dino tinham que esperar, do mesmo modo que a pausa para uma cerveja ou uma dose de uísque no pequeno bar administrado pelo simpático rapaz italiano. Ele preferia escrever seu relatório enquanto os detalhes estavam frescos em sua mente. Depois de arrumar seus blocos de anotações de campo e a lista de monumentos que havia examinado, Keller começava a datilografar, “identificando-os por números”, como sempre fazia.

Nas duas semanas desde que se juntara ao AMG do V Exército, tanta coisa havia acontecido, tão rapidamente, que Keller tinha dificuldade em registrar tudo aquilo em seus relatórios. Ele pensou em Valmontone, uma cidade na montanha, a apenas 50 quilômetros de Roma, que havia sido bombardeada sem dó nem piedade. O domo de sua catedral ficara rachado, as portas, destruídas, as paredes esburacadas e descamadas

como a pele de um moribundo nos últimos estágios da lepra. Atrás da igreja, Keller encontrou centenas de civis acotovelados numa caverna, com seus parcos pertences aos pés.

A lembrança do primeiro soldado de infantaria americano morto que Keller viu, jazendo na rua da cidade próxima, Palestrina, o perseguia. Enquanto olhava para o corpo, ele havia reparado no forro, metade puxada para fora da placa de metal do capacete do soldado. Dentro dele, Keller havia encontrado uma carta endereçada à mãe do rapaz. Para um homem que acreditava que “a vida de um rapaz americano vale infinitamente mais para mim do que qualquer monumento que eu conheça”, aquela fora uma experiência dolorosa.

Mas nem todas as experiências haviam sido trágicas. Uma recordação alegre que persistiu ocorreu na grandiosa Abadia de Fossanova, “um admirável exemplo de arquitetura gótica francesa, e uma entre as igrejas mais bonitas de toda a Itália” – e o lugar onde Tomás de Aquino havia morrido, em 1274. Relatos de que os alemães haviam ocupado a abadia durante toda sua estada naquela área, chegando até a realizar uma festa elegante no refeitório na véspera de Natal de 1943, o deixaram preocupado com suas condições.

Enquanto dirigia para Fossanova, acompanhando a margem dos pântanos de Pontine, a beleza da tarde foi maculada por pensamentos sobre os vencedores de Anzio, cuja recompensa era labutar em meio ao terreno baixo da planície assolada pela malária. De longe, ele teve seu primeiro vislumbre da abadia, as paredes brancas reluzindo. Caminhões de dez toneladas passavam roncando pela estrada principal. A artilharia troava ao longe, mas as velhas paredes de pedra se ressaltavam, parecendo se erguer para recebê-lo à medida que se aproximava.

Keller entrou no santuário intacto e viu o padre da abadia, Don Pietro – “um sujeito muito capaz” – que oferecera acomodações para soldados aliados e refugiados. Avistando um órgão atrás do altar-mor, Keller pediu-lhe que tocasse a *Ave Maria*, de Schubert. Cerca de 50 soldados aliados ouviram fascinados. Enquanto a última nota ressoava, os soldados aplaudiram, bateram os pés e gritaram vivas pedindo mais. A guerra havia apresentado muitos novos sons a um soldado. Depois de meses do fogo da artilharia, tiros, caminhões, aviões, motores e rádio, a música oferecia uma graça sobrenatural. Aquele momento sublime sustentaria Keller nos meses por vir.

20. O tio de sua esposa, lutando no VIII Exército Britânico, morreu em Monte Cassino.

21. “V-Mail” era a abreviação de “Victory Mail”, Correio da Vitória. De acordo com o National Post Museum, a criação da V-Mail envolveu a microfilmagem das folhas de papel de carta originais e depois o transporte do microfilme para o exterior, onde era impresso para o destinatário. O uso de V-Mail economizou valioso espaço de carga e

geralmente era entregue mais rapidamente que o correio comum.

CAPÍTULO 13

Caça ao tesouro

JUNHO-JULHO DE 1944

O avanço das tropas aliadas obrigou o Generalfeldmarschall Kesselring a finalizar seus planos para a retirada de Roma. Primeiro, ele submeteu recomendações ao OKW em 4 de fevereiro de 1944. Embora Kesselring não tivesse nenhum desejo de danificar monumentos ou outras estruturas importantes, retardar o avanço do inimigo era prioridade. Por este motivo, ele havia defendido a demolição das pontes que cruzavam o rio Tibre. Seu plano recebeu aprovação exceto por um obstáculo: devido à opinião do Führer de que as pontes de Roma tinham “considerável mérito histórico e artístico”, elas deveriam ser poupadas. No dia 3 de junho, o OKW ordenou a Kesselring: “Decisão do Führer. Não deve haver batalha em Roma.”

Hitler havia adorado sua experiência de visitar Roma em 1938 e de novo em 1940. Depois de ver as pinturas e esculturas da Galleria Borghese durante sua primeira visita, ele “continuou imaginando a possibilidade de voltar à Itália, talvez um dia, ‘quando tudo estivesse em ordem na Alemanha’, mudar-se para uma pequena casa nos arredores de Roma e visitar os museus incógnito”. Hitler compreendia que a destruição dos monumentos históricos e artísticos seria propaganda desastrosa. Mas, mais que isso, ele amava a cidade em si.

No domingo, 4 de junho, dois dias antes de as forças aliadas tomarem de assalto as praias da Normandia, o V Exército dos Estados Unidos se tornou “o primeiro, em 15 séculos, a se apoderar de Roma pelo sul”. Nas semanas que se seguiram, um fluxo regular de dignitários – diplomatas, funcionários de serviços de Inteligência e oficiais militares – seguiu para o Vaticano para audiências com o Santo Padre. Entre eles estava o alto e grisalho major Ernest DeWald, diretor da MFAA na Itália. Aos 52 anos, o veterano da Primeira Guerra Mundial e professor de Yale era uma das maiores autoridades do mundo em manuscritos com iluminuras e pintura medieval italiana. Fluente em alemão, italiano e francês, era um grande amante da ópera, tendo inclusive, por um breve período, tentado carreira como cantor. Um oficial da Monuments havia observado que, de vez em quando, ele podia ser visto “caminhando, de bengala na mão, cantando árias de Mozart”.

O diretor assistente de DeWald, major John Bryant Ward-Perkins, um arqueólogo britânico, ficara em Nápoles para tomar providências para a transferência das operações da MFAA para Roma. DeWald não tinha experiência no trabalho da Monuments, mas Ward-Perkins se vira com distinção na campanha do norte da África, onde seus esforços para proteger ruínas antigas de tropas curiosas haviam-no tornado, nas palavras de

Mason Hammond, “o primeiro oficial, britânico ou americano, a de fato realizar o trabalho da Monuments”.

Ward-Perkins trabalhara anteriormente no Museu de Londres e na Universidade de Malta, antes de se alistar no exército britânico, em 1939. Os colegas o achavam encantador e gostavam de trabalhar com ele. Durante a campanha norte-africana, ele havia se acidentado com sua motocicleta e fora parar num hospital egípcio. Enquanto se recuperava, Ward-Perkins havia se apaixonado por Margaret Long, uma enfermeira britânica que servia no Voluntary Aid Detachment. Eles se casaram pouco depois e passaram a lua de mel em Luxor. Depois de voltarem ao serviço, em janeiro de 1943, agindo por iniciativa própria, Ward-Perkins e o tenente-coronel Sir Mortimer Wheeler tinham salvado de danos os sítios arqueológicos de Leptis Magna e Sabratha (na Líbia), ao convencer os oficiais de comando que as ruínas deviam ser proibidas de receber visitas das tropas. Também postaram guardas e se dedicaram a informar os soldados sobre a importância daqueles sítios, de modo a lhes conquistar a cooperação. Com o passar do tempo, os oficiais da Monuments na Itália e na Europa ocidental repetiriam as estratégias pioneiras criadas por Ward-Perkins.

Procurando evitar os problemas de acantonamento e pilhagem que haviam afligido seus esforços em Nápoles, DeWald providenciara que três oficiais da Monuments – o tenente Perr y Cott, o capitão britânico Humphrey Brooke e o tenente Fred Hartt – entrassem em Roma junto com as tropas. Dias depois, Hartt concluiu sua avaliação de danos à cidade e a seus monumentos mais proeminentes. A Basílica de San Lorenzo, que recebeu o impacto direto de um projétil em 19 de julho de 1943, durante um bombardeio aliado, fora gravemente danificada – mas era reparável. De fato, Hartt relatou que funcionários locais da área de arte já tinham construído andaimes para consertar o telhado. “A despeito de danos generalizados às construções civis nos subúrbios de Ostiense, Tiburtina e S. Lorenzo”, as áreas circundantes aos pátios de manobras de ferrovias e campos de pouso bombardeadas pelos aliados durante os ataques de julho e agosto de 1943, “não houve outros danos a monumentos culturais em Roma que pudessem ser encontrados por esta inspeção ou por relatos”.

O crédito para as amplas medidas de proteção tomadas em Roma, como em outras cidades italianas, pertencia aos funcionários de arte e cultura da nação. Depois de evacuar as obras móveis, as autoridades se dedicaram a trabalhar para proteger obras permanentes. Os funcionários haviam coberto a escultura de Moisés, de dois metros e meio de altura, de Michelangelo, no vestíbulo da Igreja de San Pietro in Vincoli, em Roma, com um tecido protetor e a protegido com tijolos. O Arco de Constantino – um arco triplo medindo quase 20 metros de altura e 25 metros de largura – estava todo coberto com sacos de areia e andaimes. As autoridades de Roma chegaram até a mandar proteger a Coluna de Trajano com tijolos, um projeto tão belamente concebido e executado por artesões locais que a cobertura não era visível a um primeiro olhar.

Além do trabalho monumental dos italianos, planejado e executado com previsão e dedicação à sua cultura, a tarefa mais difícil coube a Perr y Cott, um homem bem

conhecido por DeWald. Depois de receber seus diplomas de graduação e doutorado em Princeton, ele se tornou diretor associado e curador do pequeno, mas importante Worcester Art Museum, em Massachusetts, antes de iniciar carreira como oficial de reserva da Marinha. Seu conhecimento de arte e dom para línguas fez dele uma escolha fácil para o serviço na Monuments.

Cott tinha ordens para verificar se os museus da cidade estavam seguros e para afixar cartazes de ENTRADA PROIBIDA em todos os prédios da lista da MFAA para impedir o acesso das tropas. Ele pegou carona para subir a colina Janiculum até a Academia Americana, alma mater de quatro Monuments Men que serviam na Itália.^[22] Ali, ele se encontrou com o professor Albert van Buren, que insistira em permanecer em Roma para supervisionar a academia depois da suspensão de operações regulares, em 1941. Van Buren informou a Cott sobre a situação geral da cidade e a ocupação alemã. Ele passou sua primeira noite em Roma acampado nos jardins da Villa Borghese. No dia seguinte, Cott se encontrou com o professor Aldo de Rinaldis, superintendente de galerias em Roma, para discutir a segurança dos museus da cidade, dos quais todos, exceto um, já tinham sido fechados há muito tempo. De Rinaldis informou a Cott que a maioria das obras de arte de Roma fora armazenada em segurança no Vaticano, mas somente depois da incrível aventura orquestrada por Rotondi e Lavagnino, em que foram levadas para o campo e depois trazidas de volta em condições aflitivas.

Mesmo antes da chegada dos carregamentos de Rotondi e Lavagnino, o Vaticano já possuía uma das maiores coleções de arte do mundo. Com a adição temporária das peças da Galeria de Pinturas de Brera, em Milão, da Accademia, em Veneza, da Galleria Borghese, de Roma, do Museo Nazionale de Nápoles, dos acervos de dúzias de museus menos proeminentes e de inúmeras peças de valor inestimável das igrejas da nação, ele agora tinha poucos rivais, se é que tinha algum, em qualquer lugar da terra. Juntado-se a seu notável acervo, estavam – para citar apenas alguns – os Caravaggios, de Santa Maria del Popolo e San Luigi dei Francesi. E telas enormes de Ticiano, Veronese, Tintoretto e Tiepolo de Veneza. Nunca antes ou depois, as criações de tantos gênios criativos estariam reunidos em um mesmo lugar.

Depois de apresentar suas credenciais ao Santo Padre, DeWald explicou o propósito da operação Monuments, oferecendo seus serviços às coleções papais e ao Vaticano. Isso marcou o princípio de um relacionamento íntimo entre a operação Monuments e o Vaticano, conforme ficou evidenciado pelas audiências subsequentes de DeWald com o Santo Padre. DeWald e sua equipe iniciaram o inventário dos caixotes que a Divisão Hermann Göring entregara em Roma no inverno anterior.

Em 26 de junho, DeWald, Cott e Lavagnino começaram a primeira de seis inspeções distintas. A equipe contava com a lista de inventário que DeWald havia recebido do superintendente de Nápoles. Durante o trabalho, Lavagnino relatou aos companheiros de equipe os acontecimentos daquele dia frio de janeiro, seis meses antes, quando os caminhões da Divisão Hermann Göring estacionaram diante do Palazzo Venezia e começaram a descarregar os 172 caixotes vindos de Nápoles. Então, Lavagnino deixou

escapar que suspeitava que os alemães tivessem retirado pinturas dos caixotes antes de entregá-los em Roma. Ele disse a DeWald que, embora um oficial alemão inicialmente houvesse dito que o comboio estava “atrasado”, os caixotes que faltavam nunca tinham chegado. No final de janeiro, ansioso por identificar o conteúdo por si mesmo, Lavagnino havia começado a inspecionar os caixotes e observou que “quase todas as caixas tinham sido abertas anteriormente, porque o papel que embrulhava as pinturas havia sido rasgado, provavelmente para permitir identificá-las”. A súbita notícia dos desembarques dos Aliados em Anzio, a 56 quilômetros ao sul de Roma, havia obrigado Lavagnino a suspender sua investigação do mistério do que parecia ser a violação do carregamento pela Divisão Hermann Göring.

Depois de alguns minutos de exame por DeWald e Cott, o grupo chegou à mesma conclusão a que o oficial alemão dr. Becker chegara oito meses antes ao interromper os saqueadores dedicados à sua “tarefa inacreditavelmente sórdida” em Spoleto. O caixote nº 1, que, de acordo com a lista do superintendente de Nápoles, devia conter a mundialmente famosa *Cegos Guiando Cegos*, de Pieter Bruegel, o Velho, e duas pinturas de Anthony van Dyck e Thomas de Keyser, estava faltando. Quando DeWald abriu o caixote nº 29, descobriu que alguém colocara nele a pintura de Keyser do caixote nº 1. Então, encontrou o Van Dyck do caixote nº 1 no interior do de nº 58. Mas o Bruegel, de longe a pintura mais importante das três, não foi encontrado em nenhum dos caixotes. Evidentemente, alguém a tinha levado. Os ladrões não tinham conhecimento apenas de sua importância, mas também sabiam o suficiente para deixar para trás as pinturas menos valiosas de Van Dyck e de Keyser, colocando-as em caixotes com espaço de sobra.

E assim as coisas prosseguiram. Caixote nº 3: “faltando por inteiro”. Desaparecidas estavam as pinturas de Pannini, Battistello e a *Danaë*, de Ticiano, uma das obras mais conhecidas e valiosas do mundo. “Caixote nº 8: Duas de três pinturas faltando. São elas: *Anunciação*, de Filippino Lippi, e *Tríplice*, de Joos van Cleve. A terceira tela, *Caim*, de B. Cavallino, foi encontrada embalada com as telas do caixote nº 29.” DeWald resumiu o trabalho em seu relatório: “Portanto, as provas são bastante completas de que os caixotes foram violados antes de chegarem a Roma. As provas específicas dos caixotes nºs 1, 8 e 38 mostram que estas pinturas foram intencionalmente subtraídas.”

DeWald e sua equipe, incluindo Lavagnino, não tinham nenhuma dúvida de que as pinturas de Nápoles que faltavam tinham sido levadas pela Divisão Hermann Göring. A ousadia do roubo horrorizou os americanos. Roubar uma obra de arte obscura era uma coisa. Mas as peças roubadas da Abadia de Monte Cassino estavam entre as mais reconhecíveis do mundo. Para todos os efeitos práticos, a Divisão Hermann Göring poderia ter dirigido até Nápoles, parado o caminhão na porta do Museo Nazionale e tirado as obras-primas de seus ganchos na parede.

Relatos de pilhagens por nazistas em toda a Europa ocidental e oriental se multiplicavam. Àquela altura, as peças de arte desaparecidas provavelmente já estariam na Alemanha, talvez até penduradas nas paredes de uma das casas do Reichsmarschall Göring. Nápoles havia apresentado os Monuments Men à cruel destruição causada pelas

tropas alemãs, mas o inventário dos caixotes no Vaticano havia lhes fornecido a primeira prova de roubo dos nazistas na Itália. Com os alemães em retirada rumo ao norte, pelas cidades ricas em arte de Siena, Florença e Pisa, parecia certo que haveria novos saques.

22. Os Monuments Men Deane Keller, Norman Newton, Sidney Waugh e Bernard Peebles receberam o Prêmio Roma. Walker Hancock, um oficial da Monuments ser vindo no norte da Europa, também o recebeu. Os Monuments Men Patrick Kelleher, Mason Hammond e Craig Hugh Smyth se tornaram *fellows* depois da guerra, elevando para oito o número de Monuments Men afiliados à Academia Americana, em Roma.

CAPÍTULO 14

Surpresas

JULHO DE 1944

De maneira bastante estranha, das centenas de obras de arte que DeWald e sua equipe catalogaram no Vaticano, nenhuma fora enviada da Toscana ou de sua capital, Florença. Em algum lugar no caminho do exército alemão em retirada estavam famosas pinturas e esculturas de Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rafael, Botticelli e outros. Embora funcionários do governo em Roma tivessem listas indicando a localização dos repositórios florentinos, eles as consideravam desatualizadas. E não pareciam desnecessariamente preocupados. O superintendente florentino, Giovanni Poggi, era um dos especialistas mais competentes do mundo na proteção de bens culturais durante a guerra. Muito provavelmente elas haviam sido transferidas de volta para Florença e armazenadas em segurança.

Enquanto DeWald, Cott, Hartt e outros do escritório de Nápoles ocupavam-se em Roma, Keller continuava suas inspeções em cidades e vilarejos recém-liberados mais ao norte. Seis semanas de trabalho como o oficial da Monuments do V Exército dos Estados Unidos já lhe tinham ensinado muita coisa, como explicou a Kathy: “Nas cidadezinhas menores, geralmente há uma igreja da qual as pessoas gostam mais do que quaisquer outras, em geral a do santo padroeiro da cidade... Agora, quando entro em um lugar novo, sempre tento descobrir imediatamente qual é o santo padroeiro de modo a conquistar a simpatia dos moradores. É uma espécie de método Dale Carnegie de bom relacionamento na Itália.”

O jipe havia adquirido a mesma importância que um cavalo para um caubói. “Estou me tornando cada vez mais cauteloso, cuido de meu jipe com a mesma atenção que você dedica a cuidar de nosso adorador Dino. (...) jipes são roubados e todo tipo de coisas pode acontecer com eles. Eu preciso do jipe, pois é minha vida & meu trabalho.” A condição das estradas era medonha, geralmente nada mais que terra batida, fina como talco. “Sacudi minhas calças na janela e subiu uma nuvem. Apreendi a amar minha toalha de banho como uma filha.” A despeito de estar inteiramente consumido pelo trabalho, Keller conseguiu se lembrar do sexto aniversário de seu casamento que se aproximava. E, por cartas, tomou providências com sua cunhada para que flores fossem enviadas a Kathy, certificando-se de que pelo menos uma fosse amarela.

Nas primeiras horas da manhã do dia 3 de julho, as forças aliadas liberaram a primeira cidade da Toscana – Siena. A cidade havia sofrido danos mínimos, tendo sido, nas palavras de Keller, “artisticamente ignorada” pelas forças alemãs. Uma explicação mais precisa envolvia a decisão de Kesselring de declarar Siena “cidade aberta”. Isso

significou que, na medida em que os esforços defensivos alemães estivessem sendo abandonados, os aliados não atacariam a cidade. A distância entre os combatentes era quase inexistente; as forças aliadas chegaram a Siena apenas duas horas depois de os alemães terem se retirado.

Keller chegou no dia seguinte para descobrir placas de monumentos protegidos já colocadas na maioria dos 50 prédios e igrejas da lista da MFAA, obra de um consciencioso oficial da Civil Affair, capitão Edward Valentine. Aquilo teve o efeito desejado, conforme Keller observou em um de seus relatórios: “Fomos chamados de ‘bárbaros, assassinos’ e malfeitores de toda sorte no rico vocabulário italiano. Agora que os sienenses podiam ler em inglês e em italiano, já que alguns de nossos cartazes de PROIBIDA A ENTRADA e placas de proteção eram em ambas as línguas, os ‘*anglo-sassoni assassini*’ já não eram na verdade nada disso. Como resultado do cuidado com sua rica herança artística, eles também podiam acreditar que lhes traríamos alimentos, lei e ordem, medicamentos e um retorno à pacífica vida normal.”

O grande momento de florescimento artístico de Siena havia ocorrido durante o século XIV. As deslumbrantes obras do Trecento, em suas igrejas e museus, tinham sido enviadas, juntamente com as de cidades próximas, a *villas* e palácios no campo. No dia 8 de julho, Keller chegou ao mais importante dos três principais repositórios sienenses, o Palácio do Bispo na cidade próxima de Mensanello. As forças aliadas haviam acabado de tomar o controle das tropas alemãs. Baterias de artilharia francesas martelavam posições alemãs nas vizinhanças.

Keller entrou no palácio para descobrir um posto de primeiros socorros improvisado, onde um médico militar francês tratava três soldados coloniais franceses. O fogo contínuo de artilharia tornou quase inaudível a apresentação de Keller. Depois de avaliar o oficial do V Exército diante dele, homem de meia-idade e aparência de estudioso, e determinar por que ele estava ali, o médico francês apontou para dois grandes caixotes encostados contra uma parede. Enquanto Keller se aproximava para examinar mais de perto, ele reparou que alguém havia cortado buracos do tamanho de capacetes na lateral de cada caixote e removido as aparas de madeira e o invólucro de flanela para ver o que havia dentro.

Enquanto Keller espiava pelo interior do primeiro buraco, o tempo parou. Por um momento, ele deixou de ouvir o som da artilharia, de ver o sangue no chão e até os soldados feridos. Presa dentro dos caixotes estava uma velha amiga, a *Maestà* – a *Madona Entronada* –, peça do altar-mor da Catedral de Siena, a mais importante obra da cidade. Keller a vira pela última vez quando estudante, duas décadas antes.

O artista Duccio di Buoninsegna criou o painel requintadamente refinado da *Madona e do Menino*, rodeados por anjos e santos, entre 1308 e 1311. Duccio usara cores vívidas para pintar suas figuras com delicadeza e ternura, num estilo que influenciou dois séculos de artistas que se seguiram. E agora Keller a havia encontrado, cerca de 633 anos depois, em meio a uma zona de guerra. As armas continuaram sua percussão ao longe, mas a peça do altar parecia em segurança e, pelo que ele podia ver,

incólume. “O capitão francês no comando foi gentil o suficiente para [me] dedicar alguns minutos durante os quais [eu] expliquei que compreendia a situação médica e a importância do depósito no aposento – nesta ordem. O capitão se mostrou muito cooperativo e disse que tanto seu grupo quanto os americanos estariam partindo às sete horas daquela noite.”

O médico apressadamente acrescentou que como os alemães haviam levado o administrador da propriedade com eles na fuga, o destino da *Maestà* e de 40 outras obras-primas menores tinha ficado entregue a Don Luciano, o padre encarregado do seminário no palácio. Preocupado com o troar constante da artilharia, Don Luciano havia escondido muitas das pinturas menores dentro da capela do palácio – algumas num caixote, outras nas gavetas de uma cômoda. Depois de examinar as pinturas não protegidas com Don Luciano, Keller cuidadosamente removeu e embrulhou cada uma em cobertores e trapos para prevenir danos causados pelas vibrações da artilharia.

Embora as peças estivessem espalhadas e mal embaladas, as tropas alemãs em grande medida haviam respeitado a placa de monumentos protegidos, afixada por ordem de Kesselring. A situação poderia ter sido bem pior. Sem condições de postar guardas, Keller notificou o superintendente de Siena de sua descoberta e esperou que, até que a ajuda chegasse, a presença de Don Luciano mantivesse as obras em segurança.

Somente no mês de junho, Keller havia inspecionado 55 cidades, aproximadamente duas por dia. O cansaço não havia diminuído sua gratidão por uma missão tão importante. Conforme explicou a Kathy:

Sinto-me realmente afortunado e muitíssimo honrado por minha missão... Ela me deu a oportunidade de ver nosso grande exército em ação... ver que coisas assustadoras acontecem e como homens enfrentam a morte e a destruição. Isso pode parecer um pouco dramático, mas quando um tanque surge em meio a uma densa nuvem de poeira com o rosto sério de um americano jovem e inteligente saindo da torreta, com fones de ouvido, e parte de uma equipe de alguns soldados, com metralhadoras na frente e atrás – com o clangor ensurdecedor das lagartas – não existe nada de mais dramático. E é a verdade, o fato, não a cena de um espetáculo de Hollywood.

No dia 4 de julho, o mesmo dia em que Keller chegou em Siena, o superintendente das galerias florentinas, Giovanni Poggi, recebeu uma intimação para se apresentar ao comandante militar alemão da Toscana, coronel Metzner. Mal o cumprimentando, Metzner perguntou, “se a Villa Bossi-Pucci, em Montagnana, continha obras de arte de importância que tornassem necessário seu transporte através dos Apeninos” para o norte da Itália? Fluente em alemão e francês, Poggi surpreendeu-se com a súbita menção por Metzner de Montagnana, onde ficava a Villa Bossi-Pucci, que servia como um dos 38 repositórios de arte da Toscana.

A mudança constante dos campos de batalha impedira Poggi e sua equipe de chegar a muitos dos repositórios da Toscana, mas os alemães não tinham tal impedimento. A súbita curiosidade de Metzner com relação à Villa Bucci-Pucci – que abrigava perto de 300 obras-primas da Galleria Uffizi e da Galleria Palatine, no Palácio Pitti, inclusive *Minerva e o Centauro*, de Botticelli, a *Pietà*, de Giovanni Bellini, e *O Amor Adormecido*, de Caravaggio – era motivo para grande preocupação.

Em julho de 1944, poucos homens no mundo tinham mais experiência prática na proteção a obras de arte do que Poggi, um florentino nativo, descrito por Hartt como “uma figura que parecia ter saído de um dos afrescos de Ghirlandaio”. Poggi super visionava um domínio que incluía as províncias de Florença, Arezzo e Pistoia. Aos 64 anos de idade, ele havia vivido tempo suficiente para ver a guerra engolfar duas vezes sua terra natal.

O destino escolheu Poggi para ser um defensor das artes. *Connoisseur* ilustre e curador, ele havia sido nomeado diretor do notável museu Galleria Uffizi em 1912, aos 32 anos. No ano seguinte, ele ajudou a recuperar a pintura mais famosa do mundo, a *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, roubada do Louvre em 1911. A tela ficara desaparecida por mais de dois anos antes de aparecer em um motel de Florença. Depois de uma breve exposição no Uffizi e de um tour pela Itália, Poggi acompanhou o quadro de volta a Paris, em dezembro de 1913.

Apenas seis meses mais tarde, a eclosão da Grande Guerra consumiu toda a Europa. O incêndio da biblioteca em Louvain havia galvanizado curadores e autoridades do mundo da arte em todo o continente. Poucas nações, se é que alguma, tinham mais obras em risco do que a Itália, e nenhuma cidade isolada mais do que Florença. O trabalho rápido de Poggi para proteger os tesouros do Uffizi atraiu a atenção de altos funcionários em Roma. Logo, eles solicitaram sua ajuda para salvar obras-primas proeminentes de outras cidades italianas. Agora, pela segunda vez em 26 anos, Poggi se via responsável pela proteção dos tesouros da Toscana em um mundo em guerra.

Poggi respondeu calmamente à pergunta de Metzner, dizendo que de fato existiam obras extremamente importantes das galerias e museus do estado em Montagnana. Mas, “devido a acordos feitos pela Direção Geral de Artes e pelo escritório dirigido pelo coronel Langsdorff, tinha sido decidido, como no caso de outros repositórios, não se remover nada a menos que houvesse algum perigo iminente, e, neste caso, as pinturas seriam levadas para Florença e não pelos Apeninos”. Imperturbável, Metzner pressionou Poggi ainda mais, perguntando em tom ameaçador: “Então, o senhor está rejeitando nosso oferecimento?” Dez meses de convívio com oficiais alemães haviam ensinado Poggi a apelar para sua autoridade e ego. Ele explicou: “Não estamos rejeitando; pelo contrário, estamos agradecidos. Aceitaremos sua oferta caso se torne necessário levar estas peças para Florença.” A reunião foi encerrada pouco depois; Poggi presumiu que suas respostas tivessem resolvido a questão.

A eclosão da guerra em 1940 havia levado os superintendentes italianos a transferirem coleções para áreas fora dos centros urbanos. Agindo com “lucidez frenética”, Poggi e sua equipe tinham transportado quase 600 obras importantíssimas para *villas* e palácios particulares na região rural da Toscana em menos de duas semanas. Aquele número havia crescido mais de 18 vezes – para 11.139 objetos de arte diversos – depois de seis semanas. O que não podia ser movido, geralmente devido a seu tamanho e peso, tinha sido protegido *in situ*, com frequência empregando os métodos mais engenhosos. Artesãos locais haviam construído uma tumba de tijolos ao redor da gigantesca escultura de Michelangelo, *Davi*, e outras menores para cada uma de suas obras adjacentes, conhecidas pelo nome de *Escravos*. Poggi esperava que aqueles silos de tijolo oferecessem proteção contra fragmentos de bombas ou mesmo contra o desmoronamento do teto, no caso de um impacto direto contra o prédio.

Com o aumento dramático de bombardeios Aliados a cidades italianas, no outono de 1942, Poggi e outros superintendentes receberam ordens para fazer evacuações adicionais. Isso exigiu que ele conseguisse mais *villas* para armazenamento. Os grupos de peças de arte eram históricos. A Villa di Torre a Cona continha não apenas as estátuas de Michelangelo das tumbas dos Médici na Igreja de San Lorenzo, mas também todo o conteúdo de obras da casa da família do mestre, Casa Buonarroti. Essa coleção continha dois de seus primeiros trabalhos e muitas de suas cartas e desenhos. Nunca antes tantas obras de Michelangelo haviam estado reunidas em um mesmo lugar. A seu lado, havia obras-primas de Verrocchio, Donatello, Della Robbia, Lorenzo Monaco e a peça sobrevivente mais importante, o *Retábulo Portinari*, do pintor flamengo Hugo van der Goes. A qualidade e a raridade das obras eram simplesmente estonteantes.

O Castelo de Montegufoni abrigava 246 obras-primas da Uffizi e do Pitti, de autoria de grandes mestres como Cimabue, Giotto, Botticelli, Rafael, Andrea del Sarto, Pontormo e Rubens. O repositório em Poppiano guardava a emocionante obra-prima de Pontormo, a *Deposição da Cruz*, da Capela Capponi, na Igreja de Santa Felicitá, e a obra suprema de Rosso Fiorentino, *Descida da Cruz*, da cidade de Volterra. O Palazzo Pretorio, em Poppi, abrigava o *Retrato de um Jovem*, de Hans Memling, e a *Máscara de um Fiuno*, de Michelangelo; o Oratório de Sant’Onofrio em Dicomano continha esculturas e sarcófagos romanos; a Villa Poggio a Caiano guardava *São Jorge*, de Donatello, e *Baco*, de Michelangelo. A qualidade e a importância do conteúdo de cada *villa* ultrapassavam o da última. Cada uma delas estava repleta de grandes obras das mentes mais criativas da civilização.

A queda do governo liderado por Badoglio e a ocupação da Itália por tropas alemãs, em setembro de 1943, levaram a maioria dos altos funcionários de arte e cultura, inclusive Lavagnino e Rotondi, a realocar suas coleções no Vaticano. Mas Poggi tomou a decisão de manter as obras de arte toscanas a seu alcance nos repositórios existentes na área rural. Estas *villas*, ele acreditava, ofereciam maior proteção a ataques aéreos do que qualquer fortaleza em área urbana. Quando afinal Poggi se deu conta de que os repositórios toscanos estavam no caminho da batalha terrestre por vir, era tarde demais

para trazer de volta todas elas de volta a Florença. E isso deu motivo a outra preocupação, uma a respeito da qual ele não podia fazer nada: talvez confiante demais na ocasião, Poggi havia permitido que muitas das obras-primas fossem transportadas de Florença sem ser encaixotadas.

Com certeza, Poggi sabia que o lugar mais seguro para uma pintura era pendurada na parede de um museu. Depois que a peça começava uma viagem, os riscos de danos aumentavam dramaticamente. Transportar pinturas em caminhões as expunha à poeira. Telas eram vulneráveis a rasgões, furos e arranhões. Apenas a vibração podia fazer com que a pintura de um painel de madeira se rachasse. Poggi também sabia muito bem que telas em painéis reagiam a mudanças súbitas de umidade. A umidade baixa no inverno diminuiu a umidade da madeira, aumentando o risco de que rache. Esculturas, quer sejam de mármore (mais durável) ou de terracota (mais frágil), sempre corriam o risco de perder uma lasca e, pior, de ser destruídas se sofressem uma queda. Mudanças subsequentes aumentariam ainda mais esses riscos, especialmente se os homens que as manuseassem fossem soldados, destreinados para lidar com objetos tão frágeis e preciosos, e movidos pela pressa.

Em 18 de junho de 1944, Poggi havia comparecido a uma reunião com Carlo Anti, diretor-geral de Belas-Artes durante a República Social de Mussolini, e o coronel Alexander Langsdorff, chefe do Kunstschutz, para discutir como melhor proteger os repositórios da batalha que se avizinhava. Anti insistia para que os tesouros fossem novamente evacuados e transferidos para o norte, mas seu argumento ignorava a carência de transporte e a velocidade com que as tropas inimigas se aproximavam da Toscana. Depois de um debate acalorado, a vontade de Poggi prevaleceu. As obras permaneceriam nos repositórios existentes. “É tarde demais”, anotou Anti sombriamente em seu diário.

No princípio de julho, altos funcionários da República Social mais uma vez fizeram pressão para que as peças fossem transportadas para o norte. Certo de que sabia o que era melhor para as “suas” obras de arte, Poggi espertamente negou o pedido, usando como argumento o pacto da família Médici, de 1737, que exigia que a coleção (parte central do acervo dos museus Uffizi e Pitti) “nunca fosse removida ou tirada da capital e do grão-ducado”. Naquele estágio da guerra, Poggi não tinha nenhum poder real para impedir que funcionários fascistas ou alemães removeassem as obras de arte. Desculpas espertas e truques foram suas únicas ferramentas.

Vários dias mais tarde, Poggi recebeu um telefonema chocante do cônsul alemão, dr. Gerhard Wolf, informando-o que tropas da Wehrmacht tinham carregado caminhões com 291 pinturas do repositório da Villa Bossi-Pucci, em Montagnana, levando-as para a pequena cidade de Marano sul Panaro, perto de Modena, a cerca de 140 quilômetros ao norte de Florença. Aquela era a mesma *villa* sobre a qual o coronel Metzner havia interrogado Poggi apenas alguns dias antes. “De um só golpe pelo menos um oitavo das obras mais preciosas dos museus Uffizi e Pitti havia desaparecido.” Mais tarde, outras investigações por parte do cônsul Wolf revelaram a traição: as pinturas haviam sido retiradas – e já estavam a caminho do norte – antes da portentosa reunião de Metzner

com Poggi no dia 4 de julho.

Gerhard Wolf solicitou que Langsdorff se reportasse a Florença para resolver a questão. Sem transporte, Poggi não podia fazer nada. No domingo à noite, 16 de julho, Poggi recebeu uma chamada do assistente do cônsul Wolf, advertindo-o de que uma unidade alemã diferente havia removido obras de arte de um segundo repositório, ainda não identificado. Poggi devia aguardar para assumir-lhes a custódia no quartel-general militar alemão, na Piazza San Marco, em Florença, no dia seguinte às oito da manhã. Sem nenhum sinal de Langsdorff e nenhuma outra informação sobre para onde tinham sido levadas as obras da Villa Bossi-Pucci, esta última notícia horrorizou e enfureceu Poggi.

Na manhã seguinte, Poggi e outros funcionários italianos observaram três caminhões alemães estacionarem na Piazza San Marco, na hora exata. O oficial responsável pela operação, coronel Hoffmann, os informou “que, uma vez que o castelo de Oliveto estava sob fogo da artilharia dos aliados, o comando militar da área havia decidido pelo transporte imediato das obras para Florença”. O descarregamento das pinturas teve início, notavelmente as do museu Horne Foundation, e retábulos das igrejas da cidade – 84 pinturas, 23 caixotes e cinco molduras. Por motivos que Hoffmann não explicou, mais de 100 telas haviam sido deixadas para trás. Enquanto Poggi tentava compreender o sentido de tudo aquilo, o curador do repositório de Castello Guicciardini, em Oliveto, Augusto Conti, que acompanhara os caminhões até Florença, discretamente o informou que a explicação de Hoffmann era mentira. A área ao redor do castelo estivera tranquila, sem qualquer atividade de combate.

Conti então relatou notícias ainda mais angustiantes. Duas pinturas em painel do pintor renascentista alemão Lucas Cranach, o Velho – *Adão e Eva* –, tinham sido colocadas em uma ambulância. Ele não tinha ideia do que havia acontecido com elas depois disso. Poggi conhecia ambas as telas muito bem – e sabia que Hitler também. Durante a visita do Führer ao museu Uffizi, Poggi se lembrava de ter observado como Hitler admirara as obras do pintor alemão. O desaparecimento de tamanhas obras-primas, que tinham entrado para a coleção dos Médici no final do século XVIII, causou grande alarme entre os altos funcionários florentinos.

Langsdorff chegou a Florença em 17 de julho. Poggi presumia que pudesse confiar no representante mais graduado do Kunstschutz, do mesmo modo que havia feito em maio, quando Langsdorff lhe havia fornecido caixotes, caminhões e pessoal para devolver as portas do Batistério de Ghiberti ao Palácio Pitti. Poggi começou por informar Langsdorff sobre as remoções do Castello Guicciardini, em Oliveto, que o coronel Hoffmann havia entregue apenas horas antes. Que uma porção do conteúdo do repositório de Oliveto nunca havia chegado a Florença, em particular as duas pinturas de Cranach, *Adão e Eva*, deixando-o muito preocupado. Aquelas remoções violavam o acordo feito entre Poggi, Carlo Anti e Langsdorff, na reunião de 18 de junho: no caso de quaisquer evacuações de emergência, as obras deveriam ser trazidas para Florença. Sob nenhuma circunstância aquilo poderia ocorrer novamente.

Langsdorff assegurou a Poggi que não apenas investigaria o que havia acontecido com os objetos que faltavam, como assumiria total responsabilidade pela localização e devolução das pinturas de Cranach a Florença. Como parte de sua investigação, Langsdorff pediu a Poggi que preparasse um memorando resumizando o que sabia sobre a remoção das peças da Villa Bossi-Pucci. Quando o relatório ficasse pronto, ele queria que fosse entregue no Hotel Excelsior, onde tinha um quarto com vista para a Ponte Santa Trinita e a Ponte Vecchio. Esta resposta não satisfiz nem um pouco Poggi, mas dadas as circunstâncias havia muito pouco que pudesse fazer.

As notícias de avanços contínuos dos aliados obrigaram Langsdorff a reavaliar as ordens que havia recebido do Alto-Comando do Exército (OKH) três dias antes, declarando: “O resgate de objetos de arte pelas tropas tem que ser interrompido.” A ordem também incluía uma diretiva afirmando que quaisquer peças que já tivessem sido removidas deviam ser entregues aos “bispos de Bolonha ou de Módena”. As tropas alemãs tinham, de fato, tentado fazer a entrega dos itens de Montagnana, mas os bispos haviam se recusado a recebê-los, dizendo que não tinham espaço suficiente para armazená-los nem autoridade para aceitar tal responsabilidade.

Do ponto de vista de Langsdorff, essas ordens apresentavam um impasse: segui-las significava que os tesouros florentinos seriam deixados em seus repositórios, sem proteção, em áreas que brevemente se tornariam zonas de guerra. Mas removê-los das *villas* no campo não só violaria as ordens, como também os exporia a possíveis ataques aéreos dos aliados. Confiante de que teria o apoio do general da SS Karl Wölf, Langsdorff decidiu ignorar os acordos anteriores com Poggi e Anti e dar continuidade à evacuação dos repositórios.

Num esforço para manter o Governo Militar Alemão informado de sua decisão, ele enviou uma mensagem: “Alguns depósitos de arte em *villas* no campo agora se encontram ao alcance do fogo da artilharia. Há 15 dias, quando adquiri um caminhão para trazer as obras de volta a Florença, os superintendentes italianos me pediram para não fazê-lo por causa do perigo de ataques aéreos. Estou assumindo super visão e direção imediatas das medidas de evacuação por nossas próprias tropas.” Havia chegado a hora de transferir as obras para serem guardadas no norte.

Posteriormente, naquele fim de tarde, Langsdorff dirigiu até Oliveto para determinar o que havia acontecido no Castelo Guicciardini, em particular com os Cranachs, antes de ver como estavam as cerca de 100 obras de arte que não haviam sido removidas. Antes da meia-noite, ele telefonou para Poggi para informar que tinha inspecionado o castelo e transferido as telas deixadas para trás para o porão como segurança adicional; agora tudo estava bem. Ele insistiu que também estava na pista das pinturas de Cranach desaparecidas, e repetiu sua promessa de encontrá-las e devolvê-las a Florença.

O que Langsdorff não disse a Poggi foi que os Cranachs já estavam em segurança. De fato, ele estava de posse dos quadros, “que tinham sido entregues pelas tropas... pedindo-me que os levasse para o norte, de modo que não caíssem nas mãos dos britânicos ou dos americanos”. Ao longo de seu *debriefing* com o Oberleutnant

Feldhusen, do 71º Regimento de Infantaria em Oliveto, Langsdorff ficou sabendo que os Cranachs tinham sido “separados do resto porque eram ‘arte germânica’ e não podiam ser expostos ao perigo de serem devolvidos a Florença”. Pouco importava o fato de que o 71º Regimento de Infantaria tivesse viajado por aquelas mesmas estradas inseguras e esburacadas por bombas até Florença duas noites antes. Ele então escreveu um recibo relativo a “duas pinturas sem danos, *Adão e Eva*, de Lucas Cranach que deverão ser levadas para a Alemanha pelo abaixo-assinado, MV Abt. Chefe Langsdorff”, e o entregou ao Oberleutnant. Usando o salvo-conduto oferecido por uma ambulância, Langsdorff e seus “passageiros” – *Adão e Eva* – partiram para Florença exatamente como ele havia garantido a Poggi que faria.

Na quarta-feira à noite, dia 19 de julho, Poggi foi até o Hotel Excelsior para uma visita a Langsdorff e lhe entregar o memorando que ele havia pedido que preparasse sobre as remoções de Montagnana. Para grande surpresa de Poggi, Langsdorff já tinha deixado o hotel e partido de Florença. Tivesse Poggi pensado em perguntar ao *concierge*, poderia ter descoberto que Langsdorff havia deixado o hotel com dois pacotes em tamanho natural que, de maneira bastante estranha, tinham chegado duas noites antes em uma ambulância.

Em apenas duas semanas, Poggi havia sido enganado pelo comandante militar alemão de Florença, coronel Metzner, e ouvido uma mentira do oficial que entregara as obras de arte de Oliveto, coronel Hoffmann. Mas aquelas duas traições empalideciam quando comparadas ao desapontamento que sentiu com relação a Langsdorff. Ao contrário dos outros oficiais, Langsdorff era o mais graduado do Kunstschutz na Itália. Ele tinha a obrigação de proteger a arte, não roubá-la.

CAPÍTULO 15

Anjos da guarda

FINAL DE JULHO–3 DE AGOSTO DE 1944

Florença afirma ter uma herança de muitos séculos de gênios criativos. A cidade evoluiu de primitivas povoações romanas no primeiro século a.C., à medida que a sociedade etrusca desenvolvida começou a descer das colinas próximas de Fisolé para se estabelecer às margens do Arno. Tornou-se uma cidade-estado autônoma em 1115. Já no princípio do século XIV, a cidade havia emergido como um centro internacional de comércio. Sua moeda, o florim de ouro, e a dinastia banqueira que a produziu, a família Médici, se tornaram conhecidas por toda a Europa. Com seu apoio às artes, os Médici incentivaram a Renascença italiana, o período mais prolífico de produção artística da civilização ocidental desde os dias da democracia grega em Atenas. Um grupo de polímatas tal como o que surgiu em Florença – artistas, arquitetos, escritores, filósofos e inventores – raramente foi igualado nos registros da história.

Michelangelo passou a maior parte de sua vida em Florença. Também em Florença, Giotto, Masaccio, Botticelli, Donatello, Leonardo da Vinci e Rafael encontraram patronos. Filippo Brunelleschi aplicou matemática à arquitetura antiga para conceber o domo da magnífica catedral da cidade, a Igreja de Santa Maria del Fiore, com frequência chamada apenas de o Duomo. Lorenzo Ghiberti forjou em bronze perfeitas expressões da anatomia humana para produzir as mais requintadas portas para o batistério da catedral. Guido di Pietro, mais conhecido como Fra Angelico, criou afrescos e pinturas em painéis que ajudaram a definir a arte inicial do Renascimento. Escritores e filósofos, inclusive Dante, Petrarca, Boccaccio e Maquiavel, criaram obras definitivas sobre os céus e o mundo dos infernos, culturas europeias e a própria natureza humana. Galileu, o pai da ciência moderna, observou as estrelas de suas várias casas, inclusive da Villa dell’Ombrellino, no topo da colina do Belosguardo.

A cidade do século XII, um lugar onde “o passado competia com o presente”, ainda ostentava ruas calçadas de pedras redondas, muitas largas apenas o suficiente para permitir a passagem de veículos, nas quais esses estudiosos e artistas imortais caminharam. Suas esculturas enfeitam as *piazas* da cidade; suas pinturas adornam as igrejas, e seu pensamento criativo enche arquivos e bibliotecas. Uma das duas pontes mais importantes da cidade, a Ponte Santa Trinitá, “representava o juramento de amor entre uma margem e a outra”. Atravessar a Ponte Vecchio, a famosa por seus dois níveis, onde Dante sonhou com Beatriz, sua musa para *A Divina Comédia*, é penetrar em outro tempo.

Outrota um rio navegável para transporte e comércio, o Arno se tornou o sangue

vital do desenvolvimento inicial da cidade. As propriedades mais caras da época podiam ser encontradas no Lungarno (ao longo do Arno), em particular perto da Ponte Vecchio e das ruas que saíam de cada uma de suas extremidades – Via de' Guicciardini para o sul e Via Por Santa Maria para o norte. Ali, as famílias dinásticas construíram seus *palazzi* e torres medievais, traçando o crescimento futuro da cidade com seu glorioso passado.

Nenhuma outra família igualava o poder e o prestígio dos Médici. O patrocínio de seus membros fundou e sustentou as artes e cada uma de suas disciplinas, incluindo a pintura, escultura, arquitetura e jardinagem. Também expandiram sua residência particular, o Palácio Pitti, e seus magníficos Jardins Boboli. Em 1560, o duque Cosimo I encomendou a construção dos escritórios administrativos da cidade ao longo da margem norte do Arno. Mas 21 anos mais tarde, seu filho, Francesco I, começou a converter aquelas instalações – os *Uffizi* (escritórios) – em galeria para abrigar a coleção de arte vicijante da família.

Acima da Ponte Vecchio e suas numerosas lojinhas de joias fica o menos visitado Corredor Vasaro. Esta galeria particular, construída em 1565, unia o Uffizi ao Palácio Pitti e oferecia aos Médici uma rota de fuga em caso de instabilidade política. Seus corredores estreitos são decorados com mais de mil pinturas, em sua maioria autorretratos, dos muitos artistas cujas obras adornam as paredes dos museus e igrejas da cidade. Mais ao norte ficam o Palazzo Vecchio (a prefeitura da cidade), o Duomo e a Accademia, lar da mais famosa escultura em mármore do mundo, o *Davi*, de Michelangelo. No verão de 1944, a guerra colocou esta cidade lendária e séculos de realizações criativas em perigo de destruição total.

No dia 10 de novembro de 1943, Adolf Hitler comentou com o embaixador Rahn:

– Florença é uma cidade bonita demais para ser destruída. Faça o que puder para protegê-la: você conta com minha permissão e assistência. A afeição de Hitler pela cidade deu ao superintendente florentino Giovanni Poggi e a outros funcionários locais a esperança de que Florença pudesse ser poupada do mesmo destino que Nápoles. O fato de que Roma e Siena tivessem escapado sem grandes danos também os encorajou. Mas, “à medida que os soldados aliados se aproximavam pouco a pouco a cada dia, um pequeno grupo de almas dedicadas – agora vistas como anjos da guarda de Florença – se preocupou cada vez mais com a possibilidade de que a batalha engolfasse a cidade. Eles tinham poucos recursos e ainda menos opções. A maior esperança desses benfeitores era pressionar alemães e aliados a declararem conjuntamente Florença uma “cidade aberta”, algo inicialmente sugerido pelo diretor do Kunsthistorisches Institut, Friederich Kriegbaum. Mas para que uma cidade fosse declarada “aberta”, ela tinha que estar sem defesas; não podia haver alvos militares; e ambos os lados tinham que ter liberdade de entrada. Em Florença, as forças alemãs haviam posicionado duas baterias de artilharia nos Jardins della Gherardesca e dei Semplici. Também tinham postado soldados em

numerosas posições de morteiros pela cidade. Adicionalmente, Florença, como Roma antes de cair diante dos aliados, servia como um importante centro de transporte ferroviário para o exército alemão. Depois dos ataques aliados aos pátios de manobras de Santa Maria Novella e do Campo di Marte, homens e material passaram a ser transportados pela cidade.

Se se deixarem abalar por tais fatos, os líderes alemães se referiam a Florença como “cidade aberta”, acusando os aliados de se recusarem a afirmar publicamente essa designação. De sua parte, os aliados não declarariam Florença “cidade aberta” enquanto os alemães não removessem suas armas e soldados. O impasse se manteve ao longo da primavera e do princípio do verão de 1944, enquanto as forças aliadas se engajavam em operações de combate a centenas de quilômetros ao sul. As coisas se tornaram mais urgentes após a liberação de Roma, em junho, e de Siena, em julho.

Os altos funcionários da cidade acreditavam que suas obras de arte transportáveis, escondidas por Poggi em *villas* toscanas, estavam seguras. Mas proteger os tesouros arquitetônicos da cidade ainda dependia de conseguir uma declaração oficial e inequívoca de Florença como “cidade aberta”. Membros do principal grupo trabalhando para isso eram o cônsul alemão, Gerhard Wolf; o arcebispo de Florença, cardeal Elia Dalla Costa; o enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de San Marino para a Santa Sé, marquês Filippo Serlupi Crescenzi; e o cônsul suíço em Florença, Carlo Alessandro Steinhäuslin. Esses quatro homens fizeram mais para salvar Florença que quaisquer outros.

Depois de quatro anos de serviço no exército alemão, Gerhard Wolf frequentou a Universidade de Heidelberg, onde conheceu Rudolf Rahn, que se tornaria amigo de toda uma vida. Nos anos que se seguiram à graduação, ambos entrariam para o serviço diplomático. Buscando se distanciar do Partido Nazista, Wolf aceitou um cargo como cônsul alemão em Florença.

O cardeal Dalla Costa, um prelado de 72 anos, era outro dos guardiões da cidade. De voz mansa, mas enérgico, ele assumiu um papel cada vez mais visível na defesa da cidade. Durante a visita de Hitler, em 1938, ele ordenou que as janelas de seu palácio fossem fechadas em protesto simbólico. E declinou de participar das celebrações oficiais, explicando que não adorava “nenhuma outra cruz, que não a de Cristo”. À medida que a situação se tornava mais desesperadora, o cardeal concordou em emitir avisos em que atestava: “Sua Eminência, o cardeal Elia Dalla Costa, arcebispo de Florença, declara que este prédio e as obras de arte em seu interior estão sob a proteção da Santa Sé.” Enquanto pedia aos comandantes alemães para respeitarem Florença como “cidade aberta”, ele o fazia sabendo que “de modo a realmente proteger as obras de arte florentinas seria necessário um imenso pavilhão de aço impenetrável e bronze inquebrável para cobrir a cidade inteira”.

O cardeal Dalla Costa não foi o único representante da igreja católica lutando para salvar Florença. Marchese Filippo Serlupi Crescenzi gozava da simpatia e das boas graças do papa Pio XII e de Dalla Costa. Este relacionamento demonstrou ser útil para

Giovanni Poggi. “Tive que pedir a Serlupi que recorresse a seu relacionamento com as altas personalidades da Cidade do Vaticano”, diria Poggi mais tarde, “para direcionar o interesse do Santo Padre para os monumentos e peças de arte da Toscana, colocando-as sob a proteção da Santa Sé.”

Por trás da cena, Serlupi, advogado por profissão, arriscou a vida ao agir para ajudar amigos em situação difícil. Usando seu status diplomático como disfarce, Serlupi ofereceu assistência a indivíduos caçados por nazistas e fascistas, até mesmo o famoso estudioso de arte e colecionador Bernard Berenson, um judeu americano. Aos 79 anos, Berenson era dono de uma propriedade, Villa I Tatti, repleta de pinturas italianas primitivas, e de uma extensa biblioteca de arte, que se tornara o ponto de reunião de colecionadores, marchands e estudantes de arte do mundo inteiro. De acordo com Berenson, “o marquês Serlupi não perdeu uma única chance de prestar auxílio”.

Carlo Steinhäuslin, florentino de nascimento e herdeiro da firma bancária particular do mesmo nome, trouxe uma preocupação de patricio ao esforço. Como cônsul da Suíça, seus privilégios diplomáticos – como os de Serlupi e de seu íntimo amigo, o cônsul Wolf – criaram oportunidades de ajudar os outros, embora a um risco considerável. Steinhäuslin estava especialmente preocupado com a proteção dos encanamentos de água da cidade, que passavam por baixo das pontes. Sua posição como diplomata da mais proeminente nação neutra lhe valeu ser ouvido pelo coronel alemão Fuchs, recentemente nomeado comandante da cidade.

A despeito da garantia do Führer ao embaixador Rahn, em novembro de 1943, sobre proteger Florença, a cidade se tornava mais militarizada, não menos. No final de janeiro de 1944, autoridades britânicas perguntaram, através do Vaticano, se haveria ou não uma declaração oficial alemã sobre o status de cidade aberta. O embaixador alemão na Santa Sé, Ernst von Weizsäcker, pôde oferecer apenas “uma declaração oficial da declaração não oficial, e isso apenas verbalmente, não por escrito”. O cônsul Wolf então fez quatro visitas distintas ao Generalfeldmarschall Kesselring, buscando seu apoio para o propósito de limitar o acesso militar ao centro da cidade. Kesselring concordou e então comentou que “nunca tinha se dado conta do que era combater dentro de um museu até [eu] vir para a Itália”.

No dia 3 junho, Gerhard Wolf recebeu do general Alfred Jodl, o chefe de operações do Estado-Maior do OKW cópia de uma carta muito perturbadora: “Portanto, tenho que dizer com o mais profundo pesar – que a esperança de que Florença venha a sair disto sem ser danificada é muito pequena.” A resposta foi devastadora para Wolf, representante chefe não militar da Alemanha em Florença, bem como para o cardeal Dalla Costa e o cônsul suíço Steinhäuslin.

Os contínuos esforços diplomáticos do cônsul Wolf lhe valeram a confiança de florentinos proeminentes. Em numerosas ocasiões, ele usou o poder de sua posição para resgatar cidadãos importantes e membros da Resistência do capitão Mario Carita, um italiano sádico que chefiava o Ufficio Politico Investigativo (Escritório Político de Investigações). Trabalhando a partir de uma casa – Villa Triste (Casa da Tristeza), na via

Bolognese, Carità, que em certa ocasião havia manifestado o desejo de se tornar “o Himmler da Itália”, havia construído no porão uma câmara de tortura tão terrível que até mesmo alguns oficiais nazistas achavam-na perturbadora. Carità e seus asseclas usavam métodos bárbaros para extrair confissões de vítimas antes de sua execução. O coronel Dollmann descreveu “mesas cheias de grossos chicotes, tubos de aço, alicates, algemas e toda a parafernália de persuasão de meados do século XX”.

No final de julho, o estresse causou sérios danos à saúde de Wolf. Com a retirada iminente das forças alemãs de Florença, Rahn gentilmente ordenou a seu amigo que deixasse a cidade e se apresentasse à embaixada alemã em Fasano, perto do quartel-general de Kesselring. Temendo pela segurança de Wolf, alguns em Florença, imploraram-lhe que ficasse, em particular seu grande amigo Carlo Steinhäuslin. Mas, em 28 de julho, Gerhard Wolf deixou a cidade nas mãos de seus compatriotas, “envergonhado com o que os soldados alemães tiveram coragem de fazer”.

No sábado, 29 de julho, os comandantes alemães contataram os altos funcionários da cidade e pediram um mapa que detalhasse as pontes principais, inclusive a Ponte Santa Trinitá, a Ponte Vecchio e os prédios adjacentes. Quando, afinal, Poggi descobriu esse pedido ameaçador e informou Dalla Costa, as forças alemãs haviam afixado uma proclamação nos prédios, emitida por ordens do coronel Fuchs, de que todos os habitantes que morassem em um raio de 100 a 200 metros de distância do Arno – mais de 50 mil pessoas – teriam que abandonar suas casas até o meio-dia do dia seguinte.^[23] Em um esforço inútil para tranquilizar os ânimos, Fuchs declarou que a ordem era puramente uma medida cautelar visando poupar a população de ataques do inimigo. As instruções especificavam que todos os pertences pessoais deveriam ser deixados para trás.

No domingo, o VIII Exército Britânico, ao sul do centro da cidade, se preparou para avançar sobre Florença. Presos no lado alemão da linha, Poggi, Dalla Costa e Steinhäuslin redigiram uma carta endereçada ao coronel Fuchs, repetindo as muitas garantias alemãs anteriores sobre o status de “cidade aberta” e implorando permissão para entrar em contato com os aliados para continuar negociações sobre manter esse status para a cidade. Ao receber a carta que lhe foi entregue em mãos, Fuchs, que outrora dissera: “Para mim, uma ponte é apenas uma ponte”, respondeu que não tinha autorização para que nenhum membro do grupo atravessasse a linha. Em sua opinião, não havia nenhuma evidência de que os aliados pretendessem reconhecer Florença como “cidade aberta”.

A última chance realista de evitar que Florença se tornasse um campo de batalha, na verdade, terminara dez dias antes, com o esforço fracassado do coronel alemão Claus Schenk Graf von Stauffenberger de assassinar Adolf Hitler em seu quartel-general de Wolfsschanze, perto de Rastenburg. Como o cônsul Wolf mais tarde observou, teria sido “absolutamente impossível para qualquer pessoa pedir [ao Führer], quanto mais receber

permissão para fazer contato direto com o inimigo. Hitler teria considerado um ato de traição de Kesselring ou de Rahn se tais contatos fossem feitos”.

No dia 30 de julho, o embaixador Rahn finalmente chegou ao quartel-general de Kesselring, em Recoaro, para o que parecia o derradeiro apelo em prol da cidade. Rahn se viu diante de um Kesselring furioso e nada simpático, que segurava um dos milhares de folhetos lançados do céu pelos aliados no dia anterior. Os folhetos continham uma “Mensagem Especial” para todos os toscanos do general Harold Alexander. Uma frase em particular se destacava: “É vital para as tropas Aliadas atravessar Florença de modo a completar a destruição das forças alemãs em sua retirada rumo ao norte.”

Kesselring sentia uma grande “pressão psicológica” por parte de Hitler com relação ao destino das pontes de Florença. Ele acreditava que qualquer decisão que tomasse seria criticada. Por um lado, já era objeto da fúria do Führer por ter ordenado a suas tropas que se retirassem de Roma sem primeiro ter destruído suas pontes – a despeito de todas as ordens do OKW para evitar sua destruição. Ordens confusas, até contraditórias, não eram incomuns, especialmente as do imprevisível líder alemão. Mesmo assim, Kesselring não tinha qualquer intenção de cometer o mesmo erro duas vezes.

Numa reunião com Hitler no dia 19 de julho – véspera do dia em que os próprios oficiais de Hitler tentaram matá-lo –, Kesselring recebera ordens de “prosseguir com a retirada, lutando para manter o domínio sobre o sul de Florença por tanto tempo quanto fosse possível, impedindo o avanço inimigo por todos os meios ao seu alcance. Florença em si não seria defendida, de modo a poupar seus tesouros”. Hitler havia deixado claro que, sob nenhuma circunstância, Kesselring deveria destruir as pontes da cidade, acrescentando: “Seu valor artístico e histórico deverá ser respeitado; as desvantagens militares, que não devem ser subestimadas, [devem] ser aceitas.”

Kesselring, interpretando os folhetos dos aliados como uma espécie de chamado às armas, contactou os quartéis-generais de Hitler, buscando um esclarecimento sobre suas ordens. Informado de que o Führer queria assegurar “que fosse apenas o inimigo a ignorar os insubstituíveis valores culturais daquela cidade”, recebeu instruções para que não houvesse qualquer destruição das pontes, exceto se houvesse ordens específicas de Hitler. Com base na avaliação de Kesselring da situação, não haveria nenhuma declaração de Florença como “cidade aberta”. Podia apenas garantir ao embaixador Rahn que a Ponte Vecchio seria poupada.

À medida que os aliados se aproximavam ainda mais, as tensões aumentavam. Na segunda-feira, 31 de julho, o Décimo Quarto Comando do Exército Alemão enviou ordens escritas ao 1º Corpo de Paraquedistas em Florença, instruindo-os a “preparar Feuerzauber”. A Operação Feuerzauber incluía a destruição de todas as pontes “dentro dos limites ou nos arredores de Florença”, com exceção da Ponte Vecchio. Todo mundo compreendia que a operação só poderia prosseguir com a autorização expressa de Kesselring. Mesmo assim, qualquer deslocamento, em qualquer lugar nas proximidades das pontes, era proibido. Rahn, Poggi e outros continuaram nervosos. Florença se tornara uma cidade dividida.

O único civil que tinha permissão para atravessar as pontes usando seu próprio carro era o cônsul suíço, Steinhäuslin, que mais tarde relataria a experiência: “Enquanto discutíamos com os guardas para nos deixar atravessar a Ponte alla Carraia, chegou um carro. O coronel Seubert me diz que os ‘soldados’ se sentem mais comovidos pelo romantismo da Ponte Vecchio do que pela incomparável beleza artística da Ponte Santa Trinitá.” Steinhäuslin horrorizou-se quando um guarda municipal o informou de que os alemães haviam minado as pontes. Depois de fazer mais um apelo a um dos comandantes alemães para pelo menos poupar as pontes centrais, ele atravessou a Ponte Santa Trinitá e observou que “cinco fileiras distintas de caixas, medindo entre 70 x 50 x 30 centímetros, haviam sido colocadas debaixo dos grandes arcos da ponte, unidas umas às outras por fusos elétricos”. Exceto por oficiais militares, Steinhäuslin foi provavelmente a última pessoa a atravessar a obra-prima de 374 anos de existência.

Naquela noite, o céu ao sul tremeluziu com a luz dos bombardeios aliados sobre as posições alemãs próximas. Os florentinos viveram sua terceira noite sucessiva de escuridão devido à sabotagem alemã à usina elétrica central. As explosões iluminaram por trás as colinas de Poggio Imperiale, San Miniato, Belvedere e Arcetri. As forças alemãs tinham evacuado a posição defensiva ao sul e agora, na cidade, se preparavam para a retirada.

No dia 3 de agosto, o Décimo Quarto Comando do Exército Alemão informou: “O fogo de artilharia inimiga agora aponta para o sul e para as pontes da cidade... estava claro que o inimigo via as pontes do Arno como alvo militar.” Depois de semanas de debate interior e apoiando-se no relatório do Décimo Quarto Exército,^[24] Kesselring tomou sua decisão, declarando: “Eu não podia ceder ao pedido de renunciar à defesa da cidade, uma vez que não obteria concessão semelhante do inimigo, de modo que o caminho que permitia a passagem foi bloqueado por várias demolições, que infelizmente envolveram a destruição das maravilhosas pontes sobre o Arno.”

Às duas da tarde de quinta-feira, 3 de agosto, as autoridades alemãs decretaram estado de emergência. Foi emitido um aviso, sob ameaças de morte, para que todos os cidadãos ficassem dentro de casa, longe das janelas, de preferência em áreas de porão. Não era permitido que ninguém circulasse pelas ruas, no aguardo de outros decretos. Pouco antes das dez da noite, a primeira de duas explosões sacudiu o solo abaixo do Palácio Pitti e seus Jardins Boboli. Dentre as dezenas de cidadãos – agora refugiados – abrigados no Palácio Pitti estava um funcionário de arte e cultura da Superintendência de Florença, o dr. Ugo Procacci, que descreveu a experiência: “Parecia que a terra estava tremendo e que o grande palácio seria conquistado de um momento para o outro; ao mesmo tempo, de todos os lados choviam cacos de vidro e pedaços de janelas sobre a multidão. O ar se tornou irrespirável. O terror dominou a multidão; alguns começaram a gritar: ‘As pontes, as pontes.’”

Por volta da meia-noite, teve mais uma carga de explosões, dessa vez menos violenta, mas contínua. De uma *villa* logo ao norte da cidade, Bernard Berenson observou “o espetáculo neroniano de um imenso incêndio que chamejava para o alto, como uma

imensa e grossa coluna incandescente de labaredas, mais fina no meio do que nas pontas. Ao mesmo tempo uma grande explosão pareceu irromper do coração de Florença”.

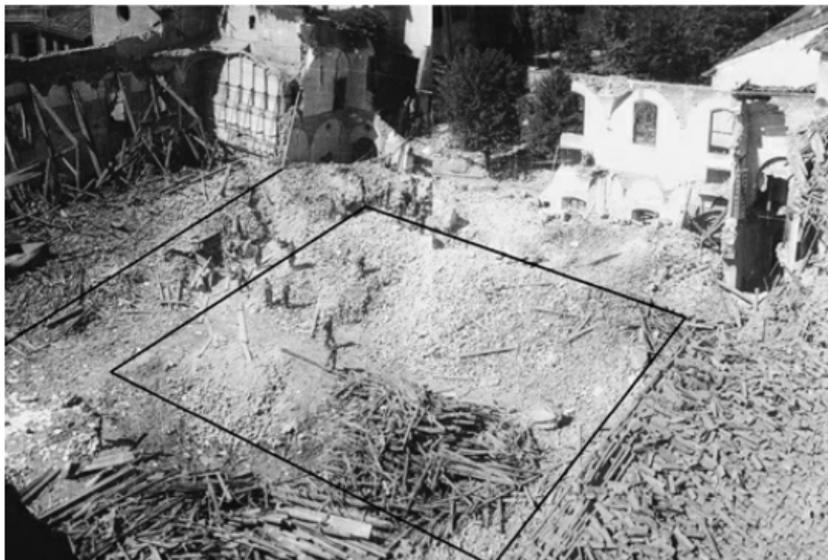
Por volta das duas da madrugada de 4 de agosto, a genialidade do design da Ponte Santa Trinitá foi revelada da maneira mais triste. Um trabalho magistral de engenharia havia ocultado, com linhas delicadas e suaves, uma ponte construída para durar séculos. Ela resistira tanto à fúria do Arno tempestuoso quanto ao peso massacrante dos veículos modernos. Por um breve período pareceu que a ponte formidável pudesse sobreviver ao trabalho dos especialistas alemães em demolição. A primeira explosão fez com que a ponte “sacudisse os ombros” – mas ela se manteve de pé, intacta. Uma segunda carga se seguiu; a ponte sobreviveu. Pouco antes da alvorada, contudo, a terceira carga não deixou nada de pé, exceto os pilares em forma de proa. O sol nasceria momentos depois, mas nunca mais lançaria a mesma sombra sobre o Arno.

Giovanni Poggi foi um dos primeiros florentinos a testemunhar o resultado das demolições. “Ao amanhecer, de minha casa na Piazza San Felice, pude me aproximar do Arno, na Via Maggio, e em meio aos escombros cobertos de cadáveres, da neblina e da poeira que ainda pairavam sobre o rio, com lágrimas encobrendo meus olhos como um véu, pude verificar com horror inesquecível que os belos arcos da Ponte Santa Trinitá não mais existiam.”

Em algum momento antes das sete da manhã, sofrendo de exaustão e de um colapso nervoso, o cônsul Gerhard Wölf despertou para ouvir a notícia de que as forças alemãs haviam destruído a Ponte Santa Trinita. Enquanto parecia imóvel em “silêncio atordoado”, seus pensamentos devem ter-se voltado não para a ponte, mas para o homem que pela primeira vez o apresentara a ela por ocasião de sua chegada a Florença, seu bom amigo e professor Friedrich Kriegbaum, que havia morrido durante o bombardeio à cidade, em 1943. Kriegbaum certa vez havia comentado com Wölf: “Eu preferiria estar morto a ver tudo o que amo destruído!” Tristemente seu desejo havia sido realizado.

23. Steinhäuslin subsequentemente convenceu Fuchs a estender o prazo para as seis da tarde.

24. O relatório no qual Kesselring se baseou estava errado. A artilharia aliada apontava para o lado sul do Arno, em um esforço para desalojar as tropas alemãs. Involuntariamente, houve algum bombardeio da cidade, danificando um pouco a Ponte alla Vittoria. E, mesmo assim, aquela, que era a mais ocidental das seis principais pontes da cidade, situava-se a mais de um quilômetro e meio do centro.



As fotos com desenho superposto, tiradas do telhado da Igreja de Santa Maria delle Grazie, em Milão, são as primeiras imagens conhecidas depois do raide de 15/16 de agosto de 1945, que quase destruiu a Última Ceia, de Leonardo da Vinci. A bomba caiu no pátio do claustro (indicado pelo retângulo), destruindo a arcada coberta e causando a destruição maciça dos prédios circundantes. A eliminação da parede leste do refeitório (indicada com uma linha reta) causou o desmoronamento do telhado. [Cívico Archivio Fotografico, Milão]



Esta fotografia do interior do refeitório, tirada em algum momento entre 1875 e 1910, mostra o que a bomba aliada destruiu. Desaparecido está o teto abobadado com afrescos acima das três lumetas na parede norte, destruídos quando o telhado desmoronou. Todo o trabalho ornamental em arabescos ao longo da parede leste se desintegrou. As janelas acima não existem mais. [Alinari]



Enquanto os trabalhadores dominicanos do padre Acerbi ajudavam a remover os escombros, engenheiros construíram uma plataforma (acima da escora em X) para erguer um pequeno telhado de proteção em terracota, que protegeria a pintura da chuva. Um toldo de lona (pouco visível no alto à esquerda) oferecia uma solução provisória para o problema.

[Olymcom]



O professor associado de Desenho e Pintura de Yale, Deane Keller, com o filho Dino, em 1942. [William Keller Collection].



O oficial da Monument, capitão Mason Hammond, deu aulas sobre a Itália quando ainda estava no norte da África, antes dos desembarques na Sicília. [Elizabeth Hammond Llewellyn Collection]



Este café ao ar livre em Tizi Ouzou, Argélia, recebia os homens das tribos de Kabyle, no norte do país. Os oficiais da Monuments e outros servindo no Governo Militar Aliado começaram seu treinamento em prédios como estes, em 1943, antes de sua transferência para a frente italiana. [Pennoyer Papers, Department of Art and Archaeology, Princeton University]



O líder da SS Heinrich Himmler presenteia Adolf Hitler com uma pintura em seu quinquagésimo aniversário, 20 de abril de 1939. Também presente o chefe de Estado-Maior de Himmler, Karl Wolff (extrema direita). [The Granger Collection, Nova York/fullstein bild]



Deane Keller encontrou esta fotografia sem data de Wolff e sua segunda esposa, Inge, entre os papéis do general em seu escritório em Bolzano, em algum momento por volta de 14 de maio de 1945. [Deane Keller Papers, Manuscripts



Giovanni Poggi muito jovem (à direita), à época diretor da Galleria Uffizi, lança um olhar para a Mona Lisa, em dezembro de 1913, pouco antes de devolvê-la a Paris. Poggi desempenhou um papel importante na recuperação da pintura do homem que a havia roubado do Louvre, em 1911. [Roger-Viollet, Paris]



Hitler visitou Florença em 9 de maio de 1938, passando quase duas horas conhecendo as obras de arte no Palácio Pitti, corredor Uasari e Galeria Uffezi. Os outros na foto são Dr. Joseph Goebbels (o homem baixo atrás de Hitler); professor Friedrich Kriegbaum; Benito Mussolini e o superintendente Giovanni Poggi (chapéu na mão). [Arianna, Elisa Magrini e Edizioni Polistampa, Florença]



As ruínas serrilhadas da Abadia de Monte Cassino. O oficial da Monuments, capitão Roger Ellis (na dianteira), e o major Ernest DeWald são acompanhados pelo capitão Turner, da British File Unit, na subida de três quilômetros pelo caminho estreito, limpo de minas por

engenheiros poloneses. Esta fotografia foi tirada em 27 de maio de 1944, apenas nove dias depois de a batalha haver terminado. [National Archives and Records Administration, College Park, MD]



O oficial da Monuments, tenente Fred Hartt, de pé ao lado de seu jipe, Lucky 13. [Frederick Hartt Papers, National Gallery of Art, Washington, D.C., Gallery Archives]



Fred Hartt escava os escombros nas ruínas da Igreja de Santa Maria de Monte Oliveto, em Nápoles, em maio de 1944. [Pennyover Paper, Department of Art and Archaeology, Princeton University]



Deane Keller encontrou um amigo para uma vida inteira em Charley Bernholz. [Eric Bernholz Collection]



Um ponto alto do serviço militar de Keller foi seu encontro casual com o colega artista (e cartunista) Bill Mauldin em Bolonha, em abril de 1945. [Deane Keller Papers, Manuscripts & Archives, Yale University]



O Generalfeldmarschall Albert Kesselring (foto acima, à direita) supervisionou pessoalmente o trabalho dos engenheiros enquanto eles colocavam minas nas pontes e ruas adjacentes de Florença, inclusive a Ponte Vecchio (foto abaixo). Kesselring está parado diante de uma das muitas lojinhas de jóias que se enfileiraram na famosa ponte. Em primeiro plano, um caixote com bombas de 65 quilogramas. Observem os caixotes vazios de bombas empilhados, na foto

*superior (extrema esquierda). Acima: Bundesarchiv, Koblenz. Abaixo: Bundesarchiv, Bild
1011-480-2227-10A, Bayer photo.*



Um B-26 Marauder americano sobrevoou a Ponte Vecchio, seriamente danificada, enquanto os alemães ainda detinham o controle da parte norte de Florença. O Duomo e a Torre do Sino, de Giotto, escaparam relativamente incólumes, mas os prédios em ambas as extremidades da Ponte Vecchio foram demolidos. [Pennoyer Papers, Department of Art and Archaeology, Princeton University]

CAPÍTULO 16

“Santinhos, ajudem-nos”

AGOSTO DE 1944

No dia 31 de julho, no quartel-general do VIII Exército Britânico AMG, o oficial regional da seção Monuments para a Toscana, Fred Hartt e outros ouviram o atordoante anúncio transmitido pela Rádio BBC. Wynford Vaughan Thomas, um correspondente veterano, acompanhado pelo major Eric Linklater, da Royal Engineers, tinha, no curso de uma visita ao Castelo de Montegufoni, *villa* situada no centro de uma importante zona de batalha, encontrado por acaso um repositório contendo obras-primas da Galleria Uffizi e do Palácio Pitti de Florença. A descoberta alarmou o homem da Monuments. Em junho, autoridades em Roma o haviam levado a crer que os repositórios de Florença tinham sido esvaziados e seu conteúdo devolvido à cidade. Mas aquela descoberta súbita lançava dúvidas sobre tal presunção e trazia à mente imagens perturbadoras de *villas* desprotegidas cheias de objetos de arte, espalhadas pelo campo da Toscana.

Com ordens para dirigir até Montegufoni o mais rápido possível, Hartt, “armado e de capacete”, saltou dentro de um jipe “muito maltratado” que sobrevivera às campanhas do norte da África e da Sicília. “Seu para-brisa estava espatifado, só tinha quatro pneus muito gastos, o radiador vazava, as molas estavam fracas, os amortecedores, com defeito. Não possuía nem espelhos nem capota de lona e seu chassis chacoalhante ameaçava se desintegrar a qualquer momento.” Mas ao contrário do veículo de Keller, o jipe de Hartt viera com um nome: alguém havia pintado na armação de metal que outrora sustentava o para-brisa: *13 Lucky 13* (13 Sortudo 13).

Fogo pesado de artilharia bloqueava o caminho de Hartt, obrigando-o a trafegar com dificuldade por estradas tão estreitas que não apareciam nos mapas. Horas mais tarde, ele chegou ao acampamento do VIII Exército, em San Donato, em Poggio. Caía a noite. “As colinas mais além, ondulando para baixo em direção a Florença, tremiam continuamente com descargas de artilharia na escuridão enquanto as encostas apareciam destacadas sob os clarões constantes.”

Retornando ao acampamento depois de um dia checando três outros repositórios próximos, Linklater e Vaughan Thomas foram recebidos por um “alto, animado e visivelmente excitado tenente americano de óculos, um especialista em belas-artes, enviado com antecedência pelo Governo Militar Aliado para assumir a responsabilidade pelos quadros. Ele não trouxera consigo nenhum kit de acampamento, mas como era agitado demais para conseguir dormir algum tempo não parecia sofrer com a falta de sono”. Linklater e Vaughan Thomas então começaram a relatar ao tenente Fred Hartt a história mais espantosa que ele já havia escutado.

Linklater, que fora encarregado de escrever a história oficial da campanha do VIII Exército, estava ansioso para visitar a 8ª Divisão Indiana, apenas uma das muitas tropas multinacionais que compunham o VIII Exército Britânico. Ele e Vaughan Thomas chegaram ao Castelo de Montegufoni, de propriedade de Sir Osbert Setwell, na tarde de 30 de julho. O castelo havia sido designado quartel-general de campo do 1º Batalhão de Infantaria Ligeira Indiana Maratha, um notável grupo de combatentes, cuja história datava de mais de um século. As posições inimigas avançadas agora estavam a pouco mais de 1,50 quilômetro de distância do castelo. Enquanto esperavam para entrevistar o comandante sênior, Linklater e Vaughan Thomas caminharam pelo vasto prédio, que os fez recordar o Palazzo Vecchio, de Florença, e repararam nos vários grupos de pinturas, apoiadas contra a parede, com as superfícies pintadas à vista.

– Mas essas pinturas são muito boas! – exclamou um dos homens. – Devem ser cópias! – Enquanto entravam em outro aposento, Linklater viu várias outras telas – algumas encaixotadas, a maioria não –, e então ouviu Vaughan Thomas dar um grito.

– A casa inteira está cheia de quadros... Vieram do Uffizi e do Palácio Pitti! – Ao ouvir suas exclamações de entusiasmo, um grupo de aldeões que havia se abrigado no castelo se reuniu ao redor dos dois homens enquanto se moviam de uma pintura para outra.

O grupo então seguiu para o espaçoso salão de teto de pé-direito alto, que havia sido dividido por um grande grupo de pinturas no centro. Para o deslumbramento deles, a *Batalha de San Romano*, de Paolo Uccello, estava diante deles. O painel, retratando a batalha de 1432 entre Florença e Siena, tinha mais de três metros de comprimento. Nas proximidades, eles encontraram a *Madonna Ognissanti*, de Giotto, um painel pintado com folha de ouro por volta de 1310. Media quase três metros e meio de altura e tinha dois metros de largura.

Momentos depois, Vaughan Thomas, que tinha andado para o outro lado do agrupamento de pinturas, gritou:

– Botticelli!

Mais refugiados tinham entrado no salão; eles correram ao seu redor para vê-lo contemplando a *Primavera*, uma obra de arte imediatamente reconhecível. Subitamente, um homem baixo de meia-idade apareceu no salão, vestindo um terno de tweed de calças curtas. O homem estava fora de si de entusiasmo – não por causa das obras de arte, mas porque os liberadores finalmente tinham chegado.

Cesare Fasola, bibliotecário do museu Uffizi, tinha chegado a Montegufoni no dia 20 de julho. Ele havia deixado Florença caminhando, cobrindo a distância inteira de mais de 27 quilômetros a pé, através de campos de batalha, para guardar a coleção Uffizi. Ele primeiro fez uma parada na Villa Bossi-Pucci, em Montagnana. Na ocasião de sua chegada, tropas alemãs já tinham levado 291 obras de arte – todas, exceto aquelas grandes demais para caberem em seus caminhões. As portas da *villa* tinham sido

arrancadas de seus gonzos. As janelas estavam escancaradas, e livros da biblioteca tinham sido jogados no chão e pisoteados pelas botas dos soldados.

Sem mais nada para fazer na Villa Bossi-Pucci, Fasola tinha caminhado até o Castelo de Montegufone, temeroso de descobrir uma cena semelhante. Embora as pinturas ainda estivessem dentro do castelo, lá também estavam soldados inimigos. A cena era medonha:

– Todos os caixotes de embalagem tinham sido abertos, os quadros retirados e atirados para os lados. Alguns tinham sido empilhados em um corredor escuro onde um cheiro fétido não deixava dúvidas quanto ao uso que tinha sido feito daquela passagem.

Fasola havia chegado tarde demais para impedir a remoção das pinturas de Montagnana, mas tinha esperanças de impedir as tropas alemãs e da SS de danificarem as obras de Montegufoni. À medida que os dias passavam, ele fez amizade com os soldados em um esforço para mantê-los longe das pinturas. Em certas ocasiões, obteve sucesso, em outras não. O uso por soldados alemães do painel redondo do florentino Domenico Ghirlandaio, *Adoração dos Magos*, do século XV como tampo de mesa foi um triste momento. Quando Fasola pediu aos soldados que removeassem seu vinho e seus copos, um dos soldados puxou uma faca e a atirou contra a madeira, perfurando a superfície.

Sem nenhuma autoridade, Fasola podia fazer pouco mais do que acompanhar o guardião do castelo em suas rondas noturnas. Seu sentimento era de impotência, mas não de desesperança. Certa noite, Fasola observou enquanto o guardião olhava fixamente para um grupo de pinturas religiosas e sussurrava baixinho para consigo mesmo: “Santinhos, ajudem-nos!”

No dia seguinte, 1º de agosto, acompanhado por Linklater e Vaughan Thomas, Hartt fez o curto trajeto do acampamento do Destacamento de Public Affairs, em San Donato, até Montegufoni, onde “o trovão das armas britânicas roncava por toda parte ao redor enquanto um ocasional morteiro alemão uivava acima, explodindo nas proximidades, entre vinhedos e ciprestes”. Hartt conhecia cada uma das obras de arte: a *Rucellai Madonna*, pintada para Santa Maria Novella; a *Anunciação*, de Andrea del Sarti, do Palácio Pitti; *Ninfas e Sátiros*, de Rubens; a *Madonna del Baldacchino* e a *Descida da Cruz*, de Rafael, do Pitti e do Uffizi; e é claro, a *Primavera*, de Botticelli, que tanto havia espantado Vaughan Thomas. Como mais tarde ele observaria: “A descrição dessas pinturas constituiria uma história da pintura italiana.” Os salões continham, no total, 246 obras.

De Montegufoni, o grupo fez a breve viagem até o repositório de Poppiano, onde Hartt examinou os danos causados a várias peças de arte. Ele ficou eufórico ao descobrir que a obra-prima de Pontormo – *Deposição da Cruz*, da Santa Felicidade, de Florença – estava intacta e continuava tão bonita quanto da última vez em que a vira. Mas outras inspeções, que revelaram a quantidade e a importância das obras ainda em Montegufoni, confirmaram que os repositórios toscanos não tinham sido evacuados para Florença.

Hartt fez soar o alarme. Seu telegrama para Ernest DeWald foi curto e direto: “Cinco depósitos localizados. Referência programa da BBC. Situação sob controle. Tudo em ordem, exceto por dano à *Visitação*, de Pontormo, e *Retrato*, de Bronzino.” Ele então preparou um memorando para o tenente-general Oliver Leese, comandante do VIII Exército, marcado “SECRETO”, e contendo mapas para referência, uma lista de 12 depósitos e um sumário conciso da situação: “O destino destes tesouros sem preço está nas mãos do VIII Exército.”

Naquela noite, Hartt dirigiu 145 quilômetros de volta para o quartel-general do VIII Exército. Horas mais tarde, depois de encontrar Norman Newton, oficial da Monuments para o AMG do VIII Exército, Hartt pediu para “ser designado para o trabalho dos depósitos e para ser o primeiro a chegar a cada um deles, antes que houvesse tempo para quaisquer danos por parte das tropas”. Compreendendo os perigos envolvidos, Newton imediatamente aprovou o plano de Hartt. Horas depois, Hartt estava no caminho de volta para Montegufoni e os outros repositórios, postando guardas e rearrumando muitas das pinturas para garantir-lhes maior segurança até que a situação no campo de batalha se estabilizasse. Dias depois, o general Alexander chegou para inspecionar a coleção e instar para “que todo o possível [para salvaguardar as obras de arte] fosse feito”. Cinco oficiais da Monuments foram enviados correndo para a área de Montegufoni. Deane Keller, que se viu em meio a horrenda destruição na cidade à beira-mar de Livorno, não estava entre eles.

Às cinco da manhã do dia 4 de agosto, oito caminhões carregando mais tesouros florentinos do repositório em Diacomano chegaram à cidade nortista de Verona por estradas secundárias. O último trecho da viagem de cinco dias fora angustiante. Enquanto atravessava o rio Pó, o comboio alemão fora atacado por aviões aliados. Fragmentos de bombas atingiram a cabine do caminhão, ferindo o motorista, mas as peças chegaram em segurança. Quase três semanas haviam se passado desde que o coronel da SS Alexander Langsdorff havia notificado o Governo Militar Alemão de que pretendia coordenar “operações de resgate de objetos de arte no front com nossas tropas”. Embora Langsdorff inicialmente não tivesse nem os caminhões nem o combustível para montar tal operação, ele conhecia alguém que tinha.

Na tarde de 21 de julho, com ambas as pinturas de Cranach, Langsdorff chegara ao quartel-general do general da SS, Karl Wolff – Villa Besana in Gardone, no lago Garda –, para solicitar ajuda. A nomeação pendente de Wolff como general da Wehrmacht “atrás da frente de batalha” colocaria o Kunstschutz, um departamento do governo militar, firmemente sob seu comando.^[25] Ansioso para dar assistência a Langsdorff e sua operação de resgate, o general forneceu ao chefe do Kunstschutz os caminhões de que precisava, bem como ordens formais para “remover tudo o que pudesse ser salvo das obras de arte pertencentes aos museus Uffizi e Palazzo Pitti, em Florença, que estavam

em risco.” Langsdorff agora tinha autoridade operacional em campo, reportando-se a Wolff como comandante SS na Itália, que então aprovava as decisões através de Himmler, em Berlim.

Depois de tomar posse das duas pinturas de Cranach, retiradas do Regimento de Infantaria 71, Langsdorff estava ansioso para vê-las chegar ao que ele presumia que seria seu destino final na Alemanha. No dia 25 de julho, Wolff enviou um telegrama a Himmler, informando-o de que Langsdorff acabara de resgatar e trazer a seu quartel-general duas pinturas de Lucas Cranach, “que o Führer havia admirado imensamente por ocasião de sua visita a Florença”. Wolff também pedia orientação sobre “se aqueles tesouros deviam ser levados para os quartéis-generais de Hitler, de modo que o Führer pudesse decidir sobre os próximos passos daquelas pinturas de fama mundial salvas por nós”. A resposta de Himmler chegou no dia seguinte, recomendando que as pinturas de Cranach, e quaisquer outras de Florença, deviam ficar no sul do Tirol, “o que lhes garante boa custódia, inicialmente sem solapar a autoridade do Estado italiano. Deve ser assegurado, contudo, que a área para onde as pinturas sejam levadas e mantidas em quaisquer circunstâncias fique protegida pela Alemanha”.

No dia 28 de julho, Langsdorff voltou a Florença para super visionar novas evacuações de repositórios florentinos. Ele chegou a um hotel deserto, esvaziado à medida que as tropas alemãs preparavam sua retirada da cidade. “Todo mundo esperava entorpecido e em suspense pelas coisas por vir.” Às 11 da manhã, Langsdorff se encontrou com Giovanni Poggi. Perturbado com a traição de Langsdorff, Poggi expressou surpresa ao vê-lo. Langsdorff explicou que havia localizado os dois Cranachs e que eles estavam em segurança em local não revelado. Naquela que acabaria por ser sua última conversa, Poggi se recordou de que Langsdorff “estava preocupado com o destino de certas obras recuperadas, localizadas em áreas perigosas”. Mais uma vez, Poggi exigiu a devolução dos Cranachs a Florença. E, mais uma vez, Langsdorff prometeu fazer o que pudesse para “cuidar da segurança deles”.

Langsdorff de fato pôs sua equipe de soldados e seus caminhões para fazer um bom trabalho, removendo obras em perigo do repositório em Dicomano – mas sem trazê-las de volta para Florença, como tinha prometido a Poggi. As obras viajaram para o norte, parando temporariamente na cidade de Verona. No dia 5 de agosto, reunindo-se de novo no quartel-general de Wolff, em Gardone, Wolff e Langsdorff tiveram que buscar uma solução para o mesmo dilema que havia confrontado Poggi e os diretores de museus italianos anos antes: encontrar um local seguro para escondê-las. Cada opção trazia em si um risco diferente.

No dia 18 de junho, Langsdorff escrevera a Poggi, recordando-lhe de que ele “havia criado um repositório para as obras de arte no norte da Itália, no lago Maggiore, na Isola Bella [uma das três ilhas que compõem o arquipélago das ilhas Borromeu]”. Aquela ilha remota, acessível apenas de barco, oferecia um depósito seguro, distante de quaisquer alvos de bombardeios. A Wehrmacht deve ter concordado porque no dia 3 de agosto emitiu uma ordem declarando: “As ilhas Borromeu devem ser mantidas livres de

qualquer ocupação e [devem] ser oferecidas como depósitos de arte.” Mas, àquela altura, Wolff se recusava a transferir as peças à custódia italiana. Agindo por instrução de Himmler, ele encontrou uma solução diferente e mais elegante, finalizando-a durante uma chamada telefônica com Franz Hofer, o *gauleiter* austríaco de Tirol-Vorarlberg.

A província mais ao norte da Itália, conhecida como Tirol meridional em inglês ou Alto Ádige em italiano, forma uma região autônoma que, desde os tempos de Carlos Magno até 1919, era parte do Sacro Império Romano e do Império Austro-húngaro. A maioria de seus habitantes fala alemão; os nomes das cidades, vilarejos e ruas da província são exibidos em alemão e em italiano. Em seguida ao armistício de setembro de 1943, entre a Itália e os aliados, tropas alemãs ocuparam a província e declararam a região parte da Zona Operacional Alpenvorland. Subsequentemente, a área foi acrescentada ao território do *gauleiter* Hofer. Um membro da Resistência italiana comentaria: “As leis da República Social não se aplicavam ali.” Ao esconder as obras de arte em repositórios no Alto Ádige, Wolff podia manter os tesouros florentinos em solo italiano, evitando uma transferência com travessia de fronteira, permanecendo tudo, de fato, sob controle do Reich alemão.

Wolff sabia que Hofer era o “rei não coroado de sua própria Gau”. Carlo Anti, diretor-geral de Belas-Artes sob o governo reconstituído de Mussolini, observou: “Em Alto Ádige tem-se a impressão de estar em um território autônomo, que não é nem Itália nem Alemanha. Além disso, Hofer é um homem de temperamento absolutista, um tirolês fanático e expressamente anti-italiano, que decide exclusivamente tudo, sejam problemas pequenos ou grandes, de acordo com o que ele quer e sem ouvir opiniões nem explicações (...).” Wolff acreditava que podia trabalhar com Hofer, mas o alinhamento do *gauleiter* com outros nazistas austríacos radicais, inclusive o *gauleiter* August Eigruber e o general da polícia e Waffen SS Ernst Kaltenbrunner – “inimigo mortal” de Wolff –, significava que ele tinha que ser vigiado.

Linklater e Vaughan Thomas entraram em Florença, na manhã de 4 de agosto, lado a lado com a Divisão Blindada Sul-Africana e as tropas neozelandesas, a 24ª Brigada de Guardas e a 4ª Divisão de Infantaria. Linklater observou:

Os florentinos da margem sul, em sua maioria gente pobre, nos ofereceram uma recepção mais calorosa do que os romanos. Lágrimas escorriam por suas faces enquanto eles aplaudiam e davam vivas... Vaughan Thomas... foi impiedosamente beijado por um trabalhador de barba espessa, enquanto eu, com o braço esquerdo agarrado e pressionado contra um peito não visto, mas jovem e palpitante, estava sendo calorosamente beijado pelo par das matronas mais feias da Toscana; mas, então, a multidão começou a se dispersar e se espalhou quando franco-atiradores abriram fogo de uma janela ou de um telhado... A fumaça de prédios em ruínas ainda se elevava acima da Ponte Vecchio e rajadas de

metralhadoras ecoaram ao longo da margem do rio... No final da tarde, a chuva levou as pessoas de volta para dentro de casa, e todas as flores que eles haviam atirado ficaram caídas, pisoteadas, nas ruas vazias.

O capitão Roger Ellis, primeiro oficial da Monuments a entrar em Florença, chegou uma semana inteira depois de Linklater e Vaughan Thomas terem entrado na cidade. Ellis imediatamente começou a inspecionar monumentos e igrejas do lado sul do Arno, mas determinou que “a situação tática impedia qualquer inspeção ao norte do rio”. Hartt, que tinha passado os 11 dias anteriores trazendo ordem e segurança para os repositórios, estava cheio de ansiedade com a impossibilidade de entrar em Florença e ser o primeiro a fazer contato com os altos funcionários de arte da cidade. Mais tarde, ele observou: “Em 12 de agosto, o suspense de esperar pela ordem de ir para Florença havia se tornado intolerável, me dirigi até o quartel-general do VIII Exército para tentar acabar com a espera.”

Hartt entrou na parte sul de Florença na manhã seguinte, “em um estado de excitação febril. (...) A destruição parecia o fim de toda a civilização (...). Passamos abaixo de Certosa di Galuzzo, ainda intocada no topo de sua colina, que eu vi pela última vez quando era um jovem estudante, anos antes. Na bifurcação da estrada abaixo de Poggio Imperiale, a estrada direta para a Porta Romana, vimos o grandioso portão sul da cidade, fechado por um simples cartaz com os dizeres: ‘Sob Observação Inimiga.’ (...) O vale ao redor reverberava com fogo de artilharia.”

Na Villa Torrigiani, quartel-general temporário do Governo Militar Aliado, Hartt encontrou o professor Filippo Rossi, diretor das galerias de Florença, e o dr. Ugo Procacci. Seguiu-se uma reunião improvisada, durante a qual Hartt explicou o propósito da MFAA e descreveu a *expertise* de seus companheiros oficiais da Monuments. Quando a reunião acabou, Hartt tinha uma lista completa da localização dos repositórios florentinos e seus conteúdos.

Hartt tinha que ver os danos sofridos pela parte medieval da cidade por si mesmo. Ele e Procacci tentaram chegar à Ponte Vecchio, mas “uma massa de escombros de nove metros de altura” impedia o acesso, de modo que eles tiveram que subir uma escada de madeira improvisada de um lado dos Jardins Boboli para chegar à porção do Corredor Vasari que não havia sido danificada. Em um instante, séculos de beleza e história haviam se desintegrado.

Na margem sul dos maravilhosos antigos edifícios que se debruçavam sobre o rio, aqueles acréscimos anônimos de eras, andar sobre andar, varandas, arcos, aglomerações de telhados, todos sustentados por consoles acima da água – com que frequência os havíamos visto, com que frequência tínhamos caminhado por eles durante a noite para contemplar, através dos arcos de Vasari, a parede pitoresca de casas refletida na água tranquila do rio. Eram aquelas casas que tinham dado à Ponte Vecchio sua beleza, uma cidade saltando sobre o rio. Agora ali estava ela nua, as casas todas juntas numa gigantesca pilha de lixo se

derramando sobre o Arno... Forma tornada disforme, beleza transformada em horror, história em insensatez, tudo num estrondo ofuscante.

Uma semana se passou antes que Hartt tivesse tempo para compor seu primeiro relatório oficial. Quase nenhuma estrutura notável deixou de ser mencionada, inclusive as igrejas de Santa Croce, Santo Spirito e San Lorenzo, bem como o Uffizi, o Duomo e o Batistério. Mas uma parte de seu relatório se concentrava em algo além de prédios e monumentos: “Santo Stefano, em Por Santa Maria, está seriamente danificada. A fachada do século XIII está rachada do topo ao portal, as telhas do telhado se foram e o interior está cheio de escombros. O pároco de 93 anos, padre Vaneziani, se recusou a deixar sua igreja, e morreu devido ao choque das minas. Seu corpo só foi removido da sacristia, onde jazia morto desde o dia 3, no dia 18 de agosto.” Para Fred Hartt, a morte daquele padre de paróquia deu um rosto à missão, algo que Deane Keller havia compreendido desde o princípio.

No dia 31 de agosto, o quartel-general AMG recebeu um telegrama enviado pelo governo suíço. Eles o haviam transmitido quatro dias antes, mas as circunstâncias impediram sua recepção. O telegrama continha uma estranha mensagem:

Autoridades alemãs armazenaram em Villa Reale Poggio a Caiano... valiosas coleções artísticas e arquivos relativos a obras do renascimento toscano. Foi declarado pelo governo alemão que nos arredores de Villa Reale não há, repito, não há tropas alemãs e que Villa Reale em si não é usada para propósitos militares. Governo alemão deseja informar governos britânico e americano de seu desejo de evitar bombardeio ou destruição a Villa Reale. Agradecemos que informem AMG do exército sobre conteúdo desta mensagem.

Hartt examinou a mensagem com grande ceticismo, especialmente depois de ter ouvido os relatos a respeito das experiências desagradáveis de Poggi com Langsdorff e outros oficiais alemães, durante os últimos dias de ocupação. Embora a mensagem pudesse ter sido um esforço sincero por parte de funcionários alemães do Kunstschutz em proteger monumentos toscanos, Hartt se preocupava com o que encontraria quando chegasse à *villa* em Poggio a Caiano. Por ora, ele só podia esperar.

25. Wölff solicitou esta designação, que foi efetivada no dia 26 de julho de 1944.

CAPÍTULO 17

“O mais belo cemitério do mundo”

SETEMBRO DE 1944

Enquanto Fred Hartt e o VIII Exército Britânico lutavam, na Florença liberada, com as consequências da ocupação alemã, Deane Keller e o V Exército dos Estados Unidos estavam a 80 quilômetros a oeste, prestes a entrar em Pisa, depois de um esforço brutal para desalojar as forças alemãs.

Em seguida à liberação de Roma, as forças aliadas haviam tentado correr para o norte, na esperança de separar e destruir as duas principais unidades de combate alemãs antes que elas pudessem cruzar o Arno e restabelecer posições defensivas superiores. No final do verão, contudo, os generais aliados tomaram a decisão de interromper operações ofensivas e permitir às tropas exaustas um descanso depois de seu avanço furioso península acima, desde Cassino. Elas também precisavam se reorganizar, agora que sete divisões de tropas haviam sido retiradas da Itália para ajudar na Operação Dragão, o desembarque aliado no sul da França, em 15 de agosto.

As tropas de Kesselring fizeram excelente uso deste atraso acelerando a conclusão da Linha Gótica, a última grande posição fixa defensiva dos nazistas na Itália. A Linha Gótica se estendia pela largura da Itália – da costa oeste a cerca de 30 quilômetros ao norte de Pisa, ao longo das cristas das montanhas dos Apeninos, e para baixo até a cidade da costa leste de Pesaro, logo ao norte de Ancona. Este perímetro de 16 quilômetros de extensão tinha sido fortificado com 2.376 posições de metralhadoras; 479 lançadores de morteiros, armas antitanques e de assalto; e 120 quilômetros de arame farpado. A penetração aliada da Linha Gótica facilitaria a passagem sobre os Apeninos e forneceria uma posição de tiro desimpedida para a porta sul da Alemanha. Quanto mais tempo os alemães pudessem conter os aliados em Pisa, mais tempo teriam para completar as defesas da Linha Gótica. A cidade pagou caríssimo por isso.

Pisa, uma cidade com origens antigas, contudo ainda muito debatidas, fica montada sobre o rio Arno, a cerca de 13 quilômetros para o interior do mar Tirreno. A cidade deve seu desenvolvimento inicial aos romanos, que compreenderam a posição estratégica de seus portos. Pisa alcançou o auge de seu poder político como república marítima na segunda metade do século XII. Aquele crescimento e consequente prosperidade custeou a construção de seu *Duomo* (catedral), em 1063, *Battistero* (batistério), em 1152, *Campanile di Santa Maria* (campanário, mais conhecido como a Torre Inclinada de Pisa), em 1174, e *Camposanto* (cemitério), em 1278.

O declínio político e econômico da cidade começou em 1284, com uma derrota naval para os genoveses, e culminou em 1406, quando um cerco cruel de seus ferozes rivais,

os florentinos, pôs fim à autonomia da cidade e significativamente reduziu sua população. A questão foi acertada de uma maneira bastante cara: os florentinos aceitaram a oferta secreta de Giovanni Gambacorta, *signore* [líder] de Pisa e agora traidor da confiança de seus cidadãos, e compraram a cidade por 50 mil florins de ouro e o comércio de alguns castelos e fortalezas. No decorrer dos 100 anos seguintes, houve vislumbres de seus velhos tempos de auge, tais como a criação de um jardim botânico – o mais antigo da Europa –, em 1544. Mas a outrora dominante República Marítima de Pisa não tinha mais predomínio sobre o Mediterrâneo. Esta beleza indefesa tornou as crueldades de 1944 ainda mais trágicas.

Já no próprio dia 28 de julho, o subsecretário de estado do Vaticano, monsenhor Giovanni Montini, havia feito um apelo para que a cidade fosse poupada. Numa carta a Myron Taylor, representante pessoal do presidente Roosevelt, Montini declarava: “A Santa Sé... não pode deixar de entreter os maiores temores pelo destino de uma cidade como Pisa, onde gerações de fiéis e artistas erigiram insubstituíveis monumentos religiosos, históricos e artísticos, cuja destruição constituiria uma perda irreparável não só para os católicos mas também para todo o mundo civilizado.”

Mas a despeito de seus monumentos mundialmente famosos e numerosos apelos do Santo Padre, Pisa – inexplicavelmente – recebeu apenas um status de Grupo C dos líderes militares aliados. Desse modo, enquanto pilotos aliados recebiam instruções para evitar atingir monumentos, também lhes era dito, previamente, que qualquer dano resultante seria aceito. O contraste no tratamento a Florença, uma cidade de Grupo A, e o dado a Pisa, cidade de grupo C, foi gritante. Em ambas as cidades as forças aliadas tiveram sucesso em expulsar as tropas alemãs para o norte do rio Arno. Mas enquanto Florença sofreu danos menores nas mãos dos aliados, repetidas incursões de bombardeio achaparam sua outrora mais poderosa rival. A Quinta Artilharia do Exército acabou por devastar os prédios que os bombardeiros não haviam acertado durante a batalha de seis semanas.

Em quatro meses, Keller já havia dirigido mais de 13 mil quilômetros, por estradas poeirentas, esburacadas, marcadas por crateras de bombas, inspecionando centenas de cidades danificadas. Embora tivesse visto muita miséria e privações, a situação de Pisa excedia qualquer coisa que ele pudesse ter imaginado. Ao entrar na cidade, no dia 2 de setembro, Keller anotou: “O lado sul estava tão tremendamente destruído em certas áreas que um novo plano urbano foi projetado.” A cidade era um esqueleto de sua forma anterior. “O lado sul estava cheio de armadilhas e a área inteira crivada de minas enterradas.” O perigo fez com que os cidadãos se mantivessem fora da cidade; Keller viu apenas dois civis numa população que antes da guerra era de 72 mil habitantes.

A equipe precursora de Keller do AMG, sete oficiais com diferentes especialidades, cuidadosamente manobrou seus jipes ao redor dos montes de escombros. Eles escalaram ruínas, sobressaltando-se com as ratazanas que encontravam de vez em quando, o tempo todo de olho vivo à procura de minas. Devido ao número de prédios com armadilhas, no primeiro dia, levou um tempo enorme apenas para chegar até a velha prefeitura, próxima

às margens do Arno. Lá, enquanto o céu se tingia de alaranjado e o sol mergulhava no horizonte, Keller e o capitão McCallum, o engenheiro da equipe de reconhecimento, penduraram as bandeiras americana e inglesa na varanda do prédio, de modo que ficassem de frente para o rio. Seu sentimento de orgulho durou pouco. “Quase não se dormiu naquela noite, pois as baterias americanas, a um quarteirão dos alojamentos, disparavam a intervalos de minutos, enquanto os alemães sobrevoavam e deixavam cair bombas e projéteis.”

Cedo na manhã seguinte, Keller atravessou o Arno sobre o que restava de um par de estreitos trilhos de bonde que outrora haviam estado fixados à Ponte Solferino, perto do centro da cidade. Da mesma maneira que haviam feito em Florença, as forças alemãs detonaram cargas de demolição à medida que se moviam, rumo ao norte, em retirada, destruindo a Solferino e as outras três pontes da cidade. A importância histórica das pontes era de interesse secundário para Keller. Ele queria alcançar seu objetivo principal: a Piazza dei Miracoli (Praça dos Milagres), onde o Duomo, o Batistério, a Torre Inclinada e o Camposanto ficavam localizados.

Keller inicialmente se sentiu encorajado ao entrar na *piazza*. O Batistério havia sofrido danos; ele observou vários buracos no teto do Duomo e numa coluna da fachada, mas nenhum parecia sério. Um olhar para a direita confirmou que a Torre Inclinada mantinha sua verticalidade defeituosa. Contudo, depois de caminhar mais para o norte e emergir de entre o Batistério e o Duomo, ele parou imobilizado: o telhado do Camposanto havia desaparecido. Apenas alguns tocos de caibros carbonizados eram visíveis. Naquela guerra, até cemitérios estavam morrendo.

A curiosidade arquitetônica da Torre Inclinada e o Batistério adjacente, com um púlpito de mármore do século XIII delicadamente esculpido por Nicola Pisano, sempre haviam atraído multidões. Mas a joia da Piazza dei Miracoli era o Camposanto, um prédio construído em cima do local do antigo cemitério, do lado norte da *piazza*. Suas extensas paredes mediam 12 metros de altura, 126 metros de comprimento e 52 metros de largura (ligeiramente maior que um campo de futebol americano). Um pátio retangular gramado no centro ficava a céu aberto, bem ao estilo de um claustro. Dizia-se que a terra havia sido trazida do Gólgota, o monte onde Jesus fora crucificado. Defronte às paredes externas ficavam arcadas góticas de mármore, abertas para o pátio gramado de ambos os lados e coroadas por enormes estruturas de vigas em A, que sustentavam um telhado feito de chumbo.

Durante quase sete séculos, o Camposanto, não a Torre Inclinada, havia sido o destino “obrigatório” dos visitantes em Pisa. Hordas tinham vindo contemplar seus inúmeros afrescos. Um Deane Keller bem mais jovem havia feito a peregrinação durante seus dias de estudante na Academia Americana. Pinturas e afrescos geralmente são medidos em polegadas ou centímetros, de vez em quando em pés ou metros. Mas as paredes internas do Camposanto exibiam 1.860 metros quadrados de afrescos vibrantemente coloridos, pintados por alguns dos mais talentosos artistas dos séculos XIV e XV. As paredes de afrescos se estendiam horizontalmente por mais de 32 metros.

O volume do espaço pintado confunde a mente. (Para comparação, a área de afrescos no Camposanto era cerca de 300 metros quadrados maior do que a área de afrescos na Capela Sistina inteira.)

Keller sabia que o Camposanto glorificava a memória local, estendendo-se no passado até a era medieval. Afrescos ricamente coloridos do princípio do Renascimento, retratando *O Último Julgamento*, *Inferno* e *O Triunfo da Morte*, cercavam os “residentes permanentes” do cemitério e enchiam as paredes ao longo dos corredores, do piso ao teto. O piso de mármore da calçada era entrecortado por sepulcros, cada um marcando o local onde fazia algum luminar da cidade ou um membro da família Médici.^[26] Por toda parte no prédio, obras de escultura repousavam sobre pedestais de pedra defronte às paredes de afrescos. As arcadas góticas de mármore, suporte estrutural interior do prédio, difundiam a luz do sol que emergia do pátio gramado, criando belas sombras. A famosa luz dourada, filtrada através deste calcidoscópio, mudava ao longo do dia e com as estações. De frente para as paredes de afrescos, na base das arcadas, 125 sarcófagos romanos, alguns requintada e elegantemente entalhados, haviam sido abertos e reutilizados na Idade Média.

Mas a principal lembrança de Keller não era da beleza do prédio – seus afrescos, tumbas, ou história. Era da serenidade do espaço, de descanso acolhedor para os vivos, de repouso solene para os mortos. As bombas haviam destruído aquela paz tanto quanto o fogo havia mutilado seu conteúdo.

O relatório de Keller sobre a destruição parecia uma autópsia:

No piso ao lado das paredes havia milhares de fragmentos de afrescos que haviam caído no chão devido ao calor ou ao abalo das grandes vigas tombando por terra. Eles se misturavam a pedaços de telhas quebradas, entalhes das tumbas de todos os tamanhos, carvão enegrecidos e pregos. Todas as esculturas tinham a parte superior completamente coberta de chumbo derretido, assim como as superfícies perpendiculares estavam listradas por ele. Manchas de calor e de chumbo fundido podiam ser encontradas tanto nas tumbas quanto nas pinturas.

Temperaturas extremas causam expansão ou contração da umidade no interior da argamassa dos afrescos, o que tende a resultar em desintegração. Por esse motivo, superfícies pintadas com afrescos se encontram principalmente em locais cobertos e secos. Embora os afrescos do Camposanto fossem suscetíveis à umidade ambiente, o teto impedia sua exposição ao sol ou à chuva. Com o teto destruído, os poucos que ainda restavam nas paredes haviam sido cozidos durante 38 dias pelo intenso sol da Toscana, reduzindo-os a uma poeira esbranquiçada. “Milhares de fragmentos” era uma descrição que subestimava tremendamente esse volume, que devia estar na casa dos milhões. O piso do Camposanto continha um imenso quebra-cabeça.

Keller suspendeu sua inspeção para conversar com Bruno Farnesi, o *capo tecnico* do complexo da *piazza*, que presenciara o incêndio. Ao aproximar-se, Farnesi falava italiano

tão depressa que Keller teve que acalmá-lo e pedir-lhe que começasse novamente. Depois de recuperar o fôlego, Farnesi contou a Keller que, no dia 27 de julho, cinco semanas antes, uma violenta barragem de artilharia havia sacudido a Piazza dei Miracoli. Os americanos pareciam estar mirando um posto de observação alemão na Torre Inclinada. Embora o uso de campanários de igreja e o alto de prédios históricos violasse as regras da guerra, isto acontecera com frequência na Itália e rapidamente se tornara ocorrência comum nas batalhas do norte da Europa.

Farnesi observava enquanto alguns projéteis atingiam a estrutura maciça. Mas duvidava de que os aliados estivessem tentando destruir a Torre Inclinada. Os soldados alemães haviam estabelecido posição ali para fornecer coordenadas de alvo para as baterias de artilharia, localizadas muito longe da Praça dos Milagres. Várias outras cargas haviam atingido o Duomo onde o arcebispo rezava a missa. Farnesi sabia que a catedral era forte. Podia suportar uma dúzia de cargas. Mas, quando as cargas cessaram e o céu clareou, ele viu a fina coluna de fumaça subindo do Camposanto.

Mesmo do solo, as chamas eram claramente visíveis do lado norte do telhado. Farnesi disse que teria lançado água nas chamas, mas a cidade estava sem água há vários dias. A única “arma” para lutar contra o fogo era uma escada alta que ele havia colocado no interior do Camposanto dois meses antes.

Armados com nada além de pás, porretes e varas, Farnesi e um pequeno grupo de voluntários subiram na escada. Mas o vento, soprando do mar Tirreno, espalhava o fogo pelo telhado mais depressa do que os homens conseguiam lutar contra ele. O dia estava morrendo, mas o incêndio ganhava força. Farnesi observou enquanto as chamas correram ao longo das grandes vigas de madeira e tomaram conta do telhado de folhas de chumbo. As vigas se partiram e tombaram, fazendo o chumbo escorrer em filetes pelas paredes. Farnesi instou os homens a continuarem apesar do calor escaldante.

Um projétil passou assoviando e acertou o Duomo. Mas o grande prédio aguentou firme. Logo uma saraivada de projéteis choveu sobre o complexo. O grupo de voluntários se dispersou. Os homens desceram com dificuldade a escada e se encolheram atrás das paredes do Camposanto. O fogo de artilharia parecia estar vindo do sul, onde os americanos estavam acampados. Embora a parede não oferecesse nenhuma proteção contra a artilharia, era o único local protegido do calor das chamas. Outra explosão a menos de 30 metros derrubou no chão um dos homens. Desta vez, o pequeno grupo correu para a segurança da catedral.

Algum tempo depois, talvez 30 minutos ou uma hora – era impossível para Farnesi determinar –, o fogo de artilharia cessou. Quando ele saiu, a noite tinha caído.

Farnesi continuou sua triste história com as mãos trêmulas:

Voltei para o monumento, e se tornou ainda mais claro para mim como estávamos absolutamente impotentes para impedir sua completa destruição. Tive que presenciar aquela visão trágica, com um nó na garganta e o coração oprimido e sangrando. Olhamos para as chamas destruidoras, e tive uma visão fugaz, mas nítida, do longo tempo que havia

passado ali; meus pensamentos se voltaram para as obras feitas com cuidado e amor, para a completa restauração do telhado e toda a reorganização dos sarcófagos e dos outros monumentos, para a comissão, para a polêmica sobre a conservação dos famosos afrescos e sua restauração, para as preocupações até mesmo sobre uma gota de água caindo nas paredes, para o cuidado com as rosas e o gramado; em suma, para tudo o que havia acontecido todos os dias durante 20 anos.

Farnesi fez uma pausa para olhar para o oficial americano em seu uniforme empoeirado. Keller não soube dizer se o olhar dele era de tristeza, acusação ou se estava apenas grato por alguém o estar ouvindo. “À noite, a Piazza dei Miracoli parecia sangrar com o tom vermelho das chamas; o Duomo, o Batistério e o Campanário... estavam todos lá, solenes, parecendo tingidos de sangue, como um testemunho do trágico destino de seu irmão, menor em idade, mas não em beleza, que morria irrecuperavelmente consumido pelo fogo.”

Qualquer pessoa que amasse cultura ou história teria tido dificuldade em não se sentir comovida pela visão das ruínas do Camposanto: as paredes enegrecidas pelo fogo, os caibros carbonizados, as tumbas rachadas. Como devia ter sido para aquele homem que havia dedicado a vida a seu cuidado?

Farnesi começou a falar de novo: “Vi novamente os visitantes e as numerosas caravanas de italianos e estrangeiros que, encantados por tamanha harmonia, por tamanho esplendor, permaneciam arrebatados e pasmos diante daquela beleza luminosa, na admiração do que era o mais belo cemitério do mundo.”

Keller também olhou para os fragmentos despedaçados de argamassa pintada dos afrescos que cobriam o chão do Camposanto e refletiu sobre os acontecimentos anteriores. Pensou nas mulheres de Nápoles, carregando baldes de entulho enquanto seus bebês permaneciam sentados nas ruínas. Pensou na cidade de Itri, despedaçada na encosta de uma montanha íngreme, e nos refugiados italianos que encontrara vivendo em cavernas e comendo grilos para sobreviver. Pensou no Monastério de San Marino, do qual ele não pudera encontrar sequer um lintel, e na cidade de San Miniato, nas colinas vizinhas a Florença, onde 27 civis haviam sido mortos quando uma mina detonara no interior de uma catedral para onde tinham sido empurrados pelos alemães. Pensou em como devia estar Florença sem suas pontes e torres medievais, com áreas inteiras da cidade velha reduzidas a poeira. Pensou nos relatórios sobre obras de arte desaparecidas. Michelangelo. Leonardo. Donatello. Botticelli.

O que ele tinha feito durante todo aquele tempo? Tinha dado conselhos. “Minha missão é de oficial da MFAA, AMG V Exército”, havia escrito a seus pais apenas semanas antes. “Não devo de forma alguma sair de meu papel. Eu não teria absolutamente nenhuma autoridade. A maneira de ajudar é conversar com as pessoas, ser vir de

intérprete – prestar ajuda aos outros que dela precisem e de vez em quando exclaimar alguma coisa numa reunião.”

Keller pensou naquele primeiro soldado americano morto que havia ao sul de Roma, com uma carta para a mãe enfiada no forro do capacete. Aquele rapaz americano tinha se transformando em todos os soldados. O vilarejo havia se tornado cada um dos lugares terríveis que ele havia visitado. Nápoles. Gaeta.

Mas as cenas de morte que o haviam impressionado cederam lugar a imagens positivas: de Sezze Romano, onde 50 aldeões o haviam seguido até o jipe, oferecendo preces e agradecimentos; de Monte Oliveto Maggiore, onde os monges haviam escondido tropas aliadas em meio às obras de arte de Siena. Ele se recordou de sua alegria ao saber que Roma estava virtualmente incólume; o Palácio Farneze, em Caprarola, onde 17 caixotes pertencentes ao rei estavam intocados; a pintura mais preciosa de Siena, a *Maestà* de Duccio, protegida dentro de seus caixotes de madeira; o *Davi* e os *Escravos*, de Michelangelo, encerrados em seus bonitos e seguros silos de tijolos.

Ele pensou na abadia cisterciense em Fossanova, onde Tomás de Aquino havia morrido, em 1274. E se lembrou novamente do longo percurso de carro pelos desolados pântanos Pontine e sua primeira visão das famosas paredes brancas da abadia; na passarela com arcos; e Don Pietro, o padre, vestido em sua batina e sentado ao órgão atrás do altar-mor, tocando a *Ave Maria*.

Keller se virou para o desolado Farnesi e o instruiu a proibir a entrada de qualquer pessoa sem antes obter sua permissão. Então, começou a procurar pelo rádio de campo mais próximo; tinha que fazer uma chamada de emergência.

26. A influência dos Médici se estendia muito além de Florença. Depois da aquisição de Pisa, Cosimo I de Médici trouxe, no século XVI, nova vida à cidade com a construção de residências nobres e a reforma da Piazza dei Cavalieri, por Giorgio Vasari.

CAPÍTULO 18

Paradeiro desconhecido

MEADOS DE AGOSTO-OUTUBRO DE 1944

O repórter do *New York Times* Herbert Matthews observou que “Florença não é mais a Florença que o mundo conheceu por 400 anos. (...) o coração de Florença desapareceu”. De suas seis pontes – San Nicolò, alle Grazie, Vecchio, Santa Trinita, alla Carraia e alla Vittoria, só a Ponte Vecchio sobreviveu. Na verdade, os alemães também a tinham preparado com cargas de demolição. Alguns entre os aliados teorizavam que os alemães haviam mudado seus planos no último minuto, talvez preocupados com que os escombros criados pela destruição da ponte em dois níveis na realidade facilitassem a travessia dos aliados ao oferecer entulho suficiente para formar uma nova fundação nas águas rasas do final do verão.

A destruição das pontes foi uma dupla tragédia. A que deveria ter sido poupada, com base em seu mérito artístico, era a Ponte Santa Trinitá, não a Ponte Vecchio. O professor Friederich Kriegbaum havia chegado a defender esse argumento com Hitler enquanto caminhavam pelo Corredor Vasari, em 1938. Em vez disso, as forças alemãs haviam poupado a Ponte Vecchio ao destruir os *palazzi* e prédios medievais adjacentes, em ambas as extremidades da ponte. Além do mais, a demolição da ponte em nada havia retardado os aliados. Hartt e outros logo encontraram “saídas... pelas quais os veículos aliados podiam atravessar”. Às seis da tarde do dia 17 de agosto, uma “ponte Bailey” – que consiste de partes portáteis pré-fabricadas – montada sobre os pilares restantes da Ponte Santa Trinitá, permitiu que veículos militares aliados e florentinos chegassem à margem norte do Arno. A ponte temporária foi batizada de “Trinity Bridge” (Ponte Trindade).

Hartt e milhares de pessoas que haviam se tornado refugiadas em sua própria cidade testemunharam cenas aterradoras durante os dias iniciais da libertação.

Na cidade não havia água, não havia luz... os mosquitos vinham em nuvens das águas estagnadas do Arno, o calor era intenso e o ar sufocante com os odores de encanamentos de esgoto e de gás rompido, dos vasos que não se podia esvaziar [sanitários] e dos cadáveres ainda enterrados sob as ruínas ao longo do Arno. Franco-atiradores fascistas disparavam aleatoriamente contra civis de janelas por toda a cidade. Durante esse período, quase 400 pessoas, principalmente civis, foram mortas pelas baterias alemãs, que continuavam a bombardear a cidade esporadicamente de Fiesole.



Depois da guerra, Fred Hart criou este mapa da parte central de Florença, retratando as consequências das demolições dos alemães em 4 de agosto de 1944. As áreas em negro foram eliminadas, inclusive a Ponte Santa Trinitá (no alto à esquerda), e grandes áreas ao norte e ao sul da Ponte Vecchio (centro) [Eugene Marḱowski Collection]

Mesmo depois que as forças aliadas ganharam o controle do lado norte do Arno, a vida continuou miserável para os florentinos. As pessoas acessavam os lados norte e sul da cidade atravessando sobre os restos em ruínas de outras pontes destruídas. Poucos prédios tinham vidraças intactas. Extensões do que outrora fora um dos centros mais cultos do mundo haviam sido substituídas por pilhas de entulho de 9 a 12 metros de altura ao longo de trechos de ambos os lados do Arno. Mulheres reviravam o entulho em busca de joias. Homens, armados de pás e picaretas, despedaçavam os restos da cidade derrubada para abrir caminho para os trabalhadores e começar o processo de reconstrução.

Rostos esqueléticos revelavam as privações suportadas pelos florentinos. Mulheres descalças, de pé, ombro a ombro, preparavam refeições espartanas em fogões ao ar livre nos Jardins Boboli. Outras se ajoelhavam pelas margens do Arno, usando a água suja para esfregar roupas ainda mais sujas em pedaços de pedra criados pelas explosões. A despeito da imundície, milhares de pessoas buscavam alívio do calor e da poeira nadando na água turva de lama.

Ninguém cedia à vaidade. Jovens mulheres de cabelos escuros pareciam 30 anos mais velhas, com os cabelos, outrora bem penteados, duros, cobertos pela poeira acinzentada. Homens remendavam e voltavam a remendar as roupas em farrapos. Grupos de pessoas geralmente indicavam a localização de um dos pontos de fornecimento temporário de água limpa da cidade. Tais oásis eram bastante fáceis de achar; bastava seguir alguém carregando jarras de vinho cobertas de palha ou latas de gasolina em cada mão. As crianças de Florença se sentavam em círculos no chão, devorando parcias refeições. Foi um momento desesperador na rica história da cidade.

Da Florença liberada, a correspondente de guerra Martha Gellhorn – sra. Ernest Hemingway – enviou um relato de partir o coração.

O Jardim Botânico agora é um cemitério e um dos lugares mais assustadores de Florença. Os alemães haviam levado todos os coches fúnebres; os cemitérios de Florença ficam ao norte da cidade e estão em mãos dos alemães, e não há madeira para fazer caixões. Some a estes fatos básicos as mortes cotidianas de uma cidade de 300 mil habitantes e as mortes diárias resultantes de minas, morteiros, bombas e franco-atiradores, e você terá o sinistro problema de Florença. Os mortos haviam sido deixados desenterrados pelos alemães e nem sempre era possível resgatar os corpos. Um deles, por exemplo, ficou estendido durante dias nos tocos da Ponte Alle Grazie. Ninguém podia alcançá-lo, primeiro por causa de franco-atiradores e depois por causa das minas. De modo que trincheiras são cavadas no Jardim Botânico e os corpos sem caixão são colocados dentro delas.

Com o VIII Exército inglês agora a leste dos Apeninos e avançando para a Linha Gótica, Florença e a região da Toscana ficaram sob a jurisdição do V Exército dos Estados Unidos. O tamanho da Toscana e o grande número de seus tesouros culturais obrigaram a MFAA a temporariamente dividir as responsabilidades entre Deane Keller

(estacionado nas províncias ocidentais de Pisa, Livorno e Grosseto) e Fred Hartt (que assumiu a responsabilidade principal pelas três províncias orientais, Florença, Siena e Arezzo). Hartt comentou com Keller que este arranjo os impediria de “constantemente atrapalharem um ao outro”.

Oficiais da Monuments tinham ordens permanentes de efetuar reparos temporários, mas a paisagem lunar de Florença tornava impossível cumprir essa diretriz. Com as pontes destruídas e muitas ruas intransitáveis, grande parte do trabalho inicial tinha que ser feita à mão. Havia poucos trabalhadores e ainda menos materiais. Quando engenheiros do exército afinal chegavam, mostravam pouca discriminação no que punham abaixo. Hartt lutava para explicar-lhes a robusta dinâmica estrutural de uma torre medieval, apenas para ver equipes de demolição ignorarem a aula oferecida pelo segundo-tenente historiador da arte.

Estes confrontos chegaram a um ponto culminante quando Hartt começou a trabalhar para recuperar a rica biblioteca da Sociedade Colombária, enterrada sob o entulho de torres e prédios. Hartt acreditava que os manuscritos e documentos da biblioteca, que datavam do princípio da Idade Média, poderiam ser localizados e salvos. Mas suas boas intenções entraram em choque com os “bulldozeres devoradores e seus operadores, cujas ordens eram para remover o entulho tão rapidamente quanto fosse possível e, se necessário, empurrá-lo para dentro do Arno. A cidade e seus cidadãos precisavam urgentemente de água, e a principal adutora de água passava debaixo do que outrora havia sido a Sociedade Colombária.

Da perspectiva de Hartt, trabalhar com os Reais Engenheiros Britânicos era um jogo de gato e rato. “[Eu] fazia entre três e cinco viagens a cada dia, perdendo cerca de uma hora em cada viagem, até o sítio das escavações e, a cada vez, quaisquer que fossem as autoridades britânicas no local concordavam em parar o bulldozer antes de chegar ao rio, de modo a permitir o exame do monte de entulho. A cada vez que [eu] deixava o local, contudo, o entulho era empurrado diretamente para dentro do rio sem ser examinado.” Os Reais Engenheiros pensavam de maneira totalmente diferente: “A escavação e remoção mecânica do entulho em caminhões foi tentada e considerada demasiado lenta.” Na opinião deles, o principal problema não era a situação no terreno e sim o “representante do A.M.G.”, Fred Hartt.

O tenente-coronel britânico chegou a declarar: “Depois de muitas reclamações do representante do A.M.G. houve investigação, mas nenhuma delas demonstrou ser justificada. A área da biblioteca então foi contornada e descobriu-se ser possível desobstruir a adutora. (...) Isso foi feito. Nesse trabalho, recebi o oposto de cooperação por parte do tenente Hartt... mas uma boa ajuda de alguns italianos.” A despeito das dificuldades de procedimento, contudo, os esforços combinados trouxeram água para os florentinos e descobriu-se “um número surpreendente” dos mais importantes arquivos da biblioteca – seus manuscritos e *incunabula*.^[27] A maioria dos acervos modernos, contudo, nunca emergiu do entulho.

Com o passar do tempo, os engenheiros e os oficiais da Monuments superaram os

erros iniciais e fizeram progressos reais. Surgiu, então, um novo problema. Cada prédio – igreja e museu danificado no centro da cidade – precisava de telhas. Poggi propôs uma solução criativa: usar as telhas de terracota do Forte di Belvedere, da era Médici, cuja integridade arquitetônica há muito já havia sido comprometida. A despeito do tamanho do forte, contudo, a quantidade de telhas demonstrou ser tristemente insuficiente para as necessidades da cidade. No final de setembro, começou a chover, dia após dia – por 35 dias consecutivos. Hartt lamentava que qualquer um andando pelas Galerias Uffizi teria que “vadear com água até os tornozelos, durante as chuvas do outono”.

Um dos mistérios que circulavam em Florença depois da liberação era o paradeiro do americano Bernard Berenson, amplamente considerado o maior estudioso e especialista de arte do mundo e *connoisseur* de pinturas italianas do princípio da Renascença. “B.B.”, como seus amigos o chamavam, tinha vivido em sua casa em Florença, Villa I Tatti, desde 1900. Com a assinatura do armistício, em setembro de 1943, e a subsequente ocupação da Itália pelas tropas alemãs, Berenson tinha sido instado por seus muitos amigos a buscar segurança e deixar o país. Embora inicialmente recusasse, o pesquisador judeu desapareceu pouco depois.

Muitos oficiais da Monuments conheciam Berenson, alguns bastante bem. O Monuments Man, capitão Cecil Pinsent, tinha sido o arquiteto e paisagista que “de 1907 a 1951... era o arquiteto preferido da comunidade expatriada em Florença”, inclusive Berenson. Um escritor mais tarde descreveu sua criação em I Tatti como “uma propriedade principesca – a *villa* coroando graciosos terraços ecoa o esplendor da Villa d’Este – que respondia perfeitamente ao temperamento imperioso de Bernard Berenson”.

No princípio de 1942, os agentes de Hermann Göring tinham feito perguntas ao professor Friedrich Kriegbaum e ao cônsul Gerhard Wolf sobre as pinturas de Berenson, mas mais tarde – e incorretamente – as descartaram como indignas de figurar na ilustre coleção do Reichsmarschall. Não convencida de que os agentes de Göring ficariam a distância, e agindo de acordo com os conselhos de Kriegbaum e Giovanni Poggi, a Marchesa Serlupi e sua equipe fizeram o inventário das pinturas e esculturas de Berenson e, mesmo correndo algum risco pessoal, as esconderam. As peças mais valiosas foram levadas para a casa de Serlupi; as obras menores haviam sido muradas em um apartamento perto da Ponte Santa Trinitá e da Ponte Vecchio, pertencente à irmã da secretária de Berenson, Elisabeta “Nicky” Mariano. Quando a Gestapo mais tarde tentou localizar Berenson, o cônsul Wolf mentiu e passou a espalhar o boato de que o grande estudioso “tinha ido para Portugal, via Vaticano”. Os guardiões de Florença haviam protegido um dos seus.

Hartt conheceu Berenson antes da guerra enquanto pesquisava em Florença. Aspirante a estudioso e pesquisador de arte, ele havia admirado o estilo de vida grandioso de Berenson. Hartt considerava a vida estética em Florença, em meio a uma magnífica coleção de arte e a uma extraordinária biblioteca de pesquisa, o pináculo da realização. E além disso, algum dia, quando a guerra acabasse, Hartt, como milhões de

outros homens alistados, voltaria para casa e teria que encontrar um emprego. Alguém da estatura de Berenson poderia ser muito útil.

Em um dia de meados de agosto, Hartt e o oficial da Monuments, capitão Sheldon Pannoyer, tiveram um encontro casual com o professor Giovanni Colacicchi, diretor da Accademia delle Belle Arti e amigo íntimo de Berenson. Colacicchi queria saber se seria possível trocar dois nazistas “ainda vivendo na casa dele” pelo retorno de Berenson, que estava em segurança, mas escondido, morando na casa de Serlupi. Serlupi e sua esposa não só tinham fornecido abrigo e documentos de identidade falsos a Berenson e Nicky Mariano, mas também salvado a maior parte da coleção de Berenson. Mas a área ao redor da casa do casal Serlupi – Villa delle Fontanelle, nas vizinhanças de Careggi, a cerca de 5 quilômetros ao norte de Florença – ainda estava atrás das linhas alemãs; uma visita ou inspeção teria que esperar.

Em 1º de setembro, o primeiro soldado aliado a sair em busca de Berenson foi o capitão Alessandro Cagiati, um oficial de Inteligência ítalo-americano da OSS (Agência de Serviços Estratégicos, precursora da Agência Central de Inteligência) e amigo íntimo dos Serlupi. Hartt chegou no dia seguinte e observou com alívio que a “Villa [delle Fontanelle] estava perfurada com pelo menos 30 buracos de bala de pequeno calibre... Berenson foi encontrado em estado enfraquecido e um tanto abalado, mas em segurança e bem”. Nicky Mariano descreveu como Berenson tinha estado perto de se tornar uma baixa de guerra. No dia de Ferragosto, 15 de agosto, durante a modesta comemoração que haviam feito da Festa da Assunção, “um projétil explodiu perto do recinto do convento, e uma lasca de bom tamanho atravessou a janela da sala de jantar e passou entre a cabeça de B.B. e a de nossa anfitriã, chocando-se contra a parede atrás deles”.

Mais tarde naquele mês, os outros oficiais da Monuments, inclusive Deane Keller, visitaram Berenson em sua casa. Hartt buscava refúgio ali toda semana que passava em Florença. Pennyover foi quem melhor descreveu a situação: “Depois do mundo desconhecido de gente com quem se é obrigado a conviver no exército, para não falar na pressão desgastante do mundo circundante que acompanha isso, dia após dia, o alívio de entrar na casa de um americano completamente civilizada e mobiliada com bom gosto era como tomar uma bebida gelada depois de uma sede aparentemente insaciável.”

À medida que soldados alemães recolhiam mais e mais obras de arte de repositórios toscanos, os oficiais começaram a procurar novos repositórios onde elas pudessem ser escondidas. O local inicial aprovado pelo general Wolff e pelo *gauleiter* Franz Hofer demonstrou ser inadequado. Como o major Leopold Reidemeister, outro dos historiadores de arte ser vindo no Kunstschutz, explicou a Hofer durante sua reunião de 8 de agosto, a umidade do prédio não era nem de longe tão preocupante quanto a munição armazenada ali dentro. Percebendo uma oportunidade, o *gauleiter* sugeriu levar as obras para fora da Itália, para Innsbruck, na Áustria, ou para a região da Bavária

alemã. Preparado para um jogo de xadrez diplomático, Reidemeister recordou a Hofer que o general Wölff teria que ser consultado para qualquer medida semelhante. Os dois homens concordaram que uma nova localização na região do Alto Ádige teria que ser encontrada. Hofer instruiu Reidemeister para contatar o dr. Josef Ringler, superintendente de Monumentos e Galerias de Trento (e, portanto, também responsável por Alto Ádige), que ajudaria na busca.

Passados vários dias, o major Reidemeister e o dr. Ringler identificaram duas instalações ideais em vilarejos remotos perto do Passo de Brennero, a principal ligação alpina entre a Itália e a Áustria. A primeira entrega de peças chegou sem dificuldades no dia 11 de agosto; outras continuaram a chegar ao longo das semanas seguintes. Mas no dia 29 de agosto, cinco caminhões, cada um cheio de obras-primas recentemente surrupiadas, ficaram sem gasolina na cidade de Bolzano, capital de Alto Ádige. O comboio também incluía a ambulância transportando os dois Cranachs pertencentes à Galeria Uffizi. A falta de combustível demonstrou ser tão severa que o OKW temporariamente retirou divisões da Wehrmacht do front por temor de que pudessem ficar imobilizadas.

Neste ínterim, o dr. Ringler concordou em guardar os Cranachs em seu escritório, em Bolzano. Mesmo isto trouxe suas complicações. O soar de sirenes nos dias 31 de agosto e 1º de setembro obrigou-o a carregar nas mãos as duas pinturas em tamanho natural de *Adão e Eva* para o abrigo antiaéreo em três ocasiões distintas. Então, veio a espantosa sugestão de que Ringler embarcasse as pinturas em camionetes de transporte de mobília, puxando-as com cavalos ou bois, para levá-las aos dois repositórios. Felizmente, Ringler logo recebeu uma chamada de Hofer, que soubera pelo quartel-general de Wölff que “700 litros de combustível podiam ser obtidos da reserva de acesso proibido da polícia”.

Em 6 de setembro, finalmente, os Cranachs chegaram a um dos repositórios recentemente selecionados. No dia seguinte, o assistente do coronel Langsdorff, capitão Zobel, passou por Bolzano para uma visita ao dr. Ringler. Zobel acompanhava dois caminhões que transportavam os Arquivos Teatrais Gordon Craig – propriedade do artista, diretor e designer teatral inglês, que o Führer supostamente teria comprado. Depois de descobrir que Ringler já havia partido, Zobel retomou sua viagem para o norte – atravessando o Passo de Brennero para a Áustria, rumo às minas de sal de Altaussee, a menos de 400 quilômetros de distância, e passando pelos dois novos repositórios de tesouros florentinos.

Com os Cranachs desaparecidos e as pinturas de Montagnana em mente, Fred Hartt e os oficiais de Monuments ponderaram sobre o significado da mensagem de rádio suspeita que haviam recebido no final de agosto sobre a *villa* em Poggio a Caiano. Os alemães pareciam estar pedindo aos aliados para não bombardear a área por causa dos tesouros

de arte armazenados na *villa*. Mas Hartt se mantinha cético de que aquilo fosse um ato de benevolência. Agora que a linha de combate havia se deslocado, Hartt e seu motorista, Franco Ruggenini, partiram de Florença em 5 de setembro para investigar. Embora a área ao redor da *villa* tivesse sido liberada, o percurso oferecia outras dificuldades. Uma ponte vital havia sido destruída, obrigando Hartt e Ruggenini a vadearem um canal. Quando chegaram ao outro lado, para sua grande surpresa, viram-se “recebidos como libertadores por um vilarejo que nunca antes vira um oficial aliado”.

Na *villa*, o guarda informou a Hartt que soldados alemães haviam levado embora 88 caixotes de esculturas. Como Hartt assinalou em vários de seus relatórios, “a retirada daquelas obras de arte corresponde estreitamente com as datas dos apelos de rádio alemães feitos de Berlim, pedindo aos aliados que não bombardeassem Poggio a Caiano”. Os alemães haviam usado as transmissões de rádio como disfarce para poderem esvaziar a *villa*. Por insistência do guarda, o representante do Kunstschutz, major Reidemeister, havia assinado um recibo manuscrito pelo que tinha sido levado. Ele também admitia que as obras estavam sendo protegidas por ordem do Generalfeldmarschall Kesselring em resposta à carta do cardeal Dalla Costa, que havia colocado a *villa* e seu conteúdo sob a proteção da Santa Sé.

Faltavam algumas das peças mais importantes de escultura renascentista existentes no mundo. A descoberta de que tropas alemãs haviam levado obras de Michelangelo e Donatello pertencentes ao Museu Bargello, de Florença, deixou Hartt em desespero. “*São Jorge*, de Donatello! Que outra perda Florença poderia ter sentido mais profundamente? O herói ideal, o santo guerreiro, representava para os florentinos a própria encarnação do vigor marcial de sua república perdida.” Embora encaixotadas, as obras frágeis haviam sido embarcadas em caminhão e despachadas para destino desconhecido por algumas das piores estradas que Hartt jamais tivera a infelicidade de percorrer.

Transtornado pela raiva, Hartt imediatamente contactou DeWald:

Caro Ernest:

Isso foi o que eles roubaram. Guardo comigo o documento original manuscrito que o guarda preparou. Ia escrever alguma coisa para os jornais, mas não tenho tempo. Revire seus arquivos em Poggio [a Caiano] & você reparará que eles começaram a roubar o material dois dias antes de nos fazerem a transmissão, pedindo para não bombardearmos. Deus sabe onde estará agora. Se eu fosse você, chamaria os correspondentes & e faria disso grandes manchetes de jornal. Talvez isso possa impedir que outras peças sejam roubadas.

No dia 7 de setembro, e de novo no dia 18, Hartt tentou chegar ao Palazzo Pretorio, em Poppi, que abrigava obras-primas adicionais do Uffizi e do Pitti; ambos os esforços falharam. Apesar de todo o seu entusiasmo, Hartt sabia que quando encontrava uma placa na estrada dizendo AQUI FICA O FRONT tinha que dar meia-volta, ir embora e tentar outro dia. Depois que o front se deslocou para o norte, Hartt fez uma

terceira tentativa de chegar a Poppi; desta vez foi bem-sucedido. No dia 27 de setembro, fez uma inspeção adicional. Ao contrário de outras remoções pelas tropas alemãs, aquela tinha acontecido de arma em punho ao longo de quase cinco dias.

No dia 18 de agosto, chegou um oficial alemão a pretexto de fazer uma busca à procura de armas e munições escondidas. Quatro dias depois, três oficiais alemães ofereceram a desculpa esfarrapada de que “a aldeia era um ninho de espiões e rebeldes”. Depois de inspecionarem à força todos os aposentos do *palazzo* e derrubarem portas quando as chaves não eram apresentadas com rapidez suficiente, estes oficiais, de revólveres em punho, obrigaram a polícia municipal a carregar um caixote de pinturas para o caminhão que tinham à espera. Os alemães atiraram para o ar para assustar os moradores do vilarejo e foram embora. Apenas uma hora se havia passado antes que os alemães voltassem, informando aos moradores que estavam prontos a detonar as minas colocadas sob o portão da cidade. Todo mundo recebeu ordens para ficar nos porões, onde estariam em segurança. É claro, isso também manteve possíveis testemunhas trancadas em casa durante a remoção de pinturas adicionais do *palazzo*.

Na manhã seguinte, dois segundos-tenentes alemães chegaram para informar que o trabalho da noite anterior fora “oficial, ordenado pelo alto-comando e executado apenas para salvar as obras de arte dos danos da guerra, especialmente de roubo pelas tropas anglo-americanas, que as autoridades alemãs sentiam muito que não tivessem podido remover todas as peças, e que as restantes teriam que ser protegidas pela população”. Fíeis à palavra dada, às duas horas da manhã, os alemães detonaram as minas, destruindo o portão medieval da cidade, algumas das casas circundantes e a única estrada que permitia acesso ao vilarejo de Poppi.

As forças alemãs não haviam limitado suas remoções às coleções públicas florentinas; coleções particulares também tinham sido levadas para o norte durante o verão. Na Villa Landau-Finaly, propriedade do herdeiro de um ex-diretor e representante do banco da família judia Rothschild, em Turim, uma divisão de paraquedistas alemães ignorou os três cartazes distintos de ENTRADA PROIBIDA, colocados por Kesselring, pela Santa Sé e pelo cônsul Wolf. Eles esvaziaram os porões da vizinha Villa La Pietra, onde a maioria da coleção Finaly havia sido escondida, juntamente com a de seus proprietários, a proeminente família Acton. O negociante de arte e colecionador florentino Conte Contini Bonacossi, que havia vendido pinturas a Göring, escondera sua coleção numa *villa* em Podere di Trefiano. Depois que o Regimento Alemão 1.060 começou a usar a *villa* como seu quartel-general, funcionários do Kunstschutz ordenaram a seu comandante que evacuasse as obras de arte. A 16ª Divisão Panzer SS também removeu a coleção do duque Bourbon-Parma de seu castelo.

No princípio de outubro, trabalhando a partir da Superintendência de Florença, Hartt finalmente completou suas inspeções de todos, exceto um, dos 38 repositórios

toscanos. De acordo com seu relatório de 8 de outubro, soldados alemães haviam removido obras de arte por ordens específicas de altos líderes nazistas. A maioria das remoções havia envolvido subterfúgios ou ameaças, e pelo menos uma ocorrera com armas empunhadas. Na opinião de Hartt, “somente a conduta destemida do superintendente Poggi havia impedido a partida de um número ainda maior de tesouros”. “Em três ocasiões isoladas, Poggi foi visitado em seu escritório por oficiais da SS com ordens escritas, autorizadas por Himmler, de levar embora todas as obras de arte em Florença e seus arredores. Esses oficiais haviam tentado cumprir a exigência com suprema grosseria e ameaças, que surtiram pouco efeito sobre o superintendente de 64 anos.” Hartt não tinha meios para saber que Himmler apenas dera sua aprovação à decisão tomada pelo general Wolff.

Mais uma vez, o historiador de arte em Hartt veio à tona em seu relatório oficial:

As pinturas levadas eram de tamanha importância que é difícil saber quais escolher como as perdas principais. Basta mencionar o Retrato de um Velho de Rembrandt; o Autorretrato, de Ingres; A Madona e o Menino, de Botticelli; Madona e Menino, de Filippo Lippi, o Autorretrato, de Raphael; Calvário, de Dürer; Cabeça de Medusa, de Caravaggio; Donna Velata, de Raphael; Sagrada Família, de Rubens; Concerto, de Ticiano; e Retrato de Felipe IV, de Velasquez. Além disso, deve ser enfatizado que um número muito grande de pinturas desaparecidas são de artistas alemães, flamengos e holandeses.

A lista do que havia sido levado indicava claramente uma preferência por artistas do norte. As duas pinturas de Cranach, *Adão e Eva*, encontrariam companheiras à altura. Notavelmente, obras-primas como a inacabada *Adoração dos Magos*, de Leonardo da Vinci, a versão completa de Andrea Mantegna sobre o mesmo tema, *Nascimento de Vênus*, de Botticelli, e o painel de Michelangelo, conhecido como a *Doni Madonna* – uma das únicas quatro pinturas conhecidas do grande mestre e, com certeza, a mais importante –, tinham sido deixadas para trás.

Enquanto somava o número de objetos desaparecidos dos repositórios de Florença, Hartt se sentiu oprimido. “Um total de 529 pinturas, 162 esculturas e artes menores, seis grandes desenhos em papelão e 38 peças têxteis medievais e renascentistas haviam sido levados das coleções públicas de Florença, ao todo 733 objetos.”^[28] Ele concluía que Florença “havia sofrido um assalto... de uma escala que tornava pequenas as depredações de Napoleão”.

27. *Incunabula* são livros e outros documentos impressos na Europa antes de 1501.

28. Os cálculos de Hartt não incluíram objetos roubados de coleções particulares.

CAPÍTULO 19

Ressurreição

SETEMBRO-NOVEMBRO DE 1944

Deixando de lado o desaparecimento de suas obras de arte de valor inestimável, Florença tinha sido muito mais afortunada que Pisa. A capital toscana havia perdido um grande número de estruturas medievais, mas Florença e seus cidadãos estavam vivos. Em contraste, a cidade de Pisa – ou o que restava dela – estava terrível e silenciosa. A guerra havia esvaziado suas ruas e *piazas*. Embora Deane Keller se concentrasse em salvar o Camposanto de Pisa, sua preocupação maior era restaurar a vida da própria cidade.

As tropas do V Exército dos Estados Unidos lutaram contra os alemães por seis semanas antes de liberarem a cidade, em 2 de setembro. Os bombardeiros aliados tinham feito bem o seu trabalho; a devastação havia tornado a cidade, de modo geral, inabitável. Mesmo assim, artilharia alemã de grande alcance massacrara Pisa por mais três semanas. Como Keller observou em seu relatório, pouco restava que não estivesse danificado: “Trinta e oito de suas monumentais igrejas exibiam grandes danos de guerra; oito de seus prédios seculares de importância colossal haviam sofrido graves danos; numerosas casas datando dos tempos do Renascimento, haviam sido afetadas... isso se somava à perda de suas pontes, da estação ferroviária e de outras áreas de utilidade pública.”

Keller compreendia que salvar o Camposanto apresentava ao exército uma considerável dificuldade. Os danos sofridos pelos afrescos eram enormes. John Bryan Ward-Perkins observou: “O afresco inteiro era pintado contra uma armação de vime que parcialmente se incendiou, parcialmente se soltou da parede e só ação imediata o salvará do desastre.” Os aliados não dispunham de recursos para um projeto tão exaustivo e demorado, mas ignorar o problema só provocaria críticas da imprensa e antipatia dos italianos. Qualquer chuva forte apagaria o que restava de séculos de história. Alguma coisa precisava ser feita.

Do ponto de vista de Keller, se a Seção de Monumentos, Belas-Artes e Arquivos (MFAA) se via para alguma coisa tinha que ser para aquilo. No dia 3 de setembro, ele ligou para o oficial sênior de Civil Affairs, major Hamilton T. Walker, e explicou os riscos – e a oportunidade – de partir para a ação imediata. O general de brigada Edgar Hume chegou na manhã seguinte. Depois de uma segunda visita ao Camposanto com Keller (que serviu como tradutor) e o arcebispo de Pisa, Hume contactou o comandante do V Exército, tenente-general Mark Clark, e o informou da situação. Clark havia aprendido o custo de publicidade negativa depois da destruição da abadia de Monte Cassino. A atenção do comandante fez uma grande diferença; nove dias depois da chamada inicial de Keller, um grupo de engenheiros do exército, 84 militares italianos e

especialistas em afrescos de Florença e Roma estavam em Pisa, trabalhando no Camposanto.

As coisas começaram mal. No dia 10 de setembro, Keller escreveu a Kathy: “A caminho de casa, atropelamos um cachorro... Paramos o carro e fomos ver. Em um minuto, 40 pessoas tinham se reunido ao redor. Quando eu ia embora, o dono veio até junto de mim e disse: ‘Americanos bons. Alemães não param, matam cachorro.’”

Assim que chegou a Pisa, Keller teve que providenciar alojamentos para todos os trabalhadores que chegariam e fornecer refeições para cerca de 100 pessoas a mais. Seguiu-se então um surto de doenças. Inicialmente, temeu-se envenenamento por chumbo. Os trabalhadores estavam retirando os filetes de chumbo de tumbas e afrescos. Como Keller observou: “A poeira era terrível.” Se aquela atividade lhes estivesse fazendo mal, a operação se tornaria ainda mais complicada. Um exame mais cuidadoso, contudo, descobriu uma causa mais benigna: intoxicação alimentar.

O superintendente de Monumentos e Galerias de Pisa, figura-chave na limpeza, tinha sido acusado de ser fascista, “um homem com passado político muito duvidoso”, e removido de seu posto. Keller acreditava que seu envolvimento era essencial, de modo que arranjou para tê-lo temporariamente reconduzido ao cargo, em benefício do projeto. Os projéteis alemães continuavam a cair; um matou uma mulher em um prédio próximo. O acampamento logo foi transferido de lugar. Precisando de madeira adicional para estruturas e vigas, Keller conduziu uma sub-república “requisição à meia-noite” a bordo de um navio no porto próximo a Livorno.

A despeito dessas dificuldades, Keller, os engenheiros e os trabalhadores tiveram um desempenho heroico. Depois de 34 dias de trabalho, um encerrado com cobertura de papel betuminado, de 3,5 metros de largura, destinado a proteger da chuva os afrescos ainda existentes, estava afixado às paredes do Camposanto em ângulo inclinado para baixo, sustentado por vigas de madeira no espaço interior. Keller orgulhosamente observou que “o Camposanto de Pisa agora é um dos maiores laboratórios da Itália para o estudo de afrescos”. Cada migalha de argamassa pintada havia sido recolhida – a maioria à mão, mas algumas mais rapidamente com pás – e removida do sítio, presa para o dia em que o trabalho tedioso de remontar as peças pudesse começar. Numa carta de 12 de outubro, Keller escreveu: “O trabalho está feito, funciona perfeitamente. Os afrescos estavam tão secos quanto uma tábua do século XV no último temporal.” Com sensação de alívio, Keller escreveu para Kathy, contando: “É o maior trabalho deste tipo que eu já tive e tem sido interessante em tudo, embora cheio de problemas imprevistos. Eu me pergunto se esta história inteira algum dia será revelada para que as pessoas tenham conhecimento e se deem conta – mas eu duvido.”

Keller tinha outras responsabilidades em Pisa além do Camposanto. A Torre Inclinada, nas vizinhanças, fora fechada devido ao acúmulo de água que alguns acreditavam que pudesse ameaçar suas fundações. A água demonstrou ser um aborrecimento mais pelo odor fétido do que por qualquer problema estrutural. Depois de providenciar para que ela fosse bombeada para fora e redirecionar o tráfego,

afastando-o do prédio, a Torre de Pisa pôde ser reaberta para o público. O local tornou-se uma atração imediata para os soldados.

Plenamente consciente da reputação de Pisa como um centro de aprendizado, Keller fez bom uso de seu conhecimento da vida acadêmica para rapidamente reabrir também a universidade. “Sem a universidade, a cidade não tem futuro econômico muito menos importância como centro intelectual. Todas as suas fábricas e indústrias estão destruídas.” Foram necessários meses para localizar o corpo docente, remover as minas que os alemães haviam espalhado por todos os prédios do campus e devolver à sua biblioteca os livros que haviam sido armazenados fora por medida de segurança. No dia 25 de novembro, o general Hume voltou a Pisa e presidiu uma cerimônia para celebrar a reabertura e a matrícula de cerca de 600 alunos. A instituição chave da cidade estava operacional. A cidade morta que Keller havia encontrado ao chegar começou a ressuscitar.

Depois de transferir as responsabilidades correntes de Pisa para Fred Hartt, Keller retomou a inspeção de outras cidades mais ao norte. Até aquele ponto, ele tinha estado tão adiantado com relação aos outros Monuments Men que sua interação com eles fora muito limitada. Mas a divisão das províncias da Toscana com Hartt, transições tanto em Florença quanto em Pisa da fase de emergência para a de recuperação de longo prazo, e a parada de operações ofensivas mudaram esta situação. Hartt agora trabalhava diretamente com Keller. A distância física entre eles diminuiu para nada. De maneira nada surpreendente seguiu-se um atrito, inicialmente em resultado de dois comentários bem-intencionados, mas demasiado zelosos por parte de Hartt.

Print the complete address in plain letters in the space below, and your return address in the space provided on the right. Use typewriter, dark ink, or dark pencil. Avoid all small writing or use only for photographs.

Deane Keller

TO DEANE KELLER
28 WALKLEY RD.
W. HARTFORD
CONN.

FROM
Capt Deane Keller
Co. G. 3675 REGT. A. C. C.
A.P.O. 878 4th F. B. NEW YORK
13 Dec. 1944

STANDARD 1000

SEE INSTRUCTIONS NO. 1

Sender's complete address above



Deane - see Daddie heading up the leaning tower! Isn't that FUNNY?
Hug Moshmie - Love from your DADDY!

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE ADDRESS AT TOP?

V-MAIL

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE ADDRESS AT TOP?

Com a reabertura da Torre Inclinada e outras atrações na Piazza dei Miracoli, em Pisa, soldados aliados tiveram a chance de visitar esses locais famosos. [Deane Keller Papers, Manuscripts & Archives, Yale University]

O primeiro, incluído em seu relatório mensal para o oficial sênior de Civil Affairs, a quem tanto Keller quanto Hartt se reportavam, insinuava que certas cidades, não inspecionadas no território de Keller, haviam sido negligenciadas. O outro comentário

surgiu em uma carta de Hartt para Keller, dizendo-lhe que o telhado temporário que Keller havia projetado no Camposanto devia ser ampliado em várias áreas: “Isso realmente é necessário, uma vez que os afrescos, embora não tão conhecidos quanto os de Traini e Gozzoli, são de grande importância. (...) Pessoalmente, considero isso urgente, muito mais do que as outras coisas que estamos fazendo agora.”

Keller achou a mensagem de Hartt condescendente. Como podia ele dizer que cidades tinham deixado de ser inspecionadas e ao mesmo tempo sugerir que mais trabalho no Camposanto era uma prioridade? Em 18 de outubro, sua frustração transbordou numa carta para sua esposa: “[Hartt] me entedia até a morte – se calho de descer uma rua com ele, me faz sermões o tempo todo. (...) Francamente, eu não tenho o mesmo interesse que os historiadores.” Keller imaginava que Hartt, 12 anos mais moço que ele, por vezes tinha “o hábito do jovem intelectual de subestimar a experiência e super valorizar o conhecimento”. Apesar disso, ele nunca permitiu que seus sentimentos pessoais afetassem sua avaliação do desempenho de Hartt. Um dia depois, ele escreveu uma carta para DeWald falando-lhe sobre o trabalho notável que Hartt havia feito em Florença, especialmente lidando com uma situação complexa. Contudo, a irritação com seus comentários persistiu.

À medida que a recuperação de Florença progredia durante o outono, Hartt dedicou mais tempo a caçar os tesouros desaparecidos da cidade. Dois meses haviam se passado desde que ele e Poggi se reuniram com o cardeal Dalla Costa para pedir a assistência do Vaticano para encontrar as obras retiradas dos repositórios. Hartt estivera consumido pelo trabalho em Florença e nas províncias vizinhas, mas, depois de ouvir de Poggi que o arcebispo finalmente tinha recebido uma resposta de Roma, ele imediatamente direcionou todo o foco para a investigação.

De acordo com Poggi, a carta do secretário de estado do Vaticano, Montini, afirmava: “As obras de arte estavam armazenadas em [Alto] Ádige, em um lugar chamado ‘Neumelans in Sand’.” Hartt ficou confuso e Poggi também. “Não consegui encontrar um lugar com aquele nome em nenhum guia italiano, e Poggi também não sabia onde poderia ficar.” De qualquer forma, não havia muito o que Hartt ou os *Monuments Men* pudessem fazer a respeito daquilo. Os exércitos aliados estavam se posicionando para o inverno, a centenas de quilômetros do norte da Itália, onde as obras mais provavelmente estavam localizadas – se é que já não tinham sido levadas para o outro lado da fronteira, para a Áustria ou a Alemanha. Para grande frustração de Hartt, a caçada teria que esperar até a primavera, quando as operações ofensivas recomeçassem.

CAPÍTULO 20

Feliz Natal

FINAL DE NOVEMBRO–NATAL DE 1944

O Vaticano que recebeu o capitão da OSS Alessandro Cagiati e seus companheiros de viagem, Marchese Serlupi Crescenzi e um padre chamado Guido Anelli, estava pulsante de atividade. O Natal seria comemorado numa Roma liberada, livre do governo fascista e da presença de tropas alemãs. Muitas reuniões estavam sendo realizadas; comitês estavam sendo organizados. Obras de construção e limpeza avançavam com intensidade maníaca. Por trás de portas fechadas, planos políticos estavam em fase de preparação.

Cagiati e Anelli estavam na cidade para um encontro com monsenhor Montini, conselheiro dileto do papa Pio XII. O Vaticano esperava que uma vitória aliada trouxesse um fim rápido para a guerra. A Santa Sé tinha um grande interesse em quem governaria a Itália do pós-guerra e sob que forma de governo. Muitos dentro do Vaticano, especialmente Montini, tinham graves preocupações sobre a ameaça de uma Itália comunista no pós-guerra.

Depois de um mês da liberação de Roma, o general William “Wild Bill” Donovan, diretor e fundador da OSS, fiel confidente do presidente Roosevelt e católico devoto, se encontrou com o papa em busca de sua assistência em três áreas de interesse vital para os Estados Unidos: expulsar o exército alemão do norte da Itália, impedir os comunistas de conquistarem o poder no futuro governo e coletar e transmitir informações sobre o desenvolvimento da guerra em Berlim e em Tóquio.

Donovan encontrou uma alma gêmea em Montini, cujas opiniões políticas progressistas, especialmente seu desdém pelo comunismo, espelhavam a política oficial dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. No julgamento de Vincent Scamporino, um agente de importância crucial da OSS na Itália, Montini era “um homem merecedor de confiança... filho de um membro do parlamento do Partido Popular, atualmente conhecido como democrata cristão, que sempre tinha sido antifascista e anticomunista. Ele deve ser nosso favorito”.

Com dois metros de altura, cabelo castanho, olhos azuis e pele clara, Cagiati não parecia muito diferente de milhares de outros homens andando pela Cidade Eterna. Nascido em Roma, onde seu pai era diretor da Pontifícia Biblioteca no Vaticano, Cagiati havia emigrado para os Estados Unidos em 1934, depois de grandes dificuldades devido ao índice recorde de desemprego causado pela Grande Depressão. Seu advogado de imigração italiano, Marchese Filippo Serlupe Crescenzi, um dos guardiões de Florença – “Pippo”, como Cagiati o chamava –, se afeiçoara ao rapaz. Mesmo depois que Cagiati deixou a Itália, os dois homens trocaram muitas cartas.

Donovan também gostava de Cagiati. Em dezembro de 1942, ele escreveu ao secretário assistente de guerra, John McCloy:

Gostaríamos muitíssimo de contar com os serviços do tenente Alessandro Cagiati no que diz respeito a uma missão secreta no norte da África. (...) O tenente Cagiati é de origem italiana, passou metade de sua vida na Itália e estudou na Itália e na Inglaterra. (...) Se ele pudesse ser designado para a Agência de Serviços Estratégicos (OSS), gostaríamos de tê-lo na África por duas semanas para receber treinamento especial, e depois pediríamos que tivesse ordens para se apresentar ao nosso representante no teatro de guerra do general Eisenhower.

Durante seu breve tempo de serviço em Alger no princípio do verão de 1943, a primeira missão de Cagiati envolveu o treinamento de outros agentes da OSS. Seu conhecimento de italiano havia lhe rendido uma posição a serviço do general Clark, no V Exército dos Estados Unidos. Ele desembarcou em Salerno, no Dia D, como integrante dos Rangers sob o comando do coronel William O. Darby. Três semanas mais tarde, Cagiati foi o primeiro americano a entrar em Nápoles.

Usando um passe da Seção de Contra-inteligência – Passe Especial Nº 2 – que lhe dava o direito de viajar livremente em território controlado pelos aliados, Cagiati continuou a recrutar novos agentes para a OSS entre aqueles que haviam cruzado as linhas alemãs. Cagiati seguiu para Florença com o VIII Exército Britânico, servindo de oficial de ligação entre combatentes da Resistência italiana, no lado norte do Arno, e as forças aliadas no sul. No dia 1º de setembro, ele subiu pela encosta da colina Carreggi até a Villa delle Fontanelle e ficou aliviado ao ver que Serlupi, sua mulher, Gilberta, Bernard Berenson e sua secretária estavam todos vivos e bem de saúde.

A reunião entre Cagiati, Anelli e Montini teve lugar no sábado, 25 de novembro. Don Guido Anelli era o padre da paróquia de Óstia Parmense, um pequeno vilarejo próximo da cidade nortista de Parma. Mas o rebanho de Anelli consistia de mais que apenas paroquianos; ele era também o fundador e líder ativo – nome de guerra: Don Tito – de uma brigada de combatentes da Resistência, conhecida como Seconda Julia. Parma era território controlado pelos alemães; Anelli, de 32 anos, havia atravessado secretamente as linhas inimigas para alcançar Florença, onde se encontrou com Cagiati, que então o acompanhou a Roma para a reunião com Montini. A missão de Anelli era “informar o Vaticano das atividades da igreja no movimento clandestino no norte da Itália” e, mais importante, obter dinheiro e suprimentos para os resistentes locais antes que o inverno chegasse.

No outono de 1944, as forças da Resistência na Itália haviam tido sucesso em criar uma guerra dentro da guerra. Além da batalha furiosa entre as tropas da Wehrmacht de Kesselring e os exércitos aliados, combatentes da Resistência sabotavam com sucesso as operações alemãs na área montanhosa atrás da Linha Gótica. Essas ações isoladas se tornaram tamanha ameaça que o comandante alemão da 14º Corpo Panzer, general de

divisão Fridolin von Senger und Etterlin, passou a viajar em um pequeno Volkswagen sem marcas de identificação. Os resistentes italianos já haviam matado outro general alemão depois de identificarem seu carro de comando.

Como chefe de polícia na Itália, o general da SS Karl Wolff tinha a responsabilidade de controlar a atividade dos resistentes por trás das linhas do front. Mas cada vez mais os ataques eram voltados contra oficiais e soldados alemães na linha de frente. Isso obrigou Kesselring a ordenar que suas tropas “adotassem as medidas mais severas. (...) Se tropas etc. forem alvejadas em qualquer vilarejo, o vilarejo deverá ser incendiado. Perpetradores e líderes de grupos serão enforcados em público”. Em sua opinião, os resistentes eram insurgentes que assassinavam seus homens e desmoralizavam operações militares. Mas os resistentes demonstraram ser tão difíceis de combater que, de acordo com Kesselring, “só as melhores tropas... são no mínimo tão boas”. Desse modo, ele acreditava que os resistentes se enquadravam fora de quaisquer direitos concedidos a um soldado inimigo uniformizado. O incêndio subsequente de aldeias e vilarejos e o fuzilamento de homens, mulheres e crianças inocentes, algumas com apenas 3 anos de idade, pelas tropas alemãs da Wehrmacht apenas aumentaram a fúria dos resistentes e seus ataques. Don Anelli e seus paroquianos precisavam de ajuda urgentemente.

O relatório de Cagiati resumia o curso do debate e os acontecimentos que se seguiram: “Durante a entrevista, que durou uma hora, [Montini] interrogou Don Anelli muito detalhadamente com relação ao movimento da Resistência no norte da Itália, com referência particular ao trabalho da igreja e à posição do Partido Democrata Cristão.” A esposa de Serlupi registrou um relato ainda mais detalhado em seu diário: “Cagiati e os outros oficiais de ligação com a Resistência descobriram, pelas palavras [de Anelli], que a massa dos resistentes era democrata cristã e não comunista, como eles haviam pensado, e, portanto, decidiram dar-lhes mais apoio.”

Reuniões subsequentes tiveram lugar com monsenhor Domenico Tardini – subsecretário de estado para Assuntos Extraordinários –, no dia seguinte, e com representantes do Partido Democrata-Cristão, na segunda-feira. Durante essas reuniões, Anelli suplicou ao Vaticano para dar assistência aos combatentes da Resistência, diretamente ou através do partido. Cagiati relatou que Don Anelli fizera um excelente trabalho ao estabelecer sua credibilidade e ao explicar por que o Vaticano precisava tomar ação imediata. Ele escreveu: “A notícia de que grandes números de resistentes estão lutando sob a égide do Partido Democrata-Cristão e de que há muito que a igreja pode fazer no movimento pareceu ser uma completa surpresa para [Montini], e o próprio papa manifestou intenso interesse.”

A última parte do relatório de Cagiati confirmava para o general Donovan para a OSS que as ligações em desenvolvimento com o Vaticano tinham outras significativas facetas positivas: “Do ponto de vista da OSS... pode haver alguns contatos valiosos e cobertura, proteção e ser viço de informações de valor inestimável oferecidos pela Igreja na Itália e em outros lugares.” Em palavras mais simples, a OSS pensava usar a extensa rede de igrejas do Vaticano, especialmente aquelas atrás das linhas inimigas, para ajudar na coleta

de informações sobre a Alemanha nazista.

Altos funcionários do Vaticano e representantes do Partido Democrata-Cristão rapidamente satisfizeram o desejo de Don Anelli. Armas e suprimentos foram lançados de paraquedas para os resistentes; uma grande contribuição de 13 milhões de liras se seguiu.^[29] Um resistente mais tarde explicou: “Aquele dinheiro salvou nossos esquadrões duas semanas mais tarde, quando, durante um período tempestuoso de inverno muito rigoroso, esteve em curso a busca mais extensa e violenta [por parte das tropas alemãs] da guerra inteira. Milhares de soldados foram salvos de morrer de inanição e de frio graças àqueles abençoados milhões que a pátria nos tinha dado e que aquele humilde padre do campo nos havia trazido do céu.”

Depois de quase um mês em Roma, Anelli estava ansioso para voltar para casa e celebrar o Natal. Mas tanto ele quanto Cagiati conheciam o terreno; atravessar as linhas inimigas a pé, em pleno inverno, estava fora de questão. A solução mais segura e rápida, adotada por Anelli, era lançá-lo de paraquedas. Ironicamente, o homem que se tornaria conhecido como “o padre voador”, na verdade, nunca tinha entrado em um avião. Antes de embarcar, usando capacete e paraquedas, Don Anelli posou para uma fotografia com a tripulação, diante de um C-47. Diz a lenda que, depois do salto bem-sucedido, um dos membros da tripulação reparou no livro de orações no assento vazio de Anelli. Enquanto um membro da tripulação embrulhava o livro em um pano, o piloto voou de volta em círculo. Quando o avião alcançou o ponto do lançamento, fez uma curva inclinada e o livro de orações seguiu o caminho de Anelli para terra.

Vários meses se passaram antes que Cagiati e Anelli voltassem a se encontrar, mas o relacionamento que haviam forjado durante aquela última semana de novembro desempenharia um papel vital no esforço aliado para localizar e salvar as obras de arte de Florença.

No dia 9 de dezembro, a Rádio Fascista transmitiu um noticiário afirmando que Carlo Anti, diretor-geral de Belas-Artes na República Social de Mussolini, havia inspecionado as obras florentinas e considerado as instalações e as condições de armazenamento perfeitamente adequadas. Anti escreveu uma reflexão mais pessoal em seu diário: “Estou contendo as lágrimas por ver toda esta beleza no exílio.” Embora a notícia não identificasse a localização das obras, o anúncio claramente tinha a intenção de acalmar a preocupação crescente do público, em particular da imprensa estrangeira, com relação à segurança das peças e às críticas quanto às intenções alemãs.”

No dia seguinte, o dr. Josef Ringler, que havia selecionado os esconderijos, recebeu um telefonema informando-o de que dois homens, agindo por ordens específicas de Martin Bormann, o secretário particular de Adolf Hitler, estariam chegando a Bolzano para inspecionar as obras de arte florentinas. Um dos homens, o dr. Helmut von Hummel, era assistente especial de Bormann; o outro era o dr. Leopold Rupprecht,

chefe da coleção de armas do Museu Kunsthistorisches de Viena.

Embora Ringler não conhecesse o propósito daquela missão, como todo mundo, ele conhecia bem a fama de Martin Bormann. A simples menção de seu nome era aterradora. Ringler sabia que aqueles dois homens deviam estar numa missão da mais alta importância se traziam ordens da pessoa mais próxima ao Führer. O general da SS Wolff igualmente sabia disso. Decidido a monitorar todas as atividades relativas às obras de arte, Wolff tomou providências para que seu próprio representante, Reidemeister, acompanhasse os homens de Bormann em sua inspeção. Quando Ringler se deu conta de que Reidemeister não chegaria a tempo, ele próprio levou Hummel e Rupprecht de carro para dois dos repositórios.

A viagem os levou por uma estrada de montanha, passando por colinas e belos chalés cobertos com a primeira neve do inverno. Depois de pouco menos de uma hora, entraram em uma pequena cidade a cerca de 20 quilômetros da fronteira do Reich e estacionaram ao lado de um prédio de três andares que servia como tribunal municipal e cadeia local. Enquanto os homens entravam no prédio, o carcereiro apresentou um maciço chaveiro contendo pelo menos 50 chaves para abrir as portas das celas onde as “prisioneiras” – as grandes pinturas florentinas – estavam armazenadas. A escolha do local de esconderijo de Ringler havia sido pouco ortodoxa, mas não houvera nenhuma outra opção segura para armazenar obras tão importantes.

A inspeção foi breve; examinar centenas de pinturas enfiadas em espaços muito apertados não era factível. Mais tarde naquela noite, chegou um negociante de arte de Munique, aparentemente integrante da equipe de inspeção de Hummel. Ninguém disse a Ringler por que o negociante de arte viera, nem o propósito das inspeções. Mas ele sabia que Rupprecht estava montando uma coleção de armas para o Führermuseum, em Linz, o que causava grande consternação a Ringler. Ele ainda desconhecia que Hummel era de fato responsável pela formulação das “diretrizes de confisco e compra” para o Führermuseum.

À medida que o Natal se aproximava, a temperatura na Itália, bem como por toda a Europa, despencou para bem abaixo de zero. Em meados do mês, chegaram notícias de uma grande ofensiva alemã, na densa área de florestas de Ardenas, na Bélgica – que se tornaria conhecida como a Batalha de Bulge. Na esperança de dividir em dois os exércitos aliados, Hitler havia montado uma investida contra a cidade portuária belga de Antuérpia. O ataque pegou os aliados de surpresa, obrigando a uma rápida retirada. O general Eisenhower admoestou seus comandantes seniores durante a conferência do dia 19 de dezembro: “A atual situação deve ser considerada por nós como uma oportunidade e não como um desastre. Só haverá rostos alegres ao redor desta mesa de conferência.” Quatro dias mais tarde, céus límpidos permitiram à superioridade aérea dos aliados virar a maré, castigando as colunas de tanques e linhas de suprimento inimigas e condenando

ao fracasso a ofensiva alemã.

Notícias da Batalha de Bulge enchem os jornais americanos, aumentando a preocupação daqueles que tinham entes queridos no exterior. Em cartas para a família, Keller, como outros combatentes casados, regularmente minimizava os riscos de sua missão particular. Mas não hesitou em mencioná-los a seu mentor e amigo, Tubby Sizer, que àquela altura havia sido dispensado do ser viço devido à doença e havia voltado para casa, na Inglaterra.

Uma carta descrevia os riscos aleatórios do trabalho de Keller:

Ao entrarmos no palácio da prefeitura, nós estávamos de revólveres em punho. (...) Aprendemos por onde andar e como apoiar o pé numa escada em espiral ou num degrau. Pode haver um fio detonador passando sob o piso. Portas trancadas nunca são arrombadas antes de serem cuidadosamente inspecionadas com uma lanterna – ninguém, com um pingo de bom senso, entra numa loja, de porta arrombada, cheia de atraentes suvenires nas prateleiras; um rapaz e seus companheiros foram mandados pelos ares numa loja de instrumentos musicais – havia um saxofone inocentemente em cima do piano e um deles o pegou.

Com o Natal se aproximando, milhões de soldados começaram a se preparar para mais um período de festas longe de seus entes queridos. Em seu segundo Natal no exterior, Keller tentou explicar a Kathy a perspectiva que a guerra lhe havia trazido:

Minha adorada:

Hoje é dia de Natal e meus primeiros pensamentos estão com você e Deane. (...) Enquanto escrevo, o rugido de tanques e de veículos pesados está no ar... Alguns dos rapazes vão comer coxa de peru numa tenda apertada ou numa trincheira. Alguns morrerão neste dia... Tenho visto tanta miséria humana que qualquer coisa melhor parecerá realmente maravilhosa. Também acredito que tenho uma ideia melhor do que realmente conta neste mundo e do que não conta. O que conta se pode enumerar muito rapidamente, e todo o resto é poeira, que será levada pela mais leve brisa.

Naquele momento, Keller observou um avião de combate aliado P-38 passando acima. A guerra não havia acabado, talvez estivesse longe de acabar. Mas o som de soldados cantando lhe trouxe um último pensamento.

Lá embaixo o rádio acabou de ser ligado e alguém está cantando uma canção de Natal. Cores de Michelangelo, Giotto, Ghirlandaio, Michelozzo e Arnolfo di Cambio. Este é o meu Natal – um grande Natal cheio dos mais altos ideais de que o homem é capaz, vividos por você, por mim e Deane.

Todo o meu amor, Deane.

29. Cerca de US\$ 1.700.000 em 2012.

SEÇÃO
III

VITÓRIA

Segredo absoluto é essencial para uma rendição bem-sucedida.

– CHEFE DA OSS, MAJOR-GENERAL WILLIAM J. DONAVAN,
Memorando ao Presidente dos Estados Unidos



CAPÍTULO 21

Problemas nas tropas

JANEIRO-FEVEREIRO 1945

No final de janeiro, os exércitos aliados tinham a Alemanha nazista presa em um torno. Como observou um alto oficial americano: “Agora não é uma guerra pela supremacia [alemã], mas uma guerra pela sobrevivência.” As tropas do general Eisenhower haviam penetrado as fronteiras ocidentais da Alemanha pelo norte da Suíça até os Países Baixos. A ofensiva soviética, desencadeada no dia 12 de janeiro, havia empurrado o front oriental quase 500 quilômetros para oeste – do rio Vístula, na Polônia central, para as margens do rio Oder, marcando a fronteira alemã. Ao sul, as divisões da linha de frente de Kesselring e os soldados de retaguarda de Wolff formavam as últimas linhas de defesa contra o V Exército dos Estados Unidos e o VIII Exército Britânico. A questão agora era por quanto mais tempo o combate continuaria.

O ímpeto do ataque de surpresa de 16 de dezembro da Alemanha, na floresta das Ardenas, há muito tempo havia se dissipado. Eisenhower estivera certo em sua avaliação. A Batalha do Bulge havia apresentado um momento de grande oportunidade e os aliados o haviam aproveitado, esmagando as tropas de Hitler. No final de janeiro, entre 80 e 100 mil soldados alemães estavam mortos, feridos capturados ou desaparecidos. O general alemão Friedrich Wilhelm von Mellethin mais tarde comentaria: “Nossas preciosas reservas haviam sido gastas e nada estava disponível para afastar a catástrofe iminente no leste.” Os exércitos de Hitler nunca mais ganhariam terreno.

Mas a Batalha do Bulge também havia custado caríssimo aos vencedores. Os relatórios oficiais listavam 19.246 baixas americanas. Mais que quatro vezes este número havia sido ferido ou estava desaparecido. No total, os americanos sofreram 108 mil baixas. Em contraste gritante, os britânicos cujas tropas estavam posicionadas longe da batalha, sofreram 1.400 baixas; 200 soldados ingleses morreram. O primeiro-ministro Churchill observou que “é, sem dúvida, a maior batalha americana da guerra e será, creio, considerada como uma vitória americana eternamente famosa”.

Em outubro de 1944, Deane Keller havia recebido a notícia de que estava sendo considerado para receber a Estrela de Bronze. O general Edgar Hume pediu que ele submetesse um sumário escrito de seu trabalho com o Governo Militar Aliado (AMG). A perspectiva de uma condecoração levantou consideravelmente seu ânimo. Mas, 11 dias depois, Keller escreveu a Kathy para informá-la de que não seria condecorado. “Não fique desapontada, pois eu não estou. (...) Se estivesse menos seguro de por que estou aqui, eu estaria aborrecido e desanimado.”

Mais uma vez, Keller escondeu seus verdadeiros sentimentos em um esforço para

poupar a esposa. Ele estava, na verdade, muito desapontado. Continuava convencido de que o fato de não ter conseguido receber a condecoração diminuiria sua posição aos olhos dos líderes da Universidade de Yale: “Se eu tivesse recebido a comenda, provavelmente seria professor titular em junho de 1945. Sem ela, eu não sou nada para eles. (...) As pessoas me dirão: ‘Bem, afinal você esteve fora por dois anos’, ou seja lá o que for, ‘e outros fizeram o trabalho por você’. (...) Muitos homens saíram ganhando em Yale na última guerra ao ficar em casa e não há motivo para acreditar que não vá ser igual nesta.”

Depois de mais de um ano longe de casa, o que Keller mais precisava era de um amigo. Enquanto esperava na fila de correspondência em Florença em um dia muito frio de dezembro, ele encontrou um. Charley Berholz estava às vésperas de perder seu emprego. Ele tinha sido motorista do coronel Edward B. Mayne, chefe do estado-maior do V Exército do AMG, que, dispensado do seu cargo, logo partiria para a Inglaterra. Keller acertou para que Berholz se tornasse seu motorista e assistente. A experiência de Charley com operações no quartel-general do AMG demonstrou ser útil, bem como seu conhecimento das estradas italianas, e seu temperamento cordato contrastava com a intensidade de Keller. O professor de Yale rapidamente se deu conta de que tinha ganhado um companheiro de confiança. “Não me importo muito com uma porção de coisas”, escreveu para Kathy “mas ter alguns amigos é necessário.”

Keller considerava Charley condecorado com a Estrela de Bronze e veterano das campanhas da Sicília e de Voltorno, um verdadeiro herói. Sua menção de mérito por seu serviço por parte do general Mark Clark descrevia como Berholz havia arriscado a vida em Nettuno depois que um avião alemão atacara um comboio de munição e o incendiara. “O soldado raso Berholz correu para a cena do bombardeio e removeu um motorista gravemente ferido, tirando-o do perigo da área de explosão da munição.” Só depois de ter voltado ao local para ver se havia outros feridos foi que Charley foi se abrigar em segurança.

Ter um amigo íntimo melhorou o humor de Keller. Ele e Charley decidiram pintar um slogan fascista – “*Me ne frego*” – no jipe. Significava: “Estou pouco me importando.” Foi a primeira vez, em 16 meses, que Keller segurou um pincel. A adição de Berholz – como motorista e fotógrafo profissional – também permitia a Keller pôr em prática uma ideia a respeito da qual vinha ruminando há muitos meses: a criação de uma história pictórica do V Exército do AMG. A ideia recebeu rápida aprovação e, no dia 10 de janeiro, Keller acrescentou essa nova responsabilidade a seus deveres regulares como oficial da Monuments, do V Exército.

Uma das primeiras missões consistiu em Keller e Berholz observarem e fotografarem a execução de um espião italiano. Bem cedo na manhã de 11 de janeiro de 1945, os dois esperavam do lado de fora do quartel-general da polícia de Florença, em meio à escuridão da Piazza della Signoria. Momentos depois, eles acompanharam oficiais britânicos e um padre até a velha prisão de Le Murate para a identificação do prisioneiro. O pequeno comboio, liderado por um carro fúnebre, então prosseguiu para

uma pedreira a nordeste da cidade. Ao chegarem lá, os homens desembarcaram dos veículos e retiraram o prisioneiro. Keller contou cerca de 20 policiais militares britânicos presentes.

Alguns estavam cavando buracos com picaretas para servir de apoio para as armas que ficavam na altura do ombro numa posição ajoelhada. O solo estava congelado. Os faróis de um jipe foram usados como lanternas. A 15 passos, uma cadeira foi posicionada. As quatro pernas haviam sido reforçadas... tornando impossível que a cadeira virasse... Atrás de uma pilha de cascalho, o esquadrão de fuzilamento de seis homens... batia pés e mãos para se aquecer. O oficial no comando os fez marchar até a linha de fogo para um ensaio.... O oficial disse que a única ordem seria "FOGO", que ele gritou o mais alto que pôde.... O prisioneiro usava suéter azul-claro e calça cinza. A cabeça e a ponta de seu nariz estavam cobertas por volumosos curativos brancos. Em cima de seu coração, com cerca de 30 centímetros quadrados, havia um pano branco. Ele foi acompanhado pelo padre até a cadeira. Tinha as mãos amarradas nas costas. Foi sentado e imobilizado pelos PMs, o major Langford e outros oficiais, um dos quais escorregou e caiu. O padre postou-se à sua esquerda, falando com ele... O esquadrão de fuzilamento já tinha tomado posição nos pontos de apoio para as armas. O padre permaneceu ao lado do prisioneiro até que alguém ordenou que se afastasse. O esquadrão de fuzilamento empunhou armas e se preparou. Todos os oficiais e espectadores se agruparam atrás e dos dois lados do esquadrão de fuzilamento. Depois de o padre ter-se afastado, talvez 4 segundos [mais tarde] o prisioneiro disse: "Posso dire qualcosa?" [Posso dizer uma coisa?] Nenhuma resposta foi ouvida, mas foi dado tempo para que o prisioneiro fizesse o seguinte pronunciamento: "Evviva l'Iali. Evviva gli Alleati, spero che gli Alleati vincano." [Viva a Itália, Viva os aliados, espero que os aliados vençam.] Nenhuma ordem foi ouvida, mas a salva foi disparada, uma carga. O prisioneiro estivera sentado ereto, de frente para o esquadrão. Seu queixo largo e maxilares estavam pálidos, mas distintos. A bandagem branca e o quadrado sobre seu coração eram nítidos. A luz não estava muito clara, mas os alvos estavam bem nítidos. Imediatamente, ele tombou para trás, seus joelhos afrouxaram e se separaram e a cabeça caiu para trás, completamente inanimados. Ele deve ter morrido instantaneamente... Os PMs desataram os nós e um caixão foi trazido do carro fúnebre... A cadeira, manchada de sangue, foi posta no caminhão e todos se retiraram.

Bernholz tirou fotografias da execução, cerca de 20 no total. Mais tarde, Keller fez um esboço, desenhando os soldados ajoelhados, de armas apoiadas no ombro, momentos antes do fuzilamento. Seu desenho capturava a solenidade da cena; de pé sozinho, talvez pronunciando as preces dos ritos finais, estava a figura do padre. Foi um começo macabro para o projeto de história pictórica, um começo que Keller gostaria de esquecer, mas que predizia o caos e o acerto de contas que haveria mais adiante na Itália.

No dia 1º de fevereiro, Keller recebeu a notificação oficial de que ele e seis outros oficiais do AMG receberiam uma condecoração – não a que ele havia esperado, mas uma

de considerável distinção: Cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália. O oficial superior de Keller, general Hume, fez questão de enfatizar que “sem exceção, todos eles serviram sob fogo inimigo. Fica compreendido que esta é uma condecoração de combate”.

Duas semanas mais tarde, Keller supervisionou o retorno a Florença de uma estátua de bronze de Cosimo I de Médici e seu cavalo, concluída em 1594 pelo mestre escultor flamengo Gianbologna. Em agosto de 1943, funcionários da área de artes local haviam desmontado a estátua de oito toneladas e mandado transportá-la em carro de bois para a *villa* em Poggio a Caiano para ser guardada em segurança. Trazê-la de volta à cidade havia se tornado uma questão de urgência. Com a reconstrução da ponte ferroviária quase concluída, brevemente não haveria espaço suficiente para que Cosimo e seu cavalo passassem.

Depois de vários dias de planejamento e preparação, um guindaste levantou Cosimo para dentro da caçamba de um caminhão. Mover o cavalo – bem maior e mais pesado do que o cavaleiro – demonstrou ser consideravelmente mais difícil. O cavalo estava empinado, com as patas de trás e da frente montadas uma pilha de toras de madeira para dar-lhes estabilidade. Foram necessárias três horas e meia para colocar o calço em posição no reboque do caminhão-tanque, usando uma técnica que Keller descreveu como primitiva: “À maneira da gente do interior do Maine, movendo uma casa com polias, guincho e um cavalo para puxar.”

Um soldado chamado Smokey montou no cavalo para levantar os fios de telefone e de telégrafo ao longo do caminho para a cidade. Quando Smokey tentou montar sobre o buraco onde Cosimo e sua sela normalmente se encaixariam, Keller ouviu alguém gritar:

– Capitão, o cavalo está cheio de merda; os boches andaram cagando dentro dele!

Embora a viagem para Florença fosse de apenas 22 quilômetros, o tempo chuvoso e numerosas paradas estenderam o tempo de viagem para uma hora e meia. Com Bernholz ser vindo como diretor de tráfego, a procissão chegou à cidade às três da tarde. Giovanni Poggi, Fred Hartt e o *Lucky 13*, mais algumas centenas de florentinos os esperavam na Piazza della Signoria. Keller observou que o clímax da viagem ocorreu quando “o condutor de uma *carrozza* [carruagem] puxada por um cavalo a passo de trote, [levantou] o chapéu e, sorrindo de orelha a orelha, [disse]: ‘*Cosimo, ben tornato!*’ (“Cosimo, bem-vindo de volta!”).” Mais tarde, Keller registrou em seu relatório o impacto duradouro do retorno de Cosimo: “As implicações desse retorno, conforme se manifestavam no rosto dos italianos ao longo do caminho e na própria cidade de Florença, o tornaram um empreendimento grande e importante em termos de dar prazer a um povo que sofreu.”

Uma semana mais tarde, contudo, uma notícia triste toldou o triunfo do retorno de Cosimo; Smokey fora morto em combate no front.

No meio de fevereiro, a tensão no relacionamento de trabalho entre Keller e Hartt se tornou pronunciada. No dia 2 de janeiro de 1945, um artigo de Herbert Matthews, no *New York Times* deflagrou um grave desentendimento: “A história do que aconteceu com a arte incalculavelmente rica das cidades da Toscana [sic] durante esta campanha é uma das mais tristes da guerra”, escreveu Matthews, “mas é possível relatar agora, depois de

passados quatro ou cinco meses, que obras de restauração e proteção têm avançado a passos largos sob a supervisão de um jovem americano, o primeiro-tenente Frederick T. Hartt, encarregado do trabalho para o Governo Militar Aliado (AMG).”

Vários oficiais da Monuments, inclusive Keller, sentiram-se ofendidos, achando que Hartt havia se empenhado em ganhar cobertura da imprensa sem dar crédito a seus colegas. Keller escreveu a Kathy, contando: “Eu não estou sozinho quando penso que Hartt foi longe demais para ganhar publicidade para si mesmo. Todos os outros são da mesma opinião. Ele fez um papel de cretino.” O texto infeliz de Matthews deixava implícito que Hartt era o único oficial da Monuments cuidando do caso. Embora Hartt mais tarde dissesse a Keller que sentia muito por “ter-se esquecido de mencionar os nomes dos demais àquele correspondente de guerra”, o estrago estava feito.

Keller também escreveu ao tenente-coronel DeWald, observando: “Conheço os sentimentos do exército com relação à publicidade e a tenho evitado. Ela tende a tornar medíocres os nossos esforços. Aqueles que lutam e ganham a guerra são aqueles que a merecem agora. No futuro, diante da lareira em casa, haverá tempo para relatar os feitos heroicos ao liberar as obras-primas mundiais.” Harry Butcher, adido naval do general Eisenhower, certa vez comentou como o seu chefe e o general George Marshall “detestavam publicidade barata”. Mesmo o cartunista do *Stars and Stripes*, Bill Mauldin, observou: “Muito poucos [soldados] dão com a língua nos dentes sobre seu próprio heroísmo quando o inevitável repórter do jornal da cidadezinha natal aparece para entrevistá-los.” Hartt afirmou que apenas quisera chamar atenção para os monumentos em risco, mas Keller e os outros não tinham paciência para ver a situação daquela maneira.

Esse também não foi o único conflito entre eles. Keller e Hartt tiveram outro desentendimento com relação ao que Keller considerou como uma quebra de protocolo quando Hartt apelou a Hume para reverter uma decisão tomada por Keller sobre as placas de ENTRADA PROIBIDA. Nem Keller nem nenhum dos outros oficiais da Monuments duvidavam da sinceridade e paixão de Hartt pelo trabalho. E não discordavam que alguma publicidade sobre o papel dos oficiais da Monuments pudesse ser benéfica a seu trabalho. Mas consideravam o comportamento pessoal de Hartt imprudente e seu desrespeito pelo protocolo do exército, uma afronta. Contudo, Hartt ficou chocado com as críticas de Keller: “Nós sempre nos demos bem até agora, e eu sinceramente me sinto um pouco magoado e decepcionado por este incidente, o primeiro deste tipo.”

Seis dias depois, Keller contatou um de seus oficiais superiores para fazer um sumário de sua posição com relação à questão da publicidade e para explicar sua opinião quanto à violação da placa de ENTRADA PROIBIDA. Observando que “o tenente Hartt tem feito um excelente trabalho”, ele então abordou ambas as questões francamente: “Na manhã do último domingo, aconselhei [Hartt] a respeito de dois pontos em particular: Que não farei nada para pôr em risco as boas relações que a Seção MFAA tem com os soldados em combate (ele queria um protesto do general Hume com relação a

uma violação das placas de ENTRADA PROIBIDA, que me pareceu comparativamente trivial), e o fato de que um oficial do exército deve manter em nível mínimo qualquer publicidade pessoal.”

Em algum momento durante o final do inverno, Keller desenhou um cartum e o enviou ao amigo e colega oficial da Monuments, Sheldon Pennyover. Acima de uma legenda sarcástica onde se lia “A.M.G. 5º Exército e Cooperação Regional”, Keller desenhou uma caricatura de si mesmo de pé, com um pé apoiado numa pilha de livros, com uma grande pá de madeira levantada no ar e um sorriso no rosto, preparando-se para acertar o traseiro do tenente Fred Hartt, a quem ele havia começado a se referir como “o garoto da Toscana”. Ao fundo, pendurada numa parede, havia uma Madona sorridente, espectadora que aparentemente assistia e aplaudia o gesto com satisfação. O aspecto do desenho de Keller era brincalhão, mas o retrato afeminado que fizera de Hartt, com sua jaqueta de lã, anel de ouro e unhas compridas, refletia uma maldade pouco característica de Keller.

Keller se sentia ambivalente com relação a Hartt, mas precisava dele. O conhecimento de Hartt era de valor inestimável. Ninguém sabia quantos meses de combates ainda haveria, nem que tipo de destruição eles poderiam encontrar no avanço rumo ao norte. Os tesouros florentinos ainda estavam desaparecidos, sua localização desconhecida dos oficiais da Monuments. O final do inverno traria a ofensiva da primavera. A busca pelos tesouros, ou o que restava deles, seria retomada. E os dois oficiais da Monuments na melhor posição para encontrá-los mal estavam se falando.

Por três anos e meio, a Alemanha nazista havia aterrorizado a União Soviética, causando a morte brutal de dezenas de milhões de soldados do Exército Vermelho e civis inocentes. Por ordens de Hitler, as tropas da Wehrmacht tinham arrasado cidades e vilarejos inteiros. Agora a maré havia virado. Dominados por pensamentos de vingança, 6 milhões de soldados soviéticos se reuniam ao longo do front que a 2 de fevereiro de 1945 estava a menos de 50 quilômetros de Carinhall, a propriedade palaciana no campo do Reichsmarschall Hermann Göring. Consciente de que o fim estava próximo, Göring e seu conselheiro de arte examinavam sua coleção para decidir que itens deveriam ser evacuados imediatamente. O primeiro trem partiu no princípio de fevereiro com destino a esconderijos no sul da Alemanha. As obras-primas de Nápoles estavam entre eles.

Mais de um ano antes, pouco antes de seu aniversário de 51 anos, o secretário particular de Göring havia-lhe informado que a divisão do exército que levava seu nome queria lhe oferecer um presente generoso. Descobrimo que eles pretendiam entregar os tesouros de Nápoles retirados de Monte Cassino, Göring declarou que “sob nenhuma circunstância permitiria que tais coisas [lhe] fossem oferecidas como presentes de aniversário”. A despeito da maneira dúbia pela qual ele havia reunido grande parte de sua coleção, um colecionador de arte tão prolífico não podia ser visto aceitando obras-primas

roubadas dos museus de Nápoles. O Reichsmarschall e seus agentes tinham trabalhado duro demais para criar uma aparência de legitimidade.

Em vez disso, Göring instruiu seu conselheiro de arte a aceitar os objetos retirados da abadia de Monte Cassino, mas apenas para exibição temporária em Carinhall. Vários meses depois, ele mandou que as pinturas de Nápoles fossem transferidas para Kurfürst, um bunker antiaéreo perto de Potsdam. Esculturas e outros objetos da abadia permaneceram em sua propriedade até o princípio de fevereiro de 1945, quando ele começou a embarcar a coleção para o sul. Göring então providenciou para que todas as obras-primas de Nápoles fossem entregues à Chancelaria do Reich, em Berlim, com instruções para o secretário particular de Hitler, Martin Bormann, enviá-las a Munique.

CAPÍTULO 22

Trocando de lado

PRINCÍPIO DE MARÇO DE 1945

No dia 8 de março de 1945, sete homens em trajes civis, inclusive quatro oficiais superiores da SS, embarcaram em um trem na cidade de Chiasso, na fronteira com a Suíça, com destino a Zurique. Eles ocuparam dois compartimentos de viagem, escondidos da vista. O general da SS Karl Wolff tinha motivo para se esconder na viagem à neutra Suíça. Agindo por sua própria iniciativa, sem o conhecimento do Generalfeldmarschall Kesselring, e muito menos do Führer, Wolff havia decidido correr um risco calculado. Ser reconhecido por funcionários de fronteira, espões ou informantes poria sua vida em risco.

A partir do momento de sua transferência para a Itália no outono de 1943, Karl Wolff havia estado no Vaticano, conversando com o papa Pio XII e discutindo um fim para as hostilidades. Ele havia prometido ao papa que faria qualquer coisa que pudesse para facilitar um fim prematuro para a guerra. Mas a queda de Roma, em 4 de junho de 1944, havia impedido um novo encontro com o líder do Vaticano. Wolff agora tinha um plano que cumpriria sua promessa.

Como homem bem-educado e culto, Wolff compreendia que seria considerado responsável – pelo Führer e pela história – se as obras de arte de Florença, valendo bilhões, fossem danificadas ou destruídas. Mas a situação também apresentava uma oportunidade. Controlar o patrimônio artístico de uma nação inteira poderia ser moeda de troca.

Ao longo de todo o final do verão e do outono de 1944, Carlo Anti e outros altos funcionários de arte e cultura italianos imploraram que suas obras fossem transferidas para Stra (perto de Veneza), para as ilhas Borromeu, no lago Maggiore, ou para Sondalo (na Lombardia). Qualquer dessas localizações teria posto as obras sob o controle de autoridades italianas. Wolff, contudo, permaneceu irredutível, afirmando que elas “estavam mais seguras em um *gau* [distrito] alemão do que numa ilha italiana”. A teimosia alemã convenceu Anti de “que o transporte das peças de arte para Alto Ádige fazia parte de um plano premeditado”.

No final de outubro, o parcialmente recuperado cônsul Gerhard Wolf e o professor Ludwig Heinrich Heydenreich, membro do Kunstschutz, tentaram fazer um avanço. Heydenreich escreveu ao coronel Langsdorff, pedindo-lhe para insistir com o general

Karl Wölff para que permitisse que altos funcionários italianos inspecionassem os dois repositórios perto do Passo de Brennero e que recebessem listas de seus conteúdos. Depois de duas semanas sem resposta, Heydenreich escreveu para Langsdorff uma segunda vez. Uma resposta áspera se seguiu: “O *gauleiter* Hofer se recusava a permitir visitantes italianos, e só o Führer e o general Wölff decidiriam o destino das obras de arte.” Langsdorff encerrava perguntando, de forma ameaçadora, por que Heydenreich “demonstrava tanto interesse pelos italianos”.

No dia 27 de novembro de 1944, Wölff garantiu pessoalmente a Carlo Anti “a promessa do Führer de que as obras são, e continuarão sendo, propriedade indiscutível da Itália”. Ao longo dos dias seguintes, ele finalmente permitiu que Anti, acompanhado por Langsdorff, conduzisse uma inspeção a ambos os repositórios. Langsdorff tentou mostrar a Anti apenas as obras pertencentes ao Estado italiano, escondendo as coleções privadas. A inspeção limitada de Anti foi a única ocasião em que qualquer funcionário italiano teve acesso aos repositórios.

Anti também recebeu uma lista de inventário, que continha apenas os itens retirados da Villa Bossi-Pucci em Montagnana. Wölff explicou que havia fornecido apenas listas parciais porque queria que Mussolini fosse o primeiro italiano a receber os documentos. Em março de 1945, contudo, nem Mussolini nem nenhuma autoridade italiana tinham visto as listas completas. Anti perdeu a paciência, escrevendo a um dos representantes do Kunstschutz para dizer: “Sem as listas, minha inspeção foi reduzida a uma interessante e muito agradável viagem, graças à amizade de nossos colegas alemães, e nada mais.” A despeito das garantias de Wölff, alguns italianos permaneciam convencidos de que “sem dúvida, os alemães levarão as obras de arte consigo quando baterem em retirada”. Até Mussolini demonstrou estar impotente; uma mensagem expressando seu “desejo de que os artigos confiscados fossem transportados para as ilhas Borromeu” foi simplesmente ignorada.

Ironicamente, a maior ameaça ao controle de Wölff sobre os tesouros florentinos vinha de seu próprio círculo. O *gauleiter* austríaco Franz Hofer, um dos “nazistas fanáticos radicais” que originalmente havia sugerido que os tesouros fossem levados para “Innsbruck ou para a Bavária”, estava determinado a manter controle sobre todas as atividades no que ele considerava seu território. Ele já havia censurado Wölff, lembrando-lhe de que qualquer um envolvido em atividades na região do Alto Ádige “deve se dirigir a mim pessoalmente com possíveis propostas”. A certo ponto, Hofer até exigiu que várias pinturas das coleções florentinas lhe fossem oferecidas como compensação por permitir que ficassem ali armazenadas, como se tratasse de “convidadas”. Wölff rejeitou prontamente a absurda sugestão do *gauleiter*.

Em algum momento depois de 26 de janeiro de 1945, Wölff recebera uma ordem escrita, caracterizada como “instrução política”, e emitida por Martin Bormann, em nome do Führer: “Com base nas ordens do Führer, a existência de todas as obras de arte confiscadas, especialmente pinturas, objetos e armas de interesse de importância artística, na Alemanha e nos territórios ocupados, tem que ser reportada aos conselheiros do

Führer para tais assuntos; que, considerando casos individuais, enviarão, por meu intermédio, um relatório ao Führer, de modo que possa ele próprio decidir que uso fará dos artigos adquiridos.”

Se tivesse chegado em qualquer outro momento, a ordem de Bormann teria parecido rotineira e inócua. Mas, apenas semanas antes, Wólf recebera instruções de Himmler para transferir as obras florentinas para o principal repositório de arte do Führer, em Altaussee, na Áustria. Ambas as ordens revelavam o crescente sentimento de desespero entre os líderes alemães em Berlim. Procurando ganhar tempo, Wólf informou Himmler de que “não poderia fazer aquilo devido à falta de TM [transporte motorizado] e gasolina”.

Embora transporte e gasolina de fato estivessem escassos, Wólf tinha patente e recursos para efetuar a transferência, do mesmo modo como havia concedido a Langsdorff os meios para continuar sua operação de “resgate” na Toscana, em julho de 1944. Esta nova tática, contudo, representava mais do que apenas uma inteligente manobra de bloqueio. Wólf havia violado um limite perigoso ao mentir para o chefe da SS.

Presumivelmente, como uma apólice de seguro, Wólf ordenou a sua equipe para preparar um álbum de fotografias das obras de arte florentinas. E informou Langsdorff e outros que o álbum seria apresentado ao Führer em seu aniversário de 56 anos, no dia 20 de abril de 1945. Wólf preferiu não fornecer uma explicação mais precisa: ele poderia precisar do álbum como proteção, caso surgissem problemas. O amor do Führer pela arte não era nenhum segredo; líderes do Partido Nazista e industriais alemães tinham, ao longo de anos, lhe oferecido pinturas e outras peças. Alfred Rosenberg e sua organização de saque ERR tinham avançado um passo adiante ao entregar álbuns encadernados em couro – essencialmente catálogos – com fotografias de itens roubados.

Rosenberg, um fracote político, havia preparado os álbuns da ERR numa manobra para salvar sua posição. Mas Wólf preparou o álbum florentino como parte de um plano para salvar sua vida. Mostrar a Hitler o bom trabalho que estivera fazendo, protegendo a riqueza artística de Florença, talvez lhe servisse como escudo, caso Himmler ou Kaltenbrunner o atacassem por não ter transferido as obras para Altaussee.

A derrota avassaladora das forças alemãs na floresta das Ardenas para os aliados ocidentais empalidecia em comparação com as perdas que elas estavam sofrendo para impedir que soldados soviéticos tomassem Berlim. Apenas em janeiro e fevereiro, as perdas alemãs no front oriental totalizaram mais de 600 mil homens, cinco vezes pior do que nas Ardenas. À medida que a campanha Vístula-Oder trazia os soldados soviéticos para uma distância de 72 quilômetros de Berlim, o dia do julgamento pelas atrocidades alemãs nas terras do leste se aproximava. Os alemães – tanto soldados quanto civis – sabendo que não haveria misericórdia, estavam aterrorizados. Langsdorff registrou em

seu diário que “milhões não tinham condições de ser evacuados para território do leste da Alemanha antes da chegada dos russos”. “É uma situação de loucura para a qual o bom senso não consegue ver saída.” Wolff sabia que os bombardeios Aliados que haviam fechado temporariamente o Passo de Brennero, entre a Áustria e a Itália, também haviam “impedido o soldado alemão [de] receber notícias de casa, exatamente no momento em que ele se sentia mais ansioso com relação à família, devido ao avanço russo”. Isso causou um crescente “colapso do moral” entre soldados e oficiais alemães estacionados na Itália.

No final de janeiro de 1945, Wolff havia se convencido de que a guerra estava “irrevogavelmente perdida”. Como ele mais tarde observou, oficiais alemães que “havia tomado parte na ponta de lança da ofensiva das Ardenas... tinham recebido a promessa de oito dias de superioridade aérea a ser efetuada por 3 mil surtidas diárias da Luftwaffe; mas o fogo e as defesas [antiaéreas] dos aliados haviam demonstrado ser fortes demais, e eles próprios mal tinham visto um avião alemão”. Embora o soldado alemão médio ainda depositasse fé nas garantias de Hitler de que novas armas secretas virariam a maré a favor da Alemanha, Wolff sabia que, se tais armamentos existissem, teriam sido usados durante a crítica batalha nas Ardenas ou contra o avanço soviético. Qualquer dúvida remanescente desapareceu no dia 6 de fevereiro, durante uma de suas viagens regulares a Berlim. Wolff perguntou a suas fontes se tais “armas maravilhosas” existiam. A ausência de uma “resposta direta” confirmou suas suspeitas.

Certo de que a aliança anglo-americano-soviética com o tempo entraria em colapso, Hitler acreditava que só precisava resistir por tempo suficiente para que a natureza seguisse seu curso. Em uma reunião militar em 31 de agosto de 1944, o Führer declarou sua firme convicção. “O momento virá em que a tensão entre os aliados se tornará tão grande que de qualquer modo a ruptura ocorrerá. Todas as coalizões na história se desintegraram mais cedo ou mais tarde. Temos apenas que esperar pelo momento certo, não importa o quanto isso seja difícil.”

No princípio de fevereiro de 1945, contudo, os dois oficiais mais graduados da SS na Alemanha decidiram não esperar mais. Percebendo que o regime nazista vacilava e, motivados pela autopreservação, Himmler e Ernst Kaltenbrunner fizeram abordagens secretas de aproximação à OSS. Um relato afirmava que, tal como Bormann, os dois homens “contemplavam a eliminação dos ‘instigadores da guerra’ dentro do Partido Nazista”, com o objetivo de negociar um fim para o conflito. Os líderes da OSS consideraram isso como “um sinal de crescente desintegração no seio do Partido Nazista”. Um relatório posterior do chefe da missão da OSS na Suíça, Allen Dulles, acrescentou: “Embora pessoas como Himmler e Kaltenbrunner naturalmente não possam ganhar de nós nenhuma imunidade, enquanto eles acreditarem que isso é possível, podem nos oferecer uma oportunidade de criar uma dissensão na SD [Sicherheitsdienst – a agência de Inteligência da SS e do Partido Nazista].”

Wolff usou sua visita de 6 de fevereiro a Berlim para fazer uma petição ao Führer para aprovar que ele fizesse contato com as potências ocidentais, explorando a

possibilidade de uma solução política. Embora Hitler não o autorizasse a prosseguir, também não lhe ordenou que abandonasse a ideia. Durante aquela viagem, o general da SS compareceu a uma reunião sobre os planos de terra arrasada de Hitler para o norte da Itália. De acordo com essa estratégia, as tropas de Wolff seriam responsáveis por destruir capacidade industrial, usinas elétricas, instalações portuárias e serviços básicos à medida que abandonassem áreas de controle. As forças da linha de frente de Kesselring então demoliriam pontes e túneis à medida que recuassem. Não havia nenhum plano final, nenhum objetivo na destruição, exceto tornar mais lento o avanço do inimigo e ganhar tempo, na esperança de que os aliados ocidentais rompessem com os soviéticos.

A Alemanha nazista havia chegado ao abismo – nenhum futuro e nenhuma saída. Muitos integrantes do círculo imediato de Hitler se preparavam para o pior. Não querendo ligar sua sobrevivência ao destino do Führer, Karl Wolff havia elaborado um plano secreto de oferecer a rendição de um exército alemão inteiro – cerca de 1 milhão de homens na Itália – aos aliados ocidentais.

O fato de que Wolff nem tivesse oportunidade de tentar pôr em prática este plano se devia a uma estranha combinação de geografia, condições do tempo e sorte. Enquanto Hitler e seus comandantes combatiam as forças aliadas e o Exército Vermelho soviético, no norte da Itália, soldados alemães e italianos fascistas esperavam ociosamente que a neve derretesse antes da aguardada ofensiva aliada da primavera. A calma comparativa na Itália diminuiu a importância de Wolff e o colocou sob um escrutínio bem menor do que seus pares em Berlim. Naquele estágio da guerra, Kesselring e Wolff comandavam a força de combate mais intacta da Alemanha. As tropas de Wolff também controlavam o Passo de Brennero, “a mais importante rota para suprimento e reforço do front sul”, que servia como portal para a área montanhosa limitada pelo sul da Bavária, pelo oeste da Áustria e pela região do Alto Ádige da Itália, que passou a ser conhecida como o Reduto Alpino.

Em agosto de 1944, Dulles enviou um telegrama a Washington, descrevendo a ameaça percebida pelo Reduto Alpino: “A teoria nazista é de que, ao estacionar um milhão de tropas em Vorarlberg, nos Alpes austríacos e bávaros, junto com material suficiente [sic], eles poderiam resistir por um período que se estenderia de seis a 12 meses.” Este foi apenas um de muitos relatórios sobre os planos alemães enviados aos responsáveis pela tomada de decisões em Washington e em Londres, argumentando que os nazistas pretendiam fazer ali sua última resistência. Aquele demonstrou ser um dos grandes equívocos de Inteligência da Segunda Guerra Mundial.^[30]

No mês seguinte, o *gauleiter* Hofer recebeu a transcrição de um desses relatórios de um oficial da SS, se reportando ao Escritório Central de Segurança do Reich (RSHA), comandado por seu conterrâneo austríaco Ernst Kaltenbrunner. Percebendo a oportunidade, o *gauleiter* Hofer submeteu um relatório ao Führer, recomendando a construção imediata de uma fortificação defensiva nos Alpes – não o Reduto [de resistência] Alpino que cada vez mais preocupava os aliados. Hofer observou que seu objetivo de “explorar habilidosa e rapidamente a ‘psicose de reduto’ poderia nos ajudar a

abrir negociações diplomáticas que pudessem trazer a guerra a um fim satisfatório”. Como o general da SS Karl Wolff, o *gauleiter* Hofer também tinha planos para sobreviver à guerra.

Bormann recebeu o relatório de Hofer em novembro de 1944 e o ignorou. Sem se abalar, Hofer reapresentou sua proposta semana após semana. Finalmente, Hitler o convocou para uma reunião e, em 20 de abril de 1945, aprovou a construção de uma fortaleza alpina. Contudo, naquele estágio da guerra, os nazistas não tinham recursos suficientes para construir e estocar nada que se aproximasse da força do mítico Reduto Alpino. Mas essa realidade não impediu o Reichsminister da Propaganda, dr. Joseph Goebbels, de agressivamente promover o mito do reduto, em que um exército fantasma de guerrilheiros seria capaz de resistir indefinidamente.

Acreditando que o reduto fosse uma ameaça crível e esperando evitar uma série de batalhas prolongadas com alemães entrincheirados em um esconderijo na montanha, o general Eisenhower retirou o foco de Berlim e desviou seus exércitos para o sul, em direção a Berchtesgaden, na Alemanha, onde ficava a adorada casa de montanha de Hitler. Wolff considerou “loucura” a ideia de construir uma fortificação defensiva no Reduto Alpino, mas, dada a convicção dos aliados de que ela existia, calculou que eles receberiam bem a rendição de suas tropas.

O plano de Wolff oferecia outros benefícios aos aliados ocidentais. Além de pôr fim aos combates, a primeira rendição prepararia o caminho para outras dos exércitos alemães. O moral das tropas aliadas por sua vez ficaria elevado. Uma rendição alemã minimizaria se não subvertesse de todo a política de terra arrasada de Hitler para o norte da Itália, algo que Wolff já tinha tomado providências para impedir. O astuto Wolff também levou em conta as preocupações geopolíticas anglo-americanas. Ele se dava conta de que uma rendição alemã permitiria ao V Exército dos Estados Unidos e ao VIII Exército Britânico liberar rapidamente e ocupar todo o norte da Itália. Isso impediria que as tropas do Exército Vermelho atravessassem a Iugoslávia e entrassem no norte da Itália; o capitalismo chegaria antes do comunismo. Finalmente, somente Wolff poderia entregar as obras de arte atualmente armazenadas na região do Alto Ádige. Nenhum plano seguido por Himmler, Kaltenbrunner ou qualquer outro oficial nazista poderia oferecer tanto aos aliados.

Mas a janela de tempo para a ação estava se fechando rapidamente. O inverno logo cederia lugar à primavera, que traria consigo um avanço impiedoso e vitorioso rumo ao norte das tropas do V e do VIII Exércitos. A fúria dos resistentes italianos seria desencadeada e ninguém vestindo um uniforme alemão estaria seguro. Isso explicava por que um dos mais graduados oficiais da SS, um general da Wehrmacht, estava num trem de passageiros para Zurique em março de 1945. Naquele estágio, qualquer plano, não importando o risco, oferecia mais esperança do que sentar em bunkers subterrâneos e esperar que o fim chegasse.

A viagem de Wolff para Zurique era consequência da reunião de 25 de fevereiro entre três oficiais de inteligência: Allen Dulles, chefe da missão da OSS na Suíça; seu mais íntimo colaborador, Gero von Gaevernitz; e sua contraparte na Inteligência Militar Suíça, o capitão Max Wäibel. Através de uma série de intermediários, Wäibel havia tomado conhecimento de que o general Wolff tinha interesse em desenvolver uma conexão com os líderes aliados. Embora Gaevernitz indicasse disposição para se encontrar com Wolff, Kesselring ou algum de seus representantes, ele tinha poucas expectativas de que tal encontro jamais viesse a se realizar.

Dulles recebeu um telefonema urgente de Wäibel apenas cinco dias mais tarde. Um dos intermediários, o barão Luigi Parrilli, um industrial italiano, já havia voltado para a Suíça acompanhado por dois oficiais da SS. Um deles era o coronel Eugen Dollmann, o assistente muito bem baixo que tinha emprestado um terno a Wolff para sua audiência com o papa em maio. De acordo com Parrilli, os homens da SS queriam se encontrar com os representantes aliados, mas Gaevernitz estivera tão certo de que não haveria nenhuma reunião que até fora esquiár.

Na ausência dele, Dulles enviou um membro da equipe da OSS, Paul Blum, com instruções para descobrir o que os oficiais da SS queriam. Depois de um princípio breve e desajeitado, Blum lhes disse que os aliados tinham interesse em fazer contato com pessoas de boa vontade. Ele lhes lembrou que “rendição incondicional” era a política oficial dos aliados e deixou claro que não haveria “nenhuma chance” de que jamais viessem a fazer qualquer acordo com Himmler. Se eles tinham em mente alguma proposta, aquele era o momento de apresentá-la. Embora Dollmann não tivesse nenhum plano específico, ele esperava persuadir o general Wolff a fazer a viagem até a Suíça para discussões mais detalhadas.

Em nome de Dulles, Blum tinha entregado a Dollmann uma folha de papel com o nome de dois homens – Ferruccio Parri, um líder importante da Resistência italiana e figura pública proeminente, e Antonio Usmiani, um dos espíões de Dulles no norte da Itália. Ambos haviam sido apanhados e presos pela SS. Blum informou Dollmann de que a libertação de cada um deles era condição prévia para qualquer encontro entre Wolff e Dulles. Dollman pareceu “espantado” diante da possibilidade de libertar prisioneiros tão importantes, mas garantiu a Blum que faria o que pudesse e esperava voltar a entrar em contato em poucos dias.

Ao pedir a libertação dos dois homens, encarcerados em cidades diferentes (Parri estava em Verona; Usmiani, em Turim), Dulles queria avaliar o nível do empenho de Wolff e a medida de seu poder. Essas exigências também forneciam cobertura para as ações de Dulles. Se a notícia de um encontro com Wolff vazasse, ele poderia afirmar que estava negociando uma troca de prisioneiros, algo inteiramente legítimo em seu trabalho. Contudo, com tal exigência, Dulles aceitava o risco de que nunca mais voltassem a ter notícias de Wolff e seus aliados.

Dulles também precisava ser cuidadoso, evitando quaisquer ações que pudessem ameaçar a aliança dos aliados ocidentais com os soviéticos. Em dezembro de 1944, o

líder da OSS, general Donovan, recebera a notícia de que sua solicitação para oferecer imunidade a certos líderes nazistas num esforço para induzi-los a forjar um acordo de paz em separado com os aliados ocidentais havia sido rejeitada pelo presidente Roosevelt. No dia 31 de janeiro de 1945, tanto Donovan quanto Dulles receberam instruções específicas proibindo tais negociações e qualquer tipo de acordo com altos funcionários do governo alemão. Quando surgiu a possibilidade de um encontro com Dollmann, Dulles pediu e recebeu permissão para prosseguir, com a condição de fazê-lo “sem entrar [em] quaisquer negociações ou prometer futuras conversas”.

No dia 8 de março, Gaevernitz recebeu um telefonema de Max Wäibel.

– Gero, você está de pé ou sentado? – perguntou-lhe Wäibel. – Porque, se estiver de pé, você poderá até cair quando ouvir esta notícia. Parri e Usmiano estão aqui. Foram entregues sãos e salvos há algumas horas ao meu homem em Chiasso, na fronteira suíço-italiana.

Seguiu-se uma notícia ainda mais espantosa. Mais cedo naquele dia, Wolff havia atravessado a fronteira e entrado na Suíça, na esperança de se encontrar com Dulles. Seis homens o acompanhavam, inclusive os oficiais da SS Dollmann e Guido Zimmer, e seus intermediários, o barão Luigi Parrilli e o professor Max Husmann.

Dulles decidiu se encontrar com Wolff, mas apenas sob a condição de que fosse em um apartamento na rua Genferstrasse, em Zurique, usado pela OSS. Com a reunião marcada para as dez da noite, apenas algumas horas mais tarde, Husmann entregou a Dulles o documento que Wolff havia encaminhado. Uma leitura rápida revelou que era, em essência, o *curriculum vitae* de Wolff, escrito à mão em alemão, com referências e confirmações relativas à veracidade e exatidão de várias de suas afirmativas. Os dois primeiros nomes sozinhos causaram uma impressão formidável: Rudolf Hess^[31] e “o atual papa”. As páginas seguintes listavam as várias boas ações de Wolff durante seu tempo de serviço na Itália. Em destaque, figurava seu papel nas ordens para proteger obras de arte do Uffizi e do Palácio Pitti.

Wolff, que havia sido um homem de publicidade, com certeza compreendia o poder de primeiras impressões. Ele havia se preparado para aquele momento desde que tomara a decisão de desobedecer Himmler e procurar sozinho uma solução. O destino da Itália – e talvez dos tesouros florentinos – dependia do resultado de seu encontro com Dulles.

30. Depois da guerra, um oficial alemão até deu crédito a um diplomata americano desconhecido trabalhando na Suíça de ter sido o “pai” da lenda do Reduto Alpino.

31. Hess era Reichsminister e vice-líder do Partido Nazista. Em 1941, ele pilotou um avião até a Escócia em uma tentativa malsucedida de negociar um acordo de paz com a Grã-Bretanha. Seu avião caiu e ele se tornou prisioneiro de guerra.

CAPÍTULO 23

Operação Amanhecer

8 DE MARÇO-2 DE ABRIL DE 1945

Com um avô e um tio que tinham servido como secretários de estado, Allen Dulles parecia destinado a uma vida dedicada ao serviço de relações exteriores. Depois de se formar em Princeton, passara algum tempo lecionando inglês na Índia e viajando pelo extremo oriente antes de entrar para o serviço diplomático, em 1916. De seus postos em Viena e Berna, Dulles coletou informações durante a Primeira Guerra Mundial; depois serviu como conselheiro júnior durante a Conferência de Paz de Paris, em 1919. Em 1926, já havia se diplomado em Direito e iniciado uma carreira na iniciativa privada, na prestigiosa firma de advogados de Nova York, Sullivan & Cromwell. Mas suas atividades nos negócios coexistiam com temporadas de serviços periódicos como conselheiro do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Uma dessas missões envolveu uma série de reuniões, em 1933, com líderes europeus, inclusive com o novo chanceler da Alemanha, Adolf Hitler.

Em outubro de 1941, Dulles se tornou chefe do escritório de Nova York do Coordenador de Informação, agência precursora da OSS, trabalhando a partir de um escritório no 25º andar do número 30, do Rockefeller Center. Um ano mais tarde, aos 49 anos de idade, assumiu um novo posto, retornando a Berna com o título de assistente especial do ministro. O trabalho era na realidade uma fachada para encobrir suas atividades como chefe de espionagem para os Estados Unidos.

Já no princípio de 1945, depois de mais de dois anos notáveis no cargo, Dulles havia criado uma extensa rede de contatos. Ele era inteligente, ousado e ambicioso. A experiência havia aprimorado suas habilidades em ouvir e negociar, e ele compreendia as nuances sociais que encorajavam o fluxo natural da conversa. Dulles gostava de avaliar as pessoas diante da luz quente e acolhedora de uma lareira, com um copo de uísque na mão. Ele avaliou Karl Wolff: “Um homem bonito, que sabe muito bem disso – tipo nórdico, cabelo louro grisalho, ficando ligeiramente calvo, porte atlético e aparentando mais do que sua idade real, no meio da casa dos 40.” Mas Dulles não nutria ilusões: “Neste estágio, estamos mais interessados no poder [de Wolff] do que em seus princípios morais. Não esperávamos encontrar neste general da SS um professor de catecismo.”

Depois das apresentações, sem apertos de mãos, Dulles, Gaevornitz e Wolff começaram a reunião. As discussões foram em alemão, Wolff queria que os homens da OSS soubessem que as decisões de vir para Zurique e libertar Parri e Usimiani haviam sido unicamente dele, tomadas sem o conhecimento de Hitler, Himmler ou

Kaltenbrunner. Wolff aceitava que a Alemanha estava praticamente derrotada e que os aliados nunca seriam divididos. A insistência em continuar uma guerra que já estava perdida era, em sua opinião, “um crime contra o povo alemão”, embora admitisse francamente “que, desde os primeiros dias do nazismo até o ano anterior, ele tivera fê em Hitler e tinha sido completamente dedicado a ele”.

Wolff então revelou o propósito de sua viagem: “Eu controlo as forças da SS na Itália e estou disposto a colocar a mim mesmo e minha inteira organização à disposição dos aliados para pôr fim às hostilidades.” Isso significava um efetivo de cerca de 225 mil homens. Infelizmente, seu controle não se estendia ao Grupo C do Exército de Kesselring, que compreendia 27 divisões do Décimo Quarto e Décimo Exércitos alemães e o Exército Liguriano da República Social. Mas Wolff acrescentou que, se de alguma forma conseguisse acertar uma “ação conjunta com Kesselring, Hitler e Himmler ficariam impotentes para tomar contramedidas eficazes, o que distinguia a situação [atual] daquela de 20 de julho”, a tentativa de assassinato de Hitler por Stauffenberg.

Wolff acreditava que, no caso de uma rendição na Itália, muitos generais no front ocidental, temerosos demais para agir sozinhos, seguiriam seu exemplo e também se renderiam com todas as suas tropas. Desse modo, a deserção que ele propunha “teria repercussões vitais”. Para demonstrar seu empenho, Wolff prometeu que os ataques contra os resistentes italianos seriam interrompidos e que várias centenas de detidos judeus seriam libertados quando fosse possível. O general da SS também assumia a responsabilidade pessoal pela segurança de mais de 350 prisioneiros de guerra americanos e britânicos.

Conquistar o apoio de Kesselring exigiria que Wolff o convencesse a renunciar a seu juramento de lealdade – não só a Alemanha, mas também a Hitler. Isso não seria fácil. Wolff teria que persuadir Kesselring de que seu dever mais importante era ser vir à Alemanha e a seu povo, não a um louco. Ele esperava que as promessas de apoio de outros, muito especialmente do embaixador Rudolf Rahn, influenciassem positivamente a decisão de Kesselring. Wolff disse que esperava se encontrar com Kesselring durante o fim de semana e que então apresentaria seu pedido.

– Cavalheiros, se forem pacientes, eu lhes entregarei a Itália numa bandeja de prata.

No dia seguinte, 9 de março, Wolff e seu grupo atravessaram a fronteira de volta para a Itália. Eles ficaram surpresos ao ver o inspetor-chefe da SS de Milão na estação com duas mensagens. Kaltenbrunner havia tentado entrar em contato com Wolff em seu quartel-general durante os últimos dois dias. De algum modo, ele sabia que Wolff deixara a Itália e fora até a Suíça. Wolff só podia imaginar o que mais seu inimigo saberia.

A segunda mensagem demonstrou ser ainda mais surpreendente. Em 8 de março, enquanto Wolff estivera em reunião com Dulles, Hitler enviara seu avião à Itália para buscar Kesselring e levá-lo a Berlim. Uma vez lá, o Führer o havia nomeado comandante em chefe no Ocidente, substituindo o Generalfeldmarschall Gerd von Rundsted. Kesselring agora controlaria todas as forças alemãs no front ocidental, mas

não as da Itália. As notícias do front ocidental eram tão sombrias que Hitler havia ordenado que Kesselring prosseguisse direto de Berlim para assumir seu novo comando. Qualquer encontro entre Wolff e Kesselring para discutir uma rendição secreta agora teria que acontecer na Alemanha, no novo quartel-general do Generalfeldmarschall. Wolff só podia imaginar quanto tempo se passaria antes que surgisse tal oportunidade. Com certeza, não ocorreria tão rapidamente quanto ele havia sugerido a Dulles.

Ao chegar a seu quartel-general em Gardone, no dia 10 de março, Wolff descobriu que Kaltenbrunner queria se encontrar com ele o mais rapidamente possível em Innsbruck, na Áustria. A posição de Wolff na Itália lhe oferecia um grau de segurança que ele não poderia contar na Áustria nem na Alemanha, onde Kaltenbrunner e Himmler tinham supremacia. Wolff decidiu responder a Kaltenbrunner, seu principal antagonista na SS, que estava ocupado demais para sair da Itália naquele momento.

Havia outros problemas. O coronel Langsdorff contou a Wolff que o projeto do álbum de fotografias havia sido interrompido por insistência do dr. Ringler. Estressado e sofrendo com privação de sono, Wolff encontrou tempo para abordar o que na superfície parecia ser um problema insignificante de staff. Contudo, tendo assegurado a Dulles que entregaria as obras-primas toscanas em segurança aos aliados, Wolff não podia se dar ao luxo de novos reveses.

Obsessivo por detalhes, o dr. Ringler fora contra o projeto do álbum desde o início. Ele se arrepiava diante da ideia de fazer novas imagens de obras já fotografadas inúmeras vezes antes, especialmente usando uma pequena câmera Contax de 35 milímetros. Para que isso poderia ser vir? Além disso, o descuido dos fotógrafos o deixava apoplético. Durante uma inspeção não anunciada, ele havia descoberto que retratos de Raphael e de Rembrandt haviam sido tirados de suas molduras e estavam sendo fotografados ao ar livre, na neve. Possesso de raiva, ele havia exigido que o trabalho fosse suspenso imediatamente. “De modo que, se quisermos assumir esta responsabilidade diante do mundo inteiro, que já assumimos ao remover essas obras de arte”, escreveu a Langsdorff em 6 de março, “então, não podemos colocá-las em perigo a este ponto. No final das contas, sou eu quem serei considerado responsável se alguma coisa der errado.” Ringler demonstrava a mesma preocupação com relação à proteção global de ambos os repositórios, observando que “a retirada de muitas tropas da Wehrmacht alemã... traz muita gente e muitos desconhecidos para as vizinhanças dos repositórios[,] tornando difícil mantê-los secretos; o perigo se torna mais tangível”.

Percebendo a encrenca, Langsdorff enviou uma resposta em nome de Wolff, datada de 12 de março, que esclarecia o papel e a responsabilidade do general. “Esses itens preciosos foram resgatados pelo mais alto líder da SS e da polícia na Itália, o general plenipotenciário da Wehrmacht alemã na Itália, Obergruppenführer e general da Waffen SS Wolff. Ele utilizou a Kunstschutz que lhe está subordinada, como general plenipotenciário e a mim mesmo como velho colega no *staff* pessoal do Reichsführer SS.”

Langsdorff também tentou acalmar a preocupação de Ringler ao dizer-lhe que Wolff

havia reconfirmado com o Führer que “a responsabilidade pela totalidade das obras de arte italianas removidas por ordem da mais alta autoridade é inteiramente do general Wolff, que se considera na posição de curador e guardião desses dois depósitos para a nação italiana. O senhor é localmente responsável por sua manutenção para com Hofer, em cujo território eles estão situados”.

Agindo por instruções de Wolff, tarde da noite no dia 12 de março, Parrilli, o intermediário, voltou à Suíça para se encontrar com Dulles e informá-lo da transferência de Kesselring. Querendo avaliar o compromisso de Wolff para com o plano de rendição, Dulles instruiu Parrilli a voltar para o quartel-general do general e perguntar se Wolff estaria disposto a agir sozinho se não conseguisse convencer Kesselring a apoiar seu plano.

Em menos de 48 horas, Parrilli voltou com a resposta de Wolff. O general estava preparado para agir sozinho, mas somente como último recurso. Parrilli então pôs a mão no bolso e entregou a Dulles um pedaço de tecido queimado do sobretudo de Wolff. Enquanto voltava para seu quartel-general, depois de um encontro com Dulles, no dia 8 de março, um avião americano havia metralhado o carro de Wolff, ferindo o motorista e outro oficial, e por pouco não acertando o próprio Wolff. Embora Dulles possa ter considerado aquilo uma prova do “bom senso de humor” de Wolff, a mensagem nada sutil enfatizava a boa sorte do general da SS. A operação inteira, que Dulles e sua equipe designaram com o codinome “Amanhecer”, parecia estar se desenrolando antes mesmo de nem ter começado.^[32]

O segundo encontro com Dulles e Gaevornitz ocorreu em 19 de março, numa casa particular, na pequena cidade de Ascona, na Suíça, na margem oeste do lago Maggiore, a cerca de 9 quilômetros e meio ao norte da fronteira suíço-italiana. Wolff não sabia que Dulles havia escolhido a *villa* porque ela lhe permitia esconder a presença do general de divisão americano Lyman Lemnitzer e do general de divisão britânico Terence Airey, que tinham ordens do marechal de campo Harold Alexander de participar das discussões se as circunstâncias o justificassem.^[†] Wolff cumprimentou Dulles com a notícia de que o general barão Heinrich von Vietinghoff-Scheel, comandante do Décimo Exército Alemão, que tinha combatido em Monte Cassino, havia sido nomeado sucessor de Kesselring e brevemente ocuparia seu novo comando. Embora Wolff tivesse um bom relacionamento de trabalho com Vietinghoff, ele manifestou pouca esperança que um comandante tão fraco e “que fazia tudo de acordo com as regras” pudesse apoiar seu plano sem o endosso de Kesselring.

– Se você puder me dar cinco ou talvez sete dias para agir, eu seria favorável a uma visita imediata a Kesselring. E precisaria desse tempo porque teria que ir de carro... Eu já preparei o terreno com Kesselring e, além disso, tenho motivos perfeitamente legítimos para visitá-lo. Há muitas questões pendentes afetando o teatro italiano que eu gostaria de debater com ele – Wolff sugeriu a Dulles.

Uma segunda reunião naquela tarde incluiu os dois generais aliados, em trajes civis e apresentados como “conselheiros militares”, e não por seus nomes. A atmosfera sombria

marcou a primeira ocasião durante a guerra em que oficiais superiores das forças combatentes se encontraram em território neutro para discutir uma rendição alemã. Antecipando o constrangimento de tal encontro, Wölff deu a volta ao redor da mesa que tinha sido posta para ser vir como área de segurança, determinado a apertar a mão de cada um dos homens. Depois de um debate mais prolongado, incluindo os detalhes de como uma rendição de fato poderia ocorrer, a reunião foi encerrada. Wolff partiu para a Itália para fazer preparativos de ver Kesselring; os dois generais decidiram esperar em Ascona, esperançosos de que Wölff retornaria, conforme prometido, por volta de 26 de maio, para confirmar o fim da guerra na Itália.

Como outros soldados do V Exército dos Estados Unidos, Fred Hartt e Deane Keller estavam inquietos, esperando que a ofensiva da primavera começasse. Hartt aproveitara aquele tempo para continuar suas inspeções dentro e ao redor de Florença. Mas seus preparativos para devolver as obras de arte de todos os repositórios à cidade foram suspensos devido a rumores de que “os alemães tinham um local para lançamento de bombas voadoras (V-1) no norte da Itália, apontando para as vizinhanças de Florença”.

[33] Não haveria mais devoluções de obras de arte até que a guerra acabasse. Embora em seu esforço para salvar as torres medievais da cidade, Hartt perdesse algumas batalhas com operadores de bulldôzers excessivamente zelosos, sua super visão dos reparos às grandiosas igrejas e museus lhe valeu louros e elogios de líderes civis e militares.

A despeito de seu sucesso, o paradeiro das obras de arte florentinas desaparecidas enchia Hartt de ansiedade:

Tudo o que sabíamos era que, ostensivamente para salvá-las de algumas bombas que poderiam ter acertado os telhados acima delas, essas obras foram expostas a um perigo muito maior. Um terço delas não tinha caixotes ou embalagens de qualquer tipo, e todas estavam sendo transportadas por estradas montanhosas que os aliados bombardeavam e metralhavam noite e dia. Os restos carbonizados de caminhões alemães, que se enfileiravam pela estrada de Roma por 160 quilômetros, traziam visões do que um avião de combate poderia fazer com um comboio de obras de arte. E mesmo se estas obras chegassem em segurança ao norte da Itália, à Alemanha ou lá onde fosse, quem poderia garantir que, em um último holocausto de fúria niilista, os alemães não as explodiriam ou ateariam fogo a elas?

Quando o marquês Serlupi Crescenzi, um dos guardiões de Florença – e protetor de Bernard Berenson –, sugeriu que Hartt procurasse conseguir a ajuda da OSS, ele se agarrou àquela chance. Serlupi recordou a Hartt que quando ele havia chegado à Villa delle Fontanelle, no princípio de setembro de 1944, procurando por Berenson, se desencontrara por um dia do capitão americano, agora um major, que poderia ser de

alguma assistência. Alessandro Cagiati tinha agentes espalhados por todo o norte da Itália; talvez eles pudessem localizar as obras e guardá-las até que as forças aliadas alcançassem essas áreas. Como alguém incapaz de permitir que o protocolo interferisse com uma boa ideia, Hartt imediatamente contactou Cagiati, que se mostrou disposto a ajudar. Hartt então submeteu a ideia à aprovação direta de Ernest DeWald, que temia que o tesouro de pinturas e esculturas “pudesse ser despachado para o outro lado da fronteira da Suíça quando o estouro da boiada começasse”.

No dia 22 de março, Hartt enviou um memorando formal a Cagiati, intitulado “Obras de Arte Removidas pelos Alemães para o Norte da Itália”. Ele resumia o número de objetos desaparecidos e as circunstâncias de sua remoção dos principais repositórios florentinos, solicitando que “agentes da OSS se esforçassem em rastrear o paradeiro e a condição dessas obras de arte, removidas de seus depósitos... E também, se possível, que se providenciasse para que alguém de confiança ficasse de olho nas eventuais peregrinações dessas obras [de arte] para impedir seu possível desaparecimento na Alemanha ou que sofressem qualquer dano material”.

Três dias mais tarde, Hartt soube que Cagiati havia enviado mensagem a um de seus agentes próximo a Veneza, instruindo-o a contactar o professor Ludwig Heydenreich ou Carlo Anti para obter informações sobre a “distribuição das obras de arte e os arranjos para impedir sua retirada para a Alemanha ou, pelo menos, uma última tentativa para rastrear esses tesouros”.

Cagiati ganhou um novo título no dia 27 de março: oficial encarregado, Equipes Cidades N. Itália. Ao longo do outono e dos meses de inverno, ele havia construído uma rede confiável de equipes de Operações Especiais da OSS, cerca de 16 no total, operando atrás das linhas inimigas. O novo título formalizava seu papel. Dois de seus homens-chave em campo – Don Guido Anelli, “o padre voador”, e Pietro Ferraro – já haviam sido postos para trabalhar em missões não relacionadas. Cagiati limitou inicialmente Anelli a coletar informações sobre o paradeiro das obras. Ferraro, líder da Resistência italiana que, como Anelli, tinha sido lançado de paraquedas atrás das linhas inimigas, em julho de 1944, recebeu instruções para fazer contato com o patriarca de Veneza, bem como com membros do Kunstschutz de opiniões semelhantes, e obter todas as informações que pudesse.

O esforço desta empreitada de Hartt criou mais um sério desentendimento com Keller. No dia 18 de março, quando Wolff estava em trânsito para a Suíça para seu segundo encontro com Dulles, Keller recebeu ordens de se apresentar ao quartel-general das Forças Aliadas em Caserta, para missão de uma semana ajudando a preparar o contingente de monumentos da planejada ocupação da Áustria pelo V Exército. Quando voltou a Florença, Hartt havia concebido um plano que, da perspectiva de Keller, lhe permitiria “se deslocar por todos os lados, quando bem entendesse, caçando tesouros de arte”. Que seu subordinado tivesse levado adiante uma ideia, sem qualquer consideração pelo protocolo militar, deixou Keller furioso. Ele não perdeu tempo em escrever para DeWald: “Espero que não se importe se eu escrever muito francamente sobre uma

situação que tem me incomodado já há algum tempo, agravada por mais outro desenvolvimento hoje. (...) Eu não tinha nenhum conhecimento desta história da OSS e fiquei bastante embaraçado ao ver que Fred sabia de tudo com os contatos feitos e estava muito satisfeito com isso.”

Embora a frustração de Keller fosse compreensível, na verdade, Fred Hartt havia desencadeado uma série de acontecimentos que trouxe um novo efetivo de obra para a caçada.

Ao retornar a seu quartel-general depois da segunda reunião com Dulles e os “conselheiros militares”, Wolff mais uma vez voltou sua atenção para as obras de arte. Na ocasião, Wolff e o *gauleiter* Hofer tinham chegado a um entendimento de que nenhum dos dois tomaria decisões sobre as peças sem o consentimento do outro. Mas a aliança de Hofer com seu conterrâneo austríaco, general da SS Ernst Kaltenbrunner, significava que ele não merecia confiança. Outros compartilhavam a opinião de Wolff. O diretor-general de Belas-Artes, Carlo Anti, há muito tempo acreditava que, “tendo em vista o sentimento anti-italiano de Hofer, há motivos para grande ansiedade quanto ao destino de nossas obras de arte”, observando que o dr. Ringler “me confessou que se sentia inseguro”. Hofer aparentemente não confiava em Ringler porque ele era católico e não era membro do Partido Nazista.

Enquanto isso, as discussões secretas de Wolff com os aliados haviam começado a complicar seu relacionamento de trabalho com Langsdorff. Desconhecendo que Wolff tinha planos posteriores para os tesouros, Langsdorff instara Ringler a pressionar Hofer para permitir a presença de um super visor italiano nos repositórios. Ele esperava que Hofer concordasse prontamente. Em vez disso, Langsdorff surpreendeu-se quando recebeu uma notificação de Ringler de que “o *gauleiter* em concordância com o Obergruppenführer Wolff havia se recusado a dar permissão para a viagem de Morassi [superintendente de galerias de Genova] com o propósito de controlar permanentemente os tesouros”... A súbita e inexplicável mudança de posição de Wolff deixou Langsdorff confuso. Passar-se-iam semanas antes que ele compreendesse o motivo.

O *gauleiter* Hofer não era a única ameaça percebida à arte. A população dos arredores tinha poucos motivos para defender o patrimônio italiano; a maioria se considerava tiroleza. O dr. Ringler escreveu a Langsdorff informando-o de que “os fazendeiros estão cansados deste montar guarda interminável [nos repositórios] e [reclamaram] que ninguém estava em suas fazendas cuidando dos campos. Não se compreendia tal esforço de precaução, se ao mesmo tempo nossa arte no Reich está soçobrando”. Carlo Anti resumia o risco francamente: “Perigosos são os tirolezes do sul, nem tanto os alemães.”

No dia 21 de março, Wolff partiu de carro para o quartel-general de Kesselring, conhecido como Adlerhost (Ninho da Águia), um complexo de bunkers que servira como posto de comando e residência para Hitler durante as cinco semanas da ofensiva

das Ardenas. Devido ao fogo de metralhadoras aliadas, a viagem, que deveria ter levado cinco horas, consumiu um dia e uma noite. Ao chegar ao quartel-general, perto da cidade-spa de Bad Nauheim, a cerca de 40 quilômetros ao norte de Frankfurt am Main, Wolff descobriu para seu espanto que as forças aliadas estavam apenas a 16 quilômetros de distância. A situação em deterioração na frente de combate obrigou Kesselring a começar a evacuar seu quartel-general em menos de duas semanas em seu novo posto.

Com os telefones de campo tocando e Kesselring gritando ordens para seus comandantes, Wolff teve dificuldade de conduzir aquela delicada discussão. As condições no campo de batalha seriam como apoio ao argumento de Wolff para uma pronta rendição, mas Kesselring se recusou. “A ideia é boa para a Itália”, ele informou a Wolff. “Mas não pode ser adotada por mim no front ocidental. Sou novo demais neste comando.” Embora Kesselring não concordasse com a rendição de suas tropas, ele concordou em instruir seu substituto na Itália, general Vietinghoff, a apoiar o plano de Wolff.

Satisfeito de que aquele era o melhor resultado possível diante das circunstâncias, Wolff se preparou para voltar à Itália. Em 22 de março, contudo, ele recebeu ordens de se apresentar a Himmler. Ignorar a solicitação de Kaltenbrunner era uma coisa; ignorar ordens diretas de Himmler era outra totalmente diferente. Wolff telefonou a um de seus intermediários em Milão e o instruiu, usando um código previamente combinado, a entregar uma mensagem a Dulles informando-o que ele se atrasaria vários dias. Depois de mais um penoso percurso de carro, durante o qual seu motorista com frequência saía da estrada para se esconder de aviões inimigos, Wolff finalmente chegou a Berlim, no final daquela noite.

Wolff conhecia Himmler desde 1932. Durante a maior parte daquele tempo, eles haviam sido muito íntimos. Mas, em 1943, Wolff pediu (e recebeu) a aprovação do Führer para se divorciar de sua primeira esposa. Ela e os filhos tinham cabelo e olhos castanhos, deixando Wolff “se sentindo culpado de ter desperdiçado seus atributos nórdicos”. O historiador alemão Jochen von Lang bem humoradamente comentou: “Se o aluno Karl tivesse prestado mais atenção às suas aulas de biologia no colégio secundário, ele teria evitado este infortúnio; é uma lei da hereditariedade que o castanho domine o louro.” A amante de Wolff, contudo, já tinha dado à luz um filho de cabelo louro e olhos azuis, e Wolff queria casar-se com ela. Himmler objetara vigorosamente e ficou furioso quando Wolff passou por cima dele e foi direto a Hitler. Mais tarde, a transferência de Wolff para a Itália restaurou-lhes a amizade. Himmler voltou a usar seu apelido afetuoso, “*liebes Wölffchen*” (querido lobinho), para o homem que considerava como “um de seus mais íntimos e mais antigos associados”, e mais tarde se referiria a Wolff como um homem “a quem passei a amar como amigo”. Wolff se mantinha circunspecto. Himmler era seu superior e podia ser tão frio e cruel quanto a situação exigisse.

O relacionamento entre Kaltenbrunner e Wolff era uma questão inteiramente diferente. Como chefe da segurança interna e da Gestapo, Kaltenbrunner também se

reportava diretamente a Himmler. Kaltenbrunner considerava Wölff um rival e invejava sua amizade de longa data com Himmler. Sua incitação contínua para que Himmler dispensasse Wölff tornou os dois homens inimigos. A luta entre os três líderes mais altos da SS havia, desde 1942, sido definida por competitividade, mesquinha e vaidade. A única coisa que os unia era a lealdade ao Führer.

Himmler e Kaltenbrunner tinham sido informados pelo general Wilhelm Harster, chefe da Polícia SS no norte da Itália, de que Wölff havia se encontrado com Dulles em Zurique no dia 8 de março, mas pareciam desconhecer seu segundo encontro, de 19 de março em Ascona, envolvendo os “conselheiros militares” aliados. Embora Wölff tivesse explicações prontas para seu primeiro encontro com Dulles, o segundo encontro constituía traição por causa da presença de pessoal militar inimigo. À medida que a conversa progrediu, contudo, revelou-se que a principal queixa de Himmler era que Wölff tivesse contactado os aliados sem seu conhecimento e consentimento prévios. Ele manifestou inveja de que seu ex-ajudante tivesse sido tão bem-sucedido ao contactar alguém na alta posição de Dulles. O problema logo se tornou claro: os três homens tinham cada qual seu próprio plano de sobrevivência. Somente um teria sucesso.

Consciente de que Himmler e Kaltenbrunner o estavam criticando por sua iniciativa e sucesso, e confiante de sua boa situação com o Führer, Wölff sugeriu que todos eles se reunissem com Hitler e o informassem do avanço com Dulles. Embora parecesse uma jogada arriscada, Wölff sabia que Himmler, sempre ner voso quando confrontava Hitler, tinha caído em seu desfavor. A jogada funcionou. Himmler e Kaltenbrunner rapidamente apresentaram desculpas, argumentando que uma reunião assim com o Führer seria inoportuna. Pelo momento, Wölff tinha se livrado de suas perguntas.

Durante os dias que se seguiram, a maior ameaça à vida de Wölff se revelou ser a imprudência de Kaltenbrunner na direção. Numa tarde enevoada, em trânsito para um compromisso fora de Berlim, o carro de Kaltenbrunner saiu da estrada para a grama do acostamento e capotou duas vezes. Exceto por ligeiras escoriações, nem Kaltenbrunner nem Wölff se feriram seriamente. Antes de partir de Berlim, em 27 de março, Kaltenbrunner aconselhou Wölff a evitar outros contatos com os americanos. Himmler foi mais direto, ordenando a Wölff que não voltasse a sair da Itália.

Antes de voltar a seu quartel-general na Itália, Wölff fez planos para proteger sua família, transferindo sua segunda esposa, o filho deles e os outros dois filhos dela de uma pequena cidade no Wölfgangsee, a cerca de 32 quilômetros a leste de Salzburgo, para Munique. Ele pretendia levá-los para uma cidade entre Innsbruck e o Passo de Brennero, mais próxima de seu quartel-general na Itália. “Wolffie” testemunhara vezes demais a crueldade de Himmler para ignorar o perigo que seus planos de rendição agora criavam. Ele finalmente chegou à Itália, no dia 29 de março, exausto, mas com pouco tempo para descansar antes de outro encontro crucial, marcado para o final da tarde de 1º de abril, domingo de Páscoa, agora com Vietinghoff, o sucessor de Kesselring na Itália.

Originalmente, Wölff tinha pedido a Dulles “de cinco a sete dias” para tentar obter o

consentimento de Kesselring, mas duas semanas já haviam se passado. No dia 30 de março, Wolff havia providenciado para que intermediários levassem uma mensagem explicando os atrasos adicionais e, mais importante, informando Dulles de que ele tinha obtido o apoio de Kesselring e que se encontraria com Vietinghoff dentro de dois dias. Com alguma sorte, ele esperava voltar a Ascona no dia 2 de abril, talvez trazendo o novo comandante alemão na Itália, Vietinghoff, e o embaixador Rahn, para conhecerem Dulles e os dois conselheiros militares.

A mensagem encorajou os generais Lemnitzer e Airey, que tinham se afastado do esforço de guerra por duas semanas enquanto esperavam o retorno de Wolff. Eles e Dulles ficaram maravilhados com a perseverança de Wolff e sua extraordinária boa sorte. Se esta sorte se mantivesse, uma breve rendição da Alemanha na Itália poderia estar tantalizantemente próxima. Mas na segunda-feira, 2 de abril, os intermediários de Wolff apareceram, mas Wolff não. A reunião com Vietinghoff havia se realizado na tarde anterior, como planejada, mas não antes que Wolff recebesse um telefonema aflitivo de Himmler, aborrecido por Wolff ter tomado a precaução de fazer com que sua família se mudasse. “Isso foi imprudente de sua parte”, Himmler, “e eu tomei a liberdade de corrigir a situação. Sua esposa e seus filhos agora estão sob a minha proteção”. Himmler acrescentou que daria telefonemas periódicos para o quartel-general de Wolff para garantir que ele permanecesse em seu posto – na Itália.

Longe de protegê-los, Himmler tornara reféns os membros da família de Wolff. Ele também acreditava que Himmler pretendia mandar matá-lo se tentasse outra viagem à Suíça. Diante das circunstâncias, Wolff pôde apenas enviar a Dulles uma mensagem explicando por que havia escolhido permanecer em seu quartel-general em Gardone em vez de viajar à Suíça, como fora planejado. Ao receber a notícia, o general Lemnitzer comentou: “Não é tão mau quanto parece.” Mas ele foi o único otimista entre a equipe aliada. Dulles resumiu a opinião da maioria: “Wolff não dissera uma única palavra... sobre o que poderia acontecer a seguir. Tudo o que podíamos fazer agora era enviar-lhe uma mensagem de resposta, reafirmando nosso interesse numa rendição.”

32. Os britânicos tinham seu próprio codinome para a operação “Amanhecer”: “Palavras Cruzadas.”

† Alexander foi promovido a marechal de campo e supremo comandante do quartel-general da Força Aérea Aliada no Mediterrâneo em dezembro de 1944.

33. Os cientistas alemães desenvolveram uma série de armas de longa distância lançadas de terra e conhecidas como Vergetungswaffen (retaliação), que eram chamadas de “bombas voadoras”. Essas bombas, e mais tarde os foguetes, causaram consideráveis perdas em vidas e danos materiais na Inglaterra, onde foram inicialmente empregadas.

CAPÍTULO 24

Complicações

18 DE MARÇO-27 DE ABRIL DE 1945

Enquanto o Generalfeldmarschall Kesselring evacuava as tropas de seu quartel-general militar em Adlerhorst, o Reichsmarschall Göring super visionava o empacotamento final de sua coleção de arte em Carinhall. Dois carregamentos já haviam partido para Veldenstein, na Bavária; de lá, os trens viajariam para Berchtesgaden, onde Göring também tinha uma casa. Alguns itens tiveram que ser deixados para trás, inclusive o corpo de sua amada primeira esposa, Carin, em homenagem a quem a propriedade havia sido batizada. (Göring havia tomado providências para que fosse transferido de seu mausoléu e reenterrado numa floresta próxima.) Querendo privar o Exército Vermelho de espólios tão gloriosos, Göring deixou ordens para que sua casa e o conteúdo restante fossem destruídos quando o inimigo se aproximasse.

Em 28 de março, as obras-primas de Nápoles roubadas de Monte Cassino chegaram a seu destino final – o repositório nazista em Altaussee, na Áustria. Mineiros levaram para o labirinto de túneis milhares de pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, peças de mobília e tapeçarias, muitas destinadas ao Führermuseum, de Hitler.

Dois semanas depois, oito caixotes de madeira pertencentes ao *gauleiter* August Eigruber chegaram em dois carregamentos, cada um pesando 500 quilos, marcados com a advertência ATENÇÃO! – MÁRMORE – NÃO DEIXAR CAIR. Mais uma vez, os mineiros carregaram os novos carregamentos pelas passagens estreitas de túneis, todavia, desta vez, receberam a estranha ordem de espalhar os caixotes pela mina, em vez de colocá-los juntos. Tivessem eles sabido que cada caixote continha uma bomba, não uma escultura em mármore, estas instruções teriam feito sentido. Eigruber – como Wolff, Himmler e Kaltenbrunner – tinha seu próprio plano. Em vez de permitir que as obras caíssem nas mãos do “judaísmo internacional”, ele destruiria a mina de sal e cada obra de valor inestimável armazenada em seu interior.

No dia 3 de abril, Fred Hartt leu a primeira resposta de Cagiati: “Recebemos a seguinte mensagem do campo: ‘Anti declarou ao patriarca de Veneza que as obras de arte em Alto Ádige estão em bom estado. Pediu que fossem trazidas para o Palácio [dos Doges] em Veneza.... Se possível, nos dê alguma indicação das principais obras desaparecidas.’”

O homem de Cagiati pelo menos restringira a localização dos repositórios à região do Alto Ádige. Hartt sabia que, para todos os efeitos práticos, o Alto Ádige era território

alemão – mais de 170 quilômetros ao norte de Florença, mas aninhado ao longo da fronteira austríaca. Embora Cagiati relatasse que as peças estavam “em bom estado”, sua mensagem não dizia nada sobre se estavam em segurança. Mas alguma notícia era melhor do que nenhuma. Hartt prontamente forneceu a Cagiati a lista de objetos desaparecidos.

A mensagem viera do agente de Cagiati, Pietro Ferraro, líder da Resistência com extensos contatos em Veneza. Ferraro inicialmente compartilhara o otimismo do superintendente de Veneza, professor Ferdinando Forlati, que acreditava que os esforços de Carlo Anti em transferir as coleções florentinas para o histórico Palácio dos Doges – por mais de mil anos residência do magistrado chefe da República de Veneza – poderia de fato ter sucesso. Mas Anti insistira com Langsdorff para transferir as obras há oito meses, sem resultado.

No final de fevereiro, Anti havia contactado o superintendente de Milão sobre a transferência das obras para St. Moritz, na Suíça, uma localização próxima aos repositórios, que podia ser alcançada por estradas consideradas seguras de ataques aéreos aliados. A proposta demonstrou ser suficientemente encorajadora para que Langsdorff e outros representantes do Kunstschutz viajassem para Milão em 5 de março para debater a questão; todos concordaram que a transferência para a Suíça era a melhor opção. Contudo, Langsdorff ressaltou: “Uma decisão neste caso é de natureza predominantemente política e só poderia ser tomada pelo Führer e pelo Duce juntos.” E não deu outra; no dia seguinte, Anti soube que a proposta fora recusada.

No dia 4 de abril, Anti escrevera a Langsdorff em uma tentativa de induzi-lo, pela culpa, a dar a custódia das obras aos italianos. “Todos os seus esforços para afastar estas obras-primas dos perigos da zona de batalha... são anulados pela oposição multifacetada contra a nossa custódia direta dos repositórios do Estado italiano.” Anti então oferecia enviar um veículo para transportar as peças. Ele também informou ao dr. Ringler que “o Estado italiano o considerava pessoalmente responsável por qualquer dano aos depósitos em caso de um colapso do exército alemão”.

Em 15 de abril, com o V Exército dos Estados Unidos e o VIII Exército Britânico avançando para o norte, Anti havia exaurido todas as possibilidades. Cagiati recebeu a seguinte notícia desapontadora de seu agente Ferraro: “Os próprios alemães (aqueles que são amigos das artes) temem que estas obras no último minuto venham a ser removidas ou arruinadas na pressa de removê-las pela SS ou pelos [habitantes do Alto Ádige]. Os próprios alemães acreditam que a proposta de enviar... um corpo de guardiães e um superintendente italianos, no momento crucial, não obterá muito resultado contra as forças da SS ou [do Alto Ádige], mas de qualquer maneira isso seria melhor do que nada.”

Com ambos os repositórios a menos de 80 quilômetros da fronteira austríaca, as forças da SS poderiam transportar de caminhão alguns objetos para o norte sem aviso ou destruí-los por raiva. Diante das circunstâncias, Cagiati só podia confirmar que as peças ainda estavam lá e então postar observadores, talvez até resistentes armados, para vigiá-

las até a chegada das forças aliadas. Ele precisava de alguém que pudesse circular sem despertar suspeitas. Talvez um padre?

Cagiati enviou três telegramas urgentes a Don Anelli, pedindo-lhe que fosse para a área de Bolzano o mais rápido possível e então que cobrisse o restante do caminho até os repositórios. Anelli queria ajudar, mas já estava engajado em outra missão da OSS. Sob o codinome “Penitência”, era uma “operação moral”, destinada a criar atritos entre alemães e fascistas com material de propaganda específico. Ele precisaria de assistência para chegar a Bolzano. Exatamente como tinha feito quatro meses antes, Cagiati tomou providências para que Don Anelli fosse levado de avião, desta vez para a área do lago Garda, e lançado de paraquedas sobre o campo tirolês para dar início a essa nova missão.

No dia 12 de abril de 1945, rádios ao redor do mundo transmitiram a notícia. “Interrompemos este programa para trazer um boletim especial da CBS World News. Uma agência de notícias acabou de anunciar que o presidente Roosevelt está morto.” O presidente, que se mantivera no poder por 12 anos e 39 dias, havia morrido de uma maciça hemorragia cerebral enquanto posava para um retrato na “Pequena Casa Branca”, em Warm Springs, na Geórgia. A notícia chocante logo chegou aos líderes no exterior. Escrevendo à primeira-dama, o primeiro-ministro Winston Churchill declarou: “Perdi um amigo querido e uma amizade preciosa, forjada sob o fogo da guerra.” O general Eisenhower concordou: “Duvidávamos que houvesse algum outro indivíduo na América tão experiente quanto em lidar com outros líderes políticos aliados. (...) Fomos nos deitar deprimidos.”

Mas nos bunkers sob a chancelaria do Reich, em Berlim, a notícia foi recebida com júbilo e esperanças renovadas. A sexta-feira 13 pareceu um dia de libertação para os nazistas. “Meu Führer, eu o congratulo! Roosevelt está morto”, exclamou Goebbels. “Está escrito nas estrelas que a segunda metade de abril será o momento da virada decisiva para nós!” Segurando um recorte de jornal, Hitler confrontou Albert Speer, dizendo: “Está aqui, leia! Aqui! Você nunca quis acreditar. Aqui está. Aqui temos o milagre que eu sempre predisse. Quem estava certo? A guerra não está perdida. Leia! Roosevelt está morto! Talvez, afinal, haja desentendimento entre anglo-americanos e soviéticos.”

Numa carta datada de 15 de abril, outro alto líder nazista reagiu à morte do presidente. O destinatário era o chefe da espionagem americana, Allen Dulles, e o remetente era o general da SS, Karl Wolff.

Prezado sr. D.

Por ocasião do falecimento do presidente de quem o senhor era tão próximo e cuja perda deve ter sido dolorosa para o senhor em igual medida, como homem e como membro do governo, gostaria de lhe expressar meu sincero e profundo pesar... Quero lhe garantir,

neste momento doloroso, que me mantenho agora, como antes, convencido de que uma pronta cessação das hostilidades é possível.

As ameaças de Himmler no princípio de abril tinham obtido sucesso em retardar, mas não em deter seu antigo ajudante. Ao longo de três reuniões com Vietinghoff, Wolff havia conquistado o apoio do homem que assumira o cargo de Kesselring como comandante do exército alemão na Itália. Mas Vietinghoff ainda tinha preocupações, em particular quanto a pontos de honra.

Enquanto isso, o outrora poderoso Reich alemão continuava a se desintegrar. Elementos do IX Exército dos Estados Unidos chegaram ao rio Elba em 11 de abril e agora esperavam a menos de 160 quilômetros a oeste de Berlim. Viena caiu frente às tropas soviéticas no dia 13 de abril. Bombardeiros da RAF continuaram a golpear Berlim com seus ataques, todas as noites, enquanto mais de dois milhões e meio de soldados do Exército Vermelho se reuniam a leste da cidade. Himmler sabia que a Alemanha nazista não podia ser salva, mas se manteve confiante de que ele emergiria como uma escolha razoável para unir a Alemanha e forjar uma aliança com os anglo-americanos contra os soviéticos. Mas os esforços independentes de Wolff com Dulles ameaçavam seus planos. No dia 13 de abril, Himmler ordenou que Wolff se apresentasse a ele imediatamente.

Depois de evitar as chamadas telefônicas do líder da SS por dois dias, Wolff decidiu enfrentar Himmler e embarcou em um avião com destino a Berlim. Antes de partir, Wolff enviou mensagem a Dulles, através de um de seus intermediários, informando-o da viagem e de que havia “chance de fazer alguma coisa por todo o povo alemão”. Wolff esperava estar de volta à Itália no máximo em 20 de abril.^[34] Só mais tarde, Dulles ficou sabendo que o intermediário também tinha no bolso um bilhete de Wolff, uma espécie de último testamento, que começava: “Caso eu venha a perder meu comando”, pedindo a Dulles para “... proteger, depois de minha morte, se isso for possível, minhas duas famílias, de modo que não sejam destruídas.” Dulles e seus associados esperavam o pior; Wolff havia feito planos para isso. “Parece que Himmler pode vir a eliminar [Wolff]”, disse Dulles em um cabograma enviado a Washington, “ou tentar usá-lo para ajudá-lo a estabelecer algum contato [com os aliados ocidentais]”.

No dia 17 de abril, Wolff enfrentou uma série de encontros tensos – primeiro com Himmler, depois com Himmler e Kaltenbrunner. Sem que Wolff tivesse conhecimento, Himmler estivera conduzindo negociações secretas com um diplomata sueco, conde Folke Bernadotte. Mesmo assim, sem hesitar, ele acusou Wolff de traição por seus esforços com Dulles; Wolff exigiu que os três altos líderes da SS se reunissem com o Führer para debater sua *entrée* junto aos anglo-americanos. Esta ousada manobra de Wolff, a segunda demonstração de ousadia temerária em menos de um mês, teve o resultado desejado – ou quase. Wolff conseguiu o encontro com o Führer, mas mais uma vez Himmler recuou e ordenou que Kaltenbrunner e Wolff fossem sem ele.

Horas antes do amanhecer de 18 de abril, à medida que os dois homens da SS se

aproximavam do Führerbunker, Wolff fez uma manobra para se proteger, dizendo a Kaltenbrunner que, se ele ousasse apresentar seu encontro com Dulles sob um ponto de vista negativo, Wolff informaria Hitler de que ele havia, três semanas antes, fornecido tanto a Himmler quanto a Kaltenbrunner um relato completo de seu contato com Dulles e que os dois homens tinham escolhido ocultar aquela informação do Führer. Antes de entrar no prédio, Wolff se virou para Kaltenbrunner e falou:

– Se vou ser enforcado, meu lugar no cadafalso será entre você e Himmler.

Wolff e Kaltenbrunner tiveram que esperar enquanto Hitler encerrava uma reunião militar. Depois da conclusão, eles entraram na sala de mapas para o encontro com o Führer e o general da SS Hermann Fegelein. Wolff achou a aparência do líder alemão assustadora. Hitler estava encurvado. Seus olhos estavam cansados e vermelhos, injetados, e sua mão direita tremia incontrolavelmente. Mas o Führer foi direto ao ponto:

– Kaltenbrunner me anunciou que você iniciou negociações na Suíça com o representante de Roosevelt, Dulles. O que fez você pensar em um ato tão enormemente arbitrário?

Wolff apresentou sua melhor defesa, recordando ao Führer que, durante a reunião de 6 de fevereiro, ele havia pedido permissão para fazer sondagens com as potências ocidentais. Tendo feito isso, Wolff o informou de que a porta agora estava aberta. Nem Kaltenbrunner nem Fegelein disseram uma palavra. Hitler pareceu aceitar a explicação de Wolff, embora criticasse sua inabilidade em considerar como tais gestos poderiam se encaixar no quadro muito mais amplo que só ele, o Führer, podia compreender. Precisando de descanso, Hitler informou ao grupo que refletiria mais sobre o assunto, dizendo-lhes para se apresentarem de novo às 5 horas da manhã.

Quando a reunião foi retomada, Hitler parecia um homem diferente, cheio de esperança de que o exército alemão pudesse defender Berlim do inimigo por pelo menos seis ou oito semanas, tempo suficiente para que os aliados ocidentais e os soviéticos se separassem. O Führer ordenou a Wolff que voltasse imediatamente para a Itália e dissesse a Vietinghoff para defender cada centímetro de terreno com o sangue de seus soldados. Wolff não devia fazer mais nada, a não ser manter contato com os poderes ocidentais:

– Eles virão com muitas outras ofertas... rendição incondicional... ridículo!

As palavras finais de Kaltenbrunner para Wolff, no entanto, não refletiam nada desse otimismo:

– Certifique-se de que nenhum prisioneiro civil importante em sua área caia em mãos dos aliados. À medida que os aliados se aproximarem, liquide-os. – Com isso, a reunião acabou. Horas mais tarde, o general Wolff, muito cansado, mas muito sortudo, partiu de uma Berlim às escuras num dos últimos voos para fora da capital alemã durante a guerra.

Ansioso em ter notícias de Wolff, Dulles recebeu, em vez disso, um espantoso telegrama dos chefes do Estado-Maior Conjunto em Washington, formalmente encerrando a Operação Amanhecer. “Por carta datada de hoje, os chefes de Estado-Maior ordenam que a OSS corte todos os contatos com emissários alemães imediatamente.” Depois de seis semanas de atrasos e desculpas, os chefes de Estado-

Maior tinham concluído que o comandante alemão na Itália, Vietinghoff, não tinha nenhuma intenção de se render com suas tropas, “na ocasião, em termos aceitáveis”. O telegrama também mencionava “complicações que surgiram com [os] russos” e estipulava que Dulles considerasse “a questão inteira... como encerrada e que os russos fossem informados”.

A morte do presidente Roosevelt havia privado os aliados ocidentais da pessoa mais hábil para lidar com o astuto líder soviético, Joseph Stalin. Nas semanas que antecederam a morte do presidente, diplomatas soviéticos, que haviam sido prontamente notificados do encontro inicial de Dulles com Wolff, fizeram acusações cada vez mais acriminosas de que os americanos e os britânicos estavam negociando uma rendição secreta das forças alemãs na Itália à custa da União Soviética. A despeito das negativas pelo Ocidente, aquilo era, pelo menos em parte, verdade. Embora representantes soviéticos tivessem formalmente sido convidados a participar de fato de discussões sobre a rendição no quartel-general do general Alexander, em Caserta, tinha-lhes sido negada a oportunidade de enviar conselheiros militares às reuniões, caracterizadas como puramente exploratórias, entre Dulles e Wolff.

No dia 24 de março, a questão se acirrou quando Roosevelt escreveu a Stalin procurando tranquilizá-lo de que embora os encontros com Wolff fossem prosseguir, eles não seriam de forma alguma uma “violação de nosso princípio já acordado de rendição incondicional”. Depois de recriminações para lá e para cá, Roosevelt encerrou a questão amavelmente com um bilhete a Stalin, enviado na manhã de sua morte, em que expressava seu apreço “pela franca explicação do ponto de vista soviético sobre o incidente de Berna [encontros da OSS com Wolff], que agora parece ter desaparecido no passado sem ter concretizado nenhum propósito útil”. Mesmo assim, as “discussões” de Dulles com Wolff prosseguiram com a aprovação tácita de Roosevelt. Mas seu sucessor, Harry Truman, era de opinião diferente. Mais simpático às preocupações de Stalin, Truman, com o consentimento de Churchill, pôs fim à Operação Amanhecer.

Desconhecendo a mudança de posição dos aliados ocidentais, Wolff, seu ajudante de ordens (major Wénner) e o representante designado de Vietinghoff (tenente-coronel Viktor von Schweinitz) chegaram a Lucerna, Suíça, em 23 de abril, prontos para dar andamento à rendição. Seu súbito aparecimento apanhou Dulles de surpresa, que primeiro contactou o general Alexander, que por sua vez enviou um cabograma para os chefes do Estado-Maior, pedindo a reconsideração das instruções enviadas no cabograma de 20 de abril. Ele então explicou a situação a Wáibel, que teve a tarefa desagradável de explicar a Wolff que os atrasos alemães tinham levantado suspeitas em Washington e Londres. Pelo menos naquele momento outras discussões sobre a rendição não eram possíveis. Wolff e seu grupo foram encorajados a ficar na Suíça, na esperança, tal como Dulles, de uma mudança de posição por parte dos chefes do Estado-Maior.

Em 25 de abril, soldados americanos e tropas do Exército Vermelho tinham se reunido no rio Elba. Percebendo que o momento da liberação se aproximava, os

resistentes do norte da Itália saíram de seus esconderijos e começaram a circular em bandos armados. Mais uma vez, Himmler contactou Wölff, enviando um telegrama onde se lia: “É mais essencial do que nunca que o front italiano resista e se mantenha intacto. Nenhuma negociação de qualquer tipo deve ser feita.” Três dias depois, vazou a notícia de que Himmler estivera mantendo encontros com o conde Bernadotte na cidade de Lübeck, no norte da Alemanha, esperando que o diplomata sueco conseguisse uma apresentação a Eisenhower que permitisse a Himmler fazer a rendição das forças alemãs no Ocidente. Mais tarde Waibel disse a Dulles que, ao receber a mensagem, Wölff apenas “deu de ombros e comentou que o que Himmler tinha a dizer não fazia mais nenhuma diferença”.

Consciente da ameaça imposta pelos resistentes, Wölff enviou um recado a Dulles avisando que precisava voltar para seu quartel-general na Itália enquanto ainda pudesse. O designado de Viettinghoff, Schweinitz, ficaria na Suíça com o major Wenner. Cada um dos oficiais tinha autorização para rever e executar os documentos de rendição em Caserta, caso a oportunidade se apresentasse.

Wölff também informou a Dulles que havia convencido o *gauleiter* Hofer a aceitar seu plano. Mas a verdade era mais complicada. Sabendo que os aliados nunca concordariam com uma rendição condicional, muito menos nos termos de Hofer, Wölff deliberadamente evitara dizer-lhe que seu plano exigia uma rendição incondicional. A aceitação de Hofer tinha vindo com condições destinadas a manter sua autonomia, inclusive a noção delirante de que não haveria nenhuma “ocupação da região alpina por tropas aliadas”. Wölff não revelou isso a Dulles.

Antes de partir, Wölff completou uma carta manuscrita de quatro páginas para seus dois principais intermediários suíços, o professor Max Humman e o chefe da Inteligência Max Waibel, mas de fato destinada a Dulles. O chefe da espionagem americano tinha, em numerosas ocasiões, garantido a Washington que nenhum trato ou incentivo havia sido oferecido a Wölff, e que ele não havia “participado de quaisquer negociações, que meramente tinha ouvido a proposta [de Wölff]”. A carta de Wölff sugeria que não era bem assim. “O senhor conhece as incríveis dificuldades contra as quais lutei repetidas vezes”, começava a carta de Wölff. “Mesmo se não obtive sucesso em iniciar e concluir nossas negociações no princípio dessa luta sangrenta, ainda assim hoje estou agindo confidencialmente, de acordo com a linha das discussões que tive com o senhor e os representantes dos aliados.”

A terceira e quarta páginas apresentavam uma lista de bens pessoais com a anotação “Para se possível ficar com Wölff”, e a localização de sua família. “Famílias SS (esposa e filhos) em lago Tegernsee, a 50 quilômetros ao sul de Munique (esposa divorciada + 4 filhos Wölff *et al.*).” Abaixo do cabeçalho intitulado “Proteção Preferencial e Imediata dos Seguintes Prédios”, estavam os nomes e endereços de três prédios sob o controle de Wölff. O Palazzo Reale, em Bolzano, que lhe servia como novo quartel-general e também como depósito para a “coleção intocada do rei da Itália”, tirada do Palácio Quirinal durante a retirada alemã, e barras de ouro e metais preciosos pertencentes ao

tesouro real. Os outros dois prédios, ambos na região do Alto Ádige, abrigavam os tesouros florentinos. “Um contém aproximadamente 300 pinturas mundialmente famosas do Uffizi, Florença, salvas de castelos que estavam sob fogo pesado nas proximidades da cidade.” O outro abrigava “aproximadamente 300 pinturas a óleo, bem como... esculturas internacionalmente famosas”. Sem deixar nada entregue ao acaso, Wólff providenciou para que Langsdorff reunisse um grupo de homens, inclusive dois membros do Kunstschutz, e os enviasse de carro aos dois repositórios para protegê-los “contra resistentes e saques”.

Wólff chegou ao posto de comando da SS, localizado numa *villa* em Cernobbio, no lago Como, no final da tarde de 25 de abril. Durante as horas do princípio da manhã de 26 de abril, resistentes cercaram a *villa* ameaçando Wólff e os outros oficiais em seu interior. Quando Max Waibel recebeu essa notícia de um de seus agentes, ele e Gaevernitz se dirigiram para Chiasso, esperando manter tanto Wólff quanto a Operação Amanhecer vivos. O esforço de Gaevernitz de sair em auxílio de Wólff era uma clara violação à ordem dos chefes do Estado-Maior banindo qualquer contato com Wólff, mas nem Gaevernitz, nem Waibel nem Dulles estavam dispostos a deixar Wólff entregue à fúria dos resistentes italianos.

Depois de tensas negociações com os resistentes, evitando por pouco uma batalha armada, Waibel e Gaevernitz retiraram e levaram de carro para Lugano o general da SS agradecido; Waibel acompanhou Wólff até a fronteira suíço-austriaca, chegando na manhã de 27 de abril. Lá ficaram sabendo que Dulles acabara de receber uma mensagem de TRIPLA PRIORIDADE de Washington. Os chefes do Estado-Maior Conjunto haviam revertido suas instruções anteriores de “interromper” a Operação Amanhecer. Dulles agora tinha autorização para tomar providências imediatas para que os dois representantes de Wólff fossem levados de avião a Caserta para assinar o documento de rendição.

Em meados de abril, Don Guido Anelli fez contato com amigos de confiança na área do Alto Ádige, que confirmaram a presença das obras de arte em cada uma das duas localidades. Então ele providenciou para que houvesse vigilância no local por patriotas de confiança entre a “população italiana de modo a proteger [as obras de arte] contra qualquer possível sabotagem dos pertencentes à minoria étnica”. Anelli também recrutou um companheiro padre da Cruz Vermelha italiana, em Bolzano, e lhe atribuiu a tarefa de organizar guias que, à primeira aparição de soldados aliados, os levassem até os repositórios.

Com o princípio da ofensiva aliada de primavera, Deane Keller seguiu para o norte, para Bolonha, acompanhado pelo oficial da Monuments Teddy Croft-Murray. Eles entraram na cidade na noite de sua liberação, 21 de abril. O percurso de 107 quilômetros levou oito horas, uma vez que o tráfego se arrastava por estradas às escuras,

engarrafadas de veículos.

A calma relativa dos três meses de inverno em Florença havia esmaecido suas recordações da carnificina da guerra. A entrada em Bolonha, em chamas e em ruínas, rapidamente pôs as coisas novamente em foco. Keller escreveu aos pais, descrevendo a cena de “... morte, miséria, ruína – Cristo! Enquanto entrávamos na cidade, tarde da noite vimos casas em chamas, minas explodidas por engenheiros, cheiro de morte, animais mortos, um par de soldados alemães, um partido em dois pedaços, o outro sem cabeça. Eu não sou mórbido, mas isso é o que os metidos a bonzinhos deveriam ver”.

Em Bolonha, Keller conheceu um sargento de 23 anos, com cara de menino, chamado Bill Mauldin. Era um colega desenhista e cartunista, com idade para ser seu filho. “Que sorte tê-lo encontrado. Eu realmente respeito a cabeça e a mão daquele garoto. Que grande dom. Todos os velhos mestres teriam visto e admirado o trabalho dele. É AMERICANO LEGÍTIMO.” Keller e Mauldin tinham outra coisa em comum: ambos tinham filho pequeno. Mas Mauldin não chegara a conhecer o dele; só vira o menino por fotografia.

Keller logo partiu de Bolonha a fim de inspecionar a libertação de outras cidades pelo V Exército. Croft-Murray ficou e começou a coletar informações com os superintendentes de arte, em particular o dr. Pietro Zampetti, diretor de galerias em Módena. De particular interesse eram os acontecimentos do verão anterior, quando caminhões carregados com os tesouros florentinos haviam passado por Marano sur Panaro a caminho do norte da Itália. Zampetti soubera desde então que tudo que os alemães haviam retirado dos repositórios de Florença podia ser encontrado em dois pequenos vilarejos no Alto Ádige: Campo Tures e San Leonardo.

A menção desses dois nomes eletrizou Croft-Murray. Ele imediatamente transcreveu suas anotações – como em seus dias iniciais na Sicília, ainda estava sem máquina de escrever – e as despachou para o diretor adjunto do MFAA, John Bryan Ward-Perkins, em Florença no dia 27 de abril. Nenhum dos Monuments Men sabia que o superintendente florentino Giovanni Poggi tinha conhecimento das localizações de ambos os repositórios há meses, mas havia decidido não lhes contar. De fato, Poggi deliberadamente havia enganado Fred Hartt.

Cinco meses antes, Poggi vira a carta de 15 de novembro de 1944 do secretário de estado do Vaticano, Giovanni Montini, para o cardeal Elia Dalla Costa, identificando um local chamado “Neumelans in Sand” como um dos repositórios secretos dos tesouros florentinos. Poggi relatou apenas esta parte da carta a Hartt, dizendo a ele que tal lugar não existia. De fato, Hartt não conseguiu encontrar nenhuma cidade com aquele nome em qualquer mapa. Mas, se Hartt tivesse ele próprio visto a carta, teria sabido que Montini havia equivocadamente misturado o nome do castelo onde as obras estavam armazenadas (Castelo Neumelans) com uma parte do nome alemão da cidade italiana na qual o castelo ficava situado (Sand in Taufers). Em consequência, “Neumelands in Sand” devia ter sido “o castelo de Neumelands na cidade de Sand in Taufers”. Contudo, não querendo arriscar nada, Montini também havia incluído o nome italiano do local:

“Campo Tures.” Tivesse Poggi fornecido esta informação a Hartt, os americanos o teriam encontrado com facilidade em um mapa. Mas por motivos só conhecidos por Poggi ele não relatou. Ao deliberadamente esconder o nome do local, ele prolongou um dos grandes mistérios da guerra na Itália.

34. Durante seu segundo encontro, Wolff concordou em permitir a Dulles colocar um espião – um operador de rádio de 20 anos, chamado Venceslav Hradecky, conhecido como “Little Wally”, dentro do prédio de contraespionagem da SS em Milão e mais tarde no quartel-general de Wolff, em Bolzano. Hradecky, cidadão tcheco que havia sido preso em Praga, em 1939, e mantido prisioneiro pelos alemães em Dachau antes de escapar, forneceu um meio de comunicação vital para Wolff com Dulles e mais tarde com o quartel-general das forças aliadas em Caserta.

CAPÍTULO 25

Rendição

27 DE ABRIL–2 DE MAIO DE 1945

No dia 27 de abril, enquanto o general Wólf tentava atravessar a fronteira austríaca de volta à Itália, Benito Mussolini procurava um meio de escapar. Dois dias antes, o outrora feroz ditador, temeroso de ser encontrado e novamente capturado, partiu de Milão e percorreu de carro a pequena distância até a cidade de Como, à beira do lago do mesmo nome. Depois de se despedir da esposa, ele e seu séquito consideraram a possibilidade de fazer a travessia para a Suíça, mas a área já estava sob controle da Resistência; eles não podiam mais avançar. Uma segunda tentativa falhou quando os resistentes reconheceram o Duce, usando casaco e capacete alemães, e o retiraram do veículo.

Mussolini inicialmente ficou detido na cidade de Dongo. Depois de uma breve reunião com sua amante, Clara Petacci, ambos foram fuzilados. Quinze outras pessoas, principalmente figuras proeminentes do regime fascista, também foram feitas prisioneiras e executadas. Um caminhão levou os corpos para Milão, onde foram despejados na Piazzale Loreto, às 3 da manhã, de 29 de abril. Numa pavorosa cena de vingança, os corpos crivados de balas do outrora adorado Duce e dos demais foram pendurados de cabeça para baixo nas vigas de um posto de gasolina Esso.

Ao meio-dia do dia 28 de abril, o coronel Schweinitz e o major Wénner, cada um levando uma autorização escrita de rendição das tropas de Vietinghoff e de Wólf, embarcaram no avião C-47 luxuosamente equipado do general Alexander, em Anney, na França, e partiram para o quartel-general das Forças Aliadas em Caserta, na Itália. O primeiro encontro oficial teve início às seis da tarde, com a apresentação do documento oficial de rendição. Horas depois, eles voltaram para uma segunda reunião, que incluiu um representante soviético, major-general Kislenko, para apresentar objeções e buscar esclarecimentos. Enquanto Wénner parecia pronto a assinar o documento conforme apresentado, Schweinitz objetou a que tropas da Wehrmacht fossem internadas em campos de prisioneiros de guerra em vez de serem imediatamente desmobilizadas e receberem permissão para voltar para casa. Esta tinha sido uma das condições de Vietinghoff. Schweinitz se sentia obrigado a defendê-la.

Durante a manhã de 29 de abril, dando-se conta de que não havia tempo suficiente para consultar seu comandante, Schweinitz aquiesceu. As discussões então se concentraram no método apropriado e no período de tempo necessário para comunicar às tropas nas frentes de combate sobre o aviso da rendição. As partes concordaram que as hostilidades na Itália cessariam às duas da tarde de 2 de maio (12 horas, no horário de Greenwich), 72 horas depois da assinatura do documento formal. Nenhum anúncio da

rendição ocorreria até então. Depois de uma cerimônia que durou apenas 17 minutos, os aliados tinham em mãos um documento assinado que começava com as seguintes palavras: “O comandante em chefe da frente ocidental (OB West), por meio deste documento, efetua a rendição incondicional de todas as forças sob seu comando ou controle...” Pelo menos no papel, a guerra na Itália acabaria dentro de três dias.

Para que a rendição tivesse efeito, Vietinghoff e Wolff teriam que informar suas tropas e ordenar-lhes que cessassem fogo no prazo estipulado de duas da tarde de 2 de maio ou antes. Até que os aliados recebessem a confirmação de que Vietinghoff e Wolff haviam emitido a ordem de cessar-fogo a suas tropas – um processo que não podia começar antes que Schweinitz e Wenner voltassem para Bolzano e lhes apresentassem o documento de rendição assinado – os combates continuariam. Atrasos imprevistos no retorno para a Suíça consumiram quase 10 das 72 horas. Quando afinal eles partiram de Berna para Bolzano, era quase uma hora da manhã de 30 de abril. Mais tarde naquela manhã, eles chegaram à fronteira suíço-austriaca, apenas para descobrir que estava fechada.

Mas um problema ainda maior assomava. Naquela mesma manhã, enquanto Allen Dulles pedia a seus contatos no governo suíço para obter passagem para os representantes alemães, Kesselring, que dois dias antes havia visto seu poder se expandir, passando a incluir o comando de todas as tropas alemãs na Itália, emitiu ordens exonerando Vietinghoff e o general Hans Röttinger, ex-chefe do Estado-Maior de Kesselring, de seus postos. Ambos os oficiais receberam ordens de se apresentar imediatamente a um posto de comando secreto do exército no lago Karer, na região de Alto Ádige, para serem julgados por corte marcial. Os documentos da rendição agora tinham as assinaturas de oficiais sem nenhuma autoridade. O fato de que Kesselring tivesse conhecimento do documento de Caserta e agisse tão rapidamente indicava que alguém agressivamente tentava sabotar os esforços para a rendição de Wolff. Mas quem?

Quatro dias antes, no dia 26 de abril, por ordens de Vietinghoff, o coronel da SS Eugen Dollmann, viajara até o quartel-general de Kesselring para buscar o consentimento final para o plano de rendição de Wolff. Embora o comando de Kesselring ainda não incluísse a Itália, o sempre cuidadoso Vietinghoff esperava obter sua aprovação. No caminho, Dollmann parou em Innsbruck para jantar com o *gauleiter* Hofer. Lá ele soube que o inimigo de Wolff, Kaltenbrunner, afirmava estar negociando com os aliados seu próprio plano para a rendição da Áustria, algo que beneficiaria seu conterrâneo Hofer.

Mais más notícias aguardavam a chegada de Dollmann no quartel-general de Kesselring. O Führer se preparava para expandir os grupos do exército sob o comando de Kesselring de modo a incluir a Itália. Não querendo desfazer o plano de Wolff, e percebendo que Kesselring “estava muito nervoso com tudo aquilo,” Dollmann deliberadamente evitou dizer a Kesselring que o comandante anterior na Itália dera

poderes a seu representante, Schweinitz, para acabar com a guerra no país. Antes de partir, Dollmann perguntou a Kesselring: “O que o senhor fará, que resposta dará ao povo alemão, se no momento crítico eles apelarem para seu sentido de responsabilidade?” “Você pode ficar certo”, respondeu Kesselring, “de que, em tal situação, colocarei tudo o que tenho e estou à disposição deles.” Da perspectiva de Dollmann, eles já estavam “no momento crítico”, de modo que a resposta de Kesselring só podia ser interpretada como uma indicação de apoio ao plano de Wölff. Mesmo assim, a resposta que Dollmann buscava fora obtida por meio de uma omissão deliberada. Kesselring acreditava que havia respondido honrosamente e que estava sendo consistente com o que dissera anteriormente a Wölff, em Bad Nauheim.

Talvez alertado pela pergunta de Dollmann, Kesselring fez acertos para ter um encontro com Vietinghoff no dia seguinte, na casa da fazenda do *gauleiter* Hofer, perto de Innsbruck. O embaixador Rudolf Rahn e Hofer também compareceram. E Wölff também teria ido se não tivesse sido retardado pelo problema que tivera com os resistentes. Sua ausência significava que não havia nenhum meio para os que estavam lá saberem que, horas antes, com o cancelamento da suspensão da Operação Amanhecer pelos chefes do Estado-Maior Conjunto, os acontecimentos tinham sido postos irrevogavelmente em marcha.

Depois de ouvir a apresentação de Vietinghoff da situação militar na Itália – era sombria – Kesselring recordou a todos de seus deveres. “Como soldados, nós [temos] que obedecer ordens. Estas [proíbem] a capitulação a menos que [possamos] conscienciosamente dizer que não [existe] outra saída.” Kesselring acreditava que embora uma rendição precoce pudesse salvar a vida de muitos na Itália, isso seria à custa de dezenas de milhares de soldados alemães em combate nos fronts oriental e ocidental. Enquanto restasse esperança em outros lugares – não importava quão remota –, as tropas alemãs na Itália tinham que continuar lutando. Por este motivo, Kesselring não apoiaria ação independente nem aceitaria rendição incondicional enquanto o Führer estivesse vivo.

As palavras de Kesselring deixaram Vietinghoff nervoso. Ao deixarem a casa de Hofer, Vietinghoff e Rahn pararam na cidade de Merano para uma breve discussão sobre aquele novo problema com Röttiger e Dollmann. Os dois generais – Vietinghoff e Röttiger – começaram a gritar um com o outro. Vietinghoff manifestou sua crença “de que não poderia mais levar a cabo a rendição”. Cansado de ouvir Vietinghoff falar incessantemente sobre o dever do soldado e a lealdade ao Führer, Röttiger partiu para o ataque, dizendo a Vietinghoff que suas palavras sobre “honra e lealdade e coisas semelhantes não vão convencer ninguém quando [é] evidente que a causa do problema [é] uma total falta de coragem pessoal”. Os dois homens haviam sido aliados no esforço pela rendição, mas o estresse das negociações, ao mesmo tempo, traiçoeiras e patrióticas, os havia virado um contra o outro.

Wölff só chegou a Bolzano por volta da meia-noite do dia 27 de abril, otimista de que seu plano de rendição estava finalmente à beira do sucesso. Às duas da manhã de 28

de abril, ele teve uma reunião no escritório de Hofer com Rahn, Röttiger, Dollmann, Vietinghoff e o *gauleiter* para pô-los a par do que havia acontecido na Suíça, com Dulles. Wolff disse ao grupo que haviam agido bem a tempo: Schweinnitz e Wenner estavam a caminho de Caserta. Com alguma sorte, o documento de rendição seria assinado ao final do dia seguinte, 29 de abril. Sua demora em não agirem antes e os novos e maiores avanços dos aliados no campo de batalha significavam que, nos termos da negociação, nada além de “rendição incondicional” fora possível.

Hofer ficou enfurecido. Ainda presumindo que Wolff tivesse apresentado a Dulles sua lista de condições e afirmando que aquela era a primeira vez que ouvia falar de rendição incondicional, Hofer insistiu que o embaixador Rhan partisse imediatamente para Caserta para participar das negociações e conseguir “uma solução construtiva”. Determinado a manter o controle de sua província, Hofer exigiu ser posto no controle das forças militares no Alto Ádige, outra sugestão absurda. Quando todos os presentes a rejeitaram de imediato, o *gauleiter* se retirou da reunião furioso.

No dia seguinte, Hofer falou com o general Röttiger por telefone para mais uma vez manifestar seu veemente desacordo com o conceito de “rendição incondicional”. Então, ele berrou: “Estão passando por cima de mim! Eu me recuso a ter qualquer participação com estes planos. Por que você não luta em vez de negociar?” Hofer também conseguiu entrar em contato com Kesselring para relatar detalhes pinçados das informações passadas por Wolff na reunião das duas da manhã, em particular a recusa dos aliados em negociar. Hofer instigou Kesselring a agir ao informá-lo de que, talvez dentro de horas, o plano de Wolff resultaria na “rendição incondicional” de todas as forças alemãs na Itália. Naquela tarde Kesselring telefonou a seu ex-chefe de gabinete, repreendendo Röttiger: “Lute – não pense em negociar.”

A repetição por Kesselring, quase que das exatas palavras de Hofer, confirmou a Röttiger que o *gauleiter* era o sabotador. Wolff havia se recusado a acreditar até que Kesselring destituiu Vietinghoff e Röttiger. Lutando para proteger seu território e seu poder, Hofer soube jogar bem as cartas, talvez bem o suficiente para sabotar a rendição. E por que não o faria? O plano de rendição incondicional de Wolff não lhe oferecia nada. Wolff também tinha outra preocupação: Kesselring havia informado os líderes da SS em Berlim de suas ações, o que significava que seu adversário – e aliado de Hofer – Ernst Kaltenbrunner cuidaria do caso.

Vietinghoff obedeceu às ordens de Kesselring e, como Wolff observou, “desapareceu – sua coragem completamente esgotada”. Röttiger ficou para trás, na esperança de que Wolff e ele pudessem encontrar uma solução. Em Berna, Dulles havia escrito para Washington relatando: “Kaltenbrunner agora está tentando salvar a própria pele ao jogar a carta da capitulação austríaca supostamente para impedir o estabelecimento do [Reduto Alpino].” A janela de tempo de 72 horas para notificar as tropas alemãs do cessar-fogo havia se reduzido a 48 horas. Seria preciso uma ação ousada para salvar a rendição enquanto ainda havia tempo.

No final da tarde de 30 de abril, Dulles conseguiu o consentimento das autoridades suíças para que Schweinitz e Wenner retomassem viagem, atravessando a fronteira austríaca para seguir para Bolzano. Embora o atraso consumisse horas preciosas, forneceu tempo a Wölff para enviar-lhes uma mensagem urgente. Tendo acabado de saber da exoneração de Vietinghoff e Röttiger, Wölff previu que a Gestapo, agindo por ordens de Kaltenbrunner, os prenderia quando eles passassem por Innsbruck. Wölff os instruiu a evitarem Innsbruck e entrarem na Itália pelo Passo Reschen. Isso acrescentaria horas à viagem, mas era a única rota segura.

Schweinitz e Wenner finalmente chegaram ao quartel-general de Wölff, em Bolzano, por volta das 12:30 no dia 1º de maio. Metade do tempo destinado à implementação do cessar-fogo havia sido consumida pela viagem de Caserta; restavam apenas 36 horas. Os substitutos de Vietinghoff e de Röttiger – generais Schulz e Wentzell – haviam chegado no dia anterior, jurando não tomar qualquer iniciativa em prol do cessar-fogo sem ordens diretas de Kesselring. Todos os caminhos para apelo pela cadeia de comando alemã estavam fechados.

Wölff e Röttiger decidiram pôr em ação um plano desesperado. Por volta das 7 da manhã do dia 1º de maio, Röttiger ordenou que um destacamento de polícia militar sob o controle das forças da SS de Wölff bloqueasse a entrada para o quartel-general do exército alemão, localizado na periferia da cidade de Bolzano, e prendesse todo mundo dentro dele, inclusive Schulz e Wentzell. Röttiger então nomeou a si mesmo comandante do Grupo C do Exército (forças alemãs na Itália) e, esperando evitar alguns dos erros cometidos por Stauffenberg e seus colegas conspiradores, imediatamente cortou todas as comunicações com a Alemanha. Com a ação de Röttiger, o quartel-general do exército alemão em Bolzano se tornou um mundo isolado.

Os eventos que se seguiram só fizeram sentido no clima de exaustão e extremo estresse que acompanhou aquelas horas finais. Como comandante autônomo das forças alemãs na Itália, Röttiger convocou uma reunião dos comandantes subordinados para explicar o que havia feito. Mas os compatriotas de Röttiger não estavam dispostos a apoiar gestos que consideravam ilegais e traição. Abalado por seu fracasso e preocupado com as consequências de suas ações, Röttiger ameaçou se suicidar. Ao ouvir a notícia, Wölff saiu correndo de seu quartel-general próximo para “impedir [que Röttiger] estourasse os miolos”. Wölff então propôs a Röttiger uma outra linha de ação: por que não tentar persuadir os generais substitutos de Kesselring – Schulz e Wentzell – a apoiar a rendição? Sem contato com Kesselring, sob guarda armada e sabendo do fato que a guerra estava perdida, com certeza eles veriam que a rendição era o melhor para os interesses da Alemanha.

Wölff, o vendedor, se pôs a trabalhar, explicando aos generais substitutos o histórico do que havia acontecido e por quê, enquanto ao mesmo tempo lhes pedia que apoiassem a rendição. Depois que conseguiu convencê-los a reconsiderar sua oposição, os ânimos

começaram a esfriar. Röttiger até se desculpou com os generais substitutos por ter-lhes dado voz de prisão, e eles aceitaram. Röttiger então restaurou as comunicações com o mundo exterior e concordou em transferir de volta para Schulz o controle do Grupo C do exército de modo a permitir-lhe ordenar o cessar-fogo.

Às seis da tarde, apenas 20 horas antes do prazo final, os generais Wolff e Röttiger, em companhia de Schulz, Wentzell e vários comandantes subordinados e oficiais do Estado-Maior, inclusive Dollmann, se reuniram para mais um debate da questão. Uma maioria rapidamente emergiu. Continuar combatendo seria inútil; prolongar a luta só resultaria em mais baixas alemãs. Schulz moderou sua posição e concordou em submeter a questão, inclusive a opinião da maioria, a Kesselring para uma decisão final. Infelizmente, contudo, quando Schulz e Wolff tentaram entrar em contato com Kesselring, foram informados de que ele estava fora de seu quartel-general.

Às nove e meia da noite, Wolff recebeu um telegrama secreto do marechal de campo Harold Alexander pedindo confirmação do acordo de rendição e de que a hora acordada para o cessar-fogo seria respeitada. Com Kesselring ainda fora de contato, Wolff só pôde responder que a resposta seria enviada em uma hora. Mesmo isso era pura especulação. Depois de fazerem outra ligação para o quartel-general de Kesselring, os generais foram informados de que o Generalfeldmarschal estava inspecionando o que restava de suas tropas e que não voltaria antes da meia-noite.

Durante as horas que se seguiram, todos fizeram uma pausa para comer. Com a chegada de salsichas quentes com mostarda, as barreiras separando os que eram “a favor” da rendição e aqueles “contra” desapareceram. A camaradagem ressurgiu e, com ela, um avanço. Um dos comandantes subordinados, anteriormente contrário à rendição, cedeu e instruiu seu ajudante de ordens a notificar as tropas do cessar-fogo. Em ordem sucessiva, a maioria dos outros generais – mas não todos – fez o mesmo.

Aliviado de que o impasse tivesse sido rompido e de que um consenso em favor da rendição estivesse ganhando força, Wolff enviou uma segunda mensagem para Alexander por volta das 11:15 da noite, informando-lhe que a rendição avançava pelo acordo entre os comandantes de unidade do Grupo C do exército individualmente. A ausência do consentimento abrangente de Kesselring tornava a solução confusa, mas o resultado final seria o mesmo; às 14h do dia seguinte, 2 de maio, a guerra na Itália acabaria.

Notícias espantosas chegaram momentos depois. “Foi comunicado pelo quartel-general de nosso Führer que, combatendo até o último alento contra o bolchevismo, Adolf Hitler tombou pela Alemanha esta tarde, em seu quartel-general operacional na Chancelaria do Reich.” O locutor da Reichssender Hamburg apresentou o sucessor de Hitler, o almirante cinco estrelas Karl Dönitz, que solenemente declarou: “Ao final de sua luta... ele morreu como herói na capital do Reich alemão. (...) Minha primeira tarefa é salvar o povo alemão do aniquilamento, do avanço do bolchevismo. As forças militares da Alemanha continuarão combatendo com esse único objetivo. Enquanto os ingleses e americanos nos obrigarem a manter esse propósito, lutaremos contra eles também.”

Os que estavam reunidos no quartel-general do exército alemão em Bolzano

“deixaram escapar um suspiro de alívio”, relatou Wólf mais tarde. “Havia lágrimas em nossos olhos, porque, depois de todas as dificuldades pelas quais tínhamos passado e de toda a luta que tivéramos que travar com tanta gente, o destino fora gentil conosco e... havia removido o último obstáculo. Wólf e os outros generais sabiam que o fim estava próximo, com ou sem rendição. Tudo o que importava agora eram os termos. Mais atrasos apenas solapariam a motivação dos aliados em negociar uma rendição. Ironicamente, a morte de Hitler ofereceu ao grupo a salvação. Livre de seu juramento ao Führer, Kesselring certamente endossaria o plano de Wólf.

Eles estavam enganados. “Uma mensagem do quartel-general de Kesselring: ‘Não, está fora de questão... a luta continua.’” Schulz apoiou Kesselring, dizendo a Wólf: “Ainda sou o supremo comandante neste lugar. Se você escolher seguir seu próprio caminho, muito bem; mas a responsabilidade será toda sua; e, pelo amor de Deus, não espere que eu faça o mesmo.” Desconfiando que ele e seus companheiros generais estavam mais uma vez correndo o risco de ser presos, Wólf instou aqueles que ainda apoiavam a rendição a deixarem o quartel-general do Grupo C do exército e retornarem a seus próprios postos de comando ou onde quer que se sentissem mais seguros. Wólf partiu para o quartel-general da SS no Palazzo Reale, a alguns quarteirões de distância. Röttiger, “que, debaixo de chuva, tinha vindo a pé sem chapéu e sem casaco, mais tarde também chegou completamente encharcado”. Depois de dias sem dormir, a exaustão de ambos os homens foi temporariamente amenizada por uma tardia refeição ligeira e vinho frisante.

Em algum momento depois da meia-noite, novas ordens chegaram, menos de 14 horas antes do prazo final do cessar-fogo. O general Max Pohl, chefe da Luftwaffe na Itália, um dos primeiros defensores da rendição, deveria ser preso imediatamente. À 1:15, o general substituto Schutz recebeu ordens adicionais de prisão para Vietinghoff (uma precaução, caso ainda não tivesse sido feita), Röttiger, Schweinitz e outros. Quinze minutos depois, “tendo em vista o perigo que os ameaçava”, sete tanques da SS e 250 homens das unidades especiais de Wólf estabeleceram um perímetro protetor dentro do complexo da SS.

Às duas da manhã “à medida que a agitação crescia até atingir um nível febril, com nossa bagagem de emergência esperando no corredor, preparada e pronta para a fuga”, Kesselring telefonou para Wólf e descarregou nele sua raiva e frustração por seguir adiante com seu plano, sabendo o tempo todo que os termos seriam de rendição incondicional. Respondendo com suas razões por ter consumado o plano, Wólf pediu a Kesselring que o investisse com a autoridade de sua posição. A discussão passional entre os dois homens, “numa ligação telefônica de péssima qualidade” com “todas as extensões telefônicas” no prédio do quartel-general da SS ouvindo, se prolongou por duas horas.

“Não é apenas uma capitulação militar para evitar mais destruição e derramamento de sangue”, afirmou Wólf a Kesselring. “Um cessar-fogo dará aos anglo-americanos a possibilidade de deter o avanço dos russos para oeste, de conter a ameaça das forças de Tito tomarem Trieste e de um levante comunista, que tentará criar uma república soviética

no norte da Itália.” Kesselring não discordou, mas sua preocupação imediata estava nas centenas de milhares de soldados alemães que “se sentiriam desertados e traídos, fadados a um destino impiedoso”. Cada hora que se passava comprava tempo para eles escaparem da vingança dos soldados do Exército Vermelho rendendo-se às tropas britânicas e americanas. Wölf frisou que a morte do Führer libertava Kesselring de seu juramento. “É nosso dever nos recusarmos a transferir este juramento para qualquer outra pessoa. De todo modo, nenhum juramento de lealdade pessoal é transferível.” Mas para Kesselring não se tratava mais de uma questão de juramento ao Führer; suas preocupações estavam centradas nos companheiros soldados que exigiam que eles “lutassem até o mais amargo fim”.

Às quatro da manhã, Kesselring encerrou a chamada, dizendo a Wölf que refletiria sobre o assunto por meia hora e voltaria a ligar. Cumprindo sua palavra, Kesselring ligou para o general Schultz, que então telefonou para Wölf para informá-lo de que Kesselring havia concordado em endossar a rendição e honrar o prazo final de duas da tarde para o cessar-fogo, para o qual faltavam pouco mais de nove horas. Todas as ordens de prisão haviam sido revogadas. A pedido do embaixador Rahn, e ignorando a objeção e o desagrado de muitos de seus companheiros oficiais, Kesselring reconduziu Vietinghoff ao cargo para manter a integridade do processo de rendição. Nas horas que se seguiram, rádios de campanha transmitiram instruções para as tropas alemãs deporem armas; a guerra na Itália havia chegado ao fim.

CAPÍTULO 26

A corrida

2 DE MAIO-18 DE MAIO DE 1945

No dia 2 de maio, no momento da rendição alemã, os exércitos aliados na Itália se estendiam do Vale do Pó ao norte dos Alpes, e das cidades portuárias de Gênova, no mar da Ligúria, a Veneza, no Adriático. Problemas de comunicação impediram uma disseminação equilibrada da notícia tão bem-vinda. Algumas tropas do V Exército dos Estados Unidos souberam do cessar-fogo quando unidades alemãs avançaram em fileiras, sob bandeiras brancas, para se renderem. Outras ouviram a transmissão da Rádio BBC, de Londres, relatando que a “alegria estava à solta entre as tropas nas linhas de frente da Itália àquela noite celebrando o fim de uma longa e difícil campanha”. Mas a verdade era bem mais discreta. Um tenente de infantaria disse: “A gente se sente um tanto decepcionado, como se a casa tivesse caído.”

Deane Keller ouviu a notícia enquanto dirigia de volta para a base do acampamento do AMG do V Exército, em Modena, depois de 11 dias exaustivos de inspeções. A primavera podia ter chegado a Florença, mas de seu ponto de vista, encolhido em um jipe com capota de lona no norte da Itália, o inverno ainda não havia se retirado. Desde 21 de abril, ele e Charley Berholz tinham dirigido em meio ao frio intenso, a temporais e lama grossa para ir de uma cidade do norte a outra. Começaram em Verona, então seguiram para Vicenza, Mântua, Parma, Brescia e Piacenza, com visitas a numerosas cidades menores no caminho. O fim dos combates significava mais inspeções, mais relatórios e mais tempo para pensar quando se juntariam à família.

Embora o mito do famoso Reduto Alpino tivesse sido desmascarado, alguns líderes nazistas ainda buscavam refúgio naquela área. Tropas do V Exército corriam rumo ao norte para se juntarem às tropas do VII Exército dos Estados Unidos que avançavam rumo ao sul pela Alemanha e pela Áustria para fechar o Passo de Brennero. O front estava tão difuso que o exército equipou aviões com alto-falantes para transmitir a notícia da rendição e instruir as tropas alemãs a se entregarem no vilarejo mais próximo. Equipes de contrainteligência da OSS e do exército dos Estados Unidos ajudaram a eliminar os últimos bolsões de resistência nazista. Outras começaram a caçar os suspeitos de crimes de guerra, inclusive Himmler, Göring e Kaltenbrunner.

No dia 4 de maio, enquanto Keller se preparava para partir para Milão, ele recebeu um relatório de seu contraparte no VIII Exército, Norman Newton, de que as obras de arte florentinas podiam ser encontradas em Campo Tures e San Leonardo. De maneira angustiante, a mensagem continha poucos detalhes sobre as condições dos repositórios. Keller imediatamente notificou o tenente-coronel Ward-Perkins sobre a descoberta e

pediu-lhe para rumar para o norte assim que fosse possível. Com grandes territórios recentemente liberados e centenas de obras de arte esperando para serem removidas de seus esconderijos, ele precisaria de ajuda. Keller também enviou uma mensagem a Fred Hartt, instruindo-o a partir para Florença o mais rápido que pudesse. A despeito dos desentendimentos entre eles, Keller sabia que o outro Monuments Man possuía maior conhecimento sobre as obras florentinas.

Por mais que Keller quisesse pegar o carro e ir direto para os repositórios, ele e Charley tiveram que passar alguns dias em Milão, dando assistência ao recém-nomeado oficial regional da Monuments para a Lombardia, tenente Perr y Cott. Com alguma sorte, Keller poderia acabar a tarefa em Milão e ainda chegar aos repositórios a tempo de receber Ward-Perkins e Hartt. Mas, ao chegar a Milão, Keller ficou chocado ao saber que Cott não estava lá e que não chegaria tão cedo. Devido a um problema do exército, as ordens dele ainda não tinham sido enviadas. Levaria pelo menos três ou quatro dias para que ele chegasse a Milão e começasse a trabalhar. Keller teria que substituí-lo temporariamente.

Milão e sua rica cultura, com muita frequência ofuscada pelas cidades mais ensolaradas e mais visitadas do sul, tinha sido castigada pelas bombas incendiárias dos aliados durante 1943, antes que eles tornassem a proteção de tesouros culturais uma prioridade. O relatório preparado por Hartt avaliando os danos causados pelas bombas, de 15 de abril de 1944, havia fornecido uma análise detalhada do impacto sobre os monumentos e igrejas proeminentes da cidade, citando, em particular, a cena de destruição adjacente à obra-prima de Leonardo da Vinci, *A Última Ceia*. Mas a perspectiva de Hartt havia sido limitada a fotografias aéreas; Keller agora teria chance de ver a destruição do nível do chão.

Keller começou seu trabalho em Milão como sempre fazia, ao se encontrar com os funcionários e autoridades locais. Então, passava a circular pela cidade para avaliar os danos. Seu relatório inicial continha três páginas de detalhes de cortar o coração pela perda de magníficas igrejas, museus e outras estruturas culturais, principalmente devido ao fogo causado por bombas incendiárias. Sant’Ambrogio, um dos antiquíssimos santuários de Milão, datando de 387 d.C., havia sofrido o impacto direto de bombas. Os afrescos de teto de Giovanni Battista Tiepolo, um dos últimos grandes mestres antigos, estavam destruídos; o claustro de Bramante do início do Renascimento, fora “praticamente arruinado”. A lista de baixas de Keller incluía a maioria dos marcos da cidade, inclusive o Castelo Sforzesco, as pinacotecas de Brera e Ambrosiana e o La Scala. Mas a cena de devastação da Igreja Santa Maria delle Grazie e o milagre que lá havia ocorrido o deixaram sem fôlego.

“Impacto da bomba no claustro, em agosto de 1943, destruiu a parede direita [leste] do refeitório de frente à *Última Ceia*, de Leonardo”, observou Keller no relatório daquela primeira visita. “O teto foi atingido e desmoronou quando a parede caiu. A pintura havia sido coberta com sacos de areia para proteção, mais pranchas de madeira e andaimes de ferro. (...) O teto está perto de ser terminado e a parede [leste] foi

reconstruída. Até que não haja mais perigo dos elementos ou risco do que resta das abóbadas, que é pouco, a pintura não ficará descoberta. (...) Seu estado é desconhecido.” Aquilo ainda estava em sua mente quando ele escreveu a Kathy no dia 11 de maio, contando: “*A Última Ceia*, de Leonardo, está em risco e não saberemos por algum tempo em que estado se encontra.” Numa outra carta, no dia seguinte, ele acrescentou: “*A Última Ceia*, de Leonardo, pode estar em ruínas.”

Depois dos ataques de 1943, os milaneses haviam feito um esforço admirável para limpar a cidade e iniciar o processo de reconstrução. Mas a escassez de fundos, a falta de materiais e o transporte precário haviam limitado os funcionários a pouco mais do que os reparos urgentes. O governo de Mussolini se mostrara mais rápido em criar entraves do que em ajudar. Como disse o superintendente de Milão: “Algumas autoridades até mandaram de volta nossas cartas lhes solicitando apoio. Mesmo assim, não perdemos nosso senso de responsabilidade, tanto na defesa dos monumentos danificados quanto no espectro mais amplo da herança histórica de nossa cidade.”

Keller acreditava que, se *A Última Ceia*, de Leonardo, emergisse intacta por trás dos andaimes, sua sobrevivência seria um acontecimento milagroso. Por qualquer medida, a detonação do explosivo que havia destruído a parede leste e o teto do refeitório poderia facilmente ter derrubado a parede norte e consigo a obra do Criador. Os suportes de proteção instalados por funcionários locais haviam fornecido apoio adicional à parede norte. Sem aquilo a obra-prima de Leonardo com certeza teria sido reduzida a fragmentos de estuque e tinta. Mas outro milagre também ocorrera nas primeiras horas do dia 16 de agosto de 1943. Se as bombas incendiárias tivessem caído no pátio, os andaimes de madeira e os sacos de areia atrás deles poderiam ter se incendiado. O mural de Leonardo da Vinci teria sido cozinhado na parede – exatamente como havia ocorrido com os afrescos no Camposanto, em Pisa.

Na noite do bombardeio, em agosto de 1943, o padre Acerbo e seus companheiros irmãos dominicanos haviam emergido de seu abrigo subterrâneo e tomado providências urgentes para salvar a parede norte e a pintura de Leonardo. Lutando contra o pânico e a confusão, Acerbi havia informado os funcionários locais da área de cultura sobre os danos sofridos. Ele então havia pegado um carro emprestado e dirigido 580 quilômetros em um dia, reunindo jovens frades dominicanos de físico saudável, em outras cidades, que se ofereceram como voluntários para ajudar na limpeza e no trabalho de proteção. No dia seguinte, esse grupo havia trocado o hábito por macacões.

O futuro de *A Última Ceia* dependia da estabilidade da parede norte. Depois de remover os escombros, Acerbi se dera conta de que havia outra ameaça: a chuva. Num intervalo de dias ele conseguiu, com engenheiros civis em Piacenza, uma lona à prova de água. No dia 8 de setembro, Acerbi observou enquanto os trabalhadores completavam a construção de um teto temporário, semelhante ao que Keller mais tarde construiu para proteger o Camposanto. A rapidez de raciocínio de Acerbi e a ação de seus irmãos dominicanos e de uma equipe de engenheiros militares (Pontieri del Genio) tinham protegido a obra-prima de perigo imediato. Até que a parede leste do refeitório pudesse

ser reconstruída, um novo telhado instalado e o lado norte da parede pintada estabilizado, remover os andaimes e os sacos de areia para conduzir uma inspeção completa da pintura criaria riscos desconhecidos.

No dia 8 de maio, Keller interrompeu suas inspeções em Milão por tempo suficiente para escrever a Kathy sobre a maior notícia até aquele momento: “Queridíssima: Parece que a guerra na Europa está definitivamente acabada.” No dia anterior, Eisenhower havia informado os chefes de Estado-Maior Combinado da rendição alemã, sucintamente e com poucas fanfarras: “A missão desta Força Aliada foi cumprida às 2:41, hora local, de 7 de maio de 1945.” Em Nova York, cerca de 2 milhões de pessoas encheram a Times Square para comemorar a notícia, mas Keller escreveu a Kathy: “Não houve celebração por aqui. Mesmo entre os soldados houve poucas manifestações de emoção.”

Pietro Ferraro, o agente da OSS de Alessandro Cagiati, havia desempenhado um papel significativo em poupar a frágil cidade de Veneza da destruição, no último minuto, pela guarnição alemã. Ferraro, cuja missão tinha o codinome de “Margot”, agora se apressava em encontrar um meio de chegar à região do Alto Ádige.

Dias antes, trabalhando a partir de um quarto no famoso Hotel Danieli, Ferraro havia operado uma mesa telefônica que permitia a comunicação entre os líderes da Resistência na maioria das cidades do noroeste da Itália, coordenando suas atividades com as tropas aliadas que avançavam. No dia 27 de abril, a guarnição alemã de Veneza havia ameaçado destruir os portos da cidade, instalações e navegação a menos que lhe fosse permitida passagem segura para a retirada. Em resposta ao comandante alemão Ferraro, o intermediário designado prometeu que 4.500 homens da Resistência que ele e a OSS haviam equipado por meio de 23 lançamentos de armas e suprimentos de paraquedas aniquilariam os 4.100 integrantes das tropas alemãs e fascistas se eles ousassem qualquer gesto para cumprir a ameaça. Depois de um breve período de consideração, a guarnição alemã se rendeu; Veneza sobreviveu quase sem nenhum arranhão. Ferraro não só teve sucesso em dobrar o comandante da guarnição alemã, como também obteve seus mapas, indicando as posições de minas colocadas nos portos e canais, poupando deste modo a cidade de uma destruição inimaginável.

Em seguida à liberação de Veneza nos últimos dias de abril, Ferraro desviou a atenção para os repositórios de arte em Campo Tures e San Leonardo. Com muita informação, mas pouco transporte, Ferraro foi pedir a ajuda a outro oficial da OSS, o tenente Richard Kelly, chefe do Destacamento Marítimo da agência. Kelly providenciou para que licenças de viagem para a região do Alto Ádige fossem emitidas para o superintendente veneziano, Ferdinando Forlati, e sua equipe de especialistas em arte, bem como um veículo, um motorista e guardas armados. Ferraro então pediu a Cagiati que coordenasse a suspensão de atividades aéreas nas proximidades dos repositórios, conseguisse proteção no local e fizesse todo o possível para enviar unidades avançadas

que pudessem chegar lá antes da equipe de Forlati. O telegrama de Ferraro se encerrava com os sentimentos de todos: “O mundo inteiro da arte e da cultura ficará grato por seus esforços.”[35]

Ferraro também enviou a Cagiati uma dica importante que obtivera em conversas com membros simpáticos do Kunstschutz estacionados em Veneza: os acervos da famosa Biblioteca Hertziana, do Kunsthistorisches Institut e de outros arquivos poderiam ser encontrados numa mina subterrânea em Kochendorf, perto de Heilbronn, na Alemanha.

Na quinta-feira, 3 de maio, à tarde, a equipe de Forlati partiu de Veneza para o repositório em San Leonardo. Eles entraram na cidade de Trento lado a lado com as tropas do V Exército no momento de sua liberação. Mas era tarde demais e estava escuro demais para prosseguirem. No dia seguinte, eles foram de carro para San Leonardo. De acordo com Forlati, os representantes do Kunstschutz – professores Leopold Reidemeister e Leo Bruhns – estavam no local e “nos confundiram com tropas americanas fazendo reconhecimento... os poucos italianos vivendo lá nos receberam com festa”. Aliviados de que o conteúdo de San Leonardo parecesse intocado, eles prosseguiram para Campo Tures, chegando no domingo, 6 de maio, à tarde. O capitão Michel Mohr e suas tropas do 3º Batalhão, 339ª Infantaria, 85ª Divisão (a divisão “Custer”), já tinham ocupado o Castelo Neumelans e a cocheira adjacente, às nove horas daquela manhã.[36] O conteúdo ali também parecia intacto. Com ambos os repositórios seguros, Forlati e os outros retornaram a Veneza, com a missão cumprida. Todos agora esperavam a chegada dos oficiais da Monuments com suas importantíssimas listas de inventário.

No dia 9 de maio, Gero von Gaevernitz, braço direito de Dulles, e Ted Ryan, outro alto oficial da OSS sob o comando de Dulles, aceitaram o convite e chegaram a Bolzano para se encontrar com Wolff em seu quartel-general. Wolff aproveitou a oportunidade para honrar uma de suas promessas a Dulles ao formalmente transferir o controle dos tesouros florentinos para representantes dos aliados ocidentais, e não dos italianos a quem eles pertenciam. Gaevernitz e Ryan só tinham tempo para visitar um dos repositórios, de modo que Wolff providenciou para que seu carro e motorista os levassem a San Leonardo.

Mas a viagem de Gaevernitz para se encontrar com o general da SS não era uma visita social. Como ele observava seis dias mais tarde, “muitas horas foram passadas em conversas reservadas”. Sua ampla coleta de informações, tanto de Wolff quanto de Vietinghoff, resultou em um relatório de 66 páginas: “A Primeira Rendição Alemã”, que Dulles e Gaevernitz concluíram em duas semanas. Gaevernitz tinha outro assunto urgente para cuidar: informar pessoalmente a Wolff que ele brevemente seria preso. Permitir que um alto oficial nazista, da estatura de Wolff, permanecesse livre era inconcebível para os aliados. Por seu lado, Wolff compreendia que tudo aquilo era parte

do acerto a que ele havia chegado com Dulles através de Max Husmann e Max Wäibel. No dia 12 de maio, sem nenhum desejo de presenciar a prisão do homem que tinha, conforme prometera, lhes entregado a “Itália numa bandeja de prata”, Gaevnitz e Ryan partiram.

De ordens em punho, no dia 10 de maio, um Fred Hartt extremamente animado, acompanhado por seu motorista, Franco Ruggenini, e pelo professor Filippo Rossi, diretor das galerias de Florença, partiu da Toscana para o percurso de carro a Campo Tures e San Leonardo. Hartt ainda não tinha ideia se sua mensagem para Cagiati, meses antes, tinha posto em ação a cadeia de acontecimentos que levaria à descoberta das obras desaparecidas. Os passageiros no *Lucky 13* seguiram rumo ao norte, por um território desfigurado pela guerra. “Centenas de quilômetros quadrados de terrenos esburacados por crateras abertas por bombas e encostas de montanhas com mais buracos de projéteis de artilharia do que grama”, observou Hartt. “As árvores haviam se transformado em estacas por projéteis passando de raspão, as casas de fazenda reduzidas a montes de areia, as estradas arrebitadas pela artilharia e por minas, as aldeias destroçadas e o ar fedendo fortemente a morte naquela quente manhã de primavera.”

Na manhã de 12 de maio, os três homens chegaram à aldeia nas montanhas de San Leonardo, “em meio a uma lufada de poeira, gansos grasnando e crianças gritando”. Estacionaram o *Lucky 13* bem na frente da velha cadeia. Só as barras de ferro nas janelas do andar térreo indicavam seu uso anterior. Depois de se identificarem para o destacamento de segurança da 349ª Infantaria, 88ª Divisão (os “Blue Devils”), eles esperaram enquanto “o soldado que montava guarda remexia nas chaves antes de conseguir nos deixar entrar no vestibulo escuro do térreo”. (...) Ali, empilhados uns contra os outros em celas úmidas e estreitas, estavam os quadros de [Villa Bossi-Pucci em] Montagnana.”

Já a primeira cela deixou Hartt sem fôlego. Ele imediatamente reconheceu a pintura de Caravaggio, *Baco*, e telas de Rubens, Ticiano e Dosso Dossi, encostadas contra a parede como prisioneiras das páginas de seus livros de história da arte. Momentos depois, Rossi sobressaltou Hartt com um “grito de alegria”. Diante deles estavam duas pinturas de Cranach – *Eva* postada bem diante de *Adão* – que o coronel Langsdorff tinha escondido em seu quarto no Hotel Excelsior nove meses antes. A cela seguinte abrigava *Minerva e o Centauro*, de Botticelli, *Crucificação*, de Signorelli, *Adoração dos Magos*, de Lorenzo Monaco, e várias outras obras-primas. Os museus com frequência destinavam uma parede inteira a pinturas de tão seminal importância, mas em San Leonardo elas se amontoavam tão perto umas das outras que Hartt e Rossi tiveram enorme dificuldade de mover cada uma delas para ver que outras poderiam estar por trás.

Cela após cela, andar após andar, 300 pinturas – algumas dentre as mais importantes do mundo – haviam sobrevivido ao transporte por centenas de quilômetros em estradas

bombardeadas, empilhadas lado a lado, em caminhões abertos, muitas delas sem nenhuma outra proteção senão alguns cobertores e palha. De fato, chovera no dia em que as pinturas chegaram. Miraculosamente, exceto pela pintura de Frans Floris de *Adão e Eva*, que havia sofrido uma fenda de cima abaixo em todo o comprimento do painel, a maior parte dos danos consistia em arranhões do manuseio e do transporte. Todos se maravilharam com a sorte das pinturas.

A hora avançada do dia os impediu de dar início a um inventário, de modo que Hartt e Rossi seguiram de carro para Bolzano para passar a noite e se encontrarem com Wård-Perkins, que acabara de chegar. No domingo de manhã, 13 de maio, Wård-Perkins partiu para San Leonardo para ver em primeira mão o que Hartt não conseguira parar de falar na noite anterior. Ele também tinha a intenção de interrogar os funcionários do Kunstschutz. O *Lucky 13* transportou Hartt e Rossi até Campo Tures. Hartt descreveu o Castelo Neumelans como “uma situação fantástica: a típica casa senhorial tirolesa do século XVI, com quatro torreões, sombreada por enormes picos alpinos, estava sendo guardada ao mesmo tempo por alemães, resistentes e soldados de infantaria da 85ª Divisão”. Ainda mais surpreendente foi o homem enviado para recebê-los: o coronel da SS Langsdorff, que havia recebido ordens de Wolff para se apresentar ali no dia 30 de abril.

“O executor da maior operação individual de saque de arte já registrada na história nos recebeu com alguma petulância”, relataria Hartt mais tarde, “como se não estivéssemos realmente cumprindo o nosso dever pelo fato de chegarmos tão tarde. Ele estivera nos esperando já há vários dias, ansioso em nos transferir aquela responsabilidade.” Em contraste com as celas úmidas de prisão em Campo Tures, o Castelo Neumelans havia demonstrado ser ideal para armazenamento, com salões secos, arejados e de pé-direito alto. Seus aposentos continham mais das pinturas desaparecidas dos museus além das coleções particulares de Contini Bonacossi, Landau-Finlay e Acton. Aposentos próximos abrigavam pequenos bronzes, cerâmicas e tapeçarias.



Depois do fim das hostilidades, os deveres de Keller incluíram interrogar funcionários e oficiais do Kunstschutz. Muitos soldados aliados se referiam aos alemães como “Krauts”. [Deane Keller Papers, Manuscripts & Archives, Yale University]

Mas as pinturas no interior do Castelo Neumelans empalideceram em comparação com o que Hartt e Rossi encontraram numa cocheira adjacente. “Quando as portas da garagem foram destrancadas, olhamos para o interior escuro, onde robustas caixas florentinas se empilhavam até o teto, sabendo que dentro delas estavam *São Jorge*, de Donatello, *Baco*, de Michelangelo, e *Dama Velada*, de Rafael” – uma das duas pinturas

que o dr. Ringler presenciara sendo fotografadas na neve dois meses antes. As obras-primas que definiam Florença estavam salvas.

O cessar-fogo praticamente não havia mudado Bolzano; mesmo nove dias depois, os vencidos pareciam ser os vencedores. Soldados alemães se comportavam como se estivessem no comando, deixando Keller e outros soldados aliados se perguntando quem tinha vencido a guerra. Dias antes, Hartt havia observado “a arrogância colossal dos alemães ainda armados, que nos superavam em número de dez para cada um pelas ruas da cidade... O comissário provincial do AMG tinha que andar pela cidade a pé, de rosto afogeuado e empoeirado, enquanto altivos e reluzentes generais da SS passavam de automóvel, em velocidade, com suas acompanhantes louras. (...) Outras tropas alemãs podiam ser vistas desfilar pelas ruas, cantando em uníssono “Hitler é meu Führer”.

Neste ponto, Keller concordava com Hartt. Uma coisa era jantar em um restaurante cheio ao lado de capitães alemães, mas quando um deles – um homem que poucas semanas antes estivera tentando matar você – estendia a mão sobre a mesa num gesto de amizade, bem, era uma ofensa tão grande que Keller não sabia como descrever. O maior choque veio quando Keller soube que paraquedistas alemães da 1ª Divisão queriam se alistar no exército dos Estados Unidos para lutar contra os japoneses.

A rapidez da rendição alemã ultrapassou a velocidade do avanço aliado. Comandantes do V Exército relutantemente aceitaram o fato de que um período intermediário de caos teria que ser tolerado antes que uma força de contenção pudesse chegar. Os alemães ainda superavam enormemente em número as tropas norte-americanas nas cidades do norte da Itália. De acordo com as fontes de Keller, “havia 250 mil homens de tropas de elite totalmente armados na área, bem como os quartéis-generais do general Wolff [e] do general Vietinghoff. (...) As unidades alemãs deviam se manter intactas onde estivessem no momento da rendição. Estas ordens eram interpretadas como dizendo que deveriam permanecer em seus alojamentos, que incluíam todos os hotéis, quartéis e lugares adequados na cidade.”

O dia 13 de maio marcou o 45º aniversário do general Wolff. Lado a lado de sua segunda mulher e filhos, ele ofereceu uma requintada comemoração na qual se reuniram cerca de duas mil pessoas no bonito cenário dos jardins de seu quartel-general de Bolzano no Palazzo Reale. No interior, havia “centenas de sacas da mais fina farinha e arroz, caixotes e mais caixotes dos mais raros champanhes e licores, costelas de boi, peças de seda e de linho, dúzias de máquinas de escrever, as melhores câmeras, sapatos, roupas e cobertores em enormes quantidades. Também havia livros, gravuras, talhas e pinturas, bem como 22 caixotes de madeira, fechados com tiras de aço e selados com chumbo, contendo a coleção de moedas [do rei Vitório Emanuel III].”

Recém-nomeado comandante da cidade, o coronel americano James C. Fry ficou horrorizado com o espetáculo e ordenou que uma coluna de tropas e veículos se

assegurasse de que Wolff e suas forças da SS compreendessem que, literalmente, a festa estava acabada. Armados de metralhadoras, os PMs correram pelos gramados impecáveis. As tropas de Fry então capturaram e prenderam Wolff e Vietinghoff, frau Wolff, Dollmann e a maioria das pessoas no quartel-general de Wolff e no quartel da SS adjacente. Um relatório posterior da 88ª Divisão dizia: “Frau Wolff mostrou-se indignada com o que ela descreveu como procedimento autoritário e ameaçou o coronel Fry com ação disciplinar pelo que ela chamou de ‘rompimento de um acordo com altas autoridades do exército.’” As tropas Blue Devil embalaram parte do “banquete de aniversário, inclusive rancho fresco e champanhe”, e entregaram no quartel-general de seu comandante, com cumprimentos. Mais tarde, Dollmann afirmou que os soldados americanos haviam fuzilado o cão pastor-alemão de Wolff quando estavam de partida.

No dia 14 de maio, Keller finalmente se juntou a Hartt, Rossi e Ward-Perkins para sua primeira visita aos repositórios. Sua visita de um ou dois dias a Milão se prolongara por uma semana; ele e Charley haviam chegado a Bolzano apenas na noite anterior. Inspeccionaram primeiro Campo Tures e seguiram de carro para San Leonardo no dia seguinte. A exuberância que Hartt havia vivenciado dois dias antes se revelou um anticlímax para Keller. Depois de um mês na estrada, conduzindo inspeções e interrogando oficiais alemães, Keller estava “impaciente e irritado”.

As reações dos dois realçavam as principais diferenças em suas respectivas abordagens do trabalho. Hartt via o serviço militar como uma missão para salvar obras de arte, igrejas e estruturas históricas da Itália que ele havia dedicado sua vida a estudar. Encontrar os tesouros toscanos intactos e em grande medida sem danos foi seu momento de triunfo. Keller encontrava mais satisfação em ajudar pessoas. Salvar um monumento, como o Camposanto, fazia parte de seu trabalho. Tornar uma universidade operacional era sua alegria.

A responsabilidade em devolver as obras a Florença cabia ao V Exército, o que significava que era de Keller. Outros podiam se regozijar com o fato de encontrarem as obras-primas, mas ele já se concentrava na logística: centenas de pinturas desencaixotadas e espalhadas, escassez persistente de materiais de embalagem, estradas para Florença que se encontravam em petição de miséria e um sistema ferroviário que não funcionava porque os aviões aliados o haviam destruído. No dia 18 de maio, Keller redigiu uma carta para casa usando papel de correspondência tirado da escrivania do general Wolff, apenas dias antes de sua prisão. “A guerra não acabou para mim”, escreveu para Kathy. “Sim – os projéteis e as bombas acabaram, mas o trabalho continua sem cessar. Quando tivermos reunido todo o material que eles roubaram e transportado para fora de volta aos lugares a que pertencem, então terei encerrado meu trabalho. Espero.”

35. Ainda não está esclarecido se este telegrama, também transmitido por telefone para as tropas aliadas operando ao norte de Verona, levou os aliados a localizarem os

repositórios. Outra possibilidade poderia ser o padre em Bolzano, recrutado por Don Anelli, ter transmitido informações aos soldados de passagem pela área. Uma terceira possibilidade é um memorando, datado de 2 de maio e enviado por Wolff através do general Lemnitzer, para o quartel-general do general Mark Clark, contendo informações sobre os repositórios.

36. No dia 4 de maio, tropas do 3º Batalhão também descobriram um campo alemão de prisioneiros de guerra que abrigava 56 americanos e 350 soldados aliados, “muitos deles doentes”. Com toda probabilidade, eram os prisioneiros que Wolff havia prometido a Dulles que ele seria responsável por proteger. Outra força-tarefa da 399ª Infantaria encontrou um campo de reféns com proeminentes presos políticos detidos pela SS, inclusive vários participantes da fracassada tentativa do assassinato de 20 de julho contra Hitler. A esposa e os filhos do coronel Stauffenberg, o homem que colocou a bomba e depois foi executado, estavam entre eles.

CAPÍTULO 27

O grande passo

FINAL DE MAIO-JULHO DE 1945

A derrota das forças nazistas e fascistas abriu vastas novas áreas de sítios culturais danificados e precisando de inspeção. Nas semanas finais da guerra, os oficiais da seção Monuments haviam inspecionado centenas de repositórios recém-descobertos em minas de sal, cavernas e castelos alemães e austríacos, contendo centenas de milhares de pinturas, desenhos, livros de biblioteca e esculturas, bem como barras de ouro e papel-moeda. Mais seriam encontrados ao longo do verão e do outono. A *expertise* dos Monuments Men estava em alta demanda, mas seu número continuava reduzido.

Durante sua viagem para Nápoles, no final de março, Keller ficou sabendo que o exército dos Estados Unidos planejava transferir os oficiais da Monuments baseados na Itália para a Áustria para atender a esta necessidade crescente. Hartt já tinha recebido ordens para se apresentar, mas as descobertas em Campo Tures e San Leonardo forneceram um adiamento temporário. O tenente-coronel Ward-Perkins, que estava no ser viço militar há seis anos, decidiu que estava na hora de voltar à vida civil. Ele partiria no final do verão para assumir um cargo de professor na Escola Britânica, em Roma. Isso criou uma pressão ainda maior na equipe remanescente para completar inspeções e compilar relatórios, antes da transferência. Poucos queriam partir. Eles haviam trabalhado na Itália por quase dois anos; a maioria queria ficar e concluir o trabalho.

Perr y Cott finalmente recebeu ordens de viagem e chegou a Milão no dia 10 de maio, cinco dias depois do esperado. Ele havia trabalhado em estreita ligação com funcionários de museus de Roma no verão anterior, enquanto estivera baseado na capital. Lançando mão da extraordinária – se bem que temporária – coleção de arte armazenada no Vaticano, Cott organizou uma série de exposições extremamente bem-sucedidas, permitindo que os soldados vissem obras-primas de renome mundial. Eles haviam suportado os horrores da guerra; parecia justo oferecer-lhes uma chance de apreciar os objetos de beleza que seu sacrifício havia ajudado a salvar.

Ao contrário de Roma, contudo, onde a extensão dos danos havia sido limitada, Milão fora extensamente bombardeada pelos aliados. Tropas alemãs haviam ocupado a cidade por 20 meses. Agora todo mundo – de funcionários municipais a proprietários de *villas*, diretores de museus e padres – queria atenção. E o que Cott queria era mais ajuda.

Em seu primeiro dia em Milão, Cott conheceu Fernanda Wittgens, que acabara de ser reintegrada ao corpo de funcionários da Galeria de Pinturas Brera, de Milão, depois de passar quase um ano na cadeia por atividades antifascistas e ajuda aos judeus. Wittgens

pediu a Cott para conseguir transporte, permitindo que seu mentor, professor Ettore Modigliani, diretor da Brera e figura altamente respeitada no mundo da cultura, retornasse à cidade. Aprovar o transporte revelou ser uma decisão bastante inteligente, uma vez que tanto Wittgens quanto Modigliani prestaram valiosa assistência nos meses que se seguiram.[37]

Cott marcou sua visita inicial ao refeitório de modo a coincidir com a remoção da proteção de sacos de areia de *A Última Ceia*. Em 15 de maio, a construção da nova parede leste e do telhado estava praticamente concluída. A despeito das explosões, a integridade estrutural da parede norte parecia não estar comprometida; os andaimes e as vigas de aço haviam funcionado como fora planejado. Até que os sacos de areia fossem removidos, contudo, os peritos não poderiam examinar o estado da superfície pintada. O trabalho avançou lentamente à medida que os trabalhadores cuidadosamente removeram cada saco. Mais dez dias se passariam antes que Mario Bezzola, um famoso especialista em restauração, ganhasse acesso limitado à parede para observar, “de modo geral, resultados satisfatórios. (...) Apenas na área da túnica de Tiago Maior, que sempre foi a área mais problemática da pintura famosa, uma camada muito fina de gesso se levantou, com o desmoronamento subsequente do material abaixo. É necessário e bastante urgente inter vir localmente para prender de volta as áreas que ameaçam descascar. Claramente, todo o emboço de gesso sob a pintura tem em si elementos se desintegrando que não parecem fáceis de eliminar”.

Os integrantes do escritório do superintendente de Milão não eram os únicos ansiosos em ver *A Última Ceia*. A notícia de que os trabalhadores estavam removendo os sacos de areia atraiu grandes grupos de soldados na esperança de ter um vislumbre do mural de Leonardo. Cott valorizava este interesse das tropas, especialmente depois de sua experiência como curador temporário de exposições para soldados em Roma. Agora, contudo, naquele momento de ansiedade, as visitas dos soldados interferiam no esforço de restauração. No dia 26 de maio, relutantemente, ele afixou um cartaz proibindo o acesso a todo o pessoal militar.

Em 10 de junho, com *A Última Ceia* liberada de seus sacos de areia, os especialistas em restauração, inclusive Modigliani, começaram uma segunda, e mais completa, inspeção. O superintendente de galerias de Milão fez uma avaliação favorável.

As condições estáticas da parede e do gesso não foram submetidas a nenhum dano; durante as explosões de agosto de 1943, algumas marcas de gesso apareceram nas poucas e pequenas rachaduras, que com certeza foram causadas pelo movimento de vibração do solo causado pela explosão. (...) Pequenos descolamentos parciais de tinta afetaram pontos restaurados ou retoques antigos. (...) É urgente fixar a cor onde ela se levantou [da superfície], mesmo que se limite a muito poucos pontos e fragmentos muito pequenos.

O superintendente também observou um “ligeiro véu se expandindo na superfície da pintura inteira”, atribuível à união de poeira com a umidade de uma parede que não havia

recebido nenhuma ventilação por quase dois anos. Comparado com todas as coisas que poderiam ter acontecido com *A Última Ceia*, os inspetores consideraram aquilo um problema pequeno. Ele exigiria “uma operação de limpeza feita por peritos”, mas na opinião de todos, exceto um dos especialistas, “não era extraordinariamente urgente”. Seria melhor que fosse feita depois que o “ar seco e quente dos meses de verão” pudesse “dessecar” – retirar toda a umidade – da parede.

Cinco dias mais tarde, Hartt e Rossi chegaram a Milão, um desvio no retorno a Florença dos repositórios do Alto Ádige, ostensivamente para uma breve visita a Cott. Na verdade, Hartt queria ver *A Última Ceia*. No dia seguinte, Cott orgulhosamente notificou Ernest DeWald de que “o refeitório de Santa Maria delle Grazie agora está aberto ao público. Uma ficha descritiva em inglês foi impressa por esta divisão e afixada no local.” Ainda havia muito trabalho por fazer, mas a obra-prima de Leonardo havia sobrevivido à guerra.

Enquanto se preparava para transportar as obras de arte de volta a Florença, Keller escreveu ao segundo oficial no comando do general Hume: “Este é o maior de todos os empreendimentos da campanha, com a possível exceção do interesse do exército na proteção dos afrescos do Camposanto, em Pisa. É impossível estimar a importância da chegada desses objetos sob a proteção militar aliada a Florença.” Keller então confirmou a lista de itens de que precisaria para completar a missão: materiais de embalagem, trabalhadores experientes nesse tipo de embalagem e caminhões – muitos caminhões, talvez mesmo 52, com motoristas, combustível, água e suprimentos suficientes para a viagem de 482 quilômetros. O exército queria evitar a publicidade negativa de algum incidente durante o retorno, de modo que Keller também incluiu no orçamento pessoal de segurança adicional e suas necessidades. Seria uma grande operação.

Keller precisava de um acordo escrito por Giovanni Poggi ou algum outro funcionário, declarando que os italianos não só aprovavam o plano de retorno de seus objetos preciosos, mas também concordavam em renunciar a qualquer pedido de restituição ao V Exército por quaisquer acidentes que pudessem ocorrer no caminho. Ele também recomendava que a chegada fosse marcada por algum tipo de cerimônia que permitisse aos florentinos testemunhar o retorno de suas obras de arte. Keller encerrava sua carta com uma brincadeira para enfatizar seus argumentos: “Lembra-se de como a Piazza della Signoria estava lotada quando descerraram o *Davi*, de Michelangelo? O senhor não se lembra, e nem eu, mas esta é a ideia.”

Em meados de junho, com o planejamento completo dependendo apenas da palavra final sobre a disponibilidade dos caminhões, Keller e Berholz fizeram uma visita de vários dias a Florença, em sua primeira viagem fora da área do Alto Ádige em mais de um mês. Como quis a sorte, a chegada deles coincidiu com a remoção da tumba de tijolos que cobria o *Davi*, de Michelangelo, e as obras adjacentes, os *Escravos*. “O ponto

alto de ontem então foi ver o *Davi*, de Michelangelo, inteiro, com toda a calma, despojado de sua proteção contra ataques aéreos”, ele escreveu a Kathy. “Estava empoeirado e sujo, mas foi uma grande emoção.”

A familiaridade por estar de volta à estrada e, além disso, numa cidade com todas as comodidades foi um elixir para o cansaço de Keller. O tempo passado com Charley também levantou seu ânimo. O temperamento alegre do amigo tinha, em muitas ocasiões, salvado o austero Keller do desespero. “Nós nos damos muito bem e dividimos tudo um com o outro”, relatou a Kathy. “Quando recebo uísque, uma vez por mês, dou a ele a metade; quando ele tem cerveja ou alguma outra coisa, ele me dá metade ou tudo o que eu quiser. Não temos um relacionamento de capitão e soldado, somos mais como companheiros.” E Keller acrescentou: “Aqueles que gostam do exército, como Charley dizem: ‘Comida de graça, roupas de graça, cama para dormir, ensino de graça, toda a gasolina que você quiser para circular de carro, sua vida social decidida por você, cuidado e tratamento médico de graça. Minha única preocupação virá quando eu receber baixa do serviço e ficar sem emprego.’ Charley é um otimista e realmente gosta da vida que tem.”

Keller e Charley voltaram para a região do Alto Ádige vários dias depois para descobrir que o plano inicial de Keller – na verdade, o único plano – para devolver os tesouros a Florença tinha sido vetado. Não haveria 50 caminhões, nem viagem de três dias e nenhuma recepção em Florença. Com alguma frustração, ele escreveu para DeWald: “A redistribuição de pessoal e vencer a guerra contra os japoneses têm prioridade e são mais importantes do que nós. Expliquei a situação uma dúzia de vezes a todos os envolvidos. Poggi sabe que os caminhões provavelmente não serão cedidos e não está nada contente. Hartt está é muito descontente.” Na verdade, a guerra no Japão era apenas em parte responsável. O exército tinha o dever de alimentar as populações famintas de Milão, Turim e outras cidades do norte. Os 50 caminhões de que Keller precisava estavam sendo usados para tarefas mais urgentes.

A alternativa para caminhões – transporte ferroviário – já havia sido examinada e rejeitada como não factível. Entre ataques aliados e demolições dos alemães durante a retirada, a maioria das pontes, inclusive a que atravessava o poderoso rio Pó, fora danificada ou destruída. A conclusão da ponte substituta cruzando o Pó não estava prevista para antes de meados de julho, de modo que Keller modificou seu plano e estabeleceu 16 de julho como data inicial para o começo da operação de devolução. O atraso sobrecarregou todos os envolvidos, como ele relatou a DeWald: “Esta espera tem sido preocupante e desagradável para mim. (...) Pobre garoto da Toscana; ele deve sofrer do constante mal de soldado à espera de ‘seus’ quadros do norte.” Mas Keller e o “garoto da Toscana” – Fred Hartt – de vez em quando não deixavam de encontrar algum humor em meio às frustrações quotidianas da vida no exército. Keller deixou de atender um telefonema de Hartt porque estava “no banheiro por dois minutos. E assim o destino de nações é decidido”.

A 16 de julho, os homens trabalhando sob a direção de Hartt e Rossi já tinham

construído 109 caixotes em San Leonardo e 46 em Campo Tures. Todas as pinturas e esculturas haviam sido inventariadas, com observações sobre danos pela chuva e manuseio anterior. O inventário em San Leonardo revelou que dez pinturas do depósito em Montagnana estavam desaparecidas, inclusive obras-primas de Bronzino, Lorenzo di Credi, Jan van Huysum e um pequeno par de pinturas em painel de Antonio del Pollaiuolo. Alguém, quase certamente soldados alemães, as tinha roubado durante o processo de embarque em Montagnana ou no caminho para San Leonardo.

Keller super visionou os carregamentos em Campo Tures, que demonstrou ser a mais complicada das duas evacuações. Levantar as pesadas esculturas exigia um guincho especial montado em um caminhão. As peças eram levadas de caminhão para a estação de trem próxima a Brunico. Hartt cuidou dos carregamentos em San Leonardo. Depois de acompanhar a primeira leva de caminhões na descida da estrada pela montanha até a estação em Merano, Hartt confessou que sentia “não apenas satisfação pessoal indescritível, mas também um profundo orgulho pela causa aliada quando se dava conta de como aquela viagem contrastava profundamente com a maneira como os quadros tinham vindo na subida pela mesma montanha”.

O esvaziamento dos repositórios e a condução de seus conteúdos para as estações de trem em Merano e em Brunico consumiram dois dias inteiros. No dia 19 de julho, tudo estava pronto para dar início à viagem final de volta para Florença. O carregamento consistia de 13 vagões de carga totalmente ocupados. Seis vagões adicionais levavam o destacamento de segurança de 60 policiais militares e cinco oficiais. Completando o comboio, havia um vagão-cozinha, um de passageiros e escritório, e um descoberto transportando o jipe de Keller e o do tenente-coronel Holmgreen, que havia concordado em acompanhar a carga como oficial superior e comandante do trem. Keller teve até a presença de espírito de incluir 50 extintores de incêndio, itens que não eram fáceis de encontrar. Localizados em Livorno, eles haviam sido trazidos no avião particular do comandante do V Exército, tenente-general Lucian Truscott, que demonstrara um interesse pessoal em ver os tesouros devolvidos a Florença.

O grande passo seria dado na manhã seguinte, depois que os vagões de cada repositório fossem conectados em Bolzano. Hartt e seu novo motorista, Florentine Alessandro Olschki, partiriam para Florença para finalizar os detalhes na ponta da recepção. Eles também precisavam confirmar que os preparativos para a cerimônia de devolução estavam concluídos. Keller acompanharia as obras no trem. Ele havia contado a Kathy sobre sua ansiedade com relação à viagem da carga, mas também sobre o orgulho que sentia pelos homens que haviam trabalhado tão diligentemente nos preparativos, soldados comuns, “que não saberiam distinguir um Tiepolo de um taco de críquete”. “As coisas estão em movimento e espero que dentro de uma semana possa lhe escrever para dizer que as obras de arte florentinas estão todas de volta a Florença e em segurança. (...) É bom auspício iniciarmos a viagem no dia 16 de julho, pois a escolha mais importante que fiz na vida aconteceu alegremente neste dia.” A data, 16 de julho, marcava o sétimo aniversário de casamento de Keller. Mais uma vez ele havia se

lebrado de enviar flores, inclusive uma amarela, acompanhadas por um cartão: “Para minha esposa, que também se comportou como um bom soldado durante estes tempos difíceis.”

Em meados de maio de 1945, começaram a circular na imprensa histórias não oficiais de que os tesouros desaparecidos de Monte Cassino haviam sido encontrados em meio aos milhares de obras de arte escondidos na mina de sal de Altaussee. Os Monuments Men Teddy Croft-Murray e Humphrey Brooke tinham chegado à mina no dia 23 de junho para encontrar o oficial da Monuments, tenente George Stout, o homem que inicialmente havia concebido uma operação Monuments, Archives and Fine Arts, comandando um projeto extraordinário de empacotamento e despacho. Stout lhes confirmou que, pelo menos, alguns dos tesouros de Nápoles estavam presentes, mas que ainda não tinha tido tempo de realizar um inventário. Stout tinha ordens de esvaziar a mina de seu conteúdo e transportá-lo para o Ponto Central de Coleta Aliado, em Munique, o mais rapidamente possível.

Nas semanas que se seguiram, um destacamento especial da OSS, conhecido como Unidade de Investigação a Saque de Arte – constituído de especialistas na esperança de se tornarem oficiais da Monuments quando a guerra acabasse –, deu início a meses de interrogatórios de nazistas e outras figuras-chave. No curso dessas investigações, eles reconstituíram a odisseia dos tesouros de Nápoles: sua viagem de 17 meses e 2.735 quilômetros, que havia começado em Monte Cassino e acabado em Altaussee. A revelação mais assustadora foi a descoberta das bombas que o *gauleiter* Eigruber havia colocado no local. Somente a ação rápida e heroica de vários funcionários e trabalhadores da mina havia frustrado o plano de Eigruber.

Na sexta-feira de manhã, 20 de julho, uma locomotiva elétrica puxando 22 vagões lotados partiu de Bolzano para Florença. O diretor de galerias Filippo Rossi estimou o valor dos tesouros de arte florentina, encontrados em Campo Tures e San Leonardo, em US\$ 500 milhões. Este número chamou a atenção de todo o mundo, especialmente do homem responsável por levá-los para casa. Alguns dias antes, Keller havia preenchido um manifesto de carga para o vagão número 346.544, contendo “tesouros de arte”. Sob “Comentários”, ele escreveu apenas: “É necessário extremo cuidado.”

Um inesperado atraso burocrático em Turim pôs à prova os nervos de todo mundo. Depois de chamar a um canto o inspetor ferroviário italiano, Keller o advertiu: “Se houver palavreado a cada passo, colocaremos um PM de automática em punho atrás do maquinista e o trataremos realmente à moda da SS.” A ameaça funcionou, como Keller observou mais tarde: “Não houve mais paradas de qualquer tipo durante algum tempo.”

O trem passou pela ponte recém-construída sobre o rio Pó que substituíra a que fora destruída pelas forças alemãs em retirada. Ironicamente, as toras de madeira usadas para construir a nova ponte vieram de árvores derrubadas na floresta Camaldoli, outro tesouro nacional que Fred Hartt havia tentado preservar.

Às quatro horas de uma tarde escaldante de sábado, cerca de 22 horas depois da partida, o mais valioso carregamento de arte jamais embarcado a bordo de um trem chegou ao Campo di Marte, a mesma estação que sofrera o assalto inicial a Florença pelos pilotos aliados, em setembro de 1943. Usando um chapéu de panamá branco, Giovanni Poggi e outros altos funcionários de arte e cultura assistiram com grande entusiasmo enquanto Hartt dava ordens para os primeiros 12 caminhões se aproximarem dos trilhos e começarem a transferir a carga para o curto percurso até o Palácio Pitti.

Tarde na manhã seguinte, um pequeno comboio de veículos militares se reuniu na estação para completar a jornada. Um jipe cheio de policiais militares encabeçou a coluna; Hartt, Poggi e Rossi seguiram no *Lucky 13*, dirigido por Olschki. Berholz dirigia o terceiro jipe, levando Keller e o tenente-coronel Holmgren. Diretamente atrás deles, seis caminhões carregados de caixotes levavam obras de arte. Os florentinos aplaudiram enquanto o comboio passava pelo centro da cidade, retrazendo parte da rota ladeada por bandeiras enfileiradas que os dois ditadores haviam percorrido sete anos antes.

A coluna de veículos chegou à Piazza della Signoria sem adornos, exceto por duas bandeiras – uma americana e uma italiana – fixadas na capota do primeiro caminhão. Uma flâmula pregada na lateral ostentava a insígnia do V Exército e uma inscrição em italiano: “As obras de arte florentinas retornam de Alto Ádige para seu lar.” As pontes da cidade não cruzavam mais o Arno. Muitas de suas antiquíssimas torres só existiam nos desenhos de vendedores ambulantes nas ruas. Mas os tesouros do Uffizi, da Galeria Palatine, do Palácio Pitti e do Museu Bargello haviam sido devolvidos. Keller escreveu a Kathy naquela noite para descrever a experiência:

[dirigindo] pelas ruas, pessoas aplaudindo e chorando! Sinos da Orsanmichele repicando. Trompetistas florentinos, uma plataforma com dois generais, vários milhares de pessoas na [Piazza della] Signoria. O general Hume fez um belo discurso em italiano. O prefeito respondeu. Isso foi tudo, depois um banquete ao meio-dia. Eu tomei três martinis. Ótimos! Quente como o inferno. O general me chamou a um canto e disse: ‘Indiquei você para a medalha da Legião de Mérito e vou escrever ao mais alto general americano sobre a sua promoção.’... Às oito desta noite a última escultura foi carregada para o Bargello por um guindaste de 12 toneladas do Exército dos Estados Unidos. As peças agora estão todas no Uffizi, Pitti e Bargello e a missão está cumprida. TUDO ACABOU depois de dois meses de eu e Charley trabalharmos como escravos.

Dois noites depois, Keller compareceu ao que pensou que fosse um jantar em

homenagem a um oficial britânico se preparando para deixar o ser viço e voltar para casa. Depois de tomar drinques no bar com vários amigos, seu pequeno grupo se encaminhou para a sala de jantar no momento indicado e subitamente houve uma salva de aplausos dos 20 oficiais presentes. Keller presumiu que os aplausos fossem para o oficial britânico até que Fred Hartt se inclinou para ele e disse: “Isso é para você, Deane.” O jantar de surpresa foi tanto uma homenagem a Keller quanto pelo retorno bem-sucedido das obras a Florença. Até mesmo o general Hume e o tenente-coronel Holmgreen demonstraram respeito ao comparecer.

Print the complete address in plain letters in the panel below, and your return address in the space provided on the right. Use typewriter, dark ink, or dark pencil. Print or write in cursive for photographing.

Deane Keller

OWNER'S STAMP

NO.

FROM

SEE INSTRUCTION NO. 3

(Sender's complete address above)



Deane - a great big heavy
10 ton tractor & crane unloaded
Art from a big truck at Bargello Gall-
ery, Florence - Wonderful - love you
Daddy

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE
ADDRESS AT TOP?

REPLY BY
V...-MAIL

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE
ADDRESS AT TOP?

Em seu desenho para Dino, Keller capturou o momento em que sua equipe descarregava caixotes com esculturas de Michelangelo e Donatello no Museu Bargello, de Florença, em julho de 1945. [Deane Keller Papers, Manuscripts & Archives, Yale University]

Cheio de alegria e animação pelo que havia acontecido, Keller contou a Kathy alguns detalhes:

O general Hume se levantou, descreveu o material de arte para Florença e, em termos muito claros, me deu TODO o crédito, me dizendo como o chefe do estado-maior e o general-comandante do V Exército estavam satisfeitos com a conclusão bem-sucedida de tudo. Filou que eu não teria contado a história corretamente e que ele queria contar, mencionando até que, quando o comboio de seis caminhões e três jipes entrou na Piazza della Signoria com 3 mil pessoas assistindo e os convidados especiais na plataforma erigida na frente da Loggia dei Lanzi, eu fiquei no jipe com Charley e com o coronel Holmgreen e não fui para a plataforma – o que é verdade, mas por isso não mereço nenhum crédito especial... O coronel Holmgreen vai fazer o general escrever a Seymour [reitor de Yale] a meu respeito e isso vai ajudar. Foi muito gentil da parte do coronel e ele fez sem que eu pedisse.

O general Hume de fato escreveu ao reitor de Yale, Charles Seymour, apenas uma semana depois, assinalando a importância da devolução dos tesouros de Florença e o papel desempenhado por Keller. “Ele foi o único membro do *staff* do Governo Militar Aliado a realizar este trabalho... por vezes debaixo de fogo de artilharia, às vezes durante operações de combate muito duras... Ele já foi recomendado para condecorações americanas por este quartel-general. Sua patente comparativamente baixa tem sido objeto de muita preocupação para mim e já fiz tudo que estava ao meu alcance para que ele fosse promovido.”

O tenente Ralph Major, ajudante de campo de Hume, também enviou carta a um membro da Faculdade de Yale, acrescentando: “Durante a cerimônia de apresentação em Florença, meu general não conseguiu encontrar Deane para fazer com que ele participasse da devolução da carga do trem à população local. Depois que a cerimônia acabou, encontramos Deane escondido em um canto da multidão, modesto demais para aceitar crédito pelo sucesso de um empreendimento que tinha sido unicamente dele.”

O discurso do general Hume no jantar deu a Keller um enorme sentido de validação. A carta de Hume para o reitor Seymour ajudou a acalmar os temores de Keller de que ele poderia não ter emprego quando voltasse. Mas outro incidente, na verdade, nada mais que uma coincidência, recordou a Deane Keller do motivo por que, para começar, havia se apresentado como voluntário para o serviço militar.

Alguns dias depois da cerimônia de retorno, em Florença, enquanto caminhava em direção ao Palácio Pitti, Keller reparou em um velho olhando para ele com grande atenção. Depois de fazer contato visual, o velho se aproximou e perguntou:

– O senhor já esteve em Sezze Romano, Sig. Capitano?

De fato, ele tinha estado. Mais de um ano antes, Keller havia feito uma parada na pequena cidade, a cerca de 65 quilômetros ao sul de Roma, durante uma de suas inspeções diárias. A cidadezinha tinha sido afortunada; a guerra havia passado ao largo. Enquanto Keller completava sua inspeção, moradores curiosos se reuniram em volta de seu jipe, cerca de 50 no total, perguntando quando os aliados trariam comida e lhes dariam assistência. Keller explicou-lhes, em italiano, que fazia parte da equipe avançada

do Governo Militar Aliado do V Exército dos Estados Unidos; que outros logo viriam e atenderiam a suas necessidades.

Keller olhou mais atentamente para o velho e então confirmou que de fato estivera em Sezze Romano no ano anterior. O velho respondeu:

– Sim, eu me lembro muito bem do senhor. O senhor nos disse que os alimentos viriam para a nossa cidadezinha, e vieram, e que as autoridades aliadas viriam nos ajudar e vieram. Então nós acompanhamos o senhor até seu carro. Mais uma vez, permita-me lhe agradecer.

37. A herança judaica de Modigliani e sua recusa a se alistar no Partido Fascista o obrigaram a se esconder na região rural da Itália durante a guerra para evitar ser mandado a um campo de concentração. “Depois de 11 anos de confinamento político e racial, no inverno de 1946, Ettore Modigliani mais uma vez ocupou o posto de superintendente e diretor da Pinacoteca Brera.”

SEÇÃO
IV

RESULTADO

Existe algo de especial na preservação da herança do mundo. É uma espécie de fé que nós temos. É tangível e pode ser provada – se alguma coisa na vida merecer ser provada.

– OFICIAL DA MONUMENTS DEANE KELLER

CAPÍTULO 28

Perspectiva

Durante a guerra, agindo por ordens de Adolf Hitler, a Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg – a ERR – operou em territórios ocupados e roubou milhões de objetos por toda a Europa, inclusive peças de museus, igrejas, palácios e indivíduos. Esta e outras organizações, metódica e eficientemente, saquearam algumas das mais proeminentes obras de arte do mundo, inclusive a *Dama do Arminho*, de Leonardo da Vinci (do Museu Czartor yski, na Cracóvia, Polônia), o *Altar-mor de Ghent* (da Catedral de São Bravo, em Ghent, Bélgica, os painéis da Sala Âmbar (do Palácio de Catarina, a Grande, em Tsarskoye Selo, Rússia) e *O Astrônomo*, de Jan Vermeer (da família de Edouard de Rothschild, em Paris).

Com demasiada frequência, a remoção pelos alemães de pinturas e esculturas pertencentes aos grandes museus de Florença foi caracterizada como roubo, da mesma maneira que o saque premeditado cometido pelos nazistas nos países ocupados da Europa. Isso tem sido repetido tantas vezes que se tornou fato aceito por muitos. Mas a verdade é mais complicada e cheia de nuances. O saque cometido pelos alemães na Itália foi diferente. A ERR só estabeleceu operações em territórios ocupados. Inicialmente aliada, a Itália foi poupada das piores depredações. Ainda assim, roubos de toda a sorte de fato ocorreram. A remoção de pinturas e esculturas pertencentes aos museus de Nápoles, retirados da Abadia de Monte Castelo pela Divisão Hermann Göring, foi um exemplo clássico. O papel de Mussolini ao permitir a Hitler e a Göring comprar e exportar obras de arte de valor inestimável, violando as leis de patrimônio da nação, fornece um exemplo singular, durante a Segunda Guerra Mundial, de um governo que, de fato, ajudou os nazistas a saquearem a própria nação. Na Itália, também ocorreram roubos individuais por soldados alemães.

Certamente, quando o coronel da SS Alexander Langsdorff assinou um recibo para se apropriar das duas pinturas de Cranach, *Adão e Eva*, ele tinha toda a intenção de removê-las da Itália e apresentá-las ao Führer. Em duas ocasiões, ele mentiu para o superintendente florentino Giovanni Poggi sobre a procura pelas pinturas. Na verdade, elas já estavam com ele. No dia 25 de julho de 1944, com as pinturas na mão, o general da SS Karl Wolff enviou um telegrama ao líder da SS Heinrich Himmler, perguntando se elas deviam ser levadas para a Alemanha. Se Himmler tivesse respondido afirmativamente, as pinturas teriam deixado a Itália e, com toda probabilidade, estariam entre as outras obras de arte encontradas na mina de sal em Altaussee. Quando tentaram determinar por que o chefe da unidade de proteção à arte da Alemanha faria tal coisa, os Monuments Men ouviram de outros membros da Kunstschutz que Langsdorff era “um homem de alma dividida, metade SS e a outra metade genuinamente Kunstschutz”. Seja

como for, não há dúvida de que as ações de Langsdorff constituíram uma tentativa de roubo. E o endosso de Wolff às ações de Langsdorff no mínimo o tornara cúmplice.

Como então devemos julgar as remoções alemãs, iniciadas por Langsdorff, dos tesouros florentinos de seus repositórios na região do campo para o Alto Ádige? Wolff agiu desinteressadamente para preservar aqueles objetos ou egoisticamente submetendo-os a um risco enorme? Wolff, de modo inquestionável, acreditava ter sido seu salvador. Em 1956, ele enviou uma carta notável ao prefeito de Florença. Nela, ele descrevia em detalhe suas ações para proteger as obras de arte da cidade durante o verão de 1944. “Se eu tivesse decidido... não fazer nada e deixar toda a responsabilidade com o governo Salò [professor Carlo Anti e outros]”, escreveu Wolff, “hoje, certamente me encontraria moralmente responsável diante da Itália e de todo o mundo civil pela perda inevitável dos [tesouros da] Galeria Uffizi.”

Mas a afirmação de Wolff soa vazia. Levando tudo em consideração, as obras de arte florentinas estavam mais seguras exatamente onde Poggi as tinha colocado. Além disso, Langsdorff já havia prometido a Poggi, Carlo Anti e outros altos funcionários italianos que as peças dos repositórios toscanos permaneceriam intocadas a menos que corresse perigo imediato de destruição. Então, e só então, elas seriam transferidas – e, neste caso, apenas trazidas de volta a Florença. O Alto-Comando do Exército havia chegado à mesma conclusão. Sua ordem de 14 de julho de 1944 – que Langsdorff e Wolff decidiram desconsiderar – deixava claro que as obras de arte deveriam permanecer onde se encontravam, não ser removidas. O plano era sólido. Keller observou: “Ao longo de toda a dura batalha por Florença, apenas o conteúdo de um único depósito foi danificado (Poppiano, Villa Guicciardini, que sofreu o impacto de um projétil de artilharia...).” A avaliação de Keller refuta a afirmação de Wolff de que suas ações impediram “uma perda inestimável” dos tesouros toscanos.

A carta de Wolff, de 1956, também afirmava que sua decisão em fornecer caminhões e gasolina, sem os quais as remoções não teriam ocorrido, foi baseada em informações recebidas de Langsdorff. Wolff escreveu “que, com a aproximação da frente de batalha, aqueles castelos estariam na zona de fogo do inimigo. (...) Uma grande parte dos guardiões que haviam acompanhado os tesouros já tinha fugido e as preciosas coleções [havam ficado] sem nenhuma defesa”. Hoje, sabemos que Cesare Fasola, bibliotecário do Uffizi, andou *por toda* zona de guerra – não para longe dela – para se certificar da segurança dos repositórios.

Depois que os altos funcionários de arte e cultura italianos tomaram conhecimento de que tropas alemãs tinham levado os tesouros florentinos para o norte da Itália, Carlo Anti insistiu com Langsdorff para entregá-los ao governo da República Social. Isso deu início a um amplo esforço dele, com a ajuda de outros – até Mussolini – para recuperar a posse dos objetos. Mas a janela de tempo em que Wolff poderia ter, sem consequência, aprovado a solicitação era limitada a alguns dias. A resposta de Himmler de 26 de julho sobre as pinturas de Cranach, que deixava implícito, se não declarava abertamente que todas as obras de arte deveriam ser postas no Alto Ádige sob a proteção alemã, proibia

Wolff de cedê-las ao controle de funcionários italianos. A oportunidade de tirar proveito da ordem de 3 de agosto de 1944, deixando as ilhas Borrromeu disponíveis como repositório, chegou uma semana tarde demais.

Já em 30 de agosto de 1944, o superintendente da Monuments de Bolonha expressou sua frustração, declarando: “A Alemanha não tem nenhum plano para as obras de arte italianas... não se compreende por que elas são levadas para a fronteira alemã, um território que não está mais sob o controle do Estado [italiano], e entregues a pessoal alemão, em vez de levadas aos repositórios criados pelo Estado em território italiano e protegidos por funcionários italianos... Esta maneira de agir não pode deixar de levantar algumas dúvidas legítimas, especialmente quanto ao lugar escolhido para reuni-las.”

Os esforços de Anti para recuperar a posse das obras de arte florentinas continuaram até meados de abril de 1945. Ele ofereceu numerosas locações alternativas que poderiam ter servido como repositórios controlados por italianos, inclusive o Palácio dos Doges, em Veneza, e St. Moritz, na Suíça. Cada sugestão foi rejeitada. Não pode haver qualquer dúvida de que alguns altos funcionários da República Social, Anti em particular, fizeram esforços significativos para liberar suas obras do controle alemão.

Devemos ter uma visão mais favorável das ações de Wolff de dezembro de 1944 até maio de 1945, quer elas tenham sido motivadas por instinto de sobrevivência ou por altruísmo. O que sabemos é o seguinte: em dezembro de 1944, Wolff ignorou a ordem de Himmler para transferir as obras florentinas para a mina de sal de Altaussee. Acreditando que a Alemanha nazista estava condenada, Wolff começou a desenvolver seu plano para pôr fim à guerra na Itália. As obras florentinas demonstraram ser um componente importante.

Em seguida ao fim da guerra na Itália, Ernest DeWald e o tenente-coronel da Real Força Aérea britânica, Douglas Cooper, um homem com três anos de experiência conduzindo interrogatórios para a Inteligência britânica, investigaram a operação Kunstschutz na Itália. Em 30 de junho de 1945, DeWald e Cooper divulgaram seus achados em um relatório de 24 páginas. Dos principais suspeitos, só Himmler e o *gauleiter* Hofer haviam escapado a seus interrogatórios. Himmler cometera suicídio em 23 de maio, enquanto permanecia sob custódia britânica; Hofer havia sido preso em Innsbruck.

O relatório descrevia “uma história estranha e caracteristicamente alemã de intenções honestas mescladas com oportunismo, que, se a princípio não era deliberadamente desonesta, muito rapidamente havia degenerado, na mente de seus principais criadores, de modo a tornar-se um esquema sem precedentes de enriquecimento do Reich à custa da Itália”. Os dois oficiais concluíam que o pessoal da Kunstschutz havia realizado seu trabalho de modo admirável. DeWald e Cooper de fato atribuíam responsabilidades – com base em “negligência culposa” – ao predecessor de Langsdorff, dr. Hans Gerhard Evers, por ter deixado de determinar se algum dos tesouros de Monte Cassino estava faltando nas entregas feitas pela Divisão Hermann Göring, em Roma, em dezembro de 1944. Eles consideraram a remoção das duas obras-primas de Cranach “um caso claro

de tentativa de saque por parte de Langsdorff e de uma unidade alemã”.

O relatório DeWald/Cooper fornecia uma avaliação notavelmente precisa dos acontecimentos, especialmente considerando que tinham tido apenas sete semanas para localizar os principais participantes e conduzir os interrogatórios antes de submeter seus achados. Mas o acesso limitado ao general Wolff e a falta de informação quanto à amplitude global de seu papel nas negociações da rendição das forças alemãs na Itália lhe prejudicaram a investigação. Em várias ocasiões, eles citaram o que consideraram falta de colaboração de Wolff em explicar certas ações. Por exemplo, não conseguiam compreender por que ele havia ordenado a preparação do álbum de fotos para o aniversário de Hitler ou por que a coleção particular Bourbon-Parma havia sido descoberta no Castelo Dornsberg, uma das residências de Wolff. DeWald e Cooper não foram informados de que Wolff havia sido instruído a evitar discussões sobre suas negociações secretas com a OSS. Como Keller e Hartt, eles não conseguiram unir os últimos pontos da linha. O homem que conhecia bem o quadro mais amplo, contudo, era Allen Dulles.

Cada um dos principais participantes aliados nas negociações da Operação Amanhecer ecoou, à sua maneira, o sentimento manifestado pelo major-general britânico Terence Airey, um dos dois “conselheiros militares” apresentados a Wolff durante o segundo encontro com Dulles, em 19 de março. “A rendição dos exércitos alemães na Itália se deveu à iniciativa de Karl Wolff”, observou Airey, “que contactou forças aliadas enquanto a guerra ainda estava em progresso, consequentemente indo contra os desejos e a postura política declarada do governo nazista e com grande risco para si mesmo. Suas ações conduziram à desistência de uma retirada com combate... rumo à Áustria e necessariamente deve ter salvado a vida de um grande número de soldados alemães, civis austríacos e italianos, e evitando destruição inútil.”

Wolff arriscou a vida em múltiplas ocasiões para concretizar o acordo de rendição. É impossível quantificar quantas vidas foram salvas e quanta destruição de indústrias e infraestrutura foi evitada pela antecipada rendição das forças da Alemanha na Itália. Se os atos de vingança levados a cabo em Nápoles, no outono de 1943, por soldados alemães amargurados, for alguma indicação, a atitude de Wolff foi significativa. Adicionalmente, de dezembro de 1944 em diante, ele se certificou de que os tesouros toscanos não fossem transferidos da Itália para as minas de sal de Altaussee. Devido às suas ordens, os representantes da Kunstschutz permaneceram em ambos os repositórios para entregar as obras de arte às forças americanas – e para os Monuments Men – quando eles chegaram.

Contudo, as boas ações de Karl Wolff, de dezembro de 1944 até sua prisão, em 13 de maio de 1945, devem ser consideradas paralelamente a seu papel em facilitar o Holocausto e por quase 14 anos de serviço dedicado a SS, inclusive como chefe de Estado-Maior e assistente pessoal de seu líder supremo, Heinrich Himmler. Não foi

nada surpreendente que as autoridades aliadas tenham incluído o nome de Wólff na lista dos principais suspeitos de crimes de guerra. (Nº 346 na “Lista 7”). A morte de Himmler fez de Wólff um dos dois mais altos líderes da SS – Kaltenbrunner era o outro – a sobreviver à guerra.

A primeira sessão pública do Tribunal Militar Internacional em Nuremberg começou em 20 de novembro de 1945. No segundo dia de trabalhos, o promotor chefe dos Estados Unidos, juiz da Suprema Corte Robert Jackson, apresentou a declaração inicial para a acusação, com certeza uma das mais abrangentes e macabras pronúncias (indiciamento) da história. A declaração inicial consumiu o dia inteiro. Jackson fez questão de mencionar o nome de alguns dos homens – incluindo Wólff – que para sempre ficariam associados aos mais bárbaros atos de crueldade da história moderna.

Alfred Rosenberg, o homem no comando da principal organização de saque nazista, e o Reichsmarschall Hermann Göring, que afirmou que “nenhum de meus assim chamados saques foi ilegal. (...) Sempre paguei por eles ou foram entregues através da Divisão Hermann Göring, que, juntamente com a Comissão Rosenberg, me forneceu minha coleção de arte”, sentava-se a três cadeiras de distância, na primeira fila do banco dos réus. Eles e outros 19 acusados presentes ouviram impassíveis enquanto Jackson falava. Ernst Kaltenbrunner, que ameaçara denunciar Wólff a Hitler por suas negociações com Dulles e os aliados, sentava-se entre eles, à direita de Rosenberg. Mas Wólff não estava entre os acusados neste nem em qualquer dos 12 julgamentos subsequentes de crimes de guerra. Ele nem havia sido indiciado.

Os veredictos do Tribunal Militar de Nuremberg foram anunciados no dia 1º de outubro de 1946. Göring, Kaltenbrunner, Rosenberg e nove outros acusados foram considerados culpados e condenados à morte pela forca. À luz da declaração inicial do juiz Jackson, como Karl Wólff escapou de ser indiciado?

Allen Dulles manteve até a morte a afirmação de que não fizera nenhum “trato” que protegesse Wólff do julgamento. Contudo, os acontecimentos que se seguiram à prisão de Wólff contradizem essa afirmativa. “Não se pode ter certeza de que, em algum nível, Wólff não tenha recebido algum incentivo de agentes da OSS”, comentaria mais tarde o governador geral militar britânico, general Sir Brian Robertson. “Embora eu não tenha absolutamente nenhuma informação de que tenha havido tais incentivos, minha experiência dos métodos de trabalho dos ser viços secretos me leva a concluir que seria inteligente presumir que tenham acontecido.”

Existem muitas razões pelas quais a OSS teria ocultado tal informação. Ansioso para ver a unidade de ser viços de guerra se tornar permanente, Dulles rapidamente procurou realçar o papel da OSS em obter a rendição das forças alemãs na Itália. Obrigar Wólff a testemunhar no tribunal aberto exporia as negociações de Dulles e de seus colegas da Inteligência com nazistas acusados de crimes de guerra – o que seria embaraçoso e contraproducente, especialmente depois que ele havia afirmado que não houvera nenhuma proteção. A revelação de um acordo secreto com Wólff também teria exacerbado as relações em deterioração entre os Estados Unidos e a União Soviética. A aparência de

neutralidade da Suíça teria ficado maculada por ter de maneira tão proativa ajudado Dulles e os aliados. Assim, forças poderosas tinham interesse em ver Wölff e seu círculo imediato – Wenner, Dollmann, Harster, Zimmer e Rauff – desaparecerem de vista sem condenação pública.^[38] As provas disponíveis indicam que, sem a influência constante de Dulles e seus associados, Wolff teria sido julgado e condenado por crimes contra a humanidade.

Em março de 1948, depois de numerosos interrogatórios em Nuremberg e de meia dúzia de aparições como testemunha durante os julgamentos, Wolff foi transferido para um centro de detenção enquanto seu caso era examinado como parte do processo de desnazificação do governo alemão. Mais tarde naquele ano, o tribunal alemão considerou Wölff culpado da acusação menos grave do “crime menor de ter sido membro da SS”. O tempo já passado na prisão era maior do que a sentença de quatro anos a que foi condenado; Wölff foi libertado imediatamente.

A sensacional captura e prisão do fugitivo nazista Adolf Eichmann na Argentina por agentes do serviço de Inteligência israelense, Mossad, e seu subsequente julgamento em Jerusalém em 1961, renovou o interesse mundial pelos chamados “assassinos de escritaninha” – burocratas nazistas que afirmavam não ter nenhum envolvimento de fato nas mortes. Durante o julgamento, Eichmann caracterizou Wölff como “um oficial de salão que desejava manter as mãos em luvas brancas e não queria ouvir nada a respeito da solução para o problema judeu”. De fato, Wölff mais tarde afirmou que não tinha nenhum conhecimento sobre o Holocausto – a despeito de seu longo tempo de ser viço ao líder da SS Himmler e de sua proximidade com o Führer – até a primavera de 1945. O testemunho de Eichmann contribuiu para a prisão subsequente de Wölff e seu julgamento por um tribunal de Munique. Em 1964, ele foi declarado culpado de cumplicidade no genocídio e condenado a 15 anos de prisão. Wolff foi libertado em 1969 devido a problemas de saúde.

Wolff passou seus últimos anos de vida defendendo sua inocência em palestras, publicações e participações ocasionais em programas de televisão. Ele morreu em 15 de julho de 1984, em Prien, lago Chiemsee, na Alemanha.

O *gauleiter* Franz Hofer, que tentou sabotar os esforços de Wölff e fazer fracassar as negociações da Operação Amanhecer, não teve nenhuma proteção semelhante. Depois da prisão em Innsbruck, em 6 de maio de 1945, Hofer foi posto sob detenção em Dachau. Três anos depois, ele fugiu e começou a trabalhar na Alemanha sob nome falso. Em 1949, um tribunal austríaco o condenou à morte *in absentia* por alta traição, mas com o passar do tempo as autoridades deixaram de procurá-lo. Hofer morreu em 1975 e foi enterrado em Mülheim, no rio Ruhr, Alemanha. Até o final, ele permaneceu um ardente seguidor de Adolf Hitler.

Depois de se render em 6 de maio de 1945, o Generalfeldmarschall Albert Kesselring foi preso e transferido para um centro de detenção aliado. Kesselring acreditava que “a batalha pela Itália era não só justificada como até imperativa”. Embora mais tarde reconhecesse que os acontecimentos dos estágios finais da Operação

Amanhecer tivessem resultado em 48 horas que “embaraçaram intoleravelmente ambos os lados”, ele acreditava que havia tomado a decisão correta ao resistir até o último minuto, numa tentativa de salvar a vida de seus soldados.

Kesselring foi acusado de crimes de guerra por seu papel no massacre das grutas Ardeatinas. Uma segunda indicição o acusava de incitar as forças sob seu comando “a matar civis italianos como retaliação”. O julgamento começou em Veneza, Itália, em fevereiro de 1947. Ao preparar o caso, o advogado de Kesselring escreveu ao arcebispo de Florença, Elia Dalla Costa, solicitando “testemunho a favor do acusado”. Ele recebeu uma resposta curta: “Caro senhor... devo declarar que não há nada que eu possa dizer para beneficiar a defesa do marechal de campo Kesselring. Em vez disso, eu poderia relatar os horrendos massacres em minha diocese, se puderem ser atribuídos a Kesselring.”

Julgando o caso, o Tribunal Militar Britânico considerou Kesselring culpado de ambas as acusações e o condenou à morte por fuzilamento. Acreditando que tal sentença era demasiado severa, muitos integrantes do governo britânico, inclusive Winston Churchill e o ex-adversário de Kesselring no campo de batalha, Harold Alexander, intercederam a favor de uma sentença mais branda. Dois meses mais tarde, o comandante das forças britânicas no Mediterrâneo comutou a sentença de morte de Kesselring para prisão perpétua. Em outubro de 1952, depois de receber novo apoio de eminências pardas, como o famoso historiador britânico, general de divisão J. F. C. Fuller, Kesselring foi libertado por motivos de saúde. Em 16 de julho de 1960, Albert Kesselring morreu de ataque do coração aos 74 anos de idade em Bad Nauheim, Alemanha. Foi enterrado em sua terra natal, a Bavária, no vilarejo de Bad Wiessee, ainda bastante admirado pelos homens que serviram sob seu comando.

Em setembro de 1945, o principal participante restante da Operação Amanhecer, o chefe da espionagem americana Allen Dulles, se viu desempregado. Depois da rendição do Japão e do fim formal da Segunda Guerra Mundial, o presidente Truman assinou uma ordem executiva dissolvendo a OSS. Mas a administração logo viu o valor de dispor de um ser viço de Inteligência em tempo integral. Vinte e dois meses mais tarde, Truman assinou a Lei de Segurança Nacional que formalmente criou a Agência Central de Inteligência. Em 1953, Dulles, que havia retomado a profissão de advogado no setor privado depois da guerra, retornou ao ser viço público durante a administração do presidente Dwight Eisenhower, tornando-se o quinto diretor da CIA. Sob sua égide, a agência renovou sua dedicação a operações secretas. Com seus vastos contatos do tempo da guerra, Dulles era idealmente adequado para a tarefa. Sua liderança durou até novembro de 1961, quando o presidente John Kennedy exigiu sua demissão após o fiasco na baía dos Porcos, em Cuba.

Dulles escreveu vários livros depois da guerra, inclusive *The Secret Surrender* (A rendição secreta), originalmente publicado em 1966, no qual afirmava que Karl Wolff não tinha recebido nenhuma imunidade de acusações. No livro, ele preferiu evitar menção a uma carta de junho de 1950 escrita a seu antigo contraparte da Inteligência

suíça, Max Waibel, àquela altura adido militar em Washington, D.C. Irritado com o fato de que Wölff quisesse ser reembolsado por prejuízos financeiros e perda de propriedades “incorridos por seu trabalho para a capitulação italiana, conforme havia sido acordado”, Dulles escreveu a Waibel, declarando: “Entre mim e você [Wölff] não se dá conta do homem de sorte que é por não ter passado o resto de seus dias na prisão. Sua atitude mais inteligente seria ficar muito quieto sobre a perda de algumas roupas de baixo etc. Ele poderia facilmente ter perdido bem mais que a camisa.”

38. Cada um destes homens serviu como oficial na SS. Desde setembro de 1941, Walter Rauff estabeleceu seu papel no Holocausto pelo desenvolvimento de vans de extermínio móveis, conhecidas como “câmaras de gás Corvo Negro”. A frota desses veículos, com seus sistemas modificados de exaustor de monóxido de carbono, logo ofereceu uma alternativa para esquadrões de execução para liquidarem judeus no front oriental. Como observa o historiador alemão dr. Kerstin von Lingen: “Nem um único dos altos oficiais da SS, envolvido nas negociações de cessar-fogo, foi levado a um tribunal aliado.”





Para dar boas-vindas a Hitler e seu séquito em Florença, durante visita de maio de 1938, as autoridades da cidade fizeram grandes preparativos, inclusive este desenho floral na Piazzale Michelangelo. Seis anos depois, as pontes da cidade estavam em ruínas. Observem a “ponte Bailey” construída sobre os pilares de pedra sobreviventes da Ponte Santa Trinitá [Ao alto: Bayerische Staatsbibliothek Munich/ Heinrich Hoffman; Abaixo: Pennyover Papers, Department of Art and Archaeology, Princeton University]



A "ponte Bailey", aberta ao público em 17 de agosto de 1944, reuniu as partes norte e sul da cidade. Esta foto, tirada em 2 de dezembro de 1944, mostra o enorme volume de tráfego de pedestres e bicicletas. Observem o R (ricoveri) na esquina do Palazzo Spini Feroni, indicando o abrigo antiaéreo mais próximo. Atualmente o prédio é o quartel-general e a loja principal da Ferragamo. [Pennyover Papers, Department of Art and Archaeology, Princeton University]



Além do inimigo, as forças aliadas na Itália constantemente lutavam contra as condições do tempo. A chuva transformava estradas, como estas perto da Linha Gótica, em lamaçais tão intransitáveis que, com frequência, veículos tinham que ser abandonados em favor de mulas de carga para o transporte de suprimentos. [Pennyover Papers, Department of Art and Archaeology, Princeton University]



Deane Keller entrou na Piazza dei Miracoli, em Pisa, no dia 3 de setembro de 1944, para descobrir que o Camposanto (foto acima) estava sem seu telhado. Em questão de dias, peritos de Florença chegaram a Pisa para coletar os fragmentos destruídos que o fogo e o sol tinham descolado e arrancado das paredes. [Ambas as fotos: National Archives and Records

Administration, College Park, MD]



O oficial da Monuments, capitão Deane Keller, visitou o repositório florentino em Montegufoni durante o inverno de 1944/45. As pinturas encontradas por Fred Hartt, no princípio de agosto de 1944, inclusive a obra-prima de Botticelli, Primavera, ainda estavam lá. [Deane Keller Papers, Manuscripts & Archives, Yale University]



A Primavera foi apenas uma das 246 pinturas encontradas em Montecusoli, que incluíam um crucifixo de princípio do século XII da escola de Pisa (logo à frente), hoje na Galeria Uffizi. A quarta obra (da esquerda para a direita) foi pintada por Ghirlandaio em 1493. Juntamente com o crucifixo à direita, ela hoje se encontra em exibição na Accademia de Florença, logo adiante da escultura do Davi, de Michelangelo. [Pennyover Papers, Department of Art and Archaeology, Princeton University]



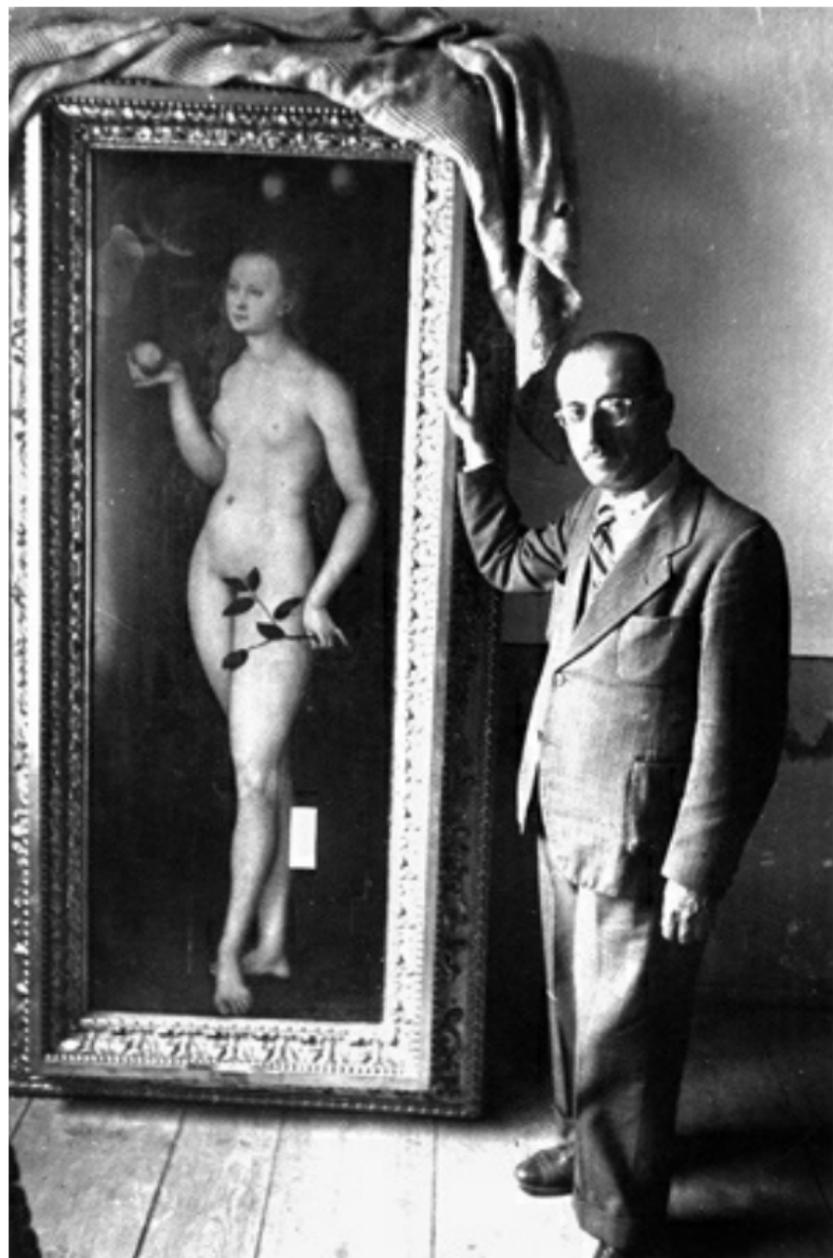
Em 16 de fevereiro de 1945, Fred Hartt, de pé ao lado do Lucky 13, observava enquanto Deane Keller e trabalhadores locais manobravam a estátua de Cosimo I de' Médici e seu cavalo, de Giambologna, para recolocá-las de volta em seu lugar, na Piazza della Signoria. [Deane Keller Papers, Manuscripts & Archives, Yale University]



Pouco antes do Natal de 1944, Don Anelli – o “padre voador” – partiu de Roma, depois de um mês de reuniões no Vaticano, a bordo deste avião de carga C-47 conseguido pelo capitão Alessandro Cagiati. Don Anelli está de pé, na extrema direita, com o capacete e o paraquedas que usou para retornar à sua paróquia, no norte da Itália. [Coleção Sergio Gilotti]



Caminhões abertos, carregados com alguns dos tesouros de Florença, inclusive esta pintura do Uffizi – Crucifixo, de Luca Signorelli –, começaram a chegar na cidade do norte da Itália, San Leonardo, em 13 de agosto de 1944. Soldados alemães transportaram as pinturas desencaixotadas por centenas de quilômetros de estradas de péssima qualidade, sem nenhuma proteção, exceto palha. [National Archives and Records Administration, College Park, MD]



Filippo Rosso, diretor das galerias de Florença, chegou a San Leonardo e, para seu alívio, encontrou ambas as pinturas roubadas de Lucas Cranach – Adão e Eva (aqui retratada) – em boas condições. [Frederick Hart Papers, National Gallery of Art, Washington, D.C., Gallery Archives]



Fred Hart chegou a Campo Tures em 13 de maio de 1945. No dia seguinte, o tenente-coronel John Bryan Ward-Perkins (à extrema direita) chegou para dar início aos interrogatórios do coronel da SS Alexander Langsdorff (no centro à direita) e do capitão Schmidt (no centro à esquerda). [Frederick Hart Papers, National Gallery of Art, Washington, D.C., Gallery Archives]



O retorno triunfante dos tesouros florentinos teve lugar no dia 22 de julho de 1945. Este caminhão foi o primeiro a passar diante da plataforma das autoridades sob a Loggia di Lanza. Ele estacionou defronte ao Palazzo Vecchio, onde, sete anos antes, milhares de florentinos haviam recebido festivamente a chegada do líder alemão, Adolf Hitler. [National Archives and Records Administrations, College Park, MD]





Em 1942, preocupadas com bombardeios aliados, autoridades da área de cultura de Florença cobriram a escultura de Michelangelo, Davi, e suas outras obras, conhecidas como Os escravos, com silos de tijolos. Três anos depois, Deane Keller e Charley Berholz visitaram a Accademia para ver os trabalhadores completarem a remoção. Keller pessoalmente retirou um pedaço de tijolo que protegia Os escravos. [Acima: Por cortesia do Ministero per i Beni e Leo Attività Culturali. Abaixo: Deane Keller Papers, Manuscripts & Archives, Yale University]

CAPÍTULO 29

Os heróis e seu legado

Hoje, visitantes do Museu Capodimonte, em Nápoles, encontrarão uma notável coleção de pinturas, inclusive *Danaë*, de Ticiano, *Cegos Guiando Cegos*, de Bruegel, e a *Sagrada Família*, de Rafael, que não exibem quaisquer sinais de terem sido transportadas por uma distância de mais de 2.600 quilômetros pela Divisão Hermann Göring para as minas de sal de Altaussee.^[39] O painel central de Duccio, *Maestà*, que Deane Keller encontrou numa *villa* em meio a soldados feridos durante uma barragem de artilharia, está de volta em segurança a Siena, no Museo dell'Opera del Duomo. As pinturas de Lucas Cranach, *Adão e Eva*, tão admiradas por Hitler que seus subordinados as roubaram, podem ser encontradas na Galeria Uffizi, entre a pinacoteca da Escola Alemã.

Mas recordações da guerra na Itália, infelizmente, ainda são fáceis de encontrar. A Abadia de Monte Cassino foi reconstruída, mas os marcos mais visíveis dessa reconstrução são os cemitérios da Commonwealth britânica e a polonesa, nas colinas abaixo, abrigando milhares de lápides em memória dos soldados que combateram a ferrenha batalha. Os americanos que tombaram estão enterrados ao lado de seus irmãos, em Anzio, a 112 quilômetros de distância.

As pontes de Florença foram reconstruídas; a da Santa Trinita parece em grande medida quase que exatamente como era antes de sua demolição, em parte graças às inúmeras fotografias de arquivo tiradas sob a direção do estudioso alemão (e membro do Kunstschutz) professor Heydenreich, quando diretor do Kunsthistorisches Institut. Contudo, as estátuas da Ponte das Quatro Estações, com milhares de finas rachaduras e partes remontadas, informam os visitantes o que aconteceu há cerca de 70 anos. Do mesmo modo também o fazem os incongruentes prédios modernos que se enfileiram na margem sul do Arno, mais próximo a Ponte Vecchio, ocupando o espaço onde outrora se erguiam torres medievais.

Hoje, a Ponte Vecchio parece quase igual ao que era antes das demolições de agosto de 1944. Mas existe um lembrete dos acontecimentos do tempo da guerra. Defronte ao busto de Benvenuto Cellini, sob os arcos na parede sul, está pendurada uma pequena placa comemorativa em homenagem ao dr. Gerhard Wolf, colocada ali pelas autoridades (embora citando datas de nascimento e morte incorretas) para recordar o homem que trabalhou tão valentemente para salvar a cidade. Gerhard Wolf chegara como cônsul da Alemanha; mas em virtude de suas ações partiu como cônsul de Florença.

Técnicos dedicados em Pádua continuam seu trabalho árduo e meticuloso de remontar os fragmentos dos afrescos pintados por Mantegna nas paredes da Capela Ovetari, danificados pela guerra. A dra. Clara Baracchini dedicou 15 anos ao trabalho de restauração do Camposanto, que ainda continua em andamento. Outros lembretes dos

Monuments Men podem ser encontrados nos lugares mais surpreendentes, como a placa de ENTRADA PROIBIDA ainda pendurada na parede do Castello di Masino, perto da cidade de Lombardia de Ivrea, exatamente onde foi colocado pelo oficial da Monuments, capitão Rodrick E. Enthoven, há quase 70 anos.

Milão sofreu o maior impacto do esforço aliado em convencer, por meio de bombardeios, a Itália a desfazer sua aliança com a Alemanha nazista. A Galeria Poldi Pezzoli precisou ser completamente reconstruída. Os reparos ao La Scala permitiram que o teatro reabrisse em 11 de maio de 1946 com um concerto regido por Arturo Toscanini. O Duomo ainda conserva cicatrizes abauladas e descolorações das bombas aliadas que danificaram sua fachada durante o verão de 1943. As pinturas da Pinacoteca de Brera e da Galeria Ambrosiana sobreviveram, apesar das múltiplas mudanças durante a guerra. Elas retornaram a seus respectivos museus, lar de algumas das mais importantes e bonitas telas do mundo, mas somente depois de extensas obras de reconstrução de ambos os prédios.

A *Última Ceia* sobreviveu, com dificuldade, aos bombardeios de 1943. Quando os últimos sacos de areia que sustentavam a parede norte foram removidos, o Monuments Men Perry e Cott observou: “A *Última Ceia* pode estar ficando pior e com certeza não está ficando nada melhor. É um milagre que nem tenha sobrevivido.” O refeitório foi reaberto ao público em 19 de junho de 1945. Relatos de jornal citaram apenas um quadrado de 25 centímetros na túnica de São Tiago Maior em condições problemáticas. Fora do alcance dos olhos, contudo, estava o problema que perseguiu a parede norte desde que Leonardo a pintou: a umidade.

Em 12 de fevereiro de 1946, Fernanda Wittgens, a única voz discordante em maio de 1945 com relação ao estado da pintura, acompanhou o superintendente Ettore Modigliani em uma inspeção detalhada do mural. Seu relatório foi chocante: “A superfície estava inflada pela umidade; sua aparência era emborrachada e se movia sob o mais leve toque... até a segunda camada da base de gesso.” Além das mudanças no clima, causadas pela perda súbita – e depois a reconstrução – das paredes e do telhado, os sacos de areia que haviam estabilizado o lado da parede norte tinham apodrecido por causa da umidade. A grande proximidade entre os sacos de areia e a parede pintada criou uma grossa camada de mofo na superfície.

Em dezembro de 1946, as condições da pintura eram terríveis. “A cabeça de Cristo havia quase desaparecido”, escreveu um correspondente da revista *Time*. “Os rostos de Felipe e Tiago Maior parecem completamente corroídos por uma camada de salitre calcinado que ameaça se espalhar sobre todo o afresco [sic].^[40] De alguns metros de distância, os apóstolos formam um borrão indistinto. A paisagem originalmente visível ao fundo desapareceu.” O professor Emilio Lavagnino, que desempenhou um papel tão crítico no transporte de tantas obras-primas artísticas e da nação para o Vaticano, comentou que mais uma, numa série contínua de restaurações, “oferece uma garantia possível de manter a pintura com uma forma reconhecível por mais 30 anos – não mais”.

Hoje, grupos limitados de visitantes têm entrada permitida para o refeitório,

passando por um corredor recoberto de vidro a cerca de 12 metros do local do impacto da bomba que aterrissou no claustro. Ao entrar no espaço de clima controlado, eles descobrirão que a avaliação de Lavagnino demonstrou estar errada. *A Última Ceia* sobreviveu a seus problemas de umidade no pós-guerra. Graças à dedicação da dra. Pinin Brambilla Barcilon, que passou 20 anos de pé em um andaime restaurando a pintura, centímetro por centímetro, ela foi recuperada a um estado que não era visto há mais de 100 anos. Unindo tecnologia de ponta ao conhecimento adquirido de experiências fracassadas no passado, seu trabalho preservou esta obra-prima para as futuras gerações.

O refatório é de fato um microcosmo dos acontecimentos na Itália durante a guerra: funcionários locais de arte e cultura e voluntários tomando medidas para proteger seu legado cultural; um plano de ação aliado de bombardeios que inicialmente não levou em consideração as consequências de ataques noturnos com bombas incendiárias a uma capital cultural; a sobrevivência miraculosa de um dos grandes exemplos do gênio criativo do homem; um plano de ação aliado revisto que tinha por objetivo evitar danos deste tipo; e a introdução de um novo tipo de soldado, encarregado de salvar e não de destruir o que existia no caminho do exército conquistador. Ele serve como um lembrete físico de que o gênio criativo do homem de alguma forma tem que ser reconciliado com sua capacidade de destruição.

Em setembro de 1945, o oficial da Monuments John Bryan Ward-Perkins previu: “O processo de restituição e reparação provavelmente será muitíssimo prolongado.” Quase dois anos se passariam antes que as pinturas e esculturas pertencentes aos museus de Nápoles fossem entregues ao representante designado para a Itália, Rodolfo Siviero.

Os Monuments Men seguiram a dica de Pietro Ferraro e encontraram 700 caixotes contendo a biblioteca e a coleção fotográfica do Kunsthistorisches Institut de Florença, escondidos numa mina de sal em Kochendorf, perto da cidade de Heilbronn. As coleções do Kunsthistorisches Institut e da Biblioteca Hertziana, em Roma, que os oficiais da Monuments encontraram em três repositórios diferentes, finalmente acabaram por ser devolvidas à Itália, mas não até 1953.

O inventário de Fred Hartt de maio de 1945 dos dois repositórios alemães na região de Alto Ádige revelou que dez pinturas de Villa Bossi-Pucci, Montagnana, estavam desaparecidas e, presumivelmente, haviam sido roubadas. Dezoito anos se passariam antes que uma aparecesse. O pequeno par de painéis de Antonio Pollaiuolo, talvez as peças mais importantes da Itália que não puderam ser recuperadas pelos Monuments Men, foi encontrado em posse de Johannes Meindl, um garçom alemão trabalhando em Pasadena, na Califórnia, em 1963. Meindl fora veterano da 32ª Divisão de Infantaria da Wehrmacht. As pinturas foram devolvidas às Galerias Uffizi por Rodolfo Siviero e Luisa Becherucci, diretora do Uffizi depois de intercessão e assistência do procurador-geral dos Estados Unidos, Robert F. Kennedy.

A história que emergiu lançou alguma luz em como aqueles saques ocorreram. No final de junho de 1944, Meindl e outros soldados de sua divisão estavam removendo

obras de arte do repositório toscano quando encontraram um caixote que havia sido forçado e aberto. Ao ver o conteúdo – pinturas da Galeria Uffizi e do Palácio Pitti – Meindl comentou:

– Estas pinturas têm algum valor! – Ele e outro soldado então levaram algumas delas.

Investigação subsequente levou os promotores a um homem em Munique que havia ser vindo com Meindl. Com ele estavam cinco pinturas retiradas do mesmo caixote. As três telas restantes daquele caixote específico continuam desaparecidas. O paradeiro de duas delas, escola de Van Dyck (*Madona com Menino e Santos*, Galeria Palatino, inventário #282), e escola de Bronzino (*Cristo na Cruz*, Galeria Palatino, inventário #263), permanece desconhecido. A mais importante das três, *Flores e Frutas*, do mestre holandês Jan van Huysum (Galeria Palatino, inventário #462), está de posse de um colecionador particular europeu. Este continua sendo um dos muitos casos complicados em que a pessoa de posse da obra tem a propriedade, mas não o título de propriedade legítimo.

Quase sete décadas mais tarde, a busca por peças desaparecidas continua. Em meados de 2012, a Divisão de Herança Cultural dos Carabinieri ainda estava à caça de mais de duas mil obras roubadas ou perdidas durante a Segunda Guerra Mundial. Este número nem de longe cobre as que foram tiradas da Itália durante o caos da guerra, com violação das leis de exportação da nação, que desde então encontraram novos donos. O destino dessas obras desaparecidas e de outros tesouros culturais forma uma parte significativa da história da Segunda Guerra Mundial ainda por ser escrita.

Um mistério intrigou os Monuments Men por muito tempo depois de acabada a guerra. Quando Giovanni Poggi descobriu a localização dos dois repositórios do Alto Ádige, por que ele não forneceu a informação a Hartt, Keller ou algum dos outros oficiais da Monuments? A questão permaneceu fora do escopo da investigação de DeWald e Cooper.

Poggi havia fielmente se desincumbido de seus deveres de proteger a extraordinária riqueza da Toscana, mesmo quando ameaçado por um oficial alemão pela falta de cooperação. Os Monuments Men admiravam a dedicação de Poggi, mas não sem alguma crítica a seus métodos. Fred Hartt, que compreendia a importância que Florença poderia ter em sua carreira de pós-guerra, idolatrava e tinha imenso respeito por Poggi: “No final da guerra, ambos os lados reconheciam Poggi como sendo ‘o mais autoritário e estimado superintendente da Itália.’” Hartt acrescentava: “Ele é um homem de imenso conhecimento e de gosto e julgamento indiscutíveis em assuntos de restauração e reparo, devotado e com uma capacidade infinita para trabalho duro.”

Deane Keller considerava Poggi como um par e era mais comedido em sua avaliação do que o entusiasta Hartt. Embora reconhecesse Poggi como um homem de “devoção e lealdade, integridade e inteligência”, Keller questionava seu julgamento em questões importantes. “Uma coisa é o descuido de... permitir que as pinturas florentinas partissem

em uma longa viagem sem terem sido apropriadamente encaixotadas e embaladas”, escreveu em seu relatório de 7 de junho de 1945. “Isso devia ter sido explicado por ele. Além disso, ele sabia que o material estava em Alto Ádige durante todo o inverno de 1944 e 1945 e se absteve de responder às perguntas.”

A afirmação de Keller de que Poggi sabia que os alemães haviam escondido as obras florentinas em Campo Tures e San Leonardo desde dezembro de 1944 estava, em parte, errada. Sabemos que Poggi tomou ciência da existência do repositório em Campo Tures em 15 de novembro de 1944. Pode ter sabido até antes. Uma série de notas escritas à mão por Poggi, registrando detalhes precisos sobre o transporte das obras, foi encontrada entre seus papéis, mas são difíceis de datar com qualquer certeza. A primeira de suas anotações está datada de “4 de julho de 1944”, mas inclui detalhes que transpiraram meses depois. Outras notas são datadas de “20-30-31 de julho, 11 de agosto”, “20 de agosto”, “22 de agosto” e “23 e 26 de agosto” e registram mais detalhes dos despachos para os dois repositórios. Resta-nos perguntar se algumas foram escritas nas datas indicadas ou se aquilo foi uma tentativa de Poggi de posteriormente construir uma linha do tempo.

Em 1946, Poggi e sua equipe haviam reaberto a maioria dos museus florentinos. Ele passava grande parte de seu tempo promovendo eventos culturais com museus e outras instituições nos Estados Unidos num esforço para angariar fundos para restaurações. Três anos mais tarde, depois de ter se vido à causa da arte e da cultura italianas por quase 50 anos, e durante duas guerras, Poggi se aposentou. A despeito de uma carreira notável, ele sempre lamentou as obras de arte que não pudera salvar durante a guerra. Giovanni Poggi morreu a 27 de março de 1961.

Outro homem que arriscou a vida para localizar e garantir a segurança dos dois repositórios foi Don Guido Anelli, “o padre voador”. Sua história revela como as forças aliadas e os funcionários de arte e cultura italianos em Veneza chegaram às duas localidades tão rapidamente. Não tivesse sido por Marchese Serlupi Crescenzi, que mais tarde insistiu que Anelli escrevesse um sumário de suas atividades e o entregasse a Poggi, talvez para corrigir os registros, o serviço prestado por Anelli à Itália e à sua arte teria permanecido desconhecido. Ele encerrou sua mensagem para Poggi dizendo: “Estou grato por esta oportunidade de transmitir ao senhor meus sentimentos de grande estima e respeito.”

Em 11 de maio de 1945, o discreto Anelli recebeu um Certificado de Agradecimento, assinado pelo líder da OSS general William Donovan, expressando gratidão oficial por seu “generoso auxílio a esta agência e ao exército dos Estados Unidos na luta pela liberação da Itália”.

Como democrata-cristão linha-dura na Itália de pós-guerra, Anelli falava abertamente contra o comunismo. Sua postura, especialmente como padre, tornou-se crescentemente

desconfortável para os altos funcionários da Igreja Católica bem como para alguns de seus colegas e paroquianos. Cansado das brigas políticas, Anelli aceitou um cargo numa importante paróquia em Maracay, na Venezuela, em março de 1955. Dois anos depois, o “padre voador” sofreu um derrame e morreu aos 56 anos. No dia 10 de maio de 1990, seus despojos foram levados para a Itália e enterrados perto de seus pais, na cidade de Orzale Neviano degli Arduini.

Alessandro Cagiati, que havia recrutado tanto Don Anelli quanto Pietro Ferraro, teve um desempenho heroico a serviço das duas nações. Ele foi condecorado pelos Estados Unidos e pela Itália, onde foi feito Cavaleiro da Ordem da Coroa. Antes de voltar para sua terra de adoção, a América, Cagiati intercedeu para defender seu amigo e figura paterna, “Pippo” – Marchese Filippo Serlupi Crescenzi –, das acusações de que sua atividade como diplomata que, em tempo de guerra, o colocou em contato com vários líderes fascistas, de alguma maneira constituía colaboração. Em um esforço para limpar o nome de Serlupi, Cagiati escreveu para autoridades italianas afirmando que as atividades de Serlupi “tinham por objetivo proteger a vida de aliados, de italianos e suas propriedades, de tentativas nazifascistas de danificá-las. (...) Os esforços bem-sucedidos... exigem a mais alta gratidão tanto dos aliados quanto dos italianos”.

O primeiro oficial de Monuments baseado na Itália – Mason Hammond – foi transferido para Londres no princípio de 1944. Lá ele trabalhou com Francis Henry Taylor, vice-presidente da Roberts Commission, para desenvolver um plano de restituição para a Alemanha do pós-guerra. Em agosto de 1945, Hammond criou o escritório da MFAA em Berlim, onde lutou para se manter à frente das constantes necessidades de pessoal, criadas pela descoberta de dezenas de milhões de obras de arte e outros objetos culturais roubados pelos nazistas. Seu serviço resultou em condecorações da França (Legião de Honra), da Holanda e da Itália.

Ao voltar para Harvard em 1947, Hammond retomou sua carreira de professor que se estendeu por mais 27 anos, nove como *master* da Kirkland House. De 1936 a 1986, com exceção de seus anos de guerra e sabáticos, a voz de Hammond se tornou conhecida dos formandos na plateia das cerimônias de formatura. Mas este recorde foi batido por um ainda mais notável: de 1921, como calouro em Harvard, até meados da década de 1990, com exceção de seu tempo de guerra, ele assistiu às orações da manhã, seis dias por semana. “Não sou um homem santo”, observou Hammond certa ocasião, “mas sou um homem de hábitos, e assistir ao serviço religioso da manhã é um bom hábito para cultivar.” Além de sua prodigiosa carreira em Harvard, Hammond serviu como chefe de estudos clássicos na Academia Americana, em Roma, em três ocasiões, e duas como diretor executivo interino do legado duradouro de Bernard Berenson – Villa I Tatti –, o Centro de Estudos da Renascença Italiana da Universidade de Harvard.

Em 13 outubro de 2002, apenas quatro meses antes de seu aniversário de 100 anos

(que caiu no Dia de São Valentim), Mason Hammond morreu. Uma de suas três filhas o resumiu com as seguintes palavras: “Um modelo de integridade moral”, sentimento compartilhado por todos aqueles com quem ele se viu na Itália e no norte da Europa.

Tubby Sizer, o homem que encorajou Deane Keller a se candidatar a Monuments Man, nunca se recuperou totalmente da doença que o obrigou a deixar o teatro europeu em 1944. Em 1945, Sizer foi nomeado comendador da Ordem da Coroa da Itália por seus serviços como oficial da Monuments. Ele retomou seus deveres como diretor da Yale University Art Gallery até 1947 e se aposentou da carreira de professor em 1957. Viveu mais dez anos antes de morrer aos 57 anos.

John Bryan Ward-Perkins desempenhou o trabalho de oficial da Monuments no norte da África antes da criação formal de uma unidade de preservação cultural. Sua liderança demonstrou ser tão importante para o sucesso da operação na Itália que Norman Newton, oficial da Monuments do VIII Exército Britânico, recomendou que ele fosse condecorado pelos Estados Unidos. “O trabalho dos oficiais da MFAA com os exércitos ao longo desta campanha foi singularmente auxiliado por este oficial”, escreveu Newton. “A intervenção [dele] com frequência impediu que as insistentes exigências de americanos e britânicos e o sentimentalismo de civis italianos interferissem com a praticidade de operações no campo.” Ward-Perkins, diretor adjunto da operação Monuments na Itália iniciada em março de 1944, subsequentemente recebeu a Medal of Freedom dos Estados Unidos. Ele também foi nomeado Commander of the Most Excellent Order of the British Empire (CBE).

Em 1945, Ward-Perkins deixou a MFAA para se tornar diretor da British School, em Roma, cargo que manteve por 29 anos. Durante esse tempo, ele reuniu mais de 50 mil gravuras e negativos coletados durante seus anos de estudo de arqueologia e arquitetura, em particular sobre o mundo romano. Também estavam incluídas fotos que ele e outros tiraram dos danos causados pela guerra a monumentos italianos. Sua contribuição para a arte sobreviveu à sua morte; em 1981, a família Ward-Perkins generosamente doou todos os seus arquivos de valor inestimável para a British School, onde permanecem disponíveis tanto para estudiosos quanto para estudantes.

Norman Newton serviu como diretor do MFAA depois da partida de Ward-Perkins. Ele retornou a Harvard em 1946 e retomou sua carreira de professor de arquitetura e paisagismo. Em 1967, um ano depois de sua aposentadoria, aceitou o cargo de um ano como arquiteto paisagista residente em sua amada Academia Americana, em Roma. Mas talvez seu legado mais duradouro, e com grande justiça, esteja ao redor da Estátua da Liberdade, onde os caminhos e gramados que projetou recebem milhares de visitantes a cada ano. Norman Newton morreu em 1992 aos 94 anos de idade.

Um dos primeiros Monuments Men a chegar à Sicília e o primeiro a ver *A Última Ceia* livre de seus sacos de areia, Perry Cott partiu de Milão para sua nova missão na Áustria em agosto de 1945. Só ele, Teddy Croft Murray e Norman Newton haviam atravessado todo o comprimento da Itália, desembarcando na Sicília pouco depois de Mason Hammond e, a partir daí, avançando rumo ao norte até Milão e a área do Alto

Ádige.

Cott retomou seu cargo de diretor associado do Worcester Art Museum de 1946 até 1949, quando saiu para se tornar curador chefe assistente e, pouco depois, curador chefe, da National Gallery of Art em Washington, D.C. Seu papel na aquisição da *Ginevra de' Benci*, a única pintura de Leonardo da Vinci a figurar numa coleção fora da Europa, foi a realização mais importante de suas duas décadas de trabalho na National Gallery.^[41] Perr y Cott morreu em Vevey, na Suíça, em 1998.

Cott se manteve amigo pelo resto da vida de Ward-Perkins, Croft-Murray e Ernest DeWald, o homem que o havia selecionado como oficial da Monuments. DeWald deu continuidade à sua liderança na Áustria onde comandou alguns dos mesmos oficiais da Monuments que haviam servido com Cott na Itália. Depois de voltar para casa, em 1946, DeWald se tornou diretor do Princeton University Art Museum até sua aposentadoria em 1960. Mesmo então, seu serviço à Itália prosseguiu. Em seguida à enchente épica de 1966, em Florença, DeWald serviu no conselho consultivo para o Comitê de Resgate da Arte Italiana. Dois anos mais tarde, aos 77 anos de idade, ele sofreu um colapso e morreu depois de ver Princeton massacrar Columbia na competição anual de futebol das duas universidades rivais. DeWald recebeu condecorações por serviços prestados da Itália (Estrela da Solidariedade Italiana), da Inglaterra (Ordem do Império Britânico) e dos Estados Unidos (Legião do Mérito).

Depois de receber um comovente bilhete de despedida assinado por Giovanni Poggi, Filippo Rossi, Ugo Procacci e outros altos funcionários de museus, com grande tristeza, Fred Hartt partiu de Florença no final de agosto de 1945 para uma nova missão na Áustria. Nem mesmo a Estrela de Bronze, que recebeu por seu papel “no salvamento para a posteridade de objetos de arte insubstituíveis”, foi capaz de amenizar seu desapontamento em deixar a cidade. “Aqui estou eu neste buraco molhado [Salzburgo]”, ele escreveu a seu ídolo, Bernard Berenson, “sob a chuva eterna. Foi um sofrimento terrível deixar Florença depois de todo esse tempo. Na última noite, a lua sobre a cidade e sobre o rio estava inacreditavelmente maravilhosa. Na manhã seguinte, enquanto o carro me levava inexoravelmente para a longa estrada, foi difícil me impedir de chorar enquanto olhava para trás, para o *cupolone* sob a luz enevoada e mutante.”

Hartt considerava o trabalho na Áustria “terrivelmente maçante depois da Itália – uma perda de tempo para a maioria de nós”. Ele passou algum tempo contemplando a possibilidade de escrever um livro sobre suas experiências de guerra. “Sinto que tenho que escrever sobre isso para desabafar e tirar de dentro do meu peito”, informou a Berenson. “Tanto da herança da arte italiana está ligado àqueles meses de meu trabalho...” O inverno se passaria antes que Hartt tomasse conhecimento de que, depois de mais de dois anos e meio de serviço militar na Itália e na Áustria, finalmente seria mandado de volta para casa.

Houve uma outra notícia, esta bastante inesperada. A cidade de Florença havia decidido fazer de Hartt cidadão honorário por sua “energia incansável, zelo escrupuloso e perfeito espírito de sacrifício durante e depois da guerra, resgatando, recuperando e restaurando incontáveis obras de arte e monumentos da cidade e da região”. Ao chegar em casa, Hartt escreveu a Berenson para contar-lhe que a homenagem “significa muito para mim, uma vez que eu amo mais aquela cidade do que sou capaz de dizer”. Ele também contou a Berenson que seu retorno aos Estados Unidos fora “acompanhado por grande confusão, muitos problemas e demora para deixar o exército”. Esta foi uma ocasião em que Fred Hartt subestimou muitíssimo a situação.

Enquanto estava em Miami, Flórida, passando pelo processo de deixar o serviço militar, Hartt teve um encontro amoroso de uma noite com um oficial de patente mais baixa. Subseqüentemente, o oficial deu parte do incidente, o que levou Hartt a ser dispensado do serviço militar com base no Regulamento 605-275 do Exército dos Estados Unidos, que declarava que atos homossexuais de classe II por parte de oficiais podem ser resolvidos com a opção de exoneração “a bem do serviço em vez de um julgamento por corte marcial”. Hartt deixou de reconhecer – ou preferiu ignorar os riscos – que seu comportamento promíscuo na Itália seria julgado de modo muito diferente nos Estados Unidos. Nesta ocasião, seu desrespeito às regras do exército americano acabaram resultando em um fim embaraçoso e triste para uma carreira militar de outro modo brilhante e cheia de eventos.

Após a baixa, Hartt foi se juntar à esposa, Peggy, em Nova York, escrevendo a Berenson para relatar: “O reencontro foi maravilhoso.” Inicialmente, encontrar trabalho demonstrou ser difícil, mesmo para um homem que ostentava uma Estrela de Bronze e credenciais acadêmicas impecáveis. Ele passou o ano acadêmico de 1946 como diretor executivo interino do Art Museum e palestrante no Smith College, depois voltou para a New York University, onde concluiu sua tese de doutorado enquanto terminava o livro sobre sua experiência como oficial da Monuments. *Florentine Art Under Fire* foi publicado em 1949, o ano em que Hartt aceitou seu primeiro posto de professor em tempo integral na Washington University, em St. Louis, Missouri. Lá os alunos se lembravam dele por causa da máquina de escrever cor-de-rosa que ele usava como professor. “Eu não sei que veia narcisista em meu temperamento me leva a aceitar sempre duas vezes mais trabalho do que consigo dar conta”, Hartt escreveu a Berenson, “mas pareço estar sempre fazendo exatamente isso.”

Em 1960, Hartt aceitou um novo cargo como professor de História da Arte na Universidade da Pensilvânia, mas a bissexualidade e os anos de idas e vindas até Manhattan para estar com Peggy tiveram um custo. Depois de 18 anos de casamento, Fred e Peggy se divorciaram. A carreira de Hartt, entre 1967 e 1984, incluiu mais dois cargos acadêmicos: presidente do Departamento de Arte e professor na Universidade da Pensilvânia e depois na Universidade da Virgínia, da qual se aposentou como professor emérito.

Em novembro de 1966, Hartt tirou licença para mais uma vez ajudar Florença

quando as águas montantes do Arno ameaçaram a cidade. Mesmo depois que as águas da enchente baixaram, como membro do conselho consultivo do Comitê de Resgate da Arte Italiana, Hartt viajou por todos os Estados Unidos para angariar fundos para cobrir os custos de restauração das obras de arte danificadas. O governo italiano mais uma vez reconheceu seus esforços e lhe conferiu o título de Cavaleiro Oficial da Ordem do Mérito da República Italiana.

Hartt publicou 18 livros durante sua carreira, quatro deles sobre seu artista favorito, Michelangelo. *The History of Italian Renaissance Art*, publicado em primeira edição em 1969, permanece sendo de longe o mais bem-sucedido e duradouro dentre eles, ainda um livro amplamente usado para estudos sobre o tema. Mas a grande tristeza de sua carreira profissional permaneceu sendo o cargo que ele não conseguiu obter: diretor da Villa I Tatti, instalação pertencente à Harvard. Ele considerou a possibilidade de se mudar para Florença de qualquer maneira, mas amigos florentinos o dissuadiram. “Você sempre será um forasteiro”, advertiram alguns.

Peggy nunca voltou a se casar; ela morreu em 7 de dezembro de 1989. Ela e Fred se mantiveram amigos pelo resto da vida e esse foi com certeza seu relacionamento mais estável e afetuoso com uma mulher. Durante anos ele fez questão de viajar para Nova York uma vez por mês para visitá-la. A cada vez lhe levava um cheque de pagamento de pensão e a cada vez ela o rasgava.

Dois anos depois da morte de Peggy, aos 77 anos, Fred Hartt morreu de complicações depois de uma cirurgia de triplo *bypass*. Seu amigo e companheiro de 33 anos, Eugene Markowski, aluno de Hartt na Universidade de Washington e um dos primeiros *fellows* residentes no programa de Harvard, Villa I Tatti, mais tarde observava: “Fred era um homem muito complicado, cujos dons eram enormes, mas cujas ambições eram imensas, muito além do que podia ser realizado ao longo de qualquer vida.”

O que escapou de Fred Hartt durante a vida lhe foi dado depois de sua morte, mas só depois que Markowski superou numerosos obstáculos burocráticos para satisfazer o último desejo de Fred. Numa sexta-feira frígida, dia 5 de março de 1993, a cidade de Florença recebeu como última morada o tenente Frederick Hartt – “tenente Hartt”, como tinha ficado conhecido. Gene chegou à igreja do século XI San Miniato al Monte, trazendo a urna com as cinzas do amigo. Entre os que esperavam para recebê-lo estavam ambos os motoristas do tempo da guerra, Franco Ruggenini e Alessandro Olschki; a família Corsini, em cuja casa Hartt morou enquanto esteve baseado em Florença; Gian Carlo Zoli, prefeito de Florença; e Antonio Paolucci, superintendente de Belas-Artes de Florença.

Hartt sempre tivera uma afeição especial por San Miniato, conhecida por sua vista deslumbrante da cidade. Ele até escreveu um livro sobre uma de suas capelas. Para um homem cuja vida foi definida pelos criadores de Florença – seus artistas, escultores e arquitetos –, não poderia ter havido um local mais apropriado para o último repouso.

Depois de uma missa especial, os amigos de Hartt seguiram Gene até o cemitério

adjacente, passando pelo lote da família Lorenzini e de seu filho mais famoso, Carlo Colodi, o autor de *Pinocchio*, e espalharam as cinzas de Fred.

As maiores qualidades de Deane Keller – confiabilidade, competência e vasto conhecimento da Itália – também demonstraram ser uma praga. O general Edgar Hume queria que o professor de Yale se transferisse com seu quartel-general para a Áustria e escrevesse a história do V Exército dos Estados Unidos, Governo Militar Aliado. Kathy o queria em casa e não se mostrava tímida em dizê-lo em suas cartas. Por mais que quisesse voltar para ela e para Dino, Keller também sentia um forte senso de dever de terminar seu trabalho, especialmente depois de saber, no princípio de agosto de 1945, que ia receber a Legião do Mérito. Os meses se passavam, mas o trabalho persistia. Keller começou a ficar cada vez mais desencorajado sobre qualquer perspectiva de voltar para casa durante aquele ano. “Até onde vejo, não há nada, a menos que haja uma morte em minha família, que possa me levar para casa antes do que os canais regulares levarão.” A partida de seu amigo e motorista, Charley Berholz, no final de outubro, só aumentou seu desânimo.

Em 1º de dezembro de 1945, não havia mais oficiais da Monuments na Itália. Toda a responsabilidade por monumentos e obras de arte àquela altura já havia sido transferida para as autoridades italianas. O trabalho formal da Subcomissão Aliada para Monumentos, Belas-Artes e Arquivos (AMFAA) na Itália – que havia contado com 23 oficiais e homens alistados americanos, e 17 oficiais britânicos – tinha sido dado por encerrado. Só então Keller obteve sua promoção. A notícia triunfante se tornou agridoce ao descobrir que o general Hume havia submetido a recomendação 14 meses antes, mais ou menos um mês depois do belo trabalho de Keller no Camposanto de Pisa, mas então havia falhado em acompanhar seu andamento.

Em 24 de maio de 1946, depois de dois anos e meio de ser viço militar no exterior, Deane Keller finalmente estava a caminho de casa. Sua carta para Kathy e Dino, escrita do porto de Bremerhaven, Alemanha, transbordava de entusiasmo. “Meus queridíssimos: Estarei embarcado e perto de casa quando vocês receberem esta carta. Tudo está pronto para a partida. Dizem que é um bom navio... O próximo contato será um telefonema e depois serei eu olhando para você e Deane cara a cara!!!” Ele não voltou para casa de mãos vazias: além da Ordem da Coroa, da Itália, e da Legião do Mérito, dos Estados Unidos, Keller também recebeu condecorações por seu ser viço da Inglaterra (Membro da Ordem do Império Britânico [OBE]) e do Vaticano (Ordem de São João Latrão), entre outras.

Keller voltou a lecionar em Yale, tornando-se professor titular em 1948. Mas o mundo estava mudando. Em 1950, os líderes da Escola de Belas-Artes de Yale abandonaram o que consideravam um velho método de ensino, baseado na tradição de Beaux Arts e abraçaram um modo mais expressivo e experimental de teoria da arte.

Artistas modernos, com seu uso abstrato e conceitual de cor e formas, tinham capturado a imaginação de colecionadores e do público espectador. Robert Rauschenberg e Charley Twombly, entre outros, se tornariam a nova coqueluche. Seu ex-professor, Josef Albers, assumiu o comando no Departamento de Design de Yale. Keller continuou lecionando arte para alunos de graduação de outras faculdades em Yale, mas não podia mais dar aulas para estudantes de pós-graduação.

Ao longo desta amarga adaptação, Keller se manteve uma criatura de hábitos e disciplina. Ele dava aulas nas roupas a que se referia como seu “uniforme”: calça escura, camisa branca com as mangas arregaçadas e gravata. Raramente mencionava seu ser viço no exterior. Um de seus alunos, um companheiro veterano chamado Leonard Fisher, compartilhava a mesma opinião de Keller de que “os caras que realmente importavam eram os que não tinham voltado porque estavam todos enterrados debaixo de sete palmos de terra. Então, como você poderia falar de sua experiência por lá?” Keller na verdade tinha um lembrete constante: seu uniforme ficava orgulhosamente pendurado em um canto da sala. Fisher reparou que Keller “tentava esconder sua humanidade e alma com rabugice, mas aqueles que haviam servido nas forças armadas podiam ver claramente que por baixo daquilo tudo ele era um gatinho manso”. Todos os dias, ele almoçava à mesma hora e no mesmo lugar, lendo o *New York Daily News*; as pessoas sempre sabiam onde e quando encontrá-lo. Ao longo de anos foi ao The Pub on Chapel Street, onde as garçonetes não se davam ao trabalho de lhe trazer um cardápio, apenas o almoço habitual: caldo de carne (ele chamava de “chá de carne”), seguido por sorvete de baunilha banhado em café. Durante os anos 1950, Keller se tornou o pintor de retratos não oficial de Yale, capturando as feições não só de vários funcionários da escola, mas também de outras figuras proeminentes, inclusive o senador Robert A. Taft, cujo quadro hoje está pendurado no salão de recepção do Capitólio, em Washington, D.C. Em 1959, ele considerou brevemente a ideia de colaborar com um livro a ser escrito por seu motorista do tempo de guerra e amigo para o resto da vida, Charley Berholz. Eles acertaram um título – *Charley and the Captain* (Charley e o capitão) – e trocaram algumas cartas a respeito, mas muito pouco além disso. Keller pintou um retrato de Charley usando uniforme e suas condecorações. Ao fundo, há um mapa da Itália com uma figura de cinco pontas acima de Anzio, representando a batalha em que Charley ganhou sua Estrela de Bronze.

Os Keller comemoraram a chegada de um novo membro da família em 1950, um filho que batizaram como William (“Bill”). Àquela altura, o relacionamento entre Keller e Dino, agora com 10 anos e chamado de “Deanie” pela família, havia se tornado intensamente próximo. O desenho havia sido o meio de comunicação entre eles durante os anos de Keller no exterior, e isso continuou depois que ele voltou para casa. O crescente interesse de Dino por arte demonstrou ser uma distração bem-vinda para as decepções de Keller em Yale.

Em 1965, enquanto Dino estava em Florença dando continuidade a seus estudos de arte, a família fez sua primeira viagem à Itália, exatamente como Keller havia prometido a

Kathy em novembro de 1944. Eles caminharam pelas ruas de Nápoles, onde Keller havia comprado de um camelô a insígnia do V Exército que costurara em seu uniforme; apreciaram ver a *Maestà*, de Duccio, em Siena, que Keller havia descoberto entre soldados feridos num hospital de campo improvisado; e passaram pela sossegada Piazza dei Miracoli, em Pisa, enquanto ele descrevia o horror de ter visto o Camposanto sem telhado e seus famosos afrescos despedaçados. O ponto alto da visita a Milão foi parar diante da famosa pintura que, a certa altura, ele temera que “pudesse estar em ruínas”.

Em 1976, Keller sofreu um derrame. Embora continuasse lúcido em seus pensamentos, sofreu paralisia parcial do lado direito, o que o obrigou a abandonar a pintura de retratos. Ele se manteve ativo e próximo da família, amigos e alunos até a morte, em 1992. Kathy e Dino concordaram em dividir seus despojos. Ela queria enterrar seu marido no jazigo da família em New Britain, Connecticut, mas Dino tinha outro lugar em mente – um que eles haviam visitado em família, em 1965.

Em maio de 2000, depois de oito anos de esforços, com a ajuda de Enea Fogagnolo, Dino, Bill e suas esposas entraram no Camposanto, onde representantes do governo italiano, do exército dos Estados Unidos, do Vaticano, da cidade de Florença e da igreja de Pisa os receberam. (Kathy estava debilitada demais para fazer a viagem.) O cônsul-geral americano em Florença, Hilario Martinez, também compareceu. Depois que todos eles se reuniram do lado norte do Camposanto, perto dos afrescos do artista do século XV, Benozzo Gozzoli, Dino colocou a pequena urna, coberta pela bandeira americana e uma coroa de louros, na tumba no chão.

Deane Keller certa ocasião havia comentado: “Meus anos de serviço no exército foram os mais úteis da minha vida. Eu amava os italianos e os respeitava... nós estávamos apenas fazendo um trabalho. Não somos tão nobres.” Mas aqueles reunidos para homenageá-lo sabiam que não era bem assim. “Ele tinha a mão de um artista e o coração de um italiano”, escreveu alguém, mais tarde. O prefeito de Pisa Paolo Fontanelli, disse: “O povo de Pisa tem um laço de união com este homem, que usou seu papel como militar para resgatar um patrimônio que pertence a todo mundo.” Uma inscrição na lápide branca do túmulo que marca o lugar de seu último repouso termina com as palavras latinas “*Amicissimus ad amicus*” (O amicíssimo está de volta entre amigos). Um jornal local anunciou, “*L'ultimo saluto al capitano Keller*” (O último adeus ao capitão Keller).

Dino voltou para casa e continuou seu trabalho como artista e professor, mas sentia uma falta terrível do pai. Em algum momento durante a noite de 4 de janeiro de 2005, ele morreu. Embora a causa oficial da morte fosse um ataque cardíaco fulminante, a esposa de Dino, Dorothy, mais tarde recordou: “Dino morreu por estar de coração partido, era como uma ferida que não sarava; uma parte dele morreu naquele dia.” Bill acrescentou: “Meu irmão ficou enlutado e lamentou a morte de papai até sua própria morte. Ele nunca superou.”

O relacionamento entre Fred Hartt e Deane Keller se tornou mais cordial com o

passar do tempo. Nunca se tornaram verdadeiros amigos, mas o respeito mútuo pela experiência definidora que haviam partilhado se materializou. Na carta de transmissão, de setembro de 1945, para Keller, acompanhando uma cópia de seu relatório final sobre a Toscana, Hartt escreveu: “Você é mencionado com frequência e elogiosamente. Espero que isso sirva como um lembrete, se você precisar de um, de um longo e frutífero período de cooperação entre nós.” Hartt podia compreender como ninguém o que Keller havia sofrido quando entrara nas tristes ruínas de Pisa. “O trabalho mais pesado, e de certo modo o mais trágico, coube ao capitão Keller”, escreveu Hartt. “Seu relatório sobre os danos sofridos por Pisa... é o documento mais chocante de toda a história do trabalho do MFAA na Toscana.” Mesmo dez anos mais tarde, Hartt escreveu para Keller, observando: “Não suponho que ninguém que não tenha passado pela experiência concreta de lutar, persuadir e manobrar pela qual você passou possa jamais compreender o que ela significou.”

No final, Hartt e Keller foram enterrados a menos de 80 quilômetros um do outro, a distância entre San Miniato al Monte, em Florença, e o Camposanto, em Pisa.

A guerra na Itália e sua contribuição para o sucesso da invasão aliada no leste da Europa pode ser medida de muitas maneiras. A Sicília e o continente italiano serviram como o campo de testes que forjou a operação MFAA na Europa. Por vezes a importância da missão dos oficiais da *Monuments Men* foi medida por quase desastres (o mais proeminente, *A Última Ceia*), em outros casos, pelo que eles salvaram, como o Camposanto. A precisão dos bombardeios na estação de trens de Santa Maria Novella, no centro de Florença, demonstrou novas possibilidades na campanha aérea. Contudo, a realização mais global dos *Monuments Men* ocorreu ao nível do chão, onde os aliados conquistaram a lealdade das populações locais, que viram estes soldados pesquisadores e estudiosos se dedicarem a tentar reparar suas igrejas danificadas e a preservar suas obras de arte.

A experiência adquirida na Itália foi transferida para Shrivensham, na Inglaterra, à medida que os aliados se preparavam para invadir a Europa ocidental. A ordem histórica do general Eisenhower, sobre proteção de propriedade cultural na Itália, havia sido emitida quase seis meses depois da invasão da Sicília. Onze dias antes dos desembarques na Normandia, ordem semelhante estava nas mãos de seus comandantes. Embora o exército dos Estados Unidos tenha falhado em atender a todas as necessidades dos *Monuments Men* que acabavam de chegar, ele realmente endossava sua missão. Isso com certeza não foi acidental. As experiências de tentativa e erro – e as realizações subsequentes – de Hammond, Keller, Croft-Murray e outros haviam preparado o caminho.

Vale a pena arriscar a vida de alguém para salvar uma obra de arte? Esta pergunta passou pela cabeça dos *Monuments Men* e de todos os que salvaguardaram tesouros

culturais durante a guerra. A resposta de Keller a esta pergunta fez uma importante distinção: a de morrer para salvar um objeto em oposição a morrer enquanto se defende uma causa. Nem o metódico Keller nem o de vez em quando impulsivo e temerário Hartt queria perder a vida, mas ambos aceitaram os riscos porque acreditavam na causa.

As palavras finais sobre o trabalho dos Monuments Men na Itália devem vir do homem que lá serviu por mais tempo, o major Deane Keller. Não só elas definem a responsabilidade de uma nação em respeitar a propriedade cultural, como também refletem o propósito nobre pelo qual estes homens e mulheres serviram.

Uma vez que Belas-Artes não são comestíveis, nem oferecem calor a quem tem frio, luz aos que estão na escuridão, ou água para aqueles que querem cozinhar ou lavar, um motivo além das necessidades primitivas do homem deve ser encontrado para elas em tempos de guerra. (...) É a esperança do capitão Keller que o trabalho desta seção (Monuments, Fine Arts and Archives – Monumentos, Belas-Artes e Arquivos) tenha ajudado a sustentar aos olhos dos americanos e dos aliados seu sentido de civilização e sua sensibilidade por algumas das maiores produções da mente e da emoção humanas... Ter podido servir [meu] país e, em pequena medida, a civilização, como oficial de um grande exército, com a missão de cuidar de um tesouro pertencente não só aos italianos, mas ao mundo de um modo geral, é honra suficiente para um homem.

39. A pinacoteca do Museo Nazionale foi transferida para o Museu Capodimonte em 1957.

40. *A Última Ceia* não é um verdadeiro afresco, uma vez que foi pintada sobre reboco de gesso seco, não fresco e úmido.

41. Por ocasião da impressão deste livro, uma pintura recém-descoberta de Leonardo – *Salvator Mundi* – estava sendo posta à venda por um grupo de negociantes de arte nos Estados Unidos.

AGRADECIMENTOS

Antes de emergir na Quadra Central, em Wimbledon, os jogadores caminham por um corredor sob um excerto do poema de Rudyard Kipling “Se”, em que se lê: “(...) Se, encontrando a desgraça e o triunfo, conseguires tratar da mesma forma a esses dois impostores. (...)” Pensei nas palavras de Kipling quase que diariamente durante a pesquisa e a redação deste livro. Os sacrifícios feitos ao longo desta jornada exigiram esforços de minhas capacidades, de todas as maneiras possíveis. Que glorioso desafio; que empreitada valiosa; mas que solidão.

Raramente feitos deste tipo são singulares. Eu me beneficieei do trabalho duro e da boa vontade de muita gente, todos empenhados em garantir a excelência deste livro e a sanidade de seu autor. Estou em dívida com todos eles.

Elizabeth Hudson, minha pesquisadora sênior, que trabalhou comigo em meus três livros, teve um desempenho brilhante. Sua atenção ao detalhe e suas habilidades magistrais de administração de projeto guiaram com tranquilidade um empreendimento extremamente complexo até a conclusão. Vê-la crescer nesta posição ao longo destes últimos anos foi uma feliz experiência para mim.

Christy Fox apoiou todos os aspectos do projeto Monuments Men, quase que desde o começo. Ela prestou assistência a este livro com pesquisa de arquivo de fundamental importância; localizou e entrevistou vários participantes relevantes e contribuiu para cada fase de desenvolvimento. Sua admiração pelos homens e mulheres da Monuments sustentou este projeto, o trabalho da Fundação Monuments Men – e meus esforços durante algumas fases difíceis.

Minha assistente executiva, Michele Brown, exemplifica a graça sob o fogo de combate com um sorriso todos os dias. Eu não poderia ter mantido uma agenda tão dura e uma carga de trabalho tão pesada sem ela. Auxiliando-a estava James Early, que administra o enorme banco de dados de filmes e imagens da fundação e sua atividade de website, e Anne Jones.

Dorothee Schneider leu, mais uma vez, milhares de documentos e dúzias de livros escritos em alemão para avaliar os detalhes mais relevantes; depois, ela os traduziu para serem lidos por mim. Com seus contatos, ganhamos acesso a registros que nunca tinham sido vistos e que demonstraram ser críticos para decifrar acontecimentos complicados. Minha confiança no julgamento dela fala por si. O mais novo membro de nossa equipe de pesquisadores, Anna Botinelli, passou incontáveis horas em arquivos, em Roma, Milão e em sua cidade natal, Florença. Ela chegou até a conduzir uma entrevista enquanto tomava notas na varanda de alguém debaixo de chuva! Ambas demonstraram paciência com meus infundáveis pedidos de informações adicionais. Também é preciso dar crédito a Natalie Ward e Giulia Mezzi, que nos auxiliaram neste projeto.

A W W Norton tem mostrado entusiasmo com relação a este livro desde o início. A dedicação da companhia à excelência e a uma abordagem empresarial do trabalho de uma editora combinou perfeitamente com o projeto deste livro. Tom Mayer, meu editor, contribuiu com uma mão firme ao longo dos dois anos de redação e edição. Em mais ocasiões do que consigo me lembrar, ele encorajou mudanças que demonstraram atenção ao detalhe. Ele me inspirou a escrever bem e me orgulho de nossa colaboração. Starling Lawrence leu o manuscrito com grande entusiasmo. Para resumir da maneira mais simples, seus comentários tornaram o livro melhor. Também quero agradecer a outros na Norton, inclusive John Glusman, Jeannie Luciano, Bill Rusin, Elizabeth Riley, Nancy Palmquist, à editora Kathleen Brandes e à gerente de produção Louise Mattarelliano. Aqui vai também um agradecimento especial para Ryan Harrington.

As pessoas que trabalham por trás dos bastidores são essenciais a um empreendimento tão ambicioso. Sou muito grato à orientação constante de meu habilidoso advogado e amigo Michael Friedman e à equipe da Foundry Literary & Media, especialmente Peter McGuigan, Stéphanie Abou, Kirsten Neuhaus e Matt Wise. Aqui seguem agradecimentos muito especiais para Michelle Weiner, minha agente na Creative Artists Agency. Michelle acreditou na história dos Monuments Men desde que leu *Rescuing Da Vinci*, em 2006. Seus esforços incessantes em encontrar o estúdio de produção certo para um filme baseado em meu último livro nos levou a George Clooney, Grant Heslov e à equipe deles na Smokehouse Pictures.

Os curadores e mantenedores da Monuments Men Foundation foram uma fonte constante de encorajamento. Eles apoiaram minha visão de como *Saving Italy* e *The Monuments Men* poderiam ser usados para criar visibilidade para estes heróis e assim ajudá-los a completar sua missão. O anúncio da realização do filme validou esta abordagem. Quero agradecer àqueles que ajudaram a incentivar a fundação – em particular, Tom e Kim Schwartz, Bob e Patty Hayes, Carol e Terry Wall, Edith e Peter O'Donnell, Aubrey e Katie McClendon, Jim e Nancy Edsel, Alfred Glassell III (cujo falecido pai foi um veterano da Segunda Guerra Mundial), Claire e Jim Woodcock, Allen Cullum e a sra. Margaret McDermott. Também gostaria de agradecer a amigos de longa data da fundação, Susan Eisenhower e dr. Bruce Cole.

Os autores se beneficiam da capacidade de entrar em contato em cima da hora com especialistas, por vezes fazendo grandes exigências ao tempo deles, em outras ocasiões precisando de orientação sobre um ponto em particular. Quatro pessoas – Carlo d'Este, Keith Christiansen, Donald Miller e Joe Persico –, cada uma delas notável em seu respectivo campo, concordaram em ler partes do manuscrito e contribuir com seus comentários. Este livro é melhor em resultado disso. Estou profundamente grato a cada um deles pela ajuda.

Aqueles que ofereceram assistência menos constante, mas importante, durante a redação do livro incluem Joseph Robert White, PhD, Thomas Kline, Nancy Yeide, Ennio Caretto, do *Corriere della sera*, Thomas Rupprath, dr. Gunter Bischof e Joshua Weikersheimer. Uma palavra especial de agradecimento vai para a dra. Birgit Schwarz,

estudiosa excepcional e escritora renomada, que foi generosa ao compartilhar sua *expertise* sobre Adolph Hitler e suas ambições como colecionador de arte. Também quero agradecer a toda a equipe do The National World War Museum, especialmente ao cofundador e presidente dr. Nick Mueller, do vice-presidente Stephen Watson e seu dedicado conselho de curadores, todos os quais estão empenhados em realizar o sonho do outro cofundador do museu, o falecido dr. Stephen Ambrose.

Este livro não teria sido possível sem a contribuição com informações e orientação de famílias e amigos de algumas das figuras-chave na história. Vários deles responderam numerosas perguntas e trocaram e-mails comigo com o mesmo nível de devoção com que demonstraram para com a memória de seu ente querido. Qualquer sucesso que este livro alcance eu divido com cada um deles. Limitações de espaço me impedem de fazer uma lista completa de nomes, mas eu seria omissos se não mencionasse Bill Keller, Eugene Markowski, Dorothy Keller, Leonard Fisher, Lola Scarpitta Knapple, Lizzie Boo Llewellyn, Anthony Cagiati, Spencer Seymour, Margaret Hildson, Bryan Ward-Perkins, Walter Gleasen, Charles Berholz, Mareile Langsdorff Claus, Luigina Anelli, Sergio Giliotti, Anna Magrini e meu falecido amigo muito querido Alessandro Olschki. Aqui vai um agradecimento especial para Ken Scott.

Meus pesquisadores e eu visitamos dúzias de arquivos, todos os quais abrigavam valiosas informações incluídas no presente livro. Os seguintes indivíduos merecem reconhecimento especial pela assistência prestada: Greg Bradsher, no National Archives; a equipe da Manuscripts and Archives Division, na Yale University Library; Karl Weisenbach e sua equipe, na Biblioteca Presidencial Eisenhower, especialmente Valoise Armstrong e Elinor Haas; Tom Czekanski, no The National World War II Museum; James Moske, no Metropolitan Museum of Art; Jean Henry, na National Gallery of Art; Holly Wright, no Nelson-Atkins Museum of Art; Charles Greene e Shari T. Kenfield, na Princeton University Library; padre Agostino Selva, na Santa Maria delle Grazie, Milão; Maria Liberatrice Vicentini, no Siviero Archive, Roma; Attilio Tori, do Museo Casa Rodolfo Siviero, Florença; Giuseppe Bentivoglio e Diego Guidi, da Opera della Primaziale Pisana; Alexa Mason e Ilaria Della Monica, na Villa I Tatti, em Florença; Ivana Novani, no arquivo da Soprintendenza per i Beni Architettonici e del Paesaggio, em Milão; Simona Pasquinucci, no Archivio Catalogo Beni Storici Artistici, em Florença; Luca Brogioni e Francesca Gaggini, do Archivio Storico de Florença; Alessandra Giovenco, do The Photographic and Historic Archive of the British School, em Roma; Antoni Palladino, da Academia Americana, em Roma. Aqui vai também uma palavra de agradecimento para Pietri Bonardi e Marco Meschini.

A solidão de escrever foi amenizada por dois lugares que me ofereceram apoio e encorajamento, cada qual à sua maneira especial. A equipe do Al Biernet's Restaurant, em Dallas, regularmente me oferecia a mesa mais bem iluminada do restaurante quando eu precisava de um lugar seguro para escrever, rodeado de gente e barulho. Obrigado para Al, Brad, Victor, Audra, Ellen, Nichole, Michael e enfermeira Rachels.

Ao longo dos anos, fui afortunado por poder passar algum tempo no Palace Hotel

em St. Moritz, Suíça. Escrevi uma grande parte do manuscrito lá, enquanto conduzia incursões de pesquisa pelos Alpes e pelo norte da Itália, indo aos lugares importantes de nossa história. O tempo passado no Engadine me inspirou. A partir do momento que cheguei – com 12 caixotes de documentos de pesquisa e dúzias de livros de referência – todo mundo, da alta administração aos funcionários temporários, sabia por que eu estava lá. Muitos tinham noção da dificuldade que eu enfrentava, longe de casa. Muito obrigado a todos eles, em particular a meu amigo Guiseppe Pesenti, por agir como se fizesse parte da família durante meus muitos meses solitários de leitura, reflexão e escrita.

Meus amigos cuidaram de mim durante este longo processo, vários nos momentos mais críticos. Alguns preferiam me alegrar com uma saudação a distância, da varanda; outros desempenharam um papel mais ativo. Meu filho, Diego, um músico talentoso, constantemente me encorajou, mesmo quando meu trabalho nos mantinha separados. Ele continua sendo meu modelo de abnegação.

Minha mãe, Norma, e tia, Marilyn Wright, são minhas maiores fãs. A elas – e a todos os meus amigos – estendo meu agradecimento e meu amor, especialmente a Michael Madigan, June Terry, Khanh Dao, Boyd Lyles, Drew e Susan Gitlin, Blake e Tom Stevenson, Linda e Mike Buchanan, Ken e Betty Boome, George e Fern Wachter, Ginger e Ian Russell, Alan Christopher, Rod Laver, John e Roberta McDonald, Martha Snider, Marco Bonini, Michelle Rapkin, Bret Witter, Mike Bylen e Bobby Zorn. E a Simonetta Brandolini, cuja liderança da organização Amigos de Florença faz dela uma “Monuments Woman”. A Erin e a lembrança de saltar poças de água.

Lamento a morte recente de amigos queridos, dr. Ted Pillsbury, que teria ficado tão orgulhoso por eu ter escrito este livro, e sua esposa Mircille; e Mar y Laver. Desde a publicação de meu último livro, cinco oficiais da Monuments morreram. Eu considerava cada um deles um “amigo”: Robert Koch, James Reeds, Mar y Regan Queensberr y, Seymour Pomrenze e Mark Spenberg.

Outro amigo, homem a quem admiro e quero bem, merece uma menção especial: o Monuments Man Harry Etlinger. Ele e os outros homens e mulheres da Monuments – os poucos que ainda estão conosco e aqueles que já se foram – permanecem sendo a inspiração por trás de meus contínuos esforços.

VOCÊ VIU ESTAS OBRAS DE ARTE?

A Fundação Monuments Men para a Preservação da Arte dá continuidade à missão de seus oficiais ao trazer visibilidade para objetos culturais ainda desaparecidos desde a Segunda Guerra Mundial e prestando assistência àqueles que trabalham para a devolução desses objetos. Se você tiver informações sobre um homem ou mulher da Monuments Men ou se possui uma obra de arte, documento ou outro item cultural que acredita ter sido roubado ou “liberado” durante a guerra, por favor entre em contato conosco na www.monumentsmenfoundation.org

As seguintes obras de arte figuram entre as mais proeminentes das mais de duas mil peças documentadas como tendo sido roubadas da Itália durante a guerra.



1. Rafael

Madonna do Vêu

Propriedade do Uffizi Gabinetto Disegni e Stampe, Florença.

Roubada da Villa Reich, Barberino di Mugello.



2. Sandro Boticelli

Retrato de Rapaz Desconhecido

Propriedade do Filangieri Museum, Nápoles

Roubada da Villa San Paolo di Belsito.



3. El Greco

Cópia de "Noite", de Correggio

Propriedade da Coleção Contini Bonacossi

Roubada da Villa di Trefiano, Poggio a Caiano.



4. Peter Paul Rubens

Três Virtudes Teológicas

Propriedade de uma coleção particular, Roma

Roubada do EGELI (Instituto para Administração e Venda de Propriedade, Ministério das Finanças) Repositório.



5. Hans Memling

Retrato de um Jovem

Propriedade da Galeria Uffizi, Florença;
Roubada de Castello di Poppi.



6. Bernardo Bellotto

Vista do Grande Canal em Veneza
Propriedade da Coleção Borbone-Parma
Roubada da Villa delle Pianore, Lucca.



7. Bernardino Luini
Madona, Menino e Irmã Alessandra Bentivoglio
Propriedade do Filangieri Museum, Nápoles
Roubada da Villa San Paolo di Belsito, Nola.



8. **Jan van Husyum**

Vaso de Flores

Propriedade da Galleria Palatina, Palácio Pitti, Florença

Roubada de Montagnana.



9. Pietro Rotari

Retrato de uma Jovem

Propriedade da Coleção Contini Bonacossi

Roubada da Villa di Trefiano, Poggio a Caiano.



10. Obra de ourives desconhecido de Salzburgo

Bandeja de Prata Banhada a Ouro

Propriedade do Museu da Prata, Palácio Pitti, Florença

Roubada da abadia de Monte Cassino.

CAÇADORES E CAÇADORAS DE OBRAS-PRIMAS SERVINDO NO TEATRO MEDITERRÂNEO

Maj. Paul Baillie Reynolds, britânico
Maj. H. E. Bell, britânico
T/5 Charles Bernholz, americano
Pfc. Paul O. Bleecker, americano
Fanny Bonajuto, italiana
Maj. John Bromwich, britânico
Capt. T. Humphrey Brooke, britânico
Ten.-cel. Stanley Casson, britânico (morto em trânsito)
Maj. J. M. Cook, britânico
Líder de esquadrão Douglas Cooper, britânico
Capt.-cvt. Perry B. Cott, USNR, americano
Capt. Edward "Teddy" Croft-Murray, britânico
S/Sgt. Nicholas L. Defino, americano
Ten.-cel. Ernest DeWald, americano
Sgt. D. L. Donn, britânico
Ten. Glanville Downey, americano
Ten.-cel. Dunbabin, britânico
Capt. Roger H. Ellis, britânico
Capt. Rodrick E. Enthoven, britânico
Capt. Thomas Worden French, britânico
Maj. Paul Gardner, americano
Ten.-cel. Mason Hammond, americano
Ten.-cel. N. C. L. Hammond, britânico
Ten. Frederick Hartt, americano
Sir Hilar y Jenkinson, britânico
Pfc. R. J. Jennings, americano
Maj. Deane Keller, americano
Maj. Bancel LaFarge, americano
Ten. Kenneth O. Lippman, americano
Angelo P. Lucia
Capt. Basil Marriott, britânico
Capt. Fred H. J. Maxse, britânico
Capt. William D. McCain, americano
Ten.-cel. Norman T. Newton, americano
Cpl. D. Pascale, americano
S/Sgt. Bernard Mann Peebles, americano

Capt. Albert Sheldon Pennoyer, americano
Capt. Cecil R. Pinsent, britânico
Salvatore C. Scarpitta, americano
L. A. Sheppard, britânico
Fred W Shipman, americano
Ten.-cel. Theodore Sizer, americano
Capt. G. F. T. Wagstaff, britânico
Ten.-cel. John Bryan Ward-Perkins, britânico
Capt. Sidney Blehler Waugh, americano
Ten.-cel. Mortimer Wheeler, britânico
Cpl. Edward N. Willard, americano
Ten.-cel. Sir Leonard Woolley, britânico

A história da seção Monumentos, Obras-Primas e Arquivos e o trabalho dos *Monuments Men*, os Caçadores de Obras-Primas têm sido uma área pouco pesquisada da Segunda Guerra Mundial. Existem dezenas de milhares de livros sobre a Segunda Guerra – milhares só a respeito do Dia D e dos desembarques na Normandia. Em comparação, muito pouco se escreveu sobre este grupo de homens e mulheres e seus feitos, o que tornou as pesquisas para a presente obra, meu terceiro livro sobre o assunto, ao mesmo tempo excitante e satisfatória.

O desafio de reconstruir eventos que ocorreram há quase 70 anos foi às vezes assustador. Somando-se à dificuldade, existem as incoerências nos relatos de vários indivíduos sobre os acontecimentos. Sempre que foi importante, acrescentei uma nota mais extensa no final para identificar os diferentes relatos e, quando possível, reconciliar a disparidade. Reunir as histórias pessoais dos *Monuments Men* e as de membros de suas famílias foi de importância primordial. Mesmo nas raras ocasiões em que existe uma cadeia completa de correspondência, como no caso de Deane Keller, cuja família conserveu assiduamente suas cartas e cartões de durante a guerra, entrevistei também outras pessoas que conheceram Keller a fim de oferecer uma perspectiva mais ampla sobre sua experiência.

Em contraste, nenhuma carta de Fred Hartt para casa durante a guerra sobreviveu. Provavelmente, sua esposa, Peggy, as destruiu. Mas, por sorte, Hartt escreveu um livro em 1949 sobre suas experiências na guerra. Usando esse relato, combinado com seus extensos relatórios, consegui reconstruir sua experiência além-mar. Formar um retrato completo de Hartt teria sido impossível sem a cooperação de seu companheiro e parceiro por 33 anos, Eugene Markowski.

Avaliar o general da SS Karl Wolff e o seu papel durante estes acontecimentos foi muito problemático. Algumas pessoas caracterizaram Wolff como uma testemunha pouco confiável, notando sua tendência para a autopromoção. Isso às vezes não é exato. Mas a abundância de documentação nos registros da OSS sobre a atividade do general durante a Operação Amanhecer, inclusive conversas gravadas secretamente depois de sua prisão, relatórios de inquéritos no pós-guerra, testemunhos e depoimentos juramentados e Affidavits, quando combinada com a autobiografia de Wolff e o trabalho de outros que o entrevistaram – em particular o biógrafo alemão Jochen von Lang –, oferecem uma boa compreensão sobre este homem esperto e inteligente. Mesmo levando em conta as extraordinárias habilidades de autopreservação de Wolff, existe uma coerência no conjunto de informações que me permitiu descrever seu papel nesta história com segurança.

Mais recentemente, a distinta estudiosa alemã dra. Kerstin von Lingen escreveu duas obras importantes sobre Wolff e seu grau de culpa nos crimes de guerra. Ela, como o

professor britânico Michael Salter, apresenta estudos decisivos envolvendo as atividades de guerra de Wolff e o seu papel durante a Operação Amanhecer que descartam qualquer dúvida de que ele foi protegido da condenação por amigos entre os aliados ocidentais.

A ausência de estudos sobre bombardeios estratégicos da Itália no pós-guerra pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha também causou alguma dificuldade, forçando-me a mergulhar em relatórios individuais sobre as missões e relatos pessoais de pilotos e bombardeadores. Relatos contemporâneos publicados em jornais foram muitíssimo úteis para confirmar o que aconteceu ao nível do chão.

Neste livro, tentei acrescentar em notas de pé de página cada fato material. Nenhuma licença autoral foi tomada com citações. Segue um relato detalhado de fontes – arquivos e entrevistas pessoais, arquivos particulares e outros mais.

NOTAS DO AUTOR

- 9 **Cecil Pinsent** “Candidate’s Separate Statement”, Cecil Pinsent Application, Fellow, Royal Institute of Britanic Architects.
- 10 **“A vida é cheia de mistérios”** Leonard Fisher, Eulogy for Deane Keller, 1992.
- 10 **“Só lamento”** Salvatore Scarpitta (Monuments Man), entrevista com o autor, 2006.
- 10 **“Fui um rapaz muito crítico”** Ibid.
- 11 **“Voltarei para vê-lo... obrigado, irmão** Ibid.

EPÍGRAFE

- 19 **“Em tempos de guerra, quando os pensamentos”** Deane Keller, “Fine Arts Section”, Deane Keller Papers, MS 1685, Manuscripts & Archives, Yale University Librar y Yale University, New Haven, Ct, Box 19, Folder 10, 1.

PRELÚDIO

- 21 **À meia-noite e meia** Rosa Auletta Marrucci, ed., *Bombe sulla città: Milano in guerra 1942-1944* (Milão: Skira, 2004), 70-71.
- 21 **eclipse lunar** “Continuano i bombardamenti terroristici: il Duomo di Milano colpito”, *Corriere della Sera*, 17 de agosto de 1943, 1. Eclipse: <http://eclipse.gsfc.nasa.gov/5MCLEmap/1901-2000/LE1943-08-15P.gif>.
- 21 **centenas de milhares** No final de 1943, em Milão, 250 mil pessoas estavam sem casa, 300 mil foram evacuadas, 687 tinham morrido, 113 estavam feridas e 65% dos monumentos estavam seriamente danificados ou destruídos. Dos 273 prédios protegidos na cidade, 183 tinham sido danificados. Marrucci, ed., *Bombe sulla città*, 70-72, 169.
- 21 * Marrucci, ed., *Bombe sulla città*, 243. Fra Pietro Lippini OP, “Furono i Domenicani a salvarlo dopo il bombardamento dell’agosto 1943”, in *L’Ultima Cena di Leonardo da Vinci: Una lettura storica, artistica e spirituale del grande capolavoro*

- (Milão: Dominican Friars of the Church of Santa Maria delle Grazie, n.d.).
- 22 **“sair cedo de manhã”** Ludwig Heinrich Heydenreich, *Leonardo: The Last Supper* (Londres: Allen Lane, 1974), 16.
- 22 **“Na verdade, eu vos digo”** Mateus 26:21 (Bíblia do Rei James).
- 22 **“os movimentos dos homens”** Heydenreich, *Leonardo: The Last Supper*, 57.
- 22 **A bomba havia caído** Mario Frassinetti et al., Santa Maria delle Grazie (Milão: Federico Motta, 1998), 114-15; Marrucci, ed., *Bombe sulla città*, 245.
- 22 **transferido seus companheiros dominicanos** Lippini, “Furono i Domenicani a salvarlo dopo il bombardamento dell’agosto 1943”, 15.
- 23 **A explosão reduziu a parede leste** Marrucci, ed., *Bombe sulla città*, 243-44.
- 23 **levou três anos para terminar** Frank Zöllner, *Leonardo da Vinci, 1452-1519* (Colônia: Taschen, 2003), 53.
- 23 **“quase toda a largura”**, as medidas do Refeitório: 35,5 m por 8,87 m e 11,5 m de altura. Heydenreich, *Leonardo: The Last Supper*, 16.
- 23 **Com muita frequência, esses esforços**, Pinin Brambilla Barcilon and Pietro C. Marani, *Leonardo: The Last Supper*, trans. Harlow Tighe (Chicago: University of Chicago Press, 1999), 21.
- 23 **“Não existe obra no mundo”** Fernanda Wittgens, “Il restauro in corso del Cenacolo di Leonardo”, in *Atti del convegno di Studi Vinciani; indetto dalla unione Regionale delle Province toscane e dalle Università di Firenze, Pisa e Siena 15-18 gennaio 1953* (Florença: Leo Olschki, 1953), 42.
- 23 **A explosão da bomba também desalojou** Lippini, “Furono i domenicani a salvarlo dopo il bombardamento dell’agosto 1943”, 16.
- 24 **Uma tempestade de verão poderia facilmente** Soprintendenza ai Monumenti di Milano, “Relazione sui provvedimenti presi dopo il 16 agosto 1943 dalla Soprintendenza ai Monumenti di Milano”, Maio, 1945. National archives and Records Administration (hereafter Nara), RG 331, 10000/145/97.
- 24 **Aliados desembarcaram na Sicília** Rick Atkinson, *The Day of Battle: The War in Sicily and Italy, 1943-1944* (Nova York: Henry Holt, 2007), 75.
- 24 **“Jamais, jamais, jamais acredite que uma guerra”** Winston S. Churchill, *My Early Life* (Nova York: Touchstone, 1996), 232.

SEÇÃO I: COMEÇO

- 27 **“Obras de arte não são”** “Preservation of Works of Art in Italy”, 8 de maio de 1944. Nara, M1944, Roll 63.

- 29 **Programar o encontro do dia 19 de julho de 1943** Albert N. Garland e Howard McGaw Smyth, *US Army in WWI: Sicily and the Surrender of Italy* (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1965), 242.
- 29 **rendendo-se em números tão significativos** Atkinson, *The Day of Battle*, 115.
- 29 **comandante em chefe sul** Kerstin von Lingen, *Kesselring's Last Battle: War Crimes Trials and Cold War Politics, 1945-1960* (Lawrence: University Press of Kansas, 2009), 31.
- 29 **“soldados italianos seminus”** Ralph Francis Bennett, *Ultra and Mediterranean Strategy* (Londres: William Morrow, 1989), 225.
- 29 **um milhão de soldados alemães** Max Hastings, *Inferno: The World at War 1939-1945* (Nova York: Alfred A. Knopf, 2011), 315.
- 29 **“a derrota mais catastrófica”** Anthony Beevor, *Stalingrad: The Fateful Siege* (Nova York: Penguin Books, 1998), 398.
- 29 **O encontro... Feltre** F. W. Deakin, *The Brutal Friendship: Mussolini, Hitler and the Fall of Italian Fascism* (Londres: Phoenix Press, 1962), 400-402.
- 30 **Mein Kampf** O segundo volume de *Mein Kampf* foi publicado em 11 de dezembro de 1926. Othmar Plöckinger, *Geschichte eines Buches: Adolf Hitlers “Mein Kampf”: 1922-1945* (Munique: Oldenbourg Verlag, 2006), 121.
- 30 **“profunda admiração pelo”** Adolf Hitler, *Mein Kampf*, trans. Ralph Manheim (Nova York: Houghton Mifflin, First Mariner Books, 1999), 681.
- 30 **“extraordinário autocontrole”** “ITALY: Benito's Birthday”, *Time*, 6 de agosto de 1923.
- 30 **“aquele que a Divina Providência”** Papa Pio XI, “Vogliamo Anzitutto”, *Libreria Editrice Vaticana*, 13 febbraio 1929. Em 11 de fevereiro de 1929, Pio XI e Mussolini assinaram os Pactos Lateranenses. Dois dias depois, em 13 de fevereiro de 1929, o papa pronunciou estas palavras durante um discurso para estudantes e professores na Università Cattolica del Sacro Cuore in Milan. O site oficial do Vaticano tem transcrições dos discursos, http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/speeches/documents/hf_p-xi_spe_19290213_vogliamo-anzitutto_it.html.
- 30 **Ele considerava ridículas as teorias raciais sobre a supremacia ariana de Hitler** Greg Annussek, *Hitler's Raid to Save Mussolini: The Most Infamous Commando Operation of World War II* (Cambridge, MA: Da Capo Press, 2005), 45.
- 30 **No dia 1º de novembro daquele ano** Foi pronunciado em Milão seis dias depois do nascimento do Eixo Roma-Berlim, na Piazza Duomo das 15:55 às 16:25, diante de 250 mil pessoas. Benito Mussolini, *Scritti e discorsi dell'Impero: Novembre 1935-XIV-4 Novembre 1936-XV* (Milão: Hopeli Editore, 1936-XV), 200.
- 30-1 **Motins devidos à escassez de alimentos... desemprego** Stephen Har veq “o

- Esforço de Guerra Italiano e o Bombardeamento Estratégico da Itália”, *The Italian War Effort* 70, nº 228 (fevereiro, 1985), 36.
- 31 **“arrancava seus filhos do arado”** Salvatore Satta, *De profundis* (Milão: Adelphi, 1980), 113.
- 31 **“O sacrifício de meu país”** Garland e Smyth, US Army in WWII, 242.
- 31 **Às 11 horas da manhã... “determinaria o destino da Europa”** Deakin, *The Brutal Friendship*, 402-3.
- 31 **Em algum momento depois das 11:30** Cesare de Simone, *Venti angeli sopra Roma: I bombardamenti aerei sulla Città Eterna: 19 luglio e 13 agosto 1943* (Milão: Mursia, 1993), 248. Deakin, *The Brutal Friendship*, 404, diz por volta do meio-dia.
- 31 **“Neste momento, o inimigo”** Deakin, *The Brutal Friendship*, 404.
- 31 **sem nem mesmo fazer uma pausa** De Simone, *Venti angeli sopra Roma*, 248.
- 31 **Depois que Mussolini falhou... “nos dará liberdade de ação?”** Deakin, *The Brutal Friendship*, 407-8.
- 32 **Embora Mussolini... ataques seria vista pelos romanos** Ibid.
- 32 **apareceram sobre Roma às 11:03 de uma límpida manhã** De Simone, *Venti angeli sopra Roma*, 143.
- 32 **Uma enorme formação** Denis Richards and Hilar y St. G. Saunders, *Royal Air Force: 1939-45: The Flight Avails* (Londres: Seven Hills Books), 318; Har vex “O Esforço de Guerra Italiano e o Bombardeamento Estratégico da Itália”, 40. Note que De Simone, *Venti angeli sopra Roma*, 160, diz que havia 930 aviões. O relatório oficial italiano diz “entre 500 e 600”.
- 32 **virtualmente toda a** Wesley Frank Craven e James Lea Cate, *Army Air Forces in World War II, Vol. II, Europe: Torch to Pointblank, August 1942-December 1943* (Chicago: The University of Chicago Press, 1949), 463.
- 32 **De uma altitude de mais de 20 mil pés** De Simone, *Venti angeli sopra Roma*, 8, 143-44.
- 32 **nove toneladas de explosivos** “Headquarters Northwest African Air Forces A-3 Section Operations Bulletin nº 5, period from 1 August to 31 August 1943”, Lauris Norstad Papers, Eisenhower Presidential Library, Box 12, p. 70. Littorio and Ciampino Airdromes: Headquarters Northwest African Air Forces Operational and Intelligence Summary Number 150 for period ended 1800 Hours, 20 de julho de 1943, Norstad Papers, Box 12.
- 32 **70 segundos** De Simone, *Venti angeli sopra Roma*, 8, 143-44.
- 32-3 **Penachos de fumaça... bombardeassem Roma.** Harold H. Tittmann Jr. e Harold H. Tittmann III, *Inside the Vatican of Pius XII: The Memoir of an American Diplomat During World War II* (Nova York: Doubleday, 2004), 163.

- 33 **Mais de duas mil pessoas... a maioria civis** o governo fascista alterou os dados imediatamente e na quarta-feira, 21 de julho, comunicou que a morte de civis totalizou 176, mais 1.659 feridos, enquanto na mesa de Ambrosio já havia um relatório de que as mortes eram no mínimo duas mil. Na manhã de quinta-feira, 23 de julho, o jornal *Il Messaggero* publicou um breve comunicado do Ministério do Interior dizendo que as mortes eram 717, e 1.599 feridos. Nessa mesma noite, o Comando Geral dos Carabinieri havia enviado ao governo um breve relato afirmando que o número de vítimas “não pode ser considerado inferior a duas mil ou 2.200 pessoas”. Logo depois, “757 cadáveres registrados” tornou-se o número “oficial” de baixas para o bombardeio de julho de 1943. Cesare De Simone acredita que o número de pessoas mortas durante o bombardeio de 19 de julho ficou entre 2.800 e 3.200, provavelmente mais próximo de cerca de 3 mil ou mais; os feridos provavelmente ficaram por volta de 11 mil ou 12 mil. De Simone, *Venti angeli sopra Roma*, 262-64.
- 33 **“A morte... vem”** Claudia Baldoli e Marco Fincardi, “Italian Society Under Anglo-American Bombs: Propaganda, Experience, and Legend, 1940-1945”, *The Historical Journal* nº 52, vol. 4 (1º de dezembro de 2009): 1.036.
- 33 **“Sua Santidade...”** Tittmann, *Inside the Vatican of Pius XII*, 157-58.
- 33 **“Quanto mais penso”** Owen Chadwick, *Britain and the Vatican during the Second World War* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1986), 216.
- 33-4 **“Bom! Agora também o nosso velho Mussolini”** De Simone, *Venti angeli sopra Roma*, 249.
- 34 **Durante as... de seu escritório particular** Ronald J. Rychlak, *Hitler, the War, and the Pope* (Huntington, IN: our Sunday Visitor publishing division, 2010), 221.
- 34 **de binóculos** De Simone, *Venti angeli sopra Roma*, 246.
- 34 **“executar seus deveres pastorais”** Tittmann, *Inside the Vatican of Pius XII*, 166.
- 34 **confortar os sobreviventes** “Il Santo padre tra i fedeli della Sua diocesi di Roma colpiti dall’incursione aerea”, *L’Osservatore Romano*, 19 de julho de 1943, 1.
- 34 **Ignorando cuidados com sua segurança... uma Mercedes preta** Robert Katz, *The Battle for Rome: The Germans, the Allies, the Partisans and the Pope, September 1943-June 1944* (Nova York: Simon & Schuster, 2004), 15. Antonio Spinosa, *Pio XII, un Papa nelle tenebre* (Milão: Oscar Mondadori, 2004), 218, diz que o papa estava num Fiat Tópolino porque o seu outro carro, um Graham Paige 837, não funcionou naquela manhã.
- 34 **acompanhado apenas por Monsenhor Montini e o motorista** Tittmann, *Inside the Vatican of Pius XII*, 166; Fabrizio Bettelli and Francesco Arlanch, *Sotto il cielo di Roma*. Video, Christian Duguay (31 de outubro de 2010; Roma, Lazio, Itália: Rai Fiction, Lux Vide, Eos Entertainment, Tellux, Bayerischer Rundfunk e Rai Trade, 2010).

- 34 “Santidade” e “Paz” Katz, *The Battle for Rome*, 15.
- 35 “Com o rosto pálido de tristeza” Tittmann, *Inside the Vatican of Pius XII*, 166-67; “Il pontefice si inginocchia sulle macerie di San Lorenzo”, *Corriere della Sera*, 21-22 July 1943, 1; De Simone, *Venti angeli sopra Roma*, 252-53.
- 35 * Rychlak, *Hitler, the War, and the Pope*, 221.
- 35 primeira vez em três anos Tittmann, *Inside the Vatican of Pius XII*, 166; Katz, *The Battle for Rome*, 15; de Simone, *Venti angeli sopra Roma*, 253.
- 35 batina manchada John Cornwell, *Hitler's Pope: The Secret History of Pius XII* (Nova York: Penguin Books, 2008), 298.
- 35 Às cinco horas da tarde do sábado, 24 de julho... três anos sem uma reunião Deakin, *The Brutal Friendship*, 437, 457.
- 35 escondendo pistolas e granadas Ibid., 440.
- 35 Às 2:40 da madrugada Deakin, *The Brutal Friendship*, 440-53, diz que a votação foi 19-7, com uma abstenção. Cornwell, *Hitler's Pope*, 298, diz que foi 19-8.
- 36 “Fez-se silêncio” Deakin, *The Brutal Friendship*, 470.
- 36 o rei havia ordenado Ibid., 469.
- 36 Quando Mussolini deixou... “que o protegesse” Ibid., 471.
- 36 Em poucas horas, dezenas de milhares de pessoas Katz, *The Battle for Rome*, 23.
- 36 “O estoque de vinho esgotou” Allen W Dulles, *From Hitler's Doorstep: The Wartime Intelligence Reports of Allen Dulles, 1942-1945*, ed. Neal H. Petersen (University Park: Pennsylvania State University Press, 1996), 90.
- 37 “O Duce pediu demissão” Helmut Heiber, ed., *Lagebesprechungen im Führerhauptquartier, Protokollfragmente aus Hitlers militärischen Konferenzen 1942-1945* (Stuttgart: Deutscher taschenbuchverlag, 1963), 152.
- 37 Devido à ordem de Hitler André Brissaud, *Canaris: The Biography of Admiral Canaris, Chief of German Military Intelligence in the Second World War* (Nova York: Grosset & Dunlap, 1974), 305.
- 37 “Sem dúvida, nossa traição” Heiber, ed., *Lagebesprechungen im Führerhauptquartier*, 155.
- 37 bombardeios Aliados em Hamburgo... na destruição da cidade Sir Charles Webster and Noble Frankland, *The Strategic Air Offensive Against Germany 1939-1945, Volume II: Endeavor* (Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1961), 150, 261.
- 37 60 mil homens das tropas da Wehrmacht Carlo d'Este, *Bitter Victory: The Battle for Sicily, 1943* (Nova York: HarperCollins, 1988), 607.
- 37 2,1 milhões de soldados Giorgio Rochat, *L'esercito italiano in pace e in guerra: studi di storia militare* (Milão: R. A. R. A., 1991), 285. Como de 31 de maio de 1943.

- 37 Com a exceção de Deakin, *The Brutal Friendship*, 483
- 37 “dar ao comandante da 3ª Divisão Panzergrenadier” Heiber, ed., *Lagebesprechungen im Führerhauptquartier*, 156.
- 37 Entretanto, o Generalfeldmarschall Kesselring Gilbert, *Hitler Directs His War*, 31.
- 38 “Vou entrar no Vaticano agora mesmo” Dito durante a noite de 25-26 de julho. Heiber, ed., *Lagebesprechungen im Führerhauptquartier*, 171.
- 38 “comedores de macarrão” Richards and Saunders, *Royal Air Force*, 311.
- 38 Goebbels sabia Josef Goebbels, *The Goebbels Diaries: 1942-1943*, ed. e trans. Louis P. Lochner (Nova York: Doubleday 1948), 409.
- 38 A maioria dos conselheiros de Hitler concordou Ibid., 416.
- 38 “senhor de todos os campos de concentração” Jochen von Lang, Der Adjutant, Karl Wolff: *Der Mann zwischen Hitler und Himmler* (Munique/Berlim: F. A. Herbig Verlagsbuchhandlung, 1985), 11.
- 38 “Os signores [sic] conseguem uma suspensão temporária” Ibid., 199.
- 38-9 Ele havia ingressado no Exército Imperial alemão... abriu sua própria empresa. Lang, *Der Adjutant*, 14-21; Karl Wolff CVs, 7 de outubro de 1931, 5 de março de 1932, 23 de setembro de 1943, Barch, SS-F.p. 10-C. (microfilme), Bundesarchiv, Berlim.
- 39 Embora Wolff não viesse de... contribuiu para sua autoimagem de nobreza. Lang, *Der Adjutant*, 15.
- 39 Eles o consideravam um “setembrista” Ibid., 13.
- 39 De fato, Wolff esperara... para a SS Lang, *Der Adjutant*, 16; Karl Wolff SS admission Form, 7 de outubro de 1931, Barch, SS-F.p. 10-C (microfilme), Bundesarchiv, Berlim.
- 39 A partir de novembro de 1936 Lang, *Der Adjutant*, 45-46; Michael H. Kater, *Das Ahnenerbe“ der SS 1935-1945: Ein Beitrag zur Kulturpolitik des Dritten Reiches* (Munique: Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 2001), 41.
- 39 * Joan Clinefelter, *Artists for the Reich: Culture and Race from Weimar to Nazi Germany* (Oxford: Berg, 2005), 105.
- 39 “olhos e ouvidos de Himmler” Lang, *Der Adjutant*, 130.
- 39 “A fé colocou-me” Ibid., 193.
- 40 Em julho de 1941, Wolff acompanhou Himmler Dan Kurzman, *A Special Mission: Hitler's Secret Plot to Seize the Vatican and Kidnap Pope Pius XII* (Cambridge, Ma: da Capo Press, 2007), 24; Kerstin von Lingen, *SS und Secret Service, “Verschwörung des Schweigens”: Die Akte Karl Wolff* (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2010), 201.
- 40 No verão seguinte, Wolff interveio Lingen, *SS und Secret Service*, 190.

- 40 “Noto com particular prazer” Ibid.
- 40 Durante seu encontro no final de julho Lang, *Der Adjutant*, 198-99.
- 40 Wolff tinha 14 dias Ibid., 199.
- 40 “espécime de alemão nobre” Ibid., 297-98.
- 40 Wolff também havia conquistado as graças Ibid., 70, 199.
- 40 “devia se considerar o governador do Führer” Ibid., 206.
- 40 “que aqueles sujeitos pretendem” “Testemunho de Erwin Lahousen tomado em Nuremberg, Alemanha, 1º de fevereiro de 1946”, Nara, RG 238, Entr y 7a, Box 11.F: Lahousen, Erwin (vol. 2, novembro-março de 1946) I, 6.
- 41 “Que truque sujo” Ibid., 7.
- 41 No dia 29 de julho Diário de Guerra de Lahousen, Nara, RG 238, Box 18, Entr y 2; Cesare Amè, *Guerra segreta in Italia 1940-1943* (Roma: Casini, 1954), páginas 181-84 afirmam que a reunião em Veneza ocorreu em 2-3 de agosto de 1943, não em 29 de julho, como segundo Lahousen.
- 41 “Cuidado, porque algo pode acontecer” “testemunho de Erwin Lahousen tomado em Nuremberg, Alemanha, 1º de fevereiro de 1946”, Nara, RG 238, Entr y 7a, Box 11.F: Lahousen, Erwin (vol. 2, novembro-março de 1946), I, 8.
- 41 Depois do almoço, Canaris e Amè Amè, *Guerra segreta in Italia*, 182-83.
- 41 “para rever a situação política” David Alvarez e Robert Graham Sr., *Nothing Sacred* (Londres: Frank Cass, 1997), 84.
- 41 “alertou sua plateia de que”... pisos de mármore do palácio papal. Ibid.
- 41 Dezenove dias depois... “documentos secretos” Tittmann, *Inside the Vatican of Pius XII*, 183.
- 41 “queria matá-lo” Alvarez e Graham, *Nothing Sacred*, 84; “Testemunho de Erwin Lahousen tomado em Nuremberg, Alemanha, 1º de fevereiro de 1946”, Nara, RG 238, Entr y 7a, Box 11.F: Lahousen, Erwin (vol. 2, novembro-março de 1946) I, 9. O renomado correspondente de guerra e historiador William Shirer estava presente quando o major-general Erwin Lahousen entrou na sala do tribunal em Nuremberg no dia 30 de novembro de 1945. Lahousen foi a primeira testemunha de acusação do julgamento, portanto sua credibilidade causou uma ótima impressão. “Finalmente um alemão – e general, além do mais... teve coragem de se levantar em público diante do mundo e rotular a Alemanha nazista e os nazistas pelo que ele foram!” William Shirer, *End of a Berlin Diary: 1944-1947* (Norwalk, Ct: Easton press, 1991), 322.

CAPÍTULO 2: UM NOVO TIPO DE SOLDADO

- 42 “A *via del cuore*” Deane Keller, “American Impressions of Italians and Italian Customs”, Nara, RG 331, 10000/145/1.

- 42 **“um sujeito baixo, atarracado, louro”** recorte de jornal, Keller Papers, Box 1, Folder 2.
- 43 **1,1 milhão de vidas só em baixas soviéticas** Beevor, *Stalingrad*, 394.
- 43 **Açúcar e café** Ronald Bailey, *The Home Front: U.S.A.* (Morristown, NJ: Time-Life Books, 1977), 112.
- 43 **Em 1943, a lista se ampliou** Ibid.
- 43 **os americanos plantaram mais de** Ibid., 108.
- 43 **A mobilização militar de tantos homens** Ibid., 85.
- 43 **Três milhões de garotos** Ibid.
- 43 **mulheres que compreendiam quase um terço da força de trabalho da nação.** Ibid.
- 44 **“conduz um artista a todas as possibilidades”** Entrevista com William Keller (filho de Deane Keller), 2005, cortesia de Actual Films.
- 45 **sacos de areia cobriam as janelas** Charles Seymour, “Yale at War: an American University accepts the Challenge,” *Life*, junho de 1942, Yale during World War II, MS 1212, Manuscripts & Archives, Yale University Library, Box 4, Folder 60. “Yale University News Bureau to Yankee Magazine”, Yale during World War II, Box 4, Folder 60.
- 45 **Primeiro, tentou o Corpo de Fuzileiros,** Carta aos pais, Keller Papers, Box 5, Folder 24.
- 45 **“Caro Deanne”** Carta de Sizer, 30 de maio de 1943, Keller Papers, Box 12, Folder 99.
- 46 **Em agosto, entretanto... “pois ainda não recebi resposta”** Carta aos pais, 18 de agosto de 1943, Keller Papers, Box 5, Folder 24.
- 46 **“sentiu sua falta”** Eugene Markowski (companheiro e parceiro de Fred Hartt), em conversa com o autor, 22 de maio de 2012.
- 46 **A ligação emocional de Fred com... por muitos anos.** Carole Dick, “Hartt to Hartt: a Family History” (manuscrito não publicado, 2005), 163.
- 47 **“trabalhar com as mãos”** Markowski, em conversa com o autor, 22 de maio de 2012.
- 47 **Mais tarde, os esforços de Fred... foi abandonada** Ibid.
- 47-8 **Em 1942... educação, arte e viagens.** Margaret Hildson (sobrinha de Frederick Hartt), em conversa com o autor, 22 de maio de 2012.
- 48 **Hartt viajou para lá pela primeira vez** Eddie deMarco, “após 17 anos como professor, Hartt reflete sobre arte, vida”, Frederick Hartt Papers, National Gallery of Art, Gallery Archives, RG 28, Box 23, Folder 1.
- 48 **“Apaixonei-me pela Itália”** Carta, 28 de fevereiro de 1968, Hartt Papers, Box 18, Folder 7.

CAPÍTULO 3: “BOMBAS E PALAVRAS”

- 49 **comandante em chefe das Forças Aliadas no norte da África** d’Este, *Bitter Victory*, 584.
- 49 **“os intrusos alemães”... “Devemos estimular esse processo”** Churchill a Eisenhower, 27 de julho de 1943, Bedell Smith Papers, Dwight D. Eisenhower Presidential Library, Abilene, Kansas, Box 16.
- 49 **“bombas e palavras”** Memo, 31 de julho de 1943, C. D. Jackson Papers, Eisenhower Presidential Library, Box 24, Folder 1.
- 49 **“Estamos vindo até vocês como libertadores”** Telegrama de Churchill ao Gen. Eisenhower (Algiers) re Telegram FDR para Churchill, 28 de julho de 1943, Churchill Archives Centre, Cambridge, UK, CHAR 20/247, T.1130/3 re N° 327 (T.1125/3).
- 50 **“ganhado tempo... bombardeio de objetivos militares prosseguirá”** United Press. “Italian Fleet Under Steam, Set to Flee: Fear Germans will Seize Warships if Peace Made”, 1º de agosto de 1943.
- 50 **lista de alvos para bombardeio... “efeito adverso sobre a nossa campanha.”** Esboço de memorando sobre propósitos morais do bombardeio de cidades italianas, C. D. Jackson Papers, Box 24, Italian Situation (1).
- 50 **“Não bombardeamos o norte da Itália”** Telegrama de Churchill, 29 de julho de 1943, Bedell Smith Papers, Box 17.
- 50 **“não vejo por que”** Churchill, Memo to UK Foreign Secretary, 1º de agosto de 1943, Churchill Archives Centre, Cambridge, UK; CHAR 20/247, M.557/3.
- 51 **“Nunca instruí tripulações [aéreas]”** Conrad C. Crane, *Bombs, Cities, and Civilians: American Airpower Strategy in World War II* (Lawrence: University Press of Kansas, 1993), 94.
- 51 **864 mil folhetos** D’Este, *Bitter Victory*, 428.
- 51 **A PWB também transmitiu mensagens pelo rádio** Memo, 31 de julho de 1943, C. D. Jackson Papers, Box 24, Folder 1.
- 51 **“É preciso enfatizar”** Mark Connelly, *Reaching for the Stars: A New History of Bomber Command in World War II* (Nova York: I. B. Tauris, 2002), 115; Harris to Portal and Sinclair, 25 de outubro de 1943, Public Records Office, AIR 2/7852.
- 52 **“Bombardeios noturnos não”** *Foreign Relations of the United States: Diplomatic Papers 1942, Vol. III: Europe* (Washington, D.C.: United States Government Printing Office, 1961), 794.
- 52 **30 mil londrinos** Don Miller, *Masters of the Air: America’s Bomber Boys Who Fought the Air War Against Nazi Germany* (Nova York: Simon & Schuster, 2006), 51.
- 52 **Do telhado do prédio... “no fogaréu lá embaixo”** Sir Arthur Harris, *Bomber Offensive* (Barnsley, Yorkshire: Pen & Sword Military Classics, 2005), 51.

- 52 **“os nazistas entraram nessa guerra”** *Air Marshal Arthur Harris Speaks About RAF Bomber Command’s Strategic Offensive Against Germany*, Imperial War Museum, Londres, RAF Film Production Unit, 3 de junho de 1942.
- 52 **Os bombardeios a Hamburgo, no final de julho de 1943**, Miller, *Masters of the Air*, 184.
- 52 **As centenas de toneladas de fortes explosivos** Jörg Friedrich, *The Fire: The Bombing of Germany, 1940-1945* (Nova York: Columbia University Press, 2006), 1.
- 52 **“A bomba arrasa-quarteirão [4 mil libras]”** Friedrich, *The Fire*, 14.
- 53 **“Pequenos incêndios uniam-se rapidamente em”** Harris, *Bomber Offensive*, 174.
- 53 **“a ideia era persistir”** Ibid., 77.
- 53 **As primeiras bombas lançadas sobre a Itália** Baldoli and Fincardi, “Italian Society Under Anglo-American Bombs”, 1018.
- 53 **“a psicologia italiana”** Gabriella Gribaudo, *Guerra totale. Tra bombe alleate e violenze naziste. Napoli e il fronte meridionale, 1940-1944* (Turim: Bollati Boringhieri, 2005), 48.
- 53 **“o máximo de pressão política e militar”** Telegrama de Churchill para Roosevelt, 4 de agosto de 1943, Churchill Archives Centre, Cambridge, UK, CHAR 20/247, t. 1202/3.
- 53 **o povo se revoltasse** Baldoli e Fincardi, “Italian Society Under Anglo-American Bombs”, 1020.
- 53 **As bombas caíram sobre Gênova** Harris, *Bomber Offensive*, 140-41.
- 53 **Um ataque diurno no dia 24 de outubro** Bomber Command, “Campaign Diary: October 1942”, *Royal Air Force Bomber Command 60th Anniversary*, 6 de abril de 2005, <http://www.raf.mod.uk/bombercommand/oct42.html>.
- 53 **A ordem de Mussolini** Baldoli e Fincardi, “Italian Society”, 1.037; Benito Mussolini, *Opera omnia di Benito Mussolini: dal discorso al direttorio nazionale del P.N.F. del 3 gennaio 1942 alla liberazione di Mussolini*, ed. Edoardo e Duilio Susmel (Florença: La Fenice, 1960), 126.
- 53 **“os milaneses ignoraram”** Smith, *Bombing to Surrender*, 78. Ele cita as revistas *Time*, *Newsweek* e relatórios da OSS.
- 54 **“o objetivo da Ofensiva de Bombardeios Combinados”** Norman Longmate, *The Bombers: The RAF Offensive against Germany, 1939-1945* (Londres: Hutchinson, 1983), 369.
- 54 **o centro da cidade de Milão**. Marrucci, ed., *Bombe sulla città*, 68-69. Sobre prédios destruídos ver: Roberto Cecchi, from “Il Novecento”, TRECCANI Enciclopedia, cap. II, “Distruzioni Belliche e opera di ricostruzione” (1945-1960).

- 54 **Danos causados aos encanamentos de água** Keller, “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 66.
- 54 **Cidadãos da cidade suíça de Lugano** “Britain’s Bombers Deal Heavy Blows”, *New York Times*, 16 de agosto de 1943.
- 54 **“prédio foi destruído pelo fogo”** Keller, “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 68.
- 54 **Os dois principais museus de arte de Milão** Field Report, 12 de maio de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 55 **Em resumo... “seriamente danificadas”** Richards e Saunders, *Royal Air Force 1939-45*, 325.
- 55 **“o sofrimento e os sacrifícios”** “texto do discurso do premier Mussolini ao povo italiano sobre a guerra”, *New York Times*, 24 de fevereiro de 1941.
- 55 **A Regia Aeronáutica** Harvey, “The Italian War Effort and the Strategic Bombing of Italy”, 41-42.
- 55 * *Ibid.*, 37.
- 55 **“serviços públicos em confusão”** *Ibid.*, 41-2.
- 55 **A tendência em ignorar regras... “rodavam com faróis altos”** Baldoli e Fincardi, “Italian Society”, 1.026.
- 55-6 **um navegador da RAF... “de seus homens”** Don Charlwood, *No Moon Tonight* (Manchester, UK: Crécy Publishing, 1956), 142.
- 56 **“Forças menores [RAF britânica]”** Richards e Saunders, *Royal Air Force*, 325.
- 56 **“O frequente e intenso bombardeio”** “La funzione terroristica dei bombardamenti anglo-americani”, *Corriere della Sera*, 18 de agosto de 1943. O artigo no *Corriere della Sera* cita o jornal romano *Il Popolo di Roma*.
- 57 **“de novo fortemente iluminada”** “Lights on in Cairo; Long Blackout Ends”, *New York Times*, 21 de agosto de 1943.
- 57 **“depois da guerra”** United Press, “Telegrams by Light Hinted for Post-War”, *New York Times*, 21 de agosto de 1943.
- 57 **GRUPO DOS ESTADOS UNIDOS DESIGNADO “U.S. Group is Named to Save Europe’s Art”**, *New York Times*, 21 de agosto de 1943.
- 58 **“Ninguém ali podia”.... “conhecimento da sua importância”** “Report on Conversation with Herbert Matthews”, Nara, M1944, Roll 57.
- 58 **“especialista no planejamento”** Harry L. Coles e Albert K. Weinberg, *Civil Affairs: Soldiers Become Governors* (Honolulu, HI: University Press of the Pacific, 2005), 87.

- 59 **o presidente Roosevelt já havia, na verdade, assinado** *Report of The American Commission for the Protection and Salvage of Artistic and Historic Monuments in War Areas* (Washington, D.C.: United States Government Printing Office, 1946), 3.
- 59 **Consciente de que a comissão... O primeiro candidato** Mason Hammond, "Remembrance of Things Past: the Protection and Preservation of Monuments, Works of Art, Libraries, and Archives during and after World War II", *An Offprint from the Proceedings of the Massachusetts Historical Society*, vol. 92, 1980, 87.
- 59 **"Minhas qualificações não eram em arte"** Hammond, "Remembrance of Things Past", 87.
- 61 **"a tarefa para a qual estava destinado"** "Protection of Monuments in North Africa", 3 de julho de 1943, Nara, RG 165, NM-84/Entry 463, Subseries I, Box 1, Folder: Cad 000.4.
- 61 **"É lamentável que... o que não atingir"** Hammond to Reber, 24 de julho de 1943. Nara, RG 165, NM-84/Entry 463, Subseries I, Box 1, Folder: Cad 000.4.
- 61 **Sabendo que o exército... capturado na Líbia** Mason Hammond, "Copy of Report of Professor Mason Hammond on his Work in Italy", Nara, RG 239, M1944, Roll 22, Frames 88-115, 7.
- 62 **Só em 28 de julho, quase três semanas depois** Ibid.
- 62 **"métodos tortuosos demais"** "Progress Report for the Month of September of the Office of Fine Arts and Monuments", 7 de outubro de 1943, NARA, RG 331 10000/145/24.
- 62 **Hammond encontrou um carro** Ibid.
- 63 **"pequeno e decrépito"** "Copy of Report of Professor Mason Hammond", 11.
- 63 **Um Lancia, "modelo de cerca de 1927"** "Report on the Advisers on Fine Arts and Monuments in AMGOT, for October 1943, November 1, 1943", Nara, RG 331, 10000/145/24.
- 63 **"nenhum deles resistiu"** "Activities of Advisers on Fine Arts and Monuments, AMGOT, 5 November 1943", Nara, RG 331, 10000/145/24.
- 63 **recorte do The New York Times** Carta para Finley, sem data, Nara, RG 239, M1944, Roll 14.
- 63 **primeiro oficial-conselheiro** Hammond Report on Italy, Nara, RG 239, M1944, Roll 22.
- 63 **Os monumentos mais importantes da Sicília** "Activities of Advisers on Fine Arts and Monuments", Nara, RG 331, 10000/145/24.
- 64 **"Tomamos o sempre presente espetáculo"** Letters to Florence, 17 de agosto de 1943 e setembro de 1943, Mason Hammond Papers, Private Collection, Londres.
- 64 **Àquela altura, a maior parte das forças alemãs D'Este, Bitter Victory**, 608.

- 64 **Embora o marechal Badoglio** Deakin, *The Brutal Friendship*, 500.
- 64 **apenas uma questão de tempo para que a Itália traísse** Heiber, ed., *Lagebesprechungen im Führerhauptquartier*, 197-98.
- 64 **Rudolf Rahn, encontrava-se com Badoglio em Roma** Rudolf Rahn, *Ruheloses Leben* (Düsseldorf: Peter Diederichs Verlag, 1949), 228. Rahn disse que foi às 11 horas da manhã; Deakin disse que foi ao meio-dia.
- 65 **No dia 8 de setembro** Ibid., 229.
- 65 **“continuará a luta”** Deakin, *The Brutal Friendship*, 529. A observar que em *Ruheloses Leben*, de Rahn, página 229, ele acrescentou: “o marechal Badoglio é um soldado honrado em cujas afirmativas se pode confiar plenamente.”
- 65 **presença dos 55 mil homens das tropas Aliadas** Atkinson, *The Day of Battle*, 199.
- 65 **“O governo italiano aceitou a rendição incondicional de suas forças armadas”** Ibid., 195.
- 65 **“jogaram fora as armas”** Richards e Saunders, *Royal Air Force*, 331.
- 65 **Forças alemãs... Em 24 horas** Deakin, *The Brutal Friendship*, 530-31.
- 65 **O papa havia instruído** Chadwick, *Britain and the Vatican during the Second World War*, 272.
- 65 <http://msgrhughoflaherty.50webs.com/chapter2.html/#white>.
- 65 **Os alemães postaram guardas** Chadwick, *Britain and the Vatican during the Second World War*, 272.
- 66 **No dia 12 de setembro** Deakin, *The Brutal Friendship*, 537.
- 66 **“Duce, o Führer enviou-me”... “Eu sabia que meu amigo Adolf Hitler”** Annussek, *Hitler's Raid to Save Mussolini*, 228.
- 66 **A postos para saudá-lo** Lang, *Der Adjutant*, 216. Goebbels diz que eles se encontraram em Wolfschanze.
- 66 **Mussolini seria o chefe titular** Ibid., 218.
- 66 **Wolff havia retornado** Karl Wolff, *Mit Wissen Hitlers: Meine Geheimverhandlungen über eine Teilkapitulation in Italien 1945: Der persönliche Bericht des “Höchsten SS- und Polizeiführers” sowie “Bevollmächtigten General der Deutschen Wehrmacht in Italien”* (Stegen am Ammersee, Germany: Druffel & Vowinkel-Verlag, 2008), 17.
- 66 **“Você responde pelo Duce”** Lang, *Der Adjutant*, 210.
- 66 **“Agora tenho uma ordem especial para você, Wolff”** Karl Wolff, “Niederschrift über meine Besprechungen mit Adolf Hitler September bis dezember 1943 über die anweisungen den Vatikan zu besetzen und über die Verschleppung des papstes pius XII” (hereafter referred to as Wolff, Wolff Affidavit), March 28, 1972, Munich, accessed at <http://www.ptwf.org/downloads/Wolff%20Affidavit.pdf>. The Affidavit may also be found on pp. 53-62 of Wolff’s autobiography, *Mit Wissen Hitlers*. Wolff

forneceu este Affidavit em conjunto com procedimentos relacionados com a beatificação pelo Vaticano do papa Pio XII.

- 66 **“Sim, meu Führer!”** Wolff, Wolff Affidavit.
- 66 **“Assim que seja possível, quero que você e suas tropas”** Wolff, Wolff Affidavit.
- 67 **“Haverá muita gritaria... no mundo inteiro”** Lang, *Der Adjutant*, 210.
- 67 **“Quanto tempo você vai levar para executar a missão?”** Wolff, Wolff Affidavit.
- 67 **“Francamente, não tenho certeza”** Ibid.
- 67 **“Isso me parece muito tempo!”... “Eu preferiria”** Ibid.
- 67 **“Quando se quer um resultado de primeira classe”** Lang, *Der Adjutant*, 210.
- 67 **Em 1º de outubro de 1943** Sir Leonard Woolley, *The Protection of the Treasures of Art and History in War Areas* (London: His Majesty’s Stationer y Office, 1947), 7.
- 68 **“os primeiros navios deixaram”** Ibid.

CAPÍTULO 5: DIFICULDADES INICIAIS

- 69 **Em 25 de setembro, Deane Keller** “Status of Officer”, 4 de janeiro de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 69 **“é um grande sacrifício para você”** Carta da mãe, 7 de outubro de 1943, Keller Papers, Box 5, Fol-der 30.
- 71 **“rações de prisioneiro e alojamentos apertados”... “O comboio chegou”** Carta para Kathy, 2 de novembro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 50.
- 71 **acampamento a céu aberto, com chão de terra** Carta para Kathy, 22 de novembro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 50.
- 71 **“Estamos no norte da África”** Carta para Kathy, 25 de novembro de 1943, Keller Papers, Box 7, Folder 42.
- 71 **Keller passou sua primeira semana** “Status of officer”, 4 de janeiro de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 71 **trem até Argel... cartão marcado SEGRETO** Carta para Kathy, 22 de novembro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 50.
- 71 **um curso de dois meses, com foco na** Thomas B. Turner, “Chapter II: Selection and Training of Civil Public Health Personnel”, *Preventative Medicine in World War II, Volume III: Civil Affairs/Military Government Public Health Activities*, ed. John Lada (Office of the Surgeon General, Department of the Army: Washington, D.C., 1976), 29.
- 71 **“Desde o início da conquista”** Dwight D. Eisenhower, *Crusade in Europe* (Garden City, NY: Doubleday, 1948), 191-92, 434.
- 72 **gravata-borboleta e a graciosa pelerine... havia sobrevivido a pelo menos uma queda** “Theodore Sizer, Art Teacher and Heraldist, Dies”, *New York Times*, 22 de

junho de 1967.

- 72 **“dos equívocos quanto a minha bravura militar”** Elise Kenney, “From the Archives: Theodore Sizer, 1892-1967: ‘a teacher, an author, and a craftsman of infinite perfection’”, *Yale Art Gallery Bulletin*, 2006, 155-60.
- 73 **“extremamente rebelde”** Sizer to Emerson Tuttle, 11 de outubro de 1943, Theodore Sizer Papers, MS 453, Manuscripts & Archives, Yale University Library, Box 11, Folder 167.
- 73 **“Você acharia graça”** Ibid.
- 73-4 **O oficial britânico da Monuments... “Céus, o que é”... Nenhum dos homens... “Deplorável falta”... Quando a realidade... “Prioridade I”** Lionel Fielden, *The Natural Bent* (Londres: Andre Deutsch Limited, 1960), 258-60.
- 74 **Depois de explicar... “Bem, bem, não sabemos”** Ibid., 260.
- 74 **Dias depois, Fielden... “transbordavam”** Ibid., 262-64.
- 74 **Ele também continuava com seus desenhos** Carta de Everett Meeks, 29 de janeiro de 1944, Keller Papers, Box 9, Folder 63.
- 74 **“Disparei uma carabina”** Carta para os pais, 21 de dezembro de 1943, Keller Papers, Box 5, Folder 24.
- 75 **“sentir-se menos como uma ovelha desgarrada”** Carta para os pais, 28 de dezembro de 1943, Keller Papers, Box 5, Folder 24.
- 75 **“Querida Kathy.. Enquanto escrevo”** Carta para Kathy, 25 de dezembro de 1943, Keller Papers, Box 7, Folder 42.
- 75 **“Falei esta manhã com um pracinha britânico”** Ibid.
- 75 **“Toozy Woozy”** “Dear Deane: This Is Daddy’s History,” Keller Papers, Box 6, Folder 33.
- 75 **“Ouço falar que tem muito o que fazer na Itália”** Carta para Kathy, 23 de janeiro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 43.

CAPÍTULO 6: UMA NOVA ORDEM

- 76 **“Canais militares são como”** carta de Hammond para Finley Nara, RG 239, M1944, Roll 14.
- 76 **“É uma curiosa cidade de pobreza”** Sizer para Tuttle, 24 de novembro de 1943, Sizer Papers, Box 11, Folder 157.
- 77 **“Tudo que valia a pena já havia sido”** Carta para Emerson Tuttle Esq., 10 de novembro de 1943, Sizer Papers, Box 11, Folder 157.
- 77 **“Nada de Keller ainda”** Ibid.
- 77 **“M. H. [Hammond] literalmente se matou de trabalhar”** Carta para Paul J. Sachs, 2 de dezembro de 1943, Nara, M1944, R-57.

- 77 **Além de exaustão, Hammond também** Mason Hammond, "Copy of Report of Professor Mason Hammond on his Work in Italy", Nara, RG 239, M1944, Roll 22, Frames 88-115, 24.
- 77 **"ao rancho em Siracusa"** Ibid.
- 77 **"Ele encontrou por acaso com uma oficial da WAC"...** **"Mason Hammond realizou"** Carta para Paul J. Sachs, 11 de janeiro de 1944, Nara, M1944, R-57.
- 77 **Uma nova organização** Hammond, "Copy of Report of Professor Mason Hammond on his Work in Italy", NARA, RG 239, M1944, Roll 22, Frames 88-115, 22.
- 78 **"Disseram-me na Sicília"** Hammond, "Remembrance of Things Past", 88.
- 78 **o professor britânico Solomon "Solly" Zuckerman** "Air Mission", Nara, RG 331, 10000/145/259.
- 78 **156 bombas** "Final Report: Campania", Keller Papers, Box 23, Folder 51, 4.
- 78 **"parcialmente demolido"...** **"graves perdas para a coleção."** Ibid., 26.
- 78 **24 de agosto** Louise Zarmati, "Amedeo Maiuri: In Search of the 'Dark Side'", *Teaching History: Journal of the History Teachers' Association of NSW*, vol. 40, dezembro de 2006.
- 79 **"Se a Itália inteira"** "Air Mission", Nara, RG 331, 10000/145/259.
- 79 **a lista revisada, contendo os nomes de 46** Ibid.
- 79 **ele aceitou um posto** Hoje o museu é conhecido como Nelson-Atkins Museum of Art.
- 79 **Gardner recebeu ordens para se apresentar em Ischia** "Final Report General", Headquarters Allied Commission, Subcommission for Monuments, Fine Arts, and Archives, 1º de janeiro de 1946, Keller Papers, Box 23, Folder 52, 3.
- 80 **Gardner só chegou a Nápoles** Ibid.
- 80 **A cidade estava em ruínas** Atkinson, *The Day of Battle*, 241-42.
- 80 **"Alguns patrulheiros alemães"** "Translation of a speech delivered by dr. Adolfo Omodeo, Rector of the University of Naples on 14 October, 1943 at a Convocation for the reopening of the University after the burning by the Germans on 12 September, 1943", Nara, RG 239, M1944, Roll 62, AMG-4.
- 81 **"imortalidade pessoal"** "Preservation of Ancient Monuments", 23 de setembro de 1943, RG 331, 10000/145/199.
- 81 **gravando seus nomes** Theodore Sizer, "a Walpolean at War", *The Walpole Society Notebook* (1946), 77.
- 81 **"Uma porta trancada é um irresistível desafio"** Ibid., 76.
- 81 **"A contínua requisição e pilhagem"** Memorando para Hume, 18 de novembro de 1943, Nara, RG 331, 10000/145/31.

- 82 **“Proteção a monumentos artísticos e históricos”** George C. Marshall, “Protection-Artistic Historic Monuments in Italy, 14 October 1943, Dwight D. Eisenhower Papers, Pre-Presidential, 1916-52”, Eisenhower Presidential Library, Box 132, CABLES OFF. (GCM/DDE July 29, 1943-February 19, 1944) (3).
- 82 **inspeccionou Palermo e Nápoles** “The Commandeering of the Naples Museum for Military Purpose,” 7 de dezembro de 1943, Woolley Memo, Nara, RG 239, M1944, Roll 62; Woolley letter to Dinsmoor, March 2, 1944, Nara RG 239, M1944, Roll 60; First Monthly Report for November 1943, December 4, 1943, Nara, RG 239, M1944, Roll 62, AMG-5.
- 82 **desde 1941 também havia.... Em três ocasiões diferentes** H. V. F. Winstone, *Woolley of Ur: The Life of Sir Leonard Woolley* (Londres: Secker & Warburg, 1990), 228.
- 82 **Ele retornou ao Quartel-General da Força Aliada** Woolley, *The Protection of the Treasures of Art and History in War Areas*, 27.
- 82 **“Sugiro... uma ordem geral”** “The Commandeering of the Naples Museum for Military Purpose”, 7 de dezembro de 1943, Woolley Memo, Nara, RG 239, M1944, Roll 62.
- 83 **“Crimes estão sendo cometidos”** “Memorandum for General Eisenhower”, 13 de dezembro de 1943, Eisenhower Presidential Library, Eisenhower Pre-Presidential, Box 75, Folder 3.
- 83 **“A: Todos os Comandantes”** Woolley, *The Protection of the Treasures of Art and History in War Areas*, 22.
- 84 **“deixavam claro que a responsabilidade pela proteção”** Ibid.
- 84 **“A fraqueza da organização Monuments and Fine Arts”** Ibid., 24.

CAPÍTULO 7: UMA TURMA EM DIFICULDADES

- 85 **Em 25 de agosto de 1914**, Paul Clemen and Gerhard Bersu, “Kunstdenkmäler und Kunstpflege in Belgien”, *Kunstschutz im Kriege, Bericht über den Zustand der Kunstdenkmäler auf den verschiedenen Kriegsschauplätzen und über die deutschen und österreichischen Massnahmen zu ihrer Erhaltung, Rettung, Erforschung, Erster Band*, ed. Paul Clemen (Leipzig: Verlag von E. A. Seemann, 1919), 18.
- 85 **248 cidadãos** Alan Kramer, *Dynamic of Destruction: Culture and Mass Killing in the First World War* (Oxford: Oxford University Press, 2007), 11.
- 85 **O incêndio destruiu** Paul Clemen und Gerhard Bersu, “Kunstdenkmäler und Kunstpflege in Belgien”, *Kunstschutz im Kriege*, 20.
- 85 **Otto von Falke** Otto von Falke, “Die Einrichtung des Kunstschutzes auf den deutschen Kriegsschauplätzen”, *Kunstschutz im Kriege*, 11-16.
- 86 **O papel de Clemen como conservador provincial** Landschaftsverband Rheinland, ed., “*Der Rhein ist mein Schicksal geworden*”, Paul Clemen. 1866-1947. *Erster*

- Provinzialkonservator der Rheinprovinz* (Colônia: Rheinisches amt für denk-malpflege in Verbindung mit dem Rheinischen Landesmuseum Bonn, 1991), 19.
- 86 **Em 1º de janeiro de 1915** Otto von Falke, “Die Einrichtung des Kunstschutzes auf den deutschen Kriegsschauplätzen”, *Kunstschutz im Kriege*, 12.
- 86 **“Bens culturais e arte”** Paul Clemen, “Die Denkmalpflege im Urteil des Auslands” (refere-se a artigo no *Berliner Lokal Anzeiger*, 8.X.1914), *Kunstschutz im Kriege*, 121.
- 86 **biblioteca da Universidade de Louvain** E. Lousse, *The University of Louvain During the Second World War* (Bruges: Desclée, de Brouwer, 1946).
- 86 *Sedes Sapientiae non Evertetur* Phillip A. Metzger, “Catholic University of Louvain”, *Journal of Library History* 15, nº 3 (verão, 1980): 329.
- 86 **a nomeação, menos de uma semana antes** Franz Graf Wolff-Metternich, “Concerning my activities as Adviser on the Protection of Works of Art to O.K.H. from 1940-1942 (Kunstschutz)”, Nara, RG 239, M1944, Roll 89, Frames 352-72, 3.
- 87 **Desde o início de maio de 1938** Birgit Schwarz, *Geniewahn: Hitler und die Kunst* (Viena/Colônia/Weimar: Böhlau Verlag, 2009), 221-28.
- 87 **Hitler enfureceu-se** Ibid., 208.
- 87 **“Os olhos de certas pessoas”** Ibid. Para o discurso completo, ver: http://www.kunstzitate.de/bildendekunst/manifeste/nationalsozialismus/Hitler_haus_c
- 88 **O gosto de Hitler pendia para** Ibid., 35, 53, 102, 152.
- 88 **colecionadores proeminentes na França, inclusive David Weil, Rothschild** *Trial of the Major War Criminals before the International Military Tribunal, Nuremberg, 14 November 1945-1 October 1946*, Volume XXV, documents and other material in evidence, Numbers 001-PS to 400-PS, document 014-PS (Nuremberg, Alemanha, 1947), 48-9.
- 88 **O pessoal da ERR, então, criava álbuns requintados, encadernados em couro marrom.... permitia a Hitler selecionar** Birgit Schwarz, *Geniewahn*, 26.
- 89 **“Talvez uma de minhas fraquezas”** Leon Goldensohn, *Nuremberg Interviews: An American Psychiatrist's Conversations with the Defendants and Witnesses* (Nova York: Knopf, 2004), 128.
- 89 **Mas seu ímpeto de colecionador se tornou indiscriminado** Nancy H. Yeide, *Beyond the Dreams of Avarice: The Hermann Goering Collection* (Dallas: Laurel Publishing, 2009), 17.
- 89 **De novembro de 1940 a 1942** “Report Nº 1, Activity of the Einsatzstab Rosenberg in France”, agosto de 1945, o.S.S. Art Looting Investigation Unit Consolidated Interrogation Reports, Nara, M1782, 6.
- 89 **“Isso costumava ser chamado de saque”** *Trial of the Major War Criminals Before the*

- 89 **“nunca desde os tempos de Napoleão Bonaparte”** Francis Henry Taylor, “Memorandum for Submission to the President of the United States: Protection and Conservation of Artistic Monuments in Europe and Establishment of Machinery to Salvage and Return to Lawful Owners Works of Art and Historic Documents Looted by the Enemy”, 24 de novembro de 1942, Nara, RG 239, M1944, Roll 56.
- 90 **sua primeira visita de Estado** Hitler chegou a Roma, mas viajou dali para Nápoles. Depois retornou a Roma para um *tour*, antes de seguir viagem para Florença.
- 90 **“a joia da Europa”** Jodl letter, 12 May 1944, Archivio Storico delle Gallerie di Firenze, Giovanni Poggi Archive. SERIE VIII. 154; Nicolas Petrescu Comnène, *Firenze “città aperta”* (Florença: Vallecchi Editore, 1945), 32-3.
- 90 **limusine Lancia Astura Cabriolet conversível** Photo n° 37.158, *Giostra del Saracino* in “Archivio Storico Fotografico-Foto Club ‘La Chimera’” (1938), <http://www.fotoantiquaria.it/>.
- 90 **em torno de 4.340 no total** Archivio Storico del Comune di Firenze, ed. *Firenze. 9 Maggio 1938*. Pequena coleção de artigos por ocasião da mostra “Il ritorno all’ordine. 1938-L’immagine di Firenze per la visita del Führer”, 25 September-31 October 2012, Archivio Storico del Comune di Firenze, Florence (Florença: P. O. Archivi e Collezioni Librarie Storiche, 2012), 38.
- 90 **O percurso do cortejo** “Il Viaggio del Führer in Italia”, produzido pelo Istituto Luce, 1938, <http://www.youtube.com/watch?v=FXz8ombIvU>.
- 90 **quase duas horas** *Il Führer in Italia* (agenzia Stefani, n.d.). O relato de Tutaev em *The Consul of Florence* refere-se “à visita de quatro horas de Hitler à Galeria Uffizi” (p. 11). Isso tem sido repetido por inúmeros escritores desde então, inclusive eu. Entretanto, minha pesquisa revelou uma rara publicação, *Il Führer in Italia*, impressa pouco depois de sua visita. Ela contém uma cronologia detalhada das atividades de cada dia. A turnê de arte começou no Palácio Pitti, continuou pelo Corredor Vasari e terminou depois de uma visita à Galeria Uffizi. “The two statesmen spend a little less than two hours in this visit.”
- 91 **Diretor do Kunsthistorisches Institut de Florença** Ludwig Heinrich Heydenreich, “In Memoriam-Friedrich Kriegbaum”, *Mitteilendes Kunst-historischen Institutes in Florenz*, Siebzehnter Band, Heft II, agosto de 1953 (Düsseldorf: Verlag L. Schwann), 145, 146.
- 91 **para apontar ao Führer a beleza e a importância** David Tutaev, *The Consul of Florence* (Londres: Secker & Warburg, 1966), 11.
- 91 **Contudo, Kriegbaum recentemente havia concluído.... “o derradeiro presente para sua... cidade natal”** Giovanni Poggi, “Relazione sulla ricostruzione del ponte a Santa Trinita”, 22 de fevereiro de 1951, Giovanni Poggi Papers, Archivio Storico delle Gallerie di Firenze, Florence, Serie VIII, Protezione antiaerea e danni di

- guerra, n.157, 12; Friedrich Kriegbaum, “Michelangiolo e il Ponte a S. Trinita”, *Rivista d’arte* 23 (1941), 144.
- 91 **sua ponte favorita** Tutaeq, *The Consul of Florence*, 11.
- 91-2 **“a Itália tem arte demais e bebês de menos”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10.
- 92 **“Mussolini estava entediado”** Ranuccio Bianchi Bandinelli, *Dal Diario di un borghese e altri scritti* (Milão: Il Saggiatore, 1962), 189-90.
- 92 **Tais peças, designadas como notoficati** “Works of Art Exported to Germany by the Fascists”, 10 de janeiro de 1946. National Archives, Kew, Richmond, Surrey, T/209/27/2.
- 92 **As autoridades italianas objetaram vigorosamente** Rodolfo Siviero, *L’Arte e il Nazismo: esodo e ritorno delle opere d’arte italiane, 1938-1963* (Florença: Cantini, 1984), 8.
- 92 **“um monumento insubstituível para o nosso conhecimento”** Rodolfo Siviero, ed., *Seconda mostra nazionale delle opere d’arte recuperate in Germania* (Florença: Sansoni, 1950), 34.
- 92 **a escultura partiu para a Alemanha** Siviero, *L’Arte e il Nazismo*, 7-8.
- 92 **Reichsmarschall Göring então entrou na dança** “Works of Art Exported to Germany by the Fascists”, 10 de janeiro de 1946, National Archives, Kew, Richmond, Surrey, T/209/27/2.
- 93 **o conteúdo das bibliotecas alemãs** “Looting”, Nara, RG 331, 10000/145/397.
- 93 **No dia 30 de setembro, um bando de soldados alemães** Riccardo Filangieri, “Report on the destruction by the Germans, September 30, 1943, of the Depository of Priceless Historical Records of the Naples State Archives”, *American Archivist* 7, n° 4 (outubro de 1944), 252.
- 93 **O fogo consumiu a coleção de valor inestimável** *Works of Art in Italy: Losses and Survivals in the War, Part II* (Londres: His Majesty’s Stationer y Office, 1946), 81.
- 93 **talvez a mais rica coleção italiana** John L. Kirby, “The Archives of Angevin Naples—a Reconstruction”, *Journal of the Society of Archivists* vol. 3, n° 4 (1996), 191.
- 93 **eliminação de 85 mil documentos** Kirby, “The Archives of Angevin Naples—a Reconstruction”, 191-94; Filangieri, “Report on the destruction by the Germans, September 30, 1943, of the Depository of Priceless Historical Records of the Naples State Archives”.
- 93 **datando do ano 1239** Christopher Norris, “the Museo Filangieri”, *The Burlington Magazine*, vol. 84, n° 492 (março de 1944), 72.
- 93 **Kesselring ordenou a seu Serviço de Inteligência... Destacou pessoal** Douglas Cooper and Ernest DeWald, “Report on the German Kunstschutz in Italy between 1943 and 1945”, 30 de junho de 1945, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 2.

- 94 **Dr. Bernhard von Tieschowitz, chefe da Kunstschutz baseado em Paris**, Bernhard von Tieschowitz, “Zusammenfassender Bericht über die Einrichtung des Kunstschutzes in Italien”, late Februar y 1944, Deutscher Militärischer Kunstschutz Papers, Ministero degli Esteri, archive of the ex-delegation for Restitution, Siviero Archive, Roma.
- 94 **Proteger prédios e obras de arte** Douglas Cooper and Ernest DeWald, “Report on the German Kunstschutz in Italy Between 1943 and 1945”, 30 de junho de 1945, Nara, RG 239, M1944, Roll 71.
- 94 **Em um esforço para começar as operações rapidamente, Tieschowitz** “Zusammenfassender Bericht über die Einrichtung des Kunstschutzes in Italien”, Kunstschutz Papers, Siviero archive.

CAPÍTULO 8: PRESENTES

- 95 * “Footnote to Chapter X”, extraídos de interrogatórios feitos em 1945, Nara, RG 226, Entr y 190C, Box 9; Lingen, Kesselring’s Last Battle, 35.
- 95 **Dos caminhos** David Hapgood e David Richardson, *Monte Cassino: The Story of the Most Controversial Battle of World War II* (Cambridge, Ma: Da Capo Press, 1984), 23-4.
- 95 **“Todos os caminhos levam a Roma”** Atkinson, *The Day of Battle*, 253.
- 96 **O entusiasmo de Becker** Hapgood e Richardson, *Monte Cassino*, 4.
- 97 **“Se devemos fazer tudo isso”** Maximilian Becker, “Memoriale Becker Sullo Sgombero di Montecassino”, Dublin, 18/2/1964, encontrados em *Il Bombardamento Di Montecassino-Diario Di Guerra*, Pubblicazioni Cassinesi-Montecassino (1997), 240.
- 97 **“Dottore!”... falando em voz baixa** Hapgood e Richardson, *Monte Cassino*, 15.
- 98 **187 caixotes de obras de arte** Emilio Lavagnino, “Migliaia di opere d’arte rifugiate in Vaticano”, *Strenna dei romanisti VII* (1946), 83.
- 98 **O carregamento incluía** *Works of Art in Italy: Losses and Survivals in the War, Part II*, 80.
- 98 **Quer dizer para a Alemanha?** Becker, “Memoriale Becker sullo Sgombero di Montecassino”, 260.
- 99 **Dentre os bens sob a guarda da abadia incluía-se** *Libraries Guests of the Vaticana During the Second World War* (Cidade do Vaticano: Apostolic Vatican Librar y 1945), 11.
- 99 **Becker e Schlegel começaram por se apropriar** Hapgood and Richardson, *Monte Cassino*, 32.
- 99 **Em 3 de novembro** Ibid., 57.
- 99 **principal assistente de ordens – e conselheiro – do Reichmarschall Göring** Yeide,

- Beyond the Dreams of Avarice*, 260; “Mr. von B” from Becker, “Memoriale Becker sullo Sgombero di Montecassino”.
- 99 **Becker leu a carta em estado de choque** Hapgood and Richardson, *Monte Cassino*, 54.
- 100 **“A responsabilidade dos alemães”** “Unique Collection of Art Treasures Taken Away by Germans in Italy,” *New York Times*, 10 de novembro de 1943.
- 100 **“não por si mesmo, nem pela Itália”** Ibid.
- 100 **Há alguns negócios incrivelmente escusos** Hapgood e Richardson, *Monte Cassino*, 60.
- 101 **Não retiramos [a coleção]** Ibid., 68.
- 101 **O senhor está estragando tudo!** Ibid.
- 101 **“não cumpriu”** Lingen, *SS und Secret Service*, 34.
- 101 **“política de mão branda”** Wolff, Wolff Affidavit.
- 102 **Wolff havia estudado as muitas abordagens** Ibid.
- 102 **Empurrar a culpa para outros** Ibid.
- 102 **“O Führer e eu falávamos a mesma língua”** Lang, *Der Adjutant*, 191-92.
- 102 **“Ambos fomos”** Ibid.
- 102 **“O humor da população”** Wolff, Wolff Affidavit.
- 102 **“Depois que reconheci esse fato, imediatamente”** Ibid.
- 102 **“desistir de seu plano contra o Vaticano”** Ibid.
- 103 **“Terei de considerá-lo responsável”** Ibid.
- 103 **No dia 8 de dezembro, com as câmeras rodando** Andrea Carlesi, *La protezione del patrimonio artistico italiano nella RSI (1943-1945)* (Milão: Greco&Greco editori, 2012), 37-8.
- 103 **altos funcionários observaram enquanto cada caminhão** Hapgood e Richardson, *Monte Cassino*, 71.
- 103 **“não dissesse mais do que três frases”** Notas de DeWald Diar y sobre interrogatórios, Ernest DeWald Papers, Princeton University, Box 4.
- 104 **No dia 4 de janeiro** Emilio Lavagnino, “Diario di un salvataggio artistico”, *La Nuova Antologia*, agosto (1974), 518-19.
- 104 **inspetor central da Direção Geral** Chiara Lombardo, *Pasquale Rotondi: quando il lavoro è un'arte-Storia di un Soprintendente solo e senza soldi custode dei tesori italiani durante la seconda guerra mondiale* (Caserta: Voza, 2008), 99.
- 104 **Tudo prosseguia sem percalços** Lavagnino, “Diario di un salvataggio artistico”, 518; Ernest DeWald, “Works of Art Formerly Stored at Montecassino and Later Transferred to the Vatican”, 20 de julho de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/400.

104 **Mas esse destino fora Berlim** *Report of the American Commission for the Protection and Salvage of Artistic and Historic Monuments in War Areas*, 75.

SEÇÃO II: ESFORÇO

105 **“O que acontece quando este denso tecido”** Frederick Hartt, *Florentine Art Under Fire* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1949), 3.

CAPÍTULO 9: O PRIMEIRO TESTE

107 **“o primeiro terreno oficial”** DeWald Diary, dec. 23-jan. 9, 1944, Ernest DeWald Papers, Princeton University, Box 2.

107 **“não trouxe consigo nenhuma cópia”** “Travel Orders and Attachment of Captain Deane Keller”, 7 de fevereiro de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/160.

107 **“Eu poderia lhe escrever 50 páginas”... “estou alojado”** Carta para Kathy, 6 de fevereiro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 44.

107-8 **“Carreguei um”... “Sinto que estou numa”** Carta para Kathy, 7 de fevereiro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 44.

108 **“Já estive aqui antes”** Carta para Kathy, 6 de fevereiro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 44.

108 **“Fizemos uma viagem”** Carta para Kathy, 7 de fevereiro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 44.

108 **napolitanos “alegres”** Keller, “American Impressions of Italians and Italian Customs”, Nara, RG 331, 10000/145/1.

108 **20 mil civis** Renata Picone, “Danni bellici e restauro a Napoli, il complesso del palazzo Reale tra bombardamenti e occupazione militare”, em Lorenzo de Stefani, ed., *Guerra monumenti ricostruzione: Architetture e centri storici italiani nel secondo conflitto mondiale* (Veneza: Marsilio Editori, 2011), 368.

108 **105 raids de bombardeios Aliados** Carlo de Frede, *Il decumano maggiore da Caste capuano a San Pietro a Maiella. Cronache napoletane dei secoli passati* (Nápoles: Liguori, 2005), 126.

108 **“grandes escavações cavernosas”** Coles e Weinberg, *Civil Affairs*, 326.

108 **“terror, sujeira [e uma] sensação de impotência”** Lucia Monda, “Napoli durante la II guerra mondiale ovvero: i 100 bombardamenti di Napoli”, *Napoli durante la II guerra mondiale*. Essay for conference I.S.S.E.S Istituto di Studi Storici Economici e Sociali, 5 de março de 2005, 4.

108 **“as igrejas da cidade são vítimas inocentes”** Salvatore Scarpitta Papers, Private Collection.

108 **epidemia de tifo** Coles e Weinberg, *Civil Affairs*, 325-26.

109 **“No hospital, hoje”** Carta para Kathy, 18 de dezembro de 1944, Keller Papers,

- Box 7, Folder 51.
- 109 **“Faço o que posso”** Carta para Kathy, 1º de março de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 45.
- 109 **“Você precisa compreender que os italianos”** Keller, “American Impressions of Italians and Italian Customs”, Nara, RG 331, 10000/145, 1.
- 110 **“Há uma seriedade silenciosa”** Carta aos pais, 19 de julho de 1944, Keller Papers, Box 5, Folder 25.
- 110 **“O grande trabalho está mais adiante”** Carta para Kathy, 29 de fevereiro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 44.
- 111 **O V Exército dos EUA passou... A cidade de Cassino** Atkinson, *The Day of Battle*, 328, 337.
- 111 **“uma das mais fortes posições defensivas naturais”** Harold Alexander, *The Memoirs of Field-Marshal Earl Alexander of Tunis: 1940-1945*, ed. John North (Londres: Cassell & Company, 1962), 121.
- 111 **mais 10 mil baixas** Fred Majdalany, *Cassino: Portrait of a Battle* (Londres: Cassell & Co., 2000), 90.
- 111 **“Durante todo o caminho de subida daquela cadeia de montanhas”** Young Oak Kim (veterano coreano americano muito condecorado da Segunda Guerra Mundial), entrevista de cortesia de Actual Films, 2002.
- 112 **“O centro da resistência é Monte Cassino”** Majdalany, *Cassino: Portrait of a Battle*, 86.
- 112 **“A montanha fortificada e a construção”** Ibid., 118.
- 112 **comandante do V Exército, tenente-general Mark Clark** Atkinson, *The Day of Battle*, 432.
- 112 **“não existem meios práticos disponíveis”** Ibid., 412.
- 113 **“alemães no pátio”** Ibid., 433.
- 113 **“não ter visto quaisquer sinais de atividade”** Ibid.
- 113 **“olhando por tanto tempo”** Hapgood e Richardson, *Monte Cassino*, 169.
- 113 **envolveu toda a cadeia de comando** Carlo d’Este, *Fatal Decision: Anzio and the Battle for Rome* (Nova York: HarperCollins, 1991), 259.
- 113 **Na manhã de 15 de fevereiro** “Air Intelligence Weekly Summary nº 66”, 21 de fevereiro de 1944, Norstad Papers, Box 8, 9.
- 113 **Centenas de desabrigados** Hapgood e Richardson, *Monte Cassino*, 136.
- 113 **230 estavam mortos** Ibid., 211. O número exato de mortos nunca foi determinado; 230 é a melhor estimativa.
- 113 **Nenhum alemão morreu** Ibid., 212.

- 113 **O abade Diamare.... Eles e cerca de 30 refugiados** Ibid., 216-18.
- 113 **coletiva de imprensa** John H. Crider, "President Upholds Shelling of Abbey", *New York Times*, 16 de fevereiro de 1944.
- 114 **"A perda de uma vantagem militar temporária"..."O arcebispo por acaso"..."Permitam-se perguntar se qualquer"** "War in the Treasure House", *Time*, 21 de fevereiro de 1944.
- 114 **"destruição ou não da abadia"** "Final Report General", 1º de janeiro de 1946, Keller Papers, Box 23, Folder 52.
- 114 **"Era necessária mais"** Alexander, *The Memoirs of Field-Marshal Earl Alexander of Tunis: 1940-1945*, 121.

CAPÍTULO 10: POR UM TRIZ

- 115 **No dia 22 de janeiro D'Este**, *Fatal Decision*, 119.
- 115 **exército de mais de 95 mil homens** Ibid., 451.
- 115 **preparando-se para lançar um contra-ataque** Percy Ernst Schramm, ed., *Kriegstagebuch des Oberkommando der Wehrmacht (Wehrmachtführungsstab), Band IV: 1. Januar 1944-22. Mai 1945. Erster und Zweiter Halbband* (Frankfurt am Main: Bernard & Graef Verlag für Wehrwesen, 1961), 129, 151-59.
- 115 **"Anzio era um aquário"** Atkinson, *The Day of Battle*, 370.
- 115 **1.900 soldados americanos died** Ibid., 431.
- 115 **Em um esforço para mudar a dinâmica** "The Present Tasks and the Evolution of Allied Air Power in the Mediterranean", Lauris Norstad Papers, Eisenhower Presidential Library Box 14, Air Power in the Mediterranean, novembro de 1942-fevereiro de 1945.
- 116 **15ª Força Aérea... A 12ª Força Aérea** Ibid.
- 116 **As listas designando as cidades** "Air Mission", Nara, RG 331, 10000/145/259.
- 116 **Para retificar** H. C. Newton, "Report on Status of Monuments, Fine Arts, and Archives in the Mediterranean Theater of Operations", 20 de agosto de 1944, Nara, RG 331 10000/145/205.
- 116 **Peter Shinnie... fevereiro de 1944** Woolley, *The Protection of the Treasures of Art and History in War Areas*, 29.
- 116 **Norstad também emitiu** "Historic Monuments: Preface", 23 de fevereiro de 1944, Norstad Papers, Box 14, The Ancient Monuments of Italy part I (I).
- 116 **O Grupo A incluía** "Fine Arts Section", Keller Papers, Box 19, Folder 10, 47.
- 116 **"deve ser perfeitamente esclarecido"** "Historic Monuments", 23 de fevereiro de 1944, Lauris Norstad Papers, Eisenhower Presidential Library Box 14, The Ancient Monuments of Italy, Part I (1).

- 117 * Paolo Paoletti, Mario Carniani, et al., Firenze, Guerra & Alluvione: 4 de agosto de 1944/4 de novembro de 1966 (Florença: Saverio Becocci), 37, 77; Marchese Filippo Serlupi Crescenzi, “Lettera a S. E. il Principe Carlo Pacelli”, 13 de novembro de 1943, Private Collection, Italy; Giovanni Poggi, “Memo”, 25 de setembro de 1943, Poggi Papers, Serie VIII, n. 154, 4; Poggi, “Relazione sui Monumenti e le opere d’arte di Firenze durante la Guerra 1940-1945”, 5 de junho de 1945, Poggi Papers, Serie VIII, n. 157, 12; Poggi, “descrizione giorni immediatamente precedenti e immediatamente successivi la distruzione del ponte,” Poggi Papers, Serie VIII, n. 159, 23.
- 117 **“necessária para cumprir exigências militares críticas”** “Bombing Directive”, 2 de março de 1944, Lauris Norstad Papers, Eisenhower Presidential Library Box 1, Bombing of Targets in Southern Europe (1).
- 117 **“Compreende-se que”** Ibid.
- 117 **Pilotos, navegadores e bombardeiros... “Cavaleiros”... “Estivemos acertando alvos”** Nara, film ID 107.370.
- 118 **“Puxa, tem um bocado de coisas”** Benjamin C. McCartney, “Return to Florence”, *National Geographic*, vol. 87, nº 3 (março de 1945), 275.
- 118 **“pátio de manobras no noroeste”, ou “principal pátio de manobras”** Aerial Photo, Attack Damage by 49 Martin B-26s on 11 March 44-War Theatre #12 (Florence, Italy)-Bombing, Nara, RG 342; “Air Intelligence Summary Report nº 70, 20 March 1944”, Norstad Papers, Box 8.
- 118 **“havia iniciado belas atitudes”** Giorgio Vasari, *Lives of the Artists: Volume I*, trans. George Bull (Londres: Penguin Books, 1987), 124.
- 119 **uma de suas últimas obras** John T. Spike, *Masaccio* (Milão: Rizzoli Libri Illustrati, 2002), 198.
- 119-20 **“Primeira vez que Florença foi bombardeada”** Bomb Tag, Roy Seymour Papers, Private Collection, United States.
- 120 **Setenta e oito B-26 Marauders** “Air Intelligence Weekly Summary nº 70, 20 March 1944”, Norstad Papers, Box 8, 13.
- 120 **“Não houve deslizes nem [aviões inimigos]”** “Central Mediterranean Operational Summary Number 79, for period ended 1800 hours 11 March 1944”, Lauris Norstad Papers, Eisenhower Presidential Library Box 9, Central Mediterranean Operational Summaries, Março de 1944 (2).
- 120 **11 de março, mais de 100** “Air Intelligence Weekly Summary nº 70, 20 March 1944”, Norstad Papers, Box 8, 12.
- 120 **“as principais concentrações de bombas caíram”** Ibid.
- 120 **Hartt havia chegado à Itália** “Recommendation for Promotion”, Nara, RG 331, 10000/145/159.

- 120 **intérprete fotográfico da 90ª Divisão de Fotografia de Reconhecimento Aéreo** Ernest DeWald, Report of Damaged Monuments, 26 de abril de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/259.
- 121 **“Capela de Mantegna danificada”** Frederick Hartt, “Notes on Bomb Damage to Cultural Monuments in Enemy-Occupied Italy”, Nara, RG 331, 10000/145/7.
- 121 **“Simplesmente não consegui continuar a trabalhar”** Eddie de Marco, “After 17 years as professor, Hartt reflects on art, life”, Hartt Papers, Box 23, Folder 1.
- 121 **“a Eremitani foi seriamente danificada”** Hartt para DeWald, 6 de abril de 1942 [sic], DeWald Papers, Box 4.
- 122 **“Com Florença, Roma e Veneza”** Ibid.
- 122 **“Convento dominicano adjacente”** Hartt, “Notes on Bomb Damage”, Nara, RG 331, 10000/145/7.

CAPÍTULO 11: REFÚGIO

- 123 **Em maio de 1944, os últimos embarques** Emilio Lavagnino, “Migliaia di opere d’arte rifugiate in Vaticano”, *Sirena dei romanisti* VII (1946), 88.
- 123 **“As medidas previstas e acertadas para a proteção”** Ministro Marino Lazzari, “Lettera a Giovanni Poggi sulla salvaguardia del patrimonio artistico nazionale”, 5 de junho de 1940, Poggi Papers, Serie VIII, nº 154, 12.
- 123 **instalações de armazenamento remotas** Ibid.
- 123 **No interior de suas grossas paredes** Lombardo, *Pasquale Rotondi: quando il lavoro è un’arte-Storia di un Soprintendente solo e senza soldi custode dei tesori italiani durante la seconda guerra mondiale*, 72-3.
- 123 **As primeiras a chegar** Pasquale Rotondi, “Capolavori d’arte sottratti ai pericoli della guerra ed alla rapina tedesca. Estratto da una Relazione del prof. Pasquale Rotondi Soprintendente alle Gallerie delle Marche, presentata il 18 ottobre 1945 alla R. Accademia Raffaello”, *Urbium*, julho-agosto de 1945, 10.
- 124 **Obras-primas da Galleria Borghese** Rotondi, “Capolavori d’arte sottratti ai pericoli della guerra ed alla rapina tedesca”, 14.
- 124 **galerias de Brera e Poldi Pezzoli** Ibid.
- 124 **No final do verão** Obser vações de Rotondi durante uma entrevista no documentário de televisão “La lista di Pasquale Rotondi”, episódio na série RAI *La storia siamo noi*, 6 de junho de 2005. Roma: RAI Educational.
- 124 **Ele escondeu as pinturas mais importantes** Lavagnino, “diario di un salvataggio artistico”, *La Nuova Antologia*, agosto (1974), 515.
- 124 **compeliu Rotondi a esconder pinturas** Rotondi, “Capolavori d’arte sottratti ai pericoli della guerra ed alla rapina tedesca”, 19.

- 124 **“Aquele foi um momento em que”** Observações de Rotondi durante uma entrevista no documentário de televisão “La lista di Pasquale Rotondi”, episódio na série RAI *La Storia siamo noi*, 6 de junho de 2005. Roma: RAI Educational.
- 125 **O papa Pio XII havia oferecido um santuário** Lutz Klinkhammer, “Arte in Guerra: tutela e distruzione delle opera d’arte italiane durante l’occupazione tedesca 1943-45”, in Giuseppe Masetti and Antonio Panaino, eds., *Parola d’ordine Teodora* (Ravenna: Longo Angelo, 2005), 69.
- 125 **Em dezembro de 1943** Rotondi, “Capolavori d’arte sottratti ai pericoli della guerra ed alla rapina tedesca”, 26; Lavagnino, “diario di un salvataggio artistico”, 515-17.
- 125 **A certo ponto, a esposa de Rotondi... “Pelo que vocês fizeram comigo”** História contada pela filha de Rotondi em entrevista no documentário de televisão “La lista di Pasquale Rotondi”.
- 125 **foram obrigados a se aposentar em 1º de janeiro de 1944** Alessandra Lavagnino, *Un inverno 1943-1944* (Palermo: Sellerio, 2006), 35.
- 125 **Em 17 de janeiro de 1944** Lavagnino, “diario di un salvataggio artistico”, 521.
- 125 **Em 18 ocasiões... “de carro, caminhão e picape”** Lavagnino, “Migliaia di opere d’arte rifugiate in Vaticano”, 87-88.
- 126 **A 900 quilômetros de distância, uma caravana de caminhões** Schwarz, Geniewahn, 299.
- 126 **Trabalhadores haviam convertido as minas** Emmerich Pöchmüller, *Weltkunstschätze in Gefahr* (Salzburgo: Pallas-Verlag, 1948), 13.
- 126 **A preocupação de Hitler com a segurança** Schwarz, Geniewahn, 296-99.
- 126 **“se tudo humanamente possível”** Ibid, 297.
- 126 **“havia perguntado de novo se os mosteiros”** Ibid.
- 126 **No dia de Natal de 1943** Ibid., 299.
- 127 **“um dos mais poderosos gauleiters do Reich”** Pöchmüller, *Weltkunstschätze in Gefahr*, 50.
- 127 **travou conhecimento com** Alexander Langsdorff, “Lettera a Giovanni Poggi”, 18 de junho de 1944, Carlo Anti Papers, Biblioteca Cívica, Pádua, Série 2, nº 2, 3.
- 127 **Ele se filiou ao Partido Nazista** SS-Stammrollenblatt des Langsdorff, Alexander, Stammrollennummer R 4/6 129, 28 de fevereiro de 1934, Barch R 601-1816, Bundesarchiv Berlin.
- 127 **“consultor pessoal, artístico e cultural”** Sebastian Brather, Dieter Geuenich, Christoph Huth, eds. *Historia archaeologica: Festschrift für Heiko Steuer zum 70. Geburtstag* (Berlim: De Gruyter, 2009), 681.
- 127 **Durante esse período, trabalhou** Michael H. Kater, *Das “Ahnenerbe” der SS 1935-1945: Ein Beitrag zur Kulturpolitik des Dritten Reiches* (München: Oldenbourg

Wissenschaftsverlag, 2001), 67.

- 127 **por instigação de Himmler** Jürgen Klöckler, “Verhinderter archivalienraub in Italien; Theodor Mayer und die Abteilung ‘Archivschutz’ bei der Militärverwaltung in Verona 1943-1945,” *Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken*, vol. 86 (Roma: Deutsches Historisches Institut Rom, 2006), 504; Wolff-Metternich, “Concerning my Activities as adviser on the Protection of Works of art to o.k.H. from 1940-1942 (Kunstschutz)”, Nara, RG 239, M1944, Roll 89.
- 128-28 **“Vivenciei a Itália como nunca antes”** Langsdorff Diary, Alexander Langsdorff Papers, Private Collection.
- 128 **um velho túnel ferroviário próximo à cidade de Incisa** Telegrama, Langsdorff para Heydenreich, 3 de maio de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive, Roma.
- 128 **Tropas alemãs já tinham auxiliado** Ludwig Heinrich Heydenreich, “Bericht Betr. Räumung des im Eisenbahntunnel S. Antonio bei Incisa untergebrachten Bergungsdepots von wertvollsten Kunstwerken”, 4 de maio de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 128 **Agora, Kesselring precisava dos trilhos** Poggi, “Relazione sui monumenti e le opere d’arte di Firenze durante la guerra 1940-1945”, 5 de junho de 1945, Poggi Papers, n. 157, 12.
- 128 **“inegavelmente perfeitas em todos os sentidos”... “deveriam ser consideradas como as maiores obras-primas jamais criadas”** Vasari, *Lives of the Artists: Volume I*, 120.
- 128 **exigiu o uso de guindastes, 15 vagões de trem... “em condições muito assustadoras”** Poggi, “Relazione sui monumenti e le opere d’arte di Firenze durante la guerra 1940-1945”, 5 de junho de 1945, Poggi Papers, Série VIII, n. 157, 12.
- 128 **ele comemorou em uma cervejaria no Fiesole** Langsdorff Diary, Alexander Langsdorff Papers, Private Collection.
- 129 **“origem clandestina”** Salvatore Scarpitta Papers, Private Collection.
- 129 **Um ataque no final de março** Michael Salter, *Nazi War Crimes: US Intelligence and Selective Prosecution at Nuremberg* (Nova York: Routledge-Cavendish, 2007), 55.
- 129 **Ao agirem por ordens de Hitler** Hastings, *Inferno*, 445.
- 129 **Wolff soube por seu assistente** Eugen Dollmann, *The Interpreter: Memoirs of Doktor Eugen Dollmann*, trans. J. Maxwell Brownjohn (Londres: Hutchinson & Co., 1967), 301.
- 129 **o único encontro entre Wolff**, *Mit Missen Hitlers*, 46.
- 129 **enquanto estivesse em seu posto** Wolff, Wolff Affidavit.
- 130 **padre Pankratius Pfeiffer** “Wolff’s statement, 1972”, in Giorgio Angelozzi Gariboldi, *Pio XII, Hitler e Mussolini: il Vaticano fra le dittature* (Milão: Mursia,

1995), 252. Este depoimento foi fornecido juntamente com um processo de difamação apresentado por um parente do papa Pio XII contra o historiador Robert Katz. Dollmann sugere que o pedido de soltura do prisioneiro teve lugar depois de terminada a reunião de Wolff, um “epílogo”, de acordo com *The Interpreter*, 302. Jochen von Lang escreve que Dollmann foi usado como “intermediário” para o pedido. *Top Nazi: SS General Karl Wolff the Man Between Hitler and Himmler* (Nova York: Enigma Books, 2005), 248.

- 130 **“expressou sua crença firme”... “para o objetivo que acabara de manifestar”** Gariboldi, *Pio XII, Hitler e Mussolini: il Vaticano fra le dittature*, 252-53.
- 130 **“os propagandista [s] do Eixo [que] estão lançando mão de seus velhos truques”** “Casablanca Conference, February 12, 1943”, the Avalon Project Database, Yale University Law Library, <http://www.avalon.law.yale.edu>, accessed August 6, 2012.
- 131 **“um obstáculo no caminho para a paz”** Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 48.
- 131 **Este encontro extraordinário** Lang, *Der Adjutant*, 233. Não se sabe da existência de nenhuma fotografia ou transcrições de suas conversas.
- 131 **“instintivamente levantei o braço”** Gariboldi, *Pio XII, Hitler e Mussolini: Il Vaticano fra le dittature*, 253. Antonio Spinosa, *Pio XII, un Papa nelle tenebre* (Milão: Oscar Mondadori, 2004), 262-63, afirma que Wolff levantou o braço no início da reunião, não no final. Ele também observa que a conversa foi em alemão.
- 131 **“Por anos, eu havia perdido o hábito”** Gariboldi, *Pio XII, Hitler e Mussolini: Il Vaticano fra le dittature*, 253.

CAPÍTULO 12: A VIDA NA ESTRADA

- 132 **“um reino encantado de prata e ouro”** Atkinson, *The Day of Battle*, 446.
- 132 **Numa cidade onde aqueles** Ibid., 449.
- 132 **mais de 10%** Ibid.
- 132 **“Minha paciência hoje foi”** Carta aos pais, 6 de abril de 1944, Keller Papers, Box 5, Folder 25.
- 132 **“dois de meus companheiros capitães britânicos”** Carta para Kathy, 6 de abril de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 46.
- 132 **“Se tiver que passar”** Carta aos pais, 6 de abril de 1944, Keller Papers, Box 5, Folder 25.
- 133 **No dia 18 de maio, as forças aliadas** Hapgood and Richardson, *Monte Casino*, 247.
- 133 **defensores remanescentes** Atkinson, *The Day of Battle*, 532.
- 133 **Quando o custo da “vitória” foi calculado** Tom Gibbs (Historiador, o National World War II Museum), em conversa com o autor, 18 de junho de 2012.

- 133 **O oficial da Monuments Norman Newton** Norman Newton, “Inspection of Abbey of Montecassino”, 19 de maio de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/5.
- 133 **“praticamente reduzidos ao andar térreo”... “A reconstrução da abadia inteira”** Norman Newton, “Montecassino Abbey”, 18 de maio de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/45.
- 133 **que originalmente lutara... “a situação das tropas aliadas”** Wardperkins carta a Richardson, 16 de setembro de 1977, British School at Rome. Box B, Folder 1.
- 133 **O V Exército incluía soldados** Hapgood e Richardson, *Monte Cassino*, 26.
- 134 **“Ainda não usei a barreta de minha condecoração”** Carta para Kathy, 18 de março de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 45.
- 134 **ele a havia comprado nas ruas de Nápoles** Keller, relato manuscrito, Keller Papers, Box 22, Folder 39, 4.
- 134 **“Dê um beijo em mamãe por mim”** V-mail para Dino, 29 de maio de 1944, Keller Papers, Box 6, Folder 33.
- 135 **“Tenho sido tão feliz”** Carta para Kathy, 2 de junho de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 47.
- 136 **“tímidos reparadores de Vênus”** Gerald K. Haines, “Who Gives a Damn about Medieval Walls?” *Prologue* 8, n.º 2 (1976), 101.
- 136 **“tipos com ‘cara de ratinho estudioso”** Coles e Weinberg, *Civil Affairs*, 422.
- 136 **Keller partira de Nápoles... “uma cidade de tendas em um campo de oliveiras”** “AMG Fifth Army” Keller Papers, Box 20, Folder 16, 3.
- 136 **“mais parecia um ruído do que um nome”** “The Autobiography of a ‘Jeep” United Films, 1943, http://archive.org/details/autobiography_of_a_jeep (accessed december 14, 2012).
- 136 **“Santo Deus, não creio que”** Ernie Pyle, *Washington Daily News*, 4 de junho de 1943.
- 136 **estratégia de emboscada e retirada** Atkinson, *The Day of Battle*, 534.
- 137 **“beleza e desolação”** Carta para Kathy, 5 de junho de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 47.
- 137 **“A estrada estava esburacada e poeirenta”** Relato manuscrito, 25 de agosto de 1945, Keller Papers, Box 22, Folder 39.
- 137 **No acostamento da estrada principal** “Sectional History-Fine Arts”, Keller Papers, Box 23, Folder 56, 3.
- 137 **“Um italiano de classe média me disse”** Keller, “American Impressions of Italians and Italian Customs”, Nara, RG 331, 10000/145/1.
- 137 **Ele arrastou uma tubulação** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 8.

- 138 **“Quando vejo um garotinho”** Carta para Kathy, 5 de maio de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 47.
- 139 **“têm apenas um objetivo”** “Selvage distruzioni dell’aviazione nemica nella città di Firenze,” *Nuovo Giornale*, março 25-26, 1943.
- 139 *impiegatucci* Keller, “American Impressions of Italians and Italian Customs”, Nara, RG 331, 10000/145/1.
- 139 *fare una bella figura* Ibid.
- 139 **“Talvez eu esteja ficando”** Carta para Kathy, 14 de junho de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 47.
- 140 **Itri** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 12.
- 140 **“Chi entra dopo di noi non troverà nulla”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 14.
- 140 **templo de Júpiter Uxor** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 13.
- 140 **“identificando-os por números”** Entrevista com William Keller, 2005, cortesia de Actual Films.
- 140 **Ele pensou em Valmontone** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 18.
- 141 **primeiro soldado de infantaria americano morto** Deane Keller, “Cartas ao editor”, 1º de abril de 1948, *The Hamden Chronicle*, Keller Papers, Box 2, Folder 18.
- 141 **“a vida de um rapaz americano”** Carta para Kathy, 25 de junho de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 47.
- 141 **“um admirável exemplo de arquitetura gótica francesa”** Salvatore Scarpitta Papers, Private Collection.
- 141 **“um sujeito muito capaz”** “Sectional History-Fine Arts”, Keller Papers, Box 23, Folder 56, 5.

CAPÍTULO 13: CAÇA AO TESOURO

- 142 **Primeiro, ele submeteu recomendações** Ernest F. Fisher Jr., *United States Army in World War II: The Mediterranean Theater Operations: Cassino to the Alps* (Washington, D.C.: Center of Military History, United States Army, 1977), 203.
- 142 **“considerável mérito histórico e artístico”** Percy Ernst Schramm, ed., *Kriegstagebuch des Oberkommando der Wehrmacht (Wehrmachtführungsstab), Band IV: 1. Januar 1944-22. Mai 1945, Erster Halbband* (Frankfurt am Main: Bernard & Graefe Verlag für Wehrwesen, 1961), 514.
- 142 **No dia 3 de junho... “Decisão do Führer”** D’Este, *Fatal Decision*, 391.
- 142 **“continuou imaginando a possibilidade”** Bandinelli, *Dal Diario di un borghese e altri scritti*, 183.

- 142 **propaganda desastrosa** Atkinson, *The Day of Battle*, 568.
- 142 **“o primeiro, em 15 séculos”** Ibid., 549.
- 142 **Entre eles estava** “Report for June 1944”, 9 de julho de 1944, Nara, RG 239, M1944, Roll 63.
- 143 **carreira como cantor** Richard Krautheimer e Kurt Weitzmann, “Memoirs of Fellows and Corresponding Fellows of the Mediaeval Academy of America: Ernest DeWald”, *Speculum*, vol. 44, nº 3 (julho de 1969), 526-27.
- 143 **“de bengala na mão”** Markowski, entrevista com o autor, 2010.
- 143 **“o primeiro oficial”** Hammond, “Copy of Report of Professor Mason Hammond on his Work in Italy” Nara, RG 239, M1944, Roll 22, Frames 88-115, 26.
- 143 **Os colegas o achavam encantador** Bryan Ward-Perkins (filho de John Bryan Ward-Perkins), em conversa com o autor, 2012.
- 143 **Ward-Perkins e o tenente-coronel Sir Mortimer Wheeler** *Report of the American Commission for the Protection and Salvage of Artistic and Historic Monuments in War Areas*, 47.
- 143 **DeWald providenciara que três oficiais da Monuments** Eighth Monthly Report, for June 1944, July 9, 1944, Nara, RG 239, M1944, Roll 63, aMG-23.
- 144 **“A despeito de danos generalizados”... “não houve outros danos”** Hartt, “Damage to Cultural Monuments in Rome”.
- 144 **Depois de receber seus diplomas** Walter Gleason (amigo íntimo de Perr y Cott), entrevista com o autor, 9 de maio de 2010.
- 144 **Cott tinha ordens para verificar** Eighth Monthly Report, for June 1944.
- 145 **Ele passou sua primeira noite** Walter Gleason, entrevista com o autor, 9 de maio de 2010.
- 145 **De Rinaldis informou a Cott** Perr y Cott, “Report on activity for first two days of occupation”, 11 de junho de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/48.
- 145 **Com a adição temporária das** “MFAA Inventor y Nº 31: Art Objects from Carpegna, Sassocorvaro, Urbino actually in the Vatican”, John Bryan Ward-Perkins Papers, British School at Rome, Inventories of Art Deposits.
- 145 **Juntando-se a seu notável acer vo... Nunca antes ou depois** Giovanni Morello, “Il ruolo della Santa Sede nell’azione di salvaguardia del patrimonio culturale e artistico italiano durante la Seconda guerra mondiale” *Quaderni della Fondazione Bellonci*, 4 de novembro de 2006, 13.
- 145 **audiências subsequentes de DeWald** H. C. Newton, “Report on Status of Monuments, Fine Arts, and Archives in the Mediterranean Theater of Operations”, 20 de agosto de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/203, 17.
- 145 **a primeira de seis inspeções distintas** Ernest DeWald, “Works of Art Formerly

Stored at Montecassino and Later Transferred to the Vatican”, 20 de julho de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/400.

- 145 **quando os caminhões da Divisão Hermann Göring** Lavagnino, “*Diario di un salvataggio artistico*”, 518-19.
- 146 **embora um oficial alemão** DeWald, “Works of Art Formerly Stored at Montecassino and Later Transferred to the Vatican”, 20 de julho de 1944, NARA, RG 331, 10000/145/400, 2.
- 146 **“atrasado”... “quase todas as caixas”** Lavagnino, “*Diario di un salvataggio artistico*”, 522.
- 146 **A súbita notícia dos desembarques dos Aliados** Ibid., 523.
- 146 **O caixote nº 1... Caixote nº 3: “faltando por inteiro”... “Portanto, as provas do supracitado”** DeWald, “Works of Art Formerly Stored at Montecassino and Later Transferred to the Vatican”, 20 de julho de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/400, 2.
- 147 **provavelmente já estariam na Alemanha** *Report of the American Commission for the Protection and Salvage of Artistic and Historic Monuments in War Areas*, 75.

CAPÍTULO 14: SURPRESAS

- 148 **funcionários do governo em Roma tivessem listas** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 16.
- 148 **“Nas cidadezinhas menores”** “Will Lang Cable #358 for Life, War & Art in Italy,” 7 de julho de 1944, Nara, RG 239, M1944, Roll 40, 7.
- 148 **“Estou me tornando cada vez mais cauteloso”** Carta para Kathy, 7 de julho de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 48.
- 149 **“Sacudi minhas calças”** Carta para Kathy, 8 de julho de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 48.
- 149 **tomou providências** Carta para Kathy, 16 de julho de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 48.
- 149 **Nas primeiras horas da manhã... “artisticamente ignorada”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 27.
- 149 **“cidade aberta”** Kesselring, *The Memoirs of Field-Marshal Kesselring* (Londres: Greenhill Books, 2007), 309. the OKW Diary, *Kriegstagebuch des Oberkommando der Wehrmacht*, p. 529, também observa que, em 2 de julho, “o inimigo havia chegado perto da fronteira da cidade a sudoeste e sudeste de Siena. A fim de preservar (poupar) a cidade e seus tesouros artísticos, foi dada ordem de evacuá-la durante a noite.”
- 149 **Keller chegou no dia seguinte... “Fomos chamados”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 26.
- 150 **Keller entrou no palácio... Presa dentro dos caixotes... “O capitão francês no**

- comando"... O médico apressadamente acrescentou... Depois de examinar as pinturas não protegidas Field Report, 11 de junho de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 31.
- 151 a placa de monumentos protegidos, afixada "Fine Arts Section", Keller Papers, Box 19, Folder 10, 29.
- 151 "Sinto-me realmente afortunado" Carta para Kathy, 23 de julho de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 48.
- 151 Giovanni Poggi, recebeu uma intimação para se apresentar Cooper e DeWald. "Report on the German kunstschutz", Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 16.
- 151 Mal o cumprimentando... "se a Villa Bossi-Pucci" Poggi, "Relazione sui monumenti e le opere d'arte di Firenze durante la guerra 1940-1945", 5 de junho de 1945, Poggi Papers, Serie VIII, n. 157, 12.
- 151 Fluente em alemão e francês Elena Lombardi, ed., *L'Archivio di Giovanni Poggi (1880-1961): soprintendente alle Gallerie fiorentine* (Florença: Edizione polistampa, 2011), 40.
- 151 38 repositórios Trinta e oito repositórios e um resumo de seus conteúdos estão relacionados em Hartt, "Report on deposits of art-treasures in Tuscany", 3 de dezembro de 1944, Nara, RG 239, M1944, Roll 67. Esta lista inclui repositórios de obras de arte, arquivos e propriedades da Igreja por toda a Toscana. Mais tarde Hartt listou apenas 37 repositórios em *Florentine Art Under Fire*. Fasola relacionou 24 em *The Florence Galleries and the War*. As listas de Poggi não são consistentes nos nomes e números dos repositórios.
- 151 que abrigava perto de 300 Cesare Fasola, *The Florence Galleries and the War: History and Records* (Florença: Monsalvato, 1945), 79-94.
- 152 "uma figura que parecia ter saído" Lombardi, ed., *L'Archivio di Giovanni Poggi*, 41.
- 152 No ano seguinte, ele ajudou a recuperar *release* da Commune of Florence, datado de 4 de janeiro de 2005, para uma reunião sobre o papel de Giovanni Poggi na recuperação da Mona Lisa. "*Il Ritrovamento della Gioconda a Firenze.*" *Un convegno in onore del sovrintendente Giovanni Poggi*, 26 de janeiro de 2005, Florença.
- 152 "devido a acordos"... "Não estamos rejeitando" Poggi, "Relazione sui monumenti e le opere d'arte di Firenze durante la guerra 1940-1945", 5 de junho de 1945, Poggi Papers, Serie VIII, n° 157, 12.
- 153 "lucidez frenética" (Lombardi)... quase seiscentas obras importantísimas (Poggi) Lombardi, ed., *L'archivio di Giovanni Poggi*, 36; Poggi, "prima relazione sulla protezione delle opere d'arte mobili", 20 de junho de 1940, Poggi Papers, Serie VIII, n° 154.
- 153 Com o aumento dramático de bombardeios Aliados Poggi, "Relazione sui

- monumenti e le opere d'arte di Firenze durante la guerra 1940-1945", 5 de junho de 1945, Poggi Papers, Serie VIII, nº 157, 12.
- 153 **Os grupos de peças de arte** Ibid. As listas de depósitos também aparecem em vários documentos em Giovanni Poggi Papers, nº 154, 3-4 e nº 156, 31-42.
- 153 **Villa di Torre a Cona** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 29.
- 153 **O Castelo de Montegufoni** Ibid., 18.
- 154 **Mas Poggi tomou a decisão** Cesare Fasola, "Perchè non abbiamo impedito l'esodo delle opere d'arte fiorentine?" Il Ponte, Maio (1945), 141-46.
- 154 **transportadas de Florença sem ser encaixotadas** Field Report, 7 de junho de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33, 2.
- 154 **Em 18 de junho de 1944, Poggi havia comparecido** Poggi, "Relazione sui Monumenti e le opere d'arte di Firenze durante la guerra 1940-1945", 5 de junho de 1945, Giovanni Poggi Papers, nº 157, 12.
- 155 **"É tarde demais"** Carlo Anti, "agenda 1944", 18 June 1944, anti Papers, Serie 1, nº 2.
- 155 **Poggi espertamente negou o pedido, usando como argumento o pacto da família Médici... "nunca fosse removida"** Poggi, "Relazione sui monumenti e le opere d'arte di Firenze durante la guerra 1940-1945", 5 de junho de 1945, Poggi Papers, Serie VIII, nº 157, 12.
- 155 **carregado caminhões com 291 pinturas** "Report on deposits of art-treasures in Tuscany", 3 de dezembro de 1944. Nara, RG 239, M1944, Roll 67. Sem causar surpresa, os relatos variam sobre o número real de objetos retirados de Montagnana, de 257 (Poggi, "Relations dei Soprintendente alle Gallerie e Musei di Firenze", 1º de abril de 1945) a 297 (*Florentine Art Under Fire*, de Hartt.)
- 155 **"De um só golpe"** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 20.
- 155 **Gerhard Wolf solicitou que Langsdorff** Poggi, "Relations del Soprintendente alle Gallerie e Musei di Firenze", 1º de abril de 1945, Nara RG 331, 10000/145/363; Poggi, "Lettera a Carlo Anti", 19-20 de julho de 1944, Anti Papers, Serie 2, Salvaguardia patrimonio artistico italiano/opere d'arte toscane trasferite dalle autorità Germaniche in Alto Adige, nº 2, 9.
- 156 **três caminhões alemães** Tutaev, *The Consul of Florence*, 195.
- 156 **"que, uma vez que o castelo de Oliveto"** Poggi, "Relations del Soprintendente alle Gallerie e Musei di Firenze", 1º de abril de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/363.
- 156 **O descarregamento das pinturas teve início** Ibid.
- 156 **Conti então relatou** Ibid.
- 156 **Poggi começou por informar Langsdorff** Cooper and DeWald, "Report on the German kunstschutz", Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 7.

- 156 **reunião de 18 de junho** Poggi, “Relazione sui Monumenti e le opere d’arte di Firenze durante la guerra 1940-1945”, 5 de junho de 1945, Poggi Papers, Serie VIII, n.157, 12.
- 157 **preparasse um memorando** Poggi, “promemoria per il Col. Langsdorff” (sem data), Poggi Papers, Série VIII, n.154, 4; Cooper and DeWald, “Report on the German kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 7.
- 158 **“O resgate de objetos de arte pelas tropas”** Armeecoberkommando 14, Chef des Generalstabes an deutsche Botschaft, z.Hd. Gesandtschaftsrat Berger, Betr.: Bergung von kunstgegenständen, 14 de julho de 1944, kunstschutz Papers, Siviero archive.
- 157 **“bispos de Bolonha ou Módena”** Ibid.
- 157 **As tropas alemãs tinham, de fato, tentado** Langsdorff, “Bericht über Bergungsfahrten von kunstwerken aus dem Frontbereich bei Florenz der abt. kunst-, archiv-und Bibliothekenschutz des Bevollmächtigten Generals der deutschen Wehrmacht in Italien in der zeit vom 16.7.–14.8.44”, 21 de agosto de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 157 **os bispos haviam se recusado a recebê-los** Renato Bartocchini, “Promemoria per l’ecellenza il Ministro”, 31 de julho de 1944, Anti Papers, Série 2, n° 2, 15; Antonino Sorrentino, “Lettera a Carlo Anti”, 20 de agosto de 1944, Anti Papers, Série 2, n° 2, 27; Alfredo Barbacci, “Lettera a Carlo Anti”, 21 de agosto de 1944, anti Papers, Série 2, n° 2, 28. Telex/telegram, Langsdorff to Regierungspräsident kanstein, 17 de julho de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 157 **“Alguns depósitos de arte em villas”** Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 7. Ver também telex/telegram de Langsdorff para Regierungspräsident kanstein, 17 de julho de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero archive.
- 158 **informar que tinha inspecionado o castelo** Poggi, Memo manuscrito, 17-18 de julho de 1944, Poggi Papers, Serie VIII, n° 155, 5.
- 158 **sua promessa de encontrá-las e devolvê-las** Poggi, Memo manuscrito, 19 de julho de 1944, Poggi Papers, Serie VIII, n° 155, 5.
- 158 **“entregues pelas tropas”** Langsdorff, “Bericht über Bergungsfahrten von Kunstwerken”, 21 de agosto de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 158 **“separados do resto”** Cooper and DeWald. “Report on German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 7.
- 158 **recibo relativo a “duas pinturas sem danos”** Ibid.
- 158 **Langsdorff já tinha deixado o hotel** Ibid.; Poggi, Memo manuscrito, 19 julho de 1944, Poggi Papers, Série VIII, n° 155, 5.

CAPÍTULO 15: ANJOS DA GUARDA

- 160 **“o passado competia com o presente”** Samuel Rogers, “Florence”, linhas 5-6.
- 160 **“representava o juramento de amor”** “Manifesto del Comitato per la raccolta dei fondi”, em Comitato per la ricostruzione del ponte a S. Trinità, *Il ponte a S. Trinità* (Florença: tip. E. Rinaldi, 1957), 15.
- 161 **“Florença é uma cidade bonita demais”** Tutaev, *The Consul of Florence*, 94. Nas memórias de Rahn, *Ruheloses Leben*, pp. 260-61, ele datou essa reunião no final de julho de 1944, mas o livro de Tutaev, escrito em 1966, baseou-se em documentos e extensas discussões com Rahn e outros participantes-chave, num esforço para reconstruir a linha do tempo dos eventos.
- 161 **inicialmente sugerido pelo** Fasola, *The Florence Galleries and the War*, 56.
- 161 **Mas para que uma cidade fosse declarada “aberta”** Elia dalla Costa, “Storia vera su Firenze ‘città aperta’”, in Comnène, Firenze “città aperta”. *Contributo per la storia dell’occupazione tedesca in Italia*, 69-70.
- 161 **as forças alemãs haviam posicionado** Ibid., 71.
- 161 **os líderes alemães se referiam a Florença** Tutaev, *The Consul of Florence*, 134-35; Schramm, ed., *Kriegstagebuch des Oberkommando der Wehrmacht* (Wehrmachtführungsstab), Band IV: 1. Januar 1944-22. Mai 1945, *Erster Halbband*, 533.
- 162 **Depois de quatro anos de serviço** Tutaev, *The Consul of Florence*, 17.
- 162 **Buscando se distanciar** Ibid., 21.
- 162 **Durante a visita de Hitler, em 1938** Archivio Storico del Comune di Firenze, ed. *Firenze. 9 Maggio 1938*. Small collection of essays on the occasion of the exhibition “Il ritorno all’ordine. 1938-L’immagine di Firenze per la visita del Fuhrer”, 25 de setembro-31 de outubro de 2012 (Florença: P.O. Archivi e Collezioni Librarie Storiche, 2012), 15.
- 162 **“nenhuma outra cruz, que não a de Cristo”** “Biography of Elia dalla Costa”, Archivio Storico Diocesano, Florença.
- 162 **“Sua Eminência, o cardeal Elia Dalla Costa”** Filippo Serlupi Crescenzi Report, “La difesa dei tesori artistici e culturali fiorentini”, sem data, Private Collection, Itália.
- 162 **Enquanto pedia aos comandantes alemães** Cardinal dalla Costa, “Lettera al Maresciallo Kesselring”, 1º de julho de 1944, Elia dalla Costa Papers, Archivio Storico Diocesano, Florença.
- 162 **“de modo a realmente proteger as obras de arte florentinas”** Serlupi Crescenzi Report, “La difesa dei tesori artistici e culturali fiorentini”.
- 162 **“Tive que pedir a Serlupi”... “para direcionar o interesse”** Poggi, “Relazione sui rapporti intercorsi tra la R. Soprintendenza alle Gallerie e il marchese avv. Filippo Serlupi Crescenzi, nel periodo antecedente a la liberazione di Firenze”, 28 de junho de 1945, Poggi Papers, Serie VIII, n. 154, 4.

- 163 “o marquês Serlupi não perdeu uma única chance” Bernard Berenson, “per la verità”, 20 de junho de 1945, Private Collection, Itália.
- 163 Carlo Steinhäuslin, florentino de nascimento... especialmente preocupado com a proteção dos encanamentos de água da cidade Paolo Paoletti, “Il console svizzero Charles Steinhauslin”, in Giorgio Mollisi, *Svizzeri a Firenze: Nella storia, nella cultura, nell'economia dal Cinquecento ad oggi* (Lugano: Ticino Management, 2010), 406-14; Carlo Steinhäuslin, “Che cosa ho fatto per Firenze. appunti giornalieri per i miei figli” (manuscrito encadernado por Carlo Steinhäuslin, cônsul da Suíça em Florença durante a ocupação alemã: notas sobre os acontecimentos entre 26 de julho e 25 de agosto de 1944, com cópias de documentos), Deutsches Historisches Institut, Roma, Archiv, N 9 Gerhard Wolf, IV. Schriften dritter, nº 61.
- 163 “uma declaração oficial” Tutaev, *The Consul of Florence*, 118.
- 163 “nunca tinha se dado conta do que era” Ibid., 120.
- 163 “Portanto, tenho que dizer” Alfred Jodl carta a Nicola Comnène, 12 de maio de 1944, Private archive, Itália.
- 164 Trabalhando a partir de uma casa Tutaev, *The Consul of Florence*, 126.
- 164 “mesas cheias de grossos chicotes” Ibid., 127.
- 164 Rahn gentilmente ordenou a seu amigo Tutaev, *The Consul of Florence*, 207.
- 164 embaixada alemã em Fasano Jürgen Klöckner, “Verhinderter archivalienraub in Italien, Theodor Mayer und die abteilung ‘archivschutz’ bei der Militärverwaltung in Verona 1943-1945”, in *Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken*, vol. 86 (Roma: Deutsches Historisches Institut, 2006), 501.
- 164 Gerhard Wolf deixou a cidade... “envergonhado com o que os soldados alemães” Steinhäuslin, “Che cosa ho fatto per Firenze. appunti giornalieri per i miei figli”, 31 de julho de 1944, Deutsches Historisches Institut, Rome, Archiv, N 9 Gerhard Wolf, IV. Schriften dritter, nº 61, nota 4.
- 164 No sábado, 29 de julho, os comandantes alemães Tutaev, *The Consul of Florence*, 221.
- 164 * Comnène, Firenze “*città aperta*”, 49.
- 164 Poggi, Dalla Costa e Steinhäuslin redigiram uma carta Carta assinada por Dalla Costa, Poggi e outros, 30 de julho de 1944, em Comnène, *Firenze “città aperta”*, 86.
- 165 “Para mim, uma ponte é apenas uma ponte” Tutaev, *The Consul of Florence*, 208.
- 165 “absolutamente impossível para qualquer pessoa” Ibid., 199.
- 165 No dia 30 de julho, o embaixador Rahn... “É vital para as tropas Aliadas” Ibid., 289; Comnène, *Firenze “città aperta”*, n.p.
- 165 “pressão psicológica” Tutaev, *The Consul of Florence*, 245.
- 165 “prosseguir com a retirada” Deakin, *The Brutal Friendship*, 711.

- 166 “**Seu valor artístico e histórico**” Schramm, ed., *Kriegstagebuch des Oberkommando der Wehrmacht (Wehrmachtführungsstab)*, 534.
- 166 “**que fosse apenas o inimigo**” Ibid.
- 166 “**preparar Feuerzauber**” Paoletti e Carniani, Firenze: *Guerra & Alluvione: 4 Agosto 1944/4 Novembro 1966*, 56.
- 166 “**dentro dos limites ou nos arredores de Florença**” Tutaev, *The Consul of Florence*, 228.
- 166 **O único civil** Paoletti, “Il console svizzero Charles Steinhäuslin”, 410.
- 166 “**Enquanto discutíamos com os guardas**” Steinhäuslin, “Che cosa ho fatto per Firenze. Appunti giornalieri per i miei figli”, 31 de julho de 1944, *Schriften dritter*, nº 61, 9.
- 166 “**cinco fileiras distintas de caixas**” Tutaev, *The Consul of Florence*, 233. O relato no Diário de Steinhäuslin sobre este incidente não é totalmente coerente com a descrição no livro de Tutaev. Como Tutaev teve o benefício não só de ver o diário, mas também de entrevistar vários dos participantes em primeira mão, baseei-me na interpretação dele.
- 167 “**O fogo de artilharia inimiga**” Schramm, ed., *Kriegstagebuch des Oberkommando der Wehrmacht (Wehrmachtführungsstab)*, 535.
- 167 * Fisher, *United States Army in World War II*, 292.
- 167 “**Eu não podia ceder**” Albert Kesselring, *The Memoirs of Field-Marshal Kesselring*, 309.
- 167 **Às duas da tarde de quinta-feira** Tutaev, *The Consul of Florence*, 238.
- 167 “**Parecia que a terra**” Ibid., 239.
- 167 “**o espetáculo neroniano**” Bernard Berenson, *Rumor and Reflection* (Nova York: Simon & Schuster, 1952), 382.
- 168 **Por volta das duas da madrugada de 4 de agosto, a genialidade** Tutaev, *The Consul of Florence*, 243.
- 168 “**sacudisse os ombros**” Ibid.
- 168 “**Ao amanhecer, de minha casa**” Poggi, “descrizione giorni immediatamente precedenti e immediatamente successivi la distruzione del ponte”, *Poggi Papers*, Série VIII, n. 159, 23.
- 168 “**silêncio atordoado**” Tutaev, *The Consul of Florence*, 253.
- 168 “**Eu preferiria estar morto a ver**” Ibid., 32.

CAPÍTULO 16: “SANTINHOS, AJUDEM-NOS”

- 169 **No dia 31 de julho, no quartel-general do VIII Exército Britânico AMG Hartt**, *Florentine Art Under Fire*, 16.

- 169 major Eric Linklater Magnus Linklater, “the Man Who Kissed the Primavera”, *Scottish Review*, janeiro de 2006.
- 169 “armado e de capacete” Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 16.
- 169 jipe “muito maltratado”... “Seu para-brisa estava espatifado” Ibid., 9.
- 170 “as colinas mais além” Ibid., 17.
- 170 “alto, animado e visivelmente excitado tenente americano de óculos”, Eric Linklater, *The Art of Adventure* (Londres: Macmillan and Co., 1947), 268.
- 170 Linklater, que fora encarregado Ibid., 255-57.
- 170 “Mas essas pinturas são muito boas!” Ibid., 257.
- 170 “Devem ser cópias!” Ibid.
- 170 “A casa inteira está cheia” Ibid., 258.
- 179 O grupo então seguiu Ibid., 259.
- 179 “Botticelli!”... um homem baixo de meia-idade Ibid., 260-61.
- 179 Cesare Fasola, bibliotecário do museu Uffizi Fasola, *The Florence Galleries and the War: History and Records*, 57.
- 179 “Todos os caixotes de embalagem tinham sido abertos” Ibid., 58-9.
- 180 O uso por soldados alemães do painel redondo... do século XV Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 19.
- 180 “Santinhos, ajudem-nos!” Fasola, *The Florence Galleries and the War*, 60.
- 180 “o trovão” Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 18.
- 180 Hartt conhecia cada uma das obras de arte Ibid.
- 180 “A descrição dessas pinturas” Ibid., 19.
- 180 De Montegufoni, o grupo Ibid., 22.
- 181 “Cinco depósitos localizados” Hartt, telegrama, 31 de julho de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/362.
- 181 Ele então preparou um memorando.... “O destino destes tesouros sem preço” Hartt Memo, “Secret”, Hartt Papers, Box 3, Folder 8.
- 181 “ser designado para o trabalho” Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 24.
- 181 “que todo o possível [para salvaguardar as obras de arte]” Newton para Keller, 5 de agosto de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 21.
- 181 Às cinco da manhã do dia 4 de agosto Ludwig Reidemeister, “Beitrag zum Rechenschaftsbericht des militärischen kunstschatzes in Italien ‘Bergungsfahrten im Frontraum’”, 5 de junho de 1945, Hartt Papers, Box 2, Folder 8.
- 181 Enquanto atravessava o rio Pó Ibid.; Langsdorff, “Bericht über Bergungsfahrten von kunstwerken aus dem Frontbereich bei Florenz im Juli und August 1944”, 11

- May 1945, Hartt Papers, Box 2, Folder 8.
- 181 **“operações de resgate de objetos de arte”** telex/telegrama, Langsdorff para Regierungspräsident kanstein, 17 de julho de 1944.
- 182 **Na tarde de 21 de julho** Siviero, *L'Arte e il Nazismo: esodo e ritrovamento delle opere d'arte italiane, 1938-1963*, 73-74.
- 182 **Villa Besana** Silvano Vinceti, *Salò capitale: breve storia fotografica della RSI* (Roma: Armando Editore, 2003), 30.
- 182 **A nomeação pendente de Wolff Lang**, *Der Adjutant*, 247
- 182 **“remover tudo o que pudesse ser salvo”** Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz,” Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 7.
- 182 **“que o Führer havia admirado imensamente”** Karl Wolff, telegrama para Heinrich Himmler, 25 de julho de 1944, Barch NS 19/3808, F.1., Bundesarchiv Berlin.
- 182 **“se aqueles tesouros”** Ibid.
- 182 **“o que lhes garante boa custódia”** Meine on behalf of Heinrich Himmler, telegrama para Karl Wölff, 26 de julho de 1944, Barch NS 19/3808, F.1., Bundesarchiv Berlin.
- 182 **No dia 28 de julho, Langsdorff voltou a Florença** Reidemeister, “Beitrag zum Rechenschaftsbericht des militärischen kunstschatzes in Italien ‘Bergungsfahrten im Frontraum’”, 5 de junho de 1945, Hartt Papers, Box 2, Folder 8.
- 182 **“Todo mundo esperava entorpecido”** Ibid.
- 182 **Às 11 da manhã, Langsdorff se encontrou com Giovanni Poggi** Poggi, “Relazione del Soprintendente alle Gallerie e Musei di Firenze”, 1º de abril de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/363.
- 183 **“estava preocupado com o destino”** Ibid.
- 183 **“cuidar da segurança deles”** Ibid.
- 183 **No dia 5 de agosto, reunindo-se de novo** Cooper e DeWald, “Report on German kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 8.
- 183 **“havia criado um repositório para as obras de arte”** Alexander Langsdorff, “Lettera a Giovanni Poggi”, 18 de junho de 1944, Anti Papers, Série 2, nº 2, 3.
- 183 **“das ilhas Borromeu”** Bevollmächtigter General der deutschen Wehrmacht in Italien an Chef d.Mil.Ver.wabt.kunstschutz, Leitkommandatur Mailand, Mil.kdtr. Novara, “Betr.: Belegung der Isola Borromea”, 3 de agosto de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 183 **finalizando-a durante uma chamada telefônica** Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz,” NAara, RG 239, M1944, Roll 71, 9.
- 183 **Em seguida ao armistício de setembro de 1943** C. F. Latour, “Germany, Italy and South Tyrol, 1938-45”, *The Historical Journal* 8, nº 1 (1965), 111.

- 184 “As leis da República Social não se aplicavam ali” Pietro Ferraro, “La resistenza veneta in difesa delle opere d’arte”, *Il Ponte*, setembro de 1954, 129.
- 184 “rei não coroado de sua própria Gau” Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 9.
- 184 “Em Alto Ádige tem-se a impressão” “Relazione al Ministro dell’Educazione Nazionale”, 5 de dezembro de 1944, *Anti Papers*, Série 2, nº 2, 72.
- 184 “inimigo mortal” Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 142.
- 184 Linklater e Vaughan Thomas entraram em Florença... “Os florentinos da margem sul” Linklater, *The Art of Adventure*, 270-71.
- 185 “a situação tática impedia” Roger Ellis, “Inspection of Monuments in Florence”, 11 de agosto de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/71.
- 185 “Em 12 de agosto, o suspense de esperar” Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 36.
- 185 “em um estado de excitação febril” *Ibid.*, 36-7.
- 185 Na Villa Torrigiani, quartel-general temporário *Ibid.*
- 185 “uma massa de escombros de nove metros de altura” *Ibid.*, 44.
- 185 “Na margem sul, os maravilhosos antigos edifícios” *Ibid.*, 45.
- 186 “Santo Stefano, em Por Santa Maria” “Damage to Monuments in Florence”, 20 de agosto de 1944, Hartt Papers, Box 3, Folder 8.
- 186 “Autoridades alemãs armazenaram em Villa Reale Poggio a Caiano” Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 68.

CAPÍTULO 17: “O MAIS BELO CEMITÉRIO DO MUNDO”

- 188 As tropas de Kesselring fizeram excelente uso Fisher, *United States Army in World War II*, 270.
- 188 2.376 posições de metralhadoras Douglas Orgill, *The Gothic Line* (Nova York: W W Norton, 1967), 28.
- 188-89 Quanto mais tempo os alemães pudessem conter Fisher, *United States Army in World War II*, 270.
- 189 Pisa alcançou o auge de seu poder político Giuseppe Galasso, ed., *Storia d’Italia, Comuni e signorie nell’Italia nordorientale e centrale: Veneto, Emilia-Romagna e Toscana*, vol. 7.1 (Turim: Utet, 1987), 699.
- 189 O declínio político e econômico da cidade... 50 mil florins de ouro Giuseppe Edoardo Corazzini, *Lassedio di Pisa, 1405-1406: scritti e documenti inediti* (Florença: U. diligenti, 1885), 84-5; Giorgio del Guerra, *Pisa attraverso i secoli* (Pisa: Giardini, 1967), 123.
- 189 “A Santa Sé não pode deixar de” Carta a Taylor, 28 de julho de 1944, Tittmann Papers, Nara, RG 59, Box 7.

- 190 **Em quatro meses, Keller já havia dirigido** Carta para Kathy, 3 de outubro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 49.
- 190 **“O lado sul estava tão tremendamente destruído”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 36.
- 190 **“O lado sul estava cheio de armadilhas”** Ibid.
- 190 **população que antes da guerra era de 72 mil** Os dados são do Istat, o Instituto Nacional de Estatística Italiano. O censo da população de Pisa foi realizado em 1936 e registrou precisamente, 72.468 pessoas morando na cidade.
- 190 **A equipe precursora de Keller do AMG** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 36-37.
- 190 **penduraram as bandeiras americana e inglesa** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 37; Field Report, 7 de setembro de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 32.
- 190 **“Quase não se dormiu”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 37.
- 190 **Cedo na manhã seguinte** Ibid.
- 191 **O Batistério havia sofrido danos** Field Report, 7 de setembro de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 32.
- 192 **Para comparação, a área de afrescos no Camposanto** a área pintada do Camposanto era de cerca de 4.900 metros quadrados) e a área pintada da Capela Sistina é ligeiramente maior do que 3.954 metros quadrados). “Affreschi del Camposanto”, Opera della Primaziale Pisana, 2003-2007, <http://www.opapisa.it/it/attivita/cantieri-e-restauri/affreschi-del-camposanto.html>; “Cappella Sistina”, Stato della città del Vaticano, http://www.vaticanstate.va/It/Monumenti/Musei/Vaticani/Cappella_Sistina.htm.
- 192 **“no piso ao lado das paredes”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 42.
- 193 **Keller suspendeu sua inspeção** Ibid., 41.
- 193 **Farnesi observava enquanto alguns projéteis** Bruno Farnesi, “Cronaca della distruzione dell’incomparabile gioiello d’arte che era il/celebre Camposanto Monumentale di Pisa, avvenuta il 27 Luglio 44 a causa di una granata di artiglieria”, 28 de julho de 1944, Hartt Papers, Box 4, Folder 6.
- 193 **Mesmo do solo** Ibid.
- 193 **Farnesi e um pequeno grupo de voluntários** Ibid.
- 194 **Um projétil passou assoviando e acertou o Duomo** Ibid.
- 194 **“Voltei para o monumento”** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 82; Farnesi, “Cronaca della distruzione”.
- 194 **“À noite, a Piazza dei Miracoli”** Farnesi, “Cronaca della distruzione”.

- 195 **“Vi novamente”** Ibid.
- 195 **na cidade de San Miniato** Keller, Field Report , 24 de agosto de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 32.
- 195 **“Minha missão é de oficial da MFAA”... “Não devo”** Carta aos pais, 24 de julho de 1944, Keller Papers, Box 5, Folder 26.
- 196 **o instruiu a proibir a entrada** Field Report, 7 de setembro de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 32.

CAPÍTULO 18: PARADEIRO DESCONHECIDO

- 197 **“Florença não é mais”** Herbert L. Matthews, “Old Florence Ravaged by Nazis; Much of Medieval City Destroyed”, *New York Times*, 30 de agosto de 1944.
- 197 **“saídas... pelas quais”** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 46.
- 197 **Às seis da tarde do dia 17 de agosto... “Trinity Bridge”** “Emergency Bridges Being Built in Florence”, Nara, RG 331, 10000/145/69.
- 198 **“Na cidade não havia água”** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 48.
- 199 **a vida continuou miserável... Rostos esqueléticos... Ninguém cedia à vaidade Il Martirio di Firenze**, Archival film, Imperial War Museum, Londres, COI53.
- 199 **“O Jardim Botânico agora é”** Martha Gellhorn, “Treasure City: the Fight to Save Florence”, Keller Papers, Box 23, Folder 50.
- 200 **“constantemente atrapalharem um ao outro”** Carta de Hartt para Keller, 21 de agosto de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 32.
- 200 **Estes confrontos chegaram a um ponto culminante** “Report on archives of La Colombaria”, 4 de setembro de 1944, Hartt Papers, Box 3, Folder 9.
- 200 **“buldôzeres devoradores”** “Final Report General”, Keller Papers, Box 23, Folder 52, 14.
- 200 **“[Eu] fazia entre três e cinco viagens”** “Report on archives of La Colombaria”, 4 de setembro de 1944, Hartt Papers, Box 3, Folder 9.
- 201 **“A escavação e remoção mecânica”** “5 Army Job N° 1463 Clearance of debris”, 28 de setembro de 1944, Hartt Papers, Box 3, Folder 9.
- 201 **“Depois de muitas reclamações”** Ibid.
- 201 **“um número surpreendente”** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 53.
- 201 **Poggi propôs uma solução criativa.... “vadear com água até os tornozelos”** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 56.
- 202 **“de 1907 a 1951”.... “uma propriedade principesca”** Ethne Clarke, “A Biography of Cecil Ross Pinsent, 1884-1963”, *Garden History* 26, n° 2 (inverno de 1998), 176, 187.
- 202 **No princípio de 1942** Титаев, *The Consul of Florence*, 49.

- 202 **agindo de acordo com os conselhos de Elisabetta “Nicky” Mariano**, *Forty Years with Berenson* (NovaYork: Alfred A. Knopf, 1966), 282.
- 202 **Marchesa Serlupi e sua equipe Tutae**, *The Consul of Florence*, 51.
- 202 **apartamento perto da Ponte Santa Trinitá** A casa, em Borgo San Jacopo, era propriedade da baronesa Alda Von Anrep, irmã de Mariano. Ela casou-se com o barão Egbert; o filho deles chamou-se Cecil. Mariano, *Forty Years with Berenson*, 7, 208.
- 202 **“tinha ido para Portugal” Tutae**, *The Consul of Florence*, 49.
- 202 **Em um dia de meados de agosto “Bernard Berenson”**, 6 de setembro de 1944, Hartt Papers, Box 3, Folder 9.
- 203 **“ainda vivendo na casa dele” Sheldon Pennoyer**, “Sand, Rubble and Fine Arts”, Sheldon Pennoyer Papers, Department of Art and Archaeology, Princeton University.
- 203 **Em 1º de setembro, o primeiro soldado aliado Berenson**, *Rumor and Reflection*, 419.
- 203 **“Villa [delle Fontanelle] estava perfurada”** “Bernard Berenson”, 6 de setembro de 1944, Hartt Papers, Box 3, Folder 9.
- 203 **“um projétil explodiu perto do recinto do convento” Elisabetta “Nicky” Mariano**, Diar y 15 de agosto de 1944, Private Collection, Italy. Diário publicado com ligeiras variações em Mariano, *Forty Years with Berenson*, 340.
- 203 **“Depois do mundo desconstruído” Pennoyer**, “Sand, Rubble and Fine Arts”, Pennoyer Papers.
- 204 **Hofer instruiu Reidemeister** Reidemeister, “Beitrag zum Rechenschaftsbericht des militärischen kunstschatzes in Italien ‘Bergungsfahrten im Frontraum’”, 5 de junho de 1945, Hartt Papers, Box 2, Folder 8.
- 204 **“700 litros [185 galões]” Josef Ringler**, “Gedächtnis-protokoll (Private aufzeichnung des dr. Ringler), der aus der Toscana nach Südtirol verbrachten kunstschatze aus italienischem Staatsbesitz und ihre Betreuung durch den denkmalpfleger in der operationszone”, Nara, RG 331, 10000/145/440.
- 204 **capitão Zobel, passou por Bolzano** Zobel Diar y Notes, encontrado em Siviero, *L’Arte e il Nazismo*, 86-87.
- 205 **às minas de sal de Altaussee** Cooper and DeWald, “Report on the German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 14.
- 205 **“recebidos como libertadores” Hartt**, *Florentine Art Under Fire*, 69.
- 205 **“a retirada daquelas obras”** “Report on German Removals of Works of Art from Deposits in Tuscany”, 8 de outubro de 1944, Hartt Papers, Box 3, Folder 10.
- 205 **recibo manuscrito relatório manuscrito de Poggio a Caiano**, Hartt Papers, Box 4,

Folder 7.

- 205 “*São Jorge, de Donatello!*” Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 69.
- 206 “**Caro Ernest: Isso foi o que eles roubaram**” Hartt para DeWald, 7 de setembro de 1944, Nara, RG 331, 10000/145/71.
- 206 No dia 7 de setembro, e de novo... **AQUI FICA O FRONT.. no dia 18 de agosto, chegou um oficial alemão... “a aldeia era um ninho”... Depois de inspecionarem à força** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 71-72.
- 207 “**oficial, ordenado**” Ibid., 73.
- 207 **Na Villa Landau-Finaly** Ugo Perini, “particolari sull’asportazione di opere d’arte compiuta dai paracadutisti tedeschi alla Villa Landau-Finaly posta in Firenze-Via Bolognese, N° 126”, 21 de maio de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/403. Devido à proximidade das *villas*, e porque parte da coleção Finaly tinha sido escondida na Villa Acton, os alemães acreditaram que era tudo uma só coleção. Documentos do período da guerra em geral fazem referência à “Coleção Finaly-Acton”.
- 207 **O negociante de arte e colecionador florentino** Nota de Langdorff sobre Contini, 27 de outubro de 1944, encontrado em Siviero, *L’Arte e il Nazismo*, 89.
- 207 **escondera sua coleção numa villa em Podere di Trefiano** Alessandro Contini Bonacossi, “Lettera a Frederick Hartt con elenco opere trafugate dalle truppe tedesche”, 14 de setembro de 1944, Poggi Papers, Série VIII, n.158, 16.
- 207 **A 16ª Divisão Panzer SS** Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 12.
- 207 “**somente a conduta destemida**” Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 76-77.
- 208 “**Em três ocasiões isoladas**” “Report on German Removals of Works of Art from deposits in Tuscany”, 8 de outubro de 1944, Hartt Papers, Box 3, Folder 10.
- 208 “**As pinturas levadas**” Ibid.
- 208 “**Um total de 529 pinturas**”... “**havia sofrido um assalto**” Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 76.

CAPÍTULO 19: RESSURREIÇÃO

- 209 **massacrou Pisa por mais três semanas** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 36.
- 209 “**Trinta e oito de suas monumentais igrejas**” Ibid.
- 209 “**O afresco inteiro era pintado**” John B. Ward-Perkins, “Pisa: Camposanto”, 17 de setembro de 1944, Hartt Papers, Box 3, Folder 9.
- 210 **Hume chegou na manhã seguinte... Hume contactou... nove dias depois** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 42-43.
- 210 “**A caminho de casa**” Carta para Kathy, 10 de setembro de 1944, Keller Papers,

Box 7, Folder 48.

- 210 **Assim que chegou a Pisa... envenenamento por chumbo... “A poeira era terrível”... “um homem com”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 43-44.
- 210 **Os projéteis alemães continuavam a cair** Field Report, 26 de setembro de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 32.
- 211 **“requisição à meia-noite”** Leonard Fisher (amigo de Deane Keller), entrevista com o autor, 23 de dezembro de 2010.
- 211 **“o Camosanto de Pisa agora é”** Field Report, 26 de setembro de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 32.
- 211 **“O trabalho está feito, funciona perfeitamente”** Carta, 12 de outubro de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 32.
- 211 **“É o maior trabalho deste”** Carta para Kathy, 9 de outubro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 49.
- 211 **A Torre Inclinada, nas vizinhanças** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 45.
- 211 **“Sem a universidade”** Field Report, 8 de outubro de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 32.
- 211 **No dia 25 de novembro** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 47.
- 213 **“Isso realmente é necessário”** 6 de outubro de 1944, Hartt Papers, Box 3, Folder 10.
- 213 **“[Hartt] me entedia até a morte”** Carta para Kathy, outubro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 49.
- 213 **“o hábito do jovem intelectual”** Harris, *Bomber Offensive*, 130.
- 213 **Um dia depois, ele escreveu uma carta** Keller para DeWald, 19 de outubro de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 32.
- 213-14 **De acordo com Poggi... ‘Neumelans in Sand’** Poggi, “Memo”, 11 de novembro de 1944, Poggi Papers, Série VIII, nº 155, 5.
- 214 **“Não consegui encontrar um lugar com aquele nome”** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 96.

CAPÍTULO 20: FELIZ NATAL

- 215 **Cagiati e seus companheiros de viagem** Sergio Giliotti, *La seconda Julia nella Resistenza: cronistoria di una brigata partigiana* (Reggio Emilia: Diabasis, 2010), 133.
- 215 **conselheiro dileto do papa Pio XII** Cornwell, *Hilder's Pope*, 65.
- 216 **“um homem merecedor de confiança... filho de”** Ennio Caretto, “Montini, una scelta americana per l'Italia”, *Corriere della Sera*, 26 de agosto de 2003, 31.

- 216 **“Pippo”... trocaram muitas cartas** Carta, Cagiati para Serlupi, 1/12/34, Private Collection, Italy.
- 216 **“Gostaríamos muitíssimo”** Donovan para McCloy, 15 de dezembro de 1942, Nara, RG 226, Entr y 190, Box 579.
- 216 **Durante seu breve tempo de serviço... primeiro americano a entrar em Nápoles** Alessandro Cagiati, “OSS Italian activities Januar y 1943-June 1945”, março de 1947, Nara, RG 226, Entr y 190, Box 73, 17.
- 217 **No dia 1º de setembro** Berenson, *Rumor and Reflection*, 419.
- 217 **Don Guido Anelli era o padre da paróquia.... líder ativo – nome de guerra** Luigina Anelli (irmã de don Guido Anelli), em conversas com Anna Bottinelli, 22 de dezembro de 2010 e 20 de fevereiro de 2011; Pietro Bonardi (historiador e especialista em Resistência), em discussão com Anna Bottinelli, 20 de dezembro de 2010; Sergio Giliotti (partisano e amigo de Anelli), em discussão com Anna Bottinelli, 22 de dezembro de 2010; “Nel X anniversario l’A.P.C. ricorda don Guido Anelli”, *Vita Nuova*, nº 10, 10 março de 1979, 7; “Don Anelli, prete volante un ardimentoso partigiano”, *Gazzetta di Parma*, 7 de maio de 1990, 3; “Il prete partigiano è ritornato a casa”, *Gazzetta di Parma*, 13 de maio de 1990; “Si ricorda don Anelli a otto anni dalla morte”, *Gazzetta di Parma*, 9 de março de 1978, 7; “Don Tito promotore della lotta di liberazione”, *Gazzetta di Parma*, 14 de maio de 1945, 2; Sergio Giliotti, “Don Guido Anelli, il prete volante e le azioni della 2º Julia”, *Il contributo dei Cattolici alla lotta di Liberazione in Emilia-Romagna*, autos da reunião ocorrida em 1º, 2 e 3 de maio de 1964, in *Parma and Salsomaggiore* (1966), 281-88; Sergio Giliotti, *La Seconda Julia nella Resistenza: cronistoria di una brigata partigiana* (Reggio-Emilia: Diabasis, 2010), 131-34.
- 217 **Anelli, de 32 anos, havia atravessado secretamente as linhas inimigas... “informar o Vaticano”** Alessandro Cagiati, “Report on visit to Rome with two couriers from Parma C.L.N.”, 6 de dezembro de 1944, Nara, RG 226, Entr y 190, Box 73, appendix a, 2.
- 217 **Essas ações isoladas se tornaram** Orgill, *The Gothic Line*, 36.
- 217 **Karl Wolff tinha a responsabilidade** Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 12-3.
- 217 **Mas cada vez mais os ataques** Gerhard Schreiber, “Partisanenkrieg und kriegsverbrechen der Wehrmacht 1943 bis 1945”, *Repression und Kriegsverbrechen, Die Bekämpfung von Widerstand und Partisanenbewegungen gegen die deutsche Besatzung in Wes und Südeuropa* (Berlin/Göttingen: Verlag der Buchläden, 1997), 94-5.
- 217 **“adotassem as medidas mais severas”** Kesselring ordem. [Wo 204/11496] encontrada em Richard Lamb, *War in Italy 1943-1945 – A Brutal Story* (Nova York: da Capo Press, 1993), 316.
- 217 **“só as melhores tropas”** Schreiber, “partisanenkrieg und kriegsverbrechen der

- Wehrmacht 1943 bis 1945”, 97.
- 218 **O incêndio subsequente de aldeias** Ibid., 110-12.
- 218 **“Durante a entrevista”** Cagiati, “Report on visit to Rome with two couriers from Parma C.L.N.”, appendix A, 2.
- 218 **“Cagiati e os outros oficiais de ligação com a Resistência”** Diário de Gilberta Serlupi Crescenzi, 28 de novembro de 1944, Private Collection, Italy
- 218 **subsecretário de estado para Assuntos Extraordinários** Affairs Cornwell, *Hitler's Pope*, 221.
- 218 **Durante essas reuniões.... “A notícia de que grandes números de resistentes”** Cagiati, “Report on visit to Rome with two couriers from Parma C.L.N.”, 5.
- 218 **“Do ponto de vista da OSS”** Ibid., 6-7.
- 219 **13 milhões de liras se seguiu** Giliotti, *La Seconda Julia nella Resistenza*, 132.
- 219 **“Aquele dinheiro salvou nossos esquadrões”** “Don Anelli, prete volante un ardimentoso partigiano”, *Gazzetta di Parma*.
- 219 **reparou no livro de orações no assento vazio de Anelli... Quando o avião alcançou o ponto do lançamento,** Giliotti, *La Seconda Julia nella Resistenza*, 133.
- 219 **No dia 9 de dezembro, a Rádio Fascista,** “Messaggio sull’ispezione fatta dal direttore generale delle arti, prof. Carlo Anti”, 11 de dezembro de 1944, Poggi Papers, Série VIII, n. 155, 5.
- 220 **“Estou contendo”** Elena Franchi, “Vertrauen und Misstrauen: die schwierigen Beziehungen zwischen der Italienischen Sozialrepublik und dem ‘kunschutz.’ Einige umstrittene Fälle”, in *Kunsthistoriker im Krieg. Deutscher Militärischer Kunschutz in Italien 1943-1945*, ed. Christian Fuhrmeister et al. (Colônia/Weimar/Viena: Böhlau Verlag, 2012), 121.
- 220 **No dia seguinte, o dr. Josef Ringler... Embora Ringler não conhecesse... A viagem os levou... A inspeção foi breve** Ringler, “Gedächtnis-protokoll (Private aufzeichnung des dr. Ringler)”, Nara, RG 331, 10000/145/440.
- 221 **Mas ele sabia que Rupprecht** Ringler, “Bericht des kommissarischen Leiters des denkmalamtes (Soprintendenza ai monumenti e gallerie) in trient über die Bergung von kunstgut in der operantionszone alpenvorland”, 15 de maio de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/440.
- 221 **“diretrizes”** James S. Plaut, “Hitler’s Capital”, *Atlantic Monthly*, vol. 178, n. 4, outubro de 1946, 75.
- 221 **“A atual situação deve ser considerada”** Stephen E. Ambrose, *Citizen Soldiers* (Nova York: Simon & Schuster, 1997), 208.
- 221 **“Ao entrarmos no palácio da prefeitura”** Keller para Sizer, 6 de dezembro de 1944, Theodore Sizer Papers, Box 11, Folder 167.

222 **“Minha adorada: Hoje é Dia de Natal”** Carta para Kathy, 25 de dezembro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 51.

222 **“Lá embaixo o rádio”** Ibid.

SEÇÃO III: VITÓRIA

223 **“Segredo absoluto é essencial”** Donovan para Roosevelt, “Memorandum for the president”, 8 de março de 1945, de “Memoranda for the president: Sunrise”, *Studies in Intelligence*, vol. 7, issue 2, acessado via CIA Center for the Study of Intelligence, cia.gov

CAPÍTULO 21: PROBLEMAS NAS TROPAS

225 **“Agora não é uma guerra”** Dulles, *From Hitler's Doorstep*, 429. Dulles cable, 18 de janeiro de 1945.

225 **entre 80 e 100 mil soldados alemães** Max Hastings, *Armageddon: The Battle for Germany, 1944-1945* (Nova York: Vintage Books, 2004), 235.

225 **“Nossas preciosas reservas”** Major-General F. W von Mellenthin, *Panzer Battles 1939-1945: A Study of the Use of Armour in the Second World War* (Londres: Cassell & Company, 1955), 332.

225 **19.246 baixas americanas. Mais que quatro vezes** Tom Gibbs (historiador do National World War II Museum), em debate com o autor, 18 de junho de 2012. O departamento oficial de estatísticas do exército tem o número exato de baixas como 108.347 (19. 246 mortos em ação, 62.489 feridos, 26.612 capturados ou desaparecidos). O Departamento de Defesa relaciona 89.500 baixas. O número real provavelmente fica entre estas duas estimativas.

226 **1.400 baixas** Hastings, *Armageddon*, 235; Jean Smith, *Eisenhower in War and Peace* (Nova York: Random House, 2012), 414; “Recognizing the 60th anniversary of the Battle of the Bulge during World War II”, 16 de novembro de 2004, *Congressional Record*, V. 150, pt. 17, 9 de outubro de 2004 para 17 de novembro de 2004 (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 2004), 23589.

226 **“é, sem dúvida, a maior”** Alex Kershaw, *The Longest Winter: The Battle of the Bulge and the Epic Story of WWII's Most Decorated Platoon* (Cambridge, Ma: Da Capo Press, 2004), 174.

226 **“Não fique desapontada”**, Carta para Kathy, 20 de dezembro de 1944, Keller Papers, Box 8, Folder 51.

226 **“Se eu tivesse recebido a comenda”** Carta para Kathy, 7 de janeiro de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 52.

226 **Enquanto esperava na fila** “Charley and the Captain”, Keller Papers, Box 19, Folder 1.

- 226 **“Não me importo muito”** Carta para Kathy, 13 de janeiro de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 52.
- 227 **“O soldado raso Berholz”** Mark Clark, “Award of Bronze Star Medal”, 21 de maio de 1944, Charles Bernholz Papers, Private Collection.
- 228 **“Me ne frego”... “Estou pouco me importando”** Carta para Kathy, 6 de janeiro de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 52.
- 229 **primeira vez, em 16 meses** Carta para Kathy, 27 de fevereiro de 1945, Keller Papers, Box 8, Fol-der 52.
- 227 **Bem cedo na manhã de 11 de janeiro de 1945... “Alguns estavam cavando buracos”** Relatório, 11 de janeiro de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 228 **Mais tarde, Keller fez um esboço** Keller Papers, Box 19, Folder 1.
- 229 **“sem exceção, todos eles”** Edgar Erskine Hume, “Italian decorations”, 30 de dezembro de 1944, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 229 **Em agosto de 1943, funcionários da área de artes** Poggi, “Relazione sui monumenti e le opere d’arte di Firenze durante la guerra 1940-1945”, 5 de junho de 1945, Poggi Papers, Série VIII, n. 157, 12; Field Report, 17 de fevereiro de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33; “Bronze Statue of Cosimo I”, 21 de fevereiro de 1945, Hartt Papers, Box 3, Folder 14.
- 229 **Depois de vários dias de planejamento... “À maneira da gente do interior do Maine”** Relatório de Campo, 17 de fevereiro de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 229 **“Capitão, o cavalo está cheio”** Entrevista de William Keller com o autor, 22 de outubro de 2010.
- 229-30 **“o condutor de uma carrozza”.... “As implicações desse retorno”** Relatório de Campo, 17 de fevereiro de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 230 **Smokey fora morto** Photo, Keller Papers, Box 36, Folder 222.
- 230 **“A história do que aconteceu”** Herbert L. Matthews, “Tuscan Treasures Slowly Repaired”, *New York Times*, 2 de janeiro de 1945.
- 230 **“Eu não estou sozinho quando penso”** Carta para Kathy, 28 de março de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 53.
- 230 **“ter-se esquecido de mencionar”** Carta para Kathy, 24 de janeiro de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 52.
- 230 **“Conheço os sentimentos do exército”** Carta ao Col. DeWald, 21 de janeiro de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 230 **“detestavam publicidade barata”** Stanley P. Hirshson, *General Patton: A Soldier’s Life* (Nova York: HarperCollins, 2002), 303.
- 230 **“muito poucos [soldados] dão com a língua”** Mauldin, *Up Front*, 61-62.

- 231 **“Nós sempre nos demos bem”** Carta para Keller, 23 de janeiro de 1945, Hartt Papers, Box 3, Folder 25.
- 231 **“o tenente Hartt tem feito”... “Na manhã do último domingo”** Carta para Col. Mayne, 29 de janeiro de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 231 **Keller desenhou uma caricatura** Keller para Pennoyer, “A.M.G. – 5th Army and Regional Cooperation”, inverno de 1945, Pennoyer Papers, Princeton University.
- 232 **6 milhões de soldados soviéticos** Tony Le Tizier, *Durchbruch an der Oder: Der Vormarsch der Roten Armee 1945* (Augsburg: Bechtermünz Verlag, 1999), 27.
- 232 **a menos de 50 quilômetros de Carinhall** Horst Rambusch, *Erster Oderbrückenkopf 1945 – Abschnitt Kienitz-Karlsbiess–und die Folgen für die Bevölkerung* (Gross Neudorf: Landfrauenverein “Mittleres Oderbruch”, 2010), 11, <http://www.oderbrueckenkopf1945.de>; Le Tizier, *Durchbruch an der Oder*, 63, 70.
- 232 **Consciente de que o fim estava próximo** Relatório N° 2, Goering Collection, setembro de 1945, O.S.S. Art Looting Investigation Unit Consolidated Interrogation Reports, Nara, M1782, 170.
- 232-33 **Mais de um ano antes... “sob nenhuma circunstância”... Em vez disso, Göring instruiu** Ibid., 30.

CAPÍTULO 22: TROCANDO DE LADO

- 234 **No dia 8 de março de 1945**, Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 89, 97-102.
- 234 **valendo bilhões** Langsdorff, “Bericht über die Bergungsfahrt südlich Florenz während der zeit vom 16.–23.7.1944 (Teilnehmer: MVA Chef Dr. Langsdorff U. Hptm. Zobel),” 17 de agosto de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive, Rome.
- 235 **Ao longo de todo o final do verão** Anti, “Lettera ad Alexander Langsdorff,” 25 de agosto de 1944; Correspondência de 23 de agosto, 30 de agosto e 2 de setembro de 1944, Anti Papers, Série 2, n. 2, 33.
- 235 **“estavam mais seguras em um gau alemão”** Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz,” Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 13.
- 235 **A teimosia alemã... “que o transporte das peças de arte”** Anti, “Appunto per il Ministro”, 4 de setembro de 1944, Anti Papers, Série 2, n. 2, 44.
- 235 **“O gauleiter Hofer se recusava a permitir”** Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz,” Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 16.
- 235 **“demonstrava tanto interesse pelos italianos”** Ibid.
- 235 **“a promessa do Führer”** Carlo Anti, “Relazione al Ministro dell’Educazione Nazionale”, 5 de dezembro de 1944, Anti Papers, Série 2, Salvaguardia patrimonio artistico italiano/opere d’arte toscane trasferite dalle autorità Germaniche in Alto Ádige, n. 2, 72.
- 235 **Ao longo dos dias seguintes** Langsdorff, “Vermerk über die Besichtigung der

- kunstdepots in S. Leonhard in passeier und Sand in taufers mit dem Vertreter des ital. Ministeriums für Nationale Erziehung Generaldirektor Prof. Dr. Carlo Anti vom 27. bis 30. 11. 1944”, 2 de dezembro de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive, Rome; Anti, “Relazione al Ministro dell’Educazione Nazionale,” 5 de dezembro de 1944, Anti Papers, Série 2, n. 2, 72.
- 235 **Wolff explicou que** Langsdorff, “aktenvermerk: Verzeichnis der aus Villa Bossi Pucci in Montagnana geborgenen Gemälde,” 2 de dezembro de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive, Roma; Carta, Alexander Langsdorff para Prof. Heydenreich, Deutsches Generalkonsulat Milan, 2 de dezembro de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 235-36 **“Sem as listas, minha inspeção foi reduzida a uma interessante e muito agradável viagem”** Anti, “Lettera a Reidemeister”, 13 de março de 1945, Anti Papers, Série 2, n. 2, 92.
- 236 **“sem dúvida, os alemães levarão as obras de arte”** Antonio Sorrentino and Alfredo Barbacci, “Lettera a Carlo Anti”, 12 de fevereiro de 1945, Anti Papers, Série 2, n. 2, 83.
- 236 **“desejo de que os artigos confiscados”** Para Wölff de Reidemeister, “Telephone Call from the German Embassy”, 4 de janeiro de 1945, Nara, RG 239, M1944, Roll 9, part 1.
- 236 **“nazistas fanáticos radicais”** Dulles, *From Hitler’s Doorstep*, 508. Dulles telegram 9099, 21 de abril de 1945.
- 236 **“Innsbruck ou para a Bavária”**, Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 9.
- 236 **“deve se dirigir a mim pessoalmente”** Carta, Hofer para Wölff, 14 de setembro de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 236 **A certo ponto, Hofer** Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 16.
- 236 **“convidadas”** Carta de Langsdorff para Wölff, 22 de agosto de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive, Roma.
- 236 **“instrução política”... “Com base nas ordens do Führer”** “Policy Instruction from Hitler to Himmler via Reichsleiter Bormann”, 26 de janeiro de 1945, Nara, RG 239, M1944, Roll 9, part 1.
- 236 **Wolff recebera instruções** Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 16.
- 236 **“não poderia fazer aquilo”** Ibid.
- 237 **Wolff ordenou a sua equipe para preparar** Ibid.
- 237 **numa manobra para salvar sua posição** Jonathan Petropoulos, *Art as Politics in the Third Reich* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996), 159.

- 237 **Apenas em janeiro e fevereiro** Hastings, *Armageddon*, 260.
- 237 **a campanha Vístula-Oder** Ibid.
- 237 **“milhões não tinham condições de ser evacuados”** Diário de Langsdorff, fevereiro de 1944-maio de 1945, Alexander Langsdorff Papers, Private Collection, Switzerland.
- 237 **“É uma situação de loucura”** Ibid.
- 237-38 **Wolff sabia que os bombardeios Aliados... “impedido o soldado alemão”** “an Inter view with SS-obergruppenführer Wolff”, 13 de junho de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/440. Notar que este documento não é uma transcrição da entrevista, mas uma recordação da conversa pela entrevistador.
- 238 **“colapso do moral”** Ibid.
- 238 **“irrevogavelmente perdida”**. Ibid.
- 238 **“tomado parte na ponta de lança”** Ibid.
- 238 **Wolff sabia que, se tais armamentos... 6 de fevereiro... “resposta direta”** Allen W Dulles, *The Secret Surrender* (Guilford, Ct: Lyons Press, 2006), 68.
- 238 **“O momento virá”** Heiber, ed., *Lagebesprechungen im Führerhauptquartier*, 276. Foi uma coletiva no dia 31 de agosto à qual Westphal, Keitel, Krebs et al. estiveram presentes.
- 238 **Himmler e Ernst Kaltenbrunner fizeram abordagens secretas** Waller, *The Unseen War in Europe: Espionage and Conspiracy in the Second World War* (Nova York: Random House, 1996), 368.
- 238 **“contemplavam a eliminação dos ‘instigadores de guerra’”** Ted Ryan, “Account of Sunrise”, 16 de abril de 1945, Nara, RG 226, Entr y 190C, Box 9, 3.
- 238 **“um sinal de crescente desintegração”** Ibid. 4.
- 238 **“Embora pessoas como Himmler e Kaltenbrunner”** Ibid.
- 239 **Wolff usou sua visita de 6 de fevereiro a Berlim.... abandonasse a ideia.** “Footnote to Chapter X”, extraído de interrogatórios realizados em 1945, Nara, RG 226, Entr y 190C, Box 9.
- 239 **Durante aquela viagem.... De acordo com essa estratégia** Dulles, *The Secret Surrender*, 68-69.
- 239 **a força de combate mais intacta da Alemanha** Lang, *Der Adjutant*, 8.
- 239 **“a mais importante rota”** Franz Hofer, “The Alpine Defense Line”, B-457, Nara, RG 549, M1035, Annex 3, 3.
- 239 **“A teoria nazista é”** Dulles, *From Hitler’s Doorstep*, 366. Dulles cable 4471-73, 12 de agosto de 1944.
- 240 * Hofer, “The Alpine Defense Line”, Annex 1, 1.

- 240 **No mês seguinte** Ibid., Annex 1, 2 and Annex 3, 1, 5.
- 240 **“explorar habilidosa e rapidamente”** Franz Hofer, “National Redoubt”, B-458, Nara, RG 549, M1035, 10.
- 240 **Finalmente, Hitler o convocou** Ibid., 11, 23. A ordem estava datada de 20 de abril, mas só foi emitida em 24 de abril.
- 240 **Acreditando que o reduto fosse uma ameaça crível** Waller, *The Unseen War in Europe*, 372.
- 240 **“loucura”** Allen Dulles e Gero von Gaevernitz, “The First German Surrender”, 22 de maio de 1945, Nara, RG 226, Entry 190C, Box 8, 16.
- 241 **da reunião de 25 de fevereiro... Através de uma série de intermediários** Dulles, *The Secret Surrender*, 58-61.
- 242 **disposição para se encontrar** Ibid., 61.
- 242 **Dulles recebeu um telefonema urgente** Ibid., 62.
- 242 **“nenhuma chance”** Ibid., 64.
- 242 **Em nome de Dulles...“espantado”... Ao pedir a libertação** Ibid., 65.
- 243 **Em dezembro de 1944** Salter, *Nazi War Crimes*, 96.
- 243 **No dia 31 de janeiro de 1945** Cable 29479, Glavin para Dulles e Donovan, 31 de janeiro de 1945, Donovan Papers, Churchill Archives Centre, DOVN acc 847, Box 12, Reel 76.
- 243 **“sem entrar [em] quaisquer negociações”** Salter, *Nazi War Crimes*, 97.
- 243 **No dia 8 de março... “Gero, você está de pé ou sentado?”... “Porque, se estiver de pé”** Dulles, *The Secret Surrender*, 74-75.
- 243 **Mais cedo naquele dia** Ibid.
- 243 **Dulles decidiu se encontrar com Wolff** Ibid., 78; Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 103.
- 243 **o curriculum vitae de Wolff** Dulles, *The Secret Surrender*, 78.
- 243 **“o atual papa”** Ibid.

CAPÍTULO 23: OPERAÇÃO AMANHECER

- 245 **Com um avô e um tio.... Dulles se tornou chefe** Dulles, *From Hitler's Doorstep*, 2-6.
- 245 **Em outubro de 1941, Dulles** Anthony Cave Brown, *The Last Hero: Wild Bill Donovan* (Nova York: Vintage Books, 1982), 275.
- 245 **assistente especial do ministro** Dulles, *From Hitler's Doorstep*, 5.
- 245 **Ele era inteligente, ousado e ambicioso** Ibid., 5, 19.
- 245 **“Um homem bonito”** Ibid., 80-1.
- 246 **“Neste estágio, estamos mais interessados”** Dulles e Gaevernitz, “The First

- German Surrender”, 6.
- 246 **Depois das apresentações... As discussões foram em alemão** No handshake: Lang, *Der Adjutant*, 269.
- 246 **“um crime contra o povo alemão”... “desde os primeiros dias”** Dulles, *The Secret Surrender*, 81.
- 246 **“Eu controlo as forças da SS na Itália”** Ibid.
- 246 **225 mil homens** Dulles, *From Hitler’s Doorstep*, 479. Dulles telegram 7329, 20 de março de 1945.
- 246 **Grupo C do Exército de Kesselring, que compreendia 27 divisões** “German Forces OB Southwest 12 April 1945”, Combined Arms Research Library, Nafziger Collection of Orders of Battle, <http://usacac.army.mil/cac2/CGSC/CarL/nafziger/945GdBJ.pdf>.
- 246 **“ação conjunta com Kesselring”** Dulles, *From Hitler’s Doorstep*, 468. Dulles telegram 6689, 9 de março de 1945.
- 246 **“teria repercussões vitais”** Dulles e Gaevnitz, “the First German Surrender”, 22 de maio de 1945, 7.
- 246 **ataques contra os resistentes italianos** Dulles, *From Hitler’s Doorstep*, 468.
- 247 **juramento de lealdade** Dulles, *The Secret Surrender*, 28-29.
- 247 **Wolff teria que persuadir** Dulles e Gaevnitz, “The First German Surrender”, 7.
- 247 **“Cavaleiros, se forem pacientes”** Lang, *Der Adjutant*, 269.
- 247 **No dia seguinte** Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 103.
- 247 **Em 8 de março... O Führer o havia nomeado comandante em chefe no Ocidente** Deakin, *The Brutal Friendship*, 768.
- 247 **Ao chegar a seu quartel-general** Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 103.
- 247 **Wolff decidiu responder a Kaltenbrunner** Dulles, *The Secret Surrender*, 86.
- 248 **Ele se arrepiava diante da ideia** Carta, Ringler to Langsdorff, 11 de novembro de 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive, Roma; Ringler, “Gedächtnis-protokoll (Private aufzeichnung des dr. Ringler)”, Nara, RG 331, 10000/145/440.
- 248 **na neve** Cooper and DeWald, “Report on the German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 17.
- 248 **“De modo que, se quisermos assumir esta responsabilidade”... “a retirada de muitas tropas da Wehrmacht alemã”** Carta, Ringler para Langsdorff, 6 de março de 1945, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 248 **“Esses itens preciosos foram resgatados”** Carta, Langsdorff para Ringler, 12 de março de 1945, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 248 **“a responsabilidade pela totalidade das obras de arte italianas”** Ibid.

- 249 **Wolff estaria disposto a agir sozinho** Dulles, *The Secret Surrender*, 87.
- 249 **entregou a Dulles um pedaço de tecido queimado** Dulles e Gaevernitz, “The First German Surrender,” 11.
- 249 **Enquanto voltava para seu quartel-general** Dulles e Gaevernitz, “The First German Surrender”, 11. Os dois documentos mais antigos descrevendo estes eventos – o relatório Dulles e o relatório Gaevernitz e o de Ted Ryan (25 de maio de 1945) – fornecem detalhes semelhantes do incidente de 9 de março. Contudo, o evento relatado por Dulles em seu livro de 1966 difere significativamente ao afirmar que o ataque ocorreu depois que Wolff supostamente dirigiu até o quartel-general de Kesselring, em 11-12 de março, esperando obter mais detalhes sobre a nomeação do Generalfeldmarschall, uma viagem que aparentemente não faz sentido. Além disso, não há menção da experiência de quase morte de Wolff em nenhuma das suas conversas, interrogatórios ou entrevistas gravados secretamente, nem na sua autobiografia; ou nas notas de Dulles e cabogramas de Dulles para Donovan. O cabograma 6969 de Dulles (para Donovan em Paris), datado de 12 de março de 1945, resume esse encontro com Parrilli, mas não menciona o incidente.
- 249 **“bom senso de humor”** “DULLES”, Nara, RG 226, Entr y 190C, Box 8, 13.
- 249 * Dulles, *The Secret Surrender*, 3.
- 249 **O segundo encontro com Dulles** Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 107-10.
- 249 **Wolff não sabia que Dulles** Dulles, *The Secret Surrender*, 97.
- 249 **Wolff cumprimentou Dulles com a notícia** Ibid., 98-9.
- 250 **“Se você puder me dar”** Ibid., 100.
- 250 **“conselheiros militares”**, Ibid., 103.
- 250 **A atmosfera sombria marcou** Ibid., 104.
- 250 **Antecipando o constrangimento** Ibid., 103.
- 250 **Wolff partiu para a Itália** Ibid., 106.
- 250 **“os alemães tinham um local para lançamento de bombas voadoras”** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 79.
- 251 **“Tudo o que sabíamos era que”** Ibid., 78.
- 251 **Quando o marquês Serlupi Crescenzi** Ibid., 96-7.
- 251 **“pudesse ser despachado para o outro lado da fronteira da Suíça”** “Visit to Switzerland”, 26 de março de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/297.
- 251 **“Obras de Arte Removidas pelos Alemães para o Norte da Itália”.... “agentes da OSS se esforçassem”** 22 de março de 1945, Hartt Papers, Box 4, Folder 2.
- 252 **“distribuição das obras de arte”** Proctor para Hartt, “Removal of Works of Art by Germans”, 25 de março de 1945, Hartt Papers, Box 3, Folder 15.
- 252 **oficial encarregado, Equipes Cidades N. Itália** “Exploitation of Intelligence in N.

- Italy”, 27 de março de 1945, Nara, RG 226, Entr y 190C, Box 92.
- 252 **cerca de 16 no total** “Final Operations Section Report, Period 16 April to 25 May”, 26 de maio de 1945, Nara, RG 226, Entr y 190C, Box 109, Final Report of Co. d, 3 de junho de 1945.
- 252 **Cagiati limitou inicialmente Anelli** Don Guido Anelli, Relatório a Giovanni Poggi, novembro de 1945, Private Collection, Italy
- 252 **recebeu instruções para fazer contato com o patriarca de Veneza**, Ferraro, “La resistenza veneta in difesa delle opere d’arte”, Il Ponte, setembro (1954), 128; Memo do marquês Filippo Serlupi Crescenzi (sem data, sem assinatura, mas o nome de Filippo Serlupi está escrito à mão no final do documento), Poggi Papers, Série VIII, n. 154, 4.
- 252 **“se deslocar para todos os lados, quando bem entendesse”** Carta para DeWald, 30 de março de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 252 **“Espero que não se importe”** Ibid.
- 253 **“tendo em vista o sentimento anti-italiano de Hofer”... “me confessou”... Hofer aparentemente não confiava em Ringler** Carlo Anti, “Removal of Works of Art from Tuscany to Bolzano”, 23 de junho de 1945, John Bryan Ward-Perkins Papers, British School at Rome, Box C.
- 253 **“o gauleiter em concordância”** Ringler, “Gedächtnis-protokoll (Private aufzeichnung des dr. Ringler)”, Nara, RG 331, 10000/145/440.
- 253 **“os fazendeiros estão cansados deste”** Ringler, carta para Langsdorff, 15 de março de 1945, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 254 **“Perigosos são os tiroleses do sul”**, Carlo Anti, “Agenda 1945”, 17 de março de 1945, Anti Papers, Série 1, nº 2.
- 254 **No dia 21 de março, Wolff partiu** Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 111.
- 254 **Com os telefones de campo** Dulles, *The Secret Surrender*, 109.
- 254 **“A ideia é boa”** Dulles, Diário “Anotações de diário de eventos que resultaram na rendição dos exércitos alemães na Itália”, Notes of Wolff & Harster, 24.
- 254 **Depois de mais um penoso percurso de carro**, Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 113.
- 254 **Wolff conhecia Himmler** Lang, *Der Adjutant*, 18-9.
- 254 **“se sentindo culpado de ter desperdiçado”** Ibid., 193.
- 255 **“Se o aluno Karl”** Ibid.
- 255 **A amante de Wolff**, contudo Ibid., 192, 196.
- 255 **“liebes Wölffchen”** Carta, Heinrich Himmler to Karl Wolff, 28 de março de 1944, Barch SS-F.P. 10-c, Bundesarchiv Berlin.
- 255 **“um de seus mais íntimos e mais antigos associados”** Salter, *Nazi War Crimes*, 46; Lang, *Der Adjutant*, 219.

- 255 “a quem passei a amar como amigo” Salter, *Nazi War Crimes*, 43.
- 255 Sua incitação contínua para que Himmler dispensasse Wolff Ibid., 36; Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 142.
- 255 Himmler e Kaltenbrunner tinham sido informados Dulles, *The Secret Surrender*, 38, 86, 112.
- 255 Embora Wolff tivesse explicações prontas... O problema logo se tornou claro Ibid., 112.
- 256 tinha caído em seu desfavor Lang, *Der Adjutant*, 280.
- 256 Exceto por ligeiras escoriações Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 115.
- 256 transferindo sua segunda esposa... Ele pretendia levá-los Ibid., 116, 134.
- 256 No dia 30 de março, Wolff havia providenciado... A mensagem encorajou Dulles, *The Secret Surrender*, 108.
- 257 Mas na segunda-feira, 2 de abril... Wolff recebesse um telefonema aflitivo Ibid., 109.
- 257 “Isso foi imprudente de sua parte”... Himmler acrescentou Ibid.
- 257 Ele também acreditava que Himmler Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 120.
- 257 “Não é tão mau quanto parece” Dulles, *The Secret Surrender*, 110.
- 257 “Wolff não dissera uma única palavra” Ibid., 111.

CAPÍTULO 24: COMPLICAÇÕES

- 258 Göring supervisionava o empacotamento final... Alguns itens tiveram que ser deixados Relatório nº 2, The Goering Collection, setembro de 1945, O.S.S. Art Looting Investigation Unit Consolidated Interrogation Reports, Nara, M1782, 171.
- 258 Göring havia tomado providências para que fosse transferido Anna Maria Sigmund, *Die Frauen der Nazis* (Munique: Wilhelm Heyne Verlag, 2000), 65.
- 258 Göring deixou ordens Yeide, *Beyond the Dreams of Avarice: The Hermann Goering Collection*, 16.
- 258 Em 28 de março Relatório nº 2, The Goering Collection, setembro de 1945, attachment 10, “art objects from Monte Cassino, indicated as Goering’s property”.
- 258 milhares de pinturas, desenhos Relatório nº 4, Linz: Hitler’s Museum and Library dezembro de 1945, O.S.S. Art Looting Investigation Unit Consolidated Interrogation Reports, Nara, M1782, 78.
- 258 ATENÇÃO! – MÁRMORE – NÃO DEIXAR CAIR Ernst Kubin, *Sonderauftrag Linz* (Viena: ORAC Buchund zeitschriftenverlag, 1989), 99; Pöchmüller, *Welkunschaetze in Gefahr*, 54.
- 259 “judaísmo internacional” Katharina Hammer, *Glanz im Dunkel: die Bergung von Kunstschätzen im Salzkammergut am Ende des 2. Weltkrieges* (Viena: Österreichischer

- Bundesverlag, 1986), 130.
- 259 **ele destruiria a mina de sal** Kubin, Sonderauftrag Linz, 141-56; Pöchmüller, *Weltkunstschütze in Gefahr*, 8, 49-51.
- 259 **“Recebemos a seguinte mensagem”** Cagiati para Hartt, “Removal of Works of Art by Germans”, 3 de abril de 1945, Hartt Papers, Box 3, Folder 16.
- 259 **Ferraro inicialmente** Ferraro, “Memo”, assinado Antonio, 10 de abril de 1945, Poggi Papers, n. 155, 5.
- 259 **No final de fevereiro, Anti havia contatado** Anti, “Removal of Works of Art from Tuscany to Bolzano”, 23 de junho de 1945.
- 259 **“Uma decisão neste caso”** Langsdorff, “aktenvermerk, Betr.: Bergungsdepots im alpenvorland”, 6 de março de 1945, Kunstschutz Papers, Siviero Archive, Roma.
- 259 **no dia seguinte, Anti** heard Anti, “Removal of Works of Art from Tuscany to Bolzano”, 23 de junho de 1945.
- 260 **“Todos os seus esforços para afastar estas obras-primas”** Anti, “Lettera ad Alexander Langsdorff”, 4 de abril de 1945, Anti Papers, Série 2, n. 2, 95.
- 260 **Anti então oferecia enviar um veículo para transportar as peças** Ibid.
- 260 **“o Estado italiano o considerava”** Anti, “Removal of Works of Art from Tuscany to Bolzano”, 23 de junho de 1945.
- 260 **“Os próprios alemães temem”** Ferraro, “Memo”, assinado Antonio, 10 de abril de 1945, Poggi Papers, Série VIII, n. 155, 5.
- 260 **Cagiati enviou três telegramas urgentes a Don Anelli** Don Guido Anelli, Relatório a Giovanni Poggi, novembro de 1945, Private Collection, Itália.
- 260 **codinome “Penitência”** “Morale Operations Report for Period 1-31 May 1945”, Nara, RG 226, Entry 99, Box 25, 7.
- 260 **Cagiati tomou providências para que Don Anelli fosse levado de avião** Memo de Marchese Filippo Serlupi Crescenzi, Poggi Papers, Série VIII, n. 154, 4.
- 261 **“Interrompemos este programa”** Bernard Asbell, *When F. D. R. Died* (Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1961), 85.
- 261 **“Perdi um amigo querido e uma amizade preciosa”** Ibid., 95.
- 261 **“Duvidávamos”** Ibid., 97.
- 261 **“Meu Führer, eu o congratulo!”... “Está escrito nas estrelas”** Ibid., 99.
- 261 **“Está aqui, leia!”** Albert Speer, *Inside the Third Reich: Memoirs* (Nova York: Simon & Schuster, 1970), 463.
- 261 **Numa carta datada de 15 de abril** “Memorandum for the president”, 18 de abril de 1945, em “Memoranda for the president: Sunrise”, Studies in Intelligence, vol. 7, issue 2, accessed via CIA Center for the Study of Intelligence, cia.gov

- 261 “**prezado sr. D**” Dulles, *The Secret Surrender*, 129.
- 262 **Elementos do IX Exército dos Estados Unidos** Hastings, *Armageddon*, 426.
- 262 **dois milhões e meio de soldados do Exército Vermelho** Hastings, *Inferno*, 600. Os três fronts soviéticos totalizavam 2,5 milhões de homens.
- 262 **No dia 13 de abril, Himmler ordenou que Wolff**, *Mit Wissen Hitlers*, 137.
- 262 “**chance de fazer alguma coisa**” Dulles, *From Hitler’s Doorstep*, 503. Dulles cable 22949, 18 de abril de 1945.
- 262 * Lang, *Der Adjutant*, 279; Dulles, , 120.
- 262 “**Caso eu venha a perder meu comando**” Dulles, *The Secret Surrender*, 132.
- 262 “ **Parece que Himmler**” Dulles, *From Hitler’s Doorstep*, 503. Dulles cable 22949, 18 de abril de 1945.
- 262 **No dia 17 de abril, Wolff enfrentou Wolff**, *Mit Wissen Hitlers*, 141.
- 262 **Sem que Wolff tivesse conhecimento** Lang, *Der Adjutant*, 273.
- 263 **Wolff exigiu que os três... Horas antes do amanhecer** Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 142.
- 263 “**Se vou ser enforcado**” Lang, *Der Adjutant*, 281.
- 263 **Wolff e Kaltenbrunner tiveram que esperar** Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 143.
- 263 “**Kaltenbrunner me anunciou**” Ibid., 146.
- 263 **Wolff apresentou sua melhor defesa** Ibid.
- 263 **Quando a reunião foi retomada** Ibid., 147-48.
- 264 “**Eles virão com muitas outras ofertas**” Ibid., 150.
- 264 “**Certifique-se de que nenhum prisioneiro civil importante**” Dulles, *The Secret Surrender*, 150.
- 264 **o general Wolff.. partiu** Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 151.
- 264 “**Por carta datada de hoje, os chefes de Estado-Maior ordenam**” Dulles, *The Secret Surrender*, 137.
- 264 “**na ocasião, em termos aceitáveis**”.... “**complicações**”.... “**a questão inteira**” Ibid. Supporting documents to/from Alexander/aFHQ Message Center, “operação Palavra-Cruzada, negociações na Suíça antes da rendição dos alemães no norte da Itália: correspondência, minutas de reuniões e telegramas”. The National Archives, Kew, Richmond, Surrey, Public Record Office: Wó 204/40.
- 264 **fizeram acusações cada vez mais acrimiosas** Lingen, *SS und Secret Service*, 71.
- 264 **tinha-lhes sido negada** Ibid., 66.
- 265 “**violação de nosso princípio já acordado**” Dulles, *The Secret Surrender*, 125.
- 265 “**pela franca explicação**” Ibid., 127.

- 265 **pôs fim à Operação Amanhecer** Dulles, *The Secret Surrender*, 137; Erasmus Kloman, *Assignment Algiers: With the OSS in the Mediterranean Theatre* (Annapolis, Md: Naval Institute Press, 2005), 88; Harr y S. Truman, *Memoirs by Harry S. Truman: 1945: Year of Decisions* (Nova York: Konecky & Konecky, 1955). O livro de Truman diz que foi Churchill quem insistiu para que a operação fosse suspensa e ele concordou, mas as memórias de Churchill não afirmam que a decisão foi sua.
- 265 **Desconhecendo a mudança de posição dos aliados ocidentais... Dulles de surpresa, que primeiro contactou o general Alexander Dulles**, *The Secret Surrender*, 139-40.
- 265 **“É mais essencial do que nunca”... “Nenhuma negociação”** Dulles e Gaevornitz, “the First German Surrender”, 38.
- 265 **Três dias depois, vazou a notícia** Walter Schellenberg, *The Labyrinth: Memoirs of Walter Schellenberg, Hitler’s Chief of Counterintelligence* (Nova York: Da Capo Press, 2000), 399-402.
- 265-66 **“deu de ombros”** Dulles e Gaevornitz, “the First German Surrender”, 38.
- 266 **Consciente da ameaça imposta** Dulles, *The Secret Surrender*, 156.
- 266 **convencido o gauleiter Hofer** Ibid., 132.
- 266 **Wolff deliberadamente evita ra dizer-lhe** Wolff, *Mit Wissen Hitlers*, 133-34.
- 266 **“ocupação da região alpina”** Hofer, “National Redoubt”, Nara, RG 549, M1035, B-458, 14-15.
- 266 **“participado de quaisquer negociações”** Salter, *Nazi War Crimes*, 98.
- 266 **“O senhor conhece as incríveis dificuldades”** Wölf para Husmann e Waibel, 25 de abril de 1945, Nara, RG 226, Entry 190C, Box 8.
- 266 **A terceira e quarta páginas... “Famílias SS”... “Proteção Preferencial e Imediata”... “coleção intocada”** Karl Wölf, “Sofortiger u. bevorzugter Schutz folg. Gebäude”, 25 de abril de 1945. Nara, RG 226, Entry 190C, Box 8.
- 266 **Palácio Quirinal** Lang, *Top Nazi*, 307.
- 267 **Os outros dois prédios... “contém aproximadamente 300”... “aproximadamente 300 pinturas a óleo”** Wölf, “Sofortiger u. bevorzugter Schutz folg. Gebäude”, Nara, RG 226, Entry 190C, Box 8.
- 267 **Wolff providenciou para que Langsdorff** Diário de Langsdorff, fevereiro de 1944- maio de 1945, Alexander Langsdorff Papers, Private Collection.
- 267 **“a população italiana de modo a”** don Guido Anelli, Relatório a Giovanni Poggi, novembro de 1945, Private Collection, Italy; Marchese Filippo Serlupi Crescenzi, “promemoria sull’opera svolta dal sig. Maggiore Alessandro Cagiati”, Poggi Papers, Série VIII, n. 154, 4.
- 268 **Anelli também recrutou um companheiro padre** Serlupi Crescenzi, “promemoria

- sull'opera svolta dal sig. Maggiore Alessandro Cagiati”, Poggi Papers, Série VIII, n. 154, 4.
- 268 **estradas às escuras** Relatório de Campo, 26 de abril de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 268 “... morte, miséria, ruína” Carta aos pais, 25 de abril de 1945, Keller Papers, Box 5, Folder 27.
- 268 “**Que sorte tê-lo encontrado**” Carta para Kathy, 29 de junho de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 55.
- 268 **Mas Mauldin não chegara a conhecer** Mauldin, *Up Front*, 215.
- 268 **Zampetti soubera desde então.... Ele imediatamente transcreveu suas anotações** Croft-Murray, “Displaced Works of Art from Florence”, 27 de abril de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/401.
- 269 **Em consequência** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 96.
- 269 **Contudo, não querendo arriscar nada** Poggi, “Memo”, 11 de novembro de 1944, Poggi Papers, Série VIII, n. 155, 5.

CAPÍTULO 25: RENDIÇÃO

- 270 **Ao meio-dia do dia 28 de abril** Dulles, *The Secret Surrender*, 172.
- 270 **O primeiro encontro oficial teve início às seis da tarde** Dulles e Gaevernitz, “The First German Surrender”, 42.
- 271 **major-general Kislenko** Dulles, *The Secret Surrender*, 174.
- 271 **Enquanto Wenner parecia pronto** Ibid., 175
- 271 **Durante a manhã de 29 de abril... as hostilidades na Itália cessariam** Dulles, *The Secret Surrender*, 176-77. O documento de rendição diz apenas: 12 horas (hora média de Greenwich), mas Londres e Itália estavam em duplo horário de verão, durante a guerra.
- 271 “**O comandante em chefe da frente ocidental** Dulles, *The Secret Surrender*, 179.
- 271 **Atrasos imprevistos no retorno** Ibid., 180-83.
- 271 **Mais tarde naquela manhã** Ibid., 195.
- 272 **lago Karer** Lang, *Der Adjutant*, 289.
- 272 **Quatro dias antes** Dulles, *The Secret Surrender*, 190.
- 272 **No caminho, Dollmann parou** Ibid., 191.
- 272 “**estava muito nervoso com tudo aquilo**” CSdIC/CMF/X 168, Conversa entre Wolff e Huegel, 26 de maio de 1945, Donovan Nuremberg trial Collection, Cornell Law Librar y 3.
- 272 “**O que o senhor fará**”... “**Você pode ficar certo**” Dulles, *The Secret Surrender*,

- 272 **na casa da fazenda do gauleiter Hofer Wolff**, *Mit Wissen Hitlers*, 177.
- 273 **“Como soldados, nós [temos] que obedecer”** Kesselring, *The Memoirs of Field-Marshal Kesselring*, 288-89.
- 273 **Por este motivo**, Kesselring CSdIC/CMF/X168, Donovan Nuremberg trial Collection, 3.
- 273 **Ao deixarem a casa de Hofer... “de que não poderia mais”** Dulles, *The Secret Surrender*, 193-94.
- 273 **“honra e lealdade”** Ibid.
- 273 **de 28 de abril, ele teve uma reunião** Lang, *Der Adjutant*, 288.
- 274 **afirmando que aquela era a primeira vez** Dulles, *The Secret Surrender*, 195.
- 274 **“uma solução construtiva”** Hofer, “National Redoubt”, Nara, RG 549, M1035, B-458, 16.
- 274 **Hofer exigiu** Dulles, *The Secret Surrender*, 195.
- 274 **“Estão passando por cima de mim!”** Ibid.
- 274 **“rendição incondicional”** Ibid., 195.
- 274 **“Lute – não pense em negociar”** Ibid.
- 274 **A repetição por Kesselring, quase que das exatas palavras** Lang levanta a ideia em *Der Adjutant*, 313, de que, durante o tempo que esteve preso em Nuremberg, o SS Gruppenführer Walter Schellenberg, chefe de espionagem alemã, informou Wolff de que o traidor era o chefe da defesa suíça, coronel Roger Masson, superior de Wäibel.
- 274 **“desapareceu – sua coragem completamente esgotada”** CSdIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 4.
- 274-75 **“Kaltenbrunner agora está tentando”** Dulles, *From Hitler's Doorstep*, 517. Dulles telegram 9519, 29 de abril de 1945.
- 275 **Tendo acabado de saber da** Dulles, *The Secret Surrender*, 184.
- 275 **Schweinitz e Wenner finalmente chegaram** CSdIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 4.
- 275 **Por volta das 7 da manhã do dia 1º de maio** Dulles, *The Secret Surrender*, 197.
- 276 **“impedir [que Röttiger] estourasse os miolos”** CSdIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 5.
- 276 **Wolff, o vendedor, se pôs a trabalhar** Ibid.
- 276 **Röttiger até se desculpou** Dulles, *The Secret Surrender*, 198.
- 276 **transferir de volta para Schulz o controle do Grupo C do exército** CSdIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 6.
- 276 **Às seis da tarde... Continuar combatendo seria inútil** Dulles e Gaevernitz, “The

- First German Sur-render”, 49.
- 276 **quando Schulz e Wolff tentaram** CSDIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 6.
- 276 **Às nove e meia da noite.... Depois de fazerem outra ligação** Dulles e Gaevnitz, “The First German Surrender”, 49.
- 277 **Com a chegada de salsichas quentes com mostarda** Dulles, “Diary-notes of events leading to the surrender of the german armies in Italy”, Notes of Wolff & Harster, 63.
- 277 **Um dos comandantes subordinados** Dulles, *The Secret Surrender*, 199-200.
- 277 **Wolff enviou uma segunda mensagem para Alexander** CSDIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 7.
- 277 **“Foi comunicado pelo quartel-general de nosso Führer”** “Karl Doenitz: announcement of Hitler’s death, May 1, 1945”, Federal Communications Commission, <http://www.ibiblio.org/pha/policy/1945/1945-05-01a.html>.
- 277 **“Ao final de sua luta”** Ibid.
- 277 **“deixaram escapar um suspiro de alívio”... “Havia lágrimas em nossos olhos”** CSDIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 7.
- 278 **“Uma mensagem do quartel-general de Kesselring”** Ibid.
- 278 **“Ainda sou o supremo comandante”** Ibid.
- 278 **Wolff instou aqueles que ainda apoiavam a rendição** Dulles, *The Secret Surrender*, 201.
- 278 **“que, debaixo de chuva, tinha vindo a pé sem chapéu e sem casaco”** CSDIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 7.
- 278 **tardia refeição ligeira** Dulles, “Diary-notes of events leading to the surrender of the german armies in Italy”, 65.
- 278 **novas ordens chegaram** Dulles e Gaevnitz, “The First German Surrender”, 50.
- 278 **“tendo em vista o perigo que os ameaçava”** Ibid.
- 278 **250 homens** CSDIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 8; Dulles e Gaevnitz, “The First German Surrender”, says 350.
- 278 **“à medida que a agitação crescia”** CSDIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 8.
- 278 **“numa ligação telefônica de péssima qualidade”... “todas as extensões telefônicas”** Ibid., 9.
- 278 **se prolongou por duas horas** Ibid.
- 278 **“Não é apenas uma capitulação militar”... “Um cessar-fogo dará”** Dulles, *The Secret Surrender*, 202.

- 279 **“se sentiriam desertados”** Kesselring, *The Memoirs of Field-Marshal Kesselring*, 279.
- 279 **“É nosso dever nos recusarmos”** CSDIC/CMF/X 168, Donovan Nuremberg Trial Collection, 9.
- 279 **“lutassem até o mais amargo fim”** Kesselring, *The Memoirs of Field-Marshal Kesselring*, 281.
- 279 **refletiria sobre o assunto** Dulles, *The Secret Surrender*, 202-3.

CAPÍTULO 26: A CORRIDA

- 280 **“alegria estava à solta”** John P. Delaney, *The Blue Devils in Italy: A History of the 88th Infantry Division in World War II*. (Nashville, TN: the Battery Press, 1988), 219.
- 280 **“A gente se sente um tanto decepcionado”** *19 Days: From the Apennines to the Alps* (Milão, Itália: Pizzi and Pizio, 1945), 86. Keller Papers, Box 20, Folder 24.
- 281 **O front estava tão difuso** “Alto Ádige”, Keller Papers, Box 19, Folder 6.
- 281 **No dia 4 de maio, enquanto Keller se preparava** Relatório de Campo, 12 de maio de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 281 **a mensagem continha** Memo de Newton, 4 de maio de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/401.
- 281 **Keller imediatamente notificou o tenente-coronel Ward-Perkins... Keller também enviou uma mensagem** Relatório de Campo, 12 de maio de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 281 **ele e Charley tiveram que passar alguns dias** Ibid.
- 281 **avaliando os danos causados pelas bombas, de 15 de abril de 1944** “Notes on Bomb-Damage to Cultural Monuments in Enemy-Occupied Italy”, Nara, RG 331, 10000/145/7.
- 282 **Keller começou seu trabalho em Milão... “praticamente arruinado”...** Keller’s casualty list Field Report, 12 de maio de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 282 **“Impacto da bomba no claustro, em agosto de 1943”... “O teto foi atingido”** Ibid.
- 282 **“A Última Ceia, de Leonardo, está em risco”** Carta para Kathy, 11 de maio de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 54.
- 282 **“A Última Ceia, de Leonardo, pode estar em ruínas”** Carta para Kathy, 12 de maio de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 54.
- 282 **“Algumas autoridades até mandaram de volta”** Superintendente de Milão, “Relazione sui provvedimenti presi dopo il 16 agosto 1943 dalla Soprintendenza ai Monumenti di Milano”, maio de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/97.

- 283 **Na noite do bombardeio.... trocado o hábito por macacões** Lippini, “Furono i domenicani a salvarlo dopo il bombardamento dell’agosto 1943”, *L’Ultima Cena di Leonardo da Vinci: Una lettura storica, artistica e spirituale del grande capolavoro*, novembro (1999), 15; Angelo Grammatica, “Memoria storica dell’8º battaglione pontieri del genio”, 3 de outubro de 1959, Legnago Private Archive, Milan.
- 283 **Depois de remover os escombros** Lippini, “Furono i domenicani a salvarlo dopo il bombardamento dell’agosto 1943”, 15-16.
- 284 **“Queridíssima: Parece que a guerra na Europa”** Carta para Kathy, 8 de maio de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 54.
- 284 **“A missão desta Força Aliada foi cumprida”** Carlo d’Este, *Eisenhower: A Soldier’s Life* (Nova York: Henry Holt, 2002), 704.
- 284 **“Não houve celebração por aqui”** Carta para Kathy, 8 de maio de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 54.
- 284 **Pietro Ferraro, agente da OSS de Alessandro Cagiati... Dias antes, trabalhando a partir de um quarto** “Final Operations Section Report, period 16 april to 25 may”, Nara, RG 226/190, Box 109; Peter Tompkins, “The OSS and Italian partisans in World War II: Intelligence and operational Support for the Anti-Nazi Resistance”, *Studies in Intelligence* (Primavera de 1998), accessed via Center for the Study of Intelligence, cia.gov
- 285 **Com muita informação** esta era a companhia “D”, 2677 Regiment. “Final Operations Section Report, Period 16 April to 25 May”, Nara, RG 226, Entry 190C, Box 109; “Operational Report of MU Detachment, 15 April to 15 May 1945”, 19 de maio de 1945, Nara, RG 226, Entry 190C, Box 109.
- 285 **“O mundo inteiro da arte”** Ferraro, “telegrama al Comando OSS in Firenze, comunicato inoltre per telefono da Venezia, al Comando delle truppe operanti nel settore a Nord di Verona”, 3 de maio de 1945, Poggi Papers, Série VIII, n. 155, 5. Forlati’s report [“Ricognizione dei depositi delle opere d’arte della Toscana trasportate dai Germanici in alto Adige”, Nara, RG 331, 10000/145/397] confirma a data da comunicação de Ferraro a Cagiati como 3 de maio de 1945. Entretanto, no artigo de Ferraro publicado em 1954 em *Il Ponte*, “La resistenza veneta in difesa delle opere d’arte”, ele se refere a 25 de abril como sendo a data infomada a Cagiati.
- 285 * Macnamara para quartel-general, Allied Commission, “Art treasures of the Uffizi”, 12 de maio de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/401.
- 285 **Ferraro também enviou a Cagiati uma dica importante** Pietro Ferraro, “Relazione per Sovrintendenza ai monumenti di Firenze”, Poggi Papers, n. 155, 5.
- 285 **“nos confundiram com tropas americanas fazendo reconhecimento”** Ferraro, “La resistenza veneta in difesa delle opere d’arte”, 131.
- 285 **eles prosseguiram para Campo Tures** Ferraro, “La resistenza veneta in difesa delle

- opere d'arte", 131; Forlati, "Campo tures", 7 de maio de 1945, Poggi Papers, n. 155, 5.
- 285 3º Batalhão, 339ª Infantaria, 85ª Divisão Headquarters 3rd Battalion, 339th Infantry "Report on operations for Month of May 1945", 6 de junho de 1945, Nara, RG 407, 385-INF (339)-0.3, maio de 1945, 5.
- 285-86 * Headquarters 3rd Battalion, 339th Infantry "Report on operations for Month of May 1945", 6 de junho de 1945, Nara, RG 407, 385-INF (339)-0.3, Maio de 1945, 5; Headquarters 339th Infantry "Report of operations, May 1945", 8 de junho de 1945, Nara, RG 407, 385-INF (339)-0.3, Maio de 1945.
- 286 No dia 9 de maio, Gero von Gaevernitz Lang, *Der Adjutant*, 292, 298.
- 286 Wolff providenciou para que seu carro e motorista Lang diz que Wolff os acompanhou: Lang, *Der Adjutant*, 298.
- 286 Mas a viagem de Gaevernitz Ibid., 298-99.
- 286 Por seu lado, Wolff compreendia Ibid., 299.
- 287 "Centenas de quilômetros quadrados de terreno"... "As árvores haviam se transformado em estacas" Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 103.
- 287 "em meio a uma lufada de poeira" Ibid.
- 287 "o soldado que montava guarda "... Ele imediatamente reconheceu a pintura de Caravaggio Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 104.
- 287 "grito de alegria" Ibid.
- 288 De fato, chovera Relatório de Campo, 22 de maio de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33, 4.
- 288 "uma situação fantástica" Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 105.
- 288 "O executor da maior operação individual de saque de arte" Ibid.
- 288 "Quando as portas da garagem foram destrancadas" Ibid.
- 288 "a arrogância colossal" Ibid., 103, 105.
- 290 "Hitler é meu Führer" Delaney, *The Blue Devils in Italy*, 225.
- 290 "havia 250 mil homens de tropas de elite totalmente armados" "Alto Ádige", Keller Papers, Box 19, Folder 6.
- 290 cenário dos jardins de seu quartel-general de Bolzano Lingen, *SS und Secret Service*, 139.
- 290 "centenas de sacas" "Alto Ádige", Keller Papers, Box 19, Folder 6, 8.
- 290 o coronel americano James C. Fry Delaney, *The Blue Devils in Italy*, 229.
- 291 "Frau Wolff mostrou-se indignada" Ibid.
- 291 "banquete de aniversário" Ibid., 230.
- 291 fuzilado o cão pastor-alemão de Wolff Eugen Dollmann, *Call Me Coward*.

(Londres: William Kimber, 1956), 14.

- 291 **“impaciente e irritadiço.”** Carta para Kathy, 18 de maio de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 54.
- 292 **“A guerra não acabou”... “Sim – os projéteis e as bombas acabaram”** Carta para Kathy, 18 de maio de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 54.

CAPÍTULO 27: O GRANDE PASSO

- 293 **Perry Cott finalmente recebeu ordens de viagem** Perry Cott, Diário, Nara, RG 331, 11100/145/33.
- 293 **Ele havia trabalhado em estreita** “Final Report: Lazio”, Keller Papers, Box 23, Folder 51, 3.
- 293 **Lançando mão da extraordinária** Relatório para a American Commission for the Protection and Salvage of Artistic and Historic Monuments in War Areas, 72-3.
- 294 **depois de passar quase um ano na cadeia** *TRECCANI* Enciclopedia, 2010, vol. X, 836.
- 294 **Wittgens pediu a Cott para conseguir** Perry Cott, Diário, Nara, RG 331, 11100/145/33.
- 294 * Giorgio Rumi e Adele Carla Buratti, eds., Milano ricostruisce: 1945-1954 (Milão: Cariplo, 1990), 263; Cecilia Ghibaudi, ed., *Brera e la Guerra: La salvaguardia delle opere della Pinacoteca*. Exhibition, Milão, Pinacoteca di Brera, 10 de novembro de 2009-21 de março de 2010 (Milão: Electra, 2009), 74-5.
- 294 **“de modo geral, resultados satisfatórios”** Bezzola para Giovanni Rocco, Milão, 25 de maio de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/97.
- 295 **relutantemente, ele afixou um cartaz** “Refectorio of Santa Maria delle Grazie”, 26 de maio de 1945, Nara, RG 331, 11000/145/39.
- 295 **“As condições estáticas da parede”** Perulioni para Cott, “Milano -‘Cenacolo’ di Leonardo”, 10 de junho de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/97.
- 295 **“ligeiro véu se expandindo”** Ibid.
- 295 **“uma operação de limpeza feita por peritos”... “não era extraordinariamente urgente”... “ar seco e quente dos meses de verão”** pudesse “dessecar” Ibid.
- 295 **Cinco dias mais tarde, Hartt e Rossi chegaram** Cott, Officer Diar y 1945, Nara, RG 331, 11000/145/33.
- 296 **“o Refeitório de Santa Maria delle Grazie”** Cott, “Report on Condition of Last Supper by Leonardo da Vinci”, Nara, RG 331, 11000/145/39.
- 296 **“Este é o maior de todos”** “Memo to Col. Arthur Sutherland”, 16 de maio de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 296 **Keller precisava de um acordo escrito** “plan for moving deposits at San Leonardo

- and Campo Tures”, 10 de junho de 1945, Hartt Papers, Box 3, Folder 18.
- 296 **“Lembra-se de como... estava lotada”** “Memo to Col. Arthur Sutherland”, 16 de maio de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 296 **remoção da tumba de tijolos** Filippo Rossi, “Relazione dei lavori eseguiti dalla Soprintendenza alle Gallerie nel mese di Maggio 1945”, Hartt Papers, Box 4, Folder 4.
- 297 **“O ponto alto de ontem”... “Estava empoeirado e sujo”** Carta para Kathy, 19 de junho de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 55.
- 297 **“Nós nos damos muito bem”** Carta para Kathy, 9 de junho de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 55.
- 297 **“Aqueles que gostam do exército”** Carta para Kathy, 11 de junho de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 55.
- 297 **“A redistribuição de pessoal e vencer”** Carta para DeWald, 27 de junho de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 34.
- 297 **A alternativa para caminhões** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 76.
- 298 **“Esta espera tem sido preocupante”** Carta para DeWald, 8 de julho de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 34.
- 298 **“no banheiro”** Carta para Kathy, 9 de julho de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 55.
- 298 **109 caixotes em San Leonardo e 46** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 74.
- 298 **O inventário em San Leonardo revelou** “Inventory Check of Works of Art Removed by Germans”, 31 de maio de 1945, Nara, RG 331, 10000/145/401.
- 298 **“não apenas satisfação pessoal indescritível”** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 108.
- 299 **extintores de incêndio** “Final Report on Art Deposits”, 28 de julho de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 34.
- 299 **“que não saberiam distinguir um Tiepolo”** Carta para Kathy, 15 de julho de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 55.
- 299 **“As coisas estão em movimento”** Ibid.
- 299 **“Para minha esposa”** Carta para Constance Hall Jones, 19 de junho de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 55.
- 299 **Os Monuments Men Teddy Croft-Murray** “Visit to Deposit of Works of Art in the Steinberg Salt Mine, Alt Aussee, Oberdonau”, 27 de junho de 1945, the National Archives, Kew, Richmond, Surrey Fo 1020/2766, C282558.
- 300 **“tesouros de arte”... “É necessário extremo cuidado”** Freight Waybill, Hartt

- Papers, Box 3, Folder 19.
- 300 **“Se houver”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 78.
- 300 **“Não houve mais paradas”** “Final Report on art deposits”, 28 de julho de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 34.
- 300 **floresta Camaldoli** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 109.
- 301 **Às quatro de uma tarde** “Final Report on Art Deposits”, 28 de julho de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 34.
- 301 **Tarde na manhã seguinte** Hartt, *Florentine Art Under Fire*, 109-10.
- 301 **“[dirigindo] pelas ruas, pessoas aplaudindo”** Carta para Kathy, 22 de julho de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33.
- 302 **“Isso é para você, Deane”** Carta para Kathy, 25 de julho de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 55.
- 303 **“O general Hume se levantou”** Ibid.
- 303 **“Ele foi o único membro”** Hume para Seymour, 1º de agosto de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 35.
- 303 **“Durante a cerimônia de apresentação”** Ralph Major to John Fulton, 20 de novembro de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 38.
- 304 **“O senhor já esteve em Sezze Romano”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 14-15.
- 304 **“Sim, eu me lembro muito bem do senhor”** Ibid.

SEÇÃO IV: RESULTADO

- 305 **Existe algo de especial na preservação”** Carta para Kathy, 30 de novembro de 1944, Keller Papers, Box 7, Folder 50.

CAPÍTULO 28: PERSPECTIVA

- 308 **“um homem de alma dividida”** Cooper e DeWald, “Report on the German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 18.
- 308 **“Se eu tivesse decidido”** Karl Wölff, “Lettera a Giorgio La Pira, Sindaco di Firenze”, 28 de outubro de 1956, Poggi Papers, Série VIII, n. 157, 12.
- 309 **“Ao longo de toda a dura batalha por Florença”** “Final Report General”, 1º de janeiro de 1946, Keller Papers, Box 23, Folder 52, 13-4.
- 309 **“que, com a aproximação da frente de batalha”** Karl Wölff, “Lettera a Giorgio La Pira, Sindaco di Firenze”, 28 de outubro de 1956, Poggi Papers, Série VIII, n. 157, 12.
- 309 **da ordem de 3 de agosto de 1944** “Bevollmächtigter General der Deutschen Wehrmacht in Italien, Abteilung IA, Order re Borromean Islands”, 3 de agosto de

- 1944, Kunstschutz Papers, Siviero Archive.
- 309 **“A Alemanha não tem nenhum plano para”** Anti Catalogue Files, 30 de agosto de 1944, Siviero Archive.
- 310 **“uma história estranha e caracteristicamente alemã”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10, 71.
- 310 **“um caso claro de tentativa”** Cooper and DeWald, “Report on the German Kunstschutz”, Nara, RG 239, M1944, Roll 71, 18.
- 311 **“A rendição dos exércitos alemães”** Wäller, *The Unseen War in Europe*, 390.
- 312 **Nº 346 na “Lista 7”** Salter, *Nazi War Crimes*, 123.
- 312 **um dos dois mais altos líderes da SS** Ibid., 4.
- 312 **“nenhum de meus assim chamados saques”** Goldensohn, *Nuremberg Interviews*, 132.
- 313 **“Não se pode ter certeza de que”** Kerstin von Lingen, “Conspiracy of Silence”, *Holocaust and Genocide Studies* 22, nº 1 (primavera de 2008), <http://hgs.oxfordjournals.org>, accessed 19 de agosto de 2010, 93.
- 313 **“Embora eu não tenha absolutamente nenhuma informação”** Ibid.
- 313 * Ibid., 74.
- 313 **Em março de 1948** Ibid., 92.
- 314 **“crime menor”** Ibid., 93.
- 314 **“assassinos de escriturinha”** Ibid., 95.
- 314 **“um oficial de salão”** Ibid.
- 314 **não tinha nenhum conhecimento sobre o Holocausto** Lang, *Der Adjutant*, 303, 331.
- 314 **foi libertado em 1969** Lingen, *SS und Secret Service*, 206, 213.
- 314 **em Prien, no lago Chiemsee** Lingen, *SS und Secret Service*, 219; Lang, *Der Adjutant*, 352.
- 314 **O gauliteiro Franz Hofer** “CV, Franz Hofer, NS-politiker, 1902-1975”, deutsches Historisches Museum, Berlin, <http://www.dhm.de/lemo/html/biografien/HoferFranz/index.html>, acessado em 16 de outubro de 2012.
- 314 **“a batalha pela Itália”** Kesselring, *The Memoirs of Field-Marshal Kesselring*, 222.
- 315 **“embaraçaram intoleravelmente ambos os lados”** Ibid., 289.
- 315 **“a matar civis italianos como retaliação.”** “Case 44: the Trial of Albert Kesselring”, in United Nations War Crimes Commission, *Law Reports of Trials of War Criminals, Volume VIII* (Londres: His Majesty’s Stationery Office, 1949), 9.
- 315 **“testemunho a favor do acusado.”** Hans Laternser, “An Seine Eminenz den Herrn

- Erzbischof von Florenz”, 19 de janeiro de 1947, Elia Dalla Costa Papers, Archivio Storico diocesano, Florence.
- 315 **“Caro Senhor... devo declarar”** Elia Dalla Costa, “Lettera a Hans Laternser”, 10 de fevereiro de 1947, Elia Dalla Costa Papers, Archivio Storico Diocesano, Florence.
- 315 o **Tribunal Militar Britânico** Lingen, *Kesselring's Last Battle*, 119.
- 315 **Acreditando que tal sentença era demasiado severa** Ibid., 129.
- 315 **Em setembro de 1945** Dulles, *From Hitler's Doorstep*, 16.
- 316 **“incurridos por seu trabalho”** Lingen, “Conspiracy of Silence”, 93.
- 316 **“Entre mim e você”** Ibid.

CAPÍTULO 29: OS HERÓIS E SEUS LEGADOS

- 318 **A dra. Clara Baracchini dedicou 15 anos** Giuseppe Bentivoglio (Pisa Superintendent Office), em conversa com Anna Bottinelli, 2012.
- 319 **“A Última Ceia pode estar ficando pior”** “Art: War Casualty”, *Time*, 9 de dezembro de 1946.
- 319 **Relatos de jornal citaram** “La Chiesa delle Grazie a Milano riapre al pubblico,” *L'Osservatore Romano*, 3 de julho de 1945, 1.
- 319 **“A superfície estava inflada pela umidade”** Wittgens, “Il restauro in corso del Cenacolo di Leonardo”, 40.
- 319 **“A cabeça de Cristo havia quase desaparecido”... “Os rostos de Felipe e Tiago”** “Art: War Casualty,” *Time*, 9 de dezembro de 1946.
- 319 **“oferece uma garantia possível”** Ibid.
- 320 **“O processo de restituição”** Ward-Perkins, “Restitution and Reparation of Works of Art”, 10 September 1945, NARA, RG 331, 10000/145/170.
- 320-21 **O pequeno par de painéis... As pinturas foram devolvidas** Siviero's finding of pollaiuolos from Massimo Beccattini, “Siviero 007. Inchiesta su arte e nazismo. Il cacciatore di opere d'arte”, *Archeologia Viva*, September-October (1998): 48; “Nazi Loot Pops Up in Pasadena”, *Life* (25 de janeiro de 1963), 43-4.
- 321 **“Estas pinturas têm algum valor!”** Ernst Kubin, Raub oder Schutz? *Der deutsche militärische Kunstschutz in Italien* (Graz, Áustria: Leopold Stocker Verlag, 1994), 185-91.
- 321 **O paradeiro de duas delas** Galleria degli Uffizi, Gli Uffizi: *Catalogo generale* (Florença: Centro di, 1979); Marco Chiarini, ed., *Palazzo Pitti: guida alle collezioni e agli Appartamenti Reali. Catalogo completo della Galleria Palatina* (Florença: Becocci/Scala, 1995); *L'opera ritrovata: omaggio a Rodolfo Siviero* (Florença: Cantini edizione d'arte, 1984).
- 321 **Este continua sendo um dos muitos casos complicados** Mario Lolli Ghetti

(“General Direction for Landscape, Fine Art, Architecture and Contemporary Art”), em discussão com o autor, 2010.

- 321 **Em meados de 2012, a Divisão de Herança Cultural dos Carabinieri** “Prosegue il recupero delle opere d’arte sottratte all’Italia durante il secondo conflitto mondiale”, 27 de junho de 2005. From Carabinieri official website, <http://www.nicola-bono.it/nicolabono.it/index.asp?pagetypeRef=3&IdLingua=1&IdScheda=685&Idsezione=32&Categoria=93&principale=0>. Desde 2005, poucos itens apareceram.
- 322 **“No final da guerra, ambos os lados”**, Lombardi, ed., *L’Archivio di Giovanni Poggi* (1880-1961), 37.
- 322 **“Ele é um homem de imenso conhecimento”** Frederick Hartt, “Final Report: Toscana Region”, Keller Papers, Box 23, Folder 51, 11.
- 322 **“devoção e lealdade”** “Fine Arts Section”, Keller Papers, Box 19, Folder 10.
- 322 **“Uma coisa é o descuido”... “Isso devia ter sido explicado por ele”**. Relatório de Campo, 7 de junho de 1945, Keller Papers, Box 21, Folder 33, 2.
- 322 **Uma série de notas escritas à mão por Poggi** Notas manuscritas sobre Montagnana, Marano, Campo Tures etc., Poggi Papers, Série VIII, n. 155, 5.
- 331 **Em 1946, Poggi e sua equipe haviam reaberto... Poggi morreu** Lombardi, ed., *L’Archivio di Giovanni Poggi* (1880-1961), 39-41.
- 331 **Ele encerrou sua mensagem... “Estou grato por esta oportunidade”** Don Guido Anelli, Relatório para Giovanni Poggi, novembro de 1945, Private Collection Itália.
- 331 **Em 11 de maio de 1945... “generoso auxílio a esta agência”** “OSS Certificato di apprezzamento a Don Guido Anelli”, signed William J. Donovan, 11 de maio de 1945, Private Collection, Itália.
- 331 **Como democrata-cristão linha-dura** Luigina Anelli (irmã de Don Guido Anelli), em conversas com Anna Bottinelli, 22 de dezembro de 2010 e 20 de fevereiro de 2011.
- 332 **“tinham por objetivo proteger”** Alessandro Cagiati, “pratiche riguardanti il caso dell’avv. Filippo Serlupi Crescenzi”, 23 de junho de 1945, Florença, Private Collection, Itália.
- 332 **“Não sou um homem santo”**, Beth Potier, “Classics Scholar Mason Hammond dead at 99”, *Harvard Gazette*, 17 de outubro de 2002.
- 333 **“Um modelo de integridade moral”**, Ibid.
- 333 **“O trabalho dos oficiais da MFAA”** Norman Newton, “Recommendation for award”, Nara, RG 331, 10000/145/170.
- 335 **“no salvamento para a posteridade de objetos de arte insubstituíveis”**, “Citation for Bronze Star Medal”, Hartt Papers, Box 18, Folder 7.

- 335 **“aqui estou eu neste buraco molhado”** Hartt para Berenson, 24 de agosto de 1945, Bernard and Mar y Berenson Papers (1880-2002), Biblioteca Berenson, Villa I Tatti – The Harvard University Center for Italian Renaissance Studies, Series IV: Correspondência, cartas de Frederick Hartt.
- 335 **“terrivelmente maçante depois da Itália”** Hartt para Berenson, 14 de outubro de 1945, Bernard and Mar y Berenson Papers (1880-2002).
- 335 **“Sinto que tenho que escrever sobre isso”... “Tanto da herança”** Ibid.
- 335 **“energia incansável”** Rodolfo Signorini, “tumulate a S. Miniato le ceneri del grande studioso Americano, Si prodigò per salvare le opere d’arte durante il secondo conflitto mondiale, Hartt nella sua Firenze, a Mantova preparò la sua laurea su Giulio Romano”, *La Gazzetta*, 13 de março de 1993.
- 335 **“significa muito para mim”** Hartt para Berenson, 6 de abril de 1946, Bernard and Mar y Berenson Papers (1880-2002).
- 336 **Enquanto estava em Miami, Flórida** Eugene Markowski, entrevista com o autor, 2010.
- 336 **atos homossexuais de classe II** Arquivo pessoal de Hartt, Nara.
- 336 **“O reencontro foi maravilhoso”** Hartt to Berenson, 6 de abril de 1946, Bernard and Mar y Berenson Papers (1880-2002).
- 336 **“Eu não sei que veia narcisista”** Hartt para Berenson, 3 de novembro de 1946, Bernard and Mar y Berenson Papers (1880-2002).
- 337 **“Você sempre será um forasteiro”**, Markowski, entrevista com o autor, 2010.
- 337 **Ela e Fred se mantiveram amigos pelo resto da vida** Ibid.
- 337 **“Fred era um homem muito complicado”** Markowski, em conversa com o autor, 22 de maio de 2012.
- 337-38 **O que escapou de Fred Hartt... espalharam as cinzas de Fred Markowski**, entrevista com o autor, 2010.
- 338 **“Até onde vejo”** Carta aos pais, 5 de setembro de 1945, Keller Papers, Box 5, Folder 28.
- 339 **“Meus queridíssimos: Estarei embarcado”** Carta para Kathy, 24 de maio de 1946, Keller Papers, Box 8, Folder 60.
- 339 **“os caras que realmente importavam”** Leonard Fisher, entrevista com o autor, 2010.
- 339 **“tentava esconder sua humanidade”** Ibid.
- 340 **“pudesse estar em ruínas”** Carta para Kathy, 12 de maio de 1945, Keller Papers, Box 8, Folder 54.
- 341 **“Meus anos de serviço no exército”** Myra Tolchin, “Yale Portraitist Helped Save Art Looted By Nazis”, *New Haven Register*, 16 de julho de 1978, Keller Papers,

Group 1685, Box 2, Folder 18.

- 341 **“Ele tinha a mão de um artista”** Alessandro Bernini, “La Ceremonia – Lultimo saluto al capitano Keller – è stato tumulato nel ‘suo’ cimitero, alla presenza dei figli”, Keller Papers, Private Collection.
- 341 **“O povo de Pisa tem um laço de união”** Bernini, “a Pisa le ceneri del capitano Keller–martedì? cerimonia al Camposanto”, Keller Papers, Private Collection.
- 341 **“Amicisimus ad amicus”** Bernini, “La Cerimonia – Lultimo saluto al capitano Keller – è stato tumulato nel ‘suo’ cimitero, alla presenza dei figli”, Keller Papers, Private Collection.
- 341 **“Lultimo saluto al capitano Keller”** Ibid.
- 341 **“Dino morreu por estar de coração partido”... “uma parte dele”** Dorothy Bosch Keller (nora de Deane Keller), entrevista com o autor, 2010.
- 341 **“Meu irmão ficou enlutado”** William Keller, entrevista com o autor, 2010.
- 342 **“Você é mencionado com frequência e elogiosamente”** Carta, Hartt para Keller, 8 de setembro de 1945, Keller Papers, Box 23, Folder 50.
- 342 **“O trabalho mais pesado, e de certo modo o mais trágico”** Hartt, “Final Report: Toscana Region”, Keller Papers, Box 23, Folder 50, 6.
- 342 **“Não suponho que ninguém”** Carta, Hartt para Keller, 4 de maio de 1955, Keller Papers, Box 13, Folder 106.
- 343 **“Uma vez que Belas-Artes não são comestíveis”** Keller, “Sectional History – Fine Arts”, Keller Papers, Box 23, Folder 56, 30, 32, 38.

Bibliografia

LIVROS

- Alexander, Harold. *The Memoirs of Field-Marshal Earl Alexander of Tunis: 1940-1945*. Editado por John North. Londres: Cassell, 1962.
- Alvarez, David. *Spies in the Vatican: Espionage & Intrigue from Napoleon to the Holocaust*. Lawrence: University Press of Kansas, 2002.
- Alvarez, David, e Robert Graham Sr. *Nothing Sacred: Nazi Espionage Against the Vatican, 1939-1945*. Londres: Frank Cass, 1997.
- Ambrose, Stephen. *Citizen Soldiers: The U.S. Army from the Normandy Beaches to the Bulge to the Surrender of Germany, June 7, 1944-May 7, 1945*. Nova York: Simon & Schuster, 1997.
- . *Eisenhower: Volume One, Soldier, General of the Army, President-Elect 1890-1952*. Norwalk, CT: The Easton Press, 1983.
- Amè, Cesare. *Guerra segreta in Italia 1940-1943*. Roma: Casini, 1954.
- Anelli, Guido. *Ad occhio nudo. Fatti e commenti*. Parma: Officina Grafica Fresching, 1944.
- Anussek, Greg. *Hitler's Raid to Save Mussolini: The Most Infamous Commando Operation of World War II*. Cambridge, Ma: Da Capo Press, 2005.
- Archivio Storico del Comune di Firenze, ed. Firenze. *9 Maggio 1938*. Florença: P.O. Archivi e Collezioni Librarie Storiche, 2012.
- Asbell, Bernard. *When F.D.R. Died*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1961.
- Atkinson, Rick. *An Army at Dawn: The War in North Africa, 1942-1943*. Nova York: Henry Holt, 2002.
- . *The Day of Battle: The War in Sicily and Italy, 1943-1944*. Nova York: Henry Holt, 2007.
- . *The Guns at Last Light: The War in Western Europe, 1944-1945*. Nova York: Henry Holt and Company, 2013.
- Bailey, Ronald. *The Home Front: U.S.A.* Morristown, NJ: Time-Life Books, 1977.
- Bandinelli, Bianchi Ranuccio. *Dal Diario di un borghese e altri scritti*. Milão: Il Saggiatore, 1962.
- Barcion, Pinin Brambilla. *Il Cenacolo di Leonardo in Santa Maria delle Grazie: storia, condizioni, problemi*. Ivrea: Olivetti, 1984.
- Barcion, Pinin Brambilla, e Pietro C. Marani. Leonardo: *The Last Supper*. Traduzido por Harlow Tighe. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- Beevor, Anthony. *Stalingrad: The Fateful Siege*. Nova York: Penguin Books, 1998.
- Bennett, Ralph Francis. *Ultra and Mediterranean Strategy*. Londres: William Morrow, 1989.
- Berenson, Bernard. *Rumor and Reflection*. Nova York: Simon & Schuster, 1952.

- Berti, Luciano. *Florence: The City and its Art*. Florença: La Zincografica Fiorentina, 1982.
- Bérubé, Allan. *Coming Out Under Fire: The History of Gay Men and Women in World War II*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1990.
- Bode, Wilhelm von. *Mein Leben*. Editado por Thomas W Gaetgens e Barbara Paul. Berlim: Nicolaische Verlagsbuchhandlung, 1997.
- Bombe sulla città: Milano in guerra 1942-1944*. Editado por Rosa Auletta Marrucci. Milão: Skira, 2004.
- Bonardi, Pietro. *La Chiesa di Parma e la guerra 1940-1945*. Parma: Tipolitografia Benedettina Editrice, 1987.
- Bond, Harold L. *Return to Casinò: A Memoir of the Fight for Rome*. Garden City, NY: Doubleday, 1964.
- Bourke-White, Margaret. *They Called It "Purple Heart Valley": A Combat Chronicle of the War in Italy*. Nova York: Simon & Schuster, 1944.
- Brather, Sebastian, Dieter Geuenich, e Christoph Huth, eds. *Historia archaeologica: Festschrift für Heiko Steuer zum 70. Geburtstag*. Berlim: De Gruyter, 2009.
- Breitman, Richard, Norman J. W Goda, Timothy Naftali, e Robert Wolfe. *U.S. Intelligence and the Nazis*. Nova York: Cambridge University Press, 2005.
- Brey, Ilaria Dagnini. *The Venus Fixers: The Remarkable Story of the Allied Soldiers Who Saved Italy's Art During World War II*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2009.
- Brown, Anthony Cave. *The Last Hero: Wild Bill Donovan*. Nova York: Vintage Books, 1982.
- Bull, George. *Michelangelo: A Biography*. Nova York: St. Martin's Press, 1995.
- Butcher, Capt. Harry C. *My Three Years with Eisenhower: The Personal Diary of Captain Harry C. Butcher, USNR, Naval Aide to General Eisenhower, 1942-1945*. Nova York: Simon & Schuster, 1946.
- Campi, Paolo. *Firenze e i suoi giornali: storia dei quotidiani fiorentini dal 700 ad oggi*. Florença: Polistampa, 2002.
- Captured German and Related Records: A National Archives Conference*. Editado por Robert Wolfe. Athens, OH: Ohio University Press, 1974.
- Carlesi, Andrea. *La protezione del patrimonio artistico italiano nella RSI (1943-1945)*. Milão: Greco&Greco, 2012.
- Chadwick, Owen. *Britain and the Vatican during the Second World War*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1986.
- Charlwood, Don. *No Moon Tonight*. Manchester, UK: Crécy Publishing, 1956.
- Che Cosa Hanno Fatto gli Inglesi in Cirenaica*. Roma: Ministero della Cultura Popolare, 1941.
- Chiarini, Marco, ed. *Palazzo Pitti: guida alle collezioni e agli Appartamenti Reali. Catalogo completo della Galleria Palatina*. Florença: Becocci; Scala, 1995.
- Clark, Mark W *Calculated Risk*. Nova York: Enigma Books, 2007.
- Cole, Bruce, e Adelheid Gealt. *Art of the Western World: From Ancient Greece to Post-*

- Modernism*. Nova York: Summit Books, 1989.
- Coles, Harry L., e Albert K. Weinberg. *Civil Affairs: Soldiers Become Governors*. Honolulu: University Press of the Pacific, 2005.
- Comnène, Nicholas Petrescu. *Firenze "città aperta". Contributo per la storia dell'occupazione tedesca in Italia*. Firenze: Vallecchi, 1945.
- Connelly, Mark. *Reaching for the Stars: A New History of Bomber Command in World War II*. Nova York: I. B. Tauris, 2002.
- Corazzini, Giuseppe Odoardo. *Lassedio di Pisa, 1405-1406: scritti e documenti inediti*. Firenze: U. Diligenti, 1885.
- Cornwell, John. *Hitler's Pope: The Secret History of Pius XII*. Nova York: Penguin Books, 2008.
- Corvo, Max. *Max Corvo: O.S.S. in Italy: 1942-1945*. Nova York: Enigma Books, 1990.
- Crane, Conrad C. *Bombs, Cities, and Civilians: American Airpower Strategy in World War II*. Lawrence: University Press of Kansas, 1993.
- D'Este, Carlo. *Bitter Victory: The Battle for Sicily, 1943*. Nova York: HarperCollins, 1988.
- . *Eisenhower: A Soldier's Life*. Nova York: Henry Holt and Company, 2002.
- . *Fatal Decision: Anzio and the Battle for Rome*. Nova York: HarperCollins, 1991.
- . *World War II in the Mediterranean: 1942-1945*. Chapel Hill, NC: Algonquin Books, 1990.
- Davis, Richard G. *Carl A. Spaatz and the Air War in Europe*. Washington, D.C.: Center for Air Force History, 1993.
- De Frede, Carlo. *Il decumano maggiore da Castelcapuano a San Pietro a Maiella. Cronache napoletane dei secoli passati*. Nápoles: Liguori, 2005.
- De Simone, Cesare. *Venti angeli sopra Roma: I bombardamenti aerei sulla Città Eterna: 19 luglio e 13 agosto 1943*. Milão: Mursia, 1993.
- De Stefani, Lorenzo, ed. *Guerra monumenti ricostruzione. Architetture e centri storici italiani nel secondo conflitto mondiale*. Venezia: Marsilio Editori, 2011.
- Deakin, F. W. *The Brutal Friendship: Mussolini, Hitler, and the Fall of Italian Fascism*. Londres: Phoenix Press, 1962.
- Del Guerra, Giorgio. *Pisa attraverso i secoli*. Pisa: Giardini, 1967.
- Delaney, John P. *The Blue Devils in Italy: A History of the 88th Infantry Division in World War II*. Nashville, TN: the Battery Press, 1988.
- "Der Rhein ist mein Schicksal geworden." Paul Clemen. 1866-1947. *Erster Provinzialkonservator der Rheinprovinz*. Edited by Landschaftsverband Rheinland. Cologne: Rheinisches Amt für denkmalpflege in Verbindung mit dem Rheinischen Landesmuseum Bonn, 1991.
- Dollmann, Eugen. *Call Me Coward*. Londres: William Kimber, 1956.
- . *The Interpreter: Memoirs of Doktor Eugen Dollmann*. Traduzido por J. Maxwell Brownjohn. Londres: Hutchinson & Co., 1967.
- Dulles, Allen W. *From Hitler's Doorstep: The Wartime Intelligence Reports of Allen Dulles*,

- 1942-1945. Editado por Neal H. Petersen. University Park: Pennsylvania State University Press, 1996.
- . *The Secret Surrender: The Classic Insider's Account of the Secret Plot to Surrender Northern Italy During WWII*. Guilford, Ct: Lyons Press, 2006.
- Etsel, Robert M. *Rescuing Da Vinci: Hitler and the Nazis Stole Europe's Great Art, America and Her Allies Recovered It*. Dallas: Laurel Publishing, 2006
- . *The Monuments Men: Allied Heroes, Nazi Thieves, and the Greatest Treasure Hunt in History*. Nova York: Center Street, 2009.
- Eisenhower, David. *Eisenhower at War 1943-1945*. Nova York: Random House, 1986.
- Eisenhower, Dwight d. *At Ease: Stories I Tell to Friends*. Nova York: McGraw-Hill, 1988.
- . *Crusade in Europe*. Baltimore, Md: Johns Hopkins Paperbacks, 1997.
- Fasola, Cesare. *The Florence Galleries and the War: History and Records*. Florença: Monsalvato, 1945.
- Fest, Joachim. *Inside Hitler's Bunker: The Last Days of the Third Reich*. Traduzido por Margot Bettauer Dembo. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2002.
- Fielden, Lionel. *The Natural Bent*. Londres: Andre Deutsch Limited, 1960.
- Firenze Ferita: La Guerra, Le Devastazioni dei Bombardamenti, l'arrivo degli Alleati: La Città dal 1940 al 1944*. Bolonha: Pendragon, 2007.
- Fisher, Ernest F. Jr. *United States Army in World War II: The Mediterranean Theater Operations: Cassino to the Alps*. Washington, D.C.: Center of Military History, United States Army 1977.
- Flanner, Janet. *Men and Monuments*. Nova York: Harper & Brothers, 1957.
- Franchi, Elena. "Vertrauen und Misstrauen: die schwierigen Beziehungen zwischen der Italienischen Sozialrepublik und dem 'kunstschutz'. Einige umstrittene Fälle." *In Kunsthistoriker im Krieg: Deutscher Militärischer Kunstschutz in Italien 1943-1945*, ed. Christian Fuhrmeister et al. Colônia/Weimar/Viena: Böhlau Verlag, 2012.
- Frassinetti, Mario, et al. *Santa Maria delle Grazie*. Milão: Federico Motta, 1998.
- Friedrich, Jörg. *The Fire: The Bombing of Germany, 1940-1945*. Nova York: Columbia University Press, 2006.
- Fuhrmeister, Christian, et al., eds. *Kunsthistoriker im Krieg: Deutscher militärischer Kunstschutz in Italien 1943-1945*. Colônia/Weimar/Viena: Böhlau Verlag, 2012.
- Galasso, Giuseppe, ed. *Storia d'Italia, Comuni e signorie nell'Italia nordorientale e centrale: Veneto, Emilia-Romagna e Toscana*. Vol. 7.1. Turim: Utet, 1987.
- Galleria degli Uffizi. *Gli Uffizi: catalogo generale*. Florença: Centro di, 1979.
- Gariboldi, Giorgio Angelozzi. *Pio XII, Hitler e Mussolini: Il Vaticano fra le dittature*. Milão: Mursia, 1995.
- Garland, Albert N. e Howard McGaw Smyth. *US Army in WWII: Sicily and the Surrender of Italy*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1965.
- Gilbert, Felix. *Hitler Directs His War*. Nova York: Oxford University Press, 1950.
- Giliotti, Sergio. *La seconda Julia nella Resistenza: cronistoria di una brigata partigiana*.

- Parma: s.n., 1996.
- . *La seconda Julia nella Resistenza: cronistoria di una brigata partigiana*. Reggio Emilia: Diabasis, 2010.
- Goebbels, Joseph. *The Goebbels Diaries: 1942-1943*. Editado e traduzido por Louis p. Lochner. Nova York: Doubleday 1948.
- . *Tagebücher, Band 5: 1943-1945*. Editado por Georg Reuth. Munique: Piper Verlag, 1999.
- Goldensohn, Leon. *Nuremberg Interviews: An American Psychiatrist's Conversations with the Defendants and Witnesses*. Nova York: Knopf, 2004.
- Gribaudo, Gabriella. *Guerra totale. Tra bombe alleate e violenze naziste. Napoli e il fronte meridionale, 1940-1944*. Turim: Bollati Boringhieri, 2005.
- Hagen, Walter. *La guerra delle Spie*. Milão: Garzanti, 1952.
- Hapgood, David e David Richardson. *Monte Cassino: The Story of the Most Controversial Battle of World War II*. Cambridge, MA: Da Capo Press, 2002.
- Harris, Arthur. *Bomber Offensive*. Barnsley Yorkshire: Pen & Sword Military Classics, 2005.
- Hartt, Frederick. *Florentine Art Under Fire*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1949.
- Hartt, Frederick e David G. Wilkens. *History of Italian Renaissance Art: Painting – Sculpture – Architecture*, 5th ed. Upper Saddle River, NJ: Pearson/Prentice Hall, 2003.
- Hassett, William D. *Off the Record with F.D.R.: 1942-1945*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1958.
- Hastings, Max. *Armageddon: The Battle for Germany, 1944-1945*. Nova York: Vintage Books, 2004.
- . *Inferno: The World at War, 1939-1945*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2011.
- Heiber, Helmut, ed. *Lagebesprechungen im Führerhauptquartier, Protokollfragmente aus Hitlers militärischen Konferenzen 1942-1945*. Stuttgart: Deutscher Taschenbuchverlag, 1963.
- Heydenreich, Ludwig Heinrich. *Leonardo: The Last Supper*. Nova York: Viking Press, 1974.
- Hirshson, Stanley P. *General Patton: A Soldier's Life*. Nova York: HarperCollins, 2002.
- Hobbs, Joseph. *Dear General: Eisenhower's Wartime Letters to Marshall*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1999.
- Holland, James. *Italy's Sorrow: A Year of War, 1944-1945*. Nova York: St. Martin's Press, 2008.
- Il Führer in Italia*. S.l., Agenzia Stefani, [s.n.].
- Kater, Michael H. *Das "Ahnenerbe" der SS 1935-1945: Ein Beitrag zur Kulturpolitik des Dritten Reiches*. Munique: Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 2001.
- Katz, Robert. *The Battle for Rome: The Germans, the Allies, the Partisans and the Pope, September 1943-June 1944*. Nova York: Simon & Schuster paperbacks, 2003.

- Kershaw, Alex. *The Longest Winter: The Battle of the Bulge and the Epic Story of WWII's Most Decorated Platoon*. Cambridge, MA: Da Capo Press, 2004.
- Kesselring, Albert. *The Memoirs of Field-Marshal Kesselring*. Londres: Greenhill Books, 2007.
- Kleiner, Fred S. *Gardner's Art through the Ages: A Global History*, 13th ed. Independence, KY: Cengage Learning, 2009.
- Klinkhammer, Lutz. "Arte in Guerra: tutela e distruzione delle opere d'arte italiane durante l'occupazione tedesca 1943-45", in Giuseppe Masetti and Antonio Panaino, eds., *Parola d'ordine: Teodora*. Ravenna: Longo, 2005, 61-76.
- Kloman, Erasmus. *Assignment Algiers: With the OSS in the Mediterranean Theatre*. Annapolis, MD: Naval Institute Press, 2005.
- Krell, Max. *Das alles gab es einmal*. Frankfurt am Main: Verlag Heinrich Scheffler, 1961.
- Kubin, Ernst. *Raub oder Schutz? Der deutsche militärische Kunstschutz in Italien*. Graz/Stuttgart: Leopold Stocker Verlag, 1994.
- Kurzman, Dan. *A Special Mission: Hitler's Secret Plot to Seize the Vatican and Kidnap Pope Pius XII*. Cambridge, MA: Da Capo Press, 2007.
- Lopera ritrovata: Omaggio a Rodolfo Siviero*. Firenze: Cantini Edizioni d'arte, 1984.
- Lamb, Richard. *War in Italy, 1943-1945: A Brutal Story*. New York: Da Capo Press, 1993.
- Lang, Jochen von e Claus Sibyll. *Der Adjutant: Karl Wolff Der Mann zwischen Hitler und Himmler*. Munich/Berlin: F. a. Herbig Verlagsbuchhandlung, 1985.
- Lavagnino, Alessandra. *Un inverno 1943-1944*. Palermo: Sellerio, 2006.
- Le tizier, Tony. *Durchbruch an der Oder: Der Vormarsch der Roten Armee 1945*. Augsburg: Bechtermünz Verlag, 1999.
- Lingen, Kerstin von. *Kesselring's Last Battle: War Crimes Trials and Cold War Politics, 1945-1960*. Lawrence: University Press of Kansas, 2009.
- . *SS und Secret Service, "Verschwörung des Schweigens": Die Akte Karl Wolff*. Paderborn, Alemanha: Ferdinand Schöningh, 2010.
- Linklater, Eric. *The Art of Adventure*. Londres: Macmillan, 1947.
- Lombardi, Elena, ed. *L'Archivio di Giovanni Poggi (1880-1961): soprintendente alle Gallerie fiorentine*. Firenze: Edizione Polistampa, 2011.
- Lombardo, Chiara. *Pasquale Rotondi: quando il lavoro è un'arte: storia di un soprintendente solo e senza soldi custode dei tesori italiani durante la seconda guerra mondiale*. Caserta: Vozza, 2008.
- Longmate, Norman. *The Bombers: The RAF Offensive against Germany, 1939-1945*. Londres: Hutchinson, 1983.
- Majdalany, Fred. *Casino: Portrait of a Battle*. Londres: Cassell & Co, 2000.
- Mariano, Elisabetta "Nicky." *Forty Years with Berenson*. New York: Alfred A. Knopf, 1966.
- Matthews, Herbert L. *The Education of a Correspondent*. Westport, Ct: Greenwood Press, 1970.

- . *A World in Revolution: A Newspaperman's Memoir*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1971.
- Mauldin, Bill. *Up Front*. Nova York: W W Norton & Company, 1945.
- Mellenthin, Major-General F. W. von. *Panzer Battles 1939-1945: A Study of the Use of Armour in the Second World War*. Londres: Cassell & Company, 1955.
- Merrill, Keith. Keith Merrill: *A Memoir*. Edição particular, 1968.
- Mets, David R. *Master of Airpower: General Carl A. Spaatz*. Covato, CA: Presidio Press, 1988.
- Meyer, Ahlrich, ed. *Repression und Kriegsverbrechen: Die Bekämpfung von Widerstands- und Partisanenbewegungen gegen die deutsche Besetzung in West- und Südeuropa. Beiträge zur Nationalsozialistischen Gesundheits- und Sozialpolitik 14*. Berlin/Göttingen: Verlag der Buchläden, 1997.
- Milano ricostruisce: 1945-1954*. Editado por Giorgio Rumi e Adele Carla Buratti. Milão: Cariplo, 1990.
- Miller, Donald L. *Masters of the Air: America's Bomber Boys Who Fought the Air War Against Nazi Germany*. Nova York: Simon & Schuster, 2006.
- . *The Story of World War II*. Nova York: Simon & Schuster, 2001.
- Mitchell, Arthur H. *Hitler's Mountain: The Führer, Obersalzberg and the American Occupation of Berchtesgaden*. Londres: McFarland & Company, 2007.
- Molony, Brigadier C. J. C. *The Mediterranean and Middle East: Volume VI, Part I*. Uckfield, East Sussex: the Naval & Military Press Ltd., 2004.
- Mussolini, Benito. *Opera omnia di Benito Mussolini: dal discorso al direttorio nazionale del P.N.F. del 3 gennaio 1942 alla liberazione di Mussolini*. Edited by Edoardo and Duilio Susmel. Florença, 1960.
- . *Scritti e discorsi dell'Impero: Novembre 1935-XIV-4 Novembre 1936-XV*. Milão: Hopeli Editore, 1936.
- Nicholas, Lynn. *The Rape of Europa: The Fate of Europe's Treasures in the Third Reich and the Second World War*. Nova York: Vintage Books, 1995.
- Orgill, Douglas. *The Gothic Line*. Nova York: W W Norton & Company, 1967.
- Paoletti, Paolo e Mario Carniani. *Firenze: Guerra & Alluvione: 4 Agosto 1944/4 Novembre 1966*. Florença: Saverio Becocci.
- Petropoulos, Jonathan. *Art as Politics in the Third Reich*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.
- Piekalkiewicz, Janusz. *The Battle for Cassino: Anatomy of the Battle*. Nova York: Bobbs-Merrill Company, 1980.
- Plöckinger, Othmar. *Geschichte eines Buches: Adolf Hitler's "Mein Kampf": 1922-1945*. Munique: Oldenbourg Verlag, 2006.
- Pöschmüller, Emmerich. *Weltkunstschätze in Gefahr*. Salzburgo: Pallas-Verlag, 1948.
- Rahn, Rudolf. *Ruheloses Leben: Aufzeichnungen und Erinnerungen (eines deutschen Diplomaten)*. Düsseldorf: Peter Diederichs Verlag, 1949.
- Rambusch, Horst. *Erster Oderbrückenkopf 1945 – Abschnitt Kienitz-Karlsbiese – and*

- die Folgen für die Bevölkerung.* Gross Neuendorf: Landfrauenverein "Mittleres Oderbruch", 2010.
- Rauscher, Walter. *Hitler e Mussolini. Vita, potere, guerra e terrore.* Traduzido por Loredana Battaglia e Maria Elena Benemerito. Roma: Newton & Compton Editori, 2004.
- Report of the American Commission for the Protection and Salvage of Artistic and Historic Monuments in War Areas.* Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1946.
- Richards, Denis e Hilar y St. G. Saunders. *Royal Air Force: 1939-45: The Flight Avails.* Londres: Seven Hills Books, 1996.
- Rochat, Giorgio. *L'esercito italiano in pace e in guerra: studi di storia militare.* Milão: R. A. R. A., 1991.
- Rychlak, Ronald J. *Hitler, the War, and the Pope.* Huntington, IN: Our Sunday Visitor Publishing Division, 2010.
- Salter, Michael. *Nazi War Crimes: US Intelligence and Selective Prosecution at Nuremberg.* Nova York: Routledge-Cavendish, 2007.
- Satta, Salvatore. *De Profundis.* Milão: Adelphi, 1980.
- Schellenberg, Walter. *The Labyrinth: Memoirs of Walter Schellenberg, Hitler's Chief of Counterintelligence.* Nova York: Da Capo press, 2000.
- Schivelbusch, Wolfgang. *Three New Deals: Reflections on Roosevelt's America, Mussolini's Italy, and Hitler's Germany, 1933-1939.* Nova York: Picador, 2006.
- Schramm, Percy Ernst, ed. *Kriegstagebuch des Oberkommando der Wehrmacht (Wehrmachtführungsstab), Band IV: 1. Januar 1944-22. Mai 1945. Erster und Zweiter Halbband.* Frankfurt am Main: Bernard & Graefe Verlag für Wehrwesen, 1961.
- Schuster, Ildefonso. *Gli ultimi tempi di un regime.* Milão: La Via, 1946.
- Schwarz, Birgit. *Geniewahn: Hitler und die Kunst.* Viena/Colônia/Weimar: Böhlau Verlag, 2009.
- Serlupi Crescenzi, Maria e Teresa Calvano, eds. *1940-1945 Arte in fuga, arte salvata, arte perduta: le città italiane tra Guerra e Liberazione.* Cidade do Vaticano: Edizioni Musei Vaticani, 2012.
- Shirer, William. *End of a Berlin Diary: 1944-1947.* Norwalk, Ct: The Easton Press, 1991.
- Sigmund, Anna Maria. *Die Frauen der Nazis.* Munique: Wilhelm Heyne Verlag, 2000.
- Siviero, Rodolfo. *L'Arte e il Nazismo: esodo e ritorno delle opere d'arte italiane, 1938-1963.* Florença: Cantini, 1984.
- . *La Difesa delle Opere d'Arte: testimonianza su Bruno Bechi.* Florença: Accademia delle Arti di Disegno, 1976.
- . ed. *Seconda mostra nazionale delle opere d'arte recuperate in Germania.* Florença: Sansoni, 1950.
- Smith, Bradley F. e Elena Agarossi. *Operation Sunrise: The Secret Surrender.* Nova York:

- Basic Books, 1979.
- Smith, Jean. *Eisenhower in War and Peace*. Nova York: Random House, 2012.
- Smith, Philip A. *Thesis: Bombing to Surrender: The Contribution of Air Power to the Collapse of Italy, 1943*. Maxwell AFB, AL: the School of Advanced Airpower Studies, 1997.
- Speer, Albert. *Inside the Third Reich: Memoirs*. Nova York: Simon & Schuster, 1970.
- Spinosa, Antonio. *Pio XII, un Papa nelle tenebre*. Milão: Oscar Mondadori, 2004.
- Spoils of War*. Editado por Elizabeth Simpson. Nova York: Harry N. Abrams, 1997.
- Spotts, Frederic. *Hitler and the Power of Aesthetics*. Woodstock, NY: The Overlook Press, 2003.
- Srodes, James. *Allen Dulles: Master of Spies*. Washington, D.C.: Regner y Publishing, 1999.
- Tittmann, Harold H. Jr. e Harold H. Tittmann III. *Inside the Vatican of Pius XII: The Memoir of an American Diplomat During World War II*. Nova York: Image Books/Doubleday, 2004.
- Toland, John. *The Last 100 Days: The Tumultuous and Controversial Story of the Final Days of World War II in Europe*. Nova York: Modern Library, 2003.
- Tompkins, Peter. *Italy Betrayed*. Nova York: Simon & Schuster, 1966.
- . *Una Spia a Roma, 1944: La Liberazione della Capitale nel Racconto di un Agente American*. Milão: Il Saggiatore, 2002.
- Truman, Harry S. *Memoirs by Harry S. Truman: 1945: Year of Decisions*. Nova York: Konecky & Konecky, 1955.
- Tutaev, David. *The Consul of Florence*. Londres: Secker & Warburg, 1966.
- Vasari, Giorgio. *Lives of the Artists: Volume I*. Traduzido por George Bull. Londres: Penguin Books, 1987.
- Vinceti, Silvano. *Salò capitale: breve storia fotografica della RSI*. Roma: Armando Editore, 2003.
- Waller, John H. *The Unseen War in Europe: Espionage and Conspiracy in the Second World War*. Nova York: Random House, 1996.
- Weinberg, Gerhard L. *A World at Arms: A Global History of World War II*. Nova York: Cambridge University Press, 1994.
- Weizsäcker, Ernst von. *Erinnerungen*. Munique/Leipzig/Freiburg i. Br.: Paul List Verlag, 1950.
- Wighton, Charles. *Hitler's Spies and Saboteurs: Based on the German Secret Service War Diary of General Lauhousen*. Lexington, KY: Charles Wighton and Günter Peis, 1958.
- Winks, Robin W. *Cloak & Gown: Scholars in the Secret War*. Nova York: William Morrow and Company Inc., 1987.
- Winstone, H. V. F. *Woolley of Ur: The Life of Sir Leonard Woolley*. Londres: Secker & Warburg, 1990.
- Wolff, Karl. *Mit Wissen Hitlers: Meine Geheimverhandlungen über eine Teilkapitulation in*

- Italien 1945: *Der persönliche Bericht des "Höchsten SS – und Polizeiführers" sowie "Bevollmächtigten General der Deutschen Wehrmacht in Italien"*. Stegen am ammersee, Germany: Druffel & Vowinckel-Verlag, 2008.
- Woolley, Lt. Col. Sir Leonard. *The Protection of the Treasures of Art and History in War Areas*. Londres: His Majesty's Stationery Office, 1947.
- Yeide, Nancy H. *Beyond the Dreams of Avarice: The Hermann Goering Collection*. Dallas: Laurel Publishing, 2009.
- Zöllner, Frank. *Leonardo da Vinci: The Complete Drawings and Paintings*. Colônia: Taschen, 2003.
- Zuckerman, Solly. *From Apes to Warlords 1904-46: An Autobiography*. Londres: Hamish Hamilton Ltd., 1978.

ARTIGOS

- "Art: War Casualty". *Time*, 9 de dezembro de 1946. <http://www.time.com/time/printout/0,8816,793256,00.html>, acessado em 4 de janeiro de 2011.
- Baldoli, Claudia e Marco Fincardi. "Italian Society Under Anglo-American Bombs: Propaganda, Experience, and Legend, 1940-1945." *The Historical Journal* (1º de dezembro de 2009): 1.017-38.
- Beccattini, Massimo. "Siviero 007. Inchiesta su arte e nazismo. Il cacciatore di opere d'arte." *Archeologia Viva* (1998): 38-51.
- Becker, Maximilian. "Memoriale Becker sullo Sgombero di Montecassino", Dublin, 18 de fevereiro de 1964, In *Il Bombardamento di Montecassino – Diario di Guerra*. Montecassino: Pubblicazioni Cassinesi, 1907: 235-78.
- Caretto, Ennio. "Montini, una scelta Americana per l'Italia." *Corriere della Sera*, 26 de agosto de 2003.
- Cecchi, Roberto. "Distruzioni Belliche e opera di ricostruzione (1945-1960)", in *Storia di Milano: Il Novecento*. Milão: Fondazione treccani degli alfiere per la Storia di Milano, 1966.
- Corriere della Sera*. "La funzione terroristica dei bombardamenti Anglo-Americani." 18 de agosto de 1943.
- . "Il pontefice si inginocchia sulle macerie di San Lorenzo." 21-22 de julho de 1943.
- . "Continuano i bombardamenti terroristici: il Duomo di Milano colpito." 17 de agosto de 1943.
- . "I danni alle Grazie, si spera di salvare il Cenacolo." 18 de agosto de 1943.
- Esterow, Milton. "Europe is Still Hunting its Plundered Art." *New York Times*, 16 de novembro de 1964.
- Fasola, Cesare. "Perchè non abbiamo impedito l'esodo delle opere d'arte fiorentine?" *Il Ponte*, maio (1945): 141-46.
- Ferraro, Pietro. "La resistenza veneta in difesa delle opere d'arte." *Il Ponte*, setembro (1954): 127-32.

- Gazzetta di Parma*. “Don Tito promotore della lotta di liberazione.” 14 de maio de 1945.
- . “Si ricorda Don Anelli a otto anni dalla morte.” 9 de março de 1978.
- . “Don Anelli, prete volante un ardimentoso partigiano.” 7 de maio de 1990.
- . “Il prete partigiano è ritornato a casa.” 13 de maio de 1990.
- Giliotti, Sergio. “Don Guido Anelli, il prete volante e le azioni della 2ª Julia”, in *Il contributo dei Cattolici alla lotta di Liberazione in Emilia-Romagna*, atti del 2º convegno di Studi tenuto nei giorni 1º, 2 e 3 de março de 1964, Parma-Salsomaggiore (1966): 281-88.
- Hammond, Mason. “The War and Art Treasures in Germany.” *College Art Journal* (março de 1946), 205-18.
- . “Remembrance of Things Past: the Protection and Preservation of Monuments, Works of Art, Libraries, and Archives during and after World War II”, *An Offprint from the Proceedings of the Massachusetts Historical Society*, vol. 92, 1980.
- Heydenreich, Ludwig Heinrich. “In Memoriam – Friedrich Kriegbaum.” *Mitteilungen des Kunsthistorischen Institutes in Florenz, Siebzehnter Band*, Heft II, agosto de 1953. Düsseldorf: Verlag L. Schwann.
- Kenney, Elise. “From the Archives: Theodore Sizer, 1892-1967: ‘a teacher, an author, and a craftsman of infinite perfection.’” *Yale Art Gallery Bulletin* (2006): 155-60.
- Kirby, John L. “The Archives of Angevin Naples – a Reconstruction.” *Journal of the Society of Archivists*, vol. 3, nº 4 (1996): 191.
- Klinkhammer, Lutz. “die abteilung ‘kunstschutz’ der deutschen Militärverwaltung in Italien 1943-1945.” *Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken*. Vol. 72. Roma: Deutsches Historisches Institut, 1992.
- . “Arte in Guerra”, in Giuseppe Masetti and Antonio Panaino, eds., *Parola d’ordine Teodora*. Ravenna: Longo Angelo, 2005, 61-76.
- Klöckner, Jürgen. “Verhinderter archivalienraub in Italien, Theodor Mayer und die abteilung ‘archivschutz’ bei der Militärverwaltung in Verona 1943-1945.” *Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken*. Vol. 86. Roma: Deutsches Historisches Institut, 2006.
- Krauthemer, Richard, and Kurt Weitzmann. “Memoirs of Fellows and Corresponding Fellows of the Mediaeval Academy of America: Ernest DeWald,” *Speculum*, vol. 44, nº 3 (julho de 1969): 526-27.
- Kriegbaum, Friedrich. “Michelangiolo e il Ponte a S. Trinita”, *Rivista d’arte*, 23 (1941): 137-44.
- L’Italia*. “Bombardamento senza precedenti. Chiese, ospedali, monumenti colpiti e danneggiati”, 15 de agosto de 1943.
- L’Osservatore Romano*. “La Chiesa delle Grazie a Milano riapre al pubblico.” 3 de julho de 1945.
- . “Il Santo Padre tra i fedeli della Sua diocesi di Roma colpiti dall’incursione aerea.” 19 de julho de 1943.
- La Nazione*. “Firenze nuovamente colpita dai bombardamenti dell’aviazione nemica.” 24

- de março de 1944.
- . “Un'altra feroce incursione.” 11 de março de 1944.
- Latour, C. F. “Germany, Italy and South Tyrol, 1938-45.” *The Historical Journal*, vol. 8, nº 1 (1965): 95-111.
- Lavagnino, Emilio. “Diario di un salvataggio artistico.” *La Nuova Antologia*, agosto (1974): 509-47.
- . “Migliaia di opere d'arte rifugiate in Vaticano.” *Strenna dei romanisti* VII (1946): 82-88.
- Lingen, Kerstin von. “Conspiracy of Silence.” *Holocaust and Genocide Studies* 22, nº 1 (primavera de 2008). <http://hgs.oxfordjournals.org>, acessado em 19 de agosto de 2010.
- Lippini, Fra Pietro, op, “Furono i domenicani a salvarlo dopo il bombardamento dell'agosto 1943,” in *L'Ultima Cena di Leonardo da Vinci: Una lettura storica, artistica e spirituale del grande capolavoro*. Milão: Dominican Friars of the Church of Santa Maria delle Grazie, n.d.
- Matthews, Herbert L. “Old Florence Ravaged by Nazis; Much of Medieval City Destroyed.” *New York Times*, 30 de agosto de 1944.
- . “Tuscan Treasures Slowly Repaired.” *New York Times*, 2 de janeiro de 1945.
- McCartney, Benjamin C. “Return to Florence.” *National Geographic*, vol. 87, nº 3 (março de 1945): 275.
- McManus, John C. “The Last Great Prize.” *World War II Magazine* (maio de 2005): 51-56.
- Monda, Lucia. “Napoli durante la II guerra mondiale ovvero: i 100 bombardamenti di Napoli”, in *Napoli durante la II guerra mondiale*. Essay for conference I.S.S.E.S Istituto di Studi Storici Economici e Sociali, 5 de março de 2005.
- Morello, Giovanni. “Il ruolo della Santa Sede nell'azione di salvaguardia del patrimonio culturale e artistico italiano durante la seconda guerra mondiale.” *Quaderni della Fondazione Bellonci*. 4 de novembro de 2006: 11-14.
- New York Times*. “Text of premier Mussolini's address to the Italian people on the war.” 24 de fevereiro de 1941.
- . “Unique Collection of Art Treasures Taken Away by Germans in Italy” 10 de novembro de 1943.
- . “Theodore Sizer, Art Teacher and Heraldist, Dies.” 22 de junho de 1967.
- Norris, Christopher. “The Museo Filangieri.” *The Burlington Magazine*, vol. 84, nº 492 (março de 1944): 72-76.
- Nuovo Giornale*. “Selvage distruzioni dell'aviazione nemica nella città di Firenze.” 25-26 de março de 1943.
- . “Firenze reagisce alla infame devastazione organizzando fraternamente l'opera di soccorso.” 27 de setembro de 1943.
- . “I pirati nemici bombardano nuovamente Firenze.” 24 de março de 1944.
- Paoletti, Paolo. “Il console svizzero Charles Steinhäuslin”, in *Svizzeri a Firenze: Nella*

- storia, nella cultura, nell'economia dal Cinquecento ad oggi, ed. Giorgio Mollisi. Lugano: Ticino Management, 2010: 406-14.
- Plaut, James S. "Loot for the Master Race." *Atlantic Monthly* 178, n° 3 (settembre de 1946): 57-63.
- . "Hitler's Capital." *Atlantic Monthly* 178, n° 4 (outubro de 1946): 73-8.
- Rinaldi, Simona. "L'Attività della Direzione Generale delle Arti nella Città Aperta di Roma." *Rivista dell'Istituto Nazionale d'Archeologia e Storia dell'Arte*, n° 60 (2005): 95-126.
- Rotondi, Pasquale. "Capolavori d'arte sottratti ai pericoli della guerra ed alla rapina tedesca. Estratto da una Relazione del Prof. Pasquale Rotondi Soprintendente alle Gallerie delle Marche, presentata il 18 Ottobre 1945 alla R. Accademia Raffaello." *Urbium* (julho-agosto de 1945): 3-13.
- Seymour, Charles. "Yale at War: An American University Accepts the Challenge." *Life*, junho de 1942.
- Signorini, Rodolfo. "Tumulate a S. Miniato le ceneri del grande studioso american. Si prodigò per salvare le opere d'arte durante il secondo conflitto mondiale." *La Gazzetta*, 13 de março de 1993.
- Taylor, Francis Henry "The Rape of Europa." *Atlantic Monthly* 175 (janeiro de 1945): 52.
- Time*. "Italy: Benito's Birthday" 6 de agosto de 1923.
- . "Art: Bone and Muscle Man." 14 de setembro de 1942.
- Valli, Wanda. "Rotondi, l'eroe dell'arte: 'Così mio padre sfidò Hitler'", *La Repubblica*, 1° de julho de 2005.
- Vita Nuova*. "Nel X anniversario l'A.P.C. ricorda Don Guido Anelli." 1° de março de 1979.
- Wittgens, Fernanda. "Il restauro in corso del Cenacolo di Leonardo", in *Atti del convegno di Studi Vinciani indetto dalla unione Regionale delle Province toscane e dalle Università di Firenze, Pisa e Siena 15-18 gennaio 1953*. Florença: Leo Olschki, 1953.
- Wölff, Karl. "Ecco la verità." *Tempo*, fevereiro-março de 1951.
- Zarmati, Louise. "Amedeo Maiuri: In Search of the 'Dark Side'", *Teaching History: Journal of the History Teachers' Association of NSW*, vol. 40, dezembro de 2006.

COLEÇÕES PÚBLICAS

American Academy in Rome

Archivio Catalogo Beni Storico-Artistici, Florença

Giovanni Poggi Archive

Archivio della Soprintendenza per i Beni Architettonici e per il Paesaggio per le

Province di Milano, Bergamo, Como, Lecco, Lodi, Pavia, Sondrio e Varese, Milan

Archivio di Stato, Pádua

Carlo Anti Papers

Archivio Storico, Florença

Archivio Storico Diocesano, Florença
Elia Dalla Costa Papers

British School at Rome, Roma
John Bryan Ward-Perkins Papers

Bundesarchiv, Berlin
Karl Wolff and Alexander Langsdorff Papers

Churchill Archives Centre, Cambridge, UK

Cívico Archivio Fotografico, Milão

Cornell Law Library, Ithaca, Nova York
Donovan Nuremberg Trial Collection

Deutsches Historisches Institut, Roma
Gerhard Wolf and Carlo Steinhäuslin Papers

Dwight d. Eisenhower Presidential Library, Abilene, Kansas
Bedell Smith Papers
C. D. Jackson Papers
Eisenhower Pre-presidential Papers
Lauris Norstad Papers

Harvard University Archives, Pusey Library, Cambridge, Massachusetts
Paul J. Sachs and Mason Hammond Papers

Imperial War Museum, Londres

Kunsthistorisches Institut, Florença
Friedrich Kriegbaum Papers

Kunsthistorisches Institut der Universität Bonn
Paul Clemen Papers

Ministero degli Esteri, Archive of the ex-Delegation for Restitution, Siviero Archive,
Roma
Anti Catalogue File
Deutscher Militärischer Kunstschutz documents

Museo Casa Rodolfo Siviero, Florença

National Gallery of Art, Washington, D.C.
Gallery Central Files
Frederick Hartt Papers

National Archives and Records Administration, Washington, D.C.
M1035
M1782
M1944
Personnel File Department
Record Group 190
Record Group 226
Record Group 238
Record Group 239

Record Group 331

Record Group 342

Record Group 407

Record Group 549

National Archives, Kew, Richmond, Surrey

Princeton University Archives, Princeton, Nova Jersey

Ernest DeWald Papers

Sheldon Pennoyer Papers

Smithsonian Archives of American Art, Washington, D.C.

W.G. Constable Papers

Villa I Tatti, Florença

Bernard and Mary Berenson Papers

Yale University Library, Manuscripts and Archives, New Haven, Connecticut

Deane Keller Papers

Theodore Sizer Papers

Yale during World War II

COLEÇÕES PARTICULARES

Charles Bernholz Papers, Washington, D.C.

Perry Cott Papers, Oregon

Mason Hammond Papers, Londres

Alexander Langsdorff Papers, Suíça

Private Collection, Itália

Salvatore Scarpitta Papers, Califórnia

Roy Seymour Papers

ENTREVISTAS E CONVERSAS COM O AUTOR

Luigina Anelli

Mario Becattini

Giuseppe Bentivoglio

Pietro Bonardi

Alessandro and Kathy Cagiati

Anthony Cagiati

Dr. Bruce Cole

Jill Croft-Murray

Carlo d'Este

Leonard Fisher

Mario Lolli Ghetti

Sergio Giliotti

Walter Gleason

Diego Guidi

Margaret Hildson
Dorothy Keller
William Keller
Elizabeth Hammond Llewellyn
Eugene David Markowski
Don Miller
Alessandro Olschki
Martin Quigley
Salvatore Scarpitta
Ing. Horst Schober
Padre Agostino Selva e outros freis dominicanos em Santa Maria delle Grazie, Milão
Attilio Tori

ENTREVISTAS DE CORTESIA DE ACTUAL FILMS

William Keller
Young Oak Kim

Título Original
SAVING ITALY

The Race to Rescue a Nation's Treasures from the Nazis

Copyright ©2013 by Robert M. Edsel

Todos os direitos reservados.

Foto de capa: Deane Keller provavelmente tirou essa foto de Charley Bernholz (em pé, à direita) e um oficial florentino não identificado olha a escultura David a dezessete metros de altura. (Deane Keller Papers, Manuscripts & Archives, Yale University)

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

preparação de originais

VILMA HOMERO

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

RODRIGO OCTÁVIO CARDOSO

Edição Digital: abril 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E26s

Edsel, Robert M.

Salvando a Itália [recurso eletrônico] : a corrida para resgatar das mãos dos nazistas os tesouros de uma nação / Robert M. Edsel ; tradução Ana Deiró , Talita M. Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital

Tradução de: Saving Italy

ISBN 978-85-8122-380-3 (recurso eletrônico)

1. Roubo de objetos de arte - Alemanha - História - Séc. XX. 2. Guerra Mundial, 1939-1945 - Confisco e contribuições - Alemanha. 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Destruição e pilhagem - Europa. 4. Guerra Mundial, 1939-1945 - A arte e a guerra. 5. Patrimônio cultural - Proteção - Europa - História - Séc. XX. 6. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Talita M. II. Deiró, Ana. II. Título.

14-10765

CDD: 940.531

CDU:

94(100)‘1939/1945’

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O AUTOR

ROBERT M. EDSEL, fundador e presidente da Fundação Monuments Men, é também autor do bestseller *Caçadores de obras-primas*, publicado em versão impressa e digital pela Rocco e que inspirou o filme de mesmo nome, dirigido e protagonizado por George Clooney.